

ÍNDICE

2.2.3.3.1 -	Mastofauna	1/44
2.2.3.3.1.1 -	Dados Secundários	3/44
2.2.3.3.1.2 -	Dados Primários.....	7/44
2.2.3.3.1.2.1 -	Métodos de Amostragem	7/44
2.2.3.3.1.2.1.1 -	Médios e Grandes Mamíferos	7/44
2.2.3.3.1.2.1.2 -	Pequenos Mamíferos não-voadores.....	9/44
2.2.3.3.1.3 -	Análise de Dados.....	13/44
2.2.3.3.1.4 -	Resultados e Discussão	14/44
2.2.3.3.1.4.1 -	Lista de Espécies, Riqueza e Representatividade do Estudo	14/44
2.2.3.3.1.4.2 -	Relevância Regional (Comparação com os Dados Secundários).....	25/44
2.2.3.3.1.4.3 -	Suficiência Amostral – Curva do Coletor (Curva de Rarefação) e Riqueza Estimada	26/44
2.2.3.3.1.4.4 -	Sucesso Amostral.....	27/44
2.2.3.3.1.4.5 -	Comparação entre as Regiões de Amostragem	29/44
2.2.3.3.1.4.6 -	Espécies Ameaçadas, Raras, Endêmicas e Novos Registros	36/44
2.2.3.3.1.4.7 -	Espécies Bioindicadoras de Qualidade Ambiental	39/44
2.2.3.3.1.4.8 -	Espécies de Importância Econômica e Cinagética	40/44
2.2.3.3.1.4.9 -	Espécies Potencialmente Invasoras, Oportunistas ou de Risco Epidemiológico, Incluindo as Domésticas.....	42/44
2.2.3.3.1.5 -	Considerações Finais.....	43/44

Legendas

Quadro 2.2.3.3.1-1 -Referências bibliográficas utilizadas como fonte de dados secundários para o levantamento da mastofauna de potencial ocorrência para a área de estudo da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino (MG/BA). * = número de espécies detectado em cada estudo.....	5/44
Figura 2.2.3.3.1-1 – Armadilha fotográfica com isca instalada para a amostragem de mamíferos de médio e grande porte da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino (MG, BA), em julho/agosto de 2017 (estação seca).....	7/44
Figura 2.2.3.3.1-2 - Buscas ativas realizadas no período diurno e noturno para a amostragem de mamíferos de médio e grande porte da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino (MG, BA), em julho/agosto de 2017 (estação seca).....	8/44
Figura 2.2.3.3.1-3 - Armadilha tipo <i>Sherman</i> (esquerda) e <i>Tomahawk</i> (direita) utilizadas durante o levantamento da mastofauna da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino (MG, BA), em julho/agosto de 2017 (estação seca).....	9/44
Figura 2.2.3.3.1-4 - Armadilha de interceptação e queda (<i>pitfall</i>) utilizada durante o levantamento da mastofauna da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino (MG, BA), em julho/agosto de 2017 (estação seca).....	10/44
Quadro 2.2.3.3.1-2 - Localização geográfica e fitofisionomia das unidades amostrais utilizadas durante o levantamento da mastofauna da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino nos estados de Minas Gerais e Bahia, em julho/agosto de 2017 (estação seca).....	11/44
Quadro 2.2.3.3.1-3- Esforço amostral por método de amostragem utilizado durante o levantamento da mastofauna da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino nos estados de Minas Gerais e Bahia, em julho de 2017 (estação seca), por região de amostragem.	13/44
Quadro 2.2.3.3.1-4- Lista de espécies da mastofauna registradas através de dados primários e secundários (fontes bibliográficas) durante o levantamento da mastofauna da LT 500 kV Igaporã III - Presidente Juscelino, nos estados de Minas Gerais e Bahia, entre julho/agosto 2017 (estação seca).....	15/44

Figura 2.2.3.3.1-5– Curva de rarefação e acumulação de espécies da mastofauna de (A) médios e grandes mamíferos, (B) pequenos mamíferos não voadores e (C) mamíferos em geral, durante o levantamento da mastofauna da LT 500 kV Igaporã III-Presidente Juscelino, nos estados de Minas Gerais e Bahia, entre julho e agosto de 2017.....	27/44
Quadro 2.2.3.3.1-5 - Sucesso amostral dos método de amostragem do levantamento da mastofauna da LT 500 kV Igaporã III-Presidente Juscelino, nos estados de Minas Gerais e da Bahia, entre julho e agosto de 2017 (estação seca).....	29/44
Quadro 2.2.3.3.1-6– Indicadores ecológicos do levantamento da mastofauna da LT 500 kV Igaporã-Presidente Juscelino, nos estados de Minas Gerais e da Bahia, entre julho e agosto de 2017 (estação seca), por região de amostragem.....	29/44
Figura 2.2.3.3.1-6 – Ordenação das unidades amostrais por escalonamento multidimensional não métrico (NMDS) baseado na presença e ausência das espécies de mamíferos não voadores registradas por dia durante o levantamento da mastofauna da LT 500 kV Igaporã III-Presidente Juscelino, nos estados de Minas Gerais e da Bahia, entre julho e agosto de 2017 (estação seca), por região de amostragem.....	31/44
Figura 2.2.3.3.1-7– Riqueza e exclusividade encontradas durante o levantamento da mastofauna da LT 500 kV Igaporã III-Presidente Juscelino, nos estados de Minas Gerais e da Bahia, entre julho e agosto de 2017 (estação seca), por região de amostragem.....	33/44
Quadro 2.2.3.3.1-7 - Espécies da mastofauna incluídas nas listas de espécies ameaçadas de extinção com ocorrência potencial para área de estudo da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino. Dados primários obtidos em junho e agosto de 2017 (estação seca).....	38/44
Quadro 2.2.3.3.1-8 - Espécies endêmicas da mastofauna para área de estudo da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino. Dados primários obtidos em junho e agosto de 2017 (estação seca).....	39/44
Quadro 2.2.3.3.1-9- Espécies, nome comum, região de amostragem e método de registro das espécies da mastofauna com importância econômica e cinegética registradas durante o levantamento da mastofauna da LT 500 kV Igaporã III-Presidente Juscelino, nos estados de Minas Gerais e Bahia, entre julho/agosto de 2017 (estação seca).....	41/44

2.2.3.3.1 - Mastofauna

O Brasil possui a maior riqueza de mamíferos do mundo, com cerca de 734 espécies descritas, o que representa cerca de 14% da mastofauna do mundo (COSTA *et al.*, 2005; PAGLIA *et al.*, 2012, MMA, 2014). Essas espécies estão distribuídas em 243 gêneros, 50 famílias e 12 ordens (PAGLIA *et al.*, 2012), sendo que 110 estão oficialmente ameaçadas, o que representa 14.98% do total de espécies (MMA, 2014). A maioria das espécies de mamíferos no Brasil é arborícola (29.3%), não restrita ao Brasil (70%) e de ampla distribuição (86%). No Brasil, a Amazônia é o bioma com maior diversidade de espécies de mamíferos (399 espécies), seguida da Mata Atlântica (298 espécies) e do Cerrado (251) (PAGLIA *et al.*, 2012). Dentre as 251 espécies descritas para o Cerrado, 32 são endêmicas. A Caatinga aparece em quarto lugar em diversidade, com 153 espécies descritas (CARMIGNOTTO *et al.*, 2012; PAGLIA *et al.*, 2012), pertencentes a 101 gêneros, sendo dez espécies endêmicas (PAGLIA *et al.*, 2012; GUTIÉRREZ & MARINHO-FILHO, 2017). Morcegos e roedores são as ordens mais diversas nos dois biomas seguindo o padrão neotropical típico (PATTERSON, 2000), com marsupiais e carnívoros em seguida e as demais ordens representadas por poucas espécies (CARMIGNOTTO *et al.*, 2012). Essa grande diferença observada entre o número de espécies do Cerrado e da Caatinga pode ser explicada em função da área do Cerrado ser duas vezes maior que a Caatinga (CARMIGNOTTO *et al.*, 2012).

A Caatinga e o Cerrado são os dois maiores biomas da chamada Seca Diagonal da América do Sul - um enorme cinturão de terra caracterizado por baixas precipitações e alta sazonalidade - e juntos ocupam **mais de 30% do território brasileiro (AB'SABER, 1997)**. O Cerrado constitui um vasto mosaico de tipos de vegetação xeromórfica (2 milhões de km²), que vai desde pastagens secas (campo limpo) ou úmida (campo úmido) até bosques (cerradão), e florestas de galerias e manchas de florestas decídua e semidecidual (SILVA & BATES, 2002; VOSS *et al.*, 2009). Já a Caatinga ocupa uma área de 800,000 km² (PRADO, 2008) e possui como habitat predominantes as florestas secas, embora também abrigue manchas de savanas (ANDRADE-LIMA, 1981). Para o Cerrado, a precipitação está concentrada na estação úmida (800-2.000 mm/ano), com a estação seca durando quatro meses por ano (NIMER, 1989). Para a Caatinga as chuvas são altamente erráticas e variam de 240 a 1.500 mm (PRADO, 2008). Mesmo com esses biomas possuindo diferenças na vegetação, solo e características climáticas, ainda compartilham 120 espécies de mamíferos (CARMIGNOTTO *et al.*, 2012), das quais, 11 são endêmicas à ambos os biomas (GUTIÉRREZ & MARINHO-FILHO, 2017).

Embora o conhecimento sobre a biodiversidade da Caatinga e do Cerrado esteja longe de ser completo, ambos os biomas já foram relativamente bem amostrados, principalmente quando comparados a Amazônia. No entanto, a fauna de mamíferos da Caatinga é pouco conhecida se comparada aos outros grupos faunísticos (MONTEIRO da CRUZ *et al.*, 2005), além disso, a maioria dos estudos está concentrado em alguns poucos locais, fazendo com que várias de suas espécies endêmicas sejam conhecidas apenas por um punhado de localidades (GUTIÉRREZ & MARINHO-FILHO, 2017).

Os mamíferos constituem um dos grupos mais complexos do reino animal, reunindo características que possibilitam a ocupação de uma grande quantidade de nichos, tanto nos ambientes aquáticos quanto terrestres (EISENBERG, 1989). De acordo com o seu porte e hábitos, os mamíferos terrestres são divididos em três grupos: 1) pequenos mamíferos; 2) médios e grandes e 3) mamíferos voadores, representados pelos morcegos.

Os pequenos mamíferos terrestres são compostos por roedores e marsupiais, e representam uma boa parcela das espécies de mamíferos do Brasil, compondo, aproximadamente, 35% das 701 espécies nativas do país (PAGLIA *et al.*, 2012). Esse grupo desempenha um papel ecológico importante, pois influenciam na regeneração florestal através da predação diferencial e dispersão de sementes (PIZO, 1997; CARMINGNOTTO, 2005), além de serem base da cadeia alimentar para muitos animais, inclusive de mamíferos de médio e grande porte. São importantes em levantamentos faunísticos por serem bons indicadores tanto de alterações quanto de perda de habitat. Isso ocorre, pois com poucas exceções, a maioria das espécies de pequenos mamíferos não ocorrem em habitats abertos ou perturbados, e as taxas de movimentação destas espécies entre fragmentos florestais circundados por áreas abertas é extremamente baixa, levando a extinção destes em pequenos fragmentos (CASTRO & FERNANDEZ, 2004).

Os mamíferos de médio e grande porte, maiores que 1kg, formam um grupo bastante heterogêneo que abrange espécies pertencentes a diversas ordens (Rodentia, Carnivora, Xenarthra, Primates, entre outros). Esse grupo apresenta grande diversidade de comportamentos, hábitos e distribuição espacial, o que permite que sejam visualizados mais facilmente do que os pequenos mamíferos (REIS *et al.*, 2006). Na região neotropical, a maioria dos mamíferos de médio e grande porte é herbívora/frugívora, e importante dispersora de sementes. Cerca de 70 a 90% das árvores neotropicais são dispersadas por vertebrados, com grandes sementes sendo dispersadas por mamíferos frugívoros de grande porte, o que afirma sua importância nesse serviço (JORDANO, 2000). Os carnívoros possuem um papel de espécies-chaves, por cumprirem importantes funções de manutenção do equilíbrio da comunidade, influenciando diretamente nas populações de suas presas e indiretamente nas populações animais e vegetais relacionadas a estas (TERBORGH, 1988; MILLER & RABINOWITZ, 2002). Assim, a remoção dessas espécies resulta em alterações drásticas na estrutura da vegetação de um ambiente, levando inclusive a diminuição da diversidade da vegetação (REDFORD, 1992).

Os mamíferos de médio e grande porte constituem um dos grupos mais afetados pelas diferentes pressões antrópicas, devido a sua necessidade de grandes áreas de uso em comparação com outros grupos, maior exigência de recursos, pouca capacidade de dispersão por áreas abertas e/ou urbanas (MICHALSKI & PERES, 2007; PRIST *et al.*, 2012), e baixas taxas reprodutivas (TABARELLI & GASCON, 2005), sendo por isso muitas vezes usado como espécies bioindicadoras. No geral, a presença de espécies com

grande requerimento de habitat, como um predador de topo de cadeia por exemplo, pode indicar a integridade de todo o habitat onde está inserido (CROOKS, 2002). Assim, mamíferos de médio e grande porte podem ser considerados bons indicadores da qualidade ambiental, o que os torna importantes e peças-chave em Estudos de Impacto Ambiental (PARDINI, 2004; REIS *et al.*, 2006).

A perda de habitat natural tem sido generalizada na Caatinga e no Cerrado. Devido à agricultura ou transformação de áreas rurais em áreas urbanas, ambos os biomas perderam enormes quantidades de seus ambientes naturais (KLINK & MACHADO, 2005; BEUCHLE *et al.*, 2015). Além da agricultura, a Caatinga sofre de altos graus de perda de habitat devido à ocupação humana, com substituição da vegetação natural por vegetação aberta usada para produção de carvão, madeira e pecuária (WERNECK, 2011). Apenas 1% desse ambiente está sob proteção federal e atualmente ainda vem sendo afetado por uma acelerada desertificação (ALBUQUERQUE *et al.*, 2012). Esses processos de perda e fragmentação de habitat, bem como a pressão de caça, estão entre as principais ameaças à conservação da diversidade de mamíferos (COSTA *et al.*, 2005; TROLLE *et al.*, 2007), uma vez que levam à perda de ambientes adequados à fauna e pode resultar em extinções locais (MYERS *et al.*, 2000). Neste contexto, os inventários são essenciais por fornecerem informações básicas sobre a composição e diversidade biológica em áreas e regiões determinadas e medidas de espécies indicadoras, e possibilitando a proposição de medidas de mitigação espécie-específicas, caso necessário.

2.2.3.3.1.1 - Dados Secundários

O levantamento de dados secundários foi realizado considerando-se os distintos ambientes interceptados pelo traçado e os dados disponíveis para as áreas próximas da LT. Entretanto, devido às lacunas do conhecimento encontradas para maior parte da região, foi necessário considerar a utilização de trabalhos mais distantes, realizados em Unidades de Conservação, e ou trabalhos de compilação para todo o bioma, que, portanto, refletem uma lista mais conservadora da fauna. Para alguns dos trabalhos que apresentavam áreas de amostragens distintas, apenas aquelas mais próximas ao empreendimento foram selecionadas. No total, foram utilizados oito estudos, os quais tiveram seus resultados compilados (Quadro 2.2.3.3.1-1). São eles:

- ATE/Ecology (2014): Estudo de Impacto Ambiental da LT 500 kV Miracema-Sapeaçu e Subestações Associadas, que realizou levantamento de mastofauna nas localidades de Iramaia (BA) e Maracás (BA). Foi amostrado um total de 18 espécies de mamíferos de médio e grande porte através de entrevistas, censo por transecto linear e uso de armadilhas fotográficas.

- Oliveira et al. (2013): estudo da mastofauna realizado em São Gonçalo do Rio Preto, Felício dos Santos e Couto de Magalhães de Minas (MG), entre janeiro e dezembro de 2006. Foi amostrado um total de 16 espécies de mamíferos através do uso de armadilhas de pegadas, um total de 3.050 armadilhas-noite e busca ativa.
- Câmara & Oliveira (2012): estudo da mastofauna na PARNA da Serra do Cipó. Foi amostrado um total de 54 espécies de mamíferos através do uso de armadilhas *live-trap*, com esforço total de 21.360 armadilhas-noite e busca ativa, realizados entre julho de 2001 e agosto de 2003.
- Bocchiglieri *et al.* (2010): estudo da mastofauna em Jaborandi (BA). Foi amostrado um total de 29 espécies de mamíferos através do uso de transecção, num total de 3.600 km, em nove campanhas de 12 dias cada, entre janeiro de 2008 e maio de 2009.
- Oliveira et al. (2009): estudo da mastofauna realizado na PARNA da Serra do Cipó, em campanhas mensais de cinco dias cada entre agosto de 2001 a julho de 2002. Foi amostrado um total de 25 espécies de mamíferos através do uso de armadilhas de pegadas, censo por transecto linear e evidências indiretas, em um total de 1.518 armadilhas-noite e 309 km de censo.
- Pereira & Geise (2009): inventariaram a fauna de pequenos mamíferos no Parque Nacional da Chapada Diamantina (BA) por meio de armadilhas *live-trap*, registrando um total de 28 espécies, realizado entre 2002 e 2004, num total de 13.568 armadilhas-noite.
- Leal et al. (2008): estudo da mastofauna na PARNA da Serra do Cipó, PARNA das Sempre Vivas e PE da Serra do Rola Moça. Foi amostrado um total de 33 espécies de mamíferos através do uso de armadilhas *live-trap*, armadilhas fotográficas, de pegadas e busca ativa, sendo realizado entre 2001 e 2003 com um esforço de 21.360 armadilhas-noite.
- Oliveira & Pessoa (2005): inventariaram a fauna de pequenos mamíferos da Baixada Jussiapé, Rio das Contas, Geraes de Mucugê, Serra do Sincorá e Mosaico Sebara (BA), através de armadilhas de intercepção e queda e *live-trap*, identificando 20 espécies.

Quadro 2.2.3.3.1-1 -Referências bibliográficas utilizadas como fonte de dados secundários para o levantamento da mastofauna de potencial ocorrência para a área de estudo da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino (MG/BA). * = número de espécies detectado em cada estudo

Fonte Bibliográfica	Tipo de estudo	Período do estudo	Localidade	Coordenadas	Esforço	Riqueza*
ATE/Ecology (2014)	Relatório Técnico		Iramaia (BA) e Maracás (BA)	13°24'59.85"S;41° 8'16.93"O/ 13°16'41.78"S;40°34'40.82"O	Entrevistas: 8	18
					Censo: 80 km	
					Armadilhas fotográficas: 300 armadilhas*noites	
Oliveira <i>et al.</i> (2013)	Pesquisa Científica	Janeiro a dezembro 2006	São Gonçalo do Rio Preto, Felício dos Santos e Couto de Magalhães de Minas (MG)	18°8'60.00"S; 43°22'60.00"O	Armadilhas de pegada: 1.690 armadilhas*noite	16
					Busca ativa: NI	
Câmara & Oliveira (2012)	Pesquisa Científica	Julho 2001 a agosto 2003	PARNA Serra do Cipó	19°27'15.93"S; 43°43'19.20"O	Tipo Young: 21.360 armadilhas*noite	54
					Busca Ativa: <i>ad libitum</i>	
Bocchiglieri <i>et al.</i> (2010)	Pesquisa Científica	Janeiro 2008 a maio 2009	Jaborandi, BA	13°40'0.00"S; 45°35'0.00"O	Transecção: 7.200 km	29
Oliveira <i>et al.</i> (2009)	Pesquisa Científica	Agosto 2001 a julho 2002	PARNA Serra do Cipó	19°27'15.93"S; 43°43'19.20"O	Censo: 309 km	25
					Armadilhas de pegada: 1518 armadilhas*noite	

Fonte Bibliográfica	Tipo de estudo	Período do estudo	Localidade	Coordenadas	Esforço	Riqueza*
Pereira & Geise (2009)	Pesquisa Científica	2002 a 2004	Parque Nacional da Chapada Diamantina (BA)	Lençóis: Morro Torre TeleBahia 12°32' S;41°23' O, Remanso 12°34' S;41°21' O; Mucugê: Mata do Zé Leandro 13°00' S;41°20' O, Estação de Tratamento de Água 12°59' S; 41°23' O, Pousada Pé de Serra 13°00' S;41°22' O, Rio Cumbuca 13°02' S; 41°21' O; Palmeiras: Foz do Córrego do Brejão 12°25' S;41°25' O	Armadilha de queda: 2.671 armadilhas*noite	28
					Sherman e Tomahawk: 10.897 armadilhas*noite	
Leal <i>et al.</i> (2008)	Pesquisa Científica	2001 a 2003	PARNA da Serra do Cipó, PARNA das Sempre Vivas e PE da Serra do Rola Moça	19°20'52.96"S; 43°37'7.79"O/ 18°14'36.41"S;43°35'56.15"O/ 20° 0'42.86"S; 43°59'20.61"O	Sherman e Tomahawk: NI	33
					Armadilhas de pegada e fotográficas: NI	
					Busca Ativa: NI	
Oliveira & Pessoa (2005)	Pesquisa Científica		Baixada Jussiape; Rio de Contas; Geraes de Mucugê; Serra do Sincorá; Mosaico Seabra (BA)	13°36'12" S; 41°43'12" O/ 13°16'08"S;41°54'39" O/ 13°04'42" S;41°29'07" O/ 13° 00'00" S; 42°22'51"O/ 12°27'10" S;41°30'57" O	Sherman e Tomahawk: NI	20
					Pitfall: NI	

2.2.3.3.1.2 - Dados Primários

2.2.3.3.1.2.1 - Métodos de Amostragem

2.2.3.3.1.2.1.1 - Médios e Grandes Mamíferos

Para amostragem dos médios e grandes mamíferos foram utilizadas três metodologias: armadilhas fotográficas, buscas ativas e entrevistas. A localização geográfica e fitofisionomia das unidades amostrais utilizadas constam no Quadro 2.2.3.3.1-2 e nos Mapas dos Pontos de Amostragem da Mastofauna - 3264-00-EIA-MP-3009 a 3011, no Caderno de Mapas o resumo do esforço amostral por região e para o total da campanha no Quadro 2.2.3.3.1-3.

Armadilhas fotográficas (*Camera traps*)

Foram instaladas, em cada uma das três regiões de amostragem, seis armadilhas fotográficas em diferentes ambientes, distantes no mínimo 500 metros entre si. Todas as armadilhas foram iscadas com sardinha, bacon, sal, banana, laranja, milho verde e/ou frutas da estação, no intuito de atrair espécies de hábitos alimentares distintos e maximizar o sucesso de captura (Figura 2.2.3.3.1-1). As armadilhas foram revisadas diariamente e re-iscadas sempre que necessário. As armadilhas permaneceram em funcionamento durante cinco noites consecutivas, totalizando um esforço de 30 armadilhas-noite por região de amostragem (6 armadilhas * 5 noites * 1 região) e 90 armadilhas-noite por campanha (6 armadilhas * 5 noites * 3 regiões).



Figura 2.2.3.3.1-1 – Armadilha fotográfica com isca instalada para a amostragem de mamíferos de médio e grande porte da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino (MG, BA), em julho/agosto de 2017 (estação seca).

Busca Ativa limitada por tempo

As buscas foram realizadas por 4 horas/dia, sendo 2 horas diurnas e 2 horas noturnas, durante cinco dias consecutivos em cada região de amostragem, sendo cada dia amostrado em diferentes locais para contemplar um número maior de habitats presentes nas áreas (Figura 2.2.3.3.1-2). Com este método foram realizadas 20 horas de observação por região em cada campanha (4h * 5 dias * 1 região) e 60 no total de cada campanha (4h * 5 dias * 3 regiões). As observações noturnas foram realizadas na estrada das áreas de estudos, de carro e com auxílio de holofote.



Figura 2.2.3.3.1-2 - Buscas ativas realizadas no período diurno e noturno para a amostragem de mamíferos de médio e grande porte da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino (MG, BA), em julho/agosto de 2017 (estação seca).

Entrevistas

Foram realizadas duas entrevistas com moradores do entorno em cada uma das três regiões de amostragem, com o objetivo de ampliar a lista de espécies conhecidas para região e avaliar o uso de animais como caça e captura na área de estudo. As entrevistas foram realizadas com auxílio de guias ilustrativos contendo todas as espécies de ocorrência local, para que os entrevistados listassem as espécies já vistas na área. Após a identificação de cada espécie, o entrevistado foi questionado sobre o grau de frequência de ocorrência de cada espécie na região. Esses dados foram tratados qualitativamente e utilizados apenas na composição da lista de espécies de cada região.

2.2.3.3.1.2.1.2 - Pequenos Mamíferos não-voadores

Os pequenos mamíferos não-voadores foram amostrados por meio de duas metodologias de amostragem: armadilhas de captura viva, do tipo *Sherman* e *Tomahawk* e de interceptação e queda - *pitfall traps*

Armadilhas de captura viva (*Sherman* e *Tomahawk*)

Foram estabelecidas, nas diferentes fitofisionomias presentes em cada uma das três regiões de amostragem, quatro trilhas com quinze (15) estações de captura cada, distantes, no mínimo, 20 m entre si. Em cada estação foram dispostas duas armadilhas – do tipo *Sherman* (25 cm x 7,5 cm x 7,5 cm) e tipo *Tomahawk* (45 cm x 16 cm x 16 cm), uma no solo e outra no sub-bosque, alternando-se a disposição entre elas. As armadilhas foram iscadas diariamente com pasta feita de fubá, banana, paçoca e sardinha, a fim de atrair pequenos mamíferos de diferentes hábitos alimentares (Figura 2.2.3.3.1-3). O esforço total por região de amostragem foi de 600 armadilhas*noite (2 armadilhas * 15 estações * 4 trilhas * 5 noites), e 1.800 armadilhas*noite por campanha (2 armadilhas * 15 estações * 4 trilhas * 5 noites * 3 regiões).



Figura 2.2.3.3.1-3 - Armadilha tipo *Sherman* (esquerda) e *Tomahawk* (direita) utilizadas durante o levantamento da mastofauna da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino (MG, BA), em julho/agosto de 2017 (estação seca).

Armadilha de interceptação e queda (*pitfall traps*)

Em cada região de amostragem foram instalados também quatro conjuntos de cinco baldes de 60l em "Y", interligados por cerca guia de lona de 10 m de comprimento entre os baldes e com 60 cm de altura, sendo um conjunto em cada trilha (Figura 2.2.3.3.1-4). Os conjuntos permaneceram abertos por cinco noites consecutivas, totalizando um esforço de 100 baldes*noite por região de amostragem (4 conjuntos * 5 baldes * 5 noites * 1 região) e 300 baldes*noite por campanha (4 conjuntos * 5 baldes * 5 noites * 3 regiões).



Figura 2.2.3.3.1-4 - Armadilha de interceptação e queda (*pitfall*) utilizada durante o levantamento da mastofauna da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino (MG, BA), em julho/agosto de 2017 (estação seca).

Todos os pequenos mamíferos capturados foram medidos, pesados, identificados com brincos numerados e soltos no mesmo local de captura (Anexo 2.2.3.3-3 – Dados Brutos Digital). Apenas um exemplar (*Calomys expulsus*) encontrado morto em uma das trilhas em uma das trilhas de R1 durante a Buscas Ativa, foi coletado, preparado e recebido pela coleção de Mamíferos do Museu de História Natural da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (Anexo 2.2.3.3-2 – Cartas de Recebimento/Tombamento).

Quadro 2.2.3.3.1-2 - Localização geográfica e fitofisionomia das unidades amostrais utilizadas durante o levantamento da mastofauna da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino nos estados de Minas Gerais e Bahia, em julho/agosto de 2017 (estação seca).

Legenda: R =Região de amostragem; Pit = *pitfall*; T1, T2, T3, T4 = trilhas de armadilhas para amostragem de pequenos mamíferos (*live traps*); AF = armadilha fotográfica (*camera trap*); BA = busca ativa; ENT= Entrevista

Região de Amostragem	Unid. Amostral	Método	Coordenadas (WGS84)		Fitofisionomia
			Lat	Long	
Região 1 (23k) Corinto (MG)	R1Pit01	<i>Pitfall</i>	583270	7970772	Savana Arborizada Antropizada
	R1Pit02	<i>Pitfall</i>	585643	7963674	Floresta Estacional Semidecidual
	R1Pit03	<i>Pitfall</i>	586147	7965278	Floresta Estacional Semidecidual
	R1Pit04	<i>Pitfall</i>	586046	7976311	Floresta Estacional Semidecidual
	R1T1	<i>Live Traps</i>	583355	7970744	Savana Arborizada Antropizada
	R1T2	<i>Live Traps</i>	585680	7963522	Floresta Estacional Semidecidual
	R1T3	<i>Live Traps</i>	586097	7964977	Floresta Estacional Semidecidual
	R1T4	<i>Live Traps</i>	585904	7976332	Floresta Estacional Semidecidual
	R1AF1T4	<i>Camera trap</i>	586288	7976711	Floresta Estacional Semidecidual
	R1AF2T3	<i>Camera trap</i>	586133	7965261	Floresta Estacional Semidecidual
	R1AF3T3	<i>Camera trap</i>	586066	7965751	Floresta Estacional Semidecidual
	R1AF4T2	<i>Camera trap</i>	585651	7963708	Floresta Estacional Semidecidual
	R1AF5T1	<i>Camera trap</i>	583291	7970768	Savana Arborizada Antropizada
	R1AF6T4	<i>Camera trap</i>	586067	7976252	Floresta Estacional Semidecidual
	R1BA01	Busca ativa	586231	7977047	Floresta Estacional Semidecidual
	R1BA02	Busca ativa	586020	7969041	Campo Antropizado
	R1BA03	Busca ativa	585584	7963912	Floresta Estacional Semidecidual
	R1BA04	Busca ativa	583211	7970652	Savana Arborizada Antropizada
	R1BA05	Busca ativa	585546	7963646	Floresta Estacional Semidecidual
	R1ENT1	Entrevista	586604	7965492	Savana Arborizada Antropizada
R1ENT2	Entrevista	585346	7968377	Campo Antropizado	
Região 2 (23k) Juramento (MG)	R2Pit01	<i>Pitfall</i>	643033	8144572	Floresta Estacional Decidual
	R2Pit02	<i>Pitfall</i>	645792	8142177	Floresta Estacional Decidual
	R2Pit03	<i>Pitfall</i>	646353	8146686	Floresta Estacional Decidual
	R2Pit04	<i>Pitfall</i>	647021	8141188	Floresta Estacional Decidual
	R2T1	<i>Live Traps</i>	643076	8144602	Floresta Estacional Decidual
	R2T2	<i>Live Traps</i>	645697	8142041	Floresta Estacional Decidual
	R2T3	<i>Live Traps</i>	646279	8146682	Floresta Estacional Decidual
	R2T4	<i>Live Traps</i>	646942	8141234	Floresta Estacional Decidual
	R2AF1T4	<i>Camera trap</i>	646950	8141208	Floresta Estacional Decidual
	R2AF2T3	<i>Camera trap</i>	646162	8146431	Floresta Estacional Decidual
	R2AF3T1	<i>Camera trap</i>	643029	8144554	Floresta Estacional Decidual
	R2AF4T2	<i>Camera trap</i>	645823	8142186	Floresta Estacional Decidual
	R2AF5T1	<i>Camera trap</i>	643071	8143996	Floresta Estacional Decidual
	R2AF6T3	<i>Camera trap</i>	646474	8146848	Floresta Estacional Decidual

Região de Amostragem	Unid. Amostral	Método	Coordenadas (WGS84)		Fitofisionomia
			Lat	Long	
	R2BA01	Busca ativa	646276	8146717	Floresta Estacional Decidual
	R2BA02	Busca ativa	646231	8146962	Campo Antropizado
	R2BA03	Busca ativa	642192	8145754	Floresta Estacional Decidual
	R2BA04	Busca ativa	645755	8142096	Floresta Estacional Decidual
	R2BA05	Busca ativa	646937	8141264	Floresta Estacional Decidual
	R2ENT1	Entrevista	641973	8144657	Floresta Estacional Decidual
	R2ENT2	Entrevista	642266	8145547	Floresta Estacional Decidual
Região 3 (23L) Caetitê (BA)	R3Pit01	<i>Pitfall</i>	758516	8452885	Floresta Estacional Semidecidual
	R3Pit02	<i>Pitfall</i>	758624	8445383	Savana Arborizada
	R3Pit03	<i>Pitfall</i>	761161	8448356	Savana Arborizada
	R3Pit04	<i>Pitfall</i>	756882	8448645	Savana Arborizada
	R3T1	<i>Live Traps</i>	758426	8452769	Área Antrópica
	R3T2	<i>Live Traps</i>	758538	8445381	Savana Arborizada
	R3T3	<i>Live Traps</i>	760936	8448296	Savana Arborizada
	R3T4	<i>Live Traps</i>	756891	8448658	Savana Arborizada
	R3AF1T4	<i>Camera trap</i>	757132	8448473	Savana Arborizada
	R3AF2T1	<i>Camera trap</i>	758365	8452678	Savana Arborizada
	R3AF3T1	<i>Camera trap</i>	758733	8452994	Savana Arborizada
	R3AF4T3	<i>Camera trap</i>	760907	447970	Savana Arborizada
	R3AF5T3	<i>Camera trap</i>	761244	8448353	Savana Arborizada
	R3AF6T2	<i>Camera trap</i>	758843	8445442	Savana Arborizada
	R3BA01	Busca ativa	761637	8447899	Savana Arborizada
	R3BA02	Busca ativa	761934	8452123	Savana Arborizada
	R3BA03	Busca ativa	760940	8448197	Savana Arborizada
	R3BA04	Busca ativa	759157	8449506	Savana Arborizada
	R3BA05	Busca ativa	759398	8452960	Savana Arborizada
	R3ENT1	Entrevista	760073	8451785	Campo Antropizado
R3ENT2	Entrevista	758604	8447574	Campo Antropizado	

Quadro 2.2.3.3.1-3- Esforço amostral por método de amostragem utilizado durante o levantamento da mastofauna da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino nos estados de Minas Gerais e Bahia), em julho de 2017 (estação seca), por região de amostragem.

R1- Corinto (MG), R2- Juramento (MG) e R3 – Caetité (BA).

Estação Seca	Esforço/Unidade amostral			Esforço Total
	R1	R2	R3	Total
Método				
Busca Ativa (horas)	20	20	20	60
<i>Pitfall traps</i> (baldes*noites)	100	100	100	300
Armadilhas <i>Sherman/Tomahawk</i> (armadilhas*noite)	600	600	600	1800
Armadilhas Fotográficas (<i>camera trap</i>) (armadilhas*noite)	30	30	30	90
Entrevistas	2	2	2	6

2.2.3.3.1.3 - Análise de Dados

A lista de espécies de mamíferos com ocorrência confirmada para as regiões de amostragem da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino foi confeccionada com base nos registros obtidos por meio dos métodos de amostragens descritos anteriormente. Foram utilizados tanto os métodos sistemáticos (busca ativa, armadilhas fotográficas, *live traps* e *pitfall traps*) como os métodos não sistemáticos (entrevistas). Para a riqueza geral de espécies foram consideradas apenas as espécies identificadas ao nível específico ou quando a mesma representa a única espécie do gênero. Indivíduos identificados apenas ao nível de gênero foram contabilizados apenas quando não existiam outras espécies do mesmo gênero identificadas até o nível de espécie. Esses dados também foram contabilizados nos dados de abundância e na comparação entre regiões amostrais. A riqueza observada foi comparada qualitativamente com a lista de espécies de ocorrência potencial na região, confeccionada por compilação de dados secundários obtidos na bibliografia consultada.

A classificação taxonômica da mastofauna seguiu a proposta por Paglia *et al.* (2012). Para cada espécie foi identificado o método de registro, estado de conservação, segundo as listas de espécies ameaçadas internacional (IUCN, 2017-1), nacional (MMA, 2014) e estadual (COPAM, 2010; SEMA, 2017), e segundo os apêndices de ameaça da Convenção sobre Comércio Internacional de Espécies Ameaçadas de Fauna e Flora Selvagens - CITES (CITES 2017). Foram ainda identificadas as espécies raras, endêmicas, de importância econômica ou cinegética, invasoras e de risco epidemiológico, bioindicadoras da qualidade ambiental e/ou migratórias.

Para verificar a suficiência amostral empregada, foi feita uma curva de rarefação das amostras sistemáticas para cada um dos dois grupos estudados, médios e grandes mamíferos e pequenos mamíferos, e outra com todos dados. Cada dia de coleta foi considerado uma unidade amostral. Desta maneira, para médios e grandes mamíferos foram somados os resultados dos métodos sistemáticos de busca ativa e armadilhas fotográficas por dia, enquanto para os pequenos mamíferos foram somados os resultados das armadilhas *live trap* e *pitfall trap* por dia. Foram excluídos desta análise os registros obtidos por métodos não sistemáticos (entrevistas e registros ocasionais) e espécies identificadas apenas até gênero, quando já havia outra espécie do mesmo já identificada. Além da riqueza observada em cada amostra, foi também calculada a riqueza estimada através do índice de Jackknife 1, no programa *EstimateS* (COLWELL, 2013).

O sucesso de amostragem dos métodos foi calculado com a divisão do número de registros obtidos pelo esforço amostral empregado. Este cálculo foi feito separadamente para cada um dos métodos sistemáticos de amostragem empregados, para cada região de amostragem, durante a campanha. Para o cálculo da riqueza, foram excluídas as espécies registradas somente através de entrevistas, enquanto para o índice de similaridade, além destas, foram excluídos também os registros ocasionais.

A composição das comunidades foi explorada a partir de um escalonamento multidimensional não métrico (nMDS) baseado em uma matriz de similaridade de Jaccard. Esta matriz foi feita com base em dados de presença (1) e ausência (0) das espécies, em cada uma das unidades amostrais. Cada unidade amostral foi composta por todas as espécies registradas, em um dado dia e região, através do agrupamento dos registros obtidos com os métodos sistemáticos. Todas as análises foram realizadas no programa PAST (HAMMER *et al*, 2001).

2.2.3.3.1.4 - Resultados e Discussão

2.2.3.3.1.4.1 - Lista de Espécies, Riqueza e Representatividade do Estudo

Considerando todos os métodos de amostragem, foram registradas 33 espécies de mamíferos nesse estudo, dez em nível de gênero, em 211 registros, pertencentes a oito ordens e 17 famílias. Destas espécies, 30 foram registradas por meio dos métodos sistemáticos de amostragem e três somente por entrevista.

As ordens mais representativas foram a Rodentia e a Carnivora, com nove (09) espécies cada, seguida da ordem Didelphimorphia com seis (06) espécies. A ordem Cingulata vem em seguida com três (03) espécies, seguida por Primates e Pilosa com duas (02) espécies cada, e Lagomorpha e Artiodactyla com somente uma (01) espécie cada (Figura 2.2.3.3.1-4).

Quadro 2.2.3.3.1-4- Lista de espécies da mastofauna registradas através de dados primários e secundários (fontes bibliográficas) durante o levantamento da mastofauna da LT 500 kV Igaporã III - Presidente Juscelino, nos estados de Minas Gerais e Bahia, entre julho/agosto 2017 (estação seca).

Legenda: Fitofisionomia: FED = Floresta Estacional Decidual; FES= Floresta Estacional Semidecidual; CA = Campo Antropizado; AS = Savana arborizada; SAA = Savana Arborizada Antropizada; Região de Amostragem: R1 - Corinto (MG), R2 - Juramento (MG) e R3 - Caetitê (BA); Método de registro: AF = Armadilha Fotográfica; BA = Busca ativa; E = Entrevista; LT = *Live trap*; PT = *Pitfall trap*. Padrão de ocorrência espacial: E = Endêmicas; AD = Ampla distribuição. Categorias de ameaça: IUCN (2017-1): NT = quase ameaçada, EN = em perigo, VU = vulnerável; MMA (2014): EN = em perigo e VU = Vulnerável; MG (COPAM, 2010): VU – vulnerável, EN – em perigo, CR - criticamente em perigo; BA (SEMA, 2017): VU – vulnerável, EN – em perigo, CR - criticamente em perigo; CITES (2017): Apêndice I, II e III. Dados secundários: 1 - ATE/Ecology (2014); 5 - Oliveira (2013); 3 - Câmara & Oliveira (2012); 4 - Bocchiglieri *et al.* (2010); 5- Oliveira *et al.* (2009); 6 - Pereira & Geise (2009); 7 - Leal *et al.* (2008); 8 – Oliveira & Pessôa (2005).

Ordem	Nome comum	Fitofisionomia	Região de amostragem	Dados Secundários	Método de Amostragem	Categoria de Ameaça					Distribuição	Habitats
						IUCN	MMA	BA	MG	CITES		
ORDEM DIDELPHIMORPHIA												
Família Didelphidae												
<i>Caluromys philander</i>	cuica-lanosa			3, 7							AD	Frugívoro-onívoro/arborícola
<i>Didelphis albiventris</i>	gambá, saruê	FED; FES	R1; R2	3, 4, 5, 6, 7, 8	AF; LT						AD	Frugívoro-onívoro/escansorial
<i>Didelphis aurita</i>	gambá, mucura			7							AD	Frugívoro-onívoro/escansorial
<i>Didelphis sp.</i>	gambá, mucura	FES	R1		BA						AD	Frugívoro-onívoro/escansorial
<i>Gracilinanus agilis</i>	cuica	FED	R1; R2	3, 7, 8	LT; PT						AD	Insetívoro-onívoro/arborícola
<i>Gracilinanus microtarsus</i>	cuica			6							E	Insetívoro-onívoro/arborícola
<i>Marmosa demerarae</i>	cuica, catita			6, 7, 8							AD	Insetívoro-onívoro/arborícola
<i>Marmosa murina</i>	cuica, catita	FED	R2		LT						AD	Insetívoro-onívoro/arborícola
<i>Marmosops incanus</i>	cuica	FES	R1	3, 6, 7, 8	LT						AD	Insetívoro-onívoro/escansorial
<i>Metachirus nudicaudatus</i>	cuica-de-quatro-olhos			7							AD	Insetívoro-onívoro/terrestre

Ordem	Nome comum	Fitofisionomia	Região de amostragem	Dados Secundários	Método de Amostragem	Categoria de Ameaça					Distribuição	Habitats
						IUCN	MMA	BA	MG	CITES		
<i>Monodelphis americana</i>	cuíca-de-três-listras			7, 8							AD	Insetívoro-onívoro/terrestre
<i>Monodelphis domestica</i>	catita, cuíca-de-rabo-curto	FED	R2	3, 6, 7, 8	LT; PT						AD	Insetívoro-onívoro/terrestre
<i>Monodelphis kunyi</i>	catita			3							E	Insetívoro-onívoro/terrestre
<i>Philander frenatus</i>	cuíca-de-quatro-olhos			3							AD	Insetívoro-onívoro/escansorial
<i>Thylamys sp.</i>	cuíca, catita	AS	R3		LT; PT							Insetívoro-onívoro/escansorial
<i>Thylamys karimii</i>	cuíca, catita			6		VU					AD	Insetívoro-onívoro/escansorial
ORDEM CINGULATA												
Família Dasypodidae												
<i>Dasypus sp.</i>	tatu	FED; CA	R1; R2; R3		BA; E						AD	Insetívoro-onívoro/semifossorial
<i>Dasypus novemcinctus</i>	tatu, tatu-galinha			1, 3, 4, 5, 6, 7, 8							AD	Insetívoro-onívoro/semifossorial
<i>Dasypus septemcinctus</i>	tatu, tatu-mulita, tatuí			2, 4, 7							AD	Insetívoro-onívoro/semifossorial
<i>Euphractus sexcinctus</i>	tatu-peludo, tatu-peba	FED; FES; CA	R1; R2; R3	1, 2, 3, 4, 6, 7	BA; E						AD	Insetívoro-onívoro/semifossorial
<i>Cabassous sp.</i>	tatu-de-rabo-mole	FES	R1		BA						AD	Mirmecófago/semifossorial
<i>Cabassous tatouay</i>	tatu-de-rabo-mole-grande			6, 7							AD	Mirmecófago/semifossorial
<i>Cabassous unicinctus</i>	tatu-de-rabo-mole			3, 4, 7							AD	Mirmecófago/semifossorial

Ordem	Nome comum	Fitofisionomia	Região de amostragem	Dados Secundários	Método de Amostragem	Categoria de Ameaça					Distribuição	Habitats
						IUCN	MMA	BA	MG	CITES		
<i>Priodontes maximus</i>	tatu-canastra			2, 4, 7		VU	VU	EN	EN	I	AD	Mirmecófago/semifossorial
<i>Tolypeutes tricinctus</i>	tatu-bola			4		VU	EN	EN			AD	Insetívoro-onívoro/semifossorial
ORDEM PILOSA												
Família Myrmecophagidae												
<i>Myrmecophaga tridactyla</i>	tamanduá-bandeira	FED; CA	R1; R2	1, 2, 4	E	VU	VU	VU	VU	II	AD	Mirmecófago/terrestre
<i>Tamandua tetradactyla</i>	tamanduá-de-colete, tamanduá-mirim	FED	R2	1, 3, 4, 5, 8	BA						AD	Mirmecófago/escansorial
ORDEM PRIMATES												
Família Callitrichidae												
<i>Callithrix sp.</i>	sagui	FED; CA	R1; R2; R3		E							Frugívoro-Insetívoro-gomívoro/arborícola
<i>Callithrix geoffroyi</i>	sagui-de-cara-branca			3, 5							E	Frugívoro-insetívoro-gomívoro/arborícola
<i>Callithrix jacchus</i>	sagui-de-tufos-branco			1, 6							E	Frugívoro-insetívoro-gomívoro/arborícola
<i>Callithrix penicillata</i>	sagui, mico-estrela	FED; FES; AS	R1; R2; R3	3, 5, 8	BA						AD	Frugívoro-Insetívoro-gomívoro/arborícola

Ordem	Nome comum	Fitofisionomia	Região de amostragem	Dados Secundários	Método de Amostragem	Categoria de Ameaça					Distribuição	Habitats
						IUCN	MMA	BA	MG	CITES		
Família Atellidae												
<i>Alouatta sp.</i>	barbado, bugio	FED	R2		E							
<i>Alouatta caraya</i>	barbado, bugio	FES	R1	3, 5	BA			EN			AD	Folívoro-frugívoro/arborícola
<i>Alouatta guariba</i>	bugio			3							E	Folívoro-frugívoro/arborícola
ORDEM RODENTIA												
Família Sciuridae												
<i>Guerlinguetus ingrani</i>	caxinguelê, esquilo			2, 3							E	Frugívoro-granívoro/escansorial
Família Cricetidae												
<i>Akodon cursor</i>	rato-do-chão			3, 6							AD	Insetívoro-onívoro/terrestre
<i>Calomys expulsus</i>	rato-do-chão	FED; FES	R1; R2	6, 8	LT; PT						E	Frugívoro-granívoro/terrestre
<i>Calomys tener</i>	rato-do-chão			3							AD	Frugívoro-granívoro/terrestre
<i>Cerradomys scotti</i>	rato-do-mato			3							AD	Frugívoro-granívoro/terrestre
<i>Cerradomys subflavus</i>	rato-do-mato			3, 8							AD	Frugívoro-granívoro/terrestre
<i>Cerradomys vivoi</i>	rato-do-mato			6							AD	Frugívoro-granívoro/terrestre
<i>Euryoryzomys russatus</i>	rato-do-mato			3							E	Frugívoro-granívoro/terrestre
<i>Hylaeamys megacephalus</i>	rato	FED	R2		LT						AD	Frugívoro-granívoro/terrestre

Ordem	Nome comum	Fitofisionomia	Região de amostragem	Dados Secundários	Método de Amostragem	Categoria de Ameaça					Distribuição	Habitats
						IUCN	MMA	BA	MG	CITES		
<i>Necromys lasiurus</i>	rato-do-mato			3, 6, 8							AD	Frugívoro-onívoro/terrestre
<i>Nectomys squamipes</i>	rato-d'água			3, 6							AD	Frugívoro-onívoro/semi-arborícola
<i>Oecomys concolor</i>	rato-da-árvore			3							E	Frugívoro-predador de sementes/arborícola
<i>Oligoryzomys fornesi</i>	rato-do-mato			6							AD	Frugívoro-granívoro/escansorial
<i>Oligoryzomys nigripes</i>	rato-do-mato			3, 6, 8							AD	Frugívoro-granívoro/escansorial
<i>Oligoryzomys rupestris</i>	rato-do-mato			6			EN	VU			E	Frugívoro-granívoro/escansorial
<i>Oxymycterus dasytrichus</i>	rato-do-brejo			3, 8							E	Insetívoro-onívoro/semi-fossorial
<i>Oxymycterus delator</i>	rato-do-brejo			3, 8							AD	Insetívoro-onívoro/semi-fossorial
<i>Pseudoryzomys simplex</i>	rato-do-mato			6							AD	Frugívoro-onívoro/terrestre
<i>Rhipidomys mastacalis</i>	rato-da-árvore	FES	R1	3	LT						AD	Frugívoro-predador de sementes/arborícola
<i>Thalpomys lasiotis</i>	rato-do-chão			3			EN				E	Frugívoro-granívoro/terrestre
<i>Wiedomys pyrrhorhinos</i>	rato-de-fava	FED	R2	6	LT						E	Frugívoro-onívoro/escansorial

Ordem	Nome comum	Fitofisionomia	Região de amostragem	Dados Secundários	Método de Amostragem	Categoria de Ameaça					Distribuição	Habitats
						IUCN	MMA	BA	MG	CITES		
Família Cuniculidae												
<i>Cuniculus paca</i>	paca	FED	R2	2, 3, 5	E					III	AD	Frugívoro-herbívoro/terrestre
Família Erethizontidae												
<i>Coendou sp.</i>	ouriço, porco-espinho	SAA	R1		E							Frugívoro-folívoro-predador de sementes/arborícola
<i>Coendou prehensilis</i>	ouriço, porco-espinho			1, 3, 4							AD	Frugívoro-folívoro-predador de sementes/arborícola
Família Caviidae												
<i>Cavia aperea</i>	preá			3							AD	Herbívoro/terrestre
<i>Galea Sp.</i>	preá	SA; CA	R3		AF; E							Herbívoro/terrestre
<i>Galea spixii</i>	preá			6							AD	Herbívoro/terrestre
<i>Hydrochoerus hydrochaeris</i>	capivara	FED	R2	2, 3, 4, 5	BA; E						AD	Herbívoro/semi-aquático
<i>Kerodon rupestris</i>	mocó			2, 6, 8			VU				E	Herbívoro/terrestre
Família Dasyproctidae												
<i>Dasyprocta sp.</i>	curia			5							AD	Frugívoro-granívoro/terrestre
<i>Dasyprocta azarae</i>	cutia			4							AD	Frugívoro-granívoro/terrestre
<i>Dasyprocta leporina</i>	cutia			3							AD	Frugívoro-granívoro/terrestre
<i>Dasyprocta prymnolopha</i>	cutia			1							AD	Frugívoro-granívoro/terrestre

Ordem	Nome comum	Fitofisionomia	Região de amostragem	Dados Secundários	Método de Amostragem	Categoria de Ameaça					Distribuição	Habitats
						IUCN	MMA	BA	MG	CITES		
Família Echimyidae												
<i>Thrichomys apereoides</i>	punaré, rabudo	FES; AS	R1; R3	3	AF; LT						AD	Frugívoro-herbívoro/terrestre
<i>Thrichomys inermis</i>	punaré, rabudo			6, 8							AD	Frugívoro-herbívoro/terrestre
<i>Trinomys minor</i>	rato-de-espinho			8							E	Frugívoro-granívoro/terrestre
<i>Trinomys moojeni</i>	rato-de-espinho			3		EN	EN		VU		AD	Frugívoro-granívoro/terrestre
<i>Trinomys setosus</i>	rato-de-espinho			3							E	Frugívoro-granívoro/terrestre
ORDEM LAGOMORPHA												
Família Leporidae												
<i>Sylvilagus brasiliensis</i>	coelho, tapeti	SAA; CA	R1; R3	1, 2, 3, 5, 6, 8	BA; E						AD	Herbívoro/terrestre
ORDEM CARNIVORA												
Família Felidae												
<i>Leopardus sp.</i>	gato-do-mato	FED; SAA	R1; R2		BA; E							Carnívoro/terrestre
<i>Leopardus pardalis</i>	jagatirica			1, 2, 3, 4, 5, 7				VU	VU	I	AD	carnívoro/terrestre
<i>Leopardus tigrinus</i>	gato-do-mato-pequeno			1, 3, 4, 5, 7		VU	EN	VU	VU	I	AD	carnívoro/escansorial

Ordem	Nome comum	Fitofisionomia	Região de amostragem	Dados Secundários	Método de Amostragem	Categoria de Ameaça					Distribuição	Habitats
						IUCN	MMA	BA	MG	CITES		
<i>Puma concolor</i>	onça-parda, suçuarana, leão-baio	FED	R2	1, 2, 3, 4, 5, 7	BA; AF		VU	VU	VU	I	AD	carnívoro/terrestre
<i>Puma yagouaroundi</i>	jaguarundi, gato-mourisco			3, 4, 5, 6, 7			VU	VU		I	AD	carnívoro/terrestre
<i>Panthera onca</i>	onça-pintada			4, 7		NT	VU	CR	CR	I	AD	carnívoro/terrestre
Família Canidae												
<i>Cerdocyon thous</i>	cachorro-do-mato, graxaim, raposa	FED; SAA	R1; R2; R3	1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8	AF; BA; E					II	AD	Insetívoro-onívoro/terrestre
<i>Chrysocyon brachyurus</i>	lobo-guará, guará	FED	R2	2, 3, 4, 5, 7	BA	NT	VU	EN	VU	II	AD	Carnívoro-onívoro/terrestre
<i>Lycalopex vetulus</i>	raposinha	FED; SAA	R1; R2; R3	3, 4, 5, 6, 7	BA; E		VU	VU			E	Insetívoro-onívoro/terrestre
Família Mephitidae												
<i>Conepatus chinga</i>	cangambá; jaritataca			1, 3, 4, 7							AD	Insetívoro-onívoro/terrestre
<i>Conepatus semistriatus</i>	cangambá; jaritataca	FED; SAA	R1; R2; R3	5	AF; BA; E						AD	Insetívoro-onívoro/terrestre
Família Mustelidae												
<i>Lontra longicaudis</i>	lontra	FED	R2	2, 3, 5, 7	BA	NT		VU	VU	I	AD	Psívoro/semi-aquático
<i>Eira barbara</i>	irara, papa-mel	FED	R2	2, 3, 4, 5, 7	BA						AD	Frugívoro-onívoro/terrestre
<i>Galictis cuja</i>	furão			3, 4, 5, 7							AD	carnívoro/terrestre

Ordem	Nome comum	Fitofisionomia	Região de amostragem	Dados Secundários	Método de Amostragem	Categoria de Ameaça					Distribuição	Habitats
						IUCN	MMA	BA	MG	CITES		
<i>Galictis vittata</i>	furão			6							AD	carnívoro/terrestre
Família Procyonidae												
<i>Nasua nasua</i>	quati			1, 3, 7							AD	Frugívoro-onívoro/terrestre
<i>Procyon cancrivorus</i>	guaxinim, mão-pelada	FED; FES	R1; R2	1, 2, 3, 4, 5, 7	BA						AD	Frugívoro-onívoro/escansorial
ORDEM PERISSODACTYLA												
Família Tapiridae												
<i>Tapirus terrestris</i>	anta			1, 4		VU	VU	EN	EN	II	AD	Herbívoro-frugívoro/terrestre
ORDEM ARTIODACTYLA												
Família Tayassuidae												
<i>Pecari tajacu</i>	cateto, caititu			1, 3, 4, 5, 7					VU	II	AD	Frugívoro-herbívoro/terrestre
Família Cervidae												
<i>Mazama sp.</i>	veado	FED; SAA; CA	R1; R2; R3		BA; E							
<i>Mazama americana</i>	veado-mateiro			3, 4, 5, 7							AD	Frugívoro-herbívoro/terrestre
<i>Mazama gouazoubira</i>	veado-catingueiro			1, 3, 4, 5, 7							AD	Frugívoro-herbívoro/terrestre
<i>Ozotoceros bezoarticus</i>	veado-campeiro			4, 7		NT		EN	EN	I	AD	Herbívoro/terrestre

2.2.3.3.1.4.2 - Relevância Regional (Comparação com os Dados Secundários)

Quando considerados os métodos sistemáticos e excluindo os dados de entrevistas, foram realizados 180 registros de 30 espécies, pertencentes a oito ordens (Carnivora, Cingulata, Didelphimorphia, Lagomorpha, Pilosa, Primates, Artiodactyla e Rodentia). Dessas, as espécies *Marmosa murina* (cuíca), *Hylaeamys megacephalus*, e o gênero *Thylamys* sp não constavam na lista de dados secundários, caracterizando três novos registros para a região. O restante dos mamíferos (n = 27) já havia sido registrado para a região do empreendimento de acordo com os dados secundários, os quais identificaram 83 espécies, o que representa 32.53% desse total. Se consideradas as 33 espécies com potencial ocorrência para região, durante o diagnóstico de mastofauna foi registrada cerca de 40% da diversidade local.

Das 83 espécies levantadas através do levantamento secundário, as ordens mais representativas são Rodentia, com 35 espécies (42% do total), Carnivora com 16 (19%), e Didelphimorphia com 14 (17%). O levantamento primário de dados mostrou o mesmo padrão, com as ordens Rodentia, Carnivora e Didelphimorphia como as mais representativas. Considerando as espécies identificadas até epíteto, as espécies de roedores registradas por dados primários (n = 15) correspondem a 29% das espécies de Carnivora e Rodentia listadas no levantamento secundário para a região do empreendimento (S = 51). Os Didelphimorphia, com cinco espécies registradas, representam 40% do total de espécies listadas para esse grupo. A riqueza encontrada para marsupiais e roedores (S=12) foi menor do que a registrada em outros estudos realizados na região, como o observado por Oliveira & Pessoa (2005; S=20) e Pereira & Geise (2009, S= 28). Para os mamíferos de médio e grande porte em geral, a riqueza encontrada (S=22) também foi menor do que a registrada em Bocchiglieri *et al.* (2010, S=29), porém foi maior que a registrada na ATE/Ecology (2014, S=18) e que a encontrada por Oliveira *et al.* (2013, S=16).

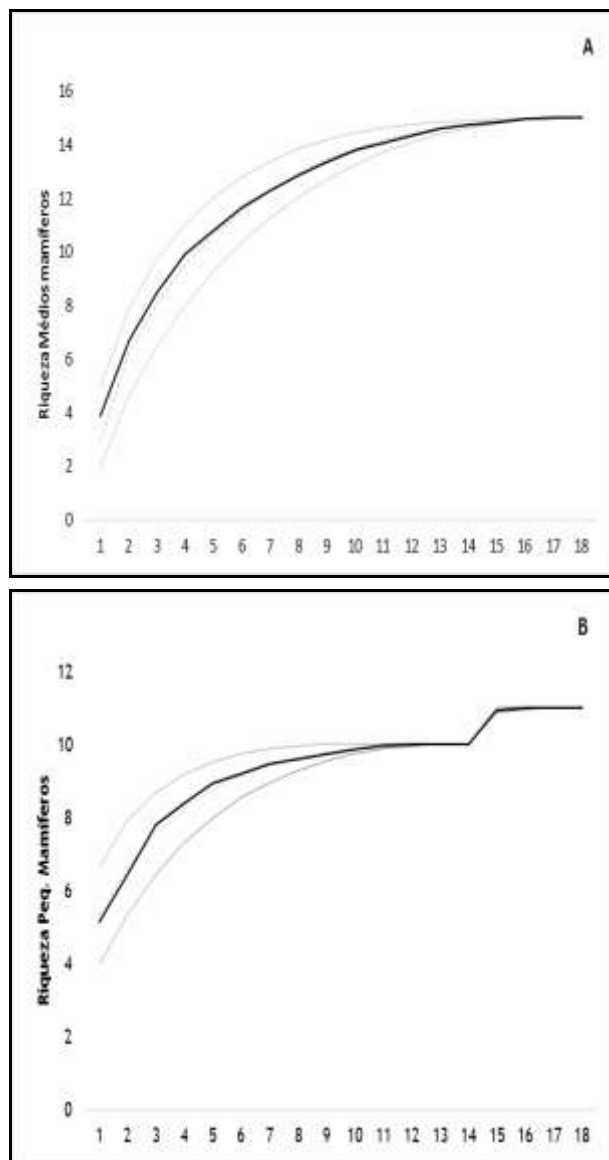
Ao considerar todos os métodos de amostragem, incluindo as entrevistas, a riqueza observada corresponde a aproximadamente 36,1% das espécies terrestres listadas para a região de estudo (S= 83), e 90% das espécies registradas por Leal *et al.* (2008) (S=33) e 55% das espécies registradas por Câmara & Oliveira (2012) (S=54). A maioria dos estudos utilizados foi realizada com mais de uma campanha de campo e em áreas mais conservadas, demonstrando, desta forma, uma riqueza maior do que a registrada nesta campanha. Além disso, a diferença de métodos e esforços empregados em cada estudo impossibilita uma comparação mais concisa entre eles.

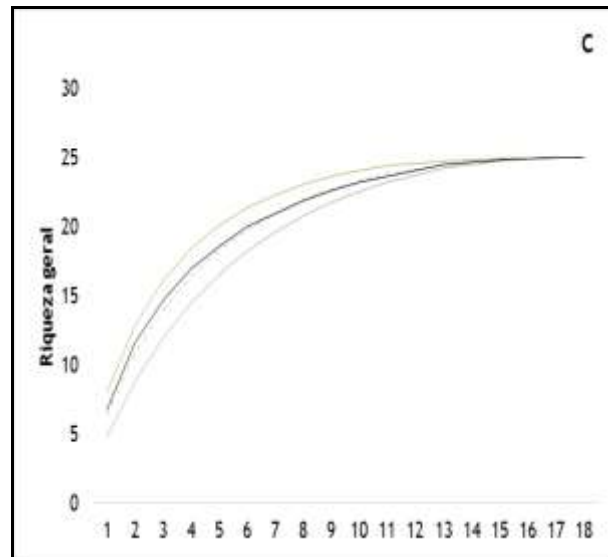
2.2.3.3.1.4.3 - Suficiência Amostral – Curva do Coletor (Curva de Rarefação) e Riqueza Estimada

Considerando a curva de rarefação para as espécies de mamíferos de médio e grande porte (A) há uma estabilização aparente da assíntota da curva a partir do 14º dia, com a riqueza estimada estando próxima

aos valores observados (Legenda: A linha contínua em negrito representa a riqueza observada e a linha tracejada representa a riqueza estimada por meio do índice de Jackknife de Primeira Ordem. As linhas contínuas representam os intervalos de confiança de 95% superior e inferior da estimativa.

Figura 2.2.3.3.1-5). A curva considerando apenas as espécies de pequenos mamíferos terrestres (B) também mostra uma assíntota a partir do 15º dia, com a riqueza estimada próxima aos valores observados. Já a curva para todas as espécies de mamíferos em geral (C) apresentou estabilização a partir do 12º dia, demonstrando que o esforço empreendido foi suficiente para amostrar praticamente todas as espécies de mamíferos esperados para a área de estudo.





Legenda: A linha contínua em negrito representa a riqueza observada e a linha tracejada representa a riqueza estimada por meio do índice de Jackknife de Primeira Ordem. As linhas contínuas representam os intervalos de confiança de 95% superior e inferior da estimativa.

Figura 2.2.3.3.1-5– Curva de rarefação e acumulação de espécies da mastofauna de (A) médios e grandes mamíferos, (B) pequenos mamíferos não voadores e (C) mamíferos em geral, durante o levantamento da mastofauna da LT 500 kV Igaporã III-Presidente Juscelino, nos estados de Minas Gerais e Bahia, entre julho e agosto de 2017.

2.2.3.3.1.4.4 - Sucesso Amostral

Dentre os métodos utilizados, considerando todas as regiões de amostragem, o de Busca Ativa registrou 19 espécies e obteve o maior sucesso de amostral, com 1,26 indivíduo/hora (n= 77) no total (Quadro 2.2.3.3.1-5), sendo a grande maioria desses registros realizado no período diurno (n=76). Em R2 foi obtido o maior sucesso deste método (1,65 indivíduo/hora), o que pode ser explicado pelo fato das trilhas dessa região de amostragem ficarem dentro da área ambiental da COPASA, com acesso restrito apenas ao pessoal autorizado, sendo caracterizada por uma área pouco alterada e com pouco acesso de pessoas. Formam-se assim as melhores condições de campo para registro de pegadas, uma vez que existe pouco pisoteio humano e ambiente adequado, além de ser uma área ambientalmente menos degradada do que as demais regiões estudadas.

A maior parte dos registros por busca ativa pertence à *Callithrix penicillata* (sagui, mico-estrela) (n= 14), *Cerdocyon thous* (cachorro-do-mato) (n=9), seguido de *Mazama* sp. (veado) (n= 8), *Euphractus sexcinctus* (tatu-peba) (n=7) e *Leopardus* sp. (gato-do-mato) (n=7). As demais espécies (tapeti - *Sylvilagus brasiliensis*, rapozinha - *Lycalopex vetulus*, mão-pelada - *Procyon cancrivorus*, suçuarana - *Puma concolor*, tatu - *Dasyus* sp., lobo-guará - *Chrysocyon brachiurus*, capivara - *Hydrochoerus hydrochaeris*, bugio - *Alouatta caraya*, tatu-

do-rabo-mole - *Cabassous sp.*, jeritataca - *Conepatus semistriatus*, gambá - *Didelphis sp.*, irara - *Eira barbara*, lontra - *Lontra longicaudis*, tamanduá-mirim - *Tamandua tetradactyla* e rato-do-chão - *Calomys expulsus* juntas somaram 32 registros.

O método com uso de Armadilha Fotográfica obteve o segundo maior sucesso de amostral geral, 0,37 indivíduo/armadilha. Dos 34 registros, 20 pertencem o cachorro-do-mato (*Cerdocyon thous*), cinco para o punaré (*Trichomys apereoides*), quatro para preá (*Galea sp.*), três a gambá-de-orelhas-brancas (*Didelphis albiventris*), um a jaritataca (*Conepatus semistriatus*) e um para a suçuarana (*Puma concolor*). O alto número de registros do cachorro-do-mato (e/ou raposa) (*Cerdocyon thous*) pode ser explicado por se tratar de uma espécie de ampla distribuição, que é encontrada em todos os biomas do Brasil, generalista, onívora, visivelmente adaptada a áreas antropizadas, sendo observada inclusive em áreas verdes das cidades (CHEIDA *et al.*, 2006, FEIJÓ & LANGGUTH, 2013). Essa espécie praticamente não possui predador e pode se aproveitar da proximidade das residências devido à criação de aves.

O sucesso de captura para os métodos empregados para captura de pequenos mamíferos pode ser considerado baixo (0,03 indivíduo/armadilha e 0,02/baldes*noite), com o número de espécies registradas sendo inferior ao encontrado em outros estudos feitos nos biomas Caatinga e Cerrado (OLIVEIRA & PESSÔA, 2005; PEREIRA & GEISE, 2009). Os marsupiais gambá-de-orelhas-brancas (*Didelphis albiventris*), cuíca (*Marmosops incanus*), catita (*Marmosa murina*) e os roedores rato (*Hylaeamys megacephalus*), rato-de-fava (*Wiedomys pyrrhorhinos*), rato-da-árvore (*Rhipidomys mastacalis*) e punaré (*Trichomys apereoides*) foram exclusivamente registrados com *live traps* (Sherman-Tomahawk) Já as cuicas (*Calomys expulsus* e *Gracilinanus agilis*), cuíca-de-rabo-curto (*Monodelphis domestica*) e a cuíca (*Thylamys sp.*) foram registrados tanto por *live traps* quanto por armadilhas de intercepção e queda (*Pitfalls*). Isso demonstra a relevância em aliar métodos distintos no levantamento da mastofauna terrestre de pequeno porte.

Alguns fatores relevantes que podem ter influenciado no baixo sucesso de captura de mamíferos em geral podem ter sido a época do ano (estação seca), que naturalmente leva a menor sucesso de captura se comparado às estações mais úmidas do ano, o alto grau de antropização das áreas amostrais, principalmente das regiões R1 e R3, e a presença de animais domésticos, principalmente do cachorro-doméstico ao longo de todo o traçado da LT, principalmente das regiões R1 e R3. Os cachorros (*Canis familiaris*) constantemente predam pequenos mamíferos terrestres e eventualmente espécies de médio porte e podem afugentar espécies, interferindo nas suas áreas de vida. Nas regiões R1 e R3 as armadilhas *live traps* foram encontradas reviradas por cachorro, o que deve ter afetado no sucesso de amostral. Além disso, esses animais também podem transmitir doenças para a fauna silvestre. Os cachorros auxiliam os caçadores na caça de animais silvestres e podem, ainda, tornarem-se ferais, formando bandos e predando animais da fauna local (ESPARTOSA, 2009). A presença dessa espécie pode contribuir para o afugentamento de fauna e provocar a morte acidental de alguns espécimes.

Quadro 2.2.3.3.1-5 - Sucesso amostral dos métodos de amostragem do levantamento da mastofauna da LT 500 KV Igaporã III-Presidente Juscelino, nos estados de Minas Gerais e da Bahia, entre julho e agosto de 2017 (estação seca).

R1 - Corinto (MG), R2 - Juramento (MG) e R3 - Caetité (BA);

Método	Sucesso por método			Total
	Estação Seca			
	R1	R2	R3	
Busca Ativa (indivíduo/horas)	1,3	1,65	0,9	1,28
Armadilhas fotográficas (indivíduo/armadilha)	0,2	0,2	0,73	0,37
Pitfall traps (indivíduo/baldes-noite)	0,03	0,02	0,01	0,02
Armadilhas Sherman /Tomahawk (indivíduo/armadilha)	0,035	0,018	0,006	0,02

2.2.3.3.1.4.5 - Comparação entre as Regiões de Amostragem

A riqueza registrada considerando os métodos sistemáticos, ou seja, sem as entrevistas, em R1 foi de 17 espécies, 22 espécies em R2 e nove em R3. O Índice de Diversidade de Shannon foi maior em R2 ($H' 3,075$), demonstrando que esta região possui provavelmente maior diversidade que as demais (Quadro 2.2.3.3.1-6). O grau de similaridade entre as regiões, calculado através do Índice de Jaccard, com base somente nas espécies registradas por métodos sistematizados, registrou o valor de 0,192 para as regiões R1 x R3, sendo essas áreas menos similares entre si. O índice de similaridade de Jaccard foi maior na comparação entre R1 e R2, demonstrando que essas áreas possuem riqueza mais semelhante do que R1 e R3 e R2 e R3, porém esse valor ainda pode ser considerado baixo, o que demonstra que as três unidades amostrais possuem uma composição distinta na comunidade da mastofauna, majoritariamente.

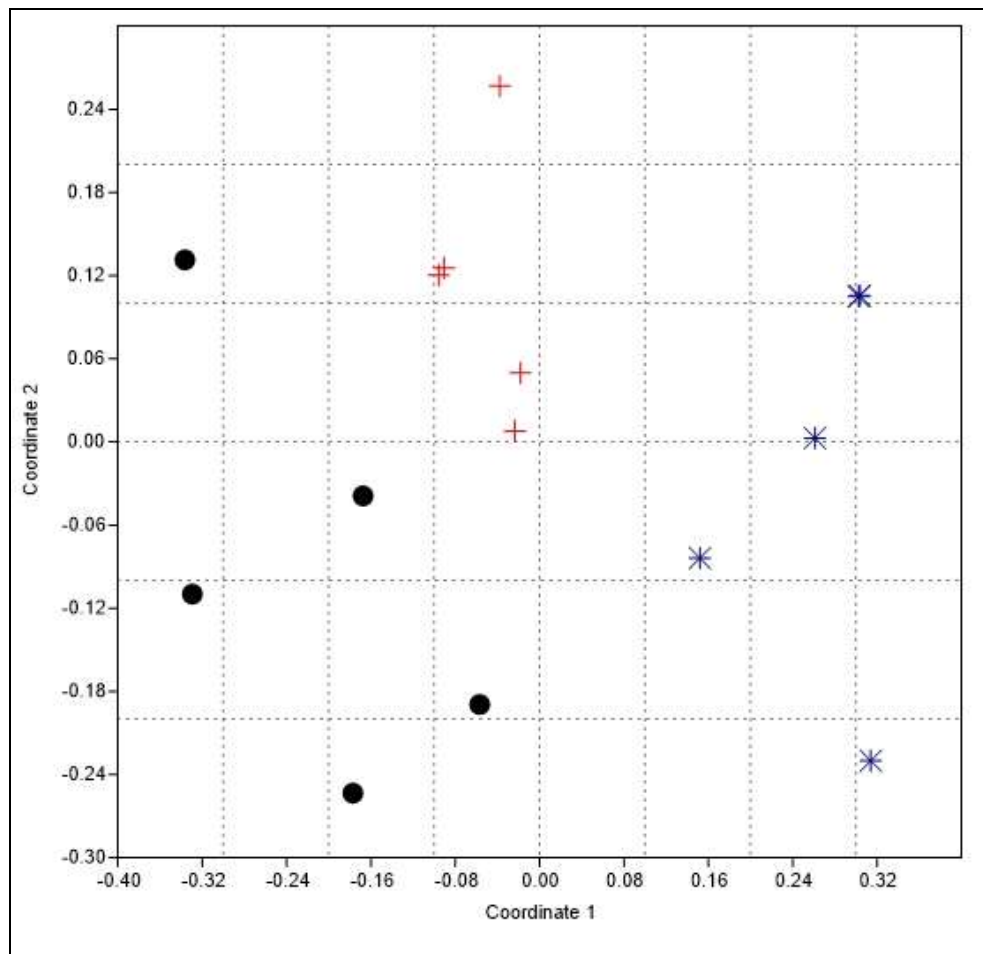
Quadro 2.2.3.3.1-6– Indicadores ecológicos do levantamento da mastofauna da LT 500 kV Igaporã-Presidente Juscelino, nos estados de Minas Gerais e da Bahia, entre julho e agosto de 2017 (estação seca), por região de amostragem.

R1 - Corinto (MG), R2 - Juramento (MG) e R3 - Caetité (BA): * Riqueza considerando apenas os métodos sistemáticos

Regiões	Indicadores		
	Riqueza*	Shannon	Jaccard
R1	17	2,77	-
R2	22	3,07	-
R3	9	2,16	-
R1 x R2	-	-	0,392
R1 x R3	-	-	0,3
R2 x R3	-	-	0,192

De acordo com a análise de ordenação, considerando toda a mastofauna estudada, o valor elevado de *stress* ($>0,2$) compromete a interpretação dos dados, demonstrando que as amostras estão posicionadas aleatoriamente, mantendo pouca ou nenhuma relação com a similaridade original (Figura 2.2.3.3.1-6).

A partir do NMDS dos dados de campo foi possível observar que todas as três regiões amostrais são dissimilares entre si, com R1 e R2 sendo menos dissimilares e compartilhando mais espécies do que as regiões R1 e R3 e R2 e R3 (Figura 2.2.3.3.1-6). Foram identificadas 17 espécies na região R1, dentre as quais quatro ocorreram nesse local exclusivamente, sendo elas o bugio *Alouatta caraya*, o tatu *Cabassous* sp., a cuíca *Marmosops incanus* e o rato-da-árvore *Rhipidomys mastacalis*. Já na região R2 foram identificadas 22 espécies, das quais 10 são exclusivas dessa região (e.g., o lobo-guará *Chrysocyon brachiurus*, o papa-mel *Eira barbara*, a capivara *Hydrochoerus hydrochaeris*, o rato *Hylaemys megacephalus*, a lontra *Lontra longicaudis*, a cuíca *Marmosa murina*, a cuíca-de-três-listras *Monodelphis domestica*, a onça parda *Puma concolor*, o tamanduá-mirim *Tamandua tetradactyla*, o tatu *Dasypus* sp. e o rato-de-fava *Wiedomys pyrrhorhinos*), sete são compartilhadas exclusivamente entre R1 e R2 e apenas uma entre R2 e R3. Isso explica a maior similaridade observada entre R1 e R2. Já a região R3 possui apenas nove espécies registradas, sendo duas exclusivas (a preá *Galea* sp. e a cuíca *Thylamys* sp.). Duas foram compartilhadas exclusivamente com R1 e apenas uma compartilhada exclusivamente com R2. Tal fato explica sua maior similaridade com essa região (R1) do que com R2, que possui uma comunidade mais rica e mais diversa.



Legenda: Cruz Vermelha (R1), Círculo Preto (R2) e Estrela Azul (R3). Stress: 0,176.
R1 - Corinto (MG), R2 - Juramento (MG) e R3 - Caetité (BA);

Figura 2.2.3.3.1-6 – Ordenação das unidades amostrais por escalonamento multidimensional não métrico (NMDS) baseado na presença e ausência das espécies de mamíferos não voadores registradas por dia durante o levantamento da mastofauna da LT 500 kV Igaporã III-Presidente Juscelino, nos estados de Minas Gerais e da Bahia, entre julho e agosto de 2017 (estação seca), por região de amostragem.

A maior similaridade entre R1 e R2 deve ocorrer pelo fato dessas duas regiões compartilharem sete espécies, e ambas possuem locais com fitofisionomia semelhante, pertencendo ao domínio do Cerrado. Enquanto R2 é caracterizada majoritariamente por Floresta Estacional Decidual, a região R1 é caracterizada em grande parte por Floresta Estacional Semidecidual, com uma pequena parte sendo composta por Savana Arborizada, o que contribui para maior similaridade entre as áreas. Já R3 é caracterizada em quase que sua totalidade por Savana Arborizada, o que também explica sua maior similaridade com R1 do que com R2, uma vez que essas regiões também possuem fitofisionomias semelhantes. Já R2 e R3 não possuem fitofisionomias similares, o que pode explicar a maior dissimilaridade entre as áreas e o menor número de espécies compartilhadas entre si.

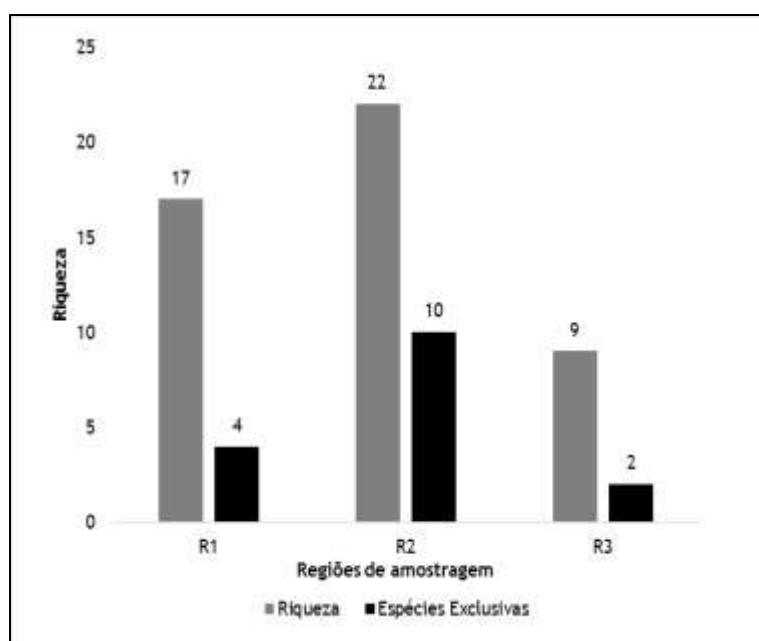
Considerando apenas os métodos padronizados, a espécie com o maior número de registros e que ocorreu em todas as áreas, foi o mamífero generalista *Cerdocyon thous* (cachoro-do-mato, ou raposa), com 29 ocorrências. Esta espécie distribui-se amplamente pelo nordeste com maior número de registros na Paraíba, Pernambuco, Ceará e Alagoas; é adaptada a áreas relativamente antropizadas (FEIJÓ & LANGGUTH, 2013), possui dieta onívora e oportunista, consumindo frutos, invertebrados e pequenos vertebrados (BEISIEGEL *et al.*, 2013). Outras espécies comuns a todas as áreas, mas com menor número de registros, foram, respectivamente: *Callithrix penicillata* (sagui-de-tufo-preto, n=14), *Mazama* sp. (veado, n=8) e *Euphractus sexcinctus* (tatu-peba, n=7).

O sagui-de-tufo-preto (*Callithrix penicillata*) é um primata de pequeno porte, cujo peso pode atingir até 350 gramas, que vivem em grupos de 2 a 13 indivíduos (AURICCHIO, 1995) e que se alimenta de frutos, insetos, néctar e exudados de plantas (VILELA, 1999). Ocorre nos estados de Goiás, Tocantins, Maranhão, Minas Gerais, São Paulo, norte do Rio de Janeiro e oeste da Bahia (AURICCHIO, 1995), sendo encontrado em diversos tipos de habitat, inclusive em áreas de cerrado, florestas de galeria, florestas secundárias, perturbadas, e ambientes e borda (AURICCHIO, 1995). Dessa forma pode ser considerado tanto generalista de habitat quanto alimentar. Essa espécie foi a quinta espécie com maior número de registros do presente estudo, sendo registrada em todas as três áreas amostrais.

O tatu-peba (*Euphractus sexcinctus*) também é uma espécie de ampla distribuição, ocorrendo em todos os biomas brasileiros (PAGLIA *et al.*, 2012). Na região nordeste do país ocorre tanto na Caatinga e Cerrado quanto na Mata Atlântica (FEIJÓ & LANGGUTH, 2013). Possui hábitos alimentares onívoros, alimentando-se desde material vegetal até pequenos vertebrados e carniça (ANACLETO, 2007). Sua visão é pobre, porém o olfato é bem desenvolvido (REDFORD & WETZEL, 1985), para poder encontrar seu alimento. São animais solitários, com hábitos majoritariamente diurnos, podendo estar ativo de noite também, e é comumente encontrado em formações de vegetação aberta e em bordas de floresta (EISENBERG & REDFORD, 1999). É frequentemente caçada para consumo em função do seu tamanho e abundância (CARTÉS, 2007). Essa espécie foi a sexta espécie mais registrada no presente estudo, sendo encontrada em todas as três

Em R1, do total de espécies identificadas (n=30), quatro foram exclusivas desta área, o que representa 13% do total do estudo (Figura 2.2.3.3.1-7). As dez espécies encontradas exclusivamente em R2 representam 33% do total registrado, enquanto que as duas espécies exclusivas encontradas em R3 representa 6% do total registrado.

As três regiões possuíam potencial para ocorrência de praticamente todas as espécies de acordo com suas distribuições geográficas. As pressões antrópicas identificadas foram quase que as mesmas nas três regiões, tais como presença de animais domésticos e uso humano, porém com menor grau em R2, uma vez que essa estava localizada dentro da área de proteção ambiental da COPASA. Ainda observou-se indícios de queimadas recentes (seis anos) somente na região R3. A maior riqueza e exclusividade registradas em R2 podem ser explicadas então pelo menor grau de antropização e perturbação dessa área.



R1 - Corinto (MG), R2 - Juramento (MG) e R3 - Caetité (BA):

Figura 2.2.3.3.1-7– Riqueza e exclusividade encontradas durante o levantamento da mastofauna da LT 500 kV Igaporã III-Presidente Juscelino, nos estados de Minas Gerais e da Bahia, entre julho e agosto de 2017 (estação seca), por região de amostragem.

As espécies com o segundo maior número de registros foram o roedor comumente conhecido como punaré (*Thrichomys apereoides*) e o marsupial *Gracilinanus agilis* (cuíca) com 20 registros. O roedor *Thrichomys apereoides* (punaré) obteve 17 capturas em R1 e apenas três em R3 e não foi encontrada em R2. Essa espécie faz parte da família Echymidae, e ocorre em áreas de floresta e cerrado, onde usa fendas em rochas para abrigo, proteção e nidificação. Possui hábitos terrestres ou escansorial, atividade diurna e noturna, e uma dieta que inclui folhas, frutas, sementes e insetos (STREILEIN, 1982, REIS & PESSÔA, 2004). Entre os demais roedores registrados estão o rato-do-chão *Calomys expulsus*, a preá *Galea sp.*, a capivara *Hydrochoerus hydrochaeris*, o rato *Hylaeamys megacephalus*, o rato-da-árvore *Rhipidomys mastacalis* e o rato-de-fava *Wiedomys pyrrhorinos*.

O marsupial *Gracilinanus agilis* (cuíca), com 20 detecções, foi registrada tanto em R1 quanto em R2. Esta espécie, apesar de ser um pequeno mamífero não voador, é generalista e pouco sensível à fragmentação (BONVICINO *et al.*, 2002; CÁCERES *et al.*, 2008). Entre os demais marsupiais registrados estão *Didelphis albiventris* (gambá-de-orelha-branca), *Marmosa murina* (cuíca) e *Monodelphis domestica* (cuíca-de-rabo curto).

Ressalta-se o registro da onça-parda (*Puma concolor*) e do lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*), ambos ameaçados de extinção e registrados apenas em R2. A onça-parda é uma espécie de hábitos diurno e noturno, territorialista e solitária, andando em casais apenas na época reprodutiva (OLIVEIRA & CASSARO 2005). É uma espécie que habita todos os tipos de ambiente, e na ausência de vegetação nativa as onças acabam estabelecendo parte da sua área de vida em áreas antropizadas em busca de alimento e abrigo, como áreas de agricultura (MIOTTO, 2011), por exemplo. Essa espécie foi encontrada apenas na região com menor grau de antropização (R2).

Já o lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*) é uma espécie que ocorre principalmente no Cerrado, até a região de transição com a Caatinga, mas também na porção leste do Pantanal e nos campos gerais do sul do país (REIS *et al.*, 2006). Sua distribuição tem se expandido consideravelmente para regiões originalmente ocupadas por Mata Atlântica, que com o desmatamento estão se tornando áreas abertas e de capoeiras, ambientes adequados para esse animal (QUEIROLO *et al.*, 2011). Ocorre em ambientes abertos, com hábitos solitários, onívoros-frugívoros e oportunista, com uma dieta que varia sazonalmente e padrão de atividade crepuscular-noturno (RODRIGUES, 2002).

Procyon cancrivorus, o mão-pelada, foi registrado apenas nas regiões R1 e R2, e é uma espécie generalista, de hábito solitário e amplamente distribuída. Apesar de relativa tolerância a perturbações antrópicas, é dependente de fontes de água e suscetível ao desaparecimento de corredores florestais ripários (MICHALSKI & PERES, 2005), o que pode explicar o registro da espécie apenas em R1 e R2, que eram as regiões mais estruturadas em relação a vegetação.

O bugio (*Alouatta caraya*) também foi registrado apenas uma vez, e apenas na região R1. Essa espécie possui ampla distribuição no Brasil, e ocorre em florestas tropicais (BRAVO & SALLENAVE, 2003), habitando desde florestas contínuas, até remanescentes florestais (AGUIAR *et al.*, 2011), apresentando tolerância a modificações/perturbações no ambiente e conseguindo sobreviver em ambientes fragmentados e alterados (PRATES, 2007).

Ainda foram detectados, mesmo que apenas uma vez em R2, a lontra (*Lontra longicaudis*), irara (*Eira barbara*) e o tamanduá-mirim (*Tamandua tetradactyla*). A lontra possui ampla distribuição no Brasil,

ocorrendo em quase todas as regiões onde os corpos d'água são propícios, como rios, riachos, lagoas e em áreas costeiras com disponibilidade de água doce. São animais de hábitos solitários, embora possam ser observados em pequenos grupos compostos de fêmeas e filhotes e majoritariamente diurnos. São carnívoros semiaquáticos, com forte dependência por corpos d'água, principalmente para se alimentar. Sua dieta é composta preferencialmente por peixes e crustáceos (PARDINI, 1998). A irara (*Eira barbara*) tem ampla distribuição no Brasil, ocorrendo em todos os biomas. É uma espécie tipicamente florestal (FONTANA *et al.*, 2003), habitando florestas tropicais e subtropicais com vegetação em estágio primário ou secundário (PRESLEY, 2000). É uma espécie que tolera perturbações antrópicas e a proximidade a habitações humanas, utilizando recursos que ambientes alterados podem fornecer, como pomares e plantações. É um animal onívoro oportunista, com padrão de atividade diurno, sendo que em áreas próximas a ocupação humana pode se tornar mais crepuscular (EMMONS, 1997). E o tamandua-mirim (*Tamandua tetradactyla*) ocorre em todos os biomas brasileiros e pode utilizar diferentes ambientes, desde abertos até florestais, incluindo matas de galeria adjacentes a savanas e floresta tropical (EISENBERG, 1989), sendo considerado generalista de habitat.

De uma maneira geral, a comunidade de mamíferos registrada ao longo da LT 500 kV Igaporã III- Presidente Juscelino durante a estação seca é pouco representativa de ambientes conservados e composta basicamente por animais generalistas. Ressalta-se a presença de algumas espécies com maiores exigências ambientais e que podem ser consideradas como indicadores de qualidade ambiental, como o lobo-guará (*Chrysocyon brachiurus*), e a onça parda (*Puma concolor*), registradas somente em R2, que apesar de possuírem certa tolerância a ambientes antropizados ainda necessitam de grandes áreas de vida e uma quantidade considerável de presas para sobreviver. Além destas, destaca-se também a lontra (*Lontra longicaudis*) que indica a presença de água e vegetação ripária em bom estado de conservação na região.

Vale ressaltar que de todas as regiões amostradas, apenas R2 apresentava menores perturbações antrópicas, constituindo uma área mais conservada. Porém mesmo assim essa região ainda estava sujeita aos mesmos processos antrópicos que R1 e R3, como desmatamento, pressão de caça e criação de gado e animais domésticos. A questão da caça tem caráter de subsistência. A criação de animais soltos também pode ter influenciado no registro de mamíferos silvestres nas regiões, pois, mesmo nos locais mais remotos, havia presença de cães domésticos registrados com armadilhas fotográficas e busca ativa. Vale ressaltar indícios de queimadas registrados para a R3, o que pode ter levado a maiores níveis de perturbação e contribuído para as menores diversidades encontradas.

Em relação à vegetação das regiões de amostragem, R2 apresentou trilhas de amostragem com formação em floresta estacional decidual, com árvores mais altas em geral, sugerindo maior complexidade desse ambiente em relação às demais regiões. Essa região também apresenta menor grau de antropização do que as demais, podendo ser considerada a mais relevante de acordo com a comunidade de mamíferos amostrada.

2.2.3.3.1.4.6 - Espécies Ameaçadas, Raras, Endêmicas e Novos Registros

Por meio dos métodos sistematizados quatro espécies constam em alguma das listas das espécies da fauna ameaçadas de extinção consultadas. O lobo-guará (*Chrysocyon brachiurus*) consta como Quase Ameaçado a nível global (IUCN, 2017-1) e como Vulnerável na lista de espécies da fauna brasileira ameaçadas de extinção (MMA, 2014), além de Ameaçado e Vulnerável nas listas estaduais da Bahia e Minas Gerais respectivamente (SEMA, 2017; COPAM, 2010). As principais ameaças à espécie incluem o crescimento desordenado de centros urbanos e a consequente perda e alteração do habitat, mesmo com a espécie se mostrando tolerante a certo grau de alteração antrópica, como a agricultura. Outras ameaças severas constituem o atropelamento, que afeta principalmente indivíduos jovens em fase de dispersão, a perseguição com o homem devido à conflitos com produtores rurais, e o risco de patógenos advindos de animais domésticos (RODRIGUES, 2002).

A lontra (*Lontra longicaudis*) se encontra como quase ameaçada a nível global (IUCN, 2017-1), apesar de não constar da lista de espécies ameaçadas da fauna brasileira (MMA, 2014). Ela também se encontra como vulnerável em ambas as listas estaduais (SEMA, 2017; COPAM, 2010). As principais ameaças à espécie incluem a intensa caça que ocorreu entre 1950 e 1970 em virtude da comercialização de peles, resultando em extinções locais ao longo de sua área de distribuição (LARIVIÉRE, 1999). Atualmente, conflitos com piscicultores e pesque-pagues com a espécie são comuns, resultando na perseguição e morte dos indivíduos, além da fragmentação do habitat, poluição das águas, e redução dos estoques pesqueiros (EMMONS, 1997; LARIVIÉRE, 1999; QUADROS, 2009).

Ainda, para as espécies sem ameaça em nível global (IUCN, 2017-1), porém ameaçadas em nível nacional foram detectadas a onça parda (*Puma concolor*) e raposa-do-campo (*Lycalopex vetulus*). A onça parda (*Puma concolor*) classificada como Vulnerável nessa lista e também em ambas as listas estaduais (COPAM, 2010; SEMA, 2017). As principais ameaças atuais para a espécie são a supressão e fragmentação de habitat devido à expansão agropecuária, e à mineração, além da exploração de madeira para carvão. Além disso, a eliminação de indivíduos por caça, retaliação por predação de animais domésticos, queimadas (principalmente em canaviais) e atropelamentos também contribuem significativamente para a redução da população em diversas áreas (AZEVEDO *et al.*, 2013). A raposa-do-campo (*Lycalopex vetulus*) é

considerada como Vulnerável em nível nacional (MMA, 2014) e no estado da Bahia (SEMA, 2017). As maiores ameaças à essa espécie são a destruição do seu hábitat, uma vez que essa espécie é endêmica do Cerrado e esse se encontra entre os 25 ecossistemas mais ameaçados do planeta (MYERS *et al.*, 2000). Também está sujeita a outros efeitos diretos e indiretos causados pelo homem (LEMOS *et al.*, 2011), como os atropelamentos, ataques por cães domésticos, e a perseguição direta pelo homem (LEMOS *et al.*, 2011).

Das espécies ameaçadas apenas na esfera estadual vale ressaltar a presença do bugio *Alouatta caraya* classificado como em perigo no estado da Bahia. Contudo, no diagnóstico um indivíduo dessa espécie foi registrado em R1 (Corinto) em Minas Gerais, estado no qual a espécie não é considerada ameaçada.. As principais ameaças para essa espécie são a perda e a fragmentação do habitat provocados pela expansão das áreas agrícolas e de pecuária, os incêndios florestais e a expansão urbana e das matrizes energética e rodoviária, a caça e a vulnerabilidade a epidemias de doenças infecciosas, especialmente a febre amarela (ALMEIDA *et al.*, 2012; FREITAS & BICCA-MARQUES, 2013). Além da caça para consumo e captura de filhotes para o tráfico de animais silvestres, há relatos de animais mortos por moradores da zona rural durante as epizootias de febre amarela silvestre que ocorreram entre 2008-2009 no Rio Grande do Sul (BICCA-MARQUES & FREITAS, 2010), e as de 2016 e atual, nos estados de Minas Gerais e São Paulo.

Adicionalmente, por entrevistas com a população local, foi registrada mais de uma espécie ameaçada tanto em nível global (IUCN, 2017-1), quanto nos níveis nacionais e estaduais, o tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*). As principais ameaças identificadas para essa espécie são incêndios, conversão do habitat natural para agricultura, pecuária, desmatamento, aumento da matriz rodoviária, atropelamentos, desconexão de hábitat e redução de hábitat (BRAGA, 2010).

Dentre as espécies que figuram na lista de dados secundários, 14 estão presentes na lista nacional de espécies ameaçadas de extinção, onde 11 estão classificadas como “vulnerável” a extinção e cinco “em perigo”. Já na lista estadual da Bahia (SEMA, 2017), 15 espécies estão presentes, das quais oito estão classificadas como “vulnerável”, uma “criticamente ameaçada” e seis “em perigo” de extinção. Na lista estadual de Minas Gerais (COPAM, 2010) 12 espécies encontram-se listadas, sendo oito classificadas como “vulnerável”, uma “criticamente ameaçada” e três “em perigo” de extinção (Quadro 2.2.3.3.1-7).

Aqui, merecem destaque as espécies classificadas em algum risco de extinção nas quatro listas analisadas, as quais totalizam seis espécies (o tamanduá-mirim *Myrmecophaga tridactyla*, o lobo-guará *Chrysocyon brachyurus*, o gato-do-mato-pequeno *Leopardus tigrinus*, a onça-pintada *Panthera onca*, a anta *Tapirus terrestris* e o veado-campeiro *Ozotocerus bezoarticus*). Vale citar também o tatu canastra (*Prionites maximus*) e o rato-do-espinho (*Trinomys moojeni*) categorizados em algum nível de ameaça em três listas analisadas (IUCN, MMA e Estadual).

Quadro 2.2.3.3.1-7 - Espécies da mastofauna incluídas nas listas de espécies ameaçadas de extinção com ocorrência potencial para área de estudo da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino. Dados primários obtidos em junho e agosto de 2017 (estação seca).

Legenda: Dados Secundários: 2- Bertoluci *et al.* (2009); 4 - Moura (2010); 6 - Freitas *et al.* (2012). Categorias de ameaça: IUCN (2017-1) - NT: quase ameaçada; VU: vulnerável; MMA (2014): VU: vulnerável; EN – em perigo; CR – criticamente ameaçada; SEMA/BA (2017): EN – em perigo; CR – criticamente ameaçada. *Não foram registras espécies para lista de Minas Gerais (COPAM, 2010).

Ordem	Nome comum	Dados Secundários	Método de Amostragem	IUCN	MMA	BA	MG
<i>Alouatta caraya</i>	barbado, bugio	3, 5	BA			EN	
<i>Chrysocyon brachyurus</i>	lobo-guará, guará	2, 3, 4, 5, 7	BA	NT	VU	EN	VU
<i>Kerodon rupestris</i>	mocó	2, 6, 8			VU		
<i>Leopardus pardalis</i>	jaguatirica	1, 2, 3, 4, 5, 7				VU	VU
<i>Leopardus tigrinus</i>	gato-do-mato-pequeno	1, 3, 4, 5, 7		VU	EN	VU	VU
<i>Lontra longicaudis</i>	lontra	2, 3, 5, 7	BA	NT		VU	VU
<i>Lycalopex vetulus</i>	raposinha	3, 4, 5, 6, 7	BA; E		VU	VU	
<i>Myrmecophaga tridactyla</i>	tamanduá-bandeira	1, 2, 4	E	VU	VU	VU	VU
<i>Oligoryzomys rupestris</i>	rato-do-mato	6			EN	VU	
<i>Ozotoceros bezoarticus</i>	veado-campeiro	4, 7		NT		EN	EN
<i>Panthera onca</i>	onça-pintada	4, 7		NT	VU	CR	CR
<i>Pecari tajacu</i>	cateto, caititu	1, 3, 4, 5, 7					VU
<i>Priodontes maximus</i>	tatu-canastra	2, 4, 7		VU	VU	EN	EN
<i>Puma concolor</i>	onça-parda, suçuarana, leão-baio	1, 2, 3, 4, 5, 7	BA; AF		VU	VU	VU
<i>Puma yagouaroundi</i>	jaguarundi, gato-mourisco	3, 4, 5, 6, 7			VU	VU	
<i>Tapirus terrestris</i>	anta	1, 4		VU	VU	EN	EN
<i>Thalpomys lasiotis</i>	rato-do-chão	3			EN		
<i>Thylamys karimii</i>	cuíca, catita	6		VU			
<i>Tolypeutes tricinctus</i>	tatu-bola	4		VU	EN	EN	
<i>Trinomys moojeni</i>	rato-de-espinho	3		EN	EN		VU

Das espécies registradas através dos métodos sistemáticos apenas três são consideradas endêmicas, os roedores *Calomys expulsus* e *Wiedomys pyrrhorhinos*, e o canídeo *Lycalopex vetulus*. Das espécies de potencial ocorrência para a região de amostragem 17 são consideradas endêmicas. Além das três já citadas acima podemos citar: as cuícas *Gracilinanus microtarsus*, *Monodelphis kunsii*, os saguis *Callithrix geoffroyi*, *Callithrix jacchus*, o bugio *Alouatta guariba*, o caxinguelê *Guerlinguetus ingrami* e os roedores *Euryoryzomys russatus*, *Oecomys concolor*, *Oligoryzomys concolor*, *Oxymycterus dasytrichus*, *Thalpomys lasiotis*, *Kerodon rupestris*, *Trinomys minor* e *Trinomys setosus*.

Quadro 2.2.3.3.1-8 - Espécies endêmicas da mastofauna para área de estudo da LT 500 KV Igaporã III – Presidente Juscelino. Dados primários obtidos em junho e agosto de 2017 (estação seca).

Legenda: Dados Secundários: 2- Bertoluci *et al.* (2009); 4 - Moura (2010); 6 - Freitas *et al.* (2012). Categorias de ameaça: IUCN (2017-1); Método de registro: AF = Armadilha Fotográfica; BA = Busca ativa; E = Entrevista; LT = Live trap; PT = Pitfall trap. Distribuição: E = Endêmicas.

Ordem	Nome comum	Dados Secundários	Método de Amostragem	Distribuição
Alouatta guariba	bugio	3		E
Callithrix geoffroyi	sagui-de-cara-branca	3, 5		E
Callithrix jacchus	sagui-de-tufos-branco	1, 6		E
Calomys expulsus	rato-do-chão	6, 8	LT; PT	E
Euryoryzomys russatus	rato-do-mato	3		E
Gracilinanus microtarsus	cuíca	6		E
Guerlinguetus ingrami	caxinguelê, esquilo	2, 3		E
Kerodon rupestris	mocó	2, 6, 8		E
Lycalopex vetulus	raposinha	3, 4, 5, 6, 7	BA; E	E
Monodelphis kunsii	catita	3		E
Oecomys concolor	rato-da-árvore	3		E
Oligoryzomys rupestris	rato-do-mato	6		E
Oxymycterus dasytrichus	rato-do-brejo	3, 8		E
Thalpomys lasiotis	rato-do-chão	3		E
Trinomys minor	rato-de-espinho	8		E
Trinomys setosus	rato-de-espinho	3	(vazio)	E
Wiedomys pyrrhorhinos	rato-de-fava	6	LT	E

2.2.3.3.1.4.7 - Espécies Bioindicadoras de Qualidade Ambiental

A maior parte das espécies que foram registradas nas regiões não é indicadora de boa qualidade ambiental, dado seu hábito generalista, suas populações normalmente abundantes e sua tolerância a pressões antrópicas e à fragmentação (LEITE *et al.*, 1996). Estas características normalmente estão ligadas a espécies cujas populações resistem, ou em alguns casos, são favorecidas, em longo prazo em áreas que sofrem pressões antrópicas. Este é o caso do cachorro-do-mato (*Cerdocyon thous*), sagui - *Callithrix*

penicillata e o tatu-de-rabo-mole - *Euphractus sexcinctus*, registradas em todas as regiões de amostragem. Porém, algumas espécies que possuem maiores exigências ambientais e que podem ser consideradas bioindicadoras foram registradas na região R2. Essas espécies são a onça parda (*Puma concolor*) e o lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*), que apesar de possuírem certa tolerância a perturbações antrópicas, são animais que possuem grandes áreas de vida - onça parda - 32 km²; lobo-guará - 35.9 km², e precisam de uma quantidade considerável de presas para sobreviver. Ainda a lontra (*Lontra longicaudis*) e o mão-pelada (*Procyon cancrivorus*), apesar de serem mamíferos generalistas com ampla distribuição geográfica e de ocorrência comum, são dependentes de fontes de água e suscetíveis ao desaparecimento em corredores florestais ripários (MICHALSKI & PERES, 2005).

2.2.3.3.1.4.8 - Espécies de Importância Econômica e Cinegética

Comunidades de mamíferos sofrem com a pressão da caça ilegal que, continua sendo praticada de maneira esportiva ou recreativa e até mesmo profissional na maioria das áreas do Brasil. Diversos estudos demonstram impactos dessa atividade nas comunidades de mamíferos como mudanças na abundância, alterações comportamentais e até mesmo extinções locais de algumas espécies devido a essa atividade (PERES, 1990).

O Apêndice I do CITES classifica as espécies em perigo de extinção, onde o comércio só é permitido com autorização excepcional. No Apêndice II estão as espécies que não estão em perigo de extinção, mas seu comércio deve ser controlado para que as populações não entrem em declínio. Dentre as 25 espécies registradas por métodos sistemáticos nas regiões de amostragem, apenas quatro estão listadas nos apêndices da CITES (2017) (Quadro 2.2.3.3.1-9). A lontra (*Lontra longicaudis*) e o felino *Puma concolor* são listados no Apêndice I, e os canídeos *Chrysocyon brachyurus*, *Cerdocyon thous*, são listados no Apêndice II (CITES, 2017). Felinos e canídeos podem gerar conflitos com a população local devido a eventuais ataques a animais de criação, podendo ser perseguidos e mortos. Já a lontra possui interesse comercial e foi extremamente caçada por sua pele nos anos 1950 a 1970, e teve sua população drasticamente reduzida. Considerando as entrevistas podemos citar também o tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*), listado no Apêndice II do CITES e a paca (*Cuniculus paca*), citado no Apêndice III.

Ainda, dentre as espécies registradas através do levantamento de dados secundários, com potencial ocorrência para região, podemos citar o tatu-canastra (*Priodontes maximus*), jaguatirica (*Leopardus pardalis*), gato-do-mato-pequeno (*Leopardus tigrinus*), o gato mourisco (*Puma yagouaroundi*), a onça pintada (*Panthera onca*), e o veado campeiro (*Ozotoceros bezoarticus*) listados no Apêndice I e a anta (*Tapirus terrestris*) e o cateto (*Pecari tajacu*) listados no Apêndice II.

Ainda, o tatu-peba (*Euphractus sexcinctus*) apesar de não estar listados em nenhum destes apêndices, tem relevância cinegética nas três regiões de amostragem, sendo uma espécie comumente caçada para alimentação de subsistência. Nenhuma outra espécie de interesse cinegético foi mencionada durante as entrevistas.

Quadro 2.2.3.3.1-9- Espécies, nome comum, região de amostragem e método de registro das espécies da mastofauna com importância econômica e cinegética registradas durante o levantamento da mastofauna da LT 500 kV Igaporã III-Presidente Juscelino, nos estados de Minas Gerais e Bahia, entre julho/agosto de 2017 (estação seca).

Legenda: Região de Amostragem (R1, R2 R3); Métodos de Amostragem (DS – Dado Secundário; EN – entrevista; BA – busca ativa; AF – armadilha fotográfica; SH – Sherman; TW tomahawk; PIT – pitfall); Ap.I – apêndice I e Ap.II – apêndice II.

Espécie	Nome comum	Região de amostragem	Método de Registro	CITES
<i>Priodontes maximus</i>	tatu-canastra		DS	I
<i>Myrmecophaga tridactyla</i>	tamanduá-bandeira	R1; R2	DS; E	II
<i>Cuniculus paca</i>	paca	R2	DS; E	III
<i>Leopardus pardalis</i>	jaguaririca		DS	I
<i>Leopardus tigrinus</i>	gato-do-mato-pequeno		DS	I
<i>Puma concolor</i>	onça-parda, suçuarana, leão-baio	R2	DS; BA; AF	I
<i>Puma yagouaroundi</i>	jaguarundi, gato-mourisco		DS	I
<i>Panthera onca</i>	onça-pintada		DS	I
<i>Cerdocyon thous</i>	cachorro-do-mato, graxaim, raposa	R1; R2; R3	DS; AF; BA; E	II
<i>Chrysocyon brachyurus</i>	lobo-guará, guará	R2	DS; BA	II
<i>Lontra longicaudis</i>	lontra	R2	DS; BA	I
<i>Tapirus terrestris</i>	anta		DS	II
<i>Pecari tajacu</i>	cateto, caititu		DS	II
<i>Ozotoceros bezoarticus</i>	veado-campeiro		DS	I

2.2.3.3.1.4.9 - Espécies Potencialmente Invasoras, Oportunistas ou de Risco Epidemiológico, Incluindo as Domésticas

Em todas as regiões de amostragem foi registrada a presença de cães domésticos. A introdução de espécies exóticas e domésticas, como os cães, vem causando profunda alteração às comunidades nativas e suas características biológicas (MACK *et al.*, 2000). Esses animais podem causar a extinção de espécies nativas vulneráveis por meio da predação, herbivoria, competição, transmissão de patógenos e alteração de habitat (MACK *et al.*, 2000). Espécies invasoras de sucesso possuem algumas características em comum associadas à capacidade de expansão a partir de uma população pequena em ambientes novos. Em geral, são espécies generalistas, em muitos casos predadores, que apresentam eficiência na dispersão e rápido aumento populacional em condições favoráveis (PULLIN, 2002).

Cães (*Canis lupus familiares*) por exemplo, apresentam todas os atributos que os caracterizam como espécie invasora – generalistas, predadores, alta eficiência de dispersão e rápido aumento populacional – e foram introduzidos como animais de estimação, tendo se distribuído aonde o homem se fixou (PIMENTEL *et al.*, 2000), formando populações ferais em algumas regiões (PIMENTEL *et al.*, 2000). Esses animais são os carnívoros mais abundantes e bem adaptados, apresentando distância média de dispersão de 1.7 km (PAL *et al.*, 1998) e agindo como predadores de animais silvestres (OLIVEIRA *et al.*, 2008). Normalmente existe uma forte relação positiva entre a densidade populacional desses animais e de homens (KITALA *et al.*, 2001). Os cães competem por presas com as espécies nativas, predam as espécies mais suscetíveis, além dos filhotes, e podem contaminar espécies nativas por parasitas e agentes infecciosos (GALETTI & SAZIMA, 2006; YOUNG *et al.*, 2011).

Sob o ponto de vista do risco epidemiológico, mamíferos são reservatórios e hospedeiros de uma gama de parasitos, podendo ser importantes vetores de doenças, inclusive para o homem (CHAVEZ, 2001). Porém, para que essas espécies de mamíferos reservatórios possam apresentar algum risco epidemiológico na paisagem onde estão inseridas, elas devem apresentar altas abundâncias, o que reflete em altas chances de transmissão do patógeno para o homem. No presente estudo apenas os roedores *Thrichomys apereoides* e *Calomys exulsus* apresentaram indícios de altas densidades, sendo registrados 20 e 17 vezes respectivamente. Os roedores do gênero *Thrichomys* e *Calomys* são vetores do flagelado *Trypanosoma cruzi*, causador da doença de chagas (GALVÃO, 2014), e ainda podem ser portadores e transmissores de leishmaniose (ROQUE *et al.*, 2010). Além deles, os marsupiais do gênero *Didelphis* (gambás), *Monodelphis domestica*, e os cingulatas em geral (tatus) também podem ser vetores de *T. cruzi* (COMINETTI, 2010). Nas regiões de amostragem onde esses animais foram registrados não há evidências de nenhum surto epidemiológico (CIEVS, 2017). Nenhuma outra espécie identificada como reservatório foi registrada em densidades elevadas.

Vale a pena ressaltar que as capivaras, apesar de terem sido registradas poucas vezes na área de estudo, apresentam um papel importante na transmissão da febre maculosa, por serem hospedeiros amplificadores da bactéria causadora da doença, a *Rickettsia rickettsii* (riquettsia). A febre maculosa é transmitida aos seres humanos pela picada do carrapato-estrela infectado com riquetsia. Os carrapatos podem se infectar através das capivaras ou pela transmissão transovariana de um carrapato infectado, o que significa que esses já nascem com a capacidade de transmitir a bactéria. A única forma de controlar a contaminação pela bactéria *Rickettsia rickettsii* é o controle do carrapato-estrela e de seus hospedeiros, como as capivaras.

2.2.3.3.1.5 - Considerações Finais

A riqueza de mamíferos observada na área de estudo da LT 500 kV Igaporã III-Presidente Juscelino (S= 33) representa 36.1% do potencial de espécies de potencial ocorrência na área de estudo do empreendimento de acordo com os dados secundários considerados. De todos os mamíferos registrados nos dados primários, três (*Marmosa murina* (cuíca), *Hylaeamys megacephalus*, e o gênero *Thylamys* sp.) não constavam nestes estudos levantados para a Caatinga e Cerrado (S=83). Quando consideramos somente os registros obtidos por meio de métodos sistemáticos, desconsiderando as entrevistas, a riqueza obtida se reduz a 30 espécies, representando 32,5% do potencial total. Destas 30 espécies, 17 foram registradas em R1, 22 em R2 e nove em R3. Não houve diferença significativa na composição de espécies de mamíferos não voadores entre as regiões, apesar de R2 apresentar dez espécies exclusivas e R1 quatro. Características associadas às regiões, como diferentes fitofisionômicas, o grau de antropização e regime hídrico local podem ter afetado a composição de espécies, principalmente em R2, que apresenta o menor grau de perturbação observado.

Dentre os mamíferos não voadores registrados por dados primários, três espécies estão ameaçadas de extinção em nível global, nacional e estadual: o lobo guará (*Chrysocyon brachyurus*), o tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*) e a lontra (*Lontra longicaudis*); duas em nível global e estadual: a onça parda (*Puma concolor*) e a raposa-do-campo (*Lycalopex vetulus*); e uma está ameaçada apenas em nível estadual: o bugio (*Alouatta caraya*), totalizando seis espécies ameaçadas registradas. Das espécies registradas no presente estudo 17 são listadas como endêmicas para a caatinga ou cerrado, destas podemos citar: cuica - *Gracilinanus microtarsus*, catita - *Monodelphis kunsii*, *Callithrix geoffroyi*, *Callithrix jacchus*, *Alouatta guariba*, *Guerlinguetus ingrami*, rato-do-mato - *Euryoryzomys russatus*, rato-da-árvore - *Oecomys concolor*, rato-do-brejo - *Oxymycterus dasytrichus*, rato-do-chão - *Thalpomys lasiotis*, mocó - *Kerodon rupestris*, rato-de-espinho - *Trinomys minor* e rato-de-espinho - *Trinomys setosus*.

Baseado nos resultados discutidos ao longo do relatório, este estudo foi capaz de caracterizar a mastofauna não voadora presente na área de amostragem deste empreendimento de maneira adequada, servindo como base para a avaliação dos impactos ambientais decorrentes da implantação da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino sobre este grupo. Vale ressaltar que a maioria das espécies registradas são espécies generalistas de habitat, com alta tolerância à perturbação antrópica, capaz de sobreviver e se adaptar em ambientes alterados.

ÍNDICE

2.2.3.3.2 -	Avifauna.....	4/68
2.2.3.3.2.1 -	Dados secundários.....	4/68
2.2.3.3.2.2 -	Dados Primários.....	6/68
2.2.3.3.2.3 -	Métodos de Amostragem.....	6/68
2.2.3.3.2.3.1 -	Análise de dados.....	14/68
2.2.3.3.2.4 -	Resultados e discussão.....	16/68
2.2.3.3.2.4.1 -	Lista de espécies, riqueza e representatividade do estudo.....	16/68
2.2.3.3.2.4.2 -	Relevância Regional (comparação com os dados secundários).....	45/68
2.2.3.3.2.4.3 -	Suficiência Amostral – Curva do Coletor (Curva de Rarefação) e Riqueza estimada.....	45/68
2.2.3.3.2.4.4 -	Sucesso Amostral.....	47/68
2.2.3.3.2.4.5 -	Comparação entre as regiões de amostragem.....	51/68
2.2.3.3.2.4.6 -	Índice de Frequência das Listas (IFL).....	56/68
2.2.3.3.2.4.7 -	Índice Pontual de Abundância.....	58/68
2.2.3.3.2.4.8 -	Espécies Ameaçadas, Raras, Endêmicas e Novos Registros.....	60/68
2.2.3.3.2.4.9 -	Espécies Bioindicadoras de Qualidade Ambiental.....	64/68
2.2.3.3.2.4.10 -	Espécies de Importância Econômica e Cinegética.....	65/68
2.2.3.3.2.4.11 -	Espécies Potencialmente Invasoras, Oportunistas ou de Risco Epidemiológico, Incluindo as Domésticas.....	67/68
2.2.3.3.2.4.12 -	Espécies Migratórias e Suas Rotas.....	68/68
2.2.3.3.2.5 -	Considerações Finais.....	68/68

ANEXOS

Anexo 2.2.3.3.2-1 Dados Brutos Digitais

Anexo 2.2.3.3.2-2 Cartas de Tomabamento da Fauna

Legendas

Quadro 2.2.3.3-1 - Referências bibliográficas utilizadas como fonte de dados secundários para o levantamento da avifauna de potencial ocorrência na área de estudo da LT 500 kV Igaporã III - Presidente Juscelino (MG/BA).....	5/68
Figura 2.2.3.3-1 - Esquema de rede de neblina como as instaladas nas regiões de amostragem da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino, durante a primeira campanha de amostragem de aves (estação seca), julho/agosto de 2017.	7/68
Quadro 2.2.3.3-2- Localização geográfica e fitofisionomia das unidades amostrais, por região de amostragem, da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino (MG/BA), durante a primeira campanha de levantamento de aves (estação seca), julho/agosto de 2017.....	8/68
Quadro 2.2.3.3-3- Esforço amostral por método de amostragem utilizado durante o levantamento da avifauna da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino nos estados de Minas Gerais e Bahia), em julho/agosto de 2017 (estação seca), por região de amostragem.....	14/68
Figura 2.2.3.3-2-Famílias mais representativas registradas durante a primeira campanha de levantamento da avifauna da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino (julho/agosto 2017), estação seca.....	19/68
Quadro 2.2.3.3-4- Lista das espécies da avifauna registradas por meio do levantamento de dados primários e secundários (dados secundários) para a área de estudo da LT 500kV Igaporã III-Presidente Juscelino (MG/BA), julho/agosto 2017.....	20/68
Figura 2.2.3.3-3 - Curva de rarefação de espécies da avifauna registradas nas três regiões de amostragem por meio de captura por redes de neblina, pontos de escuta lista de <i>Mackinnon</i> durante a primeira campanha de levantamento da avifauna na área de estudo da LT 500 kV Igaporã III-Presidente Juscelino (julho/agosto de 2017), estação seca.....	46/68
Quadro 2.2.3.3-5 - Sucesso de captura (número de indivíduos registrados/esforço amostral), por região de amostragem durante a primeira campanha de levantamento da avifauna na área de estudo da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino (MG/BA). Dados obtidos em julho/agosto de 2017, estação seca.....	47/68

Quadro 2.2.3.3-6 - Taxa de captura das espécies da avifauna capturadas em rede de neblina em cada região de amostragem no levantamento de avifauna da LT 500 kV Igaporá III – Presidente Juscelino (MG/BA). Dados obtidos em julho/agosto de 2017, estação seca.....	49/68
Quadro 2.2.3.3-7 - Resultado da comparação entre as regiões de amostragem por meio do Índice de Similaridade de Jaccard (ISj). Dados obtidos por meio do levantamento de fauna na área de estudo da LT 500 kV Igaporá III – Presidente Juscelino (MG/BA), (julho/agosto de 2017).....	52/68
Figura 2.2.3.3-4 - Análise de agrupamento entre as regiões de amostragem durante a primeira campanha de levantamento da avifauna da LT 230 kV Igaporá III – Presidente Juscelino (julho/agosto 2017).....	53/68
Figura 2.2.3.3-5 - Ordenação das unidades amostrais por escalonamento multidimensional não métrico (NMDS) baseado na presença e ausência das espécies de aves registradas por dia durante o levantamento da fauna da LT 500 kV Igaporá III-Presidente Juscelino, nos estados de Minas Gerais e da Bahia, entre julho e agosto de 2017 (estação seca), por região de amostragem.....	54/68
Figura 2.2.3.3-6-Número de espécies da avifauna registradas em cada região de amostragem do levantamento da avifauna e exclusividades na área de estudo da LT 500 kV Igaporá III – Presidente Juscelino. Dados obtidos em julho/agosto de 2017 (estação seca).....	55/68
Quadro 2.2.3.3-8- Indicadores ecológicos por região de amostragem tendo como base os métodos que permitem inferir a abundância (Redes de neblina e Pontos de escuta). Dados obtidos por meio do levantamento de fauna na área de estudo da LT 500 kV Igaporá III – Presidente Juscelino (MG/BA). Dados obtidos em julho/agosto de 2017.....	56/68
Figura 2.2.3.3-7-Espécies de aves dominantes por região amostral, segundo o Índice de Frequência nas Listas (IFL) com base no método de Listas de <i>Mackinnon</i> no levantamento de avifauna na área de estudo da LT 500 kV Igaporá III – Presidente Juscelino (MG/BA). Dados obtidos em julho/agosto de 2017.	58
Figura 2.2.3.3-8-- Espécies de aves dominantes por região amostral, segundo o Índice Pontual de Abundância com base no método de Pontos de observação e de escuta no levantamento de avifauna na área de estudo da LT 500 kV Igaporá III – Presidente Juscelino (MG/BA). Dados obtidos em julho/agosto de 2017 (estação seca).....	60/68

Quadro 2.2.3.3-9- Espécies da avifauna incluídas nas listas de espécies ameaçadas de extinção com ocorrência potencial para área de estudo da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino. Dados primários obtidos em junho e agosto de 2017 (estação seca).....	61/68
Quadro 2.2.3.3-10 Lista das espécies endêmicas registradas durante a primeira campanha de levantamento da avifauna da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino (julho/agosto de 2017), estação seca.....	63/68
Quadro 2.2.3.3-11- Espécies presentes na lista da CITES (2017) registradas durante a primeira campanha de levantamento da avifauna na área de estudo da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino(MG/BA) e seus respectivos Apêndices. Dados obtidos em julho/agosto de 2017.....	66/68

2.2.3.3.2 - Avifauna

Para a avifauna, a região da Caatinga é considerada um importante centro de endemismo (CRACRAFT, 1985; RIZZINI, 1997), embora sejam reconhecidas apenas 25 espécies de aves endêmicas (OLMOS *et al.*, 2005; ICMBio, 2011). Apesar do baixo endemismo, quando comparado com as regiões florestais (Amazônia e Mata Atlântica, por exemplo), neste bioma são encontradas cerca de 510 espécies de aves, que ocupam desde áreas semiáridas até os enclaves mais úmidos, como os brejos de altitude presentes em Pernambuco, Paraíba e Ceará (SILVA *et al.*, 2003). Este número representa 26,8% das espécies de aves com ocorrência confirmada para o território brasileiro (1919 espécies – Piacentini *et al.*, 2015). Entretanto, recentemente, revelou-se que a avifauna deste bioma pode estar subestimada. Prova disto é o recente levantamento onde foram registradas 596 espécies apenas na porção baiana deste bioma (MACHADO 2013).

A avifauna do Cerrado é considerada um dos componentes mais expressivos da diversidade biológica dessa formação, sendo composta por cerca de 840 espécies (BAGNO & MARINHO-FILHO, 2001; CÁCERES *et al.*, 2008). Destas, 36 espécies (4,3% do total) são endêmicas, ocorrendo apenas nas formações associadas ao Cerrado (CAVALCANTI, 1999; MACEDO, 2002; SILVA & BATES, 2002).

Linhas de transmissão descaracterizam a paisagem ao fragmentá-la e seu impacto sobre a fauna varia de acordo com o grupo taxonômico. As aves, por apresentarem taxonomia bem elucidada, possuem grande diversidade e ocupam um vasto número de micro habitats, muitos deles singulares, dentro de suas áreas de distribuição geográfica são consideradas boas indicadores de qualidade ambiental (STOTZ *et al.*, 1996). De acordo com a composição e abundância das espécies, é possível se avaliar, ao longo do tempo, os efeitos de alterações na paisagem sobre a assembleia de aves (DÁRIO, 1999). A persistência/tolerância de cada espécie a modificações em seu habitat irá variar de acordo com a capacidade intrínseca de cada espécie de se adaptar e modificar o seu nicho ecológico (espécies mais plásticas tendem a aumentar seu nicho ecológico e permanecer na área) (WELTY & BAPTISTAL, 1962).

2.2.3.3.2.1 - Dados secundários

De forma a conhecer a avifauna de potencial ocorrência para da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino, foram utilizados sete estudos científicos/técnicos e base de dados confiáveis disponíveis na internet (**Quadro 2.2.3.3-1**). Importante salientar que estudos com mais de uma área amostral, foram considerados os registros apenas de áreas localizadas próximo ao empreendimento.

- **Wikiaves (2017):** base de registros fotográficos e de sons de aves nos municípios de Corinto (MG), Juramento (MG) e Caetité (BA). Resultou em uma riqueza de 313 espécies.
- **ATE/Ecology (2014):** estudo resultante do EIA da LT 500kV Miracema – Sapeçu e Subestações Associadas. Riqueza de 150 espécies de aves, registradas por meio dos métodos redes de neblina, censo e pontos de observação e escuta. Áreas amostradas: Iramaia (BA) e Maracás (BA).
- **Carrara et al. (2013):** estudo realizado na Serra da Barreira, Chapada de Santo Antonio, Chapada de Lamarão, Chapada de São José e Chapada de São Domingos (MG) utilizando-se redes de neblina, pontos de escuta e observação e transecção. A riqueza total registrada foi de 277 espécies.
- **Oliveira (2013):** estudo realizado no Parque Estadual do Biribiri, APA Pau-de-Fruta e Parque Estadual do Rio Preto, utilizando-se apenas o método de observação. Riqueza encontrada foi de 149 espécies.
- **Vasconcelos et al. (2012):** estudo realizado no Brejinho das Ametistas, Caetité (BA) que reuniu riqueza de 406 espécies de aves. Método utilizado: transecção.
- **Vasconcelos & D'Angelo Neto (2007):** estudo realizado na parte central da Cadeia do Espinhaço (MG) que culminou em riqueza de 259 espécies.
- **Rodrigues et al. (2005):** estudo realizado nos municípios de Jaboticatubas, Santana do Riacho, Morro do Pilar, Itambé do Mato Dentro, Itabira e Nova União (MG) que culminou na riqueza de 224 espécies.

Quadro 2.2.3.3-1 - Referências bibliográficas utilizadas como fonte de dados secundários para o levantamento da avifauna de potencial ocorrência na área de estudo da LT 500 kV Igaporã III - Presidente Juscelino (MG/BA).

Legenda: (*) Riqueza considerada para compilação da presente lista, nem sempre representa a riqueza total do estudo consultado. NI: não informado

Nº	Fonte Bibliográfica	Localidade	Coordenadas	Esforço	Riqueza*
1	Wikiaves (2017)	Corinto, Montes Claros e Caetité	NI	NI	313
2	ATE/Ecology (2014)	Iramaia (BA) e Maracás (BA)	13°24'59.85"S;41°8'16.93"O/ 13°16'41.78"S;40°34'40.82"O	Redes de neblina: 17.280 m ² *rede*h Censo: 16 km Pontos de observação: 640 min	150
3	Carrara et al. (2013)	Serra da Barreira, Chapada de Santo Antônio, Chapada de Lamarão, Chapada de São José e Chapada de São Domingos	17°38'S 43°26'O e 16°47'S e 42°15'O	Redes-de-neblina: 7805,4 h-rede Pontos de observação: 3840 min Transecção: 1294 horas	277
4	Oliveira (2013)	Parque Estadual do Biribiri, APA Pau-de-Fruta e Parque Estadual do Rio Preto	18°15'21.29"S; 3°37'37.98"O/ 18° 8'19.91"S; 43°34'21.90"O/ 18° 9'37.08"S; 18° 9'37.08"S	Observação: 360 horas	149

Nº	Fonte Bibliográfica	Localidade	Coordenadas	Esforço	Riqueza*
5	Vasconcelos <i>et al.</i> (2012)	Brejinho das Ametistas, Caetité (BA)	14°15'46"S; 42°31'28"O	Transecção: 417 horas	406
6	Vasconcelos & D'Angelo Neto (2007)	Central da Cadeira do Espinhaço (MG)	17° 48'S; 43° 43'O	NI	259
7	Rodrigues <i>et al.</i> (2005)	Jaboticatubas, Santana do Riacho, Morro do Pilar, Itambé do Mato Dentro, Itabira e Nova União (MG)	19°20'S; 43°44'O	NI	224

2.2.3.3.2.2 - Dados Primários

O levantamento de dados primários da avifauna na área de estudo da LT 500 kV Igaporá III – Presidente Juscelino foi realizado no período de 23 de julho a 07 de agosto de 2017 (primeira amostragem, estação seca) em três regiões de amostragem: R1 – Corinto (MG); R2 – Juramento (MG) e, R3 – Caetité (BA). Vale ressaltar que as áreas de amostragem selecionadas concentram recursos necessários para alimentação, descanso ou nidificação da avifauna.

2.2.3.3.2.3 - Métodos de Amostragem

Três métodos sistemáticos e complementares foram utilizados para a amostragem da avifauna e um método não-sistemático, a saber: 1) Lista de *Mackinnon*, 2) Pontos de escuta, 3) Redes de Neblina e 4) Registro Ocasional. A localização geográfica e fitofisionomia das unidades amostrais utilizadas constam no **Quadro 2.2.3.3-2** e nos **Mapas dos Pontos de Amostragem da Avifauna - 3264-00-EIA-MP-3012 a 3014**, no **Caderno de Mapas**.

Lista de *Mackinnon*: proposto por John Mackinnon (MACKINNON, 1991), este método foi desenvolvido para ser aplicado em inventários faunísticos rápidos acompanhando uma curva de acumulação de espécies, que permite comparações confiáveis entre as regiões de amostragem ou da mesma área em diferentes períodos do ano (RIBON, 2010). Este método consiste na elaboração de listas de 10 espécies, onde são registradas todas as espécies observadas/escutadas. Independentemente do número de indivíduos observados, cada espécie é registrada apenas uma vez em cada lista. Ao se completar 10 espécies diferentes, dá-se início a uma nova lista. Na segunda lista e nas demais podem ser registrados novos indivíduos de qualquer das 10 espécies da lista anterior, desde que se tenha certeza de que não se trata do mesmo indivíduo registrado anteriormente (RIBON, 2010). Este método foi realizado diariamente durante 2h no período vespertino (entre 16 e 18h) em cada região de amostragem. O esforço total deste método foi de 8h por região de amostragem (2h * 4 dias *1 região) e 24h (2h * 4 dias * 3 regiões) por

campanha de amostragem. Cada lista de *Mackinnon* elaborada foi georreferenciada e considerada uma unidade amostral (**Quadro 2.2.3.3-3**).

Pontos de observação e escuta: este método consiste na realização de pontos de observação e escuta com distância mínima e tempo de amostragem pré-determinados de modo que a abundância das espécies possa ser registrada (VIELLIARD *et al.*, 2000). Foram realizados cinco (05) pontos diários, sempre no período matutino (6:30 – 8h) distantes no mínimo 200m entre si por quatro dias em cada região de amostragem. O tempo de espera de cada ponto foi de 15 minutos. Em cada ponto foram registradas todas as espécies observadas/escutadas em um raio de 50m, bem como o número de indivíduos de cada espécie. O esforço deste método em cada região de amostragem foi de 300 minutos (15min * 5 pontos * 4dias) e 900 minutos por campanha (15min * 5 pontos * 4 dias * 3 regiões).

Redes de neblina: este método consiste na montagem, no sub-bosque, de redes de fina malha que permitem a captura dos indivíduos. A captura possibilita o anilhamento (técnica de marcação com anéis de alumínio ou coloridas) que, por conseguinte, permite o acompanhamento dos indivíduos ao longo do tempo. Este método, portanto, permite inferir se os indivíduos capturados permanecem na área amostrada durante a instalação e posterior operação do empreendimento. Em cada região de amostragem, foram montados dois conjuntos contendo seis redes de neblina em cada. As redes possuíam 12m de comprimento por 2,5 m de altura e malha de 30mm. As redes foram montadas diariamente em trilhas diferentes e foram abertas ao amanhecer (6h) e fechadas 5h depois, totalizando um esforço de 240 horas-rede por região de amostragem (12 redes * 5h * 4 trilhas) ou 7200 m²*h e 720 horas-rede por campanha ou 21.600 m²*h. Cada conjunto de seis redes foi considerado uma unidade amostral e estes foram montados a uma distância mínima de 100 m de outro conjunto (**Erro! Fonte de referência não encontrada.**).

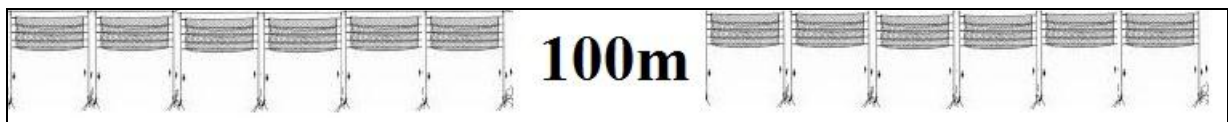


Figura 2.2.3.3-1 - Esquema de rede de neblina como as instaladas nas regiões de amostragem da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino, durante a primeira campanha de amostragem de aves (estação seca), julho/agosto de 2017.

As redes foram revisadas a cada 30 min. Os indivíduos capturados foram mensurados, identificados ao nível de espécie e aqueles que apresentam dimorfismo sexual (evidenciado pela coloração da plumagem) tiveram também seu respectivo sexo identificado.

Após este procedimento, as aves foram pesadas com dinamômetros do tipo Pesola® (g) e medidas com auxílio de régua (mm) e paquímetro. As medidas registradas foram: comprimento total, asa direita, cauda e comprimento do bico. Por fim, cada indivíduo foi solto nas proximidades da unidade amostral onde foi capturado (**Anexo 2.2.3.3.2-1 - Dados Brutos Digitais**).

Registros ocasionais: foram realizados ao longo do dia, durante os deslocamentos para a região de amostragem ou fora dos horários de amostragem padronizadas. Estes registros auxiliam no aumento da riqueza da região amostrada, visto que os registros fortuitos fora das áreas pré-determinadas podem agregar dados de riqueza ao estudo, porém não foram acrescentadas nas análises estatísticas.

A localização geográfica de cada unidade amostral, por região de amostragem, encontra-se no **Quadro 2.2.3.3-2** e o esforço amostral por método e região no **Quadro 2.2.3.3-3**.

Quadro 2.2.3.3-2- Localização geográfica e fitofisionomia das unidades amostrais, por região de amostragem, da LT 500 kV Igaporá III – Presidente Juscelino (MG/BA), durante a primeira campanha de levantamento de aves (estação seca), julho/agosto de 2017.

Região de Amostragem	Unid. Amostral	Coordenadas (WGS 1984)		Fitofisionomia
		Lat	Long	
R1-Corinto (MG)	R1LM01	-7970791	-583287	Savana Arborizada Antropizada
	R1LM02	-7970694	-583153	Savana Arborizada Antropizada
	R1LM03	-7970563	-582919	Campo antropizado
	R1LM04	-7970363	-582862	Savana Arborizada Antropizada
	R1LM05	-7970343	-582913	Savana Arborizada Antropizada
	R1LM06	-7970293	-583042	Savana Arborizada Antropizada
	R1LM07	-7970229	-583260	Savana Arborizada Antropizada
	R1LM08	-7970259	-583427	Savana Arborizada Antropizada
	R1LM09	-7970402	-583325	Savana Arborizada Antropizada
	R1LM10	-7970593	-583367	Savana Arborizada Antropizada
	R1LM11	-7963625	-585573	Floresta Estacional Semidecidual
	R1LM12	-7963523	-585613	Floresta Estacional Semidecidual
	R1LM13	-7963458	-585604	Floresta Estacional Semidecidual
	R1LM14	-7963330	-585671	Floresta Estacional Semidecidual

Região de Amostragem	Unid. Amostral	Coordenadas (WGS 1984)		Fitofisionomia
		Lat	Long	
R1-Corinto (MG)	R1LM15	-7964450	-585101	Floresta Estacional Semidecidual
	R1LM16	-7964156	-585143	Floresta Estacional Semidecidual
	R1LM17	-7963990	-585263	Floresta Estacional Semidecidual
	R1LM18	-7963846	-585522	Floresta Estacional Semidecidual
	R1LM19	-7965139	-586472	Savana Arborizada Antropizada
	R1LM20	-7965352	-586225	Floresta Estacional Semidecidual
	R1LM21	-7965494	-586142	Floresta Estacional Semidecidual
	R1PE1	-7970646	-582849	Floresta Estacional Semidecidual
	R1PE2	-7970625	-582648	Campo antropizado
	R1PE3	-7970781	-582433	Campo antropizado
	R1PE4	-7970813	-582270	Campo antropizado
	R1PE5	-7970891	-582081	Campo antropizado
	R1PE6	-7963575	-585819	Floresta Estacional Semidecidual
	R1PE7	-7963718	-586040	Floresta Estacional Semidecidual
	R1PE8	-7963929	-585830	Floresta Estacional Semidecidual
	R1PE9	-7964019	-585652	Floresta Estacional Semidecidual
	R1PE10	-7963937	-585465	Floresta Estacional Semidecidual
	R1PE11	-7976320	-586050	Floresta Estacional Semidecidual
R1PE12	-7976475	-586175	Floresta Estacional Semidecidual	
R1PE13	-7976619	-586315	Floresta Estacional Semidecidual	
R1PE14	-7976880	-586266	Floresta Estacional Semidecidual	
R1PE15	-7976968	-586185	Floresta Estacional Semidecidual	
R1PE16	-7965521	-586607	Savana Arborizada Antropizada	
R1PE17	-7965469	-586864	Savana Arborizada Antropizada	
R1PE18	-7965263	-587150	Campo antropizado	

Região de Amostragem	Unid. Amostral	Coordenadas (WGS 1984)		Fitofisionomia
		Lat	Long	
R1-Corinto (MG)	R1PE19	-7965118	-587324	Campo antropizado
	R1PE20	-7965074	0587499	Campo antropizado
	R1T1Cj1	-8452817	-758483	Savana arborizada
	R1T1Cj2	-7970985	-583292	Floresta Estacional Semidecidual
	R1T2Cj1	-7963658	-585626	Floresta Estacional Semidecidual
	R1T2Cj2	-7963749	-585593	Savana arborizada
	R1T3Cj1	-7965074	-586099	Floresta Estacional Semidecidual
	R1T3Cj2	-7965040	-586095	Floresta Estacional Semidecidual
	R1T4Cj1	-7976174	-586084	Floresta Estacional Semidecidual
	R1T4Cj2	-7976276	-585969	Floresta Estacional Semidecidual
	R1RO1	-7964929	-583524	Agricultura
	R1RO2	7967129	586718	Savana Arborizada Antropizada
R2- Juramento (MG)	R2LM01	-8144425	-643083	Floresta Estacional Semidecidual
	R2LM02	-8141506	-646622	Floresta Estacional Decidual
	R2LM03	-8141616	-646723	Floresta Estacional Decidual
	R2LM04	-8144864	-643590	Floresta Estacional Semidecidual
	R2LM05	-8141681	-646795	Corpo d'água
	R2LM06	-8141469	-644635	Floresta Estacional Decidual
	R2LM07	-8141719	-646131	Floresta Estacional Decidual
	R2LM08	-8141406	-646983	Floresta Estacional Decidual
	R2LM09	-8141464	-646944	Floresta Estacional Decidual
	R2LM10	-8141525	-646887	Floresta Estacional Decidual
	R2LM11	-8141560	-646842	Floresta Estacional Decidual
	R2LM12	-8141592	-646848	Floresta Estacional Decidual
	R2LM13	-8141383	-647056	Floresta Estacional Decidual
	R2LM14	-8141396	-647075	Floresta Estacional Decidual
	R2LM15	-8141419	-647144	Floresta Estacional Decidual
	R2LM16	-8141409	-647184	Floresta Estacional Decidual
	R2LM17	-8141251	-646938	Floresta Estacional Decidual
	R2LM18	-8141295	-646925	Floresta Estacional Decidual
	R2LM19	-8141318	-646922	Floresta Estacional Decidual

Região de Amostragem	Unid. Amostral	Coordenadas (WGS 1984)		Fitofisionomia
		Lat	Long	
R2- Juramento (MG)	R2LM20	-8141032	-646800	Floresta Estacional Decidual
	R2LM21	-8140860	-646691	Floresta Estacional Decidual
	R2LM22	-8140721	-646993	Campo antropizado
	R2LM23	-8141293	-647156	Floresta Estacional Decidual
	R2LM24	-8144175	-643105	Floresta Estacional Semidecidual
	R2LM25	-8144083	-643075	Floresta Estacional Semidecidual
	R2LM26	-8143960	-643015	Floresta Estacional Semidecidual
	R2PE1	-8144208	-643124	Floresta Estacional Semidecidual
	R2PE2	-8144335	-643243	Floresta Estacional Semidecidual
	R2PE3	-8144574	-643362	Floresta Estacional Semidecidual
	R2PE4	-8144730	-643505	Floresta Estacional Semidecidual
	R2PE5	-8144745	-643711	Floresta Estacional Semidecidual
	R2PE6	-8141974	-645844	Floresta Estacional Decidual
	R2PE7	-8141852	-645695	Floresta Estacional Decidual
	R2PE8	-8141915	-645458	Floresta Estacional Decidual
	R2PE9	-8141978	-645251	Floresta Estacional Decidual
	R2PE10	-8141918	-645044	Floresta Estacional Decidual
	R2PE11	-8146551	-646260	Floresta Estacional Decidual
	R2PE12	-8146429	-646082	Floresta Estacional Semidecidual
R2PE13	-8146245	-645962	Corpo d'água	
R2PE14	-8146215	-645843	Floresta Estacional Semidecidual	
R2PE15	-8146023	-645754	Floresta Estacional Semidecidual	
R2PE16	-8144672	-642031	Floresta Estacional Semidecidual	
R2PE17	-8144883	-641971	Floresta Estacional Semidecidual	
R2PE18	-8145064	-641957	Floresta Estacional Semidecidual	
R2PE19	-8145276	-641964	Floresta Estacional Semidecidual	

Região de Amostragem	Unid. Amostral	Coordenadas (WGS 1984)		Fitofisionomia
		Lat	Long	
R2- Juramento (MG)	R2PE20	-8145497	-641971	Floresta Estacional Semidecidual
	R2T1Cj1	-8144652	-643073	Floresta Estacional Semidecidual
	R2T1Cj2	-8144852	-643052	Floresta Estacional Semidecidual
	R2T2Cj1	-8142072	-645717	Floresta Estacional Decidual
	R2T2Cj2	-8142226	-645796	Floresta Estacional Decidual
	R2T3Cj1	-8146700	-646375	Floresta Estacional Decidual
	R2T3Cj2	-8146735	-646443	Floresta Estacional Decidual
	R2T4Cj1	-8141232	-646988	Floresta Estacional Decidual
	R2T4Cj2	-8141263	-647103	Floresta Estacional Decidual
	R2RO1	8145194	642127	Floresta Estacional Semidecidual
	R2RO2	8147860	643485	Floresta Estacional Semidecidual
	R2RO3	8148094	645673	Floresta Estacional Semidecidual
R3- Caetitê (BA)	R3LM01	-8445381	-758538	Savana arborizada
	R3LM02	-8444780	-758443	Savana arborizada
	R3LM03	-8444696	-758264	Savana arborizada
	R3LM04	-8444677	-758217	Savana arborizada
	R3LM05	-8448667	-756440	Savana arborizada
	R3LM06	-8448739	-756281	Savana arborizada
	R3LM07	-8448774	-755945	Savana arborizada
	R3LM08	-8452758	-758598	Savana arborizada
	R3LM09	-8452981	-759466	Savana arborizada
	R3LM10	-8450176	-759358	Campo antropizado
	R3LM11	-8449986	-759470	Savana arborizada
	R3LM12	-8449617	-759220	Savana arborizada
	R3LM13	-8448881	-758995	Savana arborizada
	R3PE1	-8447976	-760754	Savana arborizada
	R3PE2	-8447960	-760550	Savana arborizada
	R3PE3	-8447872	-760360	Savana arborizada
	R3PE4	-8447770	-760189	Savana arborizada
	R3PE5	-8447698	-760000	Savana arborizada
	R3PE6	-8445546	-758512	Savana arborizada
R3PE7	-8445796	-758572	Campo antropizado	

Região de Amostragem	Unid. Amostral	Coordenadas (WGS 1984)		Fitofisionomia
		Lat	Long	
R3- Caetité (BA)	R3PE8	-8445627	-758905	Savana arborizada
	R3PE9	-8445399	-759155	Savana arborizada
	R3PE10	-8446056	-758518	Campo antropizado
	R3PE11	-8448729	-756619	Savana arborizada
	R3PE12	-8448930	-756631	Savana arborizada
	R3PE13	-8449338	-756674	Savana arborizada
	R3PE14	-8449525	-756702	Savana arborizada
	R3PE15	-8449784	-756740	Savana arborizada
	R3PE16	-8452705	-758315	Savana arborizada
	R3PE17	-8452664	-758117	Área antrópica
	R3PE18	-8452751	-758512	Savana arborizada
	R3PE19	-8452798	-758705	Savana arborizada
	R3PE20	-8452851	-758926	Savana arborizada
	R3T1Cj1	-8452817	-758483	Savana arborizada
	R3T1Cj2	-8452911	-758611	Savana arborizada
	R3T2Cj1	-8445430	-758768	Savana arborizada
	R3T2Cj2	-8445399	-758609	Savana arborizada
	R3T3Cj1	-8448306	-761013	Savana arborizada
	R3T3Cj2	-8448340	-761182	Savana arborizada
	R3T4Cj1	-8448632	-756933	Savana arborizada
	R3T4Cj2	-8448523	-757073	Savana arborizada
	R3RO1	-8446651	-758462	Campo antropizado
	R3RO2	-8446953	-756973	Solo exposto
	R3RO3	-8448797	-758948	Campo antropizado
	R3RO4	-8450469	-759500	Campo antropizado
	R3RO5	-8451384	-760062	Campo antropizado

Quadro 2.2.3.3-3- Esforço amostral por método de amostragem utilizado durante o levantamento da avifauna da LT 500 kV Igaporá III – Presidente Juscelino nos estados de Minas Gerais e Bahia, em julho/agosto de 2017 (estação seca), por região de amostragem.

R1- Corinto (MG), R2- Juramento (MG) e R3 – Caetité (BA).

Estação Seca	Esforço/Unidade amostral			Esforço Total
	R1	R2	R3	Total
Método				
Ponto de Observação e Escuta (minutos)	300	300	300	900
Lista de <i>Mackinnon</i> (horas)	8	8	8	24
Redes de neblina (redes-hora)	240	240	240	720

2.2.3.3.2.3.1 - Análise de dados

A riqueza da avifauna presente na área de estudo do empreendimento foi computada tendo como base todos os registros realizados por meio dos métodos sistematizados (lista de *Mackinnon*, pontos de observação e escuta e, captura com redes de neblina) e não-padronizados (registros ocasionais).

A suficiência amostral, analisada por meio dos métodos padronizados para o total da campanha, foi estimada por meio da curva de rarefação, utilizando-se os estimadores não-paramétricos *Jackknife-1* e *Bootstrap*. Esses estimadores foram escolhidos porque levam em consideração a incidência das espécies associada à presença de espécies raras (COLWELL, 2013). Esta análise foi realizada utilizando-se o programa *Estimates*®, versão 9.1 (COLWELL, 2013), e culminou na elaboração de um gráfico contendo os dados coletados pelos métodos de rede de neblina, pontos de observação e escuta e Lista de *Mackinnon*.

A diversidade de espécies de aves foi acessada por meio dos índices de *Shannon* (H') e dominância de *Simpson* (D), enquanto que a equitabilidade foi acessada por meio do índice de *Pielou* (E) (MAGURRAN, 1988). Os dados utilizados neste cálculo para todos os índices foram apenas os realizados pelo método de rede de neblina e pontos de observação e escuta, pois são os únicos que permitem inferir a abundância das espécies.

As taxas de captura para cada região de amostragem e para cada espécie foram calculadas tendo como base a fórmula:

$$TC = nx100 / HR$$

Onde "TC" significa taxa de captura, "n" significa número de indivíduos capturados na rede e "HR", número de horas-rede (ROOS *et al.*, 2006). Cada hora-rede equivale a uma rede aberta no período de uma hora. O valor de esforço total, calculado para essa análise, portanto, foi de 240 h por região de

amostragem (12 redes * 5 horas * 04 trilhas*1 campanha) e 720 h no total do estudo (12 redes * 5 horas * 04 trilhas * 03 regiões* 1 campanha).

Tendo como base o método de Lista de *Mackinnon*, calculou-se o Índice de Frequência de Listas (IFL). Para este cálculo, divide-se o número de listas em que uma determinada espécie foi registrada pelo número total de listas confeccionadas para cada região de amostragem e para o total da campanha. A partir desses valores, as espécies que apresentaram os cinco maiores valores de IFL foram consideradas como as mais frequentes no estudo.

Tendo como base o método de Pontos de Observação e Escuta, calculou-se o Índice Pontual de Abundância (IPA) que consiste na divisão do número de indivíduos de uma determinada espécie pelo total de indivíduos registrados por este método. Esta análise foi realizada para cada região de amostragem e para o total da campanha. As espécies que apresentaram os cinco maiores valores de IPA foram consideradas as mais abundantes no estudo.

A similaridade entre as regiões de amostragem foi acessada por meio do Índice de *Jaccard* (ISj), onde “c” são as espécies comuns às duas regiões de amostragem, “a” são as espécies presentes na região 1 e “b” são as espécies presentes na região 2 e assim sucessivamente para as demais regiões de amostragem. Para este cálculo, foram utilizados os dados de lista de *Mackinnon*, pontos de observação e escuta e captura com redes de neblina.

$$ISj = \frac{c}{(a + b) - c}$$

Uma análise de ordenação (NMDS) foi realizada com os dados de presença/ausência utilizando-se todos os métodos sistematizados por dia de amostragem em cada região de modo a se verificar espacialmente, como as espécies encontram-se distribuídas entre as regiões de amostragem. Esta análise foi realizada no programa Past (HAMMER, 2013) usando-se o índice de associação de *Bray-Curtis*.

Uma análise de agrupamento (Cluster) foi realizada com os dados de abundância (registros adquiridos por meio do método de pontos de observação e escuta e captura com redes de neblina) de modo a se analisar, espacialmente, como a abundância das espécies influencia no padrão de semelhança entre as regiões de amostragem. Esta análise foi realizada no programa Past, versão 3.08 (HAMMER *et al.*, 2013) com o índice de associação de *Bray-Curtis*.

A taxonomia das espécies registradas e sua inclusão em uma determinada ordem e família taxonômica foi obtida tendo como base a lista elaborada pelo Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (PIACENTINI *et*

al., 2015). Foram consideradas espécies ameaçadas todas aquelas classificadas como “Vulnerável”, “Em Perigo de extinção” e “Criticamente Ameaçada de extinção” presentes na lista global (IUCN, 2017), nacional (MMA, 2014) e estadual (estados da Bahia e Minas Gerais) (SEMA 2017, COPAM 2010).

A sensibilidade das espécies quanto à presença de distúrbios antrópicos teve como base a lista elaborada por Stotz *et al.* (1996) e a reavaliação desta lista, proposta por Alexandrino *et al.* (2016). Stotz e colaboradores (1996) compilaram as distribuições geográficas de cada espécie neotropical, associando as suas ocorrências com informações disponíveis na época sobre ecologia e biologia das espécies. Dessa maneira, classificaram como altamente sensíveis aquelas que tendem a desaparecer ao menor nível de distúrbio, enquanto que aquelas que possuem sensibilidade mediana e baixa tendem a persistir na presença do distúrbio. Alexandrino e colaboradores (2016) reavaliaram a sensibilidade indicada por Stotz *et al.* (1996) para algumas espécies, encontrando diferença em 37% das espécies avaliadas. A avaliação de Alexandrino e colaboradores (2016) levou em consideração as variáveis como ameaças, endemismo, distribuição espacial e abundância relativa. Apenas as espécies registradas por meio dos dados primários foram classificadas quanto à sensibilidade.

Por fim, as espécies foram classificadas em guildas alimentares de acordo com Tilmann *et al.* (2014), como endêmicas do bioma Caatinga (OLMOS *et al.*, 2005) e Cerrado (DE LUCA *et al.*, 2009), importância econômica e cinegética (CITES, 2017), padrão de migração (CEMAVE, 2010) e invasoras (INSTITUTO HÓRUS, 2017).

2.2.3.3.2.4 - Resultados e discussão

2.2.3.3.2.4.1 - Lista de espécies, riqueza e representatividade do estudo

Durante a primeira campanha para o levantamento da avifauna foram registradas 178 espécies de aves, distribuídas em 19 ordens e 42 famílias na área de estudo do empreendimento (**Quadro 2.2.3.3-4**). As famílias mais representativas em ordem decrescente de riqueza foram: Tyrannidae (31 espécies), Thraupidae (24 espécies), Furnariidae (11 espécies), Thamnophilidae e Picidae (ambas com nove espécies), Columbidae e Psittacidae (ambas com oito espécies) e Falconidae (seis espécies) (**Figura 2.2.3.3-2**).

O elevado número de espécies da família Tyrannidae pode estar associado ao fato de esta ser a maior família de suboscines dos neotrópicos (cerca de 410 espécies consideradas válidas) (SIGRIST, 2009; FRANCHIN *et al.*, 2008). No geral, as espécies desta família são ecologicamente bastante flexíveis, possuindo hábitos generalistas, ocupam um diversificado número de microhabitats, como observado neste estudo, com espécies ocorrendo nas florestas estacionais (exemplo: *Casiornis fuscus*, o caneleiro-

enxofre), savanas (exemplo: *Myiarchus ferox*, a maria-cavaleira), áreas antropizadas (exemplo: *Machetornis rixosa*, o suiriri-cavalheiro), áreas abertas (exemplo: *Pyrocephalus rubinus*, o príncipe) e áreas aquáticas (exemplo: *Arundinicola leucocephala*, a freirinha). A elevada diversidade ecológica é explicada pela grande flexibilidade adaptativa, desde a procura até a manipulação de itens alimentares, com elevada amplitude de comportamentos de forrageamento (PARRINI, 2015).

Assim como a família Tyrannidae, a família Thraupidae também apresenta ampla distribuição geográfica, ocupando preferencialmente bordas de matas e dossel das árvores e arbustos. A ampla distribuição e facilidade de adaptação a diferentes microhabitats são reflexos da dieta das espécies dessa família, no geral considerada mista (frutos, insetos, néctar e folhas) (SICK, 1997; SIGRIST 2009; PARRINI, 2015). Espécies dessa família são frequentemente observados em associações chamadas bandos mistos (PARRINI, 2015). Os bandos mistos são associações positivas em que os integrantes do bando maximizam sua aquisição de energia (buscam e “dividem” o alimento conjuntamente) ao mesmo tempo em que se diminui o risco de serem predados (comportamento de diluição do efeito do predador) (POWELL, 1985). Essas associações variam de acordo com a sazonalidade, sendo mais comuns de se observar quando o recurso alimentar encontra-se distribuído aleatoriamente ou, quando este é escasso (POWELL, 1985).

Na terceira posição, encontra-se a família Furnariidae. Ela é composta por espécies que apresentam, no geral, coloração amarronzada e ausência de dimorfismo sexual evidenciado pela coloração (MORENO *et al*, 2007). Possuem caudas longas, com o final das retrizes em formato de ponta (REMSEN, 2003). Alimentam-se de artrópodes e são registrados tanto em áreas florestais (como as espécies do gênero *Synallaxis*) como em áreas abertas (como as espécies do gênero *Furnarius*).

Na quarta posição, diferentemente das famílias anteriormente citadas, encontra-se uma família de hábitos estritamente florestais (Thamnophilidae) e outra de hábitos mais plásticos (Picidae). As espécies da família Thamnophilidae se caracterizam por apresentar dimorfismo sexual evidenciado pela coloração da plumagem entre os indivíduos. Machos apresentam coloração escura (negra ou cinzenta) com padrões de pontos brancos nas asas, enquanto as fêmeas são amarronzadas, possuindo os mesmos padrões de pontos brancos nas asas (SIGRIST, 2009). Vivem no sub-bosque e se alimentam apenas de artrópodes (SICK, 1997). Independentemente do tipo de habitat em que vivem, não apresentam grande poder de dispersão, necessitando de “step-stones ou poleiros” para que isso ocorra (STOUFFER & BIERREGAARD, 1995). Um exemplo que comprova a baixa dispersão da família foi o realizado com uma espécie do gênero *Formicivora*, em um estudo na Mata Atlântica (NAVEGANTES, 2013). Vale ressaltar que espécies deste gênero também estão presentes no Cerrado e na Caatinga. A baixa dispersão, aliada ao desmatamento são as principais razões da família ser considerada altamente sensível aos efeitos da fragmentação florestal (STOUFFER & BIERREGAARD, 1995). Já Picidae é composta por pica-paus que, no geral, possuem bicos fortes, retos, destinados à perfuração da madeira para captura de presas e

construção de ninhos. As garras presentes no tarso também são diferenciadas, adaptadas ao posicionamento perpendicular no tronco das árvores (SICK, 1997). Os picídeos se alimentam basicamente de artrópodes (regulando assim a população destes), embora frutos já tenham sido documentados em suas dietas (KAMINSKI, 2013). Habitam desde áreas florestadas a áreas abertas.

Na quinta posição, encontram-se as famílias Columbidae e Psittacidae. Columbidae é composta por pombas, juritis e rolinhas, espécies com comportamento gregário (SICK, 1997). Ocupam um diversificado número de habitats, desde as matas até áreas antrópicas (SIGRIST, 2009). Possuem dieta mista, alimentando-se principalmente de sementes e frutos. Algumas espécies são hospedeiras de protozoários, sendo determinantes para transmissão de possíveis zoonoses, como a toxoplasmose (RODRIGUES *et al.*, 2009). Esta família é alvo de caça, como evidenciado em recente estudo no semiárido nordestino, onde foi apontada como a família mais caçada principalmente para fins de alimentação, seguida da opção de ser utilizadas como xerimbabo (ALVES *et al.*, 2012). Psittacidae, também é alvo de ações antrópicas, mas, ao invés de serem caçadas (como a família Columbidae), os indivíduos são capturados para comércio ilegal. Compõem esta família espécies de papagaios, periquitos e araras, espécies frugívoras consideradas altamente dependentes de seus ambientes. Necessitam de ocos de árvores para se reproduzirem e são monogâmicas. Chamam a atenção pelo colorido da plumagem e pela capacidade de aprenderem e imitarem a fala humana (FORSHOW & COOPER, 1989). Esta é a principal razão de serem frequentemente comercializadas de forma ilegal (ROCHA *et al.*, 2006).

Por fim, na sexta posição, encontra-se a família Falconidae, composta pelos falcões. Os falcões são diurnos e possuem as asas pontiagudas, o que lhes confere enorme velocidade e facilidade para a captura de seu recurso alimentar (SIBLEY, 2001). As fêmeas são no geral, maiores do que os machos (SICK, 1997). Habitam principalmente áreas abertas, mas também caçam dentro de áreas florestais.

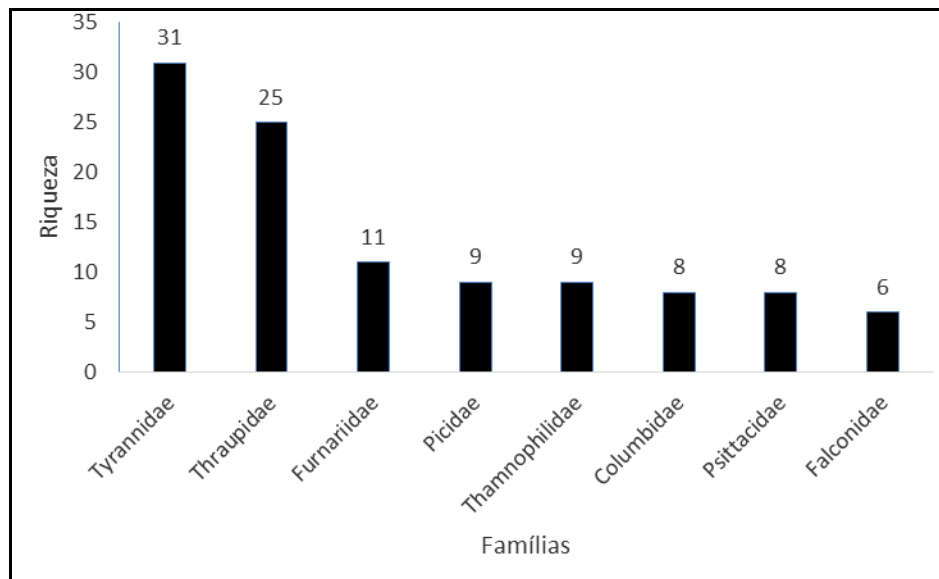


Figura 2.2.3.3-2-Famílias mais representativas registradas durante a primeira campanha de levantamento da avifauna da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino (julho/agosto 2017), estação seca.

Analisando-se a riqueza registrada sob o ponto de vista da guilda alimentar (WILMANN, 2014) a qual pertencem, nota-se que a mais representativa é a das espécies que se alimentam de invertebrados, os insetívoros ($S = 103$), seguida de onívoros ($S = 26$) e granívoros ($S = 23$). De fato, insetívoros e onívoros parecem ser as guildas dominantes em estudos de comunidades de aves. Por exemplo, resultados semelhantes ao encontrado neste estudo foram registrados para a comunidade de aves da Serra da Guia no Sergipe (RUIZ-ESPARZA, 2012), para diversas localidades no sul do Piauí (SANTOS, 2004), para um fragmento em Pernambuco (PEREIRA, 2012), para a comunidade de aves do município de Cajazeiras, na Paraíba (DAMASCENO *et al.*, 2013) e para uma comunidade de aves no município de Uberlândia em Minas Gerais (VALADÃO *et al.*, 2006).

Embora insetívoros e onívoros componham as famílias de maior representatividade nos neotrópicos e no presente estudo, vale ressaltar a elevada riqueza de espécies que se alimentam de outros vertebrados ($S = 13$), detectada neste estudo. As espécies que se alimentam de vertebrados são consideradas topo de cadeia alimentar e são independentemente do hábitat, menos numerosos (tanto em espécies como em indivíduos) (PARRINI, 2015). A elevada representatividade leva a crer que o ambiente amostrado é rico em potenciais presas. Em menor número encontram-se os representantes da guilda nectarívora, com apenas seis espécies.

Quadro 2.2.3.3-4- Lista das espécies da avifauna registradas por meio do levantamento de dados primários e secundários (dados secundários) para a área de estudo da LT 500kV Igaporã III-Presidente Juscelino (MG/BA), julho/agosto 2017.

Legendas: Dados Primários: Região 1 – Corinto (MG), Região 2 – Jumento (MG), Região 3 – Caetité (BA). Fontes bibliográficas: 1- Wikiaves, 2017; 2 - ATE/Ecology, 2014; 3 - Carrara et al., 2013; 4 - Oliveira, 2013; 5- Vasconcelos et al., 2012; 4-; 5 -; 6 - Vasconcelos & D'Angelo Neto, 2007; 7- Rodrigues et al., 20057. Fitofisionomia:FED – Floresta Estacional Decidual; FES – Floresta Estacional Semidecidual; SA – Savana arborizada; SAA – Savana Arborizada Antropizada; CAN – Campo antropizado; SE – Solo exposto; AGP – Agropecuária; CA – Caatinga Arborizada; CAA – Caatinga Arborizada Antrópica; CAB – Caatinga Arbustiva; C – corpo d'água; A – agricultura; ANT – antrópica. Método de registro: LM – Lista de Mackinnon; PE – Ponto de Escuta; RN – Rede de neblina; RO – Registro ocasional. Padrão de ocorrência espacial: End CA = Endêmica Caatinga; End CE – Endêmica Cerrado; AD = Ampla distribuição; RR = Rara. Categorias de ameaça: IUCN: (LC – preocupação menor; DD – deficiência de dados; EN – em perigo; VU – vulnerável; CR – criticamente em perigo; IUCN, 2017), MMA: (CR= criticamente em perigo, EN= em perigo e VU= Vulnerável; MMA, 2014), MG e BA: CR= criticamente em perigo, EN= em perigo e VU= Vulnerável, COPAM, 2010; SEEMA, 2017); (CITES: (Apêndice I, II e III); Migratória: VS = visitante do sul; VN = visitante do norte; DS = deslocamento sazonal.

Classificação Taxonômica	Nome Comum	Fitofisionomia	Região de amostragem	Dados Secundários	Método de Amostragem	IUCN	MMA	MG	BA	CITES	Ocorrência	Migratória	Hábitos
ORDEM RHEIFORMES													
FAMÍLIA RHEIDAE													
<i>Rhea americana</i>	ema			7		NT				Ap. II	AD		
ORDEM TINAMIFORMES													
FAMÍLIA TINAMIDAE													
<i>Crypturellus obsoletus</i>	inambuguaçu			5									
<i>Crypturellus noctivagus</i>	jaó-do-sul			1,2,3,5		NT		EN					
<i>Crypturellus parvirostris</i>	inhambu-chororó	CAN; FED	R2	1,2,3,4,5,6,7	LM						AD		Terrestre; solitário ou aos pares; diurno; granívoro
<i>Crypturellus tataupa</i>	inhambu-chintã									1,2,3,4,5,6			
<i>Rhynchotus rufescens</i>	perdiz									2,3,4,5,6,7			
<i>Nothura boraquira</i>	codorna-do-nordeste	A	R1	2,3,5,7	RO							End-CAA	Terrestre; vive em grupo; diurno; onívoro
<i>Nothura maculosa</i>	codorna-amarela									2,3,5,6,7			
ORDEM ANSERIFORMES													
FAMÍLIA ANATIDAE													
<i>Dendrocygna viduata</i>	irerê			2,3,4,7							AD		
<i>Dendrocygna autumnalis</i>	marreca-cabocla			2,7							AD		
<i>Cairina moschata</i>	pato-do-mato			2									
<i>Sarkidiornis sylvicola</i>	pato-de-crista			2									
<i>Amazonetta brasiliensis</i>	pé-vermelho	FED	R2	2,3,4,7	RO						AD		Diurno; vive aos pares; onívoro
<i>Nomonyx dominicus</i>	marreca-de-bico-roxo			2,3,7									
ORDEM GALLIFORMES													
FAMÍLIA CRACIDAE													

Classificação Taxonômica	Nome Comum	Fitofisionomia	Região de amostragem	Dados Secundários	Método de Amostragem	IUCN	MMA	MG	BA	CITES	Ocorrência	Migratória	Hábitos
<i>Penelope superciliaris</i>	jacupemba	CAN; FED	R2;R3	2,3,5,6,7	PE								Diurno; vive aos pares ou em grupos; frugívoro/nectarívoro
<i>Penelope jacucaca</i>	jacucaca			3,7		VU	VU	EN					
<i>Ortalis guttata</i>	aracua-pintado			2									
FAMÍLIA ODONTOPHORIDAE													
<i>Odontophorus capueira</i>	uru			2,5				EN					
ORDEM PODICIPEDIFORMES													
FAMÍLIA PODICIPEDIDAE													
<i>Tachybaptus dominicus</i>	mergulhão-pequeno												
<i>Podilymbus podiceps</i>	mergulhão-caçador												
ORDEM CICONIIFORMES													
FAMÍLIA CICONIIDAE													
<i>Ciconia maguari</i>	maguari			4									
<i>Mycteria americana</i>	cabeça-seca			2				VU					
ORDEM SULIFORMES													
FAMÍLIA PHALACROCORACIDAE													
<i>Nannopterum brasilianus</i>	biguá			2,3,4,7									
FAMÍLIA ANHINGIDAE													
<i>Anhinga anhinga</i>	biguatinga			2									
ORDEM PELECANIFORMES													
FAMÍLIA ARDEIDAE													
<i>Tigrisoma lineatum</i>	socó-boi			2,4,7							AD		
<i>Cochlearius cochlearius</i>	arapapá			2									
<i>Nycticorax nycticorax</i>	savacu			2,4							AD		
<i>Butorides striata</i>	socozinho				2,3,4,5,7								
<i>Bubulcus ibis</i>	garça-vaqueira			2,3,7									
<i>Ardea cocoi</i>	garça-moura			2,4,7							AD		
<i>Ardea alba</i>	garça-branca-grande	CAN; FED; SAA	R1; R2	2,3,4,7	PE; RO						AD		Diurno; solitário; onívoro

Coordenador:

Técnico:

Classificação Taxonômica	Nome Comum	Fitofisionomia	Região de amostragem	Dados Secundários	Método de Amostragem	IUCN	MMA	MG	BA	CITES	Ocorrência	Migratória	Hábitos
<i>Syrigma sibilatrix</i>	maria-faceira	FES	R1	2,4,5,6,7	LM								Diurno; solitário ou aos pares; invertebrados
<i>Pilherodius pileatus</i>	garça-real			2,4,7									
<i>Egretta thula</i>	garça-branca-pequena	CAN; FED; SAA	R1; R2	2,3,4,7	PE; RO						AD		Diurno; solitário; onívoro
<i>Egretta caerulea</i>	garça-azul			2									
FAMÍLIA THRESKIORNITHIDAE													
<i>Mesembrinibis cayennensis</i>	coró-coró			7									
<i>Phimosus infuscatus</i>	tapicuru	FED	R2	2,7	LM								Diurno; solitário; onívoro; invertebrados
<i>Theristicus caudatus</i>	curicaca	SAA	R1		RO								Diurno; vive em grupos; invertebrados
<i>Platalea ajaja</i>	colhereiro			2,7				VU			AD		
ORDEM CATHARTIFORMES													
FAMÍLIA CATHARTIDAE													
<i>Cathartes aura</i>	urubu-de-cabeça-vermelha	FED; SA; SE	R2; R3	1,2,3,4,5,6,7	LM; RO						AD		Diurno; vive em grupos; vertebrados
<i>Cathartes burrovianus</i>	urubu-de-cabeça-amarela										AD		
<i>Coragyps atratus</i>	urubu-de-cabeça-preta	CAN; FED; FES; SA	R1;R2;R3	1,2,3,4,5,6,7	LM;PE						AD		Diurno; vive solitário ou em grupos; vertebrados
<i>Sarcoramphus papa</i>	urubu-rei												
ORDEM ACCIPITRIFORMES													
FAMÍLIA PANDIONIDAE													
<i>Pandion haliaetus</i>	águia-pescadora			2									
FAMÍLIA ACCIPITRIDAE													
<i>Leptodon cayanensis</i>	gavião-de-cabeça-cinza			2,3,5,7						Ap. II			
<i>Chondrohierax uncinatus</i>	caracoleiro			7									
<i>Elanoides forficatus</i>	gavião-tesoura			4						Ap. II			
<i>Gampsonyx swainsonii</i>	gaviãozinho			2, 7						Ap. II			
<i>Elanus leucurus</i>	gavião-peneira			2,4,5,7									
<i>Harpagus diodon</i>	gavião-bombachinha			7						Ap. II			

Classificação Taxonômica	Nome Comum	Fitofisionomia	Região de amostragem	Dados Secundários	Método de Amostragem	IUCN	MMA	MG	BA	CITES	Ocorrência	Migratória	Hábitos
<i>Accipiter striatus</i>	gavião-miudinho			1,2						Ap. II			
<i>Accipiter bicolor</i>	gavião-bombachinha-grande			3,4,5,7						Ap. II			
<i>Ictinia plumbea</i>	sovi			5,7						Ap. II			
<i>Busarellus nigricollis</i>	gavião-belo			2						Ap. II			
<i>Rostrhamus sociabilis</i>	gavião-caramujeiro			2						Ap. II			
<i>Geranoospiza caerulescens</i>	gavião-pernilongo				1,2,3,4,5,6,7					Ap. II			
<i>Heterospizias meridionalis</i>	gavião-caboclo	C; FES	R1;R2	2,3,4,6,7	LM					Ap. II	AD		Diurno; vive solitário ou aos pares; vertebrados
<i>Urubitinga urubitinga</i>	gavião-preto			2,5,7						Ap. II			
<i>Rupornis magnirostris</i>	gavião-carijó	CAN; C; FED; FES; SA; SAA	R1;R2;R3	1,2,3,4,5,6,7	LM;PE					Ap. II	AD		Diurno; vive solitário ou aos pares; vertebrados
<i>Parabuteo unicinctus</i>	gavião-asa-de-telha			2,3,5						Ap. II			
<i>Geranoaetus albicaudatus</i>	gavião-de-rabo-branco				2,3,4,5,6,7					Ap. II			
<i>Geranoaetus melanoleucus</i>	águia-chilena			2,4				EN		Ap. II	AD		
<i>Buteo nitidus</i>	gavião-pedrés			2,7						Ap. II	AD		
<i>Buteo brachyurus</i>	gavião-de-cauda-curta			2,3,5,7						Ap. II			
<i>Buteo albonotatus</i>	gavião-de-rabo-barrado			2,3,7						Ap. II			
<i>Spizaetus ornatus</i>	gavião-de-penacho			2,7			NT	EN		Ap. II			
ORDEM GRUIFORMES													
FAMÍLIA ARAMIDAE													
<i>Aramus guarauna</i>	carão			2,4,7							AD		
FAMÍLIA RALLIDAE													
<i>Aramides ypecaha</i>	saracuruçu			2									
<i>Aramides cajaneus</i>	saracura-três-potes				2,3,4,5,7								
<i>Laterallus melanophaius</i>	sanã-parda			2									
<i>Mustelirallus albicollis</i>	sanã-carijó			2,3,4									

Coordenador:

Técnico:

Classificação Taxonômica	Nome Comum	Fitofisionomia	Região de amostragem	Dados Secundários	Método de Amostragem	IUCN	MMA	MG	BA	CITES	Ocorrência	Migratória	Hábitos
<i>Neocrex erythrops</i>	turu-turu			2									
<i>Pardirallus maculatus</i>	saracura-carijó			4									
<i>Pardirallus nigricans</i>	saracura-sanã			2,5							AD		
<i>Gallinula galeata</i>	frango-d'água-comum			2,3,5,7							AD		
<i>Porphyrio martinicus</i>	frango-d'água-azul			2,3,4							AD		
ORDEM CHARADRIIFORMES													
FAMÍLIA CHARADRIIDAE													
<i>Vanellus cayanus</i>	batuíra-de-esporão			7									
<i>Vanellus chilensis</i>	quero-quero	CAN; C; FED; FES; SA; SAA	R1;R2;R3	1,2,3,4,5,6,7	LM;PE						AD		Diurno; vive aos pares; invertebrados
FAMÍLIA RECURVIROSTRIDAE													
<i>Himantopus mexicanus</i>	pernilongo-de-costas-negras			3							AD		
<i>Himantopus melanurus</i>	pernilongo-de-costas-brancas			2,7									
FAMÍLIA SCOLOPACIDAE													
<i>Gallinago paraguaiæ</i>	narceja			2,4									
<i>Gallinago undulata</i>	narcejão			2									
<i>Actitis macularius</i>	bate-bunda			2								VN	
<i>Tringa solitaria</i>	maçarico-solitário			2,3,7								VN	
<i>Tringa flavipes</i>	maçarico-de-perna-amarela			2,4								VN	
<i>Tringa melanoleuca</i>	maçarico-grande-de-perna-amarela			2								VN	
<i>Calidris fuscicollis</i>	maçarico-de-sobre-branco			2								VN	
FAMÍLIA JACANIDAE													
<i>Jacana jacana</i>	jaçanã										2,3,4,5,7	AD	
FAMÍLIA STERNIDAE													
<i>Phaetusa simplex</i>	gaivota-de-rio			2									
<i>Sterna paradisaea</i>	trinta-réis-ártico			7								VN	

Classificação Taxonômica	Nome Comum	Fitofisionomia	Região de amostragem	Dados Secundários	Método de Amostragem	IUCN	MMA	MG	BA	CITES	Ocorrência	Migratória	Hábitos
ORDEM COLUMBIFORMES													
FAMÍLIA COLUMBIDAE													
<i>Columbina minuta</i>	rolinha-de-asa-canela	CAN	R3	1,2,3,4	LM						AD		Diurno; vive aos pares ou em bandos; granívoro
<i>Columbina picui</i>	rolinha-picui	CAN; FED; FES	R1;R2;R3	1,2,3,5,6,7	PE; RO						AD		Diurno; vive aos pares ou em bandos; granívoro
<i>Columbina talpacoti</i>	rolinha-roxa	CAN; FED; FES	R1;R2	1,2,3,4,5,6,7	LM;PE;RN						AD		Diurno; vive aos pares ou em bandos; granívoro
<i>Columbina squammata</i>	fogo-apagou	CAN; FED; FES; SA; SAA	R1;R2;R3	1,2,3,4,5,6,7	LM;PE						AD		Diurno; vive aos pares ou em bandos; granívoro
<i>Claravis pretiosa</i>	pararu-azul	FES	R1	2,3,5	LM						AD		Diurno; vive aos pares ou em bandos; granívoro
<i>Uropelia campestris</i>	rolinha-vaqueira			2									
<i>Columba livia</i>	pombo-doméstico			2,3,7									
<i>Patagioenas plumbea</i>	pomba-amargosa			2,5,6									
<i>Patagioenas cayennensis</i>	pomba-galega	FES; FED; SAA	R1;R2	2,3,6,7	LM;PE						AD		Diurno; vive aos pares ou em bandos; granívoro
<i>Patagioenas picazuro</i>	pombão	C; FED; FES	R1;R2	1,2,3,4,5,6,7	LM;PE						AD		Diurno; vive aos pares ou em bandos; granívoro
<i>Zenaida auriculata</i>	pomba-de-bando										AD	Regional	
<i>Leptotila verreauxi</i>	juriti-pupu	C; FED; FES	R1;R2	1,2,3,4,5,7	LM;PE;RN						AD		Diurno; vive aos pares ou em bandos; granívoro
<i>Leptotila rufaxilla</i>	juriti-gemeadeira										AD		
<i>Geotrygon montana</i>	pariri			5									
ORDEM CUCULIFORMES													
FAMÍLIA CUCULIDAE													
<i>Piaya cayana</i>	alma-de-gato	CAN; FES; FED; SA; SAA	R1;R2;R3	1,2,3,4,5,6,7	LM;PE;RO						AD		Diurno; solitário; se alimenta de invertebrados
<i>Coccyzus melacoryphus</i>	papa-lagarta-acanelado											Regional	
<i>Coccyzus americanus</i>	papa-lagarta-de-asa-vermelha			2									
<i>Coccyzus euleri</i>	papa-lagarta-de-euler			1,2								Regional	
<i>Crotophaga major</i>	anu-coroca			2,7									
<i>Crotophaga ani</i>	anu-preto	SAA	R1	2,3,4,5,6,7	RO						AD		Diurno; vive em grupo; onívoro
<i>Guira guira</i>	anu-branco	CAN; FES	R1	1,2,3,4,5,6,7	LM;PE						AD		Diurno; vive em grupo; se alimenta de vertebrados

Coordenador:

Técnico:

Classificação Taxonômica	Nome Comum	Fitofisionomia	Região de amostragem	Dados Secundários	Método de Amostragem	IUCN	MMA	MG	BA	CITES	Ocorrência	Migratória	Hábitos
<i>Tapera naevia</i>	saci	CAN; FED	R2;R3	1,2,3,4,6,7	PE;RO						AD		Diurno; solitário; se alimenta de invertebrados
ORDEM STRIGIFORMES													
FAMÍLIA TYTONIDAE													
<i>Tyto furcata</i>	coruja-da-igreja				2,3,4,5,7					Ap. II			
FAMÍLIA STRIGIDAE													
<i>Megascops choliba</i>	corujinha-domato	SAA	R1	1,2,3,4,5,6,7	RO					Ap. II	AD		noturno; solitário ou aos pares; vertebrados
<i>Megascops atricapilla</i>	corujinha-sapo			2,5						Ap. II			
<i>Bubo virginianus</i>	jacurutu			2,4						Ap. II			
<i>Strix virgata</i>	coruja-domato			5,7						Ap. II			
<i>Glaucidium brasilianum</i>	caburé				1,2,3,4,5,7					Ap. II	AD		
<i>Athene cunicularia</i>	coruja-buraqueira	CAN	R3	2,3,5,6,7	RO					Ap. II	AD		diurno; se alimenta de outros vertebrados; solitário ou aos pares
<i>Asio clamator</i>	coruja-orelhuda			2,5,7						Ap. II			
<i>Asio flammeus</i>	mocho-dos-banhados			2						Ap. II			
<i>Asio stygius</i>	mocho-diabo			2						Ap. II			
ORDEM NYCTIBIIFORMES													
FAMÍLIA NYCTIBIIDAE													
<i>Nyctibius griseus</i>	mãe-da-lua	CAN	R3	2,3,4,5,7	RO								
ORDEM CAPRIMULGIFORMES													
FAMÍLIA CAPRIMULGIDAE													
<i>Nyctiphrynus ocellatus</i>	bacurau-ocelato			2,5									
<i>Antrostomus rufus</i>	joão-cortapau			1,2,4,5									
<i>Lurocalis semitorquatus</i>	tuju			2,3,5									
<i>Nyctiprogne vielliardi</i>	bacurau-do-são-francisco			2			NT						
<i>Nyctidromus albicollis</i>	bacurau				1,2,3,4,5,7						AD		
<i>Hydropsalis parvula</i>	bacurau-chintã				1,2,3,4,7						AD		
<i>Hydropsalis longirostris</i>	bacurau-da-telha			2,4,7									

Classificação Taxonômica	Nome Comum	Fitofisionomia	Região de amostragem	Dados Secundários	Método de Amostragem	IUCN	MMA	MG	BA	CITES	Ocorrência	Migratória	Hábitos
<i>Hydropsalis maculicaudus</i>	bacurau-de-rabo-maculado			4,5									
<i>Hydropsalis torquata</i>	bacurau-tesoura	CAN	R3	1,2,3,4,5	RO						AD		Noturno; se alimenta de invertebrados; solitário
<i>Nannochordeiles pusillus</i>	bacurauzinho												
<i>Podager nacunda</i>	coruçã			2									
<i>Chordeiles acutipennis</i>	bacurau-de-asa-fina			2									
ORDEM APODIFORMES													
FAMÍLIA APODIDAE													
<i>Cypseloides fumigatus</i>	taperuçu-preto			6									
<i>Cypseloides senex</i>	taperuçu-velho			4									
<i>Streptoprocne zonaris</i>	taperuçu-de-coleira-branca	CAN; SAA	R1	1,2,4,5,6,7	LM;PE						AD		Diurno; vive em grupos; se alimenta de invertebrados
<i>Streptoprocne biscutata</i>	taperuçu-de-coleira-falha			2,3,7									
<i>Chaetura meridionalis</i>	andorinhão-do-temporal			2,4,5									
<i>Tachornis squamata</i>	andorinhão-do-buriti			2,7							AD		
FAMÍLIA TROCHILIDAE													
<i>Anopetia gounellei</i>	rabo-branco-de-cauda-larga			2,3,7						Ap. II	End-CAA		
<i>Phaethornis ruber</i>	rabo-branco-rubro			2,5						Ap. II			
<i>Phaethornis pretrei</i>	rabo-branco-acanelado	CAN; SA; SAA	R1;R2;R3	1,2,3,4,5,6,7	LM;RN					Ap. II	AD		Solitário; nectarívoro; diurno
<i>Campylopterus largipennis</i>	asa-de-sabre-cinza			2,7						Ap. II			
<i>Eupetomena macroura</i>	beija-flor-tesoura	FES; SA	R1;R3	2,3,4,5,6,7	LM					Ap. II	AD		Solitário; nectarívoro; diurno
<i>Aphantochroa cirrochloris</i>	beija-flor-cinza			2,5,7						Ap. II			
<i>Florisuga fusca</i>	beija-flor-preto			2,5,7						Ap. II			
<i>Colibri serrirostris</i>	beija-flor-de-orelha-violeta									Ap. II			
<i>Anthracothora x nigricollis</i>	beija-flor-de-veste-preta									Ap. II	AD		
<i>Chrysolampis mosquitus</i>	beija-flor-vermelho			1,2,3,5						Ap. II	AD		

Coordenador:

Técnico:

Classificação Taxonômica	Nome Comum	Fitofisionomia	Região de amostragem	Dados Secundários	Método de Amostragem	IUCN	MMA	MG	BA	CITES	Ocorrência	Migratória	Hábitos
<i>Lophornis magnificus</i>	topetinho-vermelho			2,5						Ap. II			
<i>Chlorostilbon lucidus</i>	besourinho-de-bico-vermelho	FED	R2	1,2,3,4,5,6,7	PE					Ap. II	AD		Solitário; nectarívoro; diurno
<i>Thalurania furcata</i>	beija-flor-tesoura-verde									Ap. II	AD		
<i>Thalurania glaucopis</i>	beija-flor-de-fronte-violeta			4,6						Ap. II			
<i>Polytmus gainumbi</i>	beija-flor-de-bico-curvo	FED	R2	3	PE					Ap. II	AD		Solitário; nectarívoro; diurno
<i>Amazilia versicolor</i>	beija-flor-de-banda-branca			1,2,3,5						Ap. II			
<i>Amazilia fimbriata</i>	beija-flor-de-garganta-verde	C; FED; SA	R1; R2; R3	1,2,3,5,7	LM; PE; RN					Ap. II	AD		Solitário; nectarívoro; diurno
<i>Amazilia lactea</i>	beija-flor-de-peito-azul			4,7						Ap. II			
<i>Augastes scutatus</i>	beija-flor-de-gravata-verde			2,4,6		NT				Ap. II			
<i>Heliactin bilophus</i>	chifre-de-ouro									Ap. II			
<i>Heliomaster furcifer</i>	bico-reto-azul			2						Ap. II			
<i>Heliomaster squamosus</i>	bico-reto-de-banda-branca			2,3,4,7						Ap. II	AD		
<i>Calliphlox amethystina</i>	estrelinha-ametista									Ap. II			
ORDEM TROGONIFORMES													
FAMÍLIA TROGONIDAE													
<i>Trogon viridis</i>	surucuá-grande-de-barriga-amarela			1							AD		
<i>Trogon surrucura</i>	surucuá-variado			1,2,5,7							AD		
ORDEM CORACIIFORMES													
FAMÍLIA ALCEDINIDAE													
<i>Megaceryle torquata</i>	martim-pescador-grande			2,4							AD		
<i>Chloroceryle amazona</i>	martim-pescador-verde			2,4,7									
<i>Chloroceryle americana</i>	martim-pescador-pequeno			2,4,5,7									
FAMÍLIA MOMOTIDAE													
<i>Baryphthengus ruficapillus</i>	juruva-verde			7									
ORDEM GALBULIFORMES													

Classificação Taxonômica	Nome Comum	Fitofisionomia	Região de amostragem	Dados Secundários	Método de Amostragem	IUCN	MMA	MG	BA	CITES	Ocorrência	Migratória	Hábitos
FAMÍLIA GALBULIDAE													
<i>Galbula ruficauda</i>	ariramba-de-cauda-ruiva	FES	R1	1,2,3,4,5,7	LM						AD		Diurno; solitário; se alimenta de invertebrados
FAMÍLIA BUCCONIDAE													
<i>Nystalus chacuru</i>	joão-bobo										AD		
<i>Nystalus maculatus</i>	rapazinho-dos-velhor	CAN; FED; FES; SA	R1;R2;R3	1,2,3,5,7	LM;PE;RO						AD		Diurno; solitário; se alimenta de invertebrados
<i>Malacoptila triata</i>	barbudo-rajado			4		NT					AD		
<i>Nonnulla rubecula</i>	macuru	FED; FES	R1;R2	2,5,7	LM;PE;RN						AD		Diurno; solitário; se alimenta de invertebrados
ORDEM PICIFORMES													
FAMÍLIA RAMPHASTIDAE													
<i>Ramphastos toco</i>	tucanuçu	CAN; FES	R1	2,4,5,6,7	PE					Ap. II			
<i>Selenidera maculirostris</i>	araçari-poca			2,5						Ap. II			
FAMÍLIA PICIDAE													
<i>Picumnus pygmaeus</i>	pica-pau-anão-pintado	FED; SA	R2;R3	1,2,3,7	LM;PE						End-CAA		Diurno; se alimenta de invertebrados; aos pares
<i>Picumnus cirratus</i>	picapauzinho-barrado			4,5,6							AD		
<i>Picumnus albosquamatus</i>	picapauzinho-escamoso	CAN; FED; FES	R1;R2	2,5,6,7	LM;PE								Diurno; se alimenta de invertebrados; aos pares
<i>Melanerpes candidus</i>	pica-pau-branco	CAN; FED; FES; SAA	R1;R2	2,3,4,6,7	LM;PE						AD		Diurno; se alimenta de artrópodes; vive aos pares
<i>Veniliornis passerinus</i>	picapauzinho-anão	CAN; FED; FES; SA; SAA	R1;R2;R3	1,2,3,4,5,7	LM;PE,RN						AD		Diurno; se alimenta de invertebrados; vive aos pares
<i>Veniliornis mixtus</i>	pica-pau-chorão			2,5									
<i>Piculus chrysochloros</i>	pica-pau-dourado-escuro	FED	R2	1,2,3,5,7	LM						AD		Diurno; se alimenta de invertebrados; vive aos pares
<i>Colaptes campestris</i>	pica-pau-do-campo	CAN; SAA	R1	2,3,4,5,6,7	PE								Diurno; se alimenta de invertebrados; vive aos pares
<i>Colaptes melanochloros</i>	pica-pau-verde-barrado	FES	R1	1,2,3,4,7	LM						AD		Diurno; se alimenta de invertebrados; vive aos pares
<i>Celeus flavescens</i>	pica-pau-de-cabeça-amarela			2,3,5							AD		

Coordenador:

Técnico:

Classificação Taxonômica	Nome Comum	Fitofisionomia	Região de amostragem	Dados Secundários	Método de Amostragem	IUCN	MMA	MG	BA	CITES	Ocorrência	Migratória	Hábitos
<i>Celeus ochraceus</i>	pica-pau-ocráceo			7									
<i>Dryocopus lineatus</i>	pica-pau-de-banda-branca	FES	R1	2,3,4,5,7	LM						AD		Diurno; se alimenta de invertebrados; vive aos pares
<i>Campephilus melanoleucos</i>	pica-pau-de-topete-vermelho	CAN	R3	2,3,4,7	RO						AD		Diurno; se alimenta de invertebrados; vive aos pares
<i>Campephilus robustus</i>	pica-pau-rei			5									
ORDEM CARIAMIFORMES													
FAMÍLIA CARIAMIDAE													
<i>Cariama cristata</i>	seriema	CAN; C; FED; FES; SA; SAA	R1; R2; R3	1,2,3,4,5,6,7	LM; PE; RO						AD		Diurno; se alimenta de invertebrados; vive aos pares
ORDEM FALCONIFORMES													
FAMÍLIA FALCONIDAE													
<i>Caracara plancus</i>	caracará	CAN; FES; SA; SAA	R1; R3	1,2,3,4,5,6,7	LM; PE					Ap. II	AD		Diurno; vertebrados; solitário ou aos pares
<i>Milvago chimachima</i>	carrapateiro	CAN; FED; FES; SA; SAA	R1;R2;R3	1,2,3,4,5,6,7	LM;PE;RO					Ap. II	AD		Diurno; vertebrados; solitário ou aos pares
<i>Herpetotheres cachinnans</i>	acauã	CAN; FED; FES; SA	R1;R2;R3	1,2,3,4,5,6,7	LM;PE					Ap. II	AD		Diurno; vertebrados; solitário ou aos pares
<i>Micrastur ruficollis</i>	falcão-caburé			1,2,5						Ap. II			
<i>Micrastur gilvicollis</i>	falcão-mateiro			5						Ap. II			
<i>Micrastur semitorquatus</i>	falcão-relógio			2,3,4,5						Ap. II			
<i>Falco sparverius</i>	quiriquiri	FED; SA	R2; R3	2,3,4,5,7	LM					Ap. II	AD		Diurno; vertebrados; solitário ou aos pares
<i>Falco ruficularis</i>	cauré	SAA	R1	2,7	LM					Ap. II			Diurno; vertebrados; solitário ou aos pares
<i>Falco femoralis</i>	falcão-de-coleira	FED	R2	2,3,4,5,7	RO					Ap. II	AD		Diurno; vertebrados; solitário ou aos pares
<i>Falco peregrinus</i>	falcão-peregrino			1						Ap. I		VN	
ORDEM PSITTACIFORMES													
FAMÍLIA PSITTACIDAE													
<i>Primolius maracana</i>	maracanã-verdadeira					1,2,3,6,7	NT			Ap. I	AD		Diurno; aos pares ou em bandos; granívoro
<i>Diopsittaca nobilis</i>	maracanã-pequena			2,3,7						Ap. II	AD		
<i>Psittacara leucophthalmus</i>	periquitão-maracanã	CAN; FES; SAA	R1	2,4,7	LM;PE					Ap. II	AD		Diurno; aos pares ou em bandos; granívoro

Classificação Taxonômica	Nome Comum	Fitofisionomia	Região de amostragem	Dados Secundários	Método de Amostragem	IUCN	MMA	MG	BA	CITES	Ocorrência	Migratória	Hábitos
<i>Aratinga auricapillus</i>	jandaia-de-testa-vermelha			2,6		NT				Ap. II			
<i>Eupsittula aurea</i>	periquito-rei	CAN; FES; SAA	R1	2,3,4,5,7	LM; PE					Ap. II			Diurno; aos pares ou em bandos; granívoro
<i>Eupsittula cactorum</i>	periquito-da-caatinga	ANT; CAN; C; FED; SA	R2; R3	1,2,3,5,7	LM; PE					Ap. II	End-CAA		Diurno; aos pares ou em bandos; granívoro
<i>Pyrrhura frontalis</i>	tiriba-de-testa-vermelha			1,2,5,6						Ap. II			
<i>Forpus xanthopterygius</i>	tuim	FED; FES; SAA	R1;R2	2,3,4,5,7	LM;PE					Ap. II	AD		Diurno; aos pares ou em bandos; onívoro
<i>Brotoyeris chiriri</i>	periquito-de-encontro-amarelo	CAN; FED; FES; SAA	R1; R2	2,3,4,5,6,7	LM; PE					Ap. II	AD		Diurno; aos pares ou em bandos; frugívoro/nectarívoro
<i>Alipiopsitta xanthops</i>	papagaio-galego			5,7		NT				Ap. II			
<i>Pionus maximiliani</i>	maitaca-verde	FES; SA; SAA	R1;R3	1,2,3,4,5,7	LM					Ap. II			Diurno; aos pares ou em bandos; granívoro
<i>Pionus menstruus</i>	maitaca-de-cabeça-azul	FED; FES; SAA	R1;R2		PE					Ap. II			Diurno; aos pares ou em bandos; granívoro
<i>Amazona aestiva</i>	papagaio-verdadeiro	FED; FES; SAA	R1;R2	2,5,6,7	LM;PE					Ap. II	AD		Diurno; aos pares ou em bandos; onívoro
ORDEM PASSERIFORMES													
FAMÍLIA THAMNOPHILIDAE													
<i>Myrmorchilus strigilatus</i>	tem-farinha-ai	CAN; FED; FES; SA	R1;R2;R3	1,2,3,5,6,7	LM;PE;RN						End-CAA		Diurno; aos pares; invertebrados
<i>Formicivora melanogaster</i>	formigueiro-de-barriga-preta	CAN; FED; FES; SA	R1;R2;R3	1,2,3,5,7	LM; PE; RN						AD		Diurno; aos pares; invertebrados
<i>Formicivora iheringi</i>	formigueiro-do-nordeste					1,2,3,5,7	NT						
<i>Formicivora rufa</i>	papa-formiga-vermelho					2,3,5,6,7							
<i>Dysithamnus mentalis</i>	choquinhalisa			2,4,5									
<i>Herpsilochmus atricapillus</i>	chorozinho-de-chapéu-preto	CAN; FED; FES	R1;R2	1,2,3,4,5,6,7	LM;PE;RN						AD		Diurno; aos pares; invertebrados
<i>Herpsilochmus sellowi</i>	chorozinho-da-caatinga	CAN; FED; SA	R2;R3	1,2,3,5,7	LM;PE;RN						End-CAA		Diurno; aos pares; invertebrados
<i>Herpsilochmus rufimarginatus</i>	chorozinho-de-asa-vermelha			2,5,6							AD		
<i>Sakesphorus cristatus</i>	choca-do-nordeste	C; FED; SA	R2;R3	1,2,3,5,6,7	LM;PE;RN						AD		Diurno; aos pares; invertebrados

Classificação Taxonômica	Nome Comum	Fitofisionomia	Região de amostragem	Dados Secundários	Método de Amostragem	IUCN	MMA	MG	BA	CITES	Ocorrência	Migratória	Hábitos
<i>Thamnophilus doliatus</i>	choca-barrada			2,5,6									
<i>Thamnophilus torquatus</i>	choca-de-asa-vermelha				2,3,5,6,7								
<i>Thamnophilus capistratus</i>	choca-barrada-do-nordeste	AS; SE	R3	1,3,7	LM;RO						AD		Diurno; aos pares; invertebrados
<i>Thamnophilus pelzeni</i>	choca-do-planalto	CAN; FES; FED; SA; SAA	R1;R2;R3	1,2,3,4,5,7	LM;PE;RN						AD		Diurno; aos pares; invertebrados
<i>Thamnophilus caerulescens</i>	choca-da-mata	FES	R1	2,4,5,6	PE						AD		Diurno; aos pares; invertebrados
<i>Taraba major</i>	choro-boi	FES	R1	2,3,4,5,7	LM						AD		Diurno; aos pares; invertebrados
<i>Mackenziana severa</i>	borralhara			2,5									
<i>Myrmoderus loricatus</i>	formigueiro-assobiador			2,5									
<i>Pyriglena leucoptera</i>	papa-taoca-do-sul			2,5									
<i>Dryophila ferruginea</i>	trovoada			2,5									
FAMÍLIA MELANOPAREIIDAE													
<i>Melanopareia torquata</i>	tapaculo-de-colarinho			2,3,5,7							End-CE		
FAMÍLIA CONOPOPHAGIDAE													
<i>Conopophaga lineata</i>	chupa-dente				1,2,3,5,7								
FAMÍLIA GRALLARIIDAE													
<i>Hylopezus ochroleucus</i>	torom-do-nordeste				1,2,3,5,7	NT							
FAMÍLIA FORMICARIIDAE													
<i>Formicarius colma</i>	galinha-do-mato			2,5				VU					
FAMÍLIA SCLERURIDAE													
<i>Sclerurus scansor</i>	vira-folha			3,5									
FAMÍLIA DENDROCOLAPTIDAE													
<i>Dendrocincla turdina</i>	arapaçu-liso			2,5									
<i>Sittasomus griseicapillus</i>	arapaçu-verde	CAN; FED; FES; SA; SAA	R1;R2;R3	1,2,3,5,7	LM;RN						AD		Diurno; aos pares; invertebrados
<i>Xiphorhynchus fuscus</i>	arapaçu-rajado			1,2,5									

Classificação Taxonômica	Nome Comum	Fitofisionomia	Região de amostragem	Dados Secundários	Método de Amostragem	IUCN	MMA	MG	BA	CITES	Ocorrência	Migratória	Hábitos
<i>Campylorhamphus falcularius</i>	arapaçu-de-bico-torto			5									
<i>Campylorhamphus trochilirostris</i>	arapaçu-beija-flor			1,2,3,6									
<i>Dendroplex picus</i>	arapaçu-de-bico-branco			3									
<i>Lepidocolaptes angustirostris</i>	arapaçu-de-cerrado	CAN; FES; SA; SAA	R1; R3	1,2,3,4,5,6,7	LM;PE;RN						AD		Diurno; aos pares; invertebrados
<i>Lepidocolaptes squamatus</i>	arapaçu-escamado	CAN; FED; FES; SAA	R1;R2	2,3,5,7	LM;PE;RO						AD		Diurno; aos pares; invertebrados
<i>Lepidocolaptes wagleri</i>	arapaçu-de-wagler			7			EN						
<i>Dendrocolaptes platyrostris</i>	arapaçu-grande			2,5,7									
<i>Xiphocolaptes albicollis</i>	arapaçu-de-garganta-branca			2,3,5,7									
FAMÍLIA XENOPIIDAE													
<i>Xenops minutus</i>	bico-virado-miúdo			1,2,5									
<i>Xenops rutilans</i>	bico-virado-carijó									1,2,3,5,6,7			
FAMÍLIA FURNARIIDAE													
<i>Furnarius figulus</i>	casaca-de-couro-da-lama										2,3,4,5,7		
<i>Furnarius leucopus</i>	casaca-de-couro-amarelo	CAN; FED; FES; SA	R1;R2;R3	1,2,3,5,7	LM;PE;RN						AD		Diurno; aos pares; invertebrados
<i>Furnarius rufus</i>	joão-de-barro	CAN; FES; SA; SAA	R1;R3	2,3,4,5,6,7	LM;PE;RO						AD		Diurno; aos pares; invertebrados
<i>Lochmias nematura</i>	joão-porca			2,4,7									
<i>Clibanornis rectirostris</i>	fura-barreira	FES	R1	2,3,4,5,7	LM						End-CE		Diurno; aos pares; invertebrados
<i>Automolus leucophthalmus</i>	barranqueiro-de-olho-branco			2,5									
<i>Megaxenops parnaguae</i>	bico-virado-da-caatinga	SA	R3	1,2,3,7	RN						AD		Diurno; aos pares; invertebrados
<i>Philydor rufum</i>	limpa-folha-de-testa-baia			2									
<i>Syndactyla dimidiata</i>	limpa-folha-do-brejo			2,3,5,6				EN					
<i>Pseudoseisura cristata</i>	casaca-de-couro	CAN	R3	1,2,3,7	RO						End-CAA		Diurno; aos pares; invertebrados

Coordenador:

Técnico:

Classificação Taxonômica	Nome Comum	Fitofisionomia	Região de amostragem	Dados Secundários	Método de Amostragem	IUCN	MMA	MG	BA	CITES	Ocorrência	Migratória	Hábitos
<i>Phacellodomus rufifrons</i>	joão-de-pau	CAN; SA	R1;R3	1,2,3,4,5,6,7	LM;PE;RN						AD		Diurno; aos pares; invertebrados
<i>Schoeniophylax phryganophilus</i>	bichoita			2,7									
<i>Certhiaxis cinnamomeus</i>	curutié			2,3,4,7							AD		
<i>Synallaxis albescens</i>	ui-pí	FES; SA	R1;R3	1,2,3,4,5,6,7	LM						AD		Diurno; aos pares; invertebrados
<i>Synallaxis frontalis</i>	petrim	C; FED; FES; SA	R1;R2;R3	1,2,3,4,5,6,7	LM;PE						AD		Diurno; aos pares; invertebrados
<i>Synallaxis hellmayri</i>	joão-chique-chique	CAN; SA	R3	3,7	RN;RO	NT					End-CAA		Diurno; aos pares; invertebrados
<i>Synallaxis scutata</i>	estrelinha-preta	FED; FES; SA	R1;R2;R3	1,2,3,5,7	LM;PE;RN						AD		Diurno; aos pares; invertebrados
<i>Cranioleuca vulpina</i>	arredio-do-rio	FES	R1		LM								Diurno; aos pares; invertebrados
<i>Cranioleuca semicinerea</i>	joão-de-cabeça-cinza			3,7									
FAMÍLIA PIPRIDAE													
<i>Neopelma pallescens</i>	fruxu-do-cerradão			1,2,5,7							AD		
<i>Neopelma aurifrons</i>	fruxu-baiano			2,5		VU	EN						
<i>Manacus manacus</i>	rendeira			2,5									
<i>Ilicura militaris</i>	tangarazinho			2,5,6									
<i>Chiroxiphia caudata</i>	tangará			2,5									
<i>Antilophia galeata</i>	soldadinho				1,2,3,4,5,6,7								
FAMÍLIA ONYCHORHYNCHIDAE													
<i>Myiobius barbatus</i>	assanhadinho			2,5,7									
<i>Myiobius atricaudus</i>	assanhadinho-de-cauda-preta				1,2,3,5,7						AD		
FAMÍLIA TITYRIDAE													
<i>Schiffornis virescens</i>	flautim			1,2,5									
<i>Tityra inquisitor</i>	anambé-branco-de-bochecha-parda			2,5,7							AD		
<i>Tityra cayana</i>	anambé-branco-de-rabo-preto			2,5,6,7									Diurno; aos pares; frugívoro/nectarívoro

Classificação Taxonômica	Nome Comum	Fitofisionomia	Região de amostragem	Dados Secundários	Método de Amostragem	IUCN	MMA	MG	BA	CITES	Ocorrência	Migratória	Hábitos
<i>Pachyrampus viridis</i>	caneleiro-verde			2,3,4,7									
<i>Pachyrampus validus</i>	caneleiro-de-chapéu-preto			2,3									
<i>Pachyrampus polychopterus</i>	caneleiro-preto			7							AD		
<i>Pachyrampus validus</i>	caneleiro-de-chapéu-preto			7									
<i>Xenopsaris albinucha</i>	tijeila			7									
FAMÍLIA COTINGIDAE													
<i>Pyroderus scutatus</i>	pavó			1,2,5									
<i>Procnias nudicollis</i>	araponga			6		VU		EN					
FAMÍLIA PLATYRINCHIDAE													
<i>Platyrinchus mystaceus</i>	patinho										1,2,3,5,7		
FAMÍLIA RHYNCHOCYCLIDAE													
<i>Mionectes rufiventris</i>	abre-asa-de-cabeça-cinza			2,5									
<i>Leptopogon amaurocephalus</i>	cabeçudo										2,3,4,5,7	AD	
<i>Phylloscartes roquettei</i>	cara-dourada	CAN; SAA	R1	2,3,7	LM	EN	EN						Diurno; aos pares; invertebrados
<i>Tolmomyias sulphurescens</i>	bico-chato-de-orelha-preta	CAN; FED; FES; SAA	R1;R2	1,2,3,4,5,7	LM;PE;RN								Diurno; aos pares; invertebrados
<i>Tolmomyias flaviventris</i>	bico-chato-amarelo	CAN; FES; FED; SA	R1;R2;R3	1,2,3,5,7	LM;PE;RN						AD		Diurno; aos pares; invertebrados
<i>Todirostrum poliocephalum</i>	teque-teque			5									
<i>Todirostrum cinereum</i>	ferreirinho-relógio	CAN; C; FED; FES; SA	R1;R2;R3	1,2,3,4,6,7	LM;PE;RO						AD		Diurno; aos pares; invertebrados
<i>Poecilotriccus latirostris</i>	ferreirinho-de-cara-parda	FES	R1		LM								Diurno; aos pares; invertebrados
<i>Poecilotriccus plumbeiceps</i>	tororó	FED	R2	1,2,3,5,7	LM;RN								Diurno; aos pares; invertebrados
<i>Myiornis auricularis</i>	miudinho			2,5									
<i>Hemitriccus diops</i>	olho-falso			5									

Coordenador:

Técnico:

Classificação Taxonômica	Nome Comum	Fitofisionomia	Região de amostragem	Dados Secundários	Método de Amostragem	IUCN	MMA	MG	BA	CITES	Ocorrência	Migratória	Hábitos
<i>Hemitriccus margaritaceiventer</i>	sebinho-de-olho-de-ouro	CAN; FED; FES; SA; SAA	R1;R2;R3	1,2,3,4,5,6,7	LM;PE;RN						AD		Diurno; aos pares; invertebrados
<i>Hemitriccus nidipendulus</i>	tachuri-campainha			1,2,3,5									
FAMÍLIA TYRANNIDAE													
<i>Hirundinea ferruginea</i>	gibão-de-couro	FED	R2	2,3,4,5,6,7	PE						AD		Diurno; aos pares; invertebrados
<i>Stigmatura napensis</i>	papa-moscas-do-sertão			1,3,7			VU				AD		
<i>Stigmatura budytoides</i>	alegrinho-balança-rabo			2							AD		
<i>Euscarthmus meloryphus</i>	barulhento			1,2,3,5							AD		
<i>Euscarthmus rufomarginatus</i>	maíra-corrúira			2,3,7		NT		CR					
<i>Camptostoma obsoletum</i>	risadinha	CAN; FED; FES; AS; SAA	R1; R2; R3	1,2,3,4,5,6,7	LM; PE; RN						AD		Diurno; aos pares; invertebrados
<i>Elaenia flavogaster</i>	guaracava-de-barriga-amarela	FED; FES	R1; R2	2,3,4,5,6,7	LM;PE						AD		Diurno; aos pares; onívoro
<i>Elaenia spectabilis</i>	guaracava-grande										AD		
<i>Elaenia chilensis</i>	guaracava-de-crista-branca			4,5							VS	VS	
<i>Elaenia parvirostris</i>	guaracava			4									
<i>Elaenia mesoleuca</i>	tuque			1,4,5									
<i>Elaenia cristata</i>	guaracava-de-topete-uniforme	SA	R2; R3	2,3,4,5,6,7	LM; PE; RN						AD		Diurno; aos pares; onívoro
<i>Elaenia chiriquensis</i>	chibum											VS	
<i>Elaenia obscura</i>	tucão												
<i>Suiriri suiriri</i>	suiriri-cinzento	FES; SA; SAA	R1;R3	2,3,4,5,6,7	LM;RN								Diurno; aos pares; invertebrados
<i>Myiopagis caniceps</i>	guaracava-cinzenta	CAN; FES; SAA	R1	1,2,3,5,7	LM;PE						AD		Diurno; aos pares; invertebrados
<i>Myiopagis viridicata</i>	guaracava-de-crista-alaranjada										AD		
<i>Capsiempis flaveola</i>	marianinha-amarela			3,5									

Classificação Taxonômica	Nome Comum	Fitofisionomia	Região de amostragem	Dados Secundários	Método de Amostragem	IUCN	MMA	MG	BA	CITES	Ocorrência	Migratória	Hábitos
<i>Phaeomyias murina</i>	bagageiro	CAN; FED; FES; SA; SAA	R1;R2;R3	1,2,3,4,5,6,7	LM;PE;RN						AD		Diurno; aos pares; invertebrados
<i>Phyllomyias reiseri</i>	piolhinho-do-grotão			7									
<i>Phyllomyias fasciatus</i>	piolhinho	FES; FED; SAA	R1;R2	1,2,3,4,5,7	LM;RN								Diurno; aos pares; invertebrados
<i>Polystictus superciliaris</i>	papa-moscas-de-costas-cinzentas			2,3,6									
<i>Serpophaga nigricans</i>	joão-pobre			6							AD		
<i>Serpophaga subcristata</i>	alegrinho			3,7									
<i>Legatus leucophaeus</i>	bem-te-vi-pirata			2,3,5,6							AD		
<i>Myiarchus swainsoni</i>	irré				1,2,3,4,5,6,7						AD	VS	
<i>Myiarchus ferox</i>	maria-cavaleira	CAN; FED; FES; SA	R1;R2;R3	2,3,4,5,6,7	LM;PE								Diurno; aos pares; onívoro
<i>Myiarchus tyrannulus</i>	maria-cavaleira-do-rabo-enferrujado	CAN; FED; FES; SA; SAA	R1;R2;R3	1,2,3,4,5,6,7	LM;PE;RN						AD		Diurno; aos pares; invertebrados
<i>Sirystes sibilator</i>	gritador	FES; SAA	R1	2,3,5,7	LM								Diurno; aos pares; invertebrados
<i>Casiornis fuscus</i>	caneleiro-enxofre	FES	R1	1,2,3,5,7	RN								
<i>Casiornis rufus</i>	maria-ferrugem	CAN; FES; SAA	R1	4	LM; PE; RN						AD		Diurno; aos pares; invertebrados
<i>Pitangus sulphuratus</i>	bem-te-vi	CAN; FED; FES; SAA	R1;R2;R3	1,2,3,4,5,6,7	LM;PE						AD		Diurno; aos pares; onívoro
<i>Machetornis rixosa</i>	suiriri-cavaleiro	CAN	R3	2,3,4,6,7	RO						AD		Diurno; aos pares; invertebrados
<i>Myiodynastes maculatus</i>	bem-te-vi-rajado				1,2,3,4,5,6,7						AD		
<i>Megarhynchus pitangua</i>	neinei	CAN; FED; SA; SAA	R1;R2;R3	1,2,3,4,5,6,7	LM;PE						AD		Diurno; aos pares; invertebrados
<i>Myiozetetes similis</i>	bentevizinho-de-penacho-vermelho	CAN; C; FED; FES; SAA	R1;R2;R3	1,2,3,4,5,7	LM;PE;RO						AD		Diurno; aos pares; onívoro
<i>Myiozetetes cayanensis</i>	bentevizinho-de-asa-ferrugínea			2,3,5									
<i>Tyrannus albogularis</i>	suiriri-de-garganta-branca			2,4,6,7							AD		
<i>Tyrannus melancholicus</i>	suiriri	CAN; FED; FES	R1;R2	1,2,3,4,5,6,7	LM;PE;RO						AD		Diurno; aos pares; invertebrados

Classificação Taxonômica	Nome Comum	Fitofisionomia	Região de amostragem	Dados Secundários	Método de Amostragem	IUCN	MMA	MG	BA	CITES	Ocorrência	Migratória	Hábitos
<i>Tyrannus savana</i>	tesourinha				2,3,5,6,7						AD	VS	
<i>Griseotyrannus aurantioatrocristatus</i>	peitica-de-chapéu-preto			2,4,7									
<i>Empidonomus varius</i>	peitica				1,2,3,4,5,7						AD		
<i>Colonia colonus</i>	viuvinha	FES	R1	1,2,3,5,7	LM								Diurno; aos pares; invertebrados
<i>Myiophobus fasciatus</i>	filipe	FED	R2	2,3,4,5,6,7	LM						AD		Diurno; aos pares; invertebrados
<i>Sublegatus modestus</i>	guaracava-modesta	SA	R3	1,2,3,5,7	LM;RN						AD		Diurno; aos pares; invertebrados
<i>Pyrocephalus rubinus</i>	príncipe	CAN	R1	2,7	PE								Diurno; aos pares; invertebrados
<i>Fluvicola nengeta</i>	lavadeira-mascarada	CAN; FED	R1; R2	2,3,4,5,7	LM; PE						AD		Diurno; aos pares; invertebrados
<i>Fluvicola albiventer</i>	lavadeira-de-cara-branca			2									
<i>Arundinicola leucocephala</i>	freirinha	A	R1	2,3,4,7	RO						AD		Diurno; aos pares; invertebrados
<i>Gubernetes yetapa</i>	tesoura-do-brejo			2,4,6							End-CE		
<i>Cnemotriccus fuscatus</i>	guaracavuçu	CAN; C; FED; FES; SA	R1; R2; R3	1,2,3,4,5,6	LM; PE; RN						AD		Diurno; aos pares; invertebrados
<i>Lathrotriccus euleri</i>	enferrujado	FED	R2	1,2,3,4,5,7	LM						AD		Diurno; aos pares; invertebrados
<i>Contopus cinereus</i>	papa-moscas-cinzento	FES; SA	R1;R3	1,2,3,5,6,7	LM;PE						AD		Diurno; aos pares; invertebrados
<i>Knipolegus lophotes</i>	maria-preta-de-penacho				2,4,5,6,7								
<i>Knipolegus nigerrimus</i>	maria-preta-de-garganta-vermelha			2,4,6									
<i>Knipolegus franciscanus</i>	maria-preta-do-nordeste	FED	R2	2,7	PE						End-CE		Diurno; aos pares; invertebrados
<i>Satrapa icterophrys</i>	suiriri-pequeno				2,3,4,6,7								
<i>Xolmis cinereus</i>	primavera	CAN	R3	2,4,5,6,7	RO								Diurno; aos pares; invertebrados
<i>Xolmis velatus</i>	noivinha-branca			2,4,6,7									
<i>Xolmis irupero</i>	noivinha			2,3,7									
FAMÍLIA VIREONIDAE													
<i>Cyclarhis gujanensis</i>	pitiguari	CAN; SA; FED; FES	R1;R2;R3	1,2,3,4,5,6,7	LM;PE;RN						AD		Diurno; aos pares; invertebrados

Classificação Taxonômica	Nome Comum	Fitofisionomia	Região de amostragem	Dados Secundários	Método de Amostragem	IUCN	MMA	MG	BA	CITES	Ocorrência	Migratória	Hábitos
<i>Hylophilus amaurocephalus</i>	vite-vite-de-olho-cinza	CAN; FED; SA	R2;R3	1,2,3,5,6,7	LM;PE;RN						AD		Diurno; aos pares; invertebrados
<i>Hylophilus poicilotis</i>	verdinho-coroadado			4									
<i>Vireo olivaceus</i>	juruviana-boreal			1,2,3,5							AD	VN	
<i>Vireo chivi</i>	juruviana			7									
FAMÍLIA CORVIDAE													
<i>Cyanocorax cristatellus</i>	gralha-do-campo	CAN; FES	R1	2,3,4,5,6,7	LM						End-CE		Diurno; aos pares; onívoro
<i>Cyanocorax cyanopogon</i>	gralha-cancã	C; FED; FES; SA; SAA	R1;R2;R3	1,2,3,7	LM;PE						AD		Diurno; aos pares; onívoro
FAMÍLIA HIRUNDINIDAE													
<i>Pygochelidon cyanoleuca</i>	andorinha-pequena-de-casa	FES; FED	R1;R2	2,3,4,5,6,7	PE								Diurno; aos pares; invertebrados
<i>Alopochelidon fucata</i>	andorinha-morena			2,4,6		NT					AD		
<i>Stelgidopteryx ruficollis</i>	andorinha-serradora	C; FED; FES	R1;R2	1,2,3,4,5,6,7	LM;PE						AD		Diurno; aos pares; invertebrados
<i>Progne tapera</i>	andorinha-do-campo	FES	R1	2,3,4,5,7	LM								Diurno; aos pares; invertebrados
<i>Progne chalybea</i>	andorinha-doméstica-grande			2,3,5,6									
<i>Tachycineta albiventer</i>	andorinha-do-rio	FED	R2	2,5	PE						AD		Diurno; aos pares; invertebrados
<i>Tachycineta leucorrhoa</i>	andorinha-de-sobre-branco			4									
<i>Riparia riparia</i>	andorinha-do-barranco			6									
<i>Hirundo rustica</i>	andorinha-de-bando			2							AD	VN	
FAMÍLIA TROGLODYTIDAE													
<i>Troglodytes musculus</i>	corruira	CAN; C; FED; SA; SAA	R1;R2;R3	1,2,3,4,5,6,7	LM;PE;RN						AD		Diurno; aos pares; invertebrados
<i>Pheugopedius genibarbis</i>	garrincho-pai-avô			2,5									
<i>Cantorchilus leucotis</i>	garrincho-de-barriga-vermelha	FES	R1	2,7	LM								Diurno; aos pares; invertebrados
<i>Cantorchilus longirostris</i>	garrincho-de-bico-grande	SA	R3	1,2,3,5,7	LM						AD		Diurno; aos pares; invertebrados
FAMÍLIA DONACOBIIIDAE													
<i>Donacobius atricapilla</i>	japacanim			2							AD		

Coordenador:

Técnico:

Classificação Taxonômica	Nome Comum	Fitofisionomia	Região de amostragem	Dados Secundários	Método de Amostragem	IUCN	MMA	MG	BA	CITES	Ocorrência	Migratória	Hábitos
FAMÍLIA POLILOPTILIDAE													
<i>Polioptila plumbea</i>	balança-rabo-de-chapéu-preto	CAN; C; FED; FES; SA	R1;R2;R3	1,2,3,5,6,7	LM;PE;RN						AD		Diurno; aos pares; invertebrados
<i>Polioptila dumicola</i>	balança-rabo-de-máscara	FED; FES	R1;R2	1,7	LM								Diurno; em grupos; invertebrados
FAMÍLIA TURDIDAE													
<i>Catharus fuscescens</i>	sabiá-norte-americano			7									
<i>Turdus leucomelas</i>	sabiá-barranco	CAN; FED; FES; SA; SAA	R1;R2;R3	1,2,3,4,5,6,7	LM;PE;RN						AD		Diurno; aos pares; invertebrados
<i>Turdus rufiventris</i>	sabiá-laranjeira	FED; FES; SA	R1;R2;R3	1,2,3,4,5,6,7	LM;PE						AD		Diurno; aos pares; onívoro
<i>Turdus amaurochalinus</i>	sabiá-poca										AD		
<i>Turdus subalaris</i>	sabiá-ferreiro			2									
<i>Turdus albicollis</i>	sabiá-coleira												
FAMÍLIA MIMIDAE													
<i>Mimus saturninus</i>	sabiá-do-campo	CAN; FED; SAA	R1;R2;R3	2,3,4,5,6,7	RO						AD		Diurno; aos pares; invertebrados
FAMÍLIA MOTACILLIDAE													
<i>Anthus lutescens</i>	caminheiro-zumbidor	FED	R2	2,4	RO								Diurno; aos pares; invertebrados
FAMÍLIA PASSERELLIDAE													
<i>Zonotrichia capensis</i>	tico-tico	SA	R3	1,2,3,4,5,6,7	LM;PE;RN						AD		Diurno; vive em grupos; granívoro
<i>Ammodramus humeralis</i>	tico-tico-do-campo	SAA	R1	2,3,4,5,6,7	RO						AD		Diurno; vive em grupos; granívoro
<i>Arremon taciturnus</i>	tico-tico-de-bico-preto			1,4									
<i>Arremon franciscanus</i>	tico-tico-do-são-francisco			2,3,7		NT							
<i>Arremon flavirostris</i>	tico-tico-de-bico-amarelo	FES	R1	2,4,5,7	LM								Diurno; aos pares; onívoro
FAMÍLIA PARULIDAE													
<i>Setophaga pitiayumi</i>	mariquita										AD		
<i>Geothlypis aequinoctialis</i>	pia-cobra												
<i>Basileuterus culicivorus</i>	pula-pula	FED	R2	1,2,3,4,5,6,7	LM; RN						AD		Diurno; vive em grupos invertebrados

Classificação Taxonômica	Nome Comum	Fitofisionomia	Região de amostragem	Dados Secundários	Método de Amostragem	IUCN	MMA	MG	BA	CITES	Ocorrência	Migratória	Hábitos
<i>Myiothlypis flaveola</i>	canário-do-mato	FED; FES; SA; SAA	R1;R2	1,2,3,4,5,6,7	LM;PE;RN						AD		Diurno; vive em grupos invertebrados
<i>Myiothlypis leucophrys</i>	pula-pula-de-sobrancelha			2,6							End-CE		
FAMÍLIA ICTERIDAE													
<i>Psarocolius decumanus</i>	japu	CAN; SAA	R1	4,7	PE;RO								Diurno; vive em grupos; frugívoro/nectarívoro
<i>Procacicus solitarius</i>	iraúna-de-bico-branco			2									
<i>Cacicus haemorrhous</i>	guaxe			2,5									
<i>Icterus jamacaii</i>	corrupião	CAN; FED; FES; SA	R1;R2;R3	1,2,3,5,7	LM;PE;RO						End-CAA		Diurno; vive em grupos; onívoro
<i>Icterus cayanensis</i>	inhapim			2									
<i>Icterus pyrrhopterus</i>	encontro			3,7							AD		
<i>Gnorimopsar chopi</i>	graúna	CAN	R3	1,2,3,4,5,6,7	RO						AD		Diurno; vive em grupos; onívoro
<i>Chrysomus ruficapillus</i>	garibaldi										AD		
<i>Pseudoleistes guirahuro</i>	chopim-do-brejo			4,6									
<i>Agelaioides fringillarius</i>	asa-de-telha-pálido	CAN	R3	1,2,3,7	RO						End-CAA		Diurno; vive em grupos
<i>Molothrus rufoaxillaris</i>	vira-bosta-picumã			2,3									
<i>Molothrus bonariensis</i>	vira-bosta										AD		
<i>Sturnella superciliaris</i>	polícia-inglesa-do-sul	A	R1	2,3,4,7	RO						AD		Diurno; vive em grupos; onívoro
FAMÍLIA THRAUPIDAE													
<i>Porphyrospiza caerulescens</i>	campainha-azul			2,4,6,7		NT					End-CE		
<i>Pipraeidea melanonota</i>	saíra-viúva			5,7									
<i>Neothraupis fasciata</i>	cigarra-do-campo	SA	R3	2,3,4,5,7	LM	NT					End-CE		Diurno; vive em grupos; invertebrados
<i>Schistochlamys ruficapillus</i>	bico-de-veludo	SA	R3	2,3,4,5,6,7	LM;PE;RN								Diurno; vive em grupos; onívoro
<i>Paroaria dominicana</i>	cardeal-do-nordeste	CAN	R3	1,2,3,7	RO						End-CAA		Diurno; vive em grupos; invertebrados
<i>Tangara cyanoventris</i>	saíra-douradinha			2,5,6									

Coordenador:

Técnico:

Classificação Taxonômica	Nome Comum	Fitofisionomia	Região de amostragem	Dados Secundários	Método de Amostragem	IUCN	MMA	MG	BA	CITES	Ocorrência	Migratória	Hábitos
<i>Tangara palmarum</i>	sanhaço-do-coqueiro			2,4,5,7									
<i>Tangara cayana</i>	saíra-amarela	CAN; FED; SA; SAA	R1;R2;R3	1,2,3,4,5,6,7	LM;PE;RN								Diurno; vive em grupos; frugívoro/nectarívoro
<i>Tangara sayaca</i>	sanhaço-cinzento	CAN; FED; FES; SAA	R1;R2;R3	1,2,3,4,5,6,7	LM;PE;RN;RO								Diurno; vive em grupos; onívoro
<i>Nemosia pileata</i>	saíra-de-chapéu-preto	FES; SA; SAA	R1;R3	2,3,4,5,6,7	LM;PE						AD		Diurno; vive em grupos; invertebrados
<i>Compsothraupis loricata</i>	tiê-caburé	CAN; FED; FES; SA	R1;R2;R3	1,2,3,5,7	LM;PE						End-CE		Diurno; vive em grupos; invertebrados
<i>Conirostrum speciosum</i>	figurinha-de-rabo-castanho	CAN; FED; FES; SAA	R1;R2	1,2,3,4,7	LM; PE								Diurno; vive em grupos; invertebrados
<i>Sicalis citrina</i>	canário-rasteiro	A; FED	R1;R2	2,3,4,5,7	PE;RO								Diurno; vive em grupos; granívoro
<i>Sicalis luteola</i>	tipio			2,7									
<i>Sicalis flaveola</i>	canário-da-terra			1,2,6,7									
<i>Sicalis columbiana</i>	canário-do-amazonas			7									
<i>Haplospiza unicolor</i>	cigarra-bambu			5									
<i>Hemithraupis guira</i>	saíra-de-papo-reto	FES; SAA	R1	1,2,3,7	LM								Diurno; vive em grupos; invertebrados
<i>Volatinia jacarina</i>	tiziu	FES; SAA	R1	2,3,4,5,7	LM;PE								Diurno; vive em grupos; onívoro
<i>Eucometis penicillata</i>	pipira-da-taoca	FED	R2	2,3,7	RN								Diurno; vive em grupos; invertebrados
<i>Trichothraupis melanops</i>	tiê-de-topete			2,5									
<i>Coryphospingus pileatus</i>	tico-tico-rei-cinza	CAN; FED; FES; SA	R1;R2;R3	1,2,3,4,5,7	LM;PE;RN						AD		Vive aos pares; diurno; onívoro
<i>Lanio cristatus</i>	tiê-galo	FES	R1		PE								Vive aos pares; diurno; invertebrados
<i>Tachyphonus rufus</i>	pipira-preta	FES; FED; SA	R1;R2;R3	2,3,5,7	LM;PE;RN						AD		Diurno; vive em grupos; invertebrados
<i>Tachyphonus coronatus</i>	tiê-preto			5									
<i>Ramphocelus carbo</i>	pipira-vermelha												
<i>Charitospiza eucosma</i>	mineirinho			2,4,5,7		NT					End-CE		
<i>Tersina viridis</i>	saí-andorinha			2,4,5,7									
<i>Dacnis cayana</i>	saí-azul	FED; SA	R2; R3	1,2,3,4,5,7	LM; PE						AD		Diurno; vive em grupos; onívoro

Classificação Taxonômica	Nome Comum	Fitofisionomia	Região de amostragem	Dados Secundários	Método de Amostragem	IUCN	MMA	MG	BA	CITES	Ocorrência	Migratória	Hábitos
<i>Coereba flaveola</i>	cambacica	FED; SA; SAA	R1;R2;R3	1,2,3,4,5,6,7	LM;PE;RN						AD		Diurno; vive em grupos; frugívoro/nectarívoro
<i>Tiaris fuliginosus</i>	cigarra-preta			2,7									
<i>Sporophila caerulescens</i>	coleirinho	SAA	R1	2,3,4,7	PE						AD		Diurno; vive em grupos; granívoro
<i>Sporophila lineola</i>	bigodinho	A	R1	2,3,4,7	RO						AD		Diurno; vive em grupos; granívoro
<i>Sporophila nigricollis</i>	baiano	CAN; FED; SAA	R1;R2	2,3,4,5,6,7	PE						AD		Diurno; vive em grupos; granívoro
<i>Sporophila plumbea</i>	patativa				2,3,4,6,7								
<i>Sporophila ardesiaca</i>	papa-capim-de-costas-cinzas			6									
<i>Sporophila albogularis</i>	golinho			1,2,3,7							End-CAA		
<i>Sporophila leucoptera</i>	chorão			2,4,5,7									
<i>Sporophila bouvreuil</i>	caboclinho			2,4,6,7									
<i>Sporophila ruficollis</i>	caboclinho-de-papo-escuro			2		NT	VU	VU					
<i>Sporophila angolensis</i>	curió			2				CR					
<i>Sporophila collaris</i>	coleiro-do-brejo			2,4									
<i>Coryphaspiza melanotis</i>	tico-tico-de-máscara-negra			6		VU	EN	EN					
<i>Embernagra longicauda</i>	rabo-mole-da-serra				2,3,5,6,7								
<i>Emberizoides herbicola</i>	canário-do-campo	FED	R2	2,3,4,6	PE								Vive aos pares; diurno; onívoro
<i>Saltatricula atricollis</i>	bico-de-pimenta	SA	R3	2,3,4,5,7	PE						End-CE		Diurno; vive em grupos; invertebrados
<i>Saltator coerulescens</i>	sabiá-gongá			2									
<i>Saltator similis</i>	trinca-ferro	CAN; FED; FES	R1;R2;R3	1,2,3,4,5,6,7	LM;PE;RN						AD		Diurno; vive em grupos; invertebrados
<i>Microspingus cinereus</i>	capacinho-do-oco-do-pau			2,7		VU					AD		
<i>Thlypopsis sordida</i>	saí-canário	FES	R1	2,3,4,7	LM;PE						AD		Diurno; vive em grupos; onívoro
<i>Cypsnagra hirundinacea</i>	bandoleta			2,4,6,7							End-CE		

Classificação Taxonômica	Nome Comum	Fitofisionomia	Região de amostragem	Dados Secundários	Método de Amostragem	IUCN	MMA	MG	BA	CITES	Ocorrência	Migratória	Hábitos
FAMÍLIA CARDINALIDAE													
<i>Piranga flava</i>	sanhaçu-de-fogo				2,3,4,5,6,7								
<i>Amaurospiza moesta</i>	negrinho-domato	FES	R1	3,7	LM	NT		VU					Diurno; vive em grupos; granívoro
<i>Cyanoloxia brissonii</i>	azulão	FED; SA	R2;R3	1,2,3,5,7	LM; RN						AD		Diurno; vive em grupos; frugívoro/ nectarívoro
FAMÍLIA FRINGILLIDAE													
<i>Spinus magellanica</i>	pintassilgo			2									
<i>Euphonia chlorotica</i>	fim-fim	CAN; C; FED; FES; SA; SAA	R1;R2;R3	1,2,3,4,5,6,7	LM; PE						AD		Diurno; vive em grupos; frugívoro/ nectarívoro
<i>Euphonia violacea</i>	gaturamo-verdadeiro			4,6									
<i>Euphonia cyanocephala</i>	gaturamo-rei			2,5,7									
FAMÍLIA ESTRILDIDAE													
<i>Estrilda astrild</i>	bico-de-lacre			7									
FAMÍLIA PASSERIDAE													
<i>Passer domesticus</i>	pardal	CAN	R3	2,3,5,7	RO						AD		Diurno; vive em grupos; granívoro

2.2.3.3.2.4.2 - Relevância Regional (comparação com os dados secundários)

Os dados secundários compilados (sete estudos) registraram, no total, a ocorrência potencial de 468 espécies de aves na área de estudo do empreendimento. A riqueza de aves registrada na primeira campanha de levantamento da avifauna ($S = 178$) representa 38% do esperado em relação ao total estabelecido a partir da compilação de dados secundários. Embora grande parte das espécies registradas seja esperada de ocorrer na região do empreendimento, cinco foram adicionadas, por meio deste levantamento, à riqueza geral esperada para a região do empreendimento. As espécies adicionadas foram: *Lanio cristatus* (tiê-galo), *Poecilatriccus latirostris* (ferreirinho-de-cara-parda), *Cranioleuca vulpina* (arredio-do-rio), *Pionus menstruus* (maitaca-de-cabeça-azul) e *Theristicus caudatus* (curicaca).

A riqueza registrada nessa primeira campanha de campo é menor do que todos os outros estudos compilados como dados secundários, com exceção do estudo realizado para uma outra Linha de Transmissão (ATE/Ecology, 2014), com dados apenas para a Bahia. Apesar de ter sido menor, comparando-se os valores registrados, percebe-se que 61,3% das espécies registradas no estudo de Vasconcelos & D'Angelo Neto (2007) e 43,6% daquelas registradas por Carrara *et al.* (2013) foram registradas nesta campanha de levantamento da avifauna. Algumas ausências de espécies, principalmente as de hábitos aquáticos foram percebidas ao se comparar os estudos. De fato, apenas a região de amostragem R2 (Juramento) possui corpos d'água (barragem de Juramento) enquanto nas demais o recurso hídrico encontra-se mais distante (R1) ou ausente (R3).

Vale ressaltar que o estudo de Vasconcelos & D'Angelo Neto (2007) acompanha o traçado da futura Linha de Transmissão em tela, tendo sido realizado em vários municípios do estado de Minas Gerais por onde a linha será implantada. Também merece destaque o fato de que o estudo de Carrara *et al.* (2013) utilizou métodos similares aos deste estudo, mas com esforços de amostragem maiores do que os realizados até o momento neste levantamento. Isso significa dizer que, ao se aumentar o esforço amostral, a tendência é que novas espécies possam vir a ser detectadas na área do empreendimento.

2.2.3.3.2.4.3 - Suficiência Amostral – Curva do Coletor (Curva de Rarefação) e Riqueza estimada

Durante a primeira campanha de levantamento da avifauna foram registradas 38% ($n = 178$) das espécies de potencial ocorrência para a área do empreendimento e, de fato, ao se analisar a curva de rarefação estimada pelos métodos de rede de neblina, pontos de escuta e listas de *Mackinnon* (

Figura 2.2.3.3-3), percebe-se que esta não atingiu a assíntota. Isto indica que o esforço aplicado ainda não foi suficiente para se amostrar toda a avifauna presente na área de estudo do empreendimento. Este resultado é esperado para ambientes tropicais e também porque apenas uma campanha foi realizada e, para a avifauna, um enorme número de variáveis pode influenciar na sua capacidade de detecção, como a sazonalidade, características estruturais dos ambientes (fitofisionomias) e as densidades populacionais.

A forte sazonalidade, como a observada no bioma Caatinga (região de amostragem R3), impõe migrações de pequena escala, onde as espécies tendem, na estação seca, a se deslocar para regiões mais úmidas, em busca de melhor oferta de alimento e, na estação chuvosa, retornar para suas áreas de origem ou permanecerem em frequentes deslocamentos em busca de recurso alimentar (OLMOS *et al.*, 2005; RUIZ-ESPARZA *et al.*, 2011). As características estruturais das fitofisionomias (mosaico de características) aparentam ser mais determinantes na composição de espécies de aves no Cerrado do que a conectividade estrutural dos fragmentos, ou seja, fragmentos isolados ou conectados podem apresentar as mesmas espécies se as características ambientais determinantes estão presentes (ROSSI, 2016). Além disso, a densidade populacional das espécies em um ambiente em equilíbrio tende a variar, com as espécies consideradas raras apresentando baixa densidade populacional, o que pode dificultar a sua detecção. Todas essas variáveis fazem com que a estabilização da curva tenda a ser demorada em comunidades de aves, só atingindo a estabilidade após muitas horas de observação, como registrado em um estudo na Mata Atlântica (WILLIS & ONIKI, 1981). Além disso, diversos estudos na Caatinga e Cerrado demonstraram que a estabilidade realmente é difícil de ser atingida (SANTOS, 2004; LYRA-NEVES *et al.*, 2012; LAS-CASAS *et al.*, 2012; VALADAO, 2012; ROCHA *et al.*, 2015).

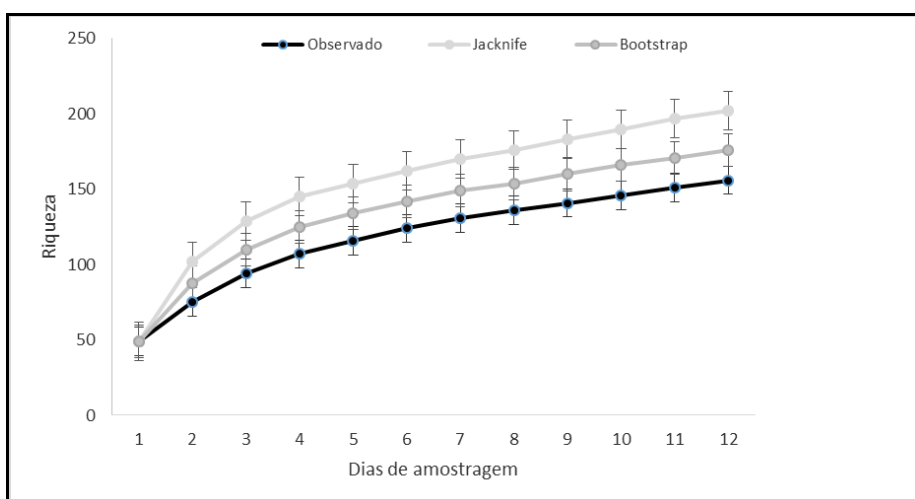


Figura 2.2.3.3-3 - Curva de rarefação de espécies da avifauna registradas nas três regiões de amostragem por meio de captura por redes de neblina, pontos de escuta lista de Mackinnon durante a primeira campanha de levantamento da avifauna na área de estudo da LT 500 kV Igaporá III-Presidente Juscelino (julho/agosto de 2017), estação seca.

2.2.3.3.2.4.4 - Sucesso Amostral

Foram realizadas 21 Listas de *Mackinnon* na região 1 (R1), 26 na região 2 (R2) e 13 na região 3 (R3). O esforço empregado nas redes de neblina e pontos de escuta foram os mesmos para as cada uma das três regiões de amostragem (240 horas*rede; 300min, respectivamente).

Os maiores valores de sucesso amostral foram adquiridos pelo método de Lista de *Mackinnon* e os menores valores, pelo método de redes de neblina em ambas as regiões de amostragem.

A região amostral R3 (Caetité) foi a que apresentou o menor sucesso de captura nos três métodos utilizados (**Quadro 2.2.3.3-5**), o que nos leva a crer que, dentre as três regiões de amostragem, essa região (R3) é a que de fato apresenta a menor riqueza e abundância. Entretanto, vale lembrar que a sazonalidade, assim como estrutura populacional (densidade das espécies) e condições climáticas, por exemplo, são variáveis que podem afetar a amostragem.

Quadro 2.2.3.3-5 - Sucesso de captura (número de indivíduos registrados/esforço amostral), por região de amostragem durante a primeira campanha de levantamento da avifauna na área de estudo da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino (MG/BA). Dados obtidos em julho/agosto de 2017, estação seca.

Região de Amostragem	Sucesso Amostral por método		
	Lista de <i>Mackinnon</i> (ind/min)	Rede de neblina (ind/h*rede)	Ponto de Escuta (ind/min)
R1 - Corinto (MG)	0,43 (n = 210)	0,08 (n = 20)	1,12 (n = 337)
R2 – Juramento (MG)	0,54 (n = 260)	0,29 (n = 71)	1,1 (n = 330)
R3 - Caetité (BA)	0,27 (n = 130)	0,29 (n = 71)	0,47 (n = 142)
TOTAL	0,45 (n = 600)	0,22 (n = 162)	0,89 (n = 809)

Poucos estudos apresentaram parcialmente os esforços amostrais dos métodos utilizados para a amostragem da avifauna (RODRIGUES *et al.*, 2005; FERREIRA *et al.*, 2009; SOUSA *et al.*, 2012). Sousa *et al.*, por exemplo, utilizaram os métodos de Lista de *Mackinnon*, redes de neblina, transecção e busca ativa para a amostragem da avifauna no Parque Nacional do Catimbau, localizado no estado de Pernambuco e, embora tenham sido utilizados quatro métodos de amostragem, apenas foram apresentados os esforços de captura com redes de neblina e transecção. Foram empregadas 1.212h de captura com redes de neblina (296 indivíduos capturados) o que culminou em uma taxa de captura de 0,24. Valor maior e com um menor esforço amostral, foi encontrado para a taxa de captura na região R2 (Juramento) e R3 (Caetité) com o método de rede de neblina, revelando ter estas áreas abundâncias bastante elevada. Outros exemplos provêm de Ferreira *et al.* (2009) e Rodrigues *et al.* (2005). Ferreira *et al.* (2009) amostrando a avifauna em área de Savana no Quadrilátero Ferrífero de Minas Gerais obtiveram uma taxa de captura de 0,32 ind.h enquanto que Rodrigues *et al.* (2005) trabalhando na Cadeia do Espinhaço (MG), durante

quatro anos de estudos (1999 a 2002) obtiveram uma taxa de captura de aves em diversas fitofisionomias do Cerrado de 0,50 ind-h, números um pouco mais elevados do que os do presente estudo.

Surpreende a baixa taxa de captura do método de redes de neblina na região amostral R1 (Corinto), região esta que apresentou as maiores taxas de sucesso amostral nos outros métodos utilizados. Acredita-se que o clima nos dias de amostragem possa ter interferido nos resultados, visto que estava muito frio (8°C às 6h da manhã). Esse baixo valor (0,08 ind.h) se assemelha a estudos realizados em florestas densas (Amazônia). Mestre *et al.* (2011), por exemplo, em estudo realizado em uma área no sul da Floresta Amazônica brasileira, no norte do Estado do Mato Grosso, encontrou uma taxa de captura de 0,09 ind.h. Além disso, embora exista um sub-bosque rico em espécies de aves, o fato das fitofisionomias florestais (Floresta Estacional quando comparado à Savana) apresentarem uma estrutura da vegetação complexa faz com que as aves tenham possibilidades de explorar mais o ambiente e, dessa maneira, aumentar a probabilidade de escapar às redes montadas.

Analisando-se de modo mais intrínseco as capturas com rede de neblina, percebe-se que as espécies mais capturadas variaram entre as regiões de amostragem. As espécies mais capturadas em R1 foram *Casiornis fuscus* (caneleiro-enxofre), *Herpsilochmus atricapillus* (chorozinho-de-chapeu-preto), *Myiarchus tyrannulus* (maria-cavaleira-de-rabo-enferrujado), *Myiothlypis flaveola* (canário-do-mato), *Tolmomyias sulphurescens* (bico-chato-de-orelha-preta) e *Sittasomus griseicapillus* (arapaçu-verde), todas representadas por 2 indivíduos. Em R2 as espécies mais representativas foram *Myiothlypis flaveola* (canário-do-mato) (13 indivíduos) seguida de *Formicivora melanogaster* (formigueiro-de-barriga-preta) (10 indivíduos) e, em R3 foi *Sakesphorus cristatus* (choca-do-nordeste) (10 indivíduos) seguido de *Phaeomyias murina* (bagageiro) e *Hemitriccus margaritaceiventer* (sebinho-de-olho-de-ouro) (ambas com oito espécies) (**Quadro 2.2.3.3-6**).

Todas as espécies mais capturadas, independente da região de amostragem habitam o sub-bosque das matas e forrageiam cautelosamente e silenciosamente sozinhas ou em bandos mistos em busca de insetos, vasculhando a vegetação (ROBINSON & HOLMES, 1982). Esse comportamento, associado à sua prevalência no sub-bosque, pode ter facilitado as suas capturas, uma vez que o método de amostragem por redes de neblina é voltado para captura de espécies que ocorrem em sub-bosque.

Vale ressaltar que algumas das espécies mais capturadas – tico-tico-rei-cinza (*C. pileatus*), sebinho-de-olho-de-ouro (*H. margaritaceiventer*) e bagageiro (*P. murina*) foram também as mais capturadas em outro estudo realizado na Caatinga baiana, UHE Lago do Sobradinho (ROOS *et al.*, 2006), o que evidencia a elevada abundância destas no bioma.

Quadro 2.2.3.3-6 - Taxa de captura das espécies da avifauna capturadas em rede de neblina em cada região de amostragem no levantamento de avifauna da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino (MG/BA). Dados obtidos em julho/agosto de 2017, estação seca.

Espécie	Regiões de amostragem		
	R1	R2	R3
<i>Amazilia fimbriata</i>	0,004	-	0,008
<i>Basileuterus culicivorus</i>	-	0,016	-
<i>Camptostoma obsoletum</i>	-	-	0,004
<i>Casiornis fuscus</i>	0,008	-	-
<i>Casiornis rufus</i>	0,004	-	-
<i>Cnemotriccus fuscatus</i>	-	0,016	-
<i>Coereba flaveola</i>	-	-	0,004
<i>Columbina talpacoti</i>	0,004	-	-
<i>Coryphospingus pileatus</i>	-	0,020	0,025
<i>Cyanoloxia brissonii</i>	-	0,004	-
<i>Cyclarhis gujanensis</i>	-	0,008	-
<i>Elaenia cristata</i>	-	-	0,025
<i>Eucometis penicillata</i>	-	0,004	-
<i>Formicivora melanogaster</i>	-	0,041	0,008
<i>Furnarius leucotis</i>	0,004	0,008	-
<i>Hemitriccus margritaceiventer</i>	0,004	0,004	0,033
<i>Herpsilochmus atricapillus</i>	0,008	-	-
<i>Herpsilochmus sellowii</i>	-	0,008	0,012
<i>Hylophilus amaurocephalus</i>	-	0,012	0,029
<i>Lepidocolaptes angustirostris</i>	-	-	0,008
<i>Leptotila verreauxi</i>	-	0,004	-
<i>Megaxenops parnaguae</i>	-	-	0,004
<i>Myiarchus tyrannulus</i>	0,008	-	0,004
<i>Myiothlypis flaveola</i>	0,008	0,054	-
<i>Myrmorchilus strigilatus</i>	-	0,004	0,004
<i>Nonnula rubecula</i>	-	0,008	-
<i>Phacellodomus rufifrons</i>	-	-	0,004
<i>Phaeomyias murina</i>	0,004	-	0,033
<i>Phaethornis pretrei</i>	-	-	0,004
<i>Phyllomyias fasciatus</i>	-	0,004	-
<i>Poecilatriccus plumbeiceps</i>	-	0,004	-
<i>Polioptila plumbea</i>	-	0,008	0,004
<i>Sakesphorus cristatus</i>	-	0,012	0,041
<i>Saltator similis</i>	-	0,004	0,041
<i>Schistochlamys ruficapillus</i>	-	-	-
<i>Sittasomus griseicapillus</i>	0,008	-	0,004

Espécie	Regiões de amostragem		
	R1	R2	R3
<i>Sublegatus modestus</i>	-	-	0,004
<i>Suiriri suiriri</i>	-	-	0,004
<i>Synallaxis hellmayri</i>	-	-	0,004
<i>Synallaxis scutata</i>	-	0,004	-
<i>Tachyphonus rufus</i>	-	0,004	-
<i>Tangara cayana</i>	-	-	0,004
<i>Tangara sayaca</i>	-	0,004	-
<i>Thamnophilus pelzeni</i>	-	0,020	-
<i>Tolmomyias flaviventris</i>	-	0,008	0,004
<i>Tolmomyias sulphurescens</i>	0,008	-	-
<i>Troglodytes musculus</i>	-	-	0,004
<i>Turdus leucomelas</i>	0,004	0,004	-
<i>Veniliornis passerinus</i>	0,004	-	-
<i>Zonotrichia capensis</i>	-	-	0,004

Não foram encontrados outros estudos que possibilitassem uma melhor comparação entre os outros métodos utilizados no levantamento da avifauna da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino, de modo que uma melhor discussão pudesse ser realizada. Acredita-se que a inexistência de outros estudos seja reflexo do próprio método utilizado, pois apenas recentemente iniciou-se a realização de inventários da avifauna utilizando-se a Lista de *Mackinnon*, e ausência de informação sobre a abundância de indivíduos capturados no caso do método de Pontos de Escuta.

Apesar da inexistência de estudos, o maior sucesso do método Lista de *Mackinnon* está relacionado ao fato de que o consultor vai ao encontro das espécies ao caminhar por um percurso que pode ser alterado ao se deparar com uma espécie de interesse. Nesse percurso, o consultor atravessa diversos microhabitats, o que permite a detecção de um grande número de espécies, principalmente as mais comuns. Enquanto que a técnica de pontos de escuta permite o registro de espécies com características comportamentais peculiares como, por exemplo, as territorialistas que se deslocam pouco entre fragmentos. Este método de amostragem é considerado, por muitos autores, o mais eficaz no registro de espécies (BLONDEL *et al.* 1970; VIELLIARD & SILVA 1990; BLAKE & LOISELLE, 2001; ANJOS *et al.*, 2007), principalmente naqueles onde a vegetação densa impede em muitos casos a observação dos indivíduos (ANJOS, 2007; SANTOS, 2004).

Visto que cada método possui sua particularidade, nota-se que esta também se manifesta ao se analisar o número de espécies exclusivamente registrado por cada método. O método de Lista de *Mackinnon*

obteve o maior sucesso de captura, com 34 espécies exclusivas, seguido do método de Pontos de Escuta com 17 espécies exclusivas e redes de neblina com três espécies. Por isso, cada método é complementar aos demais métodos e todos podem ser considerados eficazes na amostragem da avifauna.

2.2.3.3.2.4.5 - Comparação entre as regiões de amostragem

Comparando-se a riqueza registrada por meio dos métodos sistematizados e não sistematizados entre as regiões de amostragem, R1 (Corinto) foi a que apresentou maior riqueza (128 espécies) seguida de R2 (Juramento) e R3 (Caetité) com 103 e 90 espécies, respectivamente. Maiores riquezas, no geral, refletem um maior número de ambientes (habitats) associado à complexidade estrutural (variedade de microhabitats) que permitem a coexistência de várias espécies. A região amostral R1, por exemplo, apresenta cinco distintas fitofisionomias que variam desde áreas abertas (agricultura) a áreas florestadas (Floresta Estacional Semidecidual e Savana arborizada). Estas diferenças na composição podem conter uma assembleia de aves também diferente. A presença de mais de um tipo de fitofisionomia de fato, reflete uma maior riqueza, como demonstrado por Santos (2004), ao estudar a assembleia de aves de seis áreas de Caatinga no sul do estado do Piauí. Este pesquisador comparou três áreas com fitofisionomia de Caatinga arbórea e três apresentando Caatinga arbustiva. Como método de amostragem, utilizou apenas pontos fixos de escuta (método também utilizado neste levantamento). Por meio de análise de agrupamento, o autor demonstrou existir duas assembleias distintas de aves, com a Caatinga arbórea apresentando um maior número de espécies exclusivas (33 espécies) do que a Caatinga arbustiva (21 espécies).

Ao se comparar a assembleia de aves entre as regiões quanto à sua composição, indicou que as regiões mais similares na composição são R1 e R2, compartilhando exclusivamente 28 espécies entre si e a menos similar, R1 e R3 com 11 espécies compartilhadas exclusivamente. Isto significa que a região de amostragem R1 é bem diferente da região amostral localizada na outra extremidade do empreendimento (R3). Este resultado corrobora o explicitado anteriormente quanto à importância da quantidade de ambientes influenciando na composição das espécies (**Quadro 2.2.3.3-7** e **Figura 2.2.3.3-4**). A região R3, por exemplo possui como fitofisionomia dominante a savana arborizada que aparentemente possui uma heterogeneidade de habitat menos complexa que uma Floresta estacional (presente em R1). Além disso, em R3, foram mais frequentes a presença de áreas antropizadas cortando a paisagem do que R1. Áreas antropizadas modificam as características do entorno que no geral favorecem a prevalência de espécies de aves de hábitos mais generalistas.

Segundo Dumbois & Ellenberg (1974), em áreas tropicais, valores de similaridade acima de 25% podem ser considerados altos, em função da alta diversidade de espécies encontradas nessas áreas. Portanto,

tendo como base esta referência não houve no geral uma elevada similaridade entre nenhuma das regiões de amostragem.

A baixa similaridade entre as regiões de amostragem reflete a composição de fitofisionomias, sendo as áreas mais próximas entre si, as mais similares e, conforme nos distanciamos a similaridade diminui (SILVEIRA & D’HORTA, 2002), provavelmente por esse motivo R2 (que se encontra entre as duas demais áreas) mostrou ser mais semelhante a R1 e R3. Esta distância entre as regiões não precisa ser muito grande, visto que Silveira e D’Horta (2002), apesar de não terem precisamente quantificado, observaram pequena diferenciação ao compararem a riqueza de espécies de aves entre fragmentos de Floresta Semidecídua (que perde as folhas em determinada época do ano), Floresta Ombrófila Densa (permanece com folhas verdes o ano inteiro) e Cerrado em uma mesma cidade.

Quadro 2.2.3.3-7 - Resultado da comparação entre as regiões de amostragem por meio do Índice de Similaridade de Jaccard (ISj). Dados obtidos por meio do levantamento de fauna na área de estudo da LT 500 kV Igaporá III – Presidente Juscelino (MG/BA), (julho/agosto de 2017).

Regiões de Amostragem	Índice de Similaridade de Jaccard (ISj)
R1 x R2	6.08
R1 X R3	1.21
R2 X R3	2.47

A análise de agrupamento (Cluster), utilizando-se apenas as unidades amostrais de cada região de amostragem relacionadas ao método de redes de neblina e pontos de escuta (que fornecem estimativas da abundância), corrobora as diferenças já apresentadas entre as três regiões. A região amostral R1 (Corinto) apresenta, de fato, um padrão diferente das outras duas regiões amostradas, quando a abundância é considerada na análise (**Figura 2.2.3.3-4**). Mais especificamente, nota-se que esta região encontra-se separada das demais, cuja composição e abundância das espécies estão mais semelhantes. A região R1, como dito anteriormente, possui um número maior de fitofisionomias (maior heterogeneidade de habitats) que permite a coexistência de um maior número de espécies. A hipótese da heterogeneidade de habitat pode aumentar a diversidade de espécies de duas formas (CRAMER & WILLIG, 2005): 1) adaptações que resultam em uma diminuição de sucesso competitivo em outro habitat ou 2) pequenos fragmentos de habitat podem aumentar a qualidade total de um tipo de habitat ou fitofisionomia. Determinar qual dessas duas formas encontra-se atuando nas estimativas de diversidade entre as áreas é difícil de se determinar. Entretanto, estudos específicos de diversidade beta associado a estudos ecológicos de análise da paisagem podem elucidar esta questão.

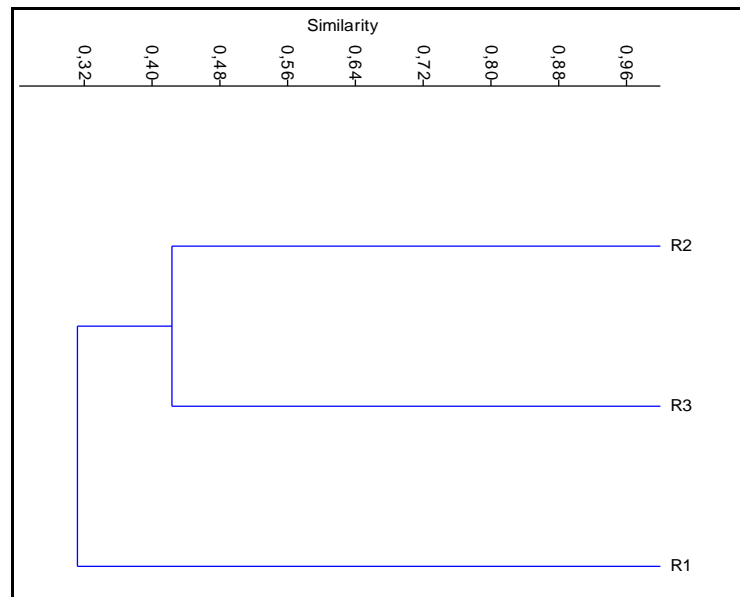


Figura 2.2.3.3-4 - Análise de agrupamento entre as regiões de amostragem durante a primeira campanha de levantamento da avifauna da LT 230 kV Igaporã III – Presidente Juscelino (julho/agosto 2017).

A análise de agrupamento (NMDS), utilizando-se os dias como unidades amostrais, corroborou as diferenças já observadas entre as três regiões de amostragem. Todas as três encontram-se bem distribuídas espacialmente possuindo composição e abundância próprias, com poucas espécies em comum (**Figura 2.2.3.3-5**).

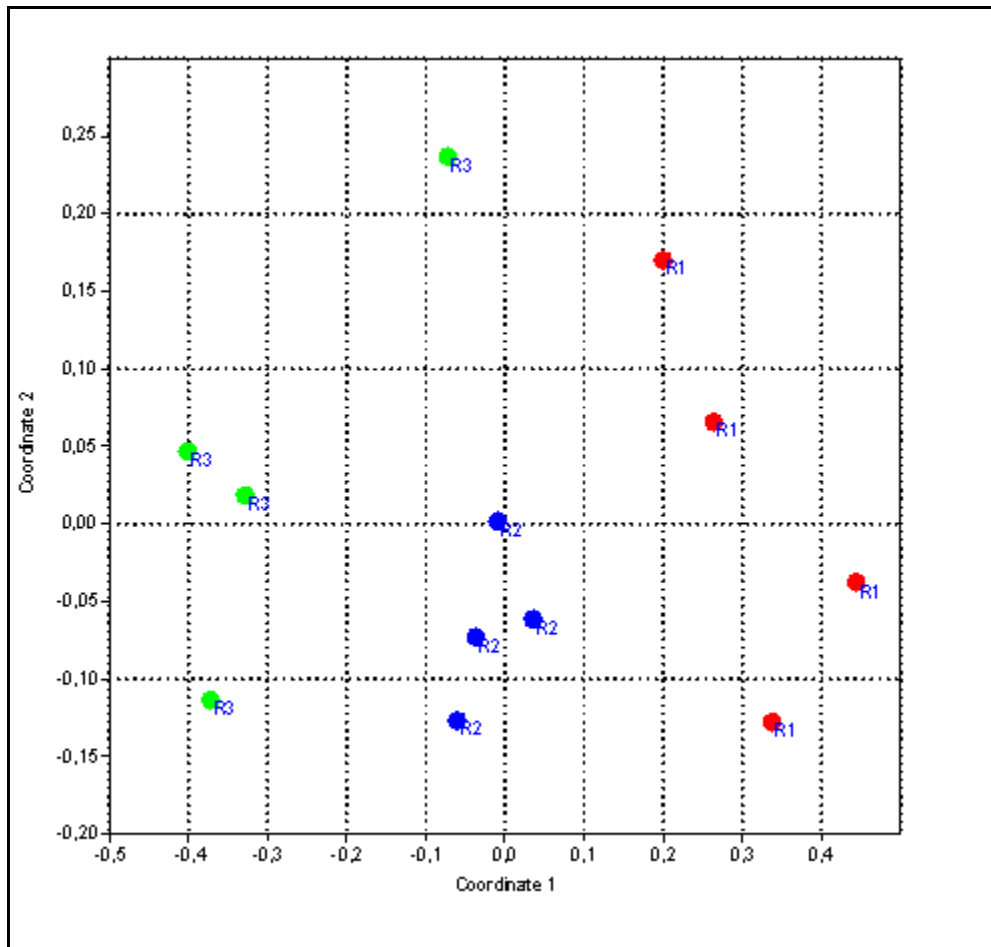


Figura 2.2.3.3-5 - Ordenação das unidades amostrais por escalonamento multidimensional não métrico (NMDS) baseado na presença e ausência das espécies de aves registradas por dia durante o levantamento da fauna da LT 500 kV Igaporã III-Presidente Juscelino, nos estados de Minas Gerais e da Bahia, entre julho e agosto de 2017 (estação seca), por região de amostragem.

De fato, por apresentar um maior número de fitofisionomias amostradas, R1 foi também a região que apresentou um maior número de espécies exclusivas. Tendo como base os registros obtidos por métodos sistemáticos e assistemáticos, R1 obteve 43 registros exclusivos (corresponde a 33% das espécies registradas nesta região), seguida por R3, com 21 espécies exclusivas e R2, com 18 registros exclusivos (**Figura 2.2.3.3-6**).

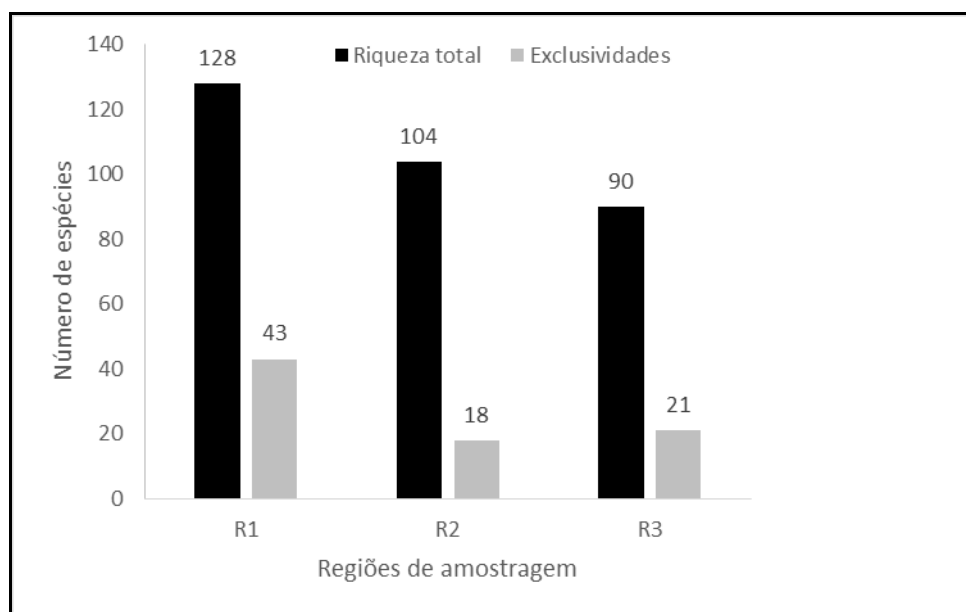


Figura 2.2.3.3-6-Número de espécies da avifauna registradas em cada região de amostragem do levantamento da avifauna e exclusividades na área de estudo da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino. Dados obtidos em julho/agosto de 2017 (estação seca).

Apesar dos indicadores ecológicos utilizados terem sido muito próximos para cada região amostrada a diversidade registrada foi maior em R1 e menor em R3 de acordo com o índice de *Shannon* e maior em R1 e menor em R2 de acordo com o índice de *Simpson* (**Quadro 2.2.3.3-8**). Isso significa que a região R1 é a que apresenta maior expressão e importância levando em consideração as espécies raras e abundância (Índice de *Shannon*) e também aquela em que a dominância de espécies é menor quando se mede a probabilidade de dois indivíduos, ao acaso, pertencerem à mesma espécie (Índice de *Simpson*). Já a região R2, apresenta também um bom número de espécies raras e abundância elevada das demais espécies, o que faz com que a dominância destas seja alta sobre as espécies raras.

Essa diversidade encontrada nas três regiões amostradas foi semelhante ao encontrado em outros estudos em áreas no Cerrado e na Caatinga como, por exemplo, no estudo desenvolvido por Farias (2007) em quatro regiões em Pernambuco (valores de índice de *Shannon* entre $H' = 3,4$ e $3,9$), enquanto que em Alagoas foi encontrado um valor de índice de *Shannon* de $H' = 3,7$ (ARAÚJO & RODRIGUES, 2011). Embora com variações, os valores registrados demonstram que as regiões de amostragem possuem riqueza singular e significativa. Os estudos citados realizaram amostragens de campo por, no mínimo, uma campanha em cada estação (seca e chuvosa), o que ainda não foi realizado neste levantamento. Mesmo na ausência da campanha na estação chuvosa, a diversidade encontrada nas regiões amostradas neste estudo são maiores do que as encontradas nos estudos acima supracitados (**Quadro 2.2.3.3-8**).

De acordo com a equitabilidade, em todas as regiões são esperadas distribuições homogêneas das espécies, ou seja, aparentemente estão em equilíbrio. A menos homogênea seria a região R3 (**Quadro 2.2.3.3-8**).

Quadro 2.2.3.3-8– Indicadores ecológicos por região de amostragem tendo como base os métodos que permitem inferir a abundância (Redes de neblina e Pontos de escuta). Dados obtidos por meio do levantamento de fauna na área de estudo da LT 500 kV Igaporá III – Presidente Juscelino (MG/BA). Dados obtidos em julho/agosto de 2017.

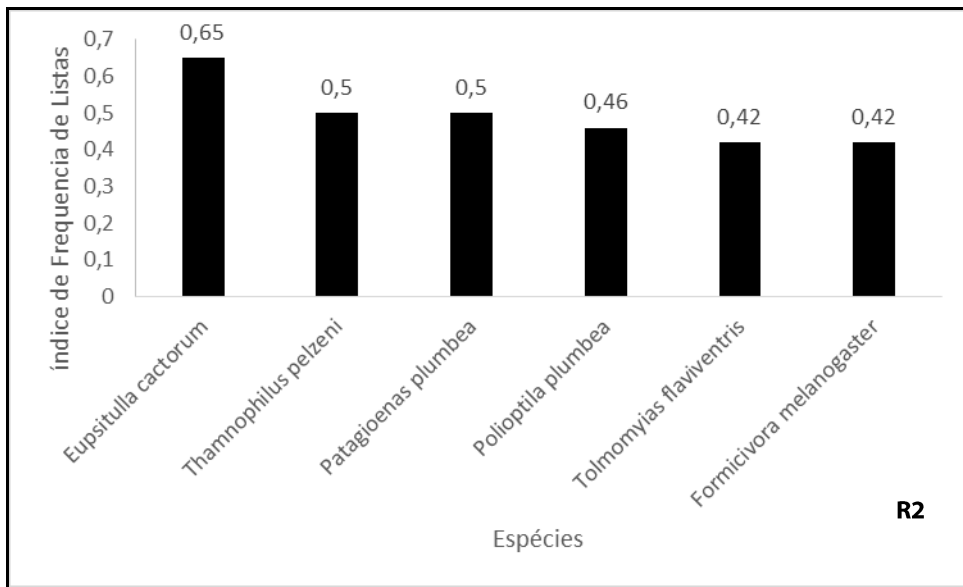
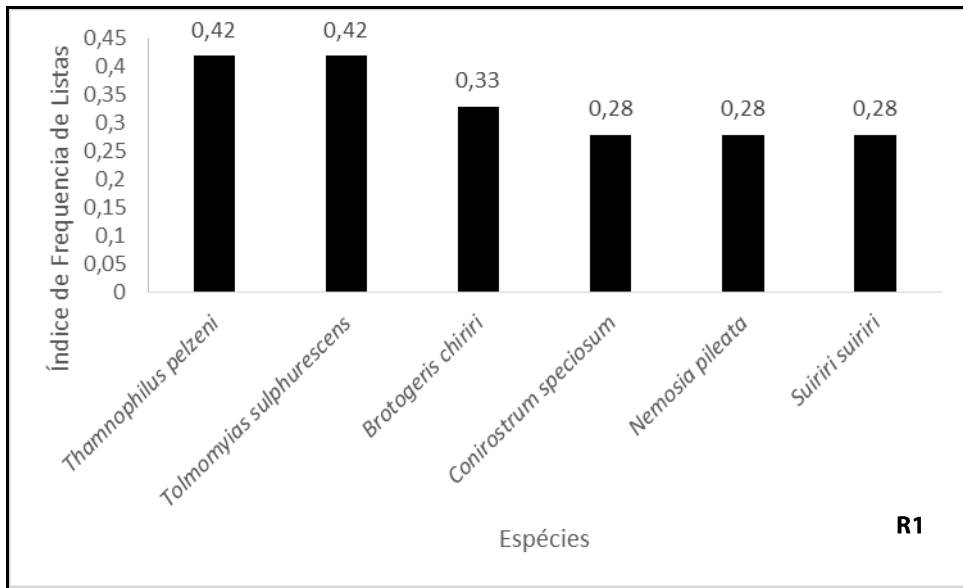
Indicador	R1	R2	R3
Riqueza	79	78	47
Abundância	357	401	213
Shannon (<i>H'</i>)	3,97	3,86	3,34
Equitabilidade (<i>J</i>)	0,91	0,88	0,86
Dominância	0,97	0,96	0,97

2.2.3.3.2.4.6 - Índice de Frequência das Listas (IFL)

De acordo com o índice de frequência das listas (IFL), as espécies dominantes em cada região de amostragem não foram semelhantes. Em R1, por exemplo, as espécies dominantes foram bico-chato-de-orelha-preta (*Tolmomyias sulphurescens*) e choca-do-planalto (*Thamnophilus pelzeni*). Já em R2, as espécies dominantes foram *Eupsitulla cactorum* seguida de choca-do-planalto (*Thamnophilus pelzeni*) e pomba-amargosa (*Patagioenas plumbea*) e em R3, dominaram sebinho-de-olho-de-ouro (*Hemitriccus margaritaceiventer*), piu-piu (*Myrmorchilus strigilatus*) e seriema (*Cariama cristata*) (**Figura 2.2.3.3-7**). Essa composição diferente entre as espécies mais frequentes em cada região de amostragem é esperado, visto que reflete as diferentes fitofisionomias presentes em cada região amostrada. Além disso, as espécies podem ocorrer em mais de uma fitofisionomia o que aumentam as suas chances de sobrevivência além de serem detectadas pelo pesquisador.

Em todas as regiões de amostragem, as espécies tiveram uma baixa diferença de frequência nas listas, o que corrobora os valores de equitabilidade encontrados (ver **Quadro 2.2.3.3-8**).

Todas as espécies mais frequentes são observadas no sub-bosque e dossel das matas, com exceção de periquito-da-caatinga (*E. cactorum*), periquito-de-encontro-amarelo (*B. chiriri*), seriema (*C. cristata*), suiriri-cinzento (*S. suiriri*) e pomba-amargosa (*P. plumbea*) registradas em áreas mais abertas. Merece destaque a elevada frequência de espécies pertencentes à família Psittacidae (*E. cactorum*, *B. chiriri*), espécies alvo do tráfico ilegal de aves e que possuem exigências ecológicas, como dieta baseada em frutos e necessidade de ocos em árvores maduras para se reproduzirem. Também são consideradas espécies muito inteligentes devido à capacidade de imitar a fala humana, razão pela qual figuram na lista das aves mais traficadas ilegalmente (RENTAS, 2001).



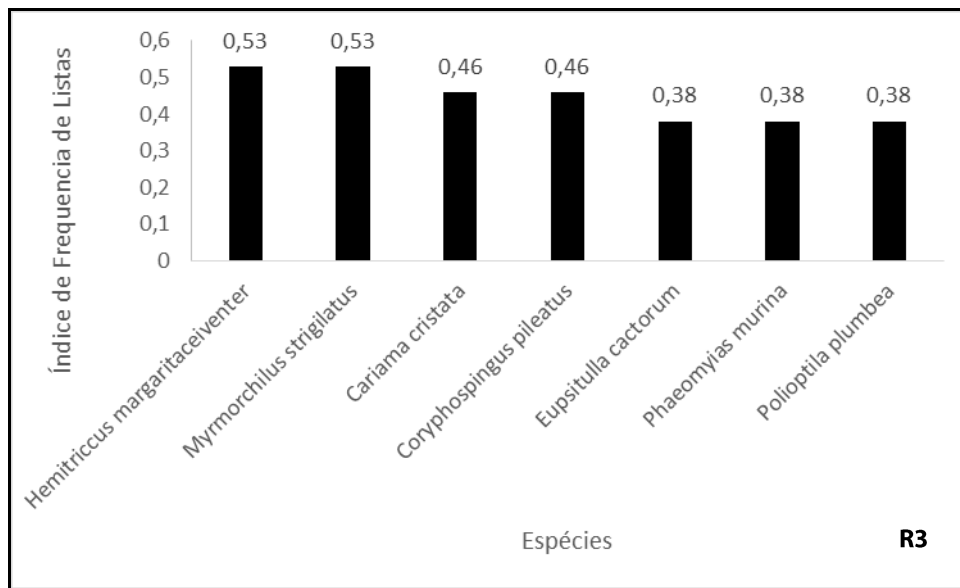
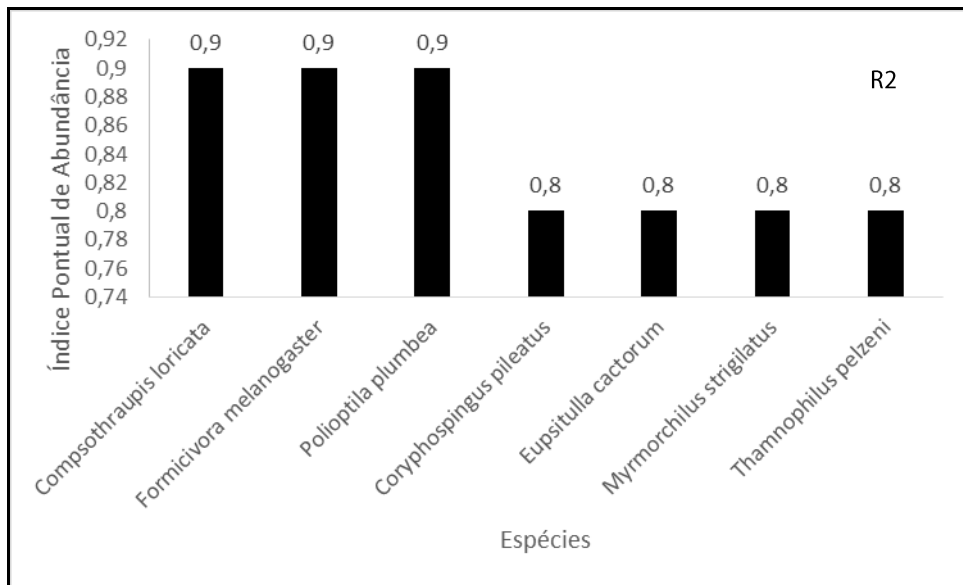
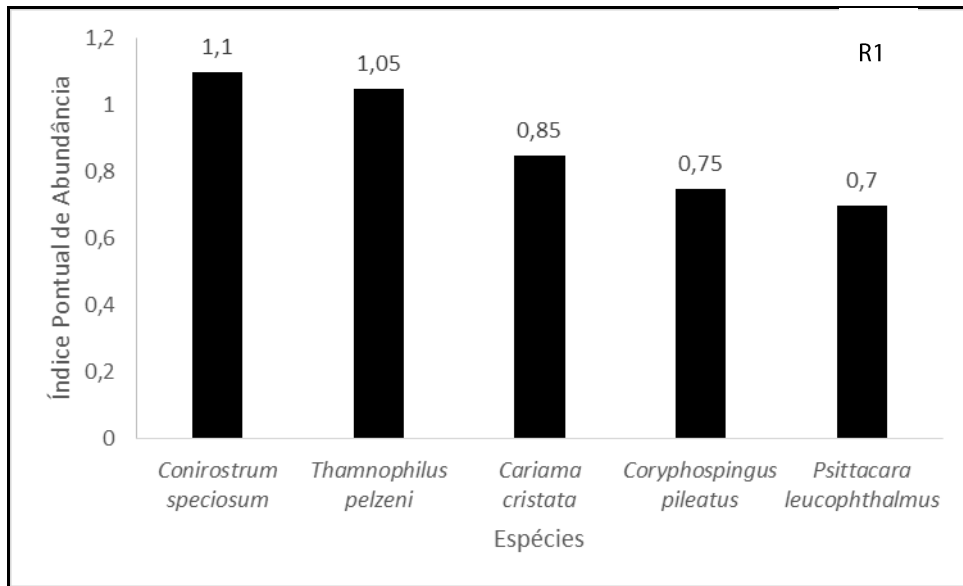


Figura 2.2.3.3-7-Espécies de aves dominantes por região amostral, segundo o Índice de Frequência nas Listas (IFL) com base no método de Listas de Mackinnon no levantamento de avifauna na área de estudo da LT 500 kV Igaporá III – Presidente Juscelino (MG/BA). Dados obtidos em julho/agosto de 2017.

2.2.3.3.2.4.7 - Índice Pontual de Abundância

O Índice pontual de abundância indicou resultados similares ao mostrado pelo método de Lista de Mackinnon – as espécies mais abundantes não foram as mesmas entre as regiões amostradas, demonstrando as singularidades/particularidades de cada região (**Figura 2.2.3.3-8**). Na região R1, a espécie mais abundante foi figurinha-do-mangue (*Conirostrum speciosum*), seguido de choca-do-planalto (*Thamnophilus pelzeni*), espécies residentes. *Conirostrum speciosum* ocupa o dossel enquanto *Thamnophilus pelzeni* habita o sub-bosque.

Na região R2, as espécies mais abundantes foram tiê-caburé (*Compsotherapis loricata*) e formigueiro-de-barriga-preta (*Formicivora melanogaster*). A primeira vive em grupos, é social (SIGRIST, 2009) e a segunda vive aos pares (SIGRIST, 2009), o que demonstra que a abundância na região é elevada tanto de espécies que vivem em pequenos grupos (pares) quanto aquelas que mais facilmente poderiam ser registradas (aquelas que vivem em grupos). Já a região R3 houve maior abundância de periquito-da-caatinga (*Eupsitulla cactorum*) e piu-piu (*Myrmorchilus strigilatus*), espécies facilmente detectáveis pela vocalização característica que produzem.



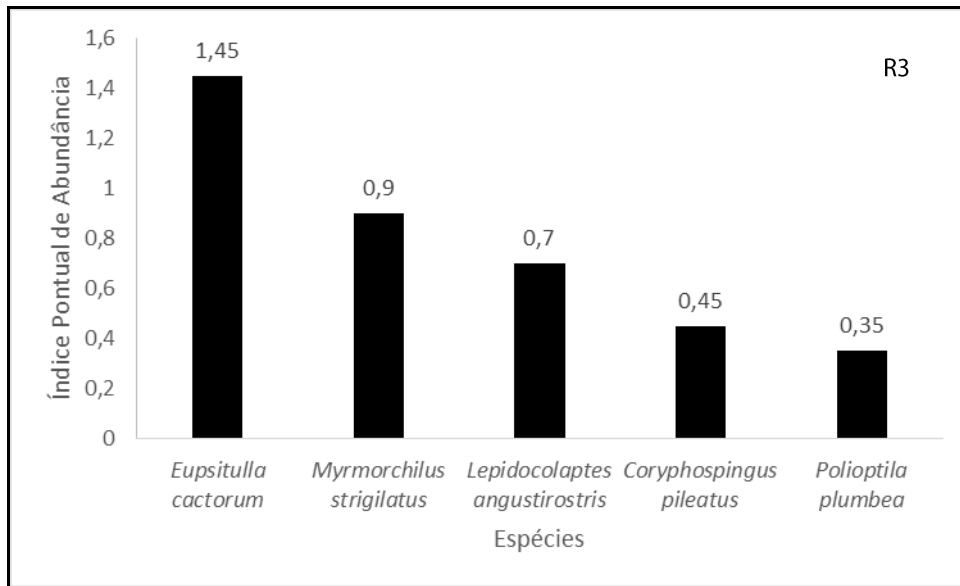


Figura 2.2.3.3-8-- Espécies de aves dominantes por região amostral, segundo o Índice Pontual de Abundância com base no método de Pontos de observação e de escuta no levantamento de avifauna na área de estudo da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino (MG/BA). Dados obtidos em julho/agosto de 2017 (estação seca).

2.2.3.3.2.4.8 - Espécies Ameaçadas, Raras, Endêmicas e Novos Registros

Foram registradas, por dados primários, quatro espécies presentes em algumas das listas de espécies ameaçadas de extinção consultadas (IUCN, 2017; MMA, 2014; COPAM, 2010; SEMA, 2017). São elas: negrinho-do-mato (*Amaurospiza moesta*), cara-dourada (*Phylloscartes roquettei*), cigarra-do-campo (*Neothraupis fasciata*) e joão-chique-chique (*Synallaxis hellmayri*). *Amaurospiza moesta* (negrinho-do-mato) encontra-se ameaçada na categoria “Vulnerável” na lista do estado de Minas Gerais (COPAM, 2010) e “Quase-ameaçada” na lista global (IUCN, 2017). Foi registrada na região R1 (Corinto) pelo método Lista de *Mackinnon*. Esta espécie apresenta dimorfismo sexual, sendo os machos preto-azulados e as fêmeas em tons amarronzados (VAN PERLO, 2009). Alimenta-se de sementes e insetos, estando muitas vezes associada à presença da frutificação de bambus (LOPES *et al.*, 2011). Por conta disto, considera-se a espécie como sazonal (LOPES *et al.*, 2011).

Phylloscartes roquettei (cara-dourada) por sua vez, encontra-se na categoria “Em Perigo” de extinção nas listas global (IUCN, 2017), nacional (MMA, 2014). Foi registrada também na região R1 (Corinto) pelo método Lista de *Mackinnon*. São desconhecidas informações de sua biologia e, os registros escassos da espécie, indicam presença apenas em torno do Vale do Rio São Francisco (WIKIAVES, 2017).

Neothraupis fasciata (cigarra-do-campo), considerada “Quase-ameaçada” de extinção na lista global (IUCN, 2017) é espécie endêmica do bioma Cerrado. Foi registrada na região R3 (Caetité) pelo método de Lista de *Mackinnon*. Alimenta-se de artrópodes e grãos (SICK, 1997) e a sazonalidade do recurso alimentar influencia na sua reprodução, sendo a espécie capaz de sincronizar este evento com a duração e disponibilidade do alimento (PEREIRA, 2010). A perda de hábitat, com a transformação de extensas áreas de cerrado em monoculturas aparenta ser a principal ameaça à sobrevivência da espécie (BIRDLIFE INTERNATIONAL, 2016a).

Por fim, *Synallaxis hellmayri* (joão-chique-chique) encontra-se classificada como “Quase-ameaçada” na lista global (IUCN, 2017) e foi registrada em R3 (Caetité) pelo método de captura com rede de neblina. Esta espécie que não apresenta dimorfismo sexual se alimenta de artrópodes e sementes (BUAINAIN & FORCATO, 2016). A perda de hábitat é considerada a principal ameaça à sua sobrevivência (BIRDLIFE INTERNATIONAL, 2016b) já que possui distribuição geográfica restrita.

Além dessas espécies, mais 32 registradas apenas através de dados secundárias, foram listadas como em algum grau de ameaça nas listas consultadas (IUCN, 2017; MMA, 2014; COPAM, 2010; SEMA, 2017)

Quadro 2.2.3.3-9.

Quadro 2.2.3.3-9- Espécies da avifauna incluídas nas listas de espécies ameaçadas de extinção com ocorrência potencial para área de estudo da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino. Dados primários obtidos em junho e agosto de 2017 (estação seca).

Legenda: Legendas: Dados secundários:1- Wikiaves, 2017; 2 - ATE/Ecology, 2014; 3 - Carrara et al., 2013; 4 - Oliveira, 2013; 5- Vasconcelos et al., 2012; 4; 5 -; 6 - Vasconcelos & D’Angelo Neto, 2007; 7- Rodrigues et al., 20057.. Método de registro: LM –Lista de Mackinnon; PE – Ponto de Escuta; RN – Rede de neblina; RO – Registro ocasional. Categorias de ameaça: IUCN: (LC – preocupação menor; DD – deficiência de dados; EN – em perigo; VU - vulnerável; CR – criticamente em perigo; IUCN, 2017), MMA: (CR= criticamente em perigo, EN= em perigo e VU= Vulnerável; MMA, 2014), MG e BA: CR= criticamente em perigo, EN= em perigo e VU= Vulnerável, COPAM, 2010; SEEMA, 2017).

Espécie	Nome comum	Dados Secundários	Método de Amostragem	IUCN	MMA	MG	BA
<i>Alipiopsitta xanthops</i>	papagaio-galego	5,7		NT			
<i>Alopochelidon fucata</i>	andorinha-morena	2,4,6		NT			
<i>Amaurospiza moesta</i>	negrinho-do-mato	3,7	LM	NT		VU	
<i>Aratinga auricapillus</i>	jandaia-de-testa-vermelha	2,6		NT			
<i>Arremon franciscanus</i>	tico-tico-do-são-francisco	2,3,7		NT			
<i>Augastes scutatus</i>	beija-flor-de-gravata-verde	2,4,6		NT			
<i>Charitospiza eucosma</i>	mineirinho	2,4,5,7		NT			
<i>Coryphaspiza melanotis</i>	tico-tico-de-máscara-negra	6		VU	EN	EN	
<i>Crypturellus noctivagus</i>	jaó-do-sul	1,2,3,5		NT		EN	

Espécie	Nome comum	Dados Secundários	Método de Amostragem	IUCN	MMA	MG	BA
<i>Euscarthmus rufomarginatus</i>	maíra-corruiá	2,3,7		NT		CR	
<i>Formicarius colma</i>	galinha-do-mato	2,5				VU	
<i>Formicivora iheringi</i>	formigueiro-do-nordeste	1,2,3,5,7		NT			
<i>Geranoaetus melanoleucus</i>	agrupar1	2,4				EN	
<i>Hylopezus ochroleucus</i>	torom-do-nordeste	1,2,3,5,7		NT			
<i>Lepidocolaptes wagleri</i>	arapaçu-de-wagler	7			EN		
<i>Malacoptila triata</i>	barbudo-rajado	4		NT			
<i>Microspingus cinereus</i>	capacinho-do-oco-do-pau	2,7		VU			
<i>Mycteria americana</i>	cabeça-seca	2				VU	
<i>Neopelma aurifrons</i>	fruxu-baiano	2,5		VU	EN		
<i>Neothraupis fasciata</i>	cigarra-do-campo	2,3,4,5,7	LM	NT			
<i>Nyctiprogne vielliardi</i>	bacurau-do-são-francisco	2			NT		
<i>Odontophorus capueira</i>	uru	2,5				EN	
<i>Penelope jacucaca</i>	jacucaca	3,7		VU	VU	EN	
<i>Phylloscartes roquettei</i>	cara-dourada	2,3,7	LM	EN	EN		
<i>Platalea ajaja</i>	colhereiro	2,7				VU	
<i>Porphyrospiza caerulescens</i>	campainha-azul	2,4,6,7		NT			
<i>Primolius maracana</i>	maracanã-verdadeira	1,2,3,6,7		NT			
<i>Procnias nudicollis</i>	araponga	6		VU		EN	
<i>Rhea americana</i>	ema	7		NT			
<i>Spizaetus ornatus</i>	gavião-de-penacho	2,7			NT	EN	
<i>Sporophila angolensis</i>	curió	2				CR	
<i>Sporophila ruficollis</i>	caboclinho-de-papo-escuro	2		NT	VU	VU	
<i>Stigmatura napensis</i>	papa-moscas-do-sertão	1,3,7			VU		
<i>Synallaxis hellmayri</i>	joão-chique-chique	3,7	RN;RO	NT			
<i>Syndactyla dimidiata</i>	limpa-folha-do-brejo	2,3,5,6				EN	

Dentre os endemismos dos biomas Cerrado e Caatinga, embora sejam reconhecidos a existência de poucos, cerca de 25 espécies para a Caatinga (OLMOS *et al.*, 2005) e 28 para o Cerrado (DeLUCCA *et al.*, 2009), durante esta primeira campanha de levantamento foram registradas seis espécies endêmicas de Cerrado e 10 espécies endêmicas da Caatinga (**Quadro 2.2.3.3-10**). A região de amostragem com o maior número de registros de endemismos foi R3 (Caetitê), com 15 registros, seguida de R2 (Juramento) com nove registros e R1 (Corinto), com cinco registros. Especial atenção deve ser dada às espécies endêmicas, pois no geral estas apresentam distribuição geográfica restrita.

Quadro 2.2.3.3-10 Lista das espécies endêmicas registradas durante a primeira campanha de levantamento da avifauna da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino (julho/agosto de 2017), estação seca.

Nome do Táxon	Nome Comum	Região de Amostragem	Bioma
<i>Agelaioides fringillarius</i>	asa-de-telha-pálido	R3	End-CAA
<i>Eupsittula cactorum</i>	periquito-da-caatinga	R2; R3	End-CAA
<i>Herpsilochmus sellowi</i>	chorozinho-da-caatinga	R2;R3	End-CAA
<i>Icterus jamaicaii</i>	corrupião	R1;R2;R3	End-CAA
<i>Myrmorchilus strigilatus</i>	tem-farinha-aí	R1;R2;R3	End-CAA
<i>Nothura boraquira</i>	codorna-do-nordeste	R1	End-CAA
<i>Paroaria dominicana</i>	cardeal-do-nordeste	R3	End-CAA
<i>Picumnus pygmaeus</i>	pica-pau-anão-pintado	R2;R3	End-CAA
<i>Pseudoseisura cristata</i>	casaca-de-couro	R3	End-CAA
<i>Synallaxis hellmayri</i>	joão-chique-chique	R3	End-CAA
<i>Clibanornis rectirostris</i>	fura-barreira	R1	End-CE
<i>Compothraupis loricata</i>	tiê-caburé	R1;R2;R3	End-CE
<i>Cyanocorax cristatellus</i>	gralha-do-campo	R1	End-CE
<i>Knipolegus franciscanus</i>	maria-preta-do-nordeste	R2	End-CE
<i>Neothraupis fasciata</i>	cigarra-do-campo	R3	End-CE
<i>Saltatricula atricollis</i>	bico-de-pimenta	R3	End-CE

2.2.3.3.2.4.9 - Espécies Bioindicadoras de Qualidade Ambiental

A avifauna vem, ao longo dos anos, se mostrando eficaz no acompanhamento de impactos provenientes de empreendimentos. Isto ocorre porque possuem taxonomia relativamente bem resolvida (BIERREGAARD & STOUFER, 1997), ocupam diversos níveis na cadeia alimentar e são sensíveis à perda e fragmentação de hábitat (TERBORGH, 1977). Dependendo das condições no qual a população alvo se encontra, recomenda-se prioridade na sua conservação (STOTZ *et al.*, 1996).

Dentre as 178 espécies registradas nesta campanha de levantamento da avifauna, quatro são consideradas altamente sensíveis a impactos antrópicos, segundo Stotz *et al.* (1996). São elas: tiê-caburé - *Compsothraupis loricata* (registrada em todos as regiões amostradas, inclusive sendo a mais frequente em R2), bico-virado-da-caatinga - *Megaxenops parnaguae* (registrada em R3), arapaçu-escamado - *Lepidocolaptes squamatus* (registrada em R1 e R2) e macuru - *Nonnula rubecula* (registrada em R1 e R2). Recentemente, Alexandrino (2016) reclassificou algumas espécies e em sua lista, considerou como de alta sensibilidade, além das espécies já supracitadas, a espécie azulão - *Cyanoloxia brissonii* (registrada em R2 e R3).

O tiê-caburé (*C. loricata*) é uma espécie social que vive em grupos e se alimenta de insetos (SIGRIST, 2009). É uma espécie endêmica da Caatinga que habita áreas secas (FERNANDES-FERREIRA *et al.*, 2012). Sua sensibilidade está ligada à perda de hábitat (STOTZ *et al.*, 1996). Já o bico-virado-da-caatinga (*M. parnaguae*) vive solitário ou aos pares e também se alimenta de artrópodes, sendo Isoptera e Formicidae as principais famílias (BUAINAIN & FORCATO, 2016).

O arapaçu-escamado (*L. squamatus*) é uma espécie que vive solitária e que com frequência é registrada forrageando em bandos mistos de espécies capturando artrópodes em troncos e líquens (PARRINI & PACHECO, 2011). Raramente é observado realizando manobras aéreas. Sua alta sensibilidade provém da necessidade de viver em hábitats em bom estado de regeneração que contenham árvores senescentes, necessárias para a construção dos ninhos.

O macuru (*N. rubecula*) é uma espécie onívora que constrói seu ninho em buracos em barrancos ou árvores (RASMUSSEN & COLLAR, 2002). É uma espécie solitária e silenciosa. Habita matas secas, sendo a perda de hábitat o principal fator que a classifique como altamente sensível (STOTZ *et al.*, 1996).

O azulão (*C. brissonii*) é uma espécie que se alimenta de sementes e vive em matas secas. É alvo constante de capturas ilegais, por conta de seu melodioso canto e por serem bons em competições (FERNANDES-

FERREIRA *et al.*, 2012)). Sua alta sensibilidade está intimamente relacionada ao seu endemismo com distribuição geográfica restrita (ALEXANDRINO *et al.*, 2016).

Estas espécies merecem atenção durante a fase de implantação e operação do empreendimento. Além destas, outras espécies dependentes de ambientes aquáticos também necessitam de atenção e acompanhamento, já que corpos d'água são escassos e concentram uma elevada abundância de espécies, principalmente na estação seca.

2.2.3.3.2.4.10 - Espécies de Importância Econômica e Cinegética

A Convenção sobre o Comércio Internacional das Espécies da Flora e da Fauna Selvagens em Perigo de Extinção (CITES) foi criada como um acordo entre governos, com a finalidade de garantir que o comércio internacional de espécies de fauna e flora não ameace a sobrevivência das mesmas. A CITES regulamenta a importação, exportação e reexportação de espécies de animais e plantas, por meio da emissão de licenças e certificados. De modo a se orientar quais espécies atualmente possuem abundância menor, distribuição restrita, entre outros requisitos. A CITES categorizou as espécies de fauna e flora em três Apêndices. O Apêndice I lista todas as espécies ameaçadas de extinção que são ou possam ser afetadas pelo comércio. O Apêndice II lista todas as espécies que, apesar de não estarem atualmente ameaçadas de extinção, podem chegar a esta situação em função da livre comercialização. É o caso, por exemplo, de espécies das famílias Rheidae, Tinamidae, Anhimidae, Psittacidae, Falconidae, Accipitridae, Strigidae, Trochilidae e Ramphastidae. Já o Apêndice III lista as espécies que necessitam de algum tipo de regulamentação que impeça ou restrinja sua exploração, como as espécies da família Anatidae, por exemplo.

Por meio dos dados primários e secundários, para a área de estudo do empreendimento estão listadas 81 espécies em algum apêndice da CITES (2017). A maior parte delas (79 espécies) está incluída no Apêndice II, que lista as espécies que podem vir a se tornar ameaçadas de extinção devido à livre comercialização. Analisando apenas os dados primários, foram registradas 24 espécies no Apêndice II (**Quadro 2.2.3.3-11**).

Quadro 2.2.3.3-11- Espécies presentes na lista da CITES (2017) registradas durante a primeira campanha de levantamento da avifauna na área de estudo da LT 500 kV Igaporá III – Presidente Juscelino(MG/BA) e seus respectivos Apêndices. Dados obtidos em julho/agosto de 2017.

Legenda: Apêndice II - lista todas as espécies que, apesar de não estarem atualmente ameaçadas de extinção, podem chegar a esta situação em função da livre comercialização.

Nome do táxon	Nome comum	Região de amostragem	CITES
<i>Amazilia fimbriata</i>	Beija-flor-de-garganta-verde	R1, R2, R3	II
<i>Amazona aestiva</i>	Papagaio-verdadeiro	R1, R2	II
<i>Athene cunicularia</i>	Coruja-buraqueira	R3	II
<i>Brotogeris chiriri</i>	Periquito-de-encontro-amarelo	R1, R2	II
<i>Caracara plancus</i>	Carcará	R1, R3	II
<i>Chlorostilbon lucidus</i>	Besourinho-de-bico-vermelho	R2	II
<i>Eupetomena macroura</i>	Beija-flor-tesoura	R1, R3	II
<i>Eupsitulla aurea</i>	Periquito-rei	R1	II
<i>Eupsitulla cactorum</i>	Periquito-da-caatinga	R2, R3	II
<i>Falco femoralis</i>	Falcão-de-coleira	R2	II
<i>Falco ruficularis</i>	cauré	R1	II
<i>Falco sparverius</i>	Quiriquiri	R2, R3	II
<i>Forpus xanthopterygius</i>	Tuim	R1, R2	II
<i>Herpetotheres cachinnans</i>	Acauã	R1, R2, R3	II
<i>Heterospizias meridionalis</i>	Caboclo	R1, R2	II
<i>Megascops choliba</i>	Corujinha-do-mato	R1	II
<i>Milvago chimachima</i>	Carrapateiro	R1, R2, R3	II
<i>Phaethornis pretrei</i>	Rabo-branco-acanelado	R1, R3	II
<i>Pionus maximiliani</i>	Maitaca-verde	R1, R3	II
<i>Pionus menstruus</i>	Maitaca-de-cabeça-azul	R1, R2	II
<i>Polytmus guainumbi</i>	Beija-flor-de-bico-curvo	R2	II
<i>Psittacara leucophthalmus</i>	Periquitão-maracanã	R1	II
<i>Ramphastos toco</i>	Tucano-toco	R1	II
<i>Rupornis magnirostris</i>	Gavião-carijó	R1, R2, R3	II

Vale ressaltar que a maior parte das espécies de importância econômica e cinegética apresenta hábito alimentar carnívoro (*C. plancus*, *F. sparverius*, *F. femoralis*, *F. ruficularis*, *M. choliba*, etc.), nectarívoro (*P. pretrei*, *E. macroura*, *C. lucidus*, *A. fimbriata*, *P. guainumbi*, etc.) ou frugívoro (*P. menstruus*, *P. leucophthalmus*, *P. maximiliani*, etc.). Essas espécies exercem papéis importantes em qualquer ecossistema: as de hábito carnívoro, de controle e equilíbrio das teias alimentares, as de hábito nectarívoro atuam na polinização e regeneração das espécies da flora e os frugívoros podem atuar na dispersão das sementes, contribuindo para a manutenção dos ecossistemas (TELINO-JÚNIOR *et al.*, 2005; DELKLARO & TOREZAN-SILINGARDI, 2012).

2.2.3.3.2.4.11 - Espécies Potencialmente Invasoras, Oportunistas ou de Risco Epidemiológico, Incluindo as Domésticas

As introduções de espécies exóticas são, com elevada frequência, provocadas por ação humana (LEVINE *et al.*, 2003; SIMBERLOFF *et al.*, 2013). Uma vez introduzidas, algumas espécies possuem alta plasticidade de adaptação e conseguem, nestas novas áreas, desenvolver uma população auto-sustentável, ou seja, não necessitam mais do aporte de indivíduos da sua região nativa (WILLIAMSON & FITTER, 2006). Essas espécies podem então atingir o *status* de invasoras quando sua população, além de se estabelecer na nova localidade, consegue ampliar sua ocorrência, passando a exercer dominância sobre ambientes naturais, ameaçando ecossistemas e espécies nativas (ZILLER *et al.*, 2007). Espécies exóticas/invasoras são hoje, após a perda de hábitat, a principal ameaça à sobrevivência das espécies nativas (MCGEOCH *et al.*, 2010).

De acordo com o Instituto Hórus (2017), organização que faz parte da rede temática de espécies exóticas invasoras da Rede Inter Americana de Informação sobre Biodiversidade, no Brasil são reconhecidas 13 espécies de aves exóticas/invasoras. Destas, duas foram registradas, ambas na região R1 (Corinto) e R2 (Juramento): papagaio-verdadeiro (*Amazona aestiva*) e periquito-de-encontro-amarelo (*Brotogeris chiriri*). Entretanto, tais espécies são de ocorrência no território nacional e sua classificação como espécies invasoras é duvidosa, pois não tornam-se dominantes dos ambientes onde ocorrem. O Instituto Hórus (2017) classifica tais espécies como exóticas/invasoras possivelmente devido ao aumento de número na natureza, ocasionado por soltura de cativeiro e, conseqüente ampliação na distribuição destas espécies no território nacional. *Amazona aestiva* têm invadido áreas florestais, competindo por recurso alimentar e locais para a reprodução. A espécie possui distribuição geográfica no Cerrado e Caatinga em áreas abertas (VAN PERLO, 2009). *Brotogeris chiriri* têm invadido áreas abertas, principalmente no Nordeste. Sua distribuição geográfica original se restringe às áreas de Cerrado presentes no Sudeste e Centro-oeste (VAN PERLO, 2009). O homem é o principal vetor (soltura indiscriminada). Podem transmitir a doença de Newcastle para aves nativas e competir com espécies nativas por sítios de nidificação (INSTITUTO HÓRUS, 2017).

Até o momento não foram publicadas as listas oficiais de espécies exóticas/invasoras dos estados de Minas Gerais e Bahia. Entretanto, para o Nordeste, ainda é considerada espécie exótica/invasora o pardal (*Passer domesticus*), registrado ocasionalmente na região R3 (Caetitê) (LEAL *et al.*, 2011). *P. domesticus* foi introduzido no país por volta de 1900 e se adaptou rapidamente a ambientes antropizados (SICK, 1997). Atualmente é bastante comum e abundante em todo o território brasileiro, restringindo-se às áreas urbanas e abertas, não ocorrendo no interior de remanescentes florestais (VAN PERLO, 2009).

2.2.3.3.2.4.12 - Espécies Migratórias e Suas Rotas

Entende-se por migração os deslocamentos direcionais de um grande número de indivíduos de uma mesma espécie de uma região para outra (BEGON *et al.*, 1990). No sentido mais restrito, é o deslocamento anual de uma dada população animal de sua área de reprodução para áreas de alimentação e descanso, em uma determinada época do ano, retornando após alguns meses à sua área inicial (ALERSTAM & HEDENSTRÖM, 1998). O Brasil recebe espécies migratórias vindas do hemisfério norte (migrantes neárticos) e do hemisfério sul (migrantes austrais). Além disso, algumas espécies realizam migrações em escalas regionais, conhecidos como deslocamentos sazonais, realizando deslocamentos dentro do território brasileiro em resposta às variações ambientais que afetam a distribuição dos recursos alimentares (CEMAVE, 2016). No Brasil são reconhecidas cinco rotas gerais de migração – Rota Atlântica, Rota Nordeste, Rota do Brasil Central, Rota Amazônia Central/Pantanal e Rota Amazônia Ocidental (CEMAVE, 2016). O empreendimento LT 500 kV Igaporá III – Presidente Juscelino não se encontra em nenhuma dessas rotas.

“Embora não tenham sido registrados migrantes neárticos, austrais e regionais nesta primeira campanha, sabe-se que potencialmente podem ser registradas 16 espécies migrantes. São elas: *Actitis macularius* (bate-bunda); *Tringa solitaria* (maçarico-solitário), *Tringa flavipes* (maçarico-de-perna-amarela), *Tringa melanoleuca* (maçarico-grande-de-perna-amarela), *Calidris fuscicollis* (maçarico-de-sobre-branco), *Sterna paradisaea* (trinta-réis-ártico), *Coccyzus melacoryphus* (papa-lagarta-acanelado), *Coccyzus euleri* (papa-lagarta-de-Euler), *Falco peregrinus* (falcão-peregrino), *Zenaidia auriculata* (avoante), *Elaenia chilensis* (guaracava-de-crista-branca), *Elaenia chiriquensis* (chibum), *Myiarchus swainsoni* (maria-cavaleira-de-rabo-enferrujado), *Tyrannus savana* (tesourinha), *Hirundo rustica* (andorinha-de-bando), *Vireo olivaceus* (juruviara-boreal).”

2.2.3.3.2.5 - Considerações Finais

De acordo com os dados secundários, é potencialmente esperado, para a região do empreendimento, um total de 471 espécies de aves. Nesta primeira campanha de levantamento da avifauna, obteve-se o registro de 178 espécies, que correspondem a 38% do esperado, de acordo com os dados secundários. Um total de cinco espécies que não estavam na lista de potenciais ocorrentes na região do empreendimento foi registrado. São elas: tiê-galo (*Lanio cristatus*), ferreirinho-de-cara-parda (*Poecilatriccus latirostris*), arredio-do-rio (*Cranioleuca vulpina*), maitaca-de-cabeça-azul (*Pionus menstruus*) e curicaca (*Theristicus caudatus*).

Ainda não foram suficientes os esforços para se amostrar toda a avifauna presente na região do empreendimento, de acordo com os estimadores de riqueza Jackknife-1 e Bootstrap.

Os métodos utilizados (Lista de *Mackinnon*, redes de neblina e pontos de escuta) se mostraram complementares e satisfatórios para a amostragem da avifauna, obtendo um elevado sucesso amostral. O sucesso amostral da Lista de *Mackinnon* foi maior do que os demais métodos.

Comparando-se as três áreas amostradas, R1 apresentou maior riqueza (128 espécies), seguida de R2 (104 espécies) e R3 (com 90 espécies). R1 apresentou o maior número de espécies exclusivas (41 espécies).

Os valores dos índices de Shannon para as três regiões amostradas podem ser considerados altos quando comparados a outros estudos que encontraram elevados valores, mas com duas campanhas de amostragens (estação seca e chuvosa) ao invés de apenas uma. As espécies mais frequentes e abundantes, de acordo com o Índice de Frequência de Listas e Índice Pontual de Abundância, respectivamente, variaram entre as regiões de amostragem.

Foram registradas duas espécies quase ameaçadas de extinção e duas ameaçadas. São elas: cigarra-do-campo (*Neothraupis fasciata*) e João-chique-chique (*Synallaxis hellmayri*), espécies quase ameaçadas, registradas em R3; cara-dourada (*Phylloscartes roquettei*), espécie Em Perigo, registrada e negrinho-do-mato (*Amaurospiza moesta*), espécie Vulnerável, ambas registradas em R1. Também foram registradas 06 (seis) espécies endêmicas do Cerrado e 10 endêmicas da Caatinga

ÍNDICE

2.2.3.3.3 -	Herpetofauna	1/34
2.2.3.3.3.1 -	Dados secundários.....	2/34
2.2.3.3.3.2 -	Dados Primários.....	4/34
2.2.3.3.3.2.1 -	Métodos de Amostragem	4/34
2.2.3.3.3.2.2 -	Análise de Dados	9/34
2.2.3.3.3.3 -	Resultados e Discussão	10/34
2.2.3.3.3.3.1 -	Lista de Espécies, Riqueza e Representatividade do Estudo.....	10/34
2.2.3.3.3.3.2 -	Relevância Regional (Comparação com os Dados Secundários).....	24/34
2.2.3.3.3.3.3 -	Suficiência Amostral – Curva do Coletor (Curva de Rarefação) e Riqueza Estimada	25/34
2.2.3.3.3.3.4 -	Sucesso Amostral.....	26/34
2.2.3.3.3.3.5 -	Comparação entre as Regiões de Amostragem.....	27/34
2.2.3.3.3.3.6 -	Espécies Ameaçadas, Raras, Endêmicas e Novos Registros.....	30/34
2.2.3.3.3.3.7 -	Espécies Bioindicadoras de Qualidade Ambiental.....	31/34
2.2.3.3.3.3.8 -	Espécies de Importância Econômica e Cienética	32/34
2.2.3.3.3.3.9 -	Espécies Potencialmente Invasoras, Oportunistas ou de Risco Epidemiológico, Incluindo as Domésticas.....	33/34
2.2.3.3.3.4 -	Considerações Finais - Herpetofauna	34/34

Legendas

Quadro 2.2.3.3.3-1 – Bibliografia utilizada como fonte de dados secundários para o levantamento da herpetofauna de potencial ocorrência na área de estudo da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino(MG/BA).....	4/34
Figura 2.2.3.3.3-1 - Método de busca ativa utilizado para amostragem da herpetofauna da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino, durante a primeira campanha, em julho/agosto de 2017(estação seca).....	6/34
Figura 2.2.3.3.3-2 – Armadilha de interceptação e queda (<i>Pitfall</i> ; R2P1 e R2P4), método utilizado para amostragem da herpetofauna da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino, em julho/agosto de 2017 (estação seca).....	7/34
Quadro 2.2.3.3.3-2- Regiões de amostragem da herpetofauna da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino durante a primeira campanha de campo, realizada entre julho e agosto (estação seca).....	8/34
Quadro 2.2.3.3.3-3- Esforço amostral por método utilizado em cada região de amostragem durante o levantamento da fauna herpetofauana para a LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino (MG/BA), em julho /agosto de 2017 (estação seca).	9/34
Quadro 2.2.3.3.3-4 - Lista das espécies da herpetofauna registradas por meio do levantamento de dados primários e secundários (fontes bibliográficas) para a área de estudo da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino, em julho e agosto de 2017 (estação seca).	11/34
Figura 2.2.3.3.3-3 - Curva de rarefação e acúmulo de espécies da herpetofauna, construída a partir dos resultados obtidos em 15 dias de amostragem (estação seca) com armadilhas de queda e busca ativa na área de estudo da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino . Estudo em julho e agosto de 2017 (estação seca).	25/34
Quadro 2.2.3.3.3-5- Sucesso amostral (número de indivíduos - n/esforço amostral), abundância (n) e riqueza (S) da herpetofauna por região de amostragem. Dados obtidos por meio do levantamento na área de estudo da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino, em julho e agosto de 2017 (estação seca).	27/34

Quadro 2.2.3.3.3-6- Indicadores ecológicos calculados durante o levantamento da herpetofauna da LT 500 kV Igaporã III-Presidente Juscelino, nos estados de Minas Gerais e da Bahia,entre julho e agosto de 2017 (estação seca), por região de amostragem.28/34

Figura 2.2.3.3.3-4 - Análise de similaridade de *Bray- Curtis* entre as regiões de amostragem. Dados obtidos por meio do levantamento da herpetofauna na área da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino. Estudo realizado em julho e agosto de 2017 (estação seca).29/34

Figura 2.2.3.3.3-5 - Riqueza e exclusividade das espécies da herpetofauna registradas por todos os métodos de amostragem em cada região amostral da área de estudo da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino. Estudo realizado em julho e agosto de 2017 (estação seca).30/34

Quadro 2.2.3.3.3-7 - Espécies da herpetofauna incluídas nas listas de espécies ameaçadas de extinção com ocorrência potencial para área de estudo da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino. Dados primários obtidos em junho e agosto de 2017 (estação seca).31/34

2.2.3.3.3 - Herpetofauna

Tanto o Cerrado quanto a Caatinga, biomas atravessados pela futura LT, já foram considerados pobres em biodiversidade, principalmente quanto à fauna de anfíbios e répteis, acreditando-se serem constituídos somente por espécies generalistas de ampla distribuição, *i.e.*, oriundas dos biomas adjacentes (VANZOLINI, 1976; VITT, 1991; RODRIGUES, 2003). Somente nas últimas décadas foram realizados estudos científicos na região Nordeste, o que permitiu gerar um conhecimento mínimo acerca da composição herpetofaunística dos ambientes semiáridos (LOEBMANN & HADDAD, 2010). Hoje, estes biomas são reconhecidos por compreenderem uma grande biodiversidade da herpetofauna, com altas taxas de endemismo e várias espécies novas sendo descobertas nas últimas décadas (COLLI *et al.*, 2002; DINIZ-FILHO *et al.*, 2005; NOGUEIRA, 2006). Não obstante, apesar do crescente conhecimento acerca da herpetofauna nestes ambientes xéricos, este é ainda considerado básico quando comparado ao que é existente para a Mata Atlântica e Amazônia (COLLI *et al.*, 2002; HADDAD *et al.*, 2013), com diversas lacunas de informações sobre *status* de conservação, aspectos biológicos e flutuações populacionais (RODRIGUES 2003).

A compilação mais recente sobre a herpetofauna da Caatinga (RODRIGUES, 2003) levantou quatro espécies de quelônios, três crocodilianos, 10 anfisbenídeos, 47 lagartos, 52 serpentes, 48 anfíbios anuros e três gymnophionas, apresentando várias espécies novas em descrição. Já em relação à herpetofauna do Cerrado, a primeira revisão foi realizada em 2002 (COLLI *et al.*, 2002). Neste estudo foram listadas 10 espécies de quelônios, cinco crocodilianos, 15 anfisbenídeos, 47 lagartos, 107 serpentes e 113 anfíbios.

Desde então, no decorrer dos últimos anos, o conhecimento avançou com novas descobertas de espécies de ambos os biomas e levantamentos realizados em diversas localidades previamente desconhecidas (CAVALCANTI *et al.*, 2014; SANTOS *et al.*, 2014; SILVA *et al.*, 2015; ROBERTO & LOEBMANN, 2016). Em consequência, para o Cerrado, hoje são conhecidos em Squamata 237 espécies, sendo 68 lagartos, 24 anfisbenídeos e 145 serpentes (COSTA *et al.*, 2007), enquanto que, para anfíbios, hoje são conhecidas 139 espécies (BASTOS, 2007).

Com base no exposto, apesar do crescente conhecimento sobre a herpetofauna de ambos biomas, há muito o que se conhecer sobre a sua biodiversidade, como também, sobre os agentes que podem causar efeitos deletérios às comunidades de anfíbios e répteis. A exemplo destes efeitos destacam-se os empreendimentos com foco em energia renovável como as usinas eólicas e linhas de transmissão associadas (FEITOSA *et al.*, 2003). Estes empreendimentos, cada vez mais têm assumido papel protagonista no sistema elétrico brasileiro, contrabalançando os efeitos intermitentes dos geradores isolados e aumentando a qualidade do fornecimento de energia com a ampliação do Sistema Interligado Nacional (ANEEL, 2008).

Todavia, com relação às linhas de transmissão propriamente ditas, dado às suas longas extensões características e linearidade, em geral, os maiores impactos previstos sobre as comunidades de anfíbios e répteis são relacionados à fragmentação de habitats decorrente da supressão vegetal necessária para sua instalação estrutural. Os efeitos deletérios esperados compreendem desde alterações na composição das espécies da herpetofauna, desconectividade de populações e/ou de seus sítios reprodutivos, ao favorecimento de introdução de espécies sinantrópicas e exóticas em ambientes naturais, prejudicando principalmente espécies habitat-especialistas e raras (SOARES *et al.*, 2011). Não obstante, no período de instalação, há potencial de ocorrência de atropelamentos decorrentes da movimentação de trabalhadores e interações negativas com a fauna, principalmente com serpentes.

Nesse contexto, encontra-se a Linha de Transmissão 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino (MG/BA) em fase de licenciamento ambiental, vindo o presente documento à contribuir com o conhecimento da herpetofauna em uma área de Cerrado e Caatinga, biomas altamente ameaçados que ainda apresentam lacunas de informação acerca dos anfíbios e répteis, fornecendo dados que possam subsidiar o diagnóstico faunístico para a viabilidade da implementação deste empreendimento de acordo com o que tange a legislação ambiental brasileira.

2.2.3.3.3.1 - Dados secundários

De forma a conhecer a herpetofauna da região onde o empreendimento será inserido, foram utilizados cinco trabalhos científicos e um técnico acerca das comunidades de anfíbios, lagartos, serpentes, crocodilianos e quelônios (Quadro 2.2.3.3.3-1).

- ATE/Ecology (2014): Estudo de Impacto Ambiental da LT 500 kV Miracema-Sapeaçu e Subestações Associadas, que realizou levantamento de herpetofauna nas localidades de Iramaia (BA) e Maracás (BA). Por meio de armadilhas de interceptação e queda e busca ativa, a foi encontrado um total de 40 espécies para as duas áreas selecionadas, onde 21 foram anfíbios e 19 são répteis.
- Freitas *et al.* (2012): levantaram os reptéis da região Central da Chapada Diamantina, com foco no município de Mucugê, Estado da Bahia, por meio de busca ativa em campanhas oportunísticas entre 2000 e 2008. Como resultado encontraram 64 espécies de reptéis, todavia, em virtude da provável não ocorrência para a área do empreendimento ou incertezas taxonômicas de algumas espécies, foi considerada a riqueza de 54 espécies de reptéis para compor a presente lista.

- Moura (2012): o autor estudou os lagartos do interior do Parque Nacional das Cavernas do Peraçu, Minas Gerais. Para o estudo foram utilizadas armadilhas de interceptação e queda (*Pitfall traps*) e busca ativa não quantificada em janeiro e julho de 2008 e janeiro e julho de 2009. Como resultado encontraram 17 espécies de lagartos. No entanto, em virtude da provável não ocorrência de algumas espécies para a área do empreendimento ou incertezas taxonômicas, foi considerada a riqueza de 15 reptéis para compor a presente lista.
- Bertoluci *et al.* (2009): levantaram os anfíbios e reptéis da Estação de Pesquisa e Desenvolvimento Ambiental de Peti, Serra do Espinhaço, Minas Gerais, por meio de busca ativa, durante 78 dias não consecutivos de inventário, entre abril de 2002 e outubro de 2004, em pontos de amostragem aleatórios. Como resultado, encontraram 48 espécies, sendo 30 de anfíbios e 18 de reptéis. Em virtude da provável não ocorrência para a área do empreendimento ou de incertezas taxonômicas, para compor a presente lista foi considerada a riqueza de 21 espécies de anfíbios e três de reptéis.
- Canelas & Bertoluci (2007): levantaram os anfíbios da Reserva Particular do Patrimônio Natural Santuário do Caraça, Serra do Caraça, município de Catas Altas, Minas Gerais, por meio de busca ativa, entre outubro de 2001 e setembro de 2002, em pontos de amostragem aleatórios, duas vezes por mês. Como resultado, encontraram 43 anfíbios, todavia, em virtude da provável não ocorrência para a área do empreendimento ou incertezas taxonômicas, para compor a presente lista foi considerada a riqueza de 35 espécies de anfíbios.
- Feio & Caramaschi (1995): levantaram os anfíbios de 14 municípios na região do médio curso do rio Jequitinhonha: Botumirim, Cristália, Turmalina, Minas Novas, Berilo, Virgem da Lapa, Salinas, Coronel Murta, Araçuai, Francisco Badaro, Chapada do Norte, Rubelita, Grã-Mogol e Joaíma, todos situados em áreas de transição entre o Cerrado e a Caatinga no estado de Minas Gerais, por meio de busca ativa entre janeiro de 1989 e maio de 1991. Como resultado, encontraram 46 espécies de anfíbios, todavia, em virtude da provável não ocorrência para a área do empreendimento ou incertezas taxonômicas, foi considerada a riqueza de 38 espécies para compor a presente lista.

Quadro 2.2.3.3.3-1 – Bibliografia utilizada como fonte de dados secundários para o levantamento da herpetofauna de potencial ocorrência na área de estudo da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino(MG/BA).

Legenda: (*) Riqueza considerada para compilação da presente lista; NI – Não informado.

Nº	Fonte Bibliográfica	Localidade	Coordenadas	Esforço	Riqueza*
1	ATE/Ecology (2014)	Iramaia (BA) e Maracás (BA)	13°24'59.85"S;41° 8'16.93"O/ 13°16'41.78"S;40°34'40.82"O	Busca ativa: 20 km	40
				Pitfall: 280 baldes*dia	
2	Freitas <i>et al.</i> (2012)	Chapada da Diamantina, Mucugê (BA)	13°09' S; 41°24'O	NI	54
3	Moura (2012)	PARNA Cavernas do Pereáçu (MG)	15° 7'19.20"S; 44°14'38.40"O	Pitfall: 14.560 baldes*dia	15
				Amostragem ativa não quantificada	
4	Bertoluci <i>et al.</i> (2009)	São Gonçalo do Rio Abaixo e Santa Bárbara (MG)	19° 52'S; 43° 21'O	NI	24
5	Canelas & Bertoluci (2007)	Catas Altas (MG)	20°05'S; 43°28'O	NI	35
6	Feio & Caramaschi (1995)	14 municípios do médio Jequitinhonha	NI	NI	38

2.2.3.3.3.2 - Dados Primários

A primeira campanha de levantamento da herpetofauna da Linha de Transmissão 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino (MG/BA) foi realizada entre o período de 21 de julho a 05 de agosto de 2017, durante a estação seca, seguindo a metodologia e esforço amostral descritos a seguir e respeitando o estabelecido no Plano de Trabalho aprovado pelo IBAMA.

2.2.3.3.3.2.1 - Métodos de Amostragem

A amostragem da herpetofauna foi realizada por uma equipe formada por dois biólogos, que desenvolveu as atividades em três regiões amostrais. Em cada uma das regiões foram implementadas duas metodologias de amostragem: busca ativa e de captura por armadilhas de interceptação e queda (*Pitfall*).

Em ambos os métodos, buscou-se contemplar as diferentes fitofisionomias das regiões amostrais, para que fosse possível caracterizar com dados primários a fauna de anfíbios e répteis em escala local. As unidades amostrais (UAs) de ambos os métodos, suas localizações e respectivas fitofisionomias seguem dispostas no Quadro 2.2.3.3.3-2 e nos Mapas dos Pontos de Amostragem da Herpetofauna - 3264-00-EIA-MP-3006 a 3008, no Caderno de Mapas.

- Busca ativa limitada por tempo

As amostragens por meio de busca ativa permitiram uma maior mobilidade, inventariando-se, sempre que possível, diferentes ambientes dentro das regiões de amostragem (Figura 2.2.3.3.3-1). Em cada uma das regiões foram realizadas buscas ativas durante cinco dias de amostragem. Ao final da campanha cada UA foi amostrada durante o período diurno e noturno no mesmo dia. Cada UA de busca ativa foi estabelecida em um ponto, tendo sido amostrado dentro do raio com cerca de 500 m.

Foram realizadas duas horas diurnas e duas horas noturnas em cada dia de busca ativa, ambos turnos realizados na mesma unidade amostral no mesmo dia. Deste modo, o esforço amostral empregado foi de 40 horas de observação (4h [diurno+noturno] * 2 observadores * 5 dias * 1 região) por região, totalizando 120 horas (4h * 2 observadores * 5 dias * 3 regiões) para o total da campanha (

Quadro 2.2.3.3.3-3).

As amostragens foram realizadas em diferentes tipos de habitats e seus microhabitats (e.g.: pedras, serrapilheira, árvores, poças, interior de bromélias, entre-raízes, etc.). Cada pesquisador caminhou lentamente durante o tempo pré-determinado de duas horas, inspecionando microhabitats supramencionados. Adicionalmente, as árvores e as plantas arbustivas e herbáceas foram cuidadosamente verificadas para a localização de espécimes da herpetofauna. Ainda, para anfíbios, a busca aural (busca pelo canto de anúncio) também foi realizada, assim como a busca por sítios reprodutivos para tentativa de amostragem de girinos.



Figura 2.2.3.3.3-1 - Método de busca ativa utilizado para amostragem da herpetofauna da LT 500 KV Igaporã III – Presidente Juscelino, durante a primeira campanha, em julho/agosto de 2017 (estação seca).

- Armadilha de interceptação e queda - *Pitfall*

Em cada região de amostragem foram instalados quatro conjuntos de cinco baldes de 60l em "Y", interligados por cerca guia de 10 m entre os baldes e confeccionada com lona de 60 cm de altura (Figura 2.2.3.3.3-2). Os conjuntos estavam localizados no mínimo 500 m de distância entre si e em diferentes ambientes a fim de manter a independência amostral. Estes permaneceram abertos por cinco noites consecutivas por campanha, totalizando um esforço de 100 baldes*noite (4 conjuntos * 5 baldes * 5 noites * 1 região) por região de amostragem, 300 baldes*noite (4 conjuntos * 5 baldes * 5 noites * 3 regiões) ao final desta campanha (

Quadro 2.2.3.3.3-3).

Todos os baldes foram verificados diariamente, sempre no período matutino, quando o sol ainda estava baixo/fraco, visando evitar a morte acidental de indivíduos por ressecamento ou desidratação. Ao final da campanha a cerca guia foi removida, os baldes tampados e suas tampas fechadas e fixadas com lacres plásticos.



Figura 2.2.3.3.3-2 – Armadilha de interceptação e queda (*Pitfall*; R2P1 e R2P4), método utilizado para amostragem da herpetofauna da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino, em julho/agosto de 2017 (estação seca).

Os animais capturados foram medidos com auxílio de paquímetro (precisão 0,01 mm) e pesados com auxílio de pesolas de 10, 20, 60, 100 e 1.000 gramas (Anexo 2.2.3.3.3-3 - Dados Brutos - Digital). Exemplos-testemunho e aqueles que apresentam taxonomia complexa, *i.e.*, de difícil identificação, que não pôde ser realizada em campo, foram coletados, eutanasiados a partir da injeção de lidocaína 0,05% e depositados na Coleção de Zoológica Museu de Biologia Prof. Mello Leitão, Instituto Nacional da Mata Atlântica (Anexo 2.2.3.3.3-2 - Cartas de Recebimento da Fauna).

- Registros Ocasionais

Foram considerados registros ocasionais todos os indivíduos encontrados dentro da área de estudo do empreendimento durante deslocamento da equipe de herpetofauna, estando, porém, fora do período delimitado para o método de busca ativa; indivíduos encontrados por terceiros/outras equipes de fauna, e indivíduos encontrados vivos ou atropelados durante o deslocamento veicular nas estradas que levam às regiões amostrais. Todos os registros ocasionais foram devidamente georreferenciados e as coordenadas, assim como as demais informações sobre o espécime, seguem apresentadas na planilha de dados brutos (Anexo 2.2.3.3.3-1 - Dados Brutos - Digital).

Quadro 2.2.3.3.3-2- Regiões de amostragem da herpetofauna da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino durante a primeira campanha de campo, realizada entre julho e agosto (estação seca).
Legenda: R1- Corinto (MG), R2- Juramento (MG) e R3 – Caetité (BA).

Região de Amostragem	Unidade	Metodologia	Coordenadas 23L		Fitofisionomia
			X	Y	
Região 1 (R1)	R1P1	<i>Pitfall</i>	7970794	583299	Savana Arborizada Antropizada
	R1P2	<i>Pitfall</i>	7963674	585643	Floresta Estacional Semidecidual
	R1P3	<i>Pitfall</i>	7965278	586147	Floresta Estacional Semidecidual
	R1P4	<i>Pitfall</i>	7976311	586046	Floresta Estacional Semidecidual
	R1BA01	Busca Ativa	7970744	583355	Savana Arborizada Antropizada
	R1BA02	Busca Ativa	7963522	585680	Floresta Estacional Semidecidual
	R1BA03	Busca Ativa	7964977	586097	Floresta Estacional Semidecidual
	R1BA04	Busca Ativa	7976332	585904	Floresta Estacional Semidecidual
	R1BA05	Busca Ativa	7966995	585736	Floresta Estacional Semidecidual
Região 2(R2)	R2P1	<i>Pitfall</i>	8144572	643033	Floresta Estacional Decidual
	R2P2	<i>Pitfall</i>	8142177	645792	Floresta Estacional Decidual
	R2P3	<i>Pitfall</i>	8146686	646353	Floresta Estacional Decidual
	R2P4	<i>Pitfall</i>	8141188	647021	Floresta Estacional Decidual
	R2BA01	Busca Ativa	8144602	643076	Floresta Estacional Decidual
	R2BA02	Busca Ativa	8142041	645697	Floresta Estacional Decidual
	R2BA03	Busca Ativa	8146682	646279	Floresta Estacional Decidual
	R2BA04	Busca Ativa	8141234	646942	Floresta Estacional Decidual
	R2BA05	Busca Ativa	8146102	645623	Savana Arborizada
Região 3 (R3)	R3P1	<i>Pitfall</i>	8452885	758516	Savana Arborizada
	R3P2	<i>Pitfall</i>	8445383	758624	Savana Arborizada
	R3P3	<i>Pitfall</i>	8448356	761161	Savana Arborizada
	R3P4	<i>Pitfall</i>	8448645	756882	Savana Arborizada
	R3BA01	Busca Ativa	8452950	758662	Savana Arborizada
	R3BA02	Busca Ativa	8445381	758538	Savana Arborizada
	R3BA03	Busca Ativa	8448296	760936	Savana Arborizada
	R3BA04	Busca Ativa	8448658	756891	Savana Arborizada
	R3BA05	Busca Ativa	8448317	761713	Floresta Estacional Decidual

Quadro 2.2.3.3.3-3- Esforço amostral por método utilizado em cada região de amostragem durante o levantamento da fauna herpetofauna para a LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino (MG/BA), em julho /agosto de 2017 (estação seca).

Legenda: R1- Corinto (MG), R2- JramentoJuramento (MG) e R3 – Caetité (BA).

Estação Seca	Esforço/Unida de amostral			Esforço Total
	R1	R2	R3	Total
Método				
Busca Ativa (horas)	40	40	40	120
<i>Pitfall traps</i> (baldes*noites)	10 0	10 0	10 0	300

2.2.3.3.3.2.2 - Análise de Dados

A identificação das espécies baseou-se em literatura específica para cada grupo e/ou complexo de espécies e seguiu a nomenclatura taxonômica mais recente, de acordo com o exposto nas Listas Brasileiras de Anfíbios e de Répteis (SEGALLA *et al.*, 2016; COSTA & BÉRNILS, 2015).

Para analisar os parâmetros das comunidades foram calculados os índices de diversidade de *Shannon (H')* e a Equitabilidade de Pielou (J) utilizando o programa Past 2.17c (HAMMER, 2013) A abundância foi calculada considerando as espécies coletadas e avistadas, à exceção dos registros ocasionais.

Posteriormente, foi realizada uma análise de similaridade entre as três regiões de amostragem, realizada a partir de cada unidade amostral, para a qual foi utilizado o índice de Bray-Curtis, construindo um diagrama de similaridade utilizando o programa Biodiversity Pro(MCALEECE *et al.*, 1997).

Além disso, foi comparado graficamente o número total de espécies de cada região (incluindo registros ocasionais) associado ao número total de espécies que ocorreram exclusivamente naquela região. A exclusividade diz respeito a quanto determinadas áreas apresentam uma fauna peculiar em comparação com um universo definido. Ela é importante para identificação de áreas mais relevantes para implantação do monitoramento e de medidas de mitigação de impacto.

Para avaliar a suficiência amostral foi construída a curva de acúmulo de espécies por dia de amostragem. Para estimar a riqueza na área de estudo foi realizada uma análise de rarefação por meio de 5.000 aleatorizações, utilizando o estimador *Jackknife* de 1ª ordem no programa EstimateS (COLWELL, 2013). As curvas de rarefação a partir dos dados observados e das simulações foram plotadas em um gráfico em conjunto para melhor comparação. Para ambas foi utilizado Intervalo de Confiança (IC) de 95%. Este procedimento foi adotado para os métodos de captura sistematizados, servindo tanto os registros provenientes das capturas por armadilhas de queda (*Pitfalls trap*) quanto para os registros realizados durante o método busca ativa nas regiões de amostragem.

Para cada espécie foi identificado o método de registro, estado de conservação, segundo as listas de espécies ameaçadas internacional (IUCN, 2017-1), nacional (MMA, 2014) e estaduais (COPAM, 2010; SEMA, 2017), e segundo os apêndices de ameaça da Convenção sobre Comércio Internacional de Espécies Ameaçadas de Fauna e Flora Selvagens - CITES (CITES, 2017). Foram ainda identificadas as espécies raras, endêmicas, de importância econômica ou cinegética, invasoras e de risco epidemiológico, bioindicadoras da qualidade ambiental e/ou migratórias.

2.2.3.3.3.3 - Resultados e Discussão

2.2.3.3.3.3.1 - Lista de Espécies, Riqueza e Representatividade do Estudo

Ao longo do levantamento da herpetofauna durante a campanha seca foi registrado um total de 12 espécies de anfíbios e répteis para toda área de estudo da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino (MG/BA). Destas, apenas uma espécie corresponde ao grupo dos anfíbios, sendo este *um anuro da espécie Scinax fuscovarius* (perereca-de-banheiro). Quanto aos répteis, há um total um total de 11 espécies, sendo três serpentes e oito lagartos (Quadro 2.2.3.3.3-4).

Deste modo, para anfíbios, com uma espécie registrada durante a campanha da época seca, apenas a família Hylidae da ordem Anura foi encontrada. Com relação aos répteis, todas as espécies registradas na primeira campanha pertenciam à ordem Squamata, subdivididos em serpentes, com três espécies da família Dipsadidae e Lacertilia (lagartos) com três espécies para a família Tropiduridae, duas para Teiidae e as famílias Gekkonidae, Gymnophthalmidae e Mabuydae com uma espécie cada

Quadro 2.2.3.3.3-4 - Lista das espécies da herpetofauna registradas por meio do levantamento de dados primários e secundários (fontes bibliográficas) para a área de estudo da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino, em julho e agosto de 2017 (estação seca).

Legendas: Dados Primários: Região 1 (R1) – Corinto (MG), Região 2 (R2) – Juramento (MG), Região 3 (R3) –Caetité (BA). Dados Secundários: 1- ATE/Ecology (2014); 2 - Freitas *et al.* (2012); 3 - Moura (2010); 4- Bertoluci *et al.* (2009); 5 – Canelas & Bertoluci (2007); 6 – Feio & Caramaschi (1995). Método de amostragem: PT - pitfall; BA – busca ativa; RO – Registro ocasional. Fitofisionomia: (SA – Savana Arborizada; SAA – Savana Arborizada Antropizada; FED – Floresta Estacional Decidual; FES – Floresta Estacional Semidecidual). Distribuição: E = Endêmica; RR - rara; AD = Ampla distribuição; IND = Indeterminado; EX = Exótica. Categorias de ameaça: IUCN (2017-1) - DD – deficiência de dados; LC: pouco preocupante; NT: quase ameaçada; VU: vulnerável; MMA (2014): VU: vulnerável; EN – em perigo; CR – criticamente ameaçada; SEMA/BA (2017): EN – em perigo; CR – criticamente ameaçada; CITES (2017): Apêndice II. *Não foram registras espécies para lista de Minas Gerais (COPAM, 2010).

Classificação Taxonômica	Nome Comum	Fitofisionomia	Região de amostragem	Dados Secundários	Método de Amostragem	IUCN	MMA	BA	CITES	Distribuição	Estação (campanha)	Hábitos
ORDEM ANURA												
Família Brachycephalidae												
<i>Ischnocnema izecksohni</i>	rãzinha			4,5		DD				AD		terrícola; crepuscular-noturno
<i>Ischnocnema juipoca</i>	rãzinha			5						AD		terrícola; crepuscular-noturno
Família Bufonidae												
<i>Rhinella granulosa</i>	sapo-cururu			1,6						AD		terrícola; crepuscular-noturno
<i>Rhinella marina</i>	sapo-cururu			6						AD		terrícola; crepuscular-noturno
<i>Rhinella rubescens</i>	sapo-vermelho			5						AD		terrícola; crepuscular-noturno
<i>Rhinella schneideri</i>	sapo-cururu-grande			6						AD		terrícola; crepuscular-noturno
Família Craugastoridae												
<i>Haddadus binotatus</i>	rã-do-folhicho			1,4						AD		terrícola; crepuscular-noturno

Coordenador:

Técnico:

Classificação Taxonômica	Nome Comum	Fitofisionomia	Região de amostragem	Dados Secundários	Método de Amostragem	IUCN	MMA	BA	CITES	Distribuição	Estação (campanha)	Hábitos
Família Cycloramphidae												
<i>Thoropa megatypanum</i>	rã-das-pedras			5,6						AD		terrícola; crepuscular-noturno
<i>Thoropa miliaris</i>	rã-das-pedras			4,5,6						AD		terrícola; crepuscular-noturno
Família Hylidae												
<i>Aplastodiscus arildae</i>	perereca-verde			5						AD		arborícola; crepuscular-noturno
<i>Aplastodiscus cavicola</i>	perereca-verde			4		NT				AD		arborícola; crepuscular-noturno
<i>Bokermannohyla alvarengai</i>	perereca			5,6						AD		arborícola; crepuscular-noturno
<i>Bokermannohyla circumdata</i>	perereca			5						AD		arborícola; crepuscular-noturno
<i>Bokermannohyla martinsi</i>	perereca			5						AD		arborícola; crepuscular-noturno
<i>Bokermannohyla nanuzae</i>	perereca			5						AD		arborícola; crepuscular-noturno
<i>Bokermannohyla saxicola</i>	perereca-das-pedras			6						AD		arborícola; crepuscular-noturno
<i>Corythomantis greeningi</i>	perereca			6						AD		arborícola; crepuscular-noturno
<i>Dendropsophus branneri</i>	perereca			6						AD		arborícola; crepuscular-noturno

Classificação Taxonômica	Nome Comum	Fitofisionomia	Região de amostragem	Dados Secundários	Método de Amostragem	IUCN	MMA	BA	CITES	Distribuição	Estação (campanha)	Hábitos
<i>Dendropsophus decipiens</i>	pererequinha-do-brejo			4						AD		arborícola; crepuscular-noturno
<i>Dendropsophus elegans</i>	pererequinha-do-brejo			4,5,6						AD		arborícola; crepuscular-noturno
<i>Dendropsophus minutus</i>	pererequinha-do-brejo			4,5,6						AD		arborícola; crepuscular-noturno
<i>Dendropsophus nanus</i>	pererequinha-do-brejo			1						AD		arborícola; crepuscular-noturno
<i>Dendropsophus rubicundulus</i>	pererequinha-do-brejo			4						AD		arborícola; crepuscular-noturno
<i>Dendropsophus seniculus</i>	pererequinha-do-brejo			5						AD		arborícola; crepuscular-noturno
<i>Hypsiboas albopunctatus</i>	perereca-cabrinha			4,5,6						AD		arborícola; crepuscular-noturno
<i>Hypsiboas lundii</i>	perereca			6						AD		arborícola; crepuscular-noturno
<i>Hypsiboas crepitans</i>	perereca			1,6						AD		arborícola; crepuscular-noturno
<i>Hypsiboas faber</i>	sapo-ferreiro			1,4,5,6						AD		arborícola; crepuscular-noturno
<i>Hypsiboas polytaenius</i>	perereca			4,5,6						AD		arborícola; crepuscular-noturno
<i>Ollolygon luizotavioi</i>	perereca			4,5						AD		arborícola; crepuscular-noturno

Classificação Taxonômica	Nome Comum	Fitofisionomia	Região de amostragem	Dados Secundários	Método de Amostragem	IUCN	MMA	BA	CITES	Distribuição	Estação (campanha)	Hábitos
<i>Ololygon machadoi</i>	perereca			5						AD		arborícola; crepuscular-noturno
<i>Pseudis paradoxa</i>	rã			6						AD		arborícola; crepuscular-noturno
<i>Scinax curicica</i>	perereca			4		DD				AD		arborícola; crepuscular-noturno
<i>Scinax duartei</i>	perereca			5			V U			AD		arborícola; crepuscular-noturno
<i>Scinax eurydice</i>	perereca-de-banheiro			4,5						AD		arborícola; crepuscular-noturno
<i>Scinax fuscomarginatus</i>	perereca			4,6						AD		arborícola; crepuscular-noturno
<i>Scinax fuscovarius</i>	perereca-de-banheiro	SAA	R1	1,4,5,6	BA					AD	S	arborícola; crepuscular-noturno
<i>Scinax pachycrus</i>	perereca			6						AD		arborícola; crepuscular-noturno
<i>Scinax squalirostris</i>	perereca			5						AD		arborícola; crepuscular-noturno
<i>Scinax x-signatus</i>	perereca			1,6						AD		arborícola; crepuscular-noturno
<i>Trachycephalus atlas</i>	perereca			1						AD		arborícola; crepuscular-noturno

Classificação Taxonômica	Nome Comum	Fitofisionomia	Região de amostragem	Dados Secundários	Método de Amostragem	IUCN	MMA	BA	CITES	Distribuição	Estação (campanha)	Hábitos
Família Hyloidae												
<i>Crossodactylus trachystomus</i>	rã-das-pedras			5		DD				AD		riacho; crepuscular-diurno
<i>Hylodes uai</i>	rã-das-pedras			5		DD				AD		riacho; crepuscular-diurno
Família Leptodactylidae												
<i>Leptodactylus bokermanni</i>	rã			5						AD		terrícola; crepuscular-noturno
<i>Leptodactylus caatingae</i>	rã			1						AD, E		terrícola; crepuscular-noturno
<i>Leptodactylus furnarius</i>	rã			6						AD		terrícola; crepuscular-noturno
<i>Leptodactylus fuscus</i>	rã-assobiadora			1,5,6						AD		terrícola; crepuscular-noturno
<i>Leptodactylus jolyi</i>	rãzinha			5		DD				AD		terrícola; crepuscular-noturno
<i>Leptodactylus latrans</i>	rã-manteiga			1,4,5,6						AD		terrícola; crepuscular-noturno
<i>Leptodactylus labyrinthicus</i>	rã			4,6						AD		terrícola; crepuscular-noturno
<i>Leptodactylus mystacinus</i>	rã			1,6						AD		terrícola; crepuscular-noturno
<i>Leptodactylus troglodytes</i>	rã			1,6						AD		terrícola; crepuscular-noturno

Classificação Taxonômica	Nome Comum	Fitofisionomia	Região de amostragem	Dados Secundários	Método de Amostragem	IUCN	MMA	BA	CITES	Distribuição	Estação (campanha)	Hábitos
<i>Pseudopaludicola falcipes</i>	rã			6						AD		terrícola; crepuscular-noturno
<i>Physalaemus centralis</i>	rã			1						AD		terrícola; crepuscular-noturno
<i>Physalaemus cicada</i>	rãzinha			1						AD		terrícola; crepuscular-noturno
<i>Physalaemus cuvieri</i>	rã-cachorro			4,5,6						AD		terrícola; crepuscular-noturno
<i>Physalaemus evangelistai</i>	rã			5		DD				AD		terrícola; crepuscular-noturno
<i>Pleurodema diplolister</i>	rã			1,6						AD, E		terrícola; crepuscular-noturno
Família Phyllomedusidae												
<i>Phasmahyla jandaia</i>	perereca			5						AD		terrícola; crepuscular-noturno
<i>Phyllomedusa burmeisteri</i>	perereca-verde			4,5,6						AD		terrícola; crepuscular-noturno
<i>Phyllomedusa bahiana</i>	perereca-verde			1						AD		terrícola; crepuscular-noturno

Classificação Taxonômica	Nome Comum	Fitofisionomia	Região de amostragem	Dados Secundários	Método de Amostragem	IUCN	MMA	BA	CITES	Distribuição	Estação (campanha)	Hábitos
Família Microhylidae												
<i>Chiasmocleis albopunctata</i>	rãzinha			6						AD		terrícola; crepuscular-noturno
<i>Dermatonotus muelleri</i>	rã-manteiga			1,6						AD		terrícola; crepuscular-noturno
<i>Elachistocleis ovalis</i>	rã-de-folhiço			5,6						AD		terrícola; crepuscular-noturno
Família Odontophrynidae												
<i>Odontophrynus carvalhoi</i>	sapo			1,6						AD		terrícola; crepuscular-noturno
<i>Odontophrynus cultripes</i>	sapo			1,5						AD		terrícola; crepuscular-noturno
<i>Proceratophrys boiei</i>	sapo-de-chifre			4,5,6						AD		terrícola; crepuscular-noturno
<i>Proceratophrys cristiceps</i>	sapo-de-chifre			1						AD		terrícola; crepuscular-noturno
Família Pipidae												
<i>Pipa carvalhoi</i>	rã-aquática			6						AD		aquática; crepuscular-noturno

Classificação Taxonômica	Nome Comum	Fitofisionomia	Região de amostragem	Dados Secundários	Método de Amostragem	IUCN	MMA	BA	CITES	Distribuição	Estação (campanha)	Hábitos
ORDEM GYMNOPIHIONA												
<i>Siphonops annulatus</i>	cobra-cega			4,6						AD		terrícola; fossorial
ORDEM SQUAMATA												
AMPHISBAENIA												
Família Amphisbaenidae												
<i>Amphisbaena alba</i>	cobra-de-duas-cabeças			2						AD		terrícola; fossorial
<i>Amphisbaena petrei</i>	cobra-de-duas-cabeças			2						AD		terrícola; fossorial
<i>Amphisbaena uroxena</i>	cobra-de-duas-cabeças			2						AD		terrícola; fossorial
SERPENTES												
Família Boidae												
<i>Boa constrictor</i>	jiboia			2					II	AD		aquática
<i>Epicrates assisi</i>	salamanta			1,2					II	AD		semi-arborícola
Família Colubridae												
<i>Chironius quadricarinatus</i>				2						AD		arborícola
<i>Drymarchon corais</i>	papa-pinto			1,2						AD		semi-arborícola
<i>Oxybelis aeneus</i>	cobra-bicuda			2						AD		arborícola
<i>Oxyrhopus guibei</i>	falsa-coral			2						AD		terrícola
<i>Oxyrhopus rhombifer</i>	falsa-coral			2				EN		AD		terrícola

Classificação Taxonômica	Nome Comum	Fitofisionomia	Região de amostragem	Dados Secundários	Método de Amostragem	IUCN	MMA	BA	CITES	Distribuição	Estação (campanha)	Hábitos
<i>Oxyrhopus trigeminus</i>	coral-falsa			1,2						AD		terrícola
<i>Philodryas aestiva</i>	cobra-cipó			2				E N		AD		terrícola
<i>Philodryas nattereri</i>	cobra	FES	R1		RO					AD	S	semi-arborícola
<i>Philodryas patagoniensis</i>	cobra-verde			2						AD		semi-arborícola
<i>Siphlophis leucocephalus</i>	cobra			2						AD		terrícola
<i>Spilotes pullatus</i>	caninana			1,2						AD		semi-arborícola
<i>Tropidodryas striaticeps</i>	jararaca-falsa			2						AD		terrícola
Família Dipsadidae												
<i>Apostolepis ammodites</i>	cobra	FES	R1		BA					AD	S	semi-fossorial
<i>Apostolepis cearensis</i>	cobra			2						AD		semi-fossorial
<i>Boiruna sertaneja</i>	cobra			2						AD		terrícola
<i>Erythrolamprus maryellenae</i>	cobra			2								terrícola
<i>Erythrolamprus poecilogyrus</i>	cobra			2						AD		terrícola
<i>Erythrolamprus viridis</i>	cobra			2						AD		terrícola
<i>Leptodeira annulata</i>	dormideira			2						AD		terrícola
<i>Phimophis guerini</i>	cobra			2						AD		terrícola
<i>Pseudoboa nigra</i>	cobra			2						AD		terrícola
<i>Sibynomorphus neuwiedi</i>	dormideira			2						AD		terrícola
<i>Xenodon merremii</i>	jararaca-falsa	FES	R1	2	RO					AD	S	terrícola

Classificação Taxonômica	Nome Comum	Fitofisionomia	Região de amostragem	Dados Secundários	Método de Amostragem	IUCN	MMA	BA	CITES	Distribuição	Estação (campanha)	Hábitos
Família Elapidae												
<i>Micrurus ibiboboca</i>	coral			1						AD		terrícola
Família Leptotyphlopidae												
<i>Epictia borapeliotes</i>	cobra-de-chumbinho			1,2						AD		fossorial
<i>Trilepida koppesi</i>	cobra-de-chumbinho			2						AD		fossorial
Família Typhlopidae												
<i>Amerotyphlops brongersmianus</i>	cobra-cega			1						AD		fossorial
Família Viperidae												
<i>Bothrops erythromelas</i>	jararaca-da-seca			2						AD		terrícola
<i>Bothrops jararaca</i>	jararaca			2						AD		terrícola
<i>Bothrops neuwiedi</i>	jararaca-rabo-de-osso			2						AD		terrícola
<i>Crotalus durissus</i>	cascavel			2						AD		terrícola
LACERTILIA												
Família Gekkonidae												
<i>Hemidactylus brasilianus</i>	lagarto	SA	R3	1,2	BA					AD	S	semi-arborícola
<i>Hemidactylus mabouia</i>	lagartixa			2						EX		arborícola
<i>Lygodactylus klugei</i>	lagarto			2						AD		semi-arborícola

Classificação Taxonômica	Nome Comum	Fitofisionomia	Região de amostragem	Dados Secundários	Método de Amostragem	IUCN	MMA	BA	CITES	Distribuição	Estação (campanha)	Hábitos
Família Gymnophthalmidae												
<i>Acratosaura mentalis</i>	lagarto			1,2,3						AD		terrícola
<i>Acratosaura spinosa</i>	lagarto			2				EN		AD		terrícola
<i>Bachia bresslaui</i>	lagartixa			3		VU	VU			AD		terrícola
<i>Cercosaura ocellata</i>	lagartixa			1						AD		terrícola
<i>Colobosaura modesta</i>	lagarto			3						AD		terrícola
<i>Heterodactylus septentrionalis</i>	lagarto			2			EN	CR		AD		terrícola
<i>Micrablepharus maximillani</i>	lagarto	SA	R3	2	PT					AD	S	terrícola
<i>Procellosaurinus erythrocerus</i>	lagarto			1						E		terrícola
<i>Vanzosaura rubricauda</i>	cabo-vermelho			3						E		terrícola
Família Leiosauridae												
<i>Enyalius bibronii</i>	lagarto			1,2						AD		arborícola
<i>Enyalius catenatus</i>	lagarto			2						AD		arborícola
<i>Enyalius erythroceus</i>	lagarto			2			CR	EN		AD		arborícola
<i>Enyalius pictus</i>	lagarto			3						AD		arborícola
Família Mabuyidae												
<i>Brasiliiscincus heathi</i>	lagarto			2,3						AD		terrícola
<i>Copeoglossum nigropunctatum</i>	lagarto			1,3						AD		terrícola

Coordenador:

Técnico:

Classificação Taxonômica	Nome Comum	Fitofisionomia	Região de amostragem	Dados Secundários	Método de Amostragem	IUCN	MMA	BA	CITES	Distribuição	Estação (campanha)	Hábitos
<i>Notomabuya frenata</i>	bribo	SAA, FED	R1, R2		BA					AD	S	terrícola
<i>Psychosaura macrorhyncha</i>	bribo			3						AD		terrícola
Família Polychrotidae												
<i>Polychrus acutirostris</i>	lagarto-preguiça			2,3						AD		arborícola
Família Phyllodactylidae												
<i>Gymnodactylus amarali</i>	lagarto			2						AD		semi-arborícola
<i>Gymnodactylus darwini</i>	lagarto			1						AD		semi-arborícola
<i>Gymnodactylus vanzolinii</i>	lagarto			2				EN		AD		semi-arborícola
<i>Phyllopezus pollicaris</i>	lagarto			2,3						AD		semi-arborícola
Família Sphaerodactylidae												
<i>Coleodactylus meridionalis</i>	lagarto			2						AD		semi-arborícola
Família Teiidae												
<i>Ameiva ameiva</i>	calango verde	FES	R1	1,2,3	BA					AD	S	terrícola
<i>Ameivula ocellifera</i>	calanguinho	AS	R3	2	BA, PT					AD	S	terrícola
<i>Salvator merianae</i>	teiú			2,3					II	AD		terrícola
<i>Tupinambis duseni</i>	lagarto			1					II	AD		terrícola
Família Tropiduridae												
<i>Stenocercus quinarius</i>	lagarto			3						E		terrícola
<i>Tropidurus etheridgei</i>	lagarto	AS	R3	3	BA					AD	S	terrícola

Classificação Taxonômica	Nome Comum	Fitofisionomia	Região de amostragem	Dados Secundários	Método de Amostragem	IUCN	MMA	BA	CITES	Distribuição	Estação (campanha)	Hábitos
<i>Tropidurus hispidus</i>	lagarto	SA, AA, FED, FES	R1, R2, R3	2,3	BA					AD	S	terrícola
<i>Tropidurus mucujensis</i>	calango			2				EN		AD		terrícola
<i>Tropidurus semitaeniatus</i>	lagarto	SA	R3	1	BA					AD	S	terrícola
<i>Tropidurus torquatus</i>	lagarto			1,2						AD		terrícola
ORDEM TESTUDINES												
Família Testudinidae												
<i>Chelonoidis carbonaria</i>	jabuti-piranga			1					II	AD		terrícola
Família Chelidae												
<i>Phrynops geoffroanus</i>	cágado			4						AD		aquática
ORDEM CROCODYLIA												
Família Alligatoridae												
<i>Paleosuchus palpebrosus</i>	jacaré-paguá			4						AD		aquática

2.2.3.3.3.2 - Relevância Regional (Comparação com os Dados Secundários)

A partir dos dados secundários, foi compilado um total de 142 espécies da herpetofauna consideradas de potencial ocorrência para a área de estudo. Deste total, 69 são representados por anfíbios anuros e uma gymnophiona, enquanto os répteis foram representados por 72 espécies, dos quais 31 são serpentes, 35 lagartos, três anfisbenídeos, dois quelônios e um crocodilo. Das espécies registradas em campo, três não estavam previstas na lista formulada a partir dos dados secundários, as serpentes *Apostolepis ammodites* (cobra) e *Philodryas nattereri* (cobra-cipó), e o lagarto *Notomabuya frenata* (bribe), totalizando 145 espécies na listagem da herpetofauna.

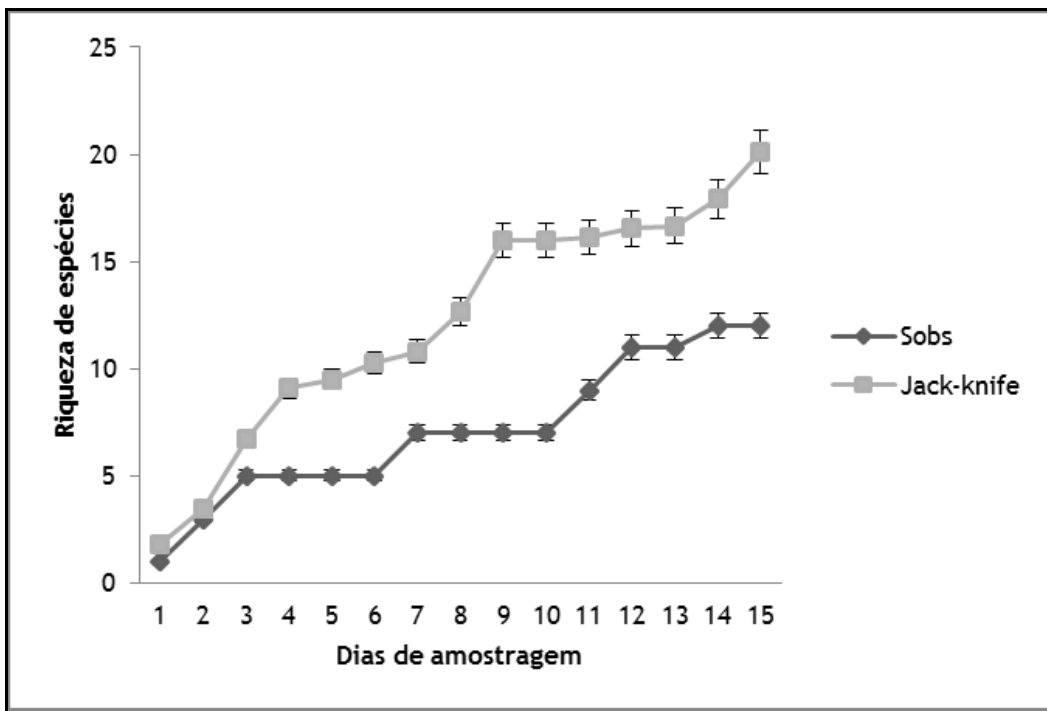
Com base na riqueza levantada a partir dos dados secundários, a representatividade da herpetofauna resultante da amostragem realizada durante a campanha na área de estudo ($n = 12$) é baixa para ambos os grupos. Esse resultado pode ser devido a alguns fatores, o primeiro é que os estudos utilizados para compor os dados secundários, em sua maioria, foram realizados em períodos mais prolongados de campo e alguns em áreas mais conservadas. Além disso, de forma geral, é esperado que a atividade dos anuros em regiões semiáridas tropicais sazonais seja concentrada durante a estação chuvosa do ano. Isto devido principalmente as baixas temperaturas e precipitação encontradas durante a estação seca, a qual é fundamental para este grupo majoritariamente associado ao meio aquático, especialmente em ambientes semiáridos como a Caatinga e o Cerrado (ROSSA-FERES & JIM, 1994; KOPP & ETEROVICK, 2006; GIARETTA *et al.*, 2008; KOPP *et al.*, 2010). Esse pressuposto foi corroborado neste estudo, uma vez que durante os 15 dias de amostragem de campo, apenas um indivíduo de anfíbio foi encontrado. Com isso espera-se registrar maior riqueza durante a próxima campanha de levantamento da herpetofauna, prevista para estação chuvosa.

Apesar do número elevado quando comparado ao grupo dos anfíbios ($n = 11$), é também esperado um aumento exponencial na riqueza de répteis durante a campanha chuvosa. Isso porque, embora apresentem maior independência do meio aquático, devido a suas características morfofisiológicas e comportamentais (ABE, 1995), estes também se encontram mais ativos durante o período chuvoso, devido a época de reprodução ou de recrutamento da maioria das espécies (MARQUES *et al.*, 2004; POUGH *et al.*, 2008; SILVA & ARAÚJO, 2008).

2.2.3.3.3.3 - Suficiência Amostral – Curva do Coletor (Curva de Rarefação) e Riqueza Estimada

Com relação à suficiência amostral, o estimador de riqueza *Jackknife* de 1ª ordem demonstra que durante a primeira campanha, realizada no período de seca o número estimado de espécies para as regiões amostradas é maior do que a riqueza de 12 espécies encontradas, sendo o valor estimado igual a 18 espécies. Todavia, conforme mencionado anteriormente, espera-se que durante a segunda campanha de campo, na estação chuvosa aumente substancialmente o número de espécies de anfíbios e répteis. Podemos observar que a assíntota ainda não foi atingida, sendo esperados novos registros de espécies na próxima campanha (

Quadro 2.2.3.3.3-3).



Legenda: Sobs (95% IC) - Riqueza observada; Jackk1 (95% IC) - Estimativas de riqueza a partir *Jackknife* de 1ª ordem.

Figura 2.2.3.3.3-3 - Curva de rarefação e acúmulo de espécies da herpetofauna, construída a partir dos resultados obtidos em 15 dias de amostragem (estação seca) com armadilhas de queda e busca ativa na área de estudo da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino . Estudo em julho e agosto de 2017 (estação seca).

2.2.3.3.3.4 - Sucesso Amostral

De modo geral, o número de registro e riqueza obtida com a busca ativa ($n=72$; $S=9$) superou o registrado por *pitfall* ($n=6$; $S=2$). Contudo, o lagarto *Micrablepharus maximiliani* foi registrado exclusivamente por *pitfall* (

Quadro 2.2.3.3.3-3).

A segunda espécie também registrada por *pitfall*, *Ameivula ocellifera* (**calanguinho**), foi a segunda espécie mais abundante nesta campanha ($n=20$ sendo cinco no *pitfall*), estando atrás somente de *Tropidurus hispidus* (lagarto), com mais que o dobro de espécimes registrados ($n=41$). O lagarto *T. hispidus* é uma espécie terrícola, comumente encontrado em abundância em uma vasta extensão dos biomas Cerrado e Caatinga, e frequentemente encontrado associado a ambiente antrópicos (ABREU *et al.* 2002)

A partir do método de busca ativa nove espécies foram registradas, sendo oito répteis. Durante o período de seca e baixas temperaturas, os répteis tendem a ter um período menor de atividade, apresentando, assim, baixa mobilidade e, conseqüentemente, diminuindo a eficácia da captura por *pitfall*. Somado a isto, a busca ativa apresenta taxas de sucesso amostral maiores por poder ser direcionada a todos habitats e microhabitats dentro da região de amostragem, aumentando a probabilidade de encontrar novas espécies.

Apesar da menor efetividade do registro de espécies nas *pitfalls*, estas geralmente são eficazes em capturar espécies de comportamento mais críptico e secreto, como espécies que habitam galerias subterrâneas ou semi-fossoriais, que dificilmente são registradas pela busca ativa. Tal constatação é observada com o registro exclusivo do lagarto *Micrablepharus maximiliani*, espécie de pequeno porte, de hábito secreto e semi-fossorial.

Duas espécies de serpentes foram registradas exclusivamente por registro ocasional, *Xenodon merremii* (jararaca falsa) e *Philodryas nattereri* (cobra-cipó), ambas derivadas de atropelamentos em uma estrada em R2 próxima à trilha 1.

Como já retratado anteriormente, as baixas temperaturas podem ter influenciado na não captura de indivíduos da herpetofauna nas regiões de amostragem R1 e R2. Assim, como também deve ter influenciado no baixo sucesso de amostragem por busca ativa em R2 (0,075) (Quadro 2.2.3.3.3-5).

Quadro 2.2.3.3.3-5- Sucesso amostral (número de indivíduos - n/esforço amostral), abundância (n) e riqueza (S) da herpetofauna por região de amostragem. Dados obtidos por meio do levantamento na área de estudo da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino, em julho e agosto de 2017 (estação seca).

Legenda: R1 - Corinto (MG), R2 – Juramento (MG) e R3 - Caetité (BA);

Região de Amostragem	ESTAÇÃO SECA					
	Pitfall trap			Busca Ativa		
	n	S	n/balde	n	S	n/dia
R1	0	0	0	31	5	0,77
R2	0	0	0	3	2	0,075
R3	6	2	0,06	38	5	0,95
Total	6	2	0,02	72	12	0,6

2.2.3.3.3.5 - Comparação entre as Regiões de Amostragem

Com base nos dados primários obtidos a partir das metodologias sistemáticas empregadas durante a campanha da estação seca, R3 se mostrou a área mais rica e com maior número de registros (S=6, n=44), embora possuindo apenas uma espécie a mais que R1, também foi obtido um alto número de registros (S=5, n=31), seguida de R2 com a menor riqueza e abundância registradas (S=2, n=3).

Em todas as regiões amostrais a baixa riqueza e abundância da herpetofauna foram relacionadas diretamente ao clima seco e frio, especialmente no período noturno em que as temperaturas estão mais baixas nos ambientes semiáridos. Estas condições climáticas foram mais marcantemente observadas durante os trabalhos de campo em R2, o que pode explicar a menor riqueza desta região.

Ao analisar os resultados observados, a baixa equitabilidade e diversidade da região de amostragem 1 ($J=0,3501$; $H'=0,5634$) na campanha seca foi devido à alta dominância do lagarto *Tropidurus hispidus*, com 27 registros, sendo as outras quatro espécies com um indivíduo cada. A região de amostragem 3 obteve o maior índice de diversidade ($H'=1,404$), contudo a equitabilidade também foi relativamente alta, provavelmente devido a dominância de *Ameivula ocellifera* (calanguinho) (n=20) e *T. hispidus* (lagarto) (n=12) nesta região (Quadro 2.2.3.3.3-6). Ambas são espécies generalistas, de ampla distribuição e encontradas frequentemente em áreas abertas.

Quadro 2.2.3.3.3-6- Indicadores ecológicos calculados durante o levantamento da herpetofauna da LT 500 kV Igaporã III-Presidente Juscelino, nos estados de Minas Gerais e da Bahia, entre julho e agosto de 2017 (estação seca), por região de amostragem.

Legenda: R1 - Corinto (MG), R2 – Juramento Juramento (MG) e R3 - Caetitê (BA);
 *Riqueza observada considerando apenas os métodos sistemáticos.

Indicador	R1	R2	R3
Riqueza*	5	2	6
Abundancia	31	3	44
Diversidade (Índice de <i>Shannon H'</i>)	0,5634	0,6365	1,404
Equitabilidade (<i>Pielou J</i>)	0,3501	0,9183	0,7838

A análise de similaridade demonstra R2 e R1 mais semelhantes entre si (47%) do que com R3 (23%) (Figura 2.2.3.3.3-4). Sendo duas espécies compartilhadas entre R1 e R2, onde o lagarto *Notomabuya frenata* (briba) foi compartilhado exclusivamente entre estas duas regiões.

Apesar da relativa distância entre as regiões de amostragem, estas estão inseridas em dois biomas distintos, estando R1 e R2 no bioma Cerrado compostos majoritariamente por Floresta Estacional Semidecidual e Decidual com poucas unidades amostrais em Savana Arborizada Antropizada, enquanto R3 está inserido na Caatinga e basicamente composta por Savana Arborizada. Mesmo devido ao alto grau de perturbação observado em R3, algumas unidades amostrais apresentavam ambientes em melhores condições, com maior disponibilidade de habitats para herpetofauna. Este fator somado a redução de habitats já presentes nesta região, devido a presença de parques eólicos, estradas, linhas de transmissão, áreas de agricultura, podem ter propiciado uma maior concentração da fauna silvestre nestes fragmentos remanescentes.

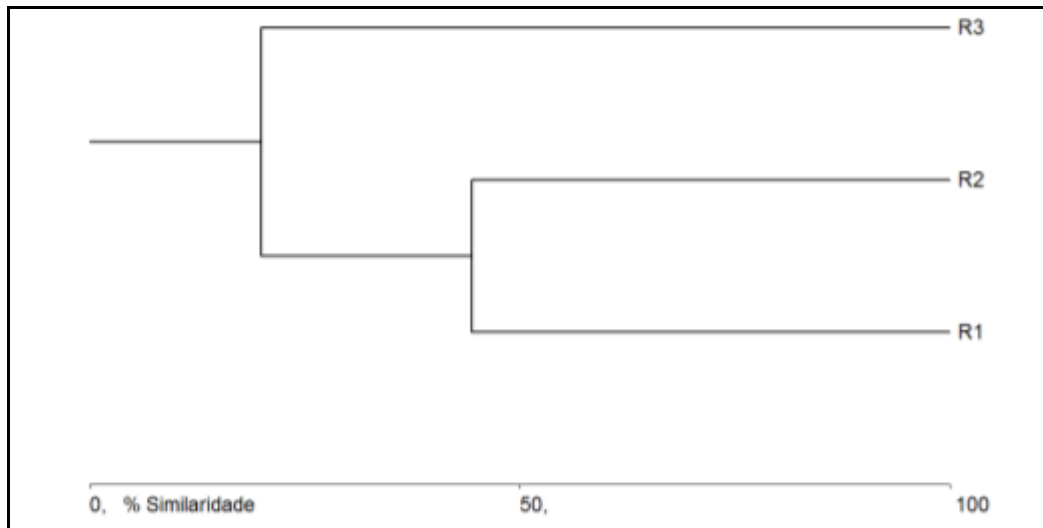


Figura 2.2.3.3.3-4 - Análise de similaridade de *Bray-Curtis* entre as regiões de amostragem. Dados obtidos por meio do levantamento da herpetofauna na área da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino. Estudo realizado em julho e agosto de 2017 (estação seca).

Considerando os registros ocasionais, três espécies foram exclusivas de R1, o calango verde, *Ameiva ameiva*, a cobra *Apostolepis ammodites* e a perereca-de-banheiro, *Scinax fuscovarius*. Para R2, foram registradas duas serpentes exclusivas, a cobra-cipó, *Philodryas nattereri* e a jararaca-falsa, *Xenodon merremii*. Já para R3 foram cinco as espécies exclusivas, o calanguinho, *Ameivula ocellifera* e, os outros lagartos, *Hemidactylus brasilianus*; *Micrablepharus maximiliani*, *Tropidurus etheridgei* e *Tropidurus semitaniatus* (Figura 2.2.3.3.3-5)

Vale destacar a presença de afloramentos rochosos presentes em algumas unidades amostradas em R1, que se tornam um excelente conjunto de abrigos para herpetofauna. Nestes afloramentos, foi detectada população abundante de *Tropidurus hispidus* (lagarto) e a presença da cobra *Apostolepis ammodites*. Na região de amostragem R2 foram registradas apenas quatro espécies de répteis, contudo, a estrutura de habitat parece ser promissora quanto a uma maior riqueza em futuras amostragens em climas mais propícios à atividade dos répteis e anfíbios. Já em R3 também foram detectados pequenos afloramentos rochosos onde foram registrados os lagartos *Tropidurus etheridgei*, *T. semitaniatus* e *Ameivula ocellifera* (calanguinho). Ainda nesta região foram observados leitos secos de ambientes alagados temporários em meio ao fragmento, portanto, existe possibilidade do encontro de anfíbios durante os períodos de chuvas.

Apesar de *Tropidurus hispidus* (lagarto) ter sido a única espécie compartilhada por todas as regiões amostrais, a maioria das espécies registradas é comum, de hábito generalista e tem potencial ocorrência para toda área de estudo.

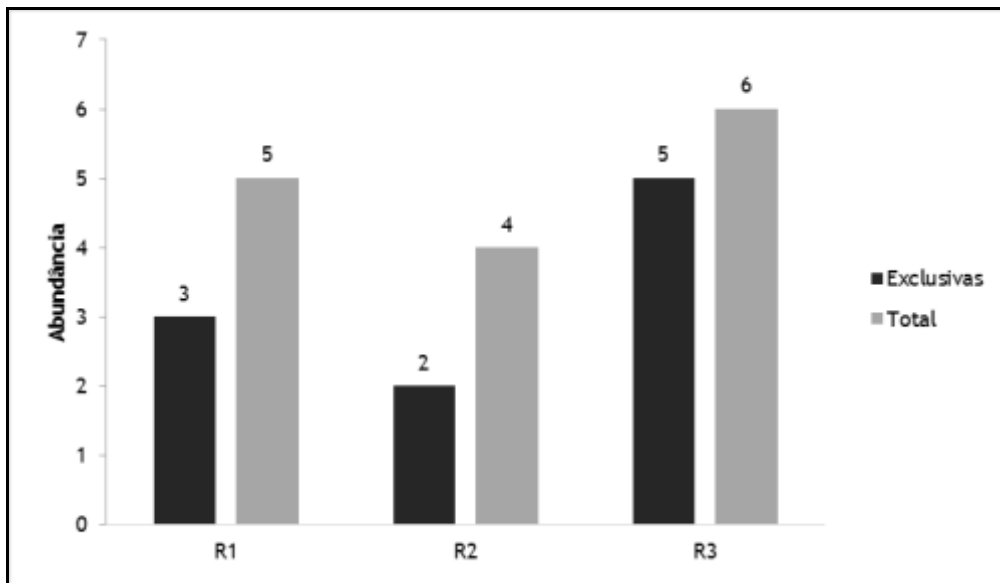


Figura 2.2.3.3.3-5 - Riqueza e exclusividade das espécies da herpetofauna registradas por todos os métodos de amostragem em cada região amostral da área de estudo da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino. Estudo realizado em julho e agosto de 2017 (estação seca).

2.2.3.3.3.3.6 - Espécies Ameaçadas, Raras, Endêmicas e Novos Registros

Nenhuma espécie-chave foi detectada a partir dos dados obtidos em campo. Contudo, dentre as espécies de potencial ocorrência (dados secundários), quatro constam na lista nacional de espécies ameaçadas de extinção (MMA, 2014), dentre as quais destacam-se: a lagartixa *Bachia bressloui*, classificada como vulnerável a extinção tanto na lista nacional (MMA, 2014) quanto internacional (IUCN, 2017), o lagarto *Heterodactylus septentrionalis* classificado como em perigo de extinção da lista nacional (MMA, 2014) e como criticamente ameaçado na lista estadual da Bahia (SEMA, 2017) e o lagarto *Enyalius erythroceneus* presente na lista nacional como criticamente ameaçado (MMA, 2014) e na lista do estado da Bahia como em perigo (SEMA, 2017).

Ainda em relação à lista estadual, outras cinco espécies de répteis de potencial ocorrência encontram-se classificados como em perigo de extinção para a Bahia (SEMA, 2017), são eles a falsa-coral *Oxyrhopus rhombifer*, a cobra-cipó *Philodryas aestiva* e os lagartos *Acratosaura spinosa*, *Gymnodactylus vanzolinii* e *Tropidurus mucujensis* (calango). Já para a Lista Oficial das Espécies da Fauna Ameaçadas de Extinção do Estado de Minas Gerais (COPAM, 2010), nenhuma espécie levantada no presente trabalho encontra-se em ameaçada de extinção.

Com relação as espécies assinaladas na lista internacional de fauna ameaçada, grande parte das espécies da herpetofauna encontra-se na categoria Pouco Preocupante (*LC*) ou Dados Insuficientes (*DD*), havendo ainda uma grande quantidade de espécies que não possui avaliação de *status* de conservação (IUCN, 2017). Espécies classificadas como dados deficientes pela IUCN se dão devido às incertezas acerca das distribuições das espécies, suas exigências ecológicas, possíveis ameaças e medidas de conservação. Entretanto, há a espécie de anfíbio *Aplastodiscus cavicola* (perereca-verde) classificada como Quase Ameaçada (*NT*) e a de lagartixa *Bachia bresslaui* como Vulnerável (*VU*) (IUCN, 2017).

Seis espécies de potencial ocorrência são endêmicas dos biomas semiáridos, as rãs *Leptodactylus caatingae* e *Pleurodema diplolister* e os lagartos *Procellosaurinus erythrocerus*, *Stenocercus quinarius* e *Vanzosaura rubricauda* (cabo-vermelho). No entanto, os anfíbios são considerados de ampla distribuição.

Quadro 2.2.3.3.3-7 - Espécies da herpetofauna incluídas nas listas de espécies ameaçadas de extinção com ocorrência potencial para área de estudo da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino. Dados primários obtidos em junho e agosto de 2017 (estação seca).

Legenda: Dados Secundários: 2- Bertoluci *et al.* (2009); 4 - Moura (2010); 6 - Freitas *et al.* (2012). Categorias de ameaça: IUCN (2017-1) - NT: quase ameaçada; VU: vulnerável; MMA (2014): VU: vulnerável; EN – em perigo; CR – criticamente ameaçada; SEMA/BA (2017): EN – em perigo; CR – criticamente ameaçada. *Não foram registras espécies para lista de Minas Gerais (COPAM, 2010).

Espécie	Nome comum	Dados secundários	IUCN	MMA	BA
<i>Aplastodiscus cavicola</i>	perereca-verde	2	NT		
<i>Acratosaura spinosa</i>	lagarto	6			EN
<i>Bachia bresslaui</i>	lagartixa	4	VU	VU	
<i>Enyalis erythroceus</i>	lagarto	6		CR	EN
<i>Gymnodactylus vanzolinii</i>	lagarto	6			EN
<i>Heterodactylus septentrionalis</i>	lagarto	6		EN	CR
<i>Tropidurus mucujensis</i>	calango	6			EN
<i>Oxryrhopus rhombifer</i>	falsa-coral	6			EN
<i>Philodryas aestiva</i>	cobra-cipó	6			EN

2.2.3.3.3.7 - Espécies Bioindicadoras de Qualidade Ambiental

De forma geral, os anfíbios têm papel especial como bioindicadores, por apresentarem características peculiares em sua biologia e fisiologia, como pele permeável, postura de ovos e embriões pouco protegidos em massas gelatinosas transparentes e presença de um estágio larval livre-natante em seu ciclo de vida (DUELLMAN & TRUEB, 1994). Estes fatores os tornam formidáveis bioindicadores da qualidade ambiental, respondendo rapidamente a fatores como fragmentação do hábitat, alterações hidrológicas e na química da água e do ar, além de variações climáticas de larga escala (VITT *et al.*, 1990; SKELLY, 1996).

A única espécie de anfíbio encontrada na área de estudo durante a estação seca é amplamente distribuída e considerada generalista, resistente às pressões e alterações antrópicas. Algumas *Scinax* spp., como *Scinax fuscoavarius*, são popularmente conhecidas por perereca-de-banheiro, visto serem frequentes nestes recintos de regiões rurais. Tal observação não indica que estas espécies são indicadores de má qualidade ambiental, e sim que, em épocas de seca, são atraídas para regiões com ambiente paludícolas ou úmidos.

Anfíbios que possuem desenvolvimento direto como *e.g.*, *Ischnocnema* spp., *Haddadus binotatus* (rã-do-folhicho), (espécies de provável ocorrência na região), são bons indicadores de qualidade ambiental. Suas desovas são depositadas sob o folhicho da mata, sendo muito sensíveis à desidratação. Por isso esses animais dependem de uma boa camada de folhas e de alta umidade, fatores que apenas uma mata em bom estado de conservação pode fornecer (VANS-SLUYS *et al.*, 2009). É provável que esta e outras espécies de interesse ecológico apareçam durante as atividades de amostragens durante o período chuvoso.

Com relação aos répteis, de forma geral, este é grupo intimamente associado à temperatura. Mesmo habitando ambientes semiáridos, estes estão sujeitos às variações climáticas de pequena ou grande escala (SINERVO *et al.*, 2010). Deste modo, tais alterações ambientais, poderiam afetar a biologia dessas espécies.

Dentre os répteis registrados, *Tropidurus semitaeniatus* (lagarto) pode ser considerado uma espécie mais sensível quanto a alterações ambientais por ser habitat-especialista, estando altamente associado com afloramentos rochosos. Esta espécie é sempre encontrada associada a este tipo de ambiente, possuindo um corpo dorso-ventralmente achatado, adaptado ao seu micro-habitat. O lagarto *Micrablepharus maximiliani*, apesar de ser uma espécie terrícola associada ao ambiente arenoso, depende da vegetação arbustiva deste tipo de solo para sua sobrevivência, local fonte de alimentação e abrigo. Deste modo, mesmo que por vezes possa ser encontrada em abundância no local que habita, pode ser considerado habitat-especialista, consideravelmente sensível a alterações ambientais relacionadas à perda de habitat.

2.2.3.3.3.8 - Espécies de Importância Econômica e Cinegética

Não foram registradas espécies de anfíbios ou répteis consideradas cinegéticas durante esta campanha de levantamento. Entretanto, cinco espécies registradas a partir dos dados secundários encontram-se listadas no Apêndice II da CITES (2017), que classificam as espécies ameaçadas pelo tráfico ilegal, sendo elas: as serpentes *Boa constrictor* (jibóia), *Epicrates assisi* (salamanta), *Tupinambis duseni* (lagarto), o *Salvator merianae* (teiú) e *Chelonoidis carbonaria* (jabuti-piranga).

Estas espécies são visadas no mercado do tráfico de animais para servirem como animais de estimação tanto no Brasil quanto no exterior. Em algumas regiões, a jibóia *B. constrictor*, uma das maiores serpentes do Brasil, é caçada para alimentação devido ao seu grande porte e apreço da carne por humanos.

O lagarto *Tupinambis duseni* e o teiú *Salvator merianae*, popularmente conhecidos como teiú ou teju, são dois dos maiores lagartos encontrados na América do Sul. São espécies terrícolas, podendo ser observados em ambientes arenosos ou rochosos com capim baixo. Também são generalistas e de hábitos diurnos, podendo adaptar-se facilmente às regiões antropizadas, sendo eventualmente avistadas dentro de propriedades rurais predando ovos e aves. Neste contexto, os conflitos entre teiús e seres humanos também são uma ameaça à sobrevivência dessas espécies (ALVES *et al.*, 2012). Além de serem caçados para evitar os danos supramencionados às criações, devido ao grande porte e carne apreciada por humanos, ambas espécies são frequentemente caçadas em regiões rurais.

2.2.3.3.3.3.9 - Espécies Potencialmente Invasoras, Oportunistas ou de Risco Epidemiológico, Incluindo as Domésticas

A partir das amostragens realizadas durante a campanha na estação seca, nenhuma espécie de anfíbio ou réptil de importância médica foi registrada. Com base nos dados secundários, algumas espécies da família Viperidae e Elapidae, popularmente conhecidas por jararacas e corais, podem ocorrer na região. Estas possuem sabida importância médica, sendo Viperidae responsável pela maioria dos acidentes ofídicos no Brasil (LEITE *et al.*, 2013).

A perereca-de-capacete *Corythomantis greeningi* é uma das primeiras espécies de anfíbios a saírem da classificação de venenosas e entrarem na de peçonhentas (JARED *et al.*, 2015), *i.e.*, espécies que apresentam alguma estrutura inoculadora de veneno dentro do organismo de outro ser vivo (BUCHERL & BUCKLEY, 1969, 1971). De acordo com os dados secundários, esta é a única espécie de anfíbio de importância médica passível de ser encontrada na área de estudo.

É válido mencionar a possível presença da lagartixa-de-parede *Hemidactylus mabouia*, espécie exótica, amplamente distribuída pelo território brasileiro, natural da África e provavelmente chegou às Américas junto aos navios negreiros (hipótese mais difundida) que se expandiu e hoje ocorre em toda a América do Sul. É uma espécie altamente adaptável a ambientes modificados por humanos, o que influenciou positivamente sua rápida distribuição. Possui hábitos noturnos e alimenta-se de uma vasta diversidade de artrópodes, principalmente insetos, podendo se alimentar até de outras lagartixas (VANZOLINI, 1978; FEDERICO & CACIVIO, 2000; ANJOS & ROCHA, 2008). Em território nacional, este lagarto compete por recursos com espécies nativas cujos nichos se sobreponham (TEIXEIRA, 2002) como as pertencentes aos gêneros *Gymnodactylus*, *Hemidactylus* e *Ligodactylus*.

2.2.3.3.3.4 - Considerações Finais - Herpetofauna

A riqueza de 12 espécies registradas durante a primeira campanha realizada no período de seca foi consideravelmente baixa, porém, em conformidade com o esperado para a herpetofauna neste período, principalmente no que se compete aos anfíbios devido as baixas temperaturas e seca registradas durante a campanha de campo.

Nenhuma das espécies registradas durante esta campanha consta como ameaçada de extinção nas listas de fauna ameaçada consultadas (estaduais, nacional, internacional e CITES). Não obstante, nenhuma destas espécies foi classificada como rara, cinegética, com valor de xerimbabo, invasora ou de importância médica.

Aparentemente, as regiões amostrais da área de estudo da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino são mantenedoras de diversos habitats e microhabitats temporários que revelam-se unicamente no período de chuvas, tais como poças, lagoas e brejos, proporcionando condições ideais para a atividade dos anfíbios e répteis de ambientes semiáridos. Deste modo, com base nos dados secundários e análises realizadas em cima dos dados primários, são esperados novos registros de espécies durante as amostragens no período chuvoso.

ÍNDICE

2.2.3.3.4 -	Áreas de Importância para a Fauna.....	1/4
2.2.3.3.4.1 -	Introdução.....	1/4
2.2.3.3.4.2 -	Unidades de Conservação.....	1/4
2.2.3.3.4.3 -	APPs de Hidrografia.....	1/4
2.2.3.3.4.4 -	Áreas selecionadas em Campo.....	3/4
2.2.3.3.4.5 -	Corpos d' água como Áreas Relevantes para a Fauna.....	10/4
2.2.3.3.4.6 -	Áreas de Maior Propensão de Colisões com a LT.....	10/4
2.2.3.3.4.7 -	Considerações Finais.....	14/4

Legendas

Quadro 2.2.3.3.4-1 – Quantitativo das Classes de Uso e Ocupação consideradas importantes para a fauna encontradas na faixa das APPs de hidrografia na Área de Estudo da LT 500 kV Igaporã = Presidente Juscelino.....	2/14
Quadro 2.2.3.3.4-2 - Áreas de importância para fauna na Área de Estudo da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino.....	4/14
Figura 2.2.3.3.4-1 - Estreita faixa de vegetação ciliar remanescente, representativa da Floresta Estacional Semidecidual Aluvial no Ponto 1.....	8/14
Figura 2.2.3.3.4-2 - Remanescente de "cerrado denso" em bom estado de conservação no Ponto 2.....	8/14
Figura 2.2.3.3.4-3 - Remanescente de Floresta Estacional Semidecidual, em bom estado de conservação, revestindo pequeno morrote a margem do rio das Velhas, Ponto 5.....	8/14
Figura 2.2.3.3.4-4 - Remanescente de Floresta Estacional Decidual em bom estado de conservação no Ponto 7.....	8/14
Figura 2.2.3.3.4-5 - Afloramento de calcáreo com comunidades rupícolas (refúgio) no Ponto 7.....	9/14
Figura 2.2.3.3.4-6 - Remanescente de Floresta Estacional Decidual em bom estado de conservação, no entorno da Reserva Ambiental de Juramento, Ponto 8.....	9/14
Figura 2.2.3.3.4-7 - Remanescente de Caatinga Florestada em bom estado de conservação. Ponto 10.....	9/14
Figura 2.2.3.3.4-8 - Região serrana recoberta por vegetação de transição Catinga/Floresta Estacional que revestem solos pedregosos. No local pode-se observar vale em ótimo estado de conservação. Ponto 14.....	9/14
Quadro 2.2.3.3.4-3 - Localização geográfica dos trechos selecionados como de maior propensão de colisão para avifauna na Área de Estudo da LT 500 kV Igaporã – Presidente Juscelino.....	11/14

2.2.3.3.4 - Áreas de Importância para a Fauna

2.2.3.3.4.1 - Introdução

A área de estudo da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino abriga um mosaico vegetacional essencialmente de fitofisionomias de Cerrado, Caatinga e seus ecótonos, permeados por alguns Fragmentos de Mata Atlântica. Os pontos selecionados como importantes para fauna consistem aqueles com maiores áreas de vegetação em melhores estados de conservação, permeadas por corpo d'água, áreas essenciais para reprodução, nidificação e alimentação dos diferentes grupos da fauna. Foram ainda consideradas como de importância para a fauna, as áreas legalmente protegidas e os trechos ao longo do traçado projetado onde a fauna está mais vulnerável às interferências do empreendimento.

Desta forma para a seleção das áreas de importância para a fauna considerou-se as Unidades de Conservação, as Áreas de Preservação Permanente da Hidrografia, os ambientes e remanescentes de vegetação nativa relevantes identificados ao longo do traçado e ainda os trechos selecionados como de maior probabilidade de colisão da avifauna com os cabos da LT.

2.2.3.3.4.2 - Unidades de Conservação

Foram consideradas de importância para fauna, as 25 Unidades de Conservação identificadas no presente estudo, sendo 09 (nove) de Proteção Integral e 16 (dezesesseis) de Uso Sustentável. Dessas, apenas 02 (duas) são interceptadas pela Linha de Transmissão, ambas de uso Sustentável, a saber APA do Quebra Pé e APA do Valo Fundo. O detalhamento sobre as Unidades de Conservação é apresentado no item 2.2.5 - Unidade de Conservação e Áreas Prioritárias para Conservação da Biodiversidade.

2.2.3.3.4.3 - APPs de Hidrografia

A maior diversidade da fauna está relacionada à ambientes com presença de água, sendo as áreas de preservação permanente dos cursos d'água de grande importância para manutenção de toda biota. Para definição dessas APPs foi utilizado o mapeamento de Uso, Ocupação e Cobertura do Solo. O mapeamento das APPs de faixa marginal de proteção foi realizado a partir da geração de buffers (faixa) ao redor da base hidrográfica disponibilizada pelo IBGE em escala de 1:100.000. A largura dos buffers foi baseada na Lei 12.651, de 2012, que institui o novo Código Florestal brasileiro. Devido à escala de mapeamento das classes de uso e cobertura do solo apresentar um detalhamento superior ao que pode ser verificado para a distribuição das espécies animais em campo, as fitofisionomias selecionadas foram agrupadas em fisionomias de maior pertinência para os estudos de fauna. No mais, ressalta-se que para este cálculo, foram consideradas apenas as APPs de hidrografia, por estas constituírem ambientes especialmente relevantes para a fauna, sendo desconsideradas as APPs de declividade.

Deste modo, dentro da faixa das APPs, foram selecionadas e agrupadas 12 fitofisionomias consideradas importantes para a fauna: Área de Influência Fluvial, Contato Floresta Estacional/Caatinga, Corpo d'Água, Floresta Estacional Decidual, Floresta Estacional Semidecidual, Floresta Ripária, Savana Arborizada Antropizada, Savana Estépica Antropizada, Savana Estépica Florestada, Savana Florestada.

Estas fitofisionomias, dentro da área da faixa de APPs de hidrografia, totalizam 159,54ha. A mais representativa em termos de área foi a Savana Arborizada (61,65ha – 80%), seguida por Savana Estépica Antropizada (27,63ha – 36%).

Quadro 2.2.3.3.4-1 – Quantitativo das Classes de Uso e Ocupação consideradas importantes para a fauna encontradas na faixa das APPs de hidrografia na Área de Estudo da LT 500 kV Igaporã = Presidente Juscelino.

Classe de Uso e Ocupação	Área (ha)	%
Savana Arborizada	61,65	0,8
Savana Estépica Antropizada	27,63	0,36
Floresta Ripária	16,83	0,22
Floresta Estacional Semidecidual	16,5	0,21
Área de Influência Fluvial	10,41	0,13
Contato Floresta Estacional/Caatinga	9,37	0,12
Savana Florestada	5,53	0,07
Savana Arborizada Antropizada	4,7	0,06
Floresta Estacional Decidual	2,8	0,04
Savana Estépica Florestada	2,78	0,04
Corpo d'Água	1,34	0,02

2.2.3.3.4.4 - Áreas selecionadas em Campo

Durante vistoria de campo para seleção das áreas de amostragem de fauna, a diretriz preferencial do traçado foi toda percorrida. Foram visitadas 105 áreas ao longo de todo o traçado da LT. Dentre estas, foram selecionadas 14 como de maior relevância para a fauna (Quadro 2.2.3.3.4-2), as quais inicialmente serviram de base para seleção das três regiões de amostragem (R1, R2 e R3) onde foram realizadas as campanhas do Diagnóstico de Fauna (vide Mapa das Áreas de Importância para a Fauna - 3264-00-EIA-MP-3004, no Caderno de Mapas). Essas mesmas áreas servem para apontar os locais visitados considerados como de importância para a fauna.

Tais áreas constituem os ambientes mais preservados e/ou detentores de recursos essenciais para manutenção da fauna silvestre da área de estudo e por isso merecem maior atenção no detalhamento do projeto executivo e instalação do empreendimento. As interferências do projeto sobre estes locais podem acarretar em perda de indivíduos ou mesmo em declínio populacional e desaparecimento local das espécies mais sensíveis, carecendo de medidas de gestão ambiental para controle efetivo dos impactos.

Quadro 2.2.3.3.4-2 - Áreas de importância para fauna na Área de Estudo da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino.

Ponto de caracterização	Ponto da vistoria	Coordenadas (WGS84)			Município	Altitude (m)	Característica
		Leste	Sul	Zona			
1	7	591384,1	7939611	23S	Presidente Juscelino (MG)	586	Estreita faixa de vegetação ciliar remanescente, representativa de Mata de galeria)
2	9	589164,1	7942067,8	23S	Presidente Juscelino (MG)	603	Remanescente de "cerrado denso" em bom estado de conservação, em meio a áreas de pastagens abandonadas (pasto sujo).
3	13	597592,4	7945740,2	23S	Presidente Juscelino (MG)	591	Região de serra recoberta por vegetação de "cerrado baixo" em bom estado de conservação, sobre solo pedregoso.
4	23	589926,9	7964841,8	23S	Santo Hipólito (MG)	706	Paisagem do alto de serra, de onde observa-se manchas de "cerrado denso" em meio a áreas utilizadas como pastagem, que encontram-se perturbadas. No local pode-se observar, nas vertente de um mesmo talvegue, a presença de remanescente Florestais em bom estado de conservação em vertente voltada para o sudoeste. Observa-se no meio do remanescente afloramentos de calcário com comunidades rupícolas (refúgios vegetacionais) e a vertente voltada para nordeste recoberta por "cerrado denso" em bom estado de conservação.
5	24	586225,5	7962175,6	23S	Santo Hipólito (MG)	556	Remanescente de Floresta Estacional Semidecidual, em bom estado de conservação, revestindo pequeno morrote a margem do rio das Velhas..

Ponto de caracterização	Ponto da vistoria	Coordenadas (WGS84)			Município	Altitude (m)	Característica
		Leste	Sul	Zona			
6	49	608875,5	8042612,5	23S	Buenópolis (MG)	762	Mancha de campo cerrado em bom estado de conservação, em cumieira de pequena serra.
7	59	608250,9	8061788,6	23S	Bocaiúva (MG)	613	Borda de serra onde observa-se grande mancha de afloramento rochoso calcáreo com espécies rupícolas (refugio vegetacional). No entorno do afloramento, assim como em toda a serra, observa-se Florestas Estacionais Deciduais em bom estado de conservação.
8	69	649052,6	8141030,4	23S	Juramento (MG)	677	Remanescente Florestal em bom estado de conservação, no entorno (separada apenas por uma estrada) da Reserva Ambiental de Juramento, propriedade particular que tem como finalidade a proteção dos mananciais do rio Juramento, que abastecem a barragem de Juramento, da empresa COPASA.
9	77	655954,7	8184758,7	23S	Francisco Sá (MG)	687	Expressivo remanescente representativo do contato florístico Floresta Estacional/Caatinga, em bom estado de conservação.
10	94	753121,4	8436524	23S	Guanambi (BA)	842	Remanescente de Caatinga Florestada em bom estado de conservação.
11	96	756755,4	8442556,9	23S	Caetité (BA)	885	Mancha de cerrado típico revestindo neosolos quartzarênicos, em bom estado de conservação. Destaque para diversidade de ambientes da região do entorno, onde é possível observar manchas de cerrado rupestre, caatinga floresta e transição caatinga/cerrado ocorrendo muito próximas.

Ponto de caracterização	Ponto da vistoria	Coordenadas (WGS84)			Município	Altitude (m)	Característica
		Leste	Sul	Zona			
12	98	757145,9	8443479,4	23S	Caetité (BA)	871	Mancha de vegetação representativa da transição cerrado/caatinga, em bom estado de conservação.
13	100	756026,8	8367500,7	23S	Urandi (BA)	834	Remanescente de vegetação representativo do contato florístico Caatinga/Floresta Estacional, aparentemente em bom estado de conservação.
14	101	759493,2	8368087,3	23S	Urandi (BA)	867	Região serrana recoberta por vegetação de transição Catinga/Floresta Estacional que revestem solos pedregosos. No local pode-se observar vale em ótimo estado de conservação, com refúgios vegetacionais nos afloramentos rochosos do topo da serra. No local observa-se pequena cachoeira, cuja água é utilizada para abastecimento.

Dos 14 pontos selecionados (Mapa das Áreas de Importância para a Fauna - 3264-00-EIA-MP-3004, no Caderno de Mapas), os pontos de 1 a 5 correspondem a locais situados dentro da Região de Amostragem 1 em Corinto (R1). Essa região encontra-se próxima à confluência do rio das Velhas com o rio Pardo e resguarda importantes remanescentes de florestais (Florestas Estacionais Semidecíduais), com presença de ambientes aluviais e zonas de contato com o Cerrado e por esse motivo mostram-se como importantes pontos para manutenção da fauna. Durante o diagnóstico essa foi a segunda região em riqueza de espécies da fauna, mesmo com certo índice de perturbação, uma vez que suas trilhas eram utilizadas para lazer da população local.

O ponto 8 se localiza no município de Juramento dentro da Região de Amostragem 2 (R2). Essa região possui um grande remanescente florestal e provavelmente serve como área fonte para dispersão para fauna. Dentre as três regiões de amostragem essa foi aquela com maior número de espécies registrada. Esta área está inserida em uma área privada com acesso restrito, conhecida como Reserva de Juramento e por esse motivo se apresenta mais preservada. Essa área apresenta um grande maciço de Floresta Estacional com vegetação ripária nas drenagens.

Os pontos 11 e 12 estão inseridos dentro da Região de Amostragem 3 (R3) (Caetité) na qual as fisionomias predominantes são Savana Estépica Arborizada e a Savana Arborizada que nas áreas mais elevadas, compõem ambiente rupestre. Nesta região, as características semiáridas se tornam mais marcantes e a presença de ambientes de Caatinga em contato com o Cerrado passam a ser notórias. Durante o diagnóstico em R3 foram mais frequentes a presença de áreas antropizadas o que modifica as características do entorno que, no geral, favorecem a prevalência de espécies da fauna hábitos mais generalistas. Essa foi a região com menor número de espécies registradas, quando comparada com as demais regiões.

A seguir, são apresentados registros fotográficos de pontos com características relevantes para a fauna



Figura 2.2.3.3.4-1 - Estreita faixa de vegetação ciliar remanescente, representativa da Floresta Estacional Semidecidual Aluvial no Ponto 1



Figura 2.2.3.3.4-2 - Remanescente de "cerrado denso" em bom estado de conservação no Ponto 2



Figura 2.2.3.3.4-3 - Remanescente de Floresta Estacional Semidecidual, em bom estado de conservação, revestindo pequeno morrote a margem do rio das Velhas, Ponto 5



Figura 2.2.3.3.4-4 - Remanescente de Floresta Estacional Decidual em bom estado de conservação no Ponto 7



Figura 2.2.3.3.4-5 - Afloramento de calcáreo com comunidades rupícolas (refugio) no Ponto 7



Figura 2.2.3.3.4-6 - Remanescente de Floresta Estacional Decidual em bom estado de conservação, no entorno da Reserva Ambiental de Juramento, Ponto 8



Figura 2.2.3.3.4-7 - Remanescente de Caatinga Florestada em bom estado de conservação, Ponto 10



Figura 2.2.3.3.4-8 - Região serrana recoberta por vegetação de transição Catinga/Floresta Estacional que revestem solos pedregosos. No local pode-se observar vale em ótimo estado de conservação. Ponto 14

2.2.3.3.4.5 - Corpos d'água como Áreas Relevantes para a Fauna

Em uma escala reduzida, alguns tipos de ambientes identificados em campo merecem atenção, como os corpos d'água temporários identificados na Região de Amostragem de Caetité como de importância para a herpetofauna. Os ambientes amostrados, onde se destacam o déficit hídrico, vegetação xérica e solo de perfil raso, os corpos de água temporários e os poucos permanentes desenvolvem importante papel na reprodução e manutenção das espécies de anfíbios. Muitas destas espécies de anfíbios estão adaptadas a eventos reprodutivos concentrados em um curto período de chuva e com desenvolvimento acelerado das larvas em adultos, enquanto passam o restante da estação estivando, em geral enterradas ou abrigadas em meio a vegetação ou ocos de troncos e frestas de rochas (NUNES & COSTA, 2011). Assim sendo, os corpos de água permanentes e temporários sob a forma de poças, brejos e pequenos riachos, são áreas relevantes para manutenção das espécies de anfíbios na área de estudo do empreendimento.

2.2.3.3.4.6 - Áreas de Maior Propensão de Colisões com a LT

Com base nas informações sobre as espécies de ocorrência na área da LT, em imagem de satélite (*Google Earth*[®]) e nas fitofisionomias encontradas, foram selecionados 48 trechos onde existe o risco potencial de colisão (Quadro 2.2.3.3.4-2) representando áreas importantes para a implantação de sinalizadores anti-colisão da avifauna.

Como critérios de seleção destes trechos estão, à proximidade a corpos d'água, incluindo trechos nos quais a LT atravessará ambientes aquáticos, onde possa haver o deslocamento de espécies migratórias ou aquáticas (rios, lagos permanentes, carnaubais), com características de relevo (grandes barrancos, paredões de arenito, quebras abruptas de relevo, topos de morro dentre outras áreas mais escarpadas e com registro de ocorrência de neblina) que proporcionam variação na distância de cabos em relação ao solo, facilitando a ocorrência de acidentes.

Quadro 2.2.3.3.4-3 - Localização geográfica dos trechos selecionados como de maior propensão de colisão para avifauna na Área de Estudo da LT 500 kV Igaporã – Presidente Juscelino

Trechos (sinalizadores de avifauna)	Circuito	Extensão estimada (m)	Coordenadas (SIRGAS 2000)				Características
			Ponto Início		Ponto fim		
			Longitude	Latitude	Longitude	Latitude	
Trecho 01	C1	543,76	-42.736643°	-14.762202°	-42.735864°	-14.767059°	Travessia de rio/Área alagável
Trecho 02	C1	138,23	-42.794531°	-14.871257°	-42.795624°	-14.871915°	Travessia de rio/Área alagável
Trecho 03	C1	38,04	-42.798576°	-14.873751°	-42.798879°	-14.873926°	Travessia de rio
Trecho 04	C1	309,3	-42.881392°	-14.983501°	-42.882296°	-14.986080°	Travessia de rio
Trecho 05	C1	476,07	-42.886027°	-14.997411°	-42.888070°	-15.001153°	Travessia de rio
Trecho 06	C1	41,76	-42.907612°	-15.042103°	-42.907709°	-15.042462°	Travessia de rio
Trecho 07	C1	61,00	-42.946295°	-15.295440°	-42.946580°	-15.295907°	Travessia de rio
Trecho 08	C1	255,27	-43.070983°	-15.463051°	-43.072479°	-15.464829°	Travessa de rio/Fragmento Florestal
Trecho 09	C1	390,95	-43.266410°	-15.622958°	-43.269937°	-15.623861°	Travessia de rio/Área alagável
Trecho 10	C1	109,49	-43.284861°	-15.628062°	-43.285870°	-15.628344°	Travessa de rio/Fragmento Florestal
Trecho 11	C1	476,08	-43.559041°	-16.209858°	-43.562097°	-16.212990°	Corpos d'água
Trecho 12	C1	109,78	-43.603085°	-16.272291°	-43.603614°	-16.273142°	Corpos d'água
Trecho 13	C1	121,48	-43.640041°	-16.458583°	-43.640119°	-16.459673°	Corpo d'água
Trecho 14	C1	52,85	-43.654301°	-16.528926°	-43.654505°	-16.529337°	Travessia de rio
Trecho 15	C1	638,04	-43.703778°	-16.638179°	-43.704925°	-16.643801°	Corpos d'água/Área alagável
Trecho 16	C1	76,46	-43.773395°	-16.889050°	-43.773641°	-16.889676°	Travessia de rio
Trecho 17	C1	467,39	-43.893462°	-17.100832°	-43.894421°	-17.104912°	Travessia de rio

Trechos (sinalizadores de avifauna)	Circuito	Extensão estimada (m)	Coordenadas (SIRGAS 2000)				Características
			Ponto Início		Ponto fim		
			Longitude	Latitude	Longitude	Latitude	
Trecho 18	C1	471,42	-43.927091°	-17.316859°	-43.930121°	-17.319897°	Travessia de rio/Área alagável
Trecho 19	C1	698,78	-44.042466°	-17.469964°	-44.046708°	-17.474706°	Travessia de rio/Área alagável
Trecho 20	C1	239,92	-44.142222°	-17.974999°	-44.142909°	-17.977042°	Travessia de rio
Trecho 21	C1	250,9	-44.204026°	-18.236482°	-44.204071°	-18.238736°	Travessia de rio/Fragmento Florestal
Trecho 22	C1	194,94	-44.158059°	-18.507269°	-44.157868°	-18.508989°	Travessia de rio
Trecho 23	C2	77,73	-42.623594°	-14.294392°	-42.623892°	-14.295021°	Travessia de rio
Trecho 24	C2	38,16	-42.649424°	-14.573071°	-42.649404°	-14.573412°	Travessia de rio
Trecho 25	C2	98,83	-42.649429°	-14.597578°	-42.649496°	-14.598491°	Travessia de rio/Área alagável
Trecho 26	C2	26,87	-42.657564°	-14.848939°	-42.657679°	-14.849156°	Travessia de rio
Trecho 27	C2	41,43	-42.686249°	-14.903674°	-42.686491°	-14.903972°	Travessia de rio
Trecho 28	C2	28,83	-42.690083°	-14.908179°	-42.690276°	-14.908356°	Travessia de rio
Trecho 29	C2	87,04	-42.752796°	-14.978510°	-42.753245°	-14.979183°	Travessia de rio
Trecho 30	C2	33,85	-42.768247°	-15.000871°	-42.768421°	-15.001143°	Travessia de rio
Trecho 31	C2	92,17	-43.018844°	-15.593291°	-43.019484°	-15.593815°	Travessia de rio
Trecho 32	C2	111,28	-43.091044°	-15.656444°	-43.091845°	-15.657109°	Corpos d'água/Área alagável
Trecho 33	C2	102,35	-43.134756°	-15.700669°	-43.135553°	-15.701197°	Travessia de rio
Trecho 34	C2	563,91	-43.244725°	-15.821254°	-43.245268°	-15.826311°	Corpo d'água
Trecho 35	C2	29,55	-43.530909°	-16.467013°	-43.530971°	-16.467279°	Travessia de rio
Trecho 36	C2	69,24	-43.548161°	-16.541269°	-43.548344°	-16.541845°	Travessia de rio
Trecho 37	C2	223,21	-43.583047°	-16.664878°	-43.583542°	-16.666812°	Corpo d'água

Trechos (sinalizadores de avifauna)	Circuito	Extensão estimada (m)	Coordenadas (SIRGAS 2000)				Características
			Ponto Início		Ponto fim		
			Longitude	Latitude	Longitude	Latitude	
Trecho 38	C2	40,77	-43.602464°	-16.800066°	-43.602467°	-16.800440°	Travessia de rio
Trecho 39	C2	50,59	-43.680278°	-16.933827°	-43.680519°	-16.934224°	Travessia de rio
Trecho 40	C2	67,51	-43.767156°	-17.109097°	-43.767197°	-17.109696°	Travessia de rio
Trecho 41	C2	288,51	-43.953427°	-17.558624°	-43.953455°	-17.561196°	Travessa de rio/Fragmento Florestal
Trecho 42	C2	245,43	-44.083494°	-17.985226°	-44.083784°	-17.987398°	Travessa de rio/Fragmento Florestal
Trecho 43	C2	126,79	-44.091000°	-18.220033°	-44.090964°	-18.221182°	Travessia de rio
Trecho 44	C2	130,55	-44.071764°	-18.331627°	-44.071554°	-18.332790°	Travessia de rio
Trecho 45	C2	75,23	-44.047587°	-18.517734°	-44.047551°	-18.518430°	Travessia de rio
Trecho 46	C2	46,99	-44.049089°	-18.525250°	-44.049212°	-18.525667°	Travessia de rio
Trecho 47	C2	47,18	-44.065887°	-18.569033°	-44.066171°	-18.569362°	Travessia de rio
Trecho 48	C2	146,77	-44.067761°	-18.571172°	-44.068628°	-18.572209°	Travessia de rio

2.2.3.3.4.7 - Considerações Finais

Para todos os grupos de fauna, foi observado que os ambientes mais importantes foram representados **por remanescentes de vegetação nativa e por aqueles relacionados a coleções d'água, como rios e corpos d' água temporários. Desta forma, os ambientes considerados de maior relevância para a manutenção** da fauna foram associados aos recursos hídricos e aos ambientes mais bem preservados da área de estudo, os quais incluem as áreas legalmente protegidas.

Dessa forma, os resultados desta análise permitiram demonstrar especialmente as localidades mais importantes para fauna (Mapa das Áreas de Importância para a Fauna - 3264-00-EIA-MP-3004, no Caderno de Mapas) ao longo do traçado previsto para instalação da Linha de Transmissão 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino. Sempre que intervenções previstas para os trechos selecionados não puderem ser evitadas, devem se consideradas medidas capazes de reduzir os impactos sobre essas áreas.

ÍNDICE

2.2.3.3.5 -	Registros Fotográficos	1/9
2.2.3.3.5.1 -	Avifauna	1/9
2.2.3.3.5.2 -	Mastofauna	5/9
2.2.3.3.5.3 -	Herpetofauna	8/9

Legendas

Foto 1 - <i>Synallaxis hellmayri</i> (joão-chique-chique) registrado Região de Amostragem – R1. Espécie ameaçada de extinção e endêmica.....	1/9
Foto 2 - <i>Sakesphorus cristatus</i> (choca-do-nordeste) registrado na Região de Amostragem – R1. Espécie endêmica	1/9
Foto 3 - Método de Rede-de-neblina.....	1/9
Foto 4 - <i>Psittacara leucophthalmus</i> (periquitão-maracanã) registrado na Região de Amostragem – R1. Espécie classificada na CITES.....	1/9
Foto 5 - <i>Nothura boraquira</i> (codorna-do-nordeste) registrado na Região de Amostragem – R1. Espécie endêmica	2/9
Foto 6 - <i>Icterus jamacaii</i> (corrupião) registrada na Regiões de Amostragem – R1. Espécie endêmica	2/9
Foto 7 - <i>Clibanornis rectirostris</i> (fura-barreira) registrado na Região de Amostragem – R1. Espécie endêmica	2/9
Foto 8 - <i>Amazona aestiva</i> (papagaio-verdadeiro) registrado na Região de Amostragem – R1. Espécie exótica ao nordeste.....	2/9
Foto 9 - <i>Venilior passerinus</i> (picapauzinho-anão) fêmea registrado na Região de Amostragem – R2.....	2/9
Foto 10 - <i>Schistochlamys ruficapillus</i> (bico-de-veludo) registrado na Região de Amostragem – R2.....	2/9
Foto 11 - <i>Picumnus pygmaeus</i> (pica-pau-pintado) registrado na Região de Amostragem – R2. Espécie endêmica	3/9
Foto 12 - <i>Phimosus infuscatus</i> (curicaca) registrado na Região de Amostragem – R2.....	3/9
Foto 13 - <i>Knipolegus franciscanus</i> (maria-preta-do-nordeste) registrado na Região de Amostragem – R2. Espécie endêmica.....	3/9
Foto 14 - <i>Forpus xanthopterygius</i> (tuim) registrado na Região de Amostragem – R2. Espécie classificada na CITES.....	3/9

Foto 15 - <i>Tangara cayana</i> (saíra-amarela) registrado na Região de Amostragem – R3.....	3/9
Foto 16 - <i>Saltatricula atricollis</i> (batuqueiro) registrado na Região de Amostragem – R3. Espécie endêmica.....	3/9
Foto 17 - <i>Paroaria dominicana</i> (cardeal) registrado na Região de Amostragem – R3. Espécie endêmica.....	4/9
Foto 18 - <i>Eupsitulla cactorum</i> (periquito-da-caatinga) registrado na Região de Amostragem – R3. Espécie endêmica.....	4/9
Foto 19 - <i>Nonnula rubecula</i> (macuru) registrado na Região de Amostragem – R3. Espécie bioindicadora de qualidade ambiental.....	4/9
Foto 20 - Morfometria de aves.....	4/9
Foto 21 - Instalação de armadilhas para pequenos mamíferos. Armadilha tipo <i>Tomahawk</i>	5/9
Foto 22 - Armadilha tipo <i>Sherman</i> instalada no sub-bosque.....	5/9
Foto 23 - Armadilha fotográfica usada para registro de médios e grandes mamíferos.....	5/9
Foto 24 - Iscagem de Armadilha fotográfica usada para registro de médios e grandes mamíferos.....	5/9
Foto 25 - Busca ativa por vestígios de médios e grandes mamíferos.....	5/9
Foto 26 - Armadilha de Interceptação e Queda (<i>Pitfall</i>) para captura de pequenos mamíferos.....	5/9
Foto 27 - <i>Mazama sp.</i> (veado) registrado na Região de Amostragem – R1. Espécie cinegética.....	6/9
Foto 28 - <i>Calomys expulsus</i> (rato-do-chão) registrado na Região de Amostragem – R1.....	6/9
Foto 29 - <i>Procyon cancrivorus</i> (mão-pelada) registrado na Região de Amostragem – R1.....	6/9
Foto 30 - <i>Marmosops incanus</i> (cuíca) registrado na Região de Amostragem – R1.....	6/9
Foto 31 - Pegada de <i>Conepatus semistriatus</i> (jeritataca) registrado na Região de Amostragem – R1.....	6/9
Foto 32 - <i>Callitrix penicillata</i> (suim) registrado na Região de Amostragem – R1. Espécie citada na CITES.....	6/9
Foto 33 - <i>Gracilianus agilis</i> (cuíca) registrado na Região de Amostragem – R1.....	7/9
Foto 34 - <i>Didelphis albiventris</i> (gambá) registrado na Região de Amostragem – R2.....	7/9

Foto 35 - <i>Wiedomys pyrrhorhinos</i> (rato-da-fava) registrado na Região de Amostragem – R2. Endêmico do Cerrado.....	7/9
Foto 36 - Pegada de <i>Hydrochoerus hydrochaeris</i> (capivara) registrado na Região de Amostragem – R2. Espécie cinegética.....	7/9
Foto 37 - Fezes de <i>Puma concolor</i> (onça-parda) registrado na Região de Amostragem – R2.....	7/9
Foto 38 - Pegada de <i>Puma concolor</i> (onça-parda) registrado na Região de Amostragem – R2.....	7/9
Foto 39 - <i>Thylamys</i> sp. (catita) registrado na Região de Amostragem – R3.....	8/9
Foto 40 - Fezes de <i>Sylvilagus brasiliensis</i> (tapeti) registrado na Região de Amostragem – R3.....	8/9
Foto 41 - Armadilha de Interceptação e Queda (<i>Pitfall</i>).....	8/9
Foto 42 - Método de Busca Ativa.....	8/9
Foto 43 - <i>Hemidactylus brasilianus</i> (lagartixa) registrado na Região de Amostragem – R3.....	8/9
Foto 44 - <i>Micrablepharus maximiliani</i> (lagarto) registrado na Região de Amostragem – R3. Espécie bioindicadora.....	8/9
Foto 45 - <i>Apostolepis ammodites</i> (falsa-coral) registrado na Região de Amostragem – R1.....	9/9
Foto 46 - <i>Ameivula ocellifera</i> (lagarto) registrado na Região de Amostragem – R3.....	9/9
Foto 47 - <i>Tropidurus etheridgei</i> (calango) registrado na Região de Amostragem – R3.....	9/9
Foto 48 - <i>Tropidurus hispidus</i> (calango) registrado na Região de Amostragem – R3.....	9/9
Foto 49 - <i>Notomabuya frenata</i> (lagarto) registrado na Região de Amostragem – R1.....	9/9
Foto 50 - <i>Philodryas nattereri</i> (corre-campo) encontrada atropelada no acesso à Região de Amostragem – R2.....	9/9

2.2.3.3.5 - Registros Fotográficos

2.2.3.3.5.1 - Avifauna



Foto 1 - *Synallaxis hellmayri* (joão-chique-chique) registrado Região de Amostragem – R1. Espécie ameaçada de extinção e endêmica.



Foto 2 - *Sakesphorus cristatus* (choca-do-nordeste) registrado na Região de Amostragem – R1. Espécie endêmica.

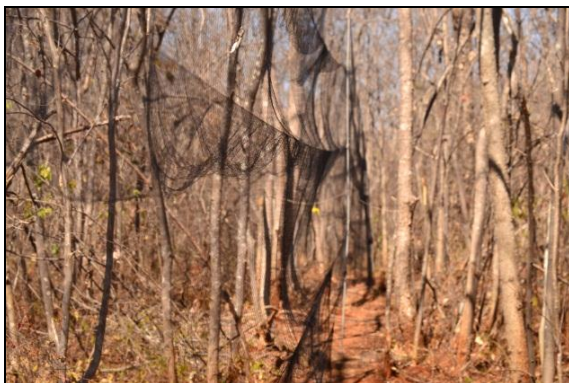


Foto 3 - Método de Rede-de-neblina.

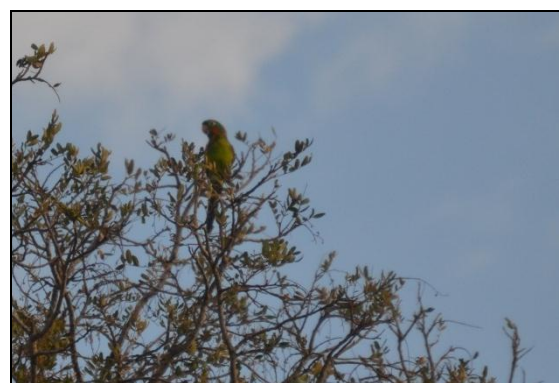


Foto 4 - *Psittacara leucophthalmus* (periquitão-maracanã) registrado na Região de Amostragem – R1. Espécie classificada na CITES.



Foto 5 - *Nothura boraquira* (codorna-do-nordeste) registrado na Região de Amostragem – R1. Espécie endêmica.



Foto 6 - *Icterus jamaicii* (corrupião) registrada na Região de Amostragem – R1. Espécie endêmica



Foto 7 - *Clibanornis rectirostris* (fura-barreira) registrado na Região de Amostragem – R1. Espécie endêmica.



Foto 8 - *Amazona aestiva* (papagaio-verdadeiro) registrado na Região de Amostragem – R1. Espécie exótica ao nordeste.

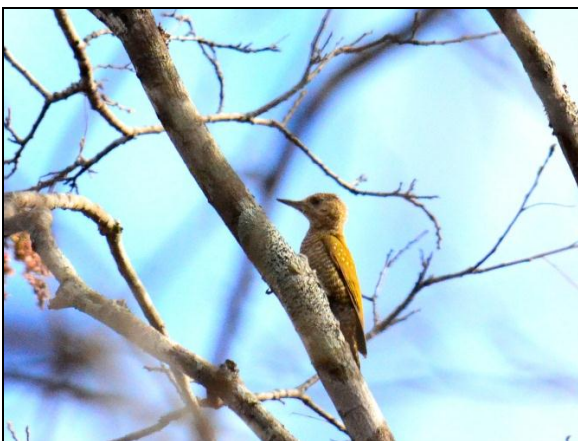


Foto 9 - *Venilior passerinus* (picapauzinho-anão) fêmea registrado na Região de Amostragem – R2.

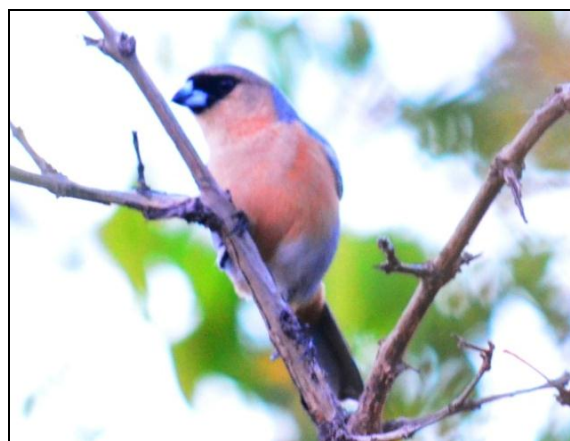


Foto 10 - *Schistochlamys ruficapillus* (bico-de-veludo) registrado na Região de Amostragem – R2.



Foto 11 - *Picumnus pygmaeus* (pica-pau-pintado) registrado na Região de Amostragem – R2. Espécie endêmica.



Foto 12 - *Phimosus infuscatus* (curicaca) registrado na Região de Amostragem – R2.



Foto 13 - *Knipolegus franciscanus* (maria-preta-do-nordeste) registrado na Região de Amostragem – R2. Espécie endêmica.



Foto 14 - *Forpus xanthopterygius* (tuim) registrado na Região de Amostragem – R2. Espécie classificada na CITES.



Foto 15 - *Tangara cayana* (saíra-amarela) registrado na Região de Amostragem – R3.



Foto 16 - *Saltatricula atricollis* (batuqueiro) registrado na Região de Amostragem – R3. Espécie endêmica.



Foto 17 - *Paroaria dominicana* (cardeal) registrado na Região de Amostragem – R3. Espécie endêmica.



Foto 18 - *Eupsitulla cactorum* (periquito-da-caatinga) registrado na Região de Amostragem – R3. Espécie endêmica.



Foto 19 - *Nonnula rubecula* (macuru) registrado na Região de Amostragem – R3. Espécie bioindicadora de qualidade ambiental.



Foto 20 - Morfometria de aves.

2.2.3.3.5.2 - Mastofauna



Foto 21 - Instalação de armadilhas para pequenos mamíferos. Armadilha tipo *Tomahawk*.



Foto 22 - Armadilha tipo *Sherman* instalada no sub-bosque.



Foto 23 - Armadilha fotográfica usada para registro de médios e grandes mamíferos.



Foto 24 - Iscagem de Armadilha fotográfica usada para registro de médios e grandes mamíferos.

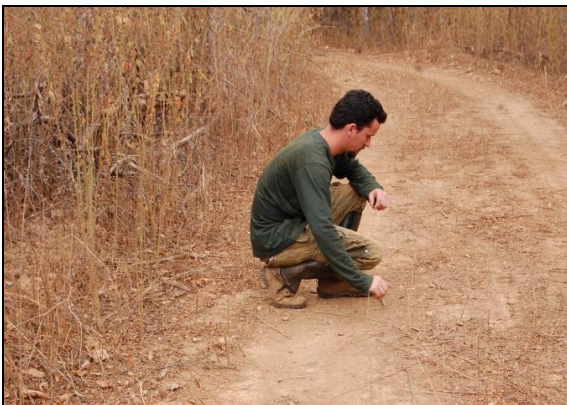


Foto 25 - Busca ativa por vestígios de médios e grandes mamíferos.



Foto 26 - Armadilha de Interceptação e Queda (*Pitfall*) para captura de pequenos mamíferos.



Foto 27 - *Mazama sp.* (veado) registrado na Região de Amostragem – R1. Espécie cinegética.



Foto 28 - *Calomys expulsus* (rato-do-chão) registrado na Região de Amostragem – R1.



Foto 29 - *Procyon cancrivorus* (mão-pelada) registrado na Região de Amostragem – R1.



Foto 30 - *Marmosops incanus* (cuíca) registrado na Região de Amostragem – R1.



Foto 31 - Pegada de *Conepatus semistriatus* (jeritaca) registrado na Região de Amostragem – R1.



Foto 32 - *Callitrix penicillata* (suim) registrado na Região de Amostragem – R1. Espécie citada na CITES.



Foto 33 - *Gracilianus agilis* (cuíca) registrado na Região de Amostragem – R1.



Foto 34 - *Didelphis albiventris* (gambá) registrado na Região de Amostragem – R2.



Foto 35 - *Wiedomys pyrrhorhinos* (rato-da-fava) registrado na Região de Amostragem – R2. Endêmico do Cerrado.



Foto 36 - Pegada de *Hydrochoerus hydrochaeris* (capivara) registrado na Região de Amostragem – R2. Espécie cinegética.



Foto 37 - Fezes de *Puma concolor* (onça-parda) registrado na Região de Amostragem – R2.

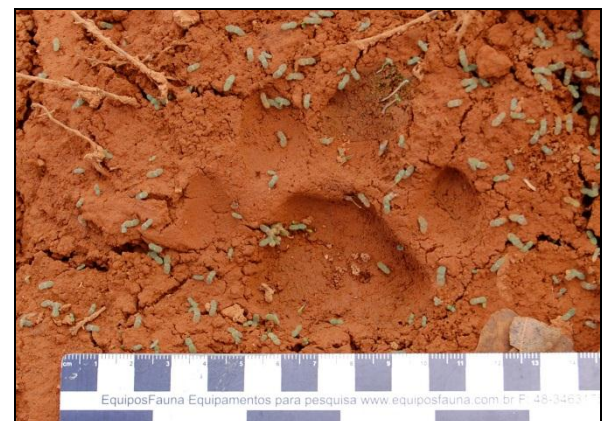


Foto 38 - Pegada de *Puma concolor* (onça-parda) registrado na Região de Amostragem – R2.



Foto 39 - *Thylamys* sp. (catita) registrado na Região de Amostragem – R3.



Foto 40 - Fezes de *Sylvilagus brasiliensis* (tapeti) registrado na Região de Amostragem – R3.

2.2.3.3.5.3 - Herpetofauna



Foto 41 - Armadilha de Intercepção e Queda (*Pitfall*).



Foto 42 - Método de Busca Ativa.



Foto 43 - *Hemidactylus brasilianus* (lagartixa) registrado na Região de Amostragem – R3.



Foto 44 - *Micrablepharus maximiliani* (lagarto) registrado na Região de Amostragem – R3. Espécie bioindicadora.



Foto 45 - *Apostolepis ammodites* (falsa-coral) registrado na Regial de Amostragem – R1.



Foto 46 - *Ameivula ocellifera* (lagarto) registrado na Região de Amostragem – R3.



Foto 47 - *Tropidurus etheridgei* (calango) registrado na Região de Amostragem – R3.



Foto 48 - *Tropidurus hispidus* (calango) registrado na Região de Amostragem – R3.



Foto 49 - *Notomabuya frenata* (lagarto) registrado na Região de Amostragem – R1.



Foto 50 - *Philodryas nattereri* (corre-campo) encontrada atropelada no acesso à Região de Amostragem – R2.

ÍNDICE

2.2.3.3.6 -	Considerações Finais.....	1/3
-------------	---------------------------	-----

Legendas

Figura 2.2.3.3.6-1 – Riqueza de espécies registrada por dados primários e total (primários e secundários) para cada grupo faunístico na área de estudo da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino (MG/BA). Dados obtidos em julho/agosto de 2017 (estação seca).....	1/3
Figura 2.2.3.3.6-2 – Riqueza e abundância de espécies cada grupo faunístico em cada Região de Amostragem da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino (MG/BA). Dados obtidos em julho/agosto de 2017 (estação seca) R1- Corinto (MG), R2- Juramento (MG) e R3 – Caetité (BA).....	2/3
Quadro 2.2.3.3.6-1 - Síntese dos resultados de números de espécies obtidos no diagnóstico de fauna do LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino (MG/BA).....	3/3

2.2.3.3.6 - Considerações Finais

Os resultados obtidos refletem um panorama da fauna de ocorrência para LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino. Com base nos dados primários, o diagnóstico da herpetofauna registrou 12 espécies, sendo uma de anfíbio e 11 de répteis. Para a avifauna, foram compiladas 178 espécies e para a mastofauna o diagnóstico registrou 33 espécies. Comparando-se os dados obtidos em campo com os dados secundários levantados para a região do empreendimento, foram registradas nesta primeira campanha, cerca de 8% da herpetofauna, 44% das espécies de aves e 40% da mastofauna de potencial ocorrência na área de estudo (**Figura 2.2.3.3.6-1**). A baixa representatividade da herpetofauna em relação aos demais grupos deve-se ao período das amostragens realizadas durante a estação seca. Com a segunda campanha prevista para a estação chuvosa, espera-se aumento dessa representatividade.

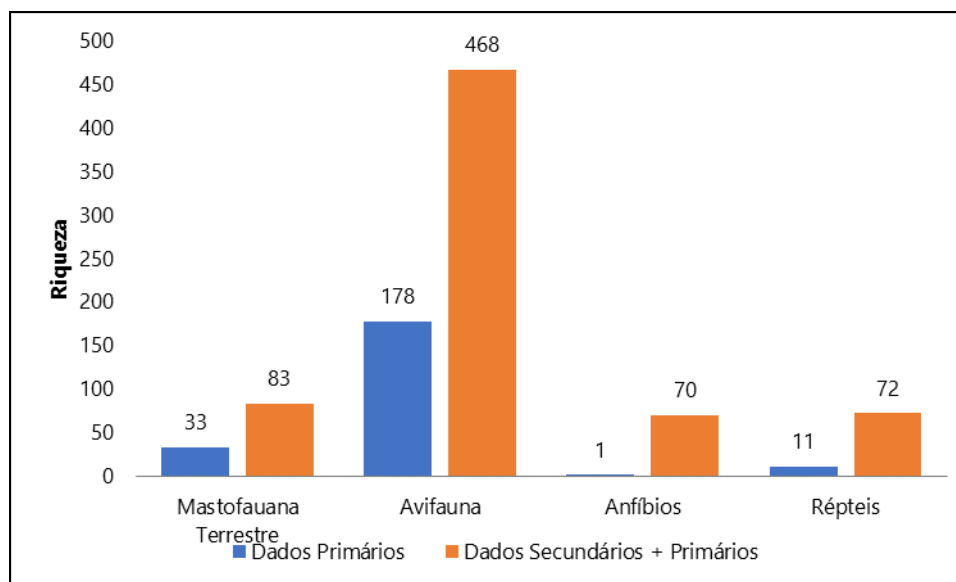


Figura 2.2.3.3.6-1 – Riqueza de espécies registrada por dados primários e total (primários e secundários) para cada grupo faunístico na área de estudo da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino (MG/BA). Dados obtidos em julho/agosto de 2017 (estação seca)

É importante ressaltar que o levantamento de dados secundários considerou os distintos ambientes interceptados pelo traçado e os dados disponíveis para as áreas próximas da LT. Entretanto, também foram considerados estudos mais distantes, como compilações para os biomas de Cerrado e Caatinga, que, portanto, refletem uma lista mais conservadora e extensa da fauna. Por esse motivo, as diferenças locais podem explicar a diferença entre o número de espécies registradas nessa campanha e aquelas esperadas segundo os dados secundários.

Com relação às diferenças entre as regiões de amostragem, R1 (Corinto) e R2 (Juramento) apresentaram as maiores riquezas e abundâncias para aves e mamíferos. Já para herpetofauna as regiões R1 (Corinto) e R3 (Caetitê) apresentaram maior número de indivíduos (**Figura 2.2.3.3.6-2**). Características associadas às regiões, como diferentes ambientes, grau de conservação e presença de corpos d'água explicam às diferenças encontradas na composição de espécies. A região de amostragem 2 (Juramento) apresenta os ambientes mais bem preservados, com menor grau de perturbação antrópica observado.

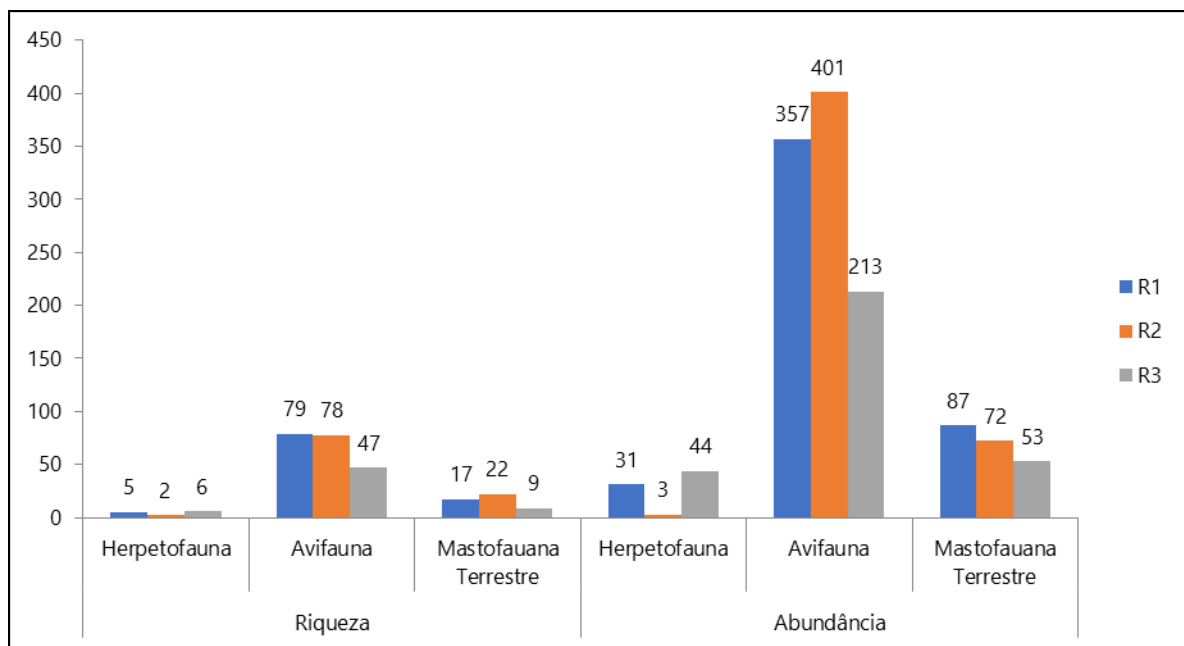


Figura 2.2.3.3.6-2 – Riqueza e abundância de espécies cada grupo faunístico em cada Região de Amostragem da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino (MG/BA). Dados obtidos em julho/agosto de 2017 (estação seca) R1- Corinto (MG), R2- Juramento (MG) e R3 – Caetitê (BA).

Foram registradas quatro espécies de aves consideradas altamente sensíveis a impactos antrópicos, são elas: *Compsothraupis loricata* (tiê-caburé), *Megaxenops parnaguae* (bico-virado-da-caatinga), *Lepidocolaptes squamatus* (arapaçu-escamado) e *Nonnulla rubecula* (macuru). Para mastofauna quatro espécies foram indicadas como indicadores de qualidade ambiental: a onça parda (*Puma concolor*), o lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*) a lontra (*Lontra longicaudis*) e o mão-pelada (*Procyon cancrivorus*).

Dentre os registros primários, seis espécies da mastofauna e quatro da avifauna encontram-se classificadas em algum grau de ameaça segundo as listas oficiais consultadas. Não foram registradas espécies ameaçadas para herpetofauna.

Ainda que a maior parte das espécies seja de ampla distribuição, foi registrado um total de 19 espécies, endêmicas, sendo três mamíferos terrestres (os roedores *Kerodon rupestris*, *Calomys expulsus* e *Wiedomys pyrrhorhinos* e o canídeo *Lycalopex vetulus*) e 16 espécies de aves.

Quadro 2.2.3.3.6-1 - Síntese dos resultados de números de espécies obtidos no diagnóstico de fauna do LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino (MG/BA).

Parâmetros	Herpetofauna		Avifauna	Mastofauna Terrestre	Total
	Anfíbios	Répteis			
Dados Secundários + primários	70	72	468	83	693
Dados Primários	1	11	178	33	223
Abundância dados primários	1	79	1623	211	1914
Espécies ameaçadas MMA*	0	0	9	4	13
Espécies ameaçadas IUCN*	0	0	24	3	28
Espécies ameaçadas MG*	0	0	15	4	19
Espécies ameaçadas BA*	0	0	0	6	6
Espécies Endêmicas ou de distribuição restrita*	0	0	16	3	19
Espécies Migratórias*	0	0	0	0	0

*Somente a partir de dados primários.

Baseado nos resultados discutidos, considera-se que este estudo tenha sido capaz de caracterizar a fauna presente na Área de Estudo da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino, servindo de base para a avaliação de impactos ambientais. Vale ressaltar, que apesar da maioria das espécies registradas serem generalistas e capazes de se manterem em ambientes alterados, a área de estudo resguarda ambientes conservados e representativos para a fauna silvestre, detendo também elementos mais sensíveis. Mesmo para herpetofauna, cujos resultados da campanha foram pouco representativos, observou-se em campo a existência de corpos d'água temporários, os quais provavelmente abrigam espécies que estarão presentes durante o período das chuvas. Deste modo, devem ser consideradas medidas para controle dos impactos sobre a fauna silvestre, especialmente no que se refere à perda e alteração dos habitats e às interferências ocasionadas pela presença de pessoas e máquinas nas áreas. Maior atenção deve ser dada para minimizar a interferência do empreendimento com a fauna nos fragmentos florestais e áreas com travessias de cursos d'água, pois tais ambientes são considerados os mais relevantes para manutenção da biota ao longo da área prevista para inserção do projeto.

ÍNDICE

2.2.3.4-	Ecologia de Paisagem.....	1/22
2.2.3.4.1 -	Apresentação	1/22
2.2.3.4.2 -	Justificativa.....	5/22
2.2.3.4.3 -	Objetivos.....	5/22
2.2.3.4.4 -	Métodos.....	5/22
2.2.3.4.5 -	Resultados.....	8/22
2.2.3.4.5.1 -	Uso e Ocupação.....	8/22
2.2.3.4.5.2 -	Área Efetiva para Conservação	14/22
2.2.3.4.5.3 -	Zonas de Proximidade.....	17/22
2.2.3.4.5.4 -	Cenário Com o Empreendimento.....	21/22
2.2.3.4.6 -	Considerações Finais.....	21/22

Legendas

Quadro 2.2.3.4-1 – Métricas da Paisagem.....	7/22
Quadro 2.2.3.4-2 – Composição da base cartográfica para análise da ecologia da paisagem.....	8/22
Quadro 2.2.3.4-3 – Uso e Cobertura do solo para Diagnóstico da Flora	10/22
Quadro 2.2.3.4-4 - Cobertura do Solo para ecologia de paisagem.....	11/22
Quadro 2.2.3.4-5 - Classe de Frequência em número para fragmentos de vegetação nativa na Área de Estudo.....	12/22
Figura 2.2.3.4-1 – Frequência Relativa por número e área de fragmentos.....	12/22
Quadro 2.2.3.4-6 - Classe de Frequência em área para fragmentos de vegetação nativa na Área de Estudo.....	13/22
Quadro 2.2.3.4-7 – Métricas para a cobertura nativa na Área de Estudo.....	13/22
Quadro 2.2.3.4-8 – Estagio de Conservação.....	15/22
Quadro 2.2.3.4-9 – Estrutura dos fragmentos segundo a presença de bordas.....	15/22
Figura 2.2.3.4-2 – Proporção de cobertura relativa a faixas sucessivas de bordas.....	16/22
Quadro 2.2.3.4-10- Zonas de Proximidade.....	18/22
Quadro 2.2.3.4-11 - Zonas de Proximidade.....	19/22
Figura 2.2.3.4-3 – Proporção de cobertura relativa as zonas.....	20/22
Quadro 2.2.3.4-12 – Cenário de fragmentação com a presença da LT.....	21/22

2.2.3.4 - Ecologia de Paisagem

2.2.3.4.1 - Apresentação

A Ecologia de Paisagem é uma disciplina que adota a escala geográfica em sua análise, tendo como campo de estudo, a inferência sobre processos ecológicos emergentes da interação entre distintos ecossistemas, mediados a partir de suas bordas de contato. Na exposição de TURNER *et al* (2001), a ecologia de paisagem é uma disciplina que incorpora elementos analíticos tanto do universo da ecologia, quanto da geografia. A partir destas vertentes, identifica-se nos estudos da ecologia de paisagem, abordagens tanto espécie-específicas, quanto ecossistêmicas, as quais exigem, necessariamente, a incorporação da noção de escala, conceito que remete ao distanciamento do observador em relação ao seu objeto de estudo.

Neste EIA, a ecologia de paisagem é utilizada para análise dos padrões espaciais de distribuição dos ecossistemas identificados ao longo da área de estudo da LT 500 kV Igaporã III - Presidente Juscelino, assim como, para medir o estado de conservação da cobertura nativa, visando identificar a possibilidade de implantação do empreendimento e suas consequências para conectividade ecológica. Utilizando-se de abordagens quantitativas na avaliação das métricas da paisagem e qualitativa quanto aos valores sociais inerentes as interações socioecológicas compreendidas na área de estudo.

O tema ecologia de paisagem possui alguns conceitos específicos, que, pelas suas definições, contribuem para uma melhor compreensão do presente capítulo, a saber: padrão de distribuição espacial, o qual define a ocupação regular de comunidades ecológicas distintas ao longo da paisagem; mosaico ecológico, que remete a uma geometria fragmentada, a ser analisada pela identificação de sub-espacos; manchas (*patch*), conceito que define uma identidade aos polígonos vegetacionais, dando um caráter individual aos elementos que compõem a paisagem, onde presumivelmente, as funções ecológicas mantêm-se homogêneas; ou ainda, conectividade, conceito que indica a possibilidade (não obrigatoriedade) de interação e trocas ecológica entre unidades analíticas similares (METZGER, 2001; TURNER, 2001).

McGARIGAL *et al*, (2002), faz a distinção entre duas abordagens analíticas em ecologia de paisagem. Sendo a primeira, aquela de mais afinidade com os mosaicos antrópicos, a qual dá maior foco nas tipologias vegetacionais claramente distintas, para o planejamento em larga escala. Numa segunda abordagem, as publicações mostram maior interesse em paisagens com variações nativas na cobertura, resultante da ecologia do próprio sistema, com enfoque na biologia dos componentes (McGARIGAL *et al*, 2002).

Pela crescente influência que as ações antrópicas exercem sobre a funcionalidade ecológica dos ambientes nativos, FORMAN (1995) enfatiza o papel da ecologia de paisagem na análise do ambiente numa abrangência que contemple, não somente o funcionamento das unidades ecossistêmicas em si, mas sua resposta a interação com o espaço circundante, condição fundamental no estudo da funcionalidade dos fragmentos de habitats, antes, parte de coberturas contínuas, hoje, isolados na paisagem.

Essa transformação de habitats extensos em manchas de habitats é definida como fragmentação (FARIG, 2003). Como também observa este autor, os processos ecológicos se desenvolvem limitados nos fragmentos e dependem do seu tamanho e forma. Pela prática, deve-se complementar, também, que variam em resposta a seu estado de conservação e isolamento na paisagem. Pela evolução da ocupação humana, a fragmentação é um processo crescente nas paisagens, induzida tanto pela supressão como pela secção dos espaços nativos. Por estas e outras causas, a fragmentação compromete, tanto a presença como a manutenção da biodiversidade em todos os seus níveis (FARIG, 2003).

Dentre os efeitos da fragmentação da paisagem, cita-se o aumento das áreas refratárias em relação às áreas nativas, com conseqüente redução das áreas de nichos; aumento da distância entre indivíduos potencialmente reprodutores; redução da proporção de área nuclear do fragmento (saudável) em relação à área de borda (vulnerável); e a redução do potencial de sucessão ecológica da matriz em face da ação antrópica.

Metodologicamente, a ecologia de paisagem trabalha sobre a base cartográfica de uso e ocupação do solo, fazendo a identificação de paisagem, classes e fragmentos, para os quais são mensurados índices específicos ou métricas (FORMAN, 1995; McGARIGAL *et al*, 2009). Na interpretação do imageamento remoto (método mais utilizado no mapeamento da paisagem) delimita-se assim, as manchas de vegetação, pela transição abrupta entre estas e a matriz, incorporando neste desenho uma interpretação de quebra na funcionalidade ecológica decorrente da descontinuidade de um ecossistema (ex.: floresta) avizinado por uma condição ecológica adversa (ex.: pastagem).

Para cada elemento de análise - paisagem, classes ou fragmentos - a disciplina dispõe de métricas próprias que fazem o diagnóstico da condição ecológica de indivíduos (manchas ou fragmentos), populações (classes) ou para entendimento da paisagem (TURNER *et al*, 2001). Na definição de unidade de paisagem, cabe observar que, a delimitação arbitrária do espaço, onde assumem-se os aspectos de caracterização e suas métricas se encerram, nem sempre é possível que se contemple toda dinâmica ecológica ativa (FISHER E LINDENMAYER, 2007).

Também, dentro do conjunto de conceitos da disciplina, define-se a matriz como a classe de cobertura do solo que ocupa a maior extensão na paisagem e que tem, portanto, a maior conectividade dentre as demais (McGARIGAL *et al.*, 2002). Com o aumento da ocupação humana, particularmente como o estabelecimento da agropecuária, a classe antrópica torna-se a matriz em quase todas paisagens e, por este motivo, a classe de maior influência no funcionamento dos ecossistemas, deixando aos fragmentos nativos, papel secundário, onde os eventos ecológicos são limitados, tanto pelo insulamento na matriz, quanto aos efeitos de sua vizinhança.

Independente da abordagem adotada na ecologia de paisagem é comum a análise da geometria dos mosaicos, delineados remotamente, a partir da identificação das classes de uso do solo e suas manchas (FORMAN, 1995, TURNER *et al.*, 2001, METZGER, 2006). Por intermédio da base cartográfica composta pelo delineamento das manchas de uso e ocupação do solo e seu cruzamento com as características fitogeográficas e antrópicas da unidade, são caracterizadas as classes de ocupação do solo, as quais são agrupadas para mensuração da ocupação e para o grau de fragmentação da unidade de paisagem.

O estudo da paisagem também faz uso do conceito de borda, o qual é definido como a faixa de interação do fragmento com a matriz. Ecologicamente, a borda é o ambiente que, pela condição marginal no fragmento, é aquele mais vulnerável de alterações microclimáticas e ecológicas, assim como a faixa mais susceptível a colonização de espécies invasoras, generalistas e altamente competitivas, sendo, portanto, zona contrária a conservação (TABANEZ & VIANA, 2000).

Desta forma, a ecologia de paisagem também se dispõe de métricas para mensuração da saúde dos fragmentos a partir de suas bordas, as quais contribuem para o diagnóstico do estado de vulnerabilidade do ambiente nativo frente à matriz circundante.

Na matriz, as relações ecológicas são impedidas ou filtradas pela condição refrataria do meio, que tende a ser um não-habitat, agindo contra a conectividade e, portanto, levando ao isolamento das populações. Com foco neste processo, a ecologia de paisagem, também, adota em sua análise, o conceito de conectividade, o qual visa interpretar o grau de ligação ecológica entre os fragmentos, ou, ainda, o grau de dificuldade de movimentação dos organismos na paisagem. Matematicamente, o cálculo da conectividade infere a capacidade da paisagem em permitir que os fluxos biológicos entre habitats ocorram (FISHER E LINDENMAYER, 2007).

A paisagem ao longo da LT 500 kV Igaporã III - Presidente Juscelino está, em sua maior parte, sobre formações do Cerrado, abrangendo, também, formações da Caatinga e da Mata Atlântica, além de zonas de contato entre os dois primeiros. O Cerrado e a Caatinga são biomas compostos pela variação natural

de distribuição das formações vegetacionais, que podem apresentar, em curtos espaços, manchas florestais, arbustivas e campestres. Como mosaico ecológico, particularmente o Cerrado, identifica-se uma variação natural e concorrente de árvores, arbustos e gramíneas.

Entre extremos ecológicos de cobertura - floresta ou campo - registra-se, com base, por exemplo, no Cerrado, formações com adensamentos intermediários, levando à necessidade de identificação de outras classes de cobertura do solo como campo sujo, campo-cerrado e cerrado *sensu stricto* (GOODLAND, 1971, OLIVEIRA e MARQUIS, 2002). Para RIGINOS *et al.* (2009), as fitofisionomias nas savanas, se apresentam mais como gradientes estruturais, ora indo desde coberturas plenamente fechadas (florestas) à abertas (campo limpo), do que como manchas de ecossistemas distintos. Nas savanas, como o Cerrado e a Caatinga, os limites espaciais das manchas florestais identificadas a partir do imageamento, não garantem a identificação de fronteiras de nicho. Nestes biomas, o próprio mosaico de formações - campestres, arbustivas e florestais – é a unidade ecológica (JELSTCH *et al.*, 2000).

Em referência a barreira ecológica determinada pelas bordas dos ecossistemas, também se deve estimar uma maior plasticidade da biota das savanas na colonização e/ou ocupação dos espaços, quando em contato com sistemas abertos, inclusive com a matriz antrópica campestre, tendo maior permeabilidade do que o contato entre biomas florestais e pastagens, por exemplo.

Considerando os objetivos da ecologia de paisagem, centrados na análise da fração nativa de cobertura vegetal, e ainda considerando que as métricas são compostas com base na identificação de manchas distintas no uso do solo, convém estabelecer limitações dos métodos adotados para análise do mosaico em savanas. Este limitante analítico, ou seja, a dependência de fronteiras claras entre vegetação nativa e matriz explica, em parte, a escassez de publicações desta disciplina para mosaicos savânicos. Nestes casos, a opção para segmentação dos polígonos de composição da cobertura do solo é o uso de feições mais determinantes de contínuo ecológico, sejam elas naturais (ex.: corpos hídricos e relevo) ou antrópicas (ex.; estrada e cidades).

Assim, em formações savânicas, os valores resultantes da aplicação dos métodos da ecologia de paisagem devem ser observados sob dois aspectos especiais: primeiro, pela adequação parcial das métricas, a serem mensuradas a partir de uma paisagem sem a secção clara das manchas; segundo, pela maior plasticidade da biota para circulação entre coberturas nativas e a matriz antrópica. A plasticidade da biota na ocupação de diferentes vegetações, como nestes casos, estabelece uma conectividade ainda pouco estudada.

2.2.3.4.2 - Justificativa

A fragmentação ecológica afeta os ecossistemas em diferentes aspectos: diretamente pela supressão da cobertura dos habitats nativos e indiretamente pela interrupção ou filtragem dos fluxos gênicos e ecológicos, comprometendo a conservação imediata e, a longo prazo, a diversidade. Para o estudo e conservação dos ecossistemas, a ecologia de paisagem dispõe de métodos para análise da cobertura do solo e seus polígonos, estabelecendo métricas que inferem sobre a qualidade dos fragmentos nativos e sua inserção na matriz circundante (TURNER, 2001).

Para o estudo da viabilidade da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino na região pretendida, bem como suas implicações para a conservação ecológica, a ecologia de paisagem serve como ferramenta analítica, a partir da identificação de zonas de especial interesse para conservação e, conseqüentemente, mais indicadas para a proposição de ações de recuperação e gestão ambiental.

2.2.3.4.3 - Objetivos

O presente estudo visa analisar a estrutura geral da paisagem ao longo do traçado da LT 500 kV Igaporã III - Presidente Juscelino, a partir da mensuração da fragmentação do mosaico ecológico no cenário atual de uso e ocupação do solo e a alteração prevista a partir da inserção do empreendimento.

Também são objetivos do estudo de ecologia de paisagem:

- Caracterizar, georreferenciar e avaliar o grau de conservação dos biótopos da Área de Estudo, com base nas métricas de paisagem, compostas para a unidade, classes e manchas;
- Delimitar, a partir das métricas, as regiões da Área de Estudo com maior potencial para aplicação de ações de conservação ou de restauro da paisagem.

2.2.3.4.4 - Métodos

A definição da Área de Estudo da ecologia de paisagem é a mesma definida para o meio biótico, tendo esta sido composta pela delimitação natural encerrada pelas bacias hidrográficas resultante da subdivisão do Modelo Digital de Elevação (MDE, SRTM, 2000) em microbacias hidrográficas (*minimum watershed*). Visto que a Área de Estudo do meio biótico responde ao traçado dos circuitos da LT, a Área de Estudo de ecologia de paisagem abrangeu também toda área entre os circuitos da LT, como pode ser observado no item 2.2.1 – Definição das Áreas de Estudo e no Mapa da Área de Estudo da Ecologia de Paisagem - 3264-00-EIA-MP-1006, presente no Caderno de Mapas.

A análise de ecologia de paisagem foi executada em quatro etapas, sendo: i) complementação da base cartográfica de uso do solo para as lacunas; ii) apresentação do conjunto de métricas; iii) Identificação das zonas de proximidade e; iv) análise do cenário com o empreendimento.

Para composição da base cartográfica de uso e cobertura do solo da Área de Estudo da ecologia de paisagem, tomou-se como base aquela apresentada no **item 2.3.2.2 - Diagnóstico da Flora** complementada espacialmente, pelas lacunas entre as LTs. Foram utilizadas quatro cenas Landsat 8 (218-070, 218-071, 218-072 e 218-073), obtidas em 18 de outubro de 2015 (USGS, 2015, acessadas em abril de 2017). A data foi escolhida pela baixa nebulosidade atmosférica na área estudada.

Para a segmentação, foi composto um mosaico das cenas e executada a fusão das bandas de 2 a 7 pelo algoritmo de análise do componente principal (do inglês, PCA), tendo alcançado nesta análise, 100% da variância em quatro novas bandas (própria do PCA). Já a segmentação da área complementar se deu sobre a nova imagem PCA e foi elaborada pelo método de classificação não supervisionada (*Cluster and Maximum Likelihood*), com duas reclassificações sucessivas para as classes de elevada confusão, adotando nestas análises, desdobramentos em 20, 25 e 30 classes matemáticas. As classes digitais resultantes foram comparadas visualmente com o mapa de uso e cobertura (**MAPA 3264-00-EIA-MP-3003 - Mapa de Uso e Cobertura do Solo e Áreas de Preservação Permanente**), e realizada a extração vetorial.

Observando as particularidades das paisagens ecológicas observadas no eixo de passagem da LT, todas as classes de cobertura vegetal nativa (florestais, arbustivas e campestres) foram fundidas para composição de uma única classe - **Nativa**. Da mesma forma, todas as demais classes, sejam de uso antrópico ou de corpos hídricos, foram unidas em uma única classe – **Matriz**. Com isso, toda análise de métricas de manchas e bordas é composta sobre a base dessas duas classes.

Uma vez composta a segmentação, os fragmentos vizinhos de classes pares foram unidos para composição de uma mesma mancha. A nova base foi, adicionalmente, segmentada para presença de rodovias, ferrovias e outras LTs, seguindo dados do IBGE (2016), adaptado para a base cartográfica do EIA. A base vetorial resultante foi filtrada para manchas (ecologicamente) inexpressivas (< 2 ha), procedendo a união destes polígonos aos vizinhos imediatos de maior tamanho.

A paisagem foi analisada quanto às métricas pela composição geral de classes, manchas e conectividade. Os fragmentos nativos foram analisados quanto ao número, forma, tamanho, perímetro e outras métricas pertinentes (**Quadro 2.2.3.4-1**). Para indicação da área efetiva dos fragmentos, foi estimada a área nuclear, considerando duas faixas de borda sucessivas de 50 m e 100 m.

Para cálculo do número de classes de frequência foi utilizada a fórmula:

$$C = 1 + (3,22 \times \log_{10} n)$$

sendo C, o número de classes e n o número de fragmentos.

As métricas da paisagem e fragmentos foram geradas com uso de sistema de informação geográfica (Arcgis 10.1, ESRI, 2010), a partir de extensão desenvolvida especificamente para análise da ecologia de paisagem (Patch Analyst 5.1, Rempel et al, 2012), como listadas no **Quadro 2.2.3.4-1- Métricas da Paisagem.**, e conforme definido por Crews e Peralvo (2007).

Quadro 2.2.3.4-1- Métricas da Paisagem.

Análise	Parâmetro	Unidade	Sigla*	Ferramenta
Composição de Classes	Fração	(ha)	-	Arcgis
Fragmentos	Área do Fragmento	(ha)	PA	Arcgis
	Composição de Bordas	(ha)	-	Arcgis
	Proximidade		-	Arcgis + Patch Analyst
Métricas da Paisagem	Área Total da Classe	(ha)	CA	Arcgis + Patch Analyst
	Número de Fragmentos das Classes	(n)	NumP	Arcgis + Patch Analyst
	Tamanho de Fragmentos Médio das Classes	(ha)	MPS	Arcgis + Patch Analyst
	Desvio Padrão do Tamanho de Fragmentos das Classes	-	PSSD	Arcgis + Patch Analyst
	Índice de Forma Médio das Classes	-	MSI	Arcgis + Patch Analyst
	Perímetro Total das Classes	(m)	TE	Arcgis + Patch Analyst
	Perímetro Médio das Classes	(m)	MPE	Arcgis + Patch Analyst
	Densidade de Bordas das Classes	-	ED	Arcgis + Patch Analyst
Integração com o entorno	Zonas de Proximidade	-	-	Arcgis + Patch Analyst

*Da origem inglesa, segundo Crews e Peralvo (2007) e Rutledge (1998).

Para análise dos aspectos de vizinhança e do grau de conectividade das manchas, foi realizado o Índice de Proximidade, sendo o mesmo limitado no entorno de 2.000 m e ponderado pela relação com o tamanho do fragmento (*Patch Analyst 5.1*, REMPEL *et al.*, 2012). O índice de proximidade é adimensional e representa a configuração e condição espacial das manchas na paisagem (ANDERSON e BODIN, 2009).

As Zonas de Proximidade foram estudadas com base no grau homônimo e pela densidade de fragmentos, tendo como limite os territórios municipais. Apesar de a delimitação municipal ser de caráter sócio-político, foi utilizada aqui devido a toponímia conhecida. A análise das zonas de proximidade se deu com uso das bases cartográfica associadas à altimetria, declividade, vulnerabilidade geotécnica, de áreas protegidas, terras indígenas, quilombolas e das demais populações tradicionais. As Zonas de Proximidade também foram usadas para gradação de cores apresentadas no Mapa - **3264-00-EIA-MP-5001 - Mapa de Ecologia de Paisagem**.

A integração dos aspectos da paisagem foi realizada a partir da composição da base cartográfica, onde as estradas e outras vias, corpos hídricos e zonas urbanas foram transferidas para a fração antrópica da Área de Estudo.

Uma base subsequente foi composta no intuito de analisar a fragmentação induzida pelo empreendimento, seccionando a base principal pelos traçados dos circuitos da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino.

2.2.3.4.5 - Resultados

2.2.3.4.5.1 - Uso e Ocupação

A área estudada pela ecologia de paisagem possui uma área total de 915.768,33 ha (**Quadro 2.2.3.4-2**), com extensão e largura máxima de 545,9 km e 23,1 km, respectivamente. Possui ainda razão perímetro-área (MPAR - RUTLEDGE, 1998) de 179,89 ha.

Quadro 2.2.3.4-2 – Composição da base cartográfica para análise da ecologia da paisagem.

Porção	Área	
	(ha)	(%)
Área de Estudo do Meio Biótico	627.619,99	68,53
Lacunas	288.148,34	31,47
Total (Área de Estudo da Ecologia de Paisagem)	915.768,33	

Em termos gerais, a Área de Estudo se estabelece a oeste da Serra do Espinhaço, desde porções da Serra da Babilônia até a Serra do Cipó.

A ocupação afro-europeia da Área de Estudo se iniciou no período colonial, primeiro como eixo de ligação das zonas de produção agropecuária baiana e o centro aurífero de Vila Rica, recebendo, em seguida, desenvolvimento induzido pela exploração de gemas, em Diamantina (MG). Contudo, a região tem considerável incremento populacional e desenvolvimento da infraestrutura, a partir do início do século XX, com a instalação da Estrada de Ferro Central do Brasil, que ligava a então Capital do Brasil – Rio de Janeiro – a Monte Azul (MG), além das rodovias BR-122 e BR-135, as quais ligam o Norte e o Nordeste a Minas Gerais.

Atualmente, o caráter socioecológico dos territórios com uso tradicional na área de estudo, corresponde a paisagens em que dominam dois tipos de cobertura da terra: áreas antrópicas agrícolas e áreas de vegetação natural (Mapa de Uso e Ocupação e Populações tradicionais). Uma representação espacial que indica práticas de interações ambientais que expressam específicos usos territoriais, situação que reitera o legado social de organização espacial em ambientes com ofertas de recursos para subsistência em escala local/regional. O eixo de passagem, entretanto, possui baixa densidade populacional, associada a concentração em pequenas cidades com forte vínculo a atividades minerárias e agrícolas. É representado por uma paisagem antrópica com extensas pastagens, que se mesclam com os campos nativos. Na porção central da Área de Estudo, é registrado o crescimento, na última década, de atividades agrícolas intensivas, irrigadas, com destaque para produção florestal e frutífera.

O eixo de passagem da LT está, no seu extremo norte, sobre o bioma Caatinga, onde se desenvolve a Savana Estépica Estacional (Caatinga) e atravessa domínios da Mata Atlântica. Porém, o Bioma Cerrado é o preponderante em grande parte da AE, percorrendo formações da Floresta Estacional, arbustivas e campestres, mescladas entre si, como é comum ao bioma.

Na porção norte, tem destaque a presença das elevações da Serra da Babilônia, com extensas manchas de vegetação em considerável estado de conservação, entretanto, vem recebendo no presente, forte pressão exploratória relacionada ao crescimento da atividade eólico-elétrica.

Os circuitos da LT atravessam 29 municípios e o polígono adotado para ecologia de paisagem abrange território de 34 municípios. Do norte para o sul, 7 pertencentes ao estado da Bahia, seguindo de 27 territórios pertencendo do Estado de Minas Gerais. Dentre os municípios atravessados, o mais expressivo em termos populacionais e econômicos é Montes Claros (MG), que abrigava no último censo 361.971 habitantes, 1/3 de toda população presente na área de estudo (1.034.488 habitantes, IBGE, 2010), um contraste com os demais municípios, cuja população contava menos 80 mil habitantes, naquele censo.

O Mapa de Uso e Cobertura do Solo, apresentado para o **item 2.2.3.2 - Diagnóstico de Flora** identifica como a classe mais representativa, aquela relacionada aos usos antrópicos, essencialmente uso agropastoril, que cobre mais da metade da Área de Estudo do meio biótico (53,7%). Estão encerradas nesta classe, usos como ocupações urbanas, vias e, principalmente, culturas agrícolas (25,1 %, **Quadro 2.2.3.4-3**).

Ainda considerando a Área de Estudo do meio biótico, a cobertura nativa cobre 44,2% da Área de Estudo. Nessa classe, estão representadas a floresta estacional, floresta ripária, savana arborizada, savana estépica, savana florestada e contato floresta estacional/caatinga (**Quadro 2.2.3.4-3**). A cobertura da Área de Estudo e suas respectivas características são analisadas em detalhe no item **2.2.3.2 - Diagnóstico de Flora** e resumidas no **Quadro 2.2.3.4-3**.

Quadro 2.2.3.4-3 – Uso e Cobertura do solo para Diagnóstico da Flora

Tipo	Classe de uso e cobertura	Área	
		(ha)	(%)
Cobertura Antrópica			
	Agricultura	157.435,36	25,08
	Área Antrópica	121,86	0,02
	Área de Influência Fluvial	5.470,36	0,87
	Área Urbanizada	1.431,28	0,23
	Barragem de Rejeito	1.075,50	0,17
	Campo Antropizado	146.644,08	23,37
	Silvicultura	7.584,81	1,21
	Solo Exposto	16.937,61	2,7
	Subtotal	336.700,86	53,65

Tipo	Classe de uso e cobertura	Área	
		(ha)	(%)
Cobertura Nativa			
	Contato Floresta Estacional/Caatinga	39.092,81	6,23
	Floresta Estacional Decidual	20.066,68	3,2
	Floresta Estacional Semidecidual	44.709,64	7,12
	Floresta Ripária	6.120,20	0,98
	Savana Arborizada	68.764,75	10,96
	Savana Arborizada Antropizada	15.771,50	2,51
	Savana Estépica Florestada	16.255,86	2,59
	Savana Florestada	6.822,75	1,09
	Savana Estépica Antropizada	60.093,46	9,57
	Subtotal	238.604,84	44,25
Outras Coberturas			
	Corpo d'Água	2.565,13	0,41
	Nuvem	2.075,84	0,33
	Rocha Exposta	7.889,54	1,26
	Sombra	690,96	0,11
	Subtotal	350.769,88	2,11
Total Geral		627.619,99	-

Fonte: adaptado 2.2.3.2 - Diagnóstico de Flora

Na Área de Estudo para ecologia de paisagem, representada pela base cartográfica de uso do solo, composta para flora mais as lacunas entre as LTs, as classes antrópica e nativa foram representadas por áreas de 523.615 ha e 392.153 ha, representando frações de 57,2 e 42,8 %, respectivamente (**Quadro 2.2.3.4-4**). Alguma diferença entre os respectivos estudos era esperada, diante da inclusão das lacunas entre as LTs na Área de Estudo de ecologia de paisagem.

Quadro 2.2.3.4-4 - Cobertura do Solo para ecologia de paisagem.

C classe	Área	
	(ha)	(%)
Antrópica (Matriz)	523.615,23	57,18
Nativa	392.153,09	42,82
Total	915.768,33	100

A classe de vegetação nativa está representada por 3.557 polígonos ou manchas, no contexto da disciplina. De acordo com seus tamanhos, os mesmos estão distribuídos em 13 classes de frequências, apesar de agrupados em 96,8 % (n = 3.442) na primeira classe (de 2 a 818 ha), como dispõe o **Quadro 2.2.3.4-5**.

Quadro 2.2.3.4-5 - Classe de Frequência em número para fragmentos de vegetação nativa na Área de Estudo.

Classe de Frequência	Limite (ha)		Frequência Absoluta em	Frequência Absoluta Acumulada em	Frequência Relativa
	Inferior	Superior	Fragmentos (n)	Fragmentos (n)	(%)
1	2	818	3.442	3.442	96,8
2	818	1.635	66	3.508	1,9
3	1.635	2.451	23	3.531	0,6
4	2.451	3.267	15	3.546	0,4
5	3.267	4.084	3	3.549	0,1
6	4.084	4.900	1	3.550	0,0
7	4.900	5.716	4	3.554	0,1
8	5.716	6.533	1	3.555	0,0
9	6.533	7.349	1	3.556	0,0
10	7.349	8.166	-	3.556	-
11	8.166	8.982	-	3.556	-
12	8.982	9.798	-	3.556	-
13	9.798	10.615	1	3.557	0,0

Quase metade da cobertura nativa (42,5 %) está distribuída em 3.442 fragmentos, aqueles enquadrados na primeira classe de frequências (até 818 ha, **Figura 2.2.3.4-1**). Os demais, 116 fragmentos, somam 225.445 ha da área nativa. O maior fragmento identificado representa 2,7 % (10.615 ha) da classe de cobertura nativa, sendo 96 vezes maior que o tamanho médio das manchas (110,25 ha).

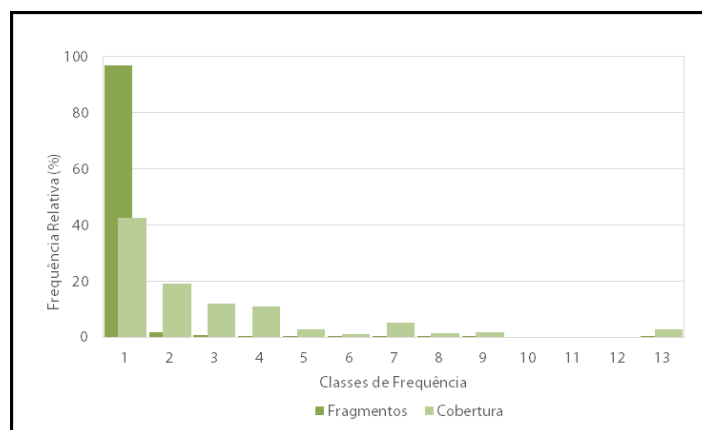


Figura 2.2.3.4-1 – Frequência Relativa por número e área de fragmentos

Este resultado, embora exponha um representativo quadro de fragmentação da Área de Estudo, indica que a mesma ainda guarda uma paisagem com porções de cobertura íntegra, visto ser região escassa de áreas para conservação formalmente estabelecida.

Quadro 2.2.3.4-6 - Classe de Frequência em área para fragmentos de vegetação nativa na Área de Estudo.

Classe de Frequência	Limite (ha)		Cobertura Absoluta (ha)	Cobertura Absoluta Acumulada (ha)	Cobertura Relativa (Nativa) (%)	Cobertura Relativa (Área de Estudo) (%)
	Inferior	Superior				
1	2	818	166.708,36	166.708,36	42,5	18,20
2	818	1.635	74.332,65	241.041,01	19,0	8,12
3	1.635	2.451	47.563,10	288.604,11	12,1	5,19
4	2.451	3.267	43.100,06	331.704,17	11,0	4,71
5	3.267	4.084	11.326,12	343.030,29	2,9	1,24
6	4.084	4.900	4.469,47	347.499,76	1,1	0,49
7	4.900	5.716	20.933,00	368.432,76	5,3	2,29
8	5.716	6.533	6.008,46	374.441,22	1,5	0,66
9	6.533	7.349	7.240,07	381.681,29	1,8	0,79
10	7.349	8.166	-	381.681,29	-	-
11	8.166	8.982	-	381.681,29	-	-
12	8.982	9.798	-	381.681,29	-	-
13	9.798	10.615	10.471,81	392.153,09	2,7	1,14

O **Quadro 2.2.3.4-7** resume as métricas da paisagem para a Área de Estudo. Pelo mesmo, nota-se que o tamanho médio e o desvio padrão do tamanho dos fragmentos de vegetação nativa é de 110,15 ha e 438,84 ha, respectivamente. Para o conjunto de fragmentos, o perímetro médio é de 6,6 km, abrigando 0,006 m² por metro e borda (**Quadro 2.2.3.4-7**).

Quadro 2.2.3.4-7 – Métricas para a cobertura nativa na Área de Estudo.

Parâmetro	Unidade	Sigla*	Classe Nativa
Área Total da Classe	(ha)	CA	392.153,09
Número de Fragmentos	(n)	NumP	3.557
Tamanho de Fragmentos Médio	(ha)	MPS	110,25
Desvio Padrão do Tamanho de Fragmentos	-	PSSD	438,84
Índice de Forma Médio das Classes	-	MSI	2,10
Perímetro Total	(km)	TE	23.732.326,56
Perímetro Médio	(km)	MPE	6.672,006
Densidade de Bordas	-	ED	25,9

*Da origem inglesa, segundo Crews e Peralvo (2007) e Rutledge (1998).

Considerando a Área de Estudo estabelecida sobre ambientes de savana e a necessidade de definição de manchas, observa-se que os métodos de segmentação das classes de cobertura do solo dependem da identificação clara de limite, ora traçado por feições geográficas determinantes do espaço (ex.: corpos hídricos) ora por ação antrópica (ex.: estrada), traçando fragmentos nativos, interpretados como insulados na matriz.

Na interpretação do imageamento remoto (método mais utilizado no mapeamento para ecologia de paisagem), delimita-se as manchas de vegetação, pela transição abrupta entre estas e a matriz, interpretado como quebra na funcionalidade ecológica, decorrente da mudança da continuidade de um ecossistema (ex. floresta) avizinhado por uma condição ecológica adversa (ex.: pastagem).

Em coberturas savânicas, os limites das manchas geradas a partir de técnicas de segmentação do imageamento, não garantem a identificação de fronteiras de nicho ou de secção crítica dos ecossistemas. Nestes ambientes, o próprio mosaico de formações - campestres, arbustivas e florestais – representa uma unidade ecológica, como discute JELSTCH *et al.* (2000).

Neste sentido, este estudo optou por dar relevância para as secções antrópicas explícitas, como rodovias e ferrovias, incorporada à base cartográfica e às métricas estudadas, visto serem estas, mais claramente limitantes da funcionalidade ecológica nestes biomas do que a transição entre formações florestais e abertas. Estas feições representam o principal indutor de fragmentação da paisagem no presente.

2.2.3.4.5.2 - Área Efetiva para Conservação

A fim de compreender o cenário de alteração ambiental ao longo do eixo atravessado pela LT, reporta-se que dentre 208 unidades amostrais visitadas em campo (**Item 2.2.3.2 Diagnóstico da Flora**), todas expõem indicativos de degradação, visto que nenhuma unidade visitada foi enquadrada no estágio avançado. Neste universo, 58,2 % unidades (n = 121) foram classificadas como em estágio inicial de sucessão (Quadro 2.2.3.4-8). Com base num subgrupo, composto por unidades agrupadas a um Bioma específico (n = 181), verifica-se que, por exemplo, no Cerrado mais 92,5 % das unidades estão em estágio inicial (Quadro 2.2.3.4-8). Estes valores, para além da presença de frações geometricamente nucleares dos fragmentos, expõem o quadro de alteração da paisagem estudada.

Quadro 2.2.3.4-8 – Estágio de Conservação

Fitofisionomia	Bioma	Unidade Amostral (n)	Em estágio inicial	
			(n)	(%)
Cerrado Típico + Cerrado Típico Antropizado + Cerradão + Cerrado Denso	Cerrado	67	62	92,5
Contato Floresta Estacional - Caatinga	Contato	33	18	54,5
Caatinga Antropizada + Caatinga Florestada	Caatinga	41	34	82,9
Floresta Estacional Semidecidual + Floresta Estacional Decidual	Mata Atlântica	40	5	12,5
Sub Total		181	119	65,7
Mata Ciliar	(Indistinto)	27	2	7,4
		208	121	58,2

Fonte: Alterado de Quadro 2 8 Estágio sucessional das unidades amostrais alocadas, item 2.2.3.2 - Diagnóstico de Flora

Para a ecologia de paisagem, a faixa de contato entre diferentes ecossistemas, chamada de borda, representa a porção de maior vulnerabilidade da fração nativa, pois é onde há a maior pressão das condições ambientais adversas da matriz. Portanto, podem ser identificados como mais saudáveis aqueles fragmentos cuja proporção distante da borda, chamada área nuclear, é mais extensa. Assim, os maiores e mais circulares fragmentos, presumivelmente, são aqueles fragmentos com menor pressão de borda (FORMAN *et al.*, 1995).

A paisagem estudada possui uma extensão total de 23.732.326 km de bordas, com perímetro médio por fragmento de 6.672 km (**Quadro 2.2.3.4-7**). Para uma população de 3.557 fragmentos, considerando faixas de até 50 m e 100 m, a partir da matriz, contou-se 135 e 1.406 fragmentos na condição de somente borda, respectivamente (**Quadro 2.2.3.4-9**). Entretanto, foi identificado um conjunto considerável de fragmentos com potencial para conservação, contando-se 2.151 (60,8 %) com área nuclear abrigada dentro de 100 m de borda.

Quadro 2.2.3.4-9 – Estrutura dos fragmentos segundo a presença de bordas

Parâmetro	Unidades		Área		Densidade (%)	
	(n)	(%)	(ha)	Na área nativa	Na paisagem	
Fragmentos de somente bordas (até 50 m)	135	3,76	612,04	0,16	0,07	
Fragmentos de somente bordas (até 100 m)	1.406	39,15	8.884,36	2,27	0,97	
Fragmentos com área nuclear (>100 m)	2.151	60,85	383.466,78	97,77	41,85	
Área de borda (até 50 m)	-	-	68.078,28	-	-	
Densidade de bordas (até 50 m)	-	-	-	17,36	7,43	
Área de borda (até 100 m)	-	-	299.004,86	-	-	
Densidade de bordas (até 100 m)	-	-	-	76,24	32,63	

	Unidades		Área		Densidade (%)	
Área Nuclear (100 m distante da borda)	-	-	94.398,98	-	-	-
Densidade de Área Nuclear (100 m)	-	-	-	24,07	-	10,3
Fragmentos e Área Nativa da Paisagem	3.557	-	392.153,09	-	-	-
Área Total da Paisagem	-	-	915.768,33	-	-	-

A densidade de borda de até 50 m na área nativa é de 17,4 % da área nativa e de 7,4 % da paisagem, condição que alcança na faixa até 100 m, 76,2 % e 32,6 %. Áreas nucleares, portanto, são 24,1 % da área nativa e 10,3 % da paisagem (**Quadro 2.2.3.4-9**). Para a área acumulada por ordem crescente de tamanho, metade da área nativa (196.175 ha) equivale a soma dos 3.515 menores fragmentos, de um total de 3.557 (**Figura 2.2.3.4-2**).

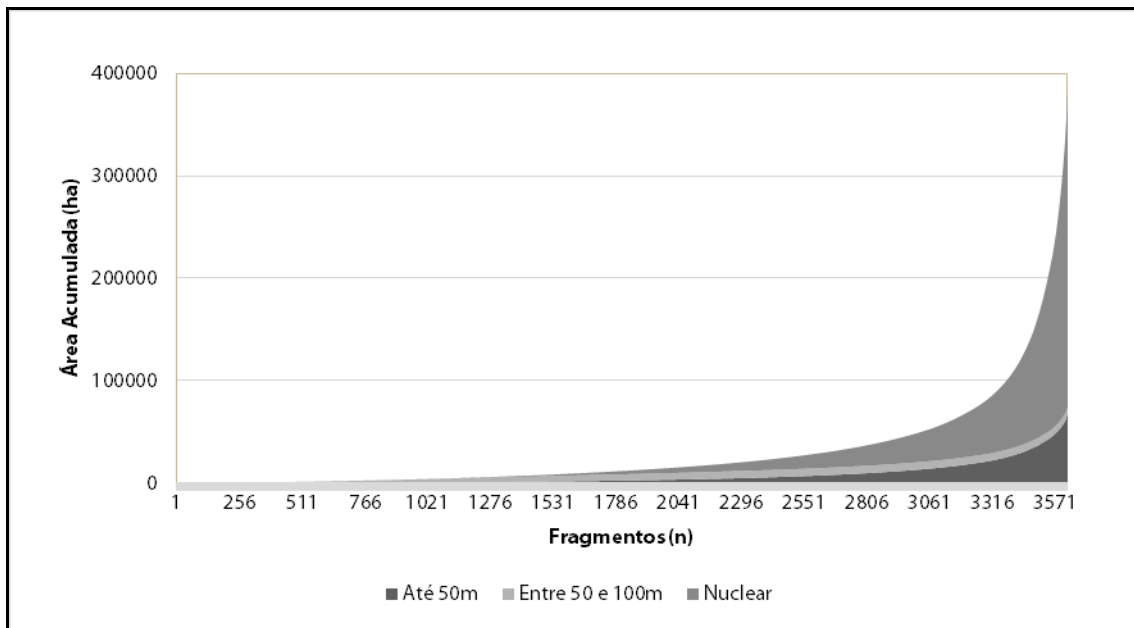


Figura 2.2.3.4-2 – Proporção de cobertura relativa a faixas sucessivas de bordas

As faixas de bordas adotadas neste estudo seguem os estudos de ecossistemas florestais (TABANEZ *et al.* 2000; ZANELLA *et al.*, 2012), os quais dispõe de publicações para o tema. As mesmas servem para um conjunto genérico de espécies, mas adota uma postura conservadora, visto que a sensibilidade frente as variações ecológicas de borda, apesar de variar para cada espécie, são mais restritivas quanto mais especialista é a espécie.

Em ecossistemas florestais, os efeitos de bordas já podem ser medidos em poucos metros a partir da matriz, resultado da drástica diferença dos fatores microclimáticos no interior da floresta, mais úmida,

fresca e escura, quando comparado com uma pastagem vizinha. Já nas paisagens savânicas, as diferenças de borda entre fitofisionomias, além de comportar menor amplitude para os fatores climáticos, já são parte da plasticidade da biota nativa, adaptadas inclusive a intensa caducifólia sazonal. Em ambientes savânicos, a circulação e colonização das populações ao longo das fitofisionomias, na sugestão de JELTSCHE *et al.* (2000), devem ser melhor estudadas quanto as faixas potenciais de ocupação, sendo menos importante o estudo do efeito de bordas.

2.2.3.4.5.3 - Zonas de Proximidade

A ecologia da paisagem vem exercendo, como disciplina científica, importante papel na proposição de ações para conservação, particularmente na gestão da paisagem sob crescentes pressões antrópicas, como a região estudada. Dada a escassez de recursos para desenvolvimento de ações de recuperação da cobertura nativa, estratégias compostas a partir de uma análise geográfica dos ecossistemas, representa significativo aumento da conectividade entre os grandes fragmentos ou grandes zonas nativas, mais viáveis para conservação do que aquelas intensamente afetadas (QUINE e WALTZ, 2007; ZANELLA, *et al.*, 2012).

As unidades de paisagem devem se aproximar de formas circulares, onde é mínima a razão de limites (arbitrários) em relação ao sistema contido. Na impossibilidade, a ecologia de paisagens, comumente, faz uso de fronteiras naturais, como bacias hidrográficas, ilhas ou bio-regiões, a partir das quais, faz as delimitações das unidades de paisagem (FORMAN, 1995; METZGER, 2001; TURNER, 2001).

Para estudo de empreendimentos lineares, como este em tela, o caráter alongado da Área de Estudo, torna a delimitação da unidade de paisagem contrária às premissas da disciplina, fragilizando, dentre outros aspectos analíticos, a mensuração da conectividade entre fragmentos. Neste sentido, observa-se que os limites da área mapeada impõem seções artificiais em conexões importantes na paisagem, excluindo, muitas vezes, uma região interessante para conservação. De forma geral, no presente caso, esta condição não foi comum, porém pode ser exemplificada pela proximidade com a Serra do Espinhaço, que acompanha a LT ao leste, fora da Área de Estudo, e que tem, por exemplo, um estreitamento em Monte Azul - MG.

A partir da análise do índice de proximidade (FRAGSTAT, Rempel *et al.*, 2012), representação matemática adimensional da inter-relação geométrica vs. tamanho dos fragmentos, estima-se que o limite dos fragmentos na Área de Estudo variam entre 1 e 7.331. Observando a distribuição potencial deste índice em classes de frequência (n=13), verifica-se que a menor classe de tamanho (≥ 1 e < 564) concentra 96,1

% dos fragmentos e 35,6 % da cobertura da classe nativa (**Quadro 2.2.3.4-10**), diferindo da distribuição por tamanho, como disposto no **Quadro 2.2.3.4-5** e no **Quadro 2.2.3.4-6**.

Quadro 2.2.3.4-10- Zonas de Proximidade

ID	Limite		Frequência Absoluta (n)	Frequência Absoluta Acumulada (n)	Frequência Relativa (%)	Cobertura Absoluta (ha)	Cobertura Absoluta Acumulada (ha)	Cobertura Relativa (%)
	Inferior	Superior						
1	1	564	3.450	3.484	96,07	137.515,61	137.515,61	35,06
2	564	1.128	56	3.540	1,56	65.820,30	203.335,91	16,78
3	1.128	1.692	17	3.557	0,47	37.524,86	240.860,77	9,57
4	1.692	2.256	12	3.569	0,33	31.594,02	272.454,79	8,06
5	2.256	2.820	10	3.579	0,28	29.996,46	302.451,25	7,65
6	2.820	3.384	6	3.585	0,17	27.428,21	329.879,46	6,99
7	3.384	3.948	2	3.587	0,06	7.281,09	337.160,55	1,86
8	3.948	4.512	1	3.588	0,03	8.514,50	345.675,05	2,17
9	4.512	5.075	1	3.589	0,03	10.081,65	355.756,70	2,57
10	5.075	5.639	-	3.589	-	10.851,35	366.608,05	2,77
11	5.639	6.203	1	3.590	0,03	6.008,46	372.616,51	1,53
12	6.203	6.767	-	3.590	-	-	372.616,51	-
13	6.767	7.331	1	3.591	0,03	7.240,07	379.856,58	1,85

Ao se propor medidas de conservação voltadas para a ampliação da conectividade e melhoria da permeabilidade da matriz, como sugere KOBLOITZ *et al.* (2000), devem ser consideradas a permutação de populações abrigadas nos grandes fragmentos. Neste sentido, a ecologia da paisagem vem a servir para identificação, em grandes regiões, de zonas mais interessantes para a aplicação de esforços para recuperação (ZANELLA *et al.*, 2012). Isso cabe para a identificação de fragmentos, que embora pequenos para abrigo e manutenção de algumas espécies, são interessantes como intermediários entre grandes fragmentos, considerados, portanto, 'ilhas' ou 'trampolins' (FERNANDES, 2000).

Desta forma, a considerável dispersão da cobertura nativa em pequenos fragmentos na área estudada, indicada pela concentração de 96,8% dos fragmentos na classe de menor tamanho, ou seja, até 818 ha (**Quadro 2.2.3.4-5**), se por um lado, é representativo de uma degradação da cobertura nativa, por outro, expõe um considerável potencial de conectividade da paisagem. Porções da matriz, que integram grandes fragmentos e zonas de fragmentos intermediários, como faixas ciliares, a exemplo neste estudo, o entorno do rio das Velhas, podem contribuir para as estratégias de conservação, como sugere ZANELLA *et al.* (2012).

Com base na distribuição dos fragmentos pelo estudo do índice de proximidade na paisagem estudada ao longo da LT, puderam ser distinguidas seis zonas, classificadas em baixo, médio e alto grau de proximidade. Apesar de delimitadas com base nos territórios municipais, que não possuem relação direta com o índice, contribuem, no entanto, para melhor identificação das zonas. A partir desta classificação, o cenário geral da Área de Estudo pôde ser diagnosticado com médio grau de proximidade, classe identificada em três das seis zonas (1, 3 e 6), as quais apresentaram índice de proximidade de 85,6, 113,8 e 99,1, respectivamente (**Quadro 2.2.3.4-11 e Mapa de Ecologia de Paisagem**)

Quadro 2.2.3.4-11 - Zonas de Proximidade.

Zona	1	2	3	4	5	6
Trecho (Início e Fim)	Igaporã - Caetité	Guanambi - Mato Verde	Catuti - Nova Porteirinha	Janaúba - Buenópolis	Augusto Lima	Monjolo - Presidente Juscelino
Área Total da Zona (ha)	12.898,30	228.695,99	97.822,46	450.787,34	40.602,76	85.287,61
Área da Classe Nativa (ha)*	7.448,40	70.165,78	43.366,23	206.730,27	23.635,38	40.807,11
Número de Fragmentos (n)	82	1.107	363	1.619	81	305
Tamanho de Fragmentos Médio (ha)	90,83	63,38	119,47	127,69	291,79	133,79
Índice de Forma Médio das Classes	1,85	2,02	2,06	2,15	2,33	2,22
Perímetro Médio (km)	5.063,60	5.132,34	6.520,47	7.462,77	11.056,72	7.511,03
Proximidade Média	85,56	57,99	113,79	63,71	224,63	99,12
Classe	Média	Baixa	Média	Baixa	Alta	Média

* A fim de evitar uma fragmentação analítica, a estimativa da cobertura nativa é resultante da soma das áreas dos fragmentos contidos na respectiva zona, ainda que, parte dos mesmos possa avançar para a zona subsequente.

Com base na distribuição da proximidade, a zona 5, delimitada pelo território de Augusto Lima (MG), é aquela que apresenta melhor quadro de conservação ao longo da LT, com maior cobertura proporcional, maior tamanho médio de fragmentos (291,79 ha) e maior índice de proximidade (224,6 ha), portanto classificada como de alta proximidade (**Quadro 2.2.3.4-11**). Esta, junto com a zona 1, são aquelas com cobertura nativa em maior proporção que a matriz (**Figura 2.2.3.4-3**). A conectividade potencial com zonas conservadas (foras da Área de Estudo) também reforça a condição de destaque da zona 5, estando a mesma, relativamente, próxima ao PARNA Sempre Vivas, Unidade de Conservação de tutela federal.

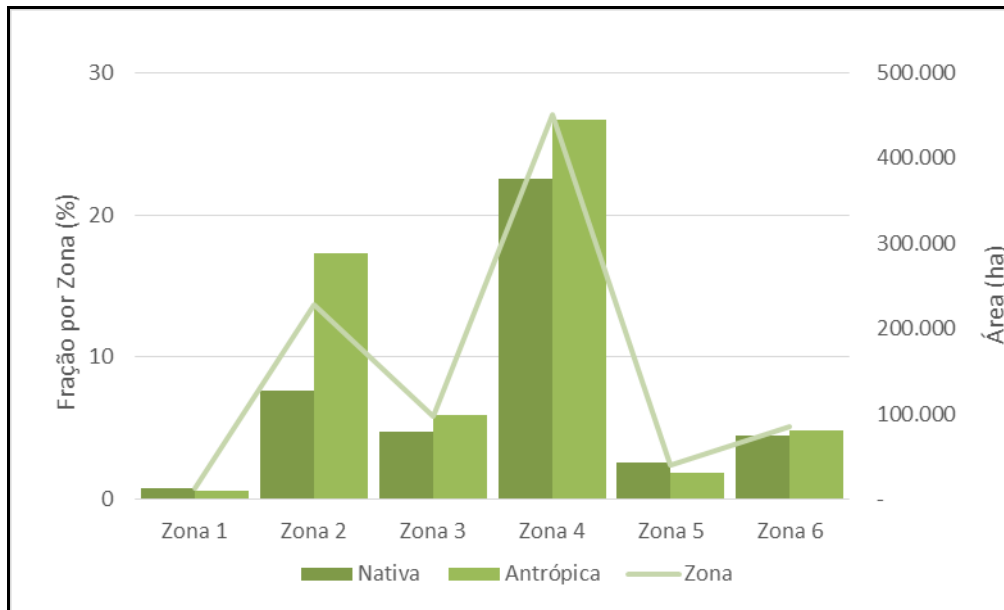


Figura 2.2.3.4-3 – Proporção de cobertura relativa as zonas.

Adensamentos urbanos, rodovias e a atividade agropecuária são elementos contrários à circulação da biota e atuam, com graus diferenciados, para a condição refratária da matriz antrópica. Neste sentido, destacam-se como ambientes precários para conservação, as terras do rio Gorotuba, em Janaúba (MG), na zona 4, e as terras destinadas a atividade florestal extensiva, em Bocaiuva, na zona 4; ou ainda, pelo próprio déficit de cobertura nativa, como em Montes Claros (MG), também na zona 4. Neste cenário, apresentou maior grau de alteração, a zona 2, cuja a cobertura nativa está somente em 1/3 da área total, além de fragmentada em 1.091 polígonos e com o menor grau de proximidade em toda LT (57,9).

Pela baixa utilidade para agricultura, as áreas declivosas estão com coberturas conservadas, portanto, apresentam relevância para a conservação na escala da paisagem. Nestas porções, a cobertura vegetal, ganha função adicional a conservação da diversidade, garantindo a conservação do solo e redução dos processos erosivos. É exemplo neste caso, a zona 1, em Igaporã que, apesar da crescente fragmentação resultante da exploração energética, ainda mantém certa conservação da área nativa. Também deve ser citado pela condição declivosa, a zona 5, visto que os terrenos do município de Augusto Lima, possuem os graus mais elevados de vulnerabilidade geotécnica (**Diagnóstico do Meio Físico, Item 2.2.2.10 - Vulnerabilidade Geotécnica**), semelhante a porção final do traçado, no planalto do município de Presidente Juscelino.

2.2.3.4.5.4 - Cenário Com o Empreendimento

A LT 500 kV Igaporã III - Presidente Juscelino conta com dois circuitos distribuídos em quatro linhas de transmissão, que juntos somam 1159 km de extensão. Em observância ao cenário com a implantação da LT e sua consequência sobre a cobertura nativa, estima-se que 320 fragmentos da vegetação nativa sejam interceptados, gerando 335 novos fragmentos, portanto, elevando em 9,4 % a fragmentação medida (**Quadro 2.2.3.4-12**). A partir da passagem da LT, a fragmentação induzida com o empreendimento pela implantação da faixa de serviço eleva-se em menos de 0,01% a extensão de bordas presentes na paisagem, estando, entretanto 407,4 km da LT sobre cobertura nativas (**Quadro 2.2.3.4-12**).

Quadro 2.2.3.4-12 – Cenário de fragmentação com a presença da LT.

Parâmetro	Valor	Proporção
Extensão total da LT (km)	1159,00	-
Extensão de borda adicionada pela LT (km)	814,80	< 0,01 %
Fragmentos afetados (n)	320	9,00 %
Fragmentos gerados (n)	335	9,42 %
Total de fragmentos no cenário com LT (n)	3.926	

Ainda que o cenário não exponha um agravamento severo ao estado de fragmentação da paisagem, deve-se fazer uma ressalva para análise do mesmo. Uma vez que foi usada a fusão das classes de cobertura nativa de uso do solo para as estimativas da ecologia de paisagem, a estimativa de secção dos fragmentos incluiu, a saber, os trechos de campestres, cuja a presença dos cabos não gera implicação a conectividade ecológica, apesar do impacto representado pela supressão dos polígonos destinados a instalação e presença das torres.

2.2.3.4.6 - Considerações Finais

Pela bibliografia consultada, observa-se que a ecologia de paisagem é uma disciplina que trabalha, comumente, sobre mosaicos de origem florestal (FISHER e LINDENMAYER, 2007; McGARIGAL *et al.*, 2009; METZGER, 2001; TABANEZ *et al.*, 2000), para os quais, o contato entre as manchas nativas e a matriz, expressam uma clara fronteira para as funções ecológicas e para circulação de indivíduos, ou mesmo espécies.

Entretanto, no mosaico ecológico contido na Área de Estudo, tanto em seu trecho associado a fitofisionomias florestais-arbustivas quanto campestres, quando varrido pelos métodos de mapeamento comuns, não expressam, por regra, uma secção clara das manchas a serem relacionadas aos limites poligonais cartográficos, portanto, fazendo menos precisa as métricas da disciplina para a paisagem em tela.

Ademais, no que se refere ao fluxo gênico entre as manchas, também deve ser trazido para a análise dos resultados da ecologia de paisagem, a maior tolerância da biota à matriz para trânsito entre as manchas (JELTSCH, 2000). Seja na escala espacial (pela alternância da dominância entre as formas de vida) seja na escala temporal (pela forte caducifolia sazonal), presume-se que a biota das savanas está, em alguma medida, adaptadas ao trânsito entre dois diferentes coberturas vegetais, onde os limites de habitats não podem ser, de forma direta, associados a delimitação de mancha.

A área estudada pela ecologia de paisagem é composta em 42,8 % de cobertura nativa, estado a mesma, a despeito a elevada cobertura, distribuídas em 3.557 fragmentos, incluindo desde formações florestais até campos-cerrados.

Pode-se estimar baixo impacto da LT sobre a conectividade da paisagem, dada as características das formações atravessadas (ex.: densidade, estatura), porém, independentemente do significado ecológico do impacto, nota-se que destes, 320 fragmentos serão potencialmente seccionados pelos circuitos do empreendimento.

A distribuição de fragmentos, entretanto, não é homogênea ao longo da LT, sendo dependente tanto da variação dos aspectos físicos, quanto antrópicos. Assim, identificou-se seis zonas quando a qualidade da paisagem, sendo a zona 5, em Augusto Lima (MG), aquela mais indicada para proposição de ações de conservação, tanto pela presença da cobertura nativa (60,8 %), quanto pelo maior grau de proximidade médio entre os fragmentos.

No contexto do licenciamento da LT 500 kV Igaporã III - Presidente Juscelino, sugere-se como a principal ação para conservação na escala da paisagem, a implementação de áreas de preservação ambiental, por exemplo em Augusto Lima (MG), com a proposição de ações voltadas tanto a guarda dos ecossistemas nativos presentes, como ao aumento da permeabilidade entre os grande fragmentos. São exemplos de ações a serem implementadas:

- A criação de unidades de conservação;
- A implementação de corredores ecológicos entre os grandes fragmentos;
- A valorização de pequenos fragmentos quando dispostos entre os grandes fragmentos, ditos trampolins, com garantia a conservação dos mesmos pelo cercamento contra a circulação do gado e abertura de aceiro contra a propagação de incêndios;
- A ligação de grandes fragmentos através de corredores e trampolins;

- O aumento da permeabilidade entre a zona 5 com o PARNA Sempre Vivas;
- Identificação e valorização de zonas de elevada atratividade de fauna, como zonas úmidas e zonas de abrigos em rocha;
- A valorização das funções ecológicas complementares, como o abrigo de diversidade biológica, proteção do solo e encostas, abrigo de olhos d'água e composição da paisagem cênica.

ÍNDICE

2.2.4 -	Meio Socioeconômico	1/1
2.2.4.1 -	Introdução.....	1/1

2.2.4 - Meio Socioeconômico

2.2.4.1 - Introdução

O presente capítulo se refere ao diagnóstico do Meio Socioeconômico da Área de Estudo do empreendimento, cuja elaboração teve como base o Termo de Referência emitido pelo órgão licenciador – IBAMA – em outubro de 2017.

O estudo apresenta uma interpretação de dados qualitativos e quantitativos, com base em levantamentos de informações em campo e em fontes secundárias, sobre os seguintes temas: população; saúde pública; educação; transporte; segurança pública; comunicação e informação; organização social; aspectos econômicos; organização espacial; populações tradicionais e patrimônio histórico, cultural, arqueológico e paisagístico. Por meio da análise desse material, avaliam-se os efeitos sociais e econômicos advindos das fases de planejamento, implantação e operação e as suas inter-relações com os fatores ambientais passíveis de alterações relevantes pelos efeitos diretos e indiretos do empreendimento.

Destaca-se que a equipe responsável pela elaboração deste estudo, composta por cientistas sociais, historiadores, geógrafos, comunicadores e demais profissionais, tem como premissa possibilitar que, a partir deste diagnóstico, seja possível identificar as principais sensibilidades locais diante do cenário de implantação da LT 500 kV Igaporã III - Presidente Juscelino.

ÍNDICE

2.2.4.2 -	Aspectos Metodológicos	1/4
2.2.4.2.1 -	Delimitação da Área de Estudo do Meio Socioeconômico	1/4
2.2.4.2.2 -	Levantamento de Dados	1/4
2.2.4.2.2.1 -	Área de Estudo Local (AEL).....	1/4
2.2.4.2.2.2 -	Área de Estudo Regional (AER)	2/4
2.2.4.2.3 -	Sistematização das Informações em Relatório	4/4

ANEXOS

Anexo 2.2.4.2-1	Roteiro de Entrevista
Anexo 2.2.4.2-2	Questionário

2.2.4.2 - Aspectos Metodológicos

Com vistas a avaliar os efeitos sociais e econômicos da implantação da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino e as suas inter-relações com os fatores ambientais passíveis de sofrerem alterações pelos efeitos diretos e indiretos do empreendimento, realizou-se inicialmente a Delimitação da Área de Estudo do Meio Socioeconômico, em seguida foram executadas pesquisa e análise de dados primários e fontes documentais (dados secundários). Portanto, a pesquisa para a realização do Diagnóstico deu-se em diferentes etapas, consideradas complementares e fundamentais para a compreensão de todas as variáveis estudadas no Meio Socioeconômico.

2.2.4.2.1 - Delimitação da Área de Estudo do Meio Socioeconômico

Conforme preconiza o Termo de Referência, fora delimitada uma área de estudo a ser contemplada neste diagnóstico. Para sua delimitação, a equipe responsável pelo estudo procurou abranger a maior área possível, de modo a enxergar a região de inserção do empreendimento em perspectiva. Com vistas a obter-se uma compreensão mais contextual e abrangente e outra mais local e específica, a Área de Estudo do Meio Socioeconômico foi subdividida, respectivamente, em Área de Estudo Regional (AER) e Área de Estudo Local (AEL) (para informações sobre objetivos e delimitação da AER e da AEL vide Capítulo 2.2.1. Áreas de Estudo).

Assim, a Área de Estudo contempla a delimitação territorial de abrangência deste diagnóstico, na qual, e para a qual, foram levantadas informações primárias (campanhas de campo) e secundárias (bases de dados governamentais e de instituições de pesquisa, trabalhos acadêmicos, outros estudos ambientais, e etc.). Ao longo do diagnóstico, procuramos integrar as informações referentes às duas diferentes Áreas de Estudo, ainda que estas guardem características específicas.

2.2.4.2.2 - Levantamento de Dados

2.2.4.2.2.1 - Área de Estudo Local (AEL)

A caracterização da Área de Estudo Local (AEL) foi empreendida, principalmente, a partir de campanhas de campo. Duas equipes compostas de dois profissionais cada percorreram a área compreendida pela faixa no entorno do eixo da LT que compõe a AEL, caracterizando as localidades distribuídas ao longo de todo o traçado do empreendimento.

Previamente às campanhas de campo, foi elaborado um roteiro de entrevista (Anexo 2.2.4.2-1) a ser aplicado junto a lideranças, moradores, trabalhadores, agentes de saúde, professores e demais atores locais, de modo a levantar informações sobre a região a partir da visão e fala da própria população. Este roteiro fora criado a partir das informações solicitadas pelo órgão licenciador via Termo de Referência. Assim, as equipes foram a campo com olhar voltado para atender às questões e temas julgados pertinentes pelo IBAMA, além de algumas complementações oriundas da experiência da equipe da consultoria em estudos de empreendimentos similares e/ou na mesma região.

Cabe destacar que a pesquisa de campo realizada não possui um caráter censitário, buscando atender à finalidade de identificar e caracterizar a dinâmica social operante nesta região e as maneiras como essas dinâmicas sociais organizam territorialidades.

A Caracterização Socioeconômica da AEL baseou-se em metodologia qualitativa, onde foram entrevistados moradores, lideranças locais e formadores de opinião, que possuem conhecimento sobre hábitos locais, os usos dos recursos naturais, as atividades produtivas, a população e as formas de organização do espaço.

Além da aplicação de entrevistas, as equipes praticaram a observação, o registro fotográfico e o georreferenciamento de quaisquer pontos integrados na AEL que guardam alguma pertinência perante as informações solicitadas pelo órgão licenciador.

2.2.4.2.2.2 - Área de Estudo Regional (AER)

A Área de Estudo Regional (AER) tem caráter mais abrangente do que a AEL, contemplando a área selecionada para se estudar os potenciais impactos indiretos do empreendimento. Deste modo, contempla os limites territoriais dos 29 municípios interceptados pelo traçado da LT e mais um que, apesar de não interceptado, deverá receber canteiro de obras, no Estado de Minas Gerais.

Para os municípios não atravessados mas elegíveis para receber canteiros de obras, Capitão Enéas (MG), a pesquisa foi realizada para os temas pertinentes: população, saúde, transporte, segurança e aspectos econômicos, uma vez que não há restrições ao uso do solo, impactos potenciais em termos de educação, comunicação e aos patrimônios históricos, culturais, paisagísticos e arqueológicos.

A caracterização da Área de Estudo Regional (AER) teve duas frentes de levantamento de dados, a saber:

- Campanhas de Campo em Prefeituras

Os levantamentos de dados junto às prefeituras foram realizados por duas equipes que visitaram cada um dos municípios integrantes da AER para aplicar questionários (Anexo 2.2.4.2-2) junto a gestores públicos e técnicos das secretarias municipais, sobretudo aquelas ligadas ao Meio Ambiente, Saúde, Educação, Cultura e Infraestrutura. Além da aplicação destes questionários, voltados a levantar informações qualificadas sobre estes municípios a partir da visão de seus gestores, as equipes levantaram também a legislação existente em cada município, especialmente no tocante ao planejamento territorial e uso e ocupação do solo, como Planos Diretores.

- Dados Secundários

Para caracterização dos aspectos populacionais da AER, foram consultadas principalmente informações dos Censos Demográficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), complementadas com outras relacionadas à hierarquia urbana dos municípios, com base no estudo **“Região de Influência das Cidades” (REGIC), também do IBGE.**

O diagnóstico das condições e infraestrutura de saúde tem como base principal dados do Ministério da Saúde, agregados no DATASUS, ao passo que, para caracterizar a estrutura educacional da AER, foram analisadas informações oriundas do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), complementadas com dados dos Censos do IBGE.

A estrutura viária dos municípios eleitos para receber canteiros de obras fora caracterizada a partir da **análise de imagens de satélite. A seção “Segurança”, traz informações a respeito de infraestrutura e serviços de segurança pública, analisando as principais vulnerabilidades dos municípios com previsão para instalação de canteiros de obras, com base em dados também do DATASUS.**

A caracterização do funcionamento das redes de comunicação e de informação da AER, com indicação de seus principais canais e suportes, fora baseada em dados do Censo de 2010, do IBGE, e dados da Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL).

A seção “Aspectos Econômicos” fora elaborada a partir de dados do IBGE em suas pesquisas “Produto Interno Bruto dos Municípios” e “Cadastro Central de Empresas”, aliados a outros oriundos do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e do Ministério do Trabalho.

A caracterização do Uso e Ocupação do Solo na AER foi feita com base nos dados coletados no Censo Agropecuário de 2006, bem como outras pesquisas disponibilizadas pelo IBGE, como: **“Produção**

Agrícola Municipal”, “Pesquisa Pecuária Municipal”. Neste item foram também analisados Planos Diretores dos municípios que os possuem e disponibilizam, para verificar o planejamento municipal referente ao Uso e Ocupação do Solo e verificar a compatibilidade do empreendimento com este.

Na seção que trata das “Populações Tradicionais”, grupos cujas formas de organização social apresentam particularidades que assim os caracterizam, destaca-se que, com relação à presença de populações indígenas, importa ressaltar que foi realizada consulta à Fundação Nacional do Índio (FUNAI), não respondida pelo referido órgão até o momento de conclusão do estudo, assim como pesquisa nos dados do Instituto Socioambiental (ISA). No caso das comunidades quilombolas é apresentado um histórico da ocupação negra nas áreas em que foram identificadas estas formas de ocupação do território, além da identificação das comunidades quilombolas presentes na AER, com a indicação das respectivas distâncias em relação ao traçado, com base em informações levantadas junto a órgãos públicos, como Fundação Cultural Palmares (FCP), INCRA, entre outros.

Por fim, a seção **“Patrimônio Histórico, Cultural, Paisagístico e Arqueológico”** apresenta os resultados dos levantamentos relativos ao tema com base em dados do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), complementados por trabalhos acadêmicos pertinentes ao tema.

2.2.4.2.3 - Sistematização das Informações em Relatório

Uma vez realizadas as pesquisas de campo e documental todas as informações levantadas foram sistematizadas em forma de relatório, por meio do qual todos os itens sugeridos no Termo de Referência são detalhados. No relatório, quando necessário, os dados foram complementados por meio de mapas temáticos, fotografias tiradas em campo, gráficos e quadros esquemáticos.

Anexo 2.2.4.2-1 - Roteiro de Entrevista

ROTEIRO BÁSICO DE ENTREVISTA DE CAMPO - DESCRIÇÃO DO TRAÇADO

Caracterização das Áreas Atravessadas pelo Traçado

1) Histórico da Ocupação

- a) Como se formou o local;
- b) De onde vieram;
- b) Quando e por quê;
- c) Quais as dificuldades para o estabelecimento na região.

2) Condições de Ocupação/Produção

- a) Número de famílias/residências (aproximado);
- b) Tamanho dos lotes;
- c) Padrão construtivo (predomínio);
- d) Tipos de propriedade (posse, título, arrendatário, meeiro, parceiro);
- e) Assentamento (caracterizar o mesmo sem esquecer qual o movimento a qual os assentados estão filiados);
- f) Uso da terra (sistemas de produção, preços, principais destinos, formas de escoamento da produção e grau de mecanização da produção, valor da venda e quantidade) - pecuária (corte, leite ou mista); tipos de pasto (nativo, plantado. Qual?) /RPPN/ Reserva Legal.
- g) CALENDÁRIO AGRÍCOLA
- h) Uso dos recursos naturais (medicinais) - Atividades extrativistas (dependência e/ou uso doméstico);
- i) Pesca - filiado a colônia (auxílio defeso)/comercializa, consumo - ver existência de tanques (piscicultura);
- j) Verificar a existência de caça.

3) Equipamentos de Infraestrutura

- a) Saneamento;
- b) Água - captação e fornecimento (integral ou por período);
- c) luz;
- d) Lixo;
- e) Saúde (equipamentos e recursos humanos), potencial endêmico;
- f) Educação (equipamentos e recursos humanos);
- g) Segurança (posto - ocorrências);
- h) Transporte;

- i) Lazer;
- i) Comunicação (jornal/TV, celular - quais?).

4) Vias de Acesso

- a) Principais vias de acesso;
- c) Condições das vias de acesso.

5) Áreas de Relevante Interesse Social

- b) Aeródromos ou aeroportos;
- c) Áreas de Lazer e Turismo;
- d) Cemitérios, áreas de interesse cultural, histórico, arqueológico, paisagístico e áreas sagradas;
- e) Áreas de uso indireto de comunidades indígenas e população tradicional;

6) Lazer, Cultura e Religião

Identificar e localizar áreas procuradas para prática de lazer e principais atividades da população local.

- a) Quais são as principais festas, festejos e comemorações realizadas no local e em que época ocorrem?

7) Renda

- a) Produção Agrícola;
- b) Extrativismo;
- c) Benefícios Sociais;
- d) Trabalho - assalariado e por diária (valor na região);e) Circulação de trabalhadores de e para localidades e regiões (migração);
- f) Observar a chegada de empresas nos últimos anos, na região.
- g) Economia Informal e de outros tipos
- h) Estrutura Produtiva associada ao Turismo
- i) Comércio

8) Sociedade Civil Organizada

Movimentos Sociais, forças, tensões. Conflitos passados, atuais e potenciais.

9) Dinâmica Territorial

- a) Rotas e locais de deslocamento (polos locais e regionais);
- b) Locais que estejam fora do corredor de 5 km que sejam pólos ou centros locais;
- c) Polos locais de referência para saúde, educação, trabalho e turismo.

10) Caracterização das Comunidades Visitadas

Município: _____ Estado: _____

Comunidade: _____ Coordenadas: _____

Entrevistado: _____

Data: _____

Anexo 2.2.4.2-2 - Questionário

Informações Gerais

Prefeitura:	Data:
Consultor:	

1 - IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

1.1 - DOCUMENTOS:

Nome:	
Cargo:	Formação Profissional:
Contato:	
OBS:	

- Mapas: Obter, se existir e for possível, o mapa do município contemplando a área urbana e rural, com a localização dos bairros, distritos industriais, zoneamentos, etc. De preferência em meio digital (gravar em disquete, cd ou pen drive).
- Publicações: Obter diagnósticos/outras pesquisas existentes sobre o município (folders, diagnósticos, sinopses, etc.)

2 - INFORMAÇÕES:

a) Identificar a existência no município para leis relativas ao Zoneamento Municipal:

Lei de Perímetro Urbano: _____

Lei de Zoneamento: _____

Plano Diretor: _____

Caso sim: obter uma cópia se possível das partes que tratam do uso e ocupação do solo (zoneamento municipal) e legislação ambiental

Caso não: Descrever a situação que se encontra (em elaboração, em revisão, para aprovação na câmara, etc.)

Lei Orgânica: _____

Obter um exemplar ou tirar cópia das seguintes partes: Capa e Capítulos que tratam do uso e ocupação do Solo e Meio Ambiente.

Outros instrumentos legais de ordenamento do uso do solo? Qual?
(Solicitar mapa que conste zoneamento da área rural e as leis e documentos)

b) O Município possui CODEMA (Conselho Municipal de Desenvolvimento Ambiental)? Quais entidades participam do conselho? Há quanto tempo foi formado?

c) Existem Organizações de Defesa do Meio Ambiente e/ou outras instituições similares atuando no município – ONG'S-OSCIP'S? Quais? (Indicar nome, Endereço, telefone e pessoa de contato)

d) Existem projetos e ações executadas por universidades, institutos de pesquisa e associações técnicas no município?
Se sim, quais projetos?

e) Existem no Município Unidades de Conservação tais como APAs, RPPNs (Reservas Particulares do Patrimônio Natural) e Reservas em geral? (Nome, Decreto de criação, Localização e Localização geográfica)

f) Existem ações voltadas para segmentos sociais de interesse específico (como grupos indígenas, populações ribeirinhas, comunidades de remanescentes de quilombos, pescadores artesanais)? Quais?

g) Quais são os principais problemas ambientais enfrentados pelo Município?

h) Instrumentos de Gestão Ambiental:

1) Planos de Manejo de Unidades de Conservação () Sim () Não

2) Conselhos gestores () Sim () Não Quais? _____

3) Agenda 21? () Sim () Não

h.1 Qual o grau de implementação desses instrumentos de gestão no município?

h.2 Quais os mecanismos de participação comunitária na sua implementação?

i) Urbanismo e Habitação:

Há assentamentos urbanos e/ou rurais (Localizar em mapa e descrever a situação atual)? Qual o número de famílias residentes? Principais culturas produzidas? Tempo de existência? Quantos hectares possui o assentamento?

Quais as principais fontes de conflito e de tensões sociais do município? (terra, recursos naturais, meio ambiente etc)

. Mapear e Descrever as tendências de expansão urbana, rural, industrial do município. Contemplar Planos Diretores e Zoneamentos Municipais.

- . Mapear Aglomerações Urbanas e Rurais
- . Identificar e Caracterizar Fluxos Migratórios.
- . Mapear Lixão, Aeródromo.
- . Mapear estruturas afetadas pelo traçado.

j) Quais são os principais programas municipais desenvolvidos nas seguintes áreas

Áreas	Programas Municipais	Programas Estaduais	Programas Federais	Institucionalidade decisória (<i>conselhos, fóruns, comitês</i>)	Abrangência (comunidades, bairros, povoados, nº famílias)
Meio Ambiente					
Desenvolvimento Rural					
Educação					
Social					
Saúde					
Desenvolvimento Econômico					
Turismo					
Infraestrutura					

Outros: _____

k) Quais são os principais programas desenvolvidos no município com apoio de parcerias privadas e/ou público-privadas?

Áreas	Projeto	Entidade	Total Recursos	Abrangência (comunidades, bairros, povoados, nº famílias)
Ambiental				
Desenvolvimento Rural e Agrícola				
Educação				
Saúde				
Turismo				
Arranjos Produtivos Locais (cooperativas de produção etc)				

II. Outras Secretarias (Educação, Saúde, Agricultura, Cultura, Fazenda, Obras)

a) Indicar a existência de escolas técnicas, núcleos de formação ambiental, programas de alfabetização de adultos ou outros programas educacionais especificando se federal, estadual ou municipal.

b) Equipamentos de Segurança existentes e o seu efetivo (delegacia, corpo de bombeiros, polícia militar, etc.)

c) Identificar os principais Jornais e rádios locais e a sua abrangência.

c.1) Recebe sinais de quais emissoras de televisão?

c.2) Recebe sinais de celular? Quais operadoras?

d) Quais são as empresas responsáveis de distribuição de energia no município e se existem fontes de energia alternativas (aeólica, solar, etc.) sendo exploradas no município?

e) Existem no município, áreas procuradas para prática de lazer e turismo? Quais são os equipamentos de lazer e atrativos naturais (serra, cachoeiras, etc.)?

f) Quais são as principais festas, festejos e comemorações realizadas no município e em que época são realizados?

G? Existe Distrito Industrial no Município, ou previsão de instalação? Quais as principais indústrias existentes (atividades, porte).

H) Principais Estabelecimentos comerciais e de serviços. Aspectos da Economia Informal.

I) Saúde

i.1) Caracterizar a Infraestrutura e serviços de saúde na área urbana e rural (hospitais, postos de saúde, etc.)

i.2) Quais os estabelecimentos de saúde de referência para a população rural e urbana?

i.3) Infraestrutura de saúde municipal consegue atender à demanda?

i.4) Locais procurados para atendimento especializado (Dentro e Fora do Município)

i.5) Principais doenças, discriminando faixa etária e sexo, por área urbana e rural.

i.6) Identificar Endemias e potencialidade de introdução de novas endemias. Em que período do ano ocorrem?

3 - Atividades Econômicas:

Quais os setores da economia que empregam mais trabalhadores?

() agropecuária () turismo rural () reflorestamento () indústria () comércio () serviços
outros: _____

Quanto representa no total geral (% aproximada)

Quais são os principais usos rurais (principais culturas temporárias e permanentes, pastagens naturais ou plantadas)?

Qual o percentual estimado de desemprego da população. Qual o perfil profissional dos trabalhadores desempregados?

Existem no município distritos industriais ou planos de criação de algum? Quais são as Principais indústrias existentes (atividades, porte da indústria – grande, média, pequena)?

Quais são os Principais estabelecimentos comerciais e de serviços (indicar grandes estabelecimentos voltados ao comércio e serviços – tipo grandes unidades de armazenamento e transporte de soja, empresas de comercialização de produtos e maquinários agrícolas, etc.)

Existe no município cooperativas de leite, soja, carne, pesca, extrativismo, etc?

4 - Infraestrutura:

Sistema de abastecimento de água:

Qual a empresa responsável pelo abastecimento de água no município?

Onde é feita a captação?

Sistema de Esgotamento Sanitário:

Qual a empresa responsável pelo tratamento?

Onde é feito o tratamento do esgoto? (x) não existe () estação de tratamento () outro:

E pelo tratamento? Apontar os problemas e deficiências do sistema

Quais as principais fontes de poluição existentes? () esgoto doméstico () industrial (x) outro:

Quem produz?

Onde é despejado?

Sistema de coleta de lixo:

Saber qual empresa responsável e como é feita a coleta, o transporte e a disposição final do lixo.

Localização de Lixão e Aterro Sanitário (Coordenadas)

5 - Sociedade Civil

Quais as principais entidades civis, sindicais, associações, projetos sociais, ong's ambientais atuantes na região e suas formas de atuação?

Discriminação	Existe		Formas de Atuação / Abrangência
	SIM	NÃO	
Associação comunitária de produtores Qual(is):			
Associação de feirantes Qual(is):			
Condomínios agrícolas Qual(is):			
Cooperativas - (especificar tipo) Qual(is):			
Entidade ambientalista Qual(is):			
Sindicato de trabalhadores rurais Qual(is):			
Sindicato patronal rural Qual(is):			
Associação de mulheres/clube de mães Qual(is):			
Associação/clube de jovens Qual(is):			
Associação de igreja (pastorais, etc.) Qual(is):			
Associação de pais e mestres da escola Qual(is):			
Conselho municipal (especificar qual) Qual(is):			
Outro - especificar: Qual(is):			

III. Observações Gerais

6. Comunidades Indígenas, Quilombolas e Populações Tradicionais

- Obter informações a respeito das comunidades indígenas, quilombolas e populações tradicionais nas áreas de influência direta e indireta do empreendimento. Priorizar dados de caracterização, localização e mapeamento.

ÍNDICE

2.2.4.3-	Caracterização da População.....	1/41
2.2.4.3.1-	Composição populacional na Área de Estudo Regional (AER).....	1/41
2.2.4.3.2-	Índices de Desenvolvimento Humano - IDH	5/41
2.2.4.3.3-	Hierarquia Urbana.....	7/41
2.2.4.3.3.1-	Área de Estudo Regional - AER.....	7/41
2.2.4.3.3.2-	Área de Estudo Local - AEL.....	12/41
2.2.4.3.4-	Estimativa Populacional na AEL.....	22/41
2.2.4.3.5-	Fluxos Migratórios e Deslocamentos na AEL.....	36/41
2.2.4.3.6-	Tendências de Crescimento Populacional.....	38/41
2.2.4.3.7-	Considerações Finais.....	41/41

Legendas

Quadro 2.2.4.3-1 - Evolução Populacional na AER entre 1970 e 2016	1/41
Quadro 2.2.4.3-2 - Evolução Urbana e Rural da População da AER, 2000/2010.....	3/41
Figura 2.2.4.3-1 - Composição populacional da AER por gênero	4/41
Quadro 2.2.4.3-3 - IDH dos municípios da AER	6/41
Figura 2.2.4.3-2 – Hierarquização dos centros.....	8/41
Quadro 2.2.4.3-4 - Hierarquia Urbana na AER.....	10/41
Quadro 2.2.4.3-5 - Polos locais e regionais para as localidades da AEL.....	13/41
Quadro 2.2.4.3-6 - Estimativa de famílias e localidades na AEL por UF	22/41
Quadro 2.2.4.3-7 - Estimativa de famílias e localidades na AEL por trecho de ocupação.....	23/41
Quadro 2.2.4.3-8 - Localidades e estimativa de população na Área de Estudo Local (AEL).....	24/41

2.2.4.3 - Caracterização da População

Este item aborda o perfil populacional das áreas de estudo delimitadas para este diagnóstico, contemplando dados coletados em fontes oficiais para a Área de Estudo Regional - AER, sobretudo, o Censo Demográfico do IBGE, o Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil e o estudo “Região de Influência das Cidades”, do IBGE, enquanto que as informações concernentes à Área de Estudo Local - AEL foram coletadas por meio de campanhas de campo.

Pretende-se, aqui, oferecer um panorama da dinâmica populacional das áreas de estudo de modo a possibilitar a identificação de eventuais sensibilidades que tais temas guardam frente à possibilidade de implantação e operação do empreendimento.

2.2.4.3.1 - Composição populacional na Área de Estudo Regional (AER)

A AER do empreendimento é integrada, principalmente, por municípios pouco populosos, sendo que a maioria conta com população de no máximo 20.000 habitantes (**Quadro 2.2.4.3-1**). Montes Claros, no entanto, destoa neste cenário, uma vez que sua população (398.288 habitantes) representa cerca de 42% da população total da AER.

Este contexto, onde o empreendimento será implantado, caracteriza-se por regiões marcadas por municípios que apresentam população reduzida, o que aumenta sua sensibilidade frente ao empreendimento,42 notadamente, durante o seu processo construtivo, com a chegada e presença de trabalhadores das obras, que tende a alterar temporariamente a dinâmica demográfica de alguns destes municípios, especialmente, nos menos populosos e que abrigarão os canteiros de obras, processo que deve ser acompanhado de medidas para minimizar os impactos decorrentes da presença dos trabalhadores e da dinâmica da obra.

Quadro 2.2.4.3-1 - Evolução Populacional na AER entre 1970 e 2016

Município	Ano					
	1970	1980	1991	2000	2010	2016*
Caetitê - BA	40.200	45.318	40.380	45.727	47.515	52.696
Candiba - BA	11.436	11.491	12.610	12.280	13.210	14.732
Guanambi - BA	31.174	45.526	65.592	71.728	78.833	86.320
Pindaí - BA	12.839	13.126	16.575	15.494	15.628	16.849
Urandi - BA	12.371	13.295	15.974	16.076	16.466	17.329
Augusto de Lima - MG	6.118	5.959	5.726	5.159	4.960	5.032
Bocaiúva - MG	35.392	40.466	47.045	42.806	46.654	49.891
Buenópolis - MG	8.593	9.974	9.936	10.515	10.292	10.592

Município	Ano					
	1970	1980	1991	2000	2010	2016*
Capitão Enéas - MG	11.234	9.934	11.731	13.113	14.206	15.157
Catuti - MG	-	-	-	5.337	5.102	5.163
Engenheiro Navarro - MG	5.285	6.070	7.566	7.085	7.122	7.369
Espinosa - MG	29.351	32.716	37.594	30.978	31.113	32.183
Francisco Sá - MG	26.736	24.633	24.993	23.743	24.912	26.325
Glaucilândia - MG	-	-	-	2.767	2.962	3.145
Gouveia - MG	8.556	9.326	11.457	12.004	11.681	12.056
Guaraciama - MG	-	-	-	4.469	4.718	4.982
Janaúba - MG	31.587	43.031	53.104	61.651	66.803	71.279
Joaquim Felício - MG	3.912	4.992	4.441	3.872	4.305	4.639
Juramento - MG	7.797	6.883	6.389	3.901	4.113	4.342
Mamonas - MG	-	-	-	6.138	6.321	6.608
Mato Verde - MG	13.973	16.897	19.940	13.185	12.684	12.871
Monjolos - MG	4.015	3.126	2.941	2.579	2.360	2.339
Monte Azul - MG	27.444	34.871	37.706	23.832	21.994	21.884
Montes Claros - MG	116.486	177.302	250.062	306.947	361.915	398.288
Nova Porteirinha - MG	-	-	-	7.389	7.398	7.642
Olhos-d'Água - MG	-	-	-	4.284	5.267	5.878
Pai Pedro - MG	-	-	-	5.832	5.934	6.173
Porteirinha - MG	41.741	46.052	53.906	37.890	37.627	38.730
Presidente Juscelino - MG	6.173	5.602	4.292	4.455	3.908	3.851
Santo Hipólito - MG	4.136	3.647	3.705	3.488	3.238	3.231
Total AER	496.549	610.237	743.665	804.724	879.241	947.576

Fonte: IBGE, Censo Demográfico.

* Os dados referentes a 2016 são projeções do IBGE, disponíveis em <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php?lang=>

No tocante à evolução populacional dos municípios da AER observam-se algumas situações que valem ser destacadas. É o caso de municípios que registraram decréscimo populacional entre os anos de 2000 e 2010, como Augusto de Lima, Buenópolis, Catuti, Gouveia, Mato Verde, Monjolos, Monte Azul, Porteirinha, Presidente Juscelino e Santo Hipólito. Em todos eles, no período aqui contemplado, a dinâmica demográfica foi pouco alterada, a não ser por queda populacional em áreas rurais em diversos destes municípios (**Quadro 2.2.4.3-2**).

Para os anos seguintes o IBGE faz projeções populacionais, baseadas nos padrões de crescimento populacional observados até então, e existem dados divulgados até o ano de 2016.

Nesse sentido, chama atenção que, segundo as projeções supracitadas, apenas quatro dos municípios da AER não observaram crescimento populacional no período entre 2010 e 2016, todos em Minas Gerais: Monjolos, Monte Azul, Presidente Juscelino e Santo Hipólito. Portanto, os últimos anos foram de ligeiro crescimento demográfico na AER, de modo geral.

Montes Claros, município mais populoso da AER, é o que apresentava maior densidade demográfica (101,41 hab./km²), bastante superior aos demais municípios. Guanambi, embora, representasse o segundo município mais populoso da AER, a relação entre habitantes por quilômetro quadrado representava o terceiro lugar, com 60,8 hab./km², isto porque, o município de Nova Porteirinha com uma população menor que 8 mil habitantes, em 2010, também possuía uma pequena porção territorial, o que resultou em uma densidade demográfica relativamente elevada em relação aos demais municípios analisados, de 61,17 hab./km².

Trata-se, portanto, de região pouco populosa e com dinâmica demográfica relativamente estável, ainda que seja comum, uma flutuação migratória de população majoritariamente jovem em busca de oportunidades de trabalho em centros da Região Sudeste, principalmente.

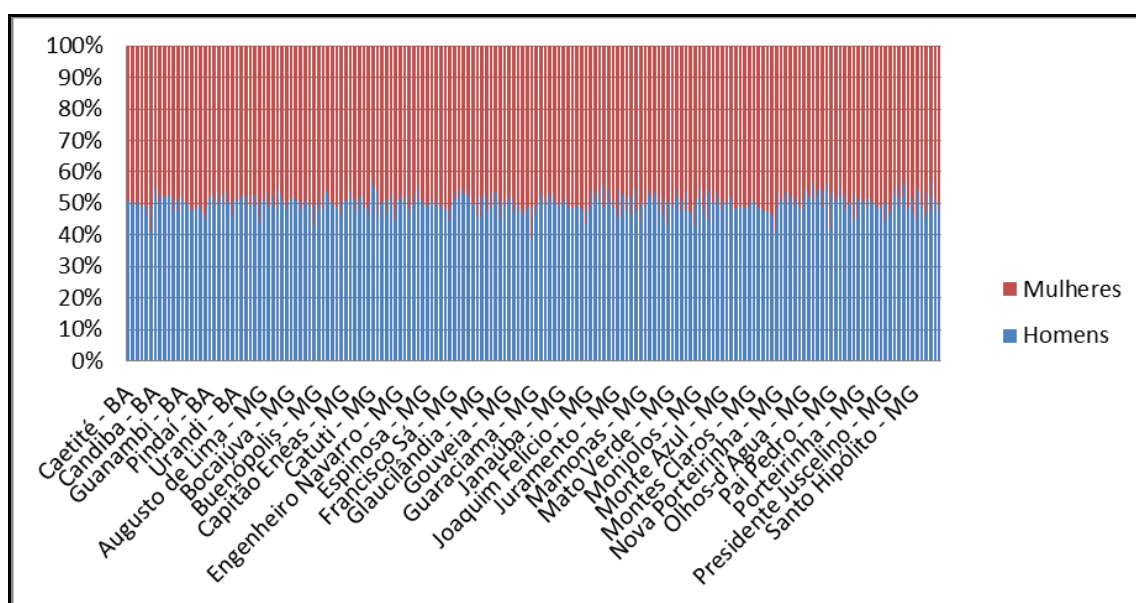
Quadro 2.2.4.3-2 - Evolução Urbana e Rural da População da AER, 2000/2010

Município	Ano						Densidade Demográfica (Hab./Km ²)
	2000			2010			
	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	
Caetitê - BA	45.727	23.459	22.268	47.515	28.447	19.068	19,45
Candiba - BA	12.280	6.159	6.121	13.210	7.725	5.485	31,6
Guanambi - BA	71.728	6.159	6.121	78.833	62.565	16.268	60,8
Pindaí - BA	15.494	3.631	11.863	15.628	4.319	11.309	25,45
Urandi - BA	16.076	4.730	11.346	16.466	5.939	10.527	16,98
Augusto de Lima - MG	5.159	2.291	2.868	4.960	2.924	2.036	3,95
Bocaiúva - MG	42.806	32.446	10.360	46.654	36.600	10.054	14,45
Buenópolis - MG	10.515	7.314	3.201	10.292	7.767	2.525	6,43
Capitão Enéas - MG	13.113	9.967	3.146	14.206	11.520	2.686	14,62
Catuti - MG	5.337	2.900	2.437	5.102	2.978	2.124	17,73
Engenheiro Navarro - MG	7.085	4.714	2.371	7.122	4.750	2.372	11,71
Espinosa - MG	30.978	16.811	14.167	31.113	18.023	13.090	16,65
Francisco Sá - MG	23.743	13.191	10.552	24.912	14.897	10.015	9,07
Glaucilândia - MG	2.767	681	2.086	2.962	1.048	1.914	20,31
Gouveia - MG	12.004	7.740	4.264	11.681	8.229	3.452	13,48
Guaraciama - MG	4.469	2.406	2.063	4.718	3.025	1.693	12,09
Janaúba - MG	61.651	53.891	7.760	66.803	60.570	6.233	30,63
Joaquim Felício - MG	3.872	2.162	1.710	4.305	2.526	1.779	5,44

Município	Ano						Densidade Demográfica (Hab./Km ²)
	2000			2010			
	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	
Juramento - MG	3.901	1.873	2.028	4.113	2.272	1.841	9,53
Mamonas - MG	6.138	1.785	4.353	6.321	2.812	3.509	21,69
Mato Verde - MG	13.185	9.349	3.836	12.684	9.459	3.225	26,86
Monjolos - MG	2.579	1.416	1.163	2.360	1.403	957	3,63
Monte Azul - MG	23.832	11.478	12.354	21.994	12.418	9.576	22,12
Montes Claros - MG	306.947	289.183	17.764	361.915	344.427	17.488	101,41
Nova Porteirinha - MG	7.389	4.182	3.207	7.398	4.069	3.329	61,17
Olhos-d'Água - MG	4.284	1.890	2.394	5.267	2.866	2.401	2,52
Pai Pedro - MG	5.832	1.592	4.240	5.934	1.749	4.185	7,07
Porteirinha - MG	37.890	18.140	19.750	37.627	19.338	18.289	21,51
Presidente Juscelino - MG	4.455	1.889	2.566	3.908	1.846	2.062	5,62
Santo Hipólito - MG	3.488	2.127	1.361	3.238	2.249	989	7,52
Total AER	804.724	545.556	199.720	879.241	688.760	190.481	21,43

Fonte: IBGE, Censo Demográfico

Ainda no que se refere à composição populacional dos municípios da AER, dados do Censo Demográfico do IBGE expostos na **Figura 2.2.4.3-1** demonstram que a divisão demográfica por gênero é relativamente equilibrada, ainda que se possa observar ligeiro predomínio quantitativo de indivíduos do sexo masculino na maior parte dos municípios.



Fonte: IBGE, Censo Demográfico, 2010

Figura 2.2.4.3-1 - Composição populacional da AER por gênero

2.2.4.3.2 - Índices de Desenvolvimento Humano - IDH

O IDHM é um indicador desenvolvido pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA e Fundação João Pinheiro, disponibilizado no Atlas de Desenvolvimento Humano, que associa três componentes básicos: (i) longevidade, que reflete as condições de saúde da população, tendo como medida a esperança de vida ao nascer; (ii) educação, elaborado pela combinação da taxa de alfabetização de adultos e a taxa combinada de matrícula nos níveis de ensino fundamental, médio e superior; e (iii) renda, medido pelo poder de compra da população, baseado no PIB per capita.

Segundo o PNUD, os municípios são classificados conforme apresentado a seguir.

Faixas de IDH	Classificação de Desenvolvimento Humano
Inferior a 0.500	Muito Baixo
De 0.500 a 0.599	Baixo
De 0.600 a 0.699	Médio
De 0.700 a 0.799	Alto
De 0.800 ou superior	Muito Alto

Portanto, quanto mais próximo de 0, menos desenvolvidas são as condições de vida população (capacidades e oportunidades) e, acima de 0,7, o índice revela altos níveis de desenvolvimento humano.

De 2000 para 2010 houve um considerável avanço no desenvolvimento humano dos municípios da AER. Olhos D'água ganha destaque, pois, o IDHM passou de 0,406 em 2000 para 0,626 em 2010 - uma taxa de crescimento de 54,19%. Em 2000, 14 municípios tinham IDH abaixo de 0,500 – considerado muito baixo; em 2010, nenhum dos municípios da AER se encontra nessa faixa, Pai Pedro, com o índice mais baixo, possui IDH de 0,590 (índice que, ainda assim, é considerado baixo). Candiba e Urandi também têm índices considerados baixos para o ano de 2010.

Montes Claros é o município da AER com melhores condições de vida, segundo o supracitado atlas, com IDH de 0,77, seguido por Bocaiúva (0,7) – ambos considerados altos. Montes Claros apresenta os melhores índices de IDH para cada componente (**Quadro 2.2.4.3-3**).

Especificamente quanto à renda, além de Montes Claros, os municípios de Guanambi, Buenópolis e Janaúba apresentam os melhores índices, enquanto os piores são de Pai Pedro e Mamonas. De modo

geral na AER, o IDH renda é de 0,6, sendo que 12 dos municípios registram com índices inferiores à média da AER.

Os índices de longevidade são os mais altos dentre os analisados em todos os municípios em estudo. Novamente Montes Claros aparece com o índice mais alto da AER, seguido por Gouveia, Joaquim Felício e Bocaiúva. Os municípios que apresentam os menores valores relacionados à longevidade são Candiba e Pai Pedro, embora estes não sejam muito inferiores aos demais.

Por fim, o IDH Educação é o índice que apresenta valores mais baixos em todos os municípios da AER. Ainda que a situação tenha melhorado de 2000 para 2010, 6 (seis) municípios continuam com IDH considerado muito baixo; 15 (quinze) municípios saltaram da condição de IDH Educação muito baixo para IDH médio, revelando se tratar de região com baixos níveis de instrução da população local e acesso limitado a serviços educacionais.

Quadro 2.2.4.3-3 - IDH dos municípios da AER

Município	IDHM		IDHM Renda		IDHM Longevidade		IDHM Educação	
	2000	2010	2000	2010	2000	2010	2000	2010
Caetité (BA)	0,454	0,625	0,522	0,631	0,726	0,801	0,247	0,484
Candiba (BA)	0,463	0,591	0,461	0,578	0,715	0,743	0,302	0,481
Guanambi (BA)	0,548	0,673	0,586	0,663	0,698	0,789	0,403	0,584
Pindaí (BA)	0,447	0,603	0,481	0,566	0,697	0,777	0,267	0,498
Urandi (BA)	0,468	0,598	0,573	0,595	0,709	0,766	0,252	0,469
Augusto de Lima (MG)	0,510	0,656	0,568	0,622	0,702	0,815	0,325	0,557
Bocaiúva (MG)	0,577	0,700	0,575	0,648	0,792	0,822	0,422	0,644
Buenópolis (MG)	0,544	0,669	0,587	0,65	0,689	0,796	0,398	0,579
Catuti (MG)	0,413	0,621	0,437	0,563	0,671	0,773	0,241	0,549
Engenheiro Navarro (MG)	0,481	0,655	0,505	0,599	0,749	0,791	0,295	0,594
Espinosa (MG)	0,493	0,627	0,530	0,582	0,698	0,804	0,324	0,526
Francisco Sá (MG)	0,480	0,654	0,517	0,605	0,733	0,808	0,291	0,572
Glauceilândia (MG)	0,548	0,679	0,516	0,579	0,733	0,812	0,436	0,667
Gouveia (MG)	0,515	0,681	0,572	0,622	0,764	0,833	0,312	0,609
Guaraciama (MG)	0,488	0,677	0,498	0,586	0,741	0,807	0,315	0,655
Janaúba (MG)	0,580	0,696	0,585	0,654	0,743	0,796	0,450	0,649
Joaquim Felício (MG)	0,525	0,637	0,576	0,642	0,720	0,824	0,349	0,489
Juramento (MG)	0,535	0,669	0,515	0,601	0,701	0,808	0,423	0,617
Mamonas (MG)	0,440	0,618	0,501	0,565	0,689	0,779	0,247	0,537
Mato Verde (MG)	0,505	0,662	0,531	0,604	0,717	0,789	0,339	0,61
Monjolos (MG)	0,551	0,65	0,622	0,612	0,720	0,819	0,374	0,548
Monte Azul (MG)	0,505	0,659	0,497	0,611	0,715	0,811	0,363	0,578

Município	IDHM		IDHM Renda		IDHM Longevidade		IDHM Educação	
	2000	2010	2000	2010	2000	2010	2000	2010
Montes Claros (MG)	0,661	0,770	0,660	0,707	0,788	0,868	0,555	0,744
Nova Porteirinha (MG)	0,518	0,641	0,544	0,584	0,715	0,811	0,358	0,556
Olhos-D'Água (MG)	0,406	0,626	0,462	0,607	0,757	0,812	0,192	0,498
Pai Pedro (MG)	0,408	0,590	0,465	0,52	0,666	0,76	0,219	0,52
Porteirinha (MG)	0,482	0,651	0,519	0,593	0,698	0,796	0,310	0,585
Presidente Juscelino (MG)	0,485	0,614	0,489	0,603	0,709	0,796	0,330	0,483
Santo Hipólito (MG)	0,514	0,657	0,545	0,641	0,731	0,824	0,340	0,536
Total AER	0,502	0,650	0,532	0,608	0,720	0,801	0,334	0,566

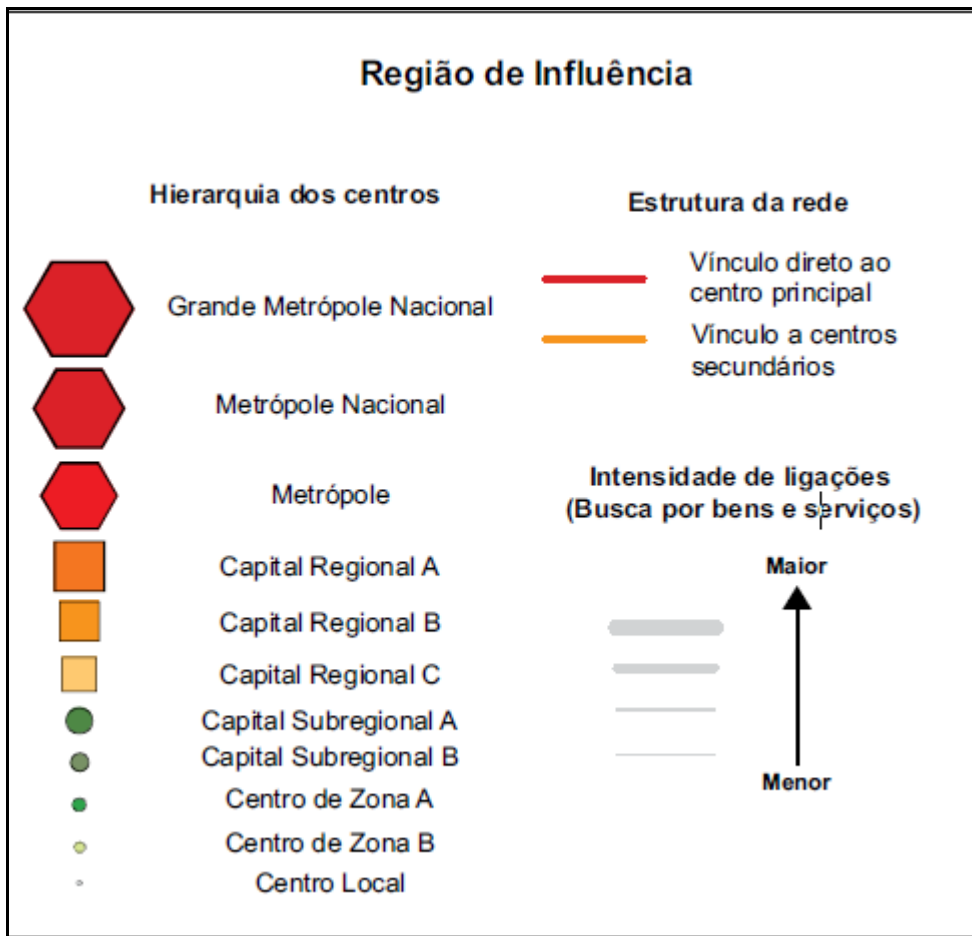
Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, 2013

2.2.4.3.3 - Hierarquia Urbana

2.2.4.3.3.1 - Área de Estudo Regional - AER

Analisar a hierarquia urbana da área de estudo do empreendimento é de grande valia para seu processo de licenciamento ambiental, uma vez que permite entender a dinâmica entre os municípios estudados. Assim, é possível observar em quais destes municípios a população local depende de polos locais e regionais para acesso a bens e serviços, principalmente.

Tal análise é baseada no estudo “Região de Influência das Cidades” (REGIC), publicado pelo IBGE em 2007. Este categoriza os municípios de acordo com seu nível de centralidade em relação aos demais. Assim, conforme exposto na **Fonte: IBGE, Regic 2007**, um centro local é um município que não apresenta qualquer centralidade ou influência em seus vizinhos, sendo que sua sede municipal atende apenas à população residente no tocante a serviços e bens. Quanto mais intensa a busca por bens e serviços, mais alto na hierarquia encontra-se o município, sendo o topo a categoria “Grande Metrópole Nacional”.



Fonte: IBGE, Regic 2007

Figura 2.2.4.3-2 – Hierarquização dos centros

Dos 29 municípios contemplados na AER do presente estudo apenas 05 não se constituem em centros locais. Desse modo, esta é integrada predominantemente por municípios cuja população precisa buscar outros polos para acessar bens e serviços, dispondo de oferta limitada.

Esta informação é importante para o processo construtivo do empreendimento, o qual tende a gerar aumento de pressão sobre a infraestrutura local, diante de incremento de demanda por conta da presença de trabalhadores das obras. Em municípios que são Centros Locais, como a grande maioria dos aqui contemplados, aumentos de demanda por serviços e bens podem sobrecarregar a estrutura local.

Montes Claros é um dos municípios não categorizados enquanto centro local. Este é uma Capital Regional B. O estudo supracitado define que tais capitais relacionam-se com o estrato superior da rede urbana,

tendo área de influência de âmbito regional. Conforme observado no **Quadro 2.2.4.3-4**, Montes Claros é polo de referência para diversos municípios do Norte de Minas.

Janaúba é uma Capital Subregional B, que em termos hierárquicos está acima apenas dos centros de zona exercendo, então, influência limitada sobre os demais municípios. Janaúba é polo local para diversos municípios, também, do Norte de Minas, e tem como referência Montes Claros.

Porteirinha e Caetité, este último localizado no estado da Bahia, são respectivamente centros de zona B e A. Os centros de zona são normalmente cidades com população de algumas dezenas de milhares de habitantes e exercem influência somente sobre centros locais.

Guanambi (BA) é uma Capital Subregional A e é referência para todos os municípios baianos da AER, ainda, que o próprio tenha Vitória da Conquista como um polo de referência a nível regional e Salvador a nível nacional.

Quadro 2.2.4.3-4 - Hierarquia Urbana na AER

UF	Município	Meso	Micro	Categoria	Polo 1	Polo 2	Canteiro de Obras
MG	Augusto De Lima	Central Mineira	Curvelo	Centro Local	Belo Horizonte		Sim
MG	Buenópolis	Central Mineira	Curvelo	Centro Local	Curvelo	Belo Horizonte	Sim
MG	Joaquim Felício	Central Mineira	Curvelo	Centro Local	Montes Claros	Belo Horizonte	
MG	Monjolos	Central Mineira	Curvelo	Centro Local	Curvelo	Belo Horizonte	Sim
MG	Presidente Juscelino	Central Mineira	Curvelo	Centro Local	Curvelo	Belo Horizonte	Sim
MG	Santo Hipólito	Central Mineira	Curvelo	Centro Local	Curvelo	Belo Horizonte	
MG	Gouveia	Jequitinhonha	Diamantina	Centro Local	Diamantina	Belo Horizonte	
MG	Bocaiúva	Norte de Minas	Bocaiúva	Centro Local	Montes Claros	Belo Horizonte	Sim
MG	Engenheiro Navarro	Norte de Minas	Bocaiúva	Centro Local	Montes Claros	Belo Horizonte	
MG	Guaraciama	Norte de Minas	Bocaiúva	Centro Local	Montes Claros	Belo Horizonte	
MG	Olhos-D'Água	Norte de Minas	Bocaiúva	Centro Local	Montes Claros	Belo Horizonte	
MG	Francisco Sá	Norte de Minas	Montes Claros	Centro Local	Montes Claros	Belo Horizonte	
MG	Glaucilândia	Norte de Minas	Montes Claros	Centro Local	Montes Claros	Belo Horizonte	Sim
MG	Capitão Enéas	Norte de Minas	Montes Claros	Centro Local	Montes Claros	Belo Horizonte	Sim
MG	Juramento	Norte de Minas	Montes Claros	Centro Local	Montes Claros	Belo Horizonte	
MG	Montes Claros	Norte de Minas	Montes Claros	Capital Regional B	Belo Horizonte		
MG	Catuti	Norte de Minas	Janaúba	Centro Local	Janaúba	Montes Claros	
MG	Espinosa	Norte de Minas	Janaúba	Centro Local	Janaúba	Montes Claros	
MG	Janaúba	Norte de Minas	Janaúba	Capital Sub Regional B	Montes Claros	Belo Horizonte	Sim

UF	Município	Meso	Micro	Categoria	Polo 1	Polo 2	Canteiro de Obras
MG	Mamonas	Norte de Minas	Janaúba	Centro Local	Janaúba	Montes Claros	
MG	Mato Verde	Norte de Minas	Janaúba	Centro Local	Janaúba	Montes Claros	
MG	Monte Azul	Norte de Minas	Janaúba	Centro Local	Montes Claros	Belo Horizonte	Sim
MG	Nova Porteirinha	Norte de Minas	Janaúba	Centro Local	Janaúba	Montes Claros	
MG	Pai Pedro	Norte de Minas	Janaúba	Centro Local	Janaúba	Montes Claros	Sim
MG	Porteirinha	Norte de Minas	Janaúba	Centro de Zona B	Janaúba	Montes Claros	
BA	Caetité	Centro Sul Baiano	Guanambi	Centro de Zona A	Guanambi	Vitória da Conquista	Sim
BA	Candiba	Centro Sul Baiano	Guanambi	Centro Local	Guanambi	Vitória da Conquista	
BA	Guanambi	Centro Sul Baiano	Guanambi	Capital Sub Regional A	Vitória da Conquista	Salvador	Sim
BA	Pindaí	Centro Sul Baiano	Guanambi	Centro Local	Guanambi	Vitória da Conquista	
BA	Urandi	Centro Sul Baiano	Guanambi	Centro Local	Guanambi	Vitória da Conquista	Sim

Fonte: IBGE, Regic 2007

Coordenador:

Técnico:

2.2.4.3.3.2 - Área de Estudo Local - AEL

Durante toda a extensão do empreendimento, de Presidente Juscelino (MG) a Caetitê (BA), foi percebida a presença de cidades de pequeno porte. Nos oito trechos, no entanto, há a presença de municípios considerados polos locais e regionais, posto que contam com uma maior infraestrutura de serviços. Nos polos regionais há complementação educacional, atendimento de saúde mais especializado, e infraestrutura de segurança, comunicação e transportes. Por sua vez, os polos locais são lugares procurados pelos moradores como primeira referência, devido à proximidade, para primeiro atendimento, pequenas compras em comércio e serviços mais básicos, demandas de educação básica (**Quadro 2.2.4.3-5**).

No trecho 1 chama a atenção o fato de Augusto de Lima ser a referência local e regional para todas as localidades, excetuando-se Conceição de Teixeira que tem em Buenópolis e Paraobepas de Minas seus polos locais e regionais. O mesmo ocorre em Gouveia e Presidente Juscelino.

No trecho 2 o distrito de Engenheiro Dolabela e a sede de Bocaiuva e Joaquim Felício são as referências locais e regionais para a maioria das localidades. No entanto, Montes Claros e Belo Horizonte aparecem como polos regionais para a localidade Picadinha; Belo Horizonte para Lagoinha e Montes Claros para o PA Betinho – Barragem do Bambu.

Montes Claros destaca-se, também, como polo regional para as localidades dos trechos 3 e 4, assim como Bocaiuva, Francisco Sá e Janaúba. Os principais polos locais são: Sede de Francisco Sá; Povoado Camarinhas; Bairro Facela e Campos Elíseos; Povoado Zé Lima e Povoado Ponta do Morro/Mandaquaril; Povoado Taquaril Povoado Fazenda Borá; Povoados Mandacaru Taquaril; sede de Juramento; sede de Glaucilândia; Povoado Alto Belo; Povoado Camilo Prates; Distrito de Engenheiro Navarro; Povoado Campo Limpo; sede de Engenheiro Navarro; Distrito de Engenheiro Dolabela; Junco; Baixa do Charquinho, Terra Quebrada; Tabual; Poções; São Geraldo; Canabrava; Jatobá e Lagoa Grande.

Já no trecho 5, Porteirinha, Nova Porteirinha, Janaúba, Pai Pedro e Mato Verde foram apontados como polos regionais, enquanto que Bom Jesus e Catuti foram indicados como polos locais.

No trecho 6, Catuti, Pajeú e Mamonas foram apontados como principais polos locais, enquanto que Mato Verde, Monte Azul e Espinosa como os principais referências regionais dessas localidades.

Urandi e Pindaí são os principais polos tanto locais quanto regionais para as principais localidades do trecho 7.

Candiba, Morrinhos e Ceraíma são regiões consideradas como importantes polos locais para as localidades situadas no trecho 8, ao passo que Guanambi é um importantíssimo polo regional e de atendimento de quase a totalidade das localidades desse trecho.

Quadro 2.2.4.3-5 - Polos locais e regionais para as localidades da AEL

UF	Município	Localidade	Tipo	Polos Locais	Polos Regionais
MG	Presidente Juscelino	Retiro da Gameleira	Povoado	Presidente Juscelino	Presidente Juscelino
MG	Presidente Juscelino	Serra do Gonçalves	Povoado	Presidente Juscelino	Presidente Juscelino
MG	Monjolos	Tamburiu/ Fazenda Passageiro	Povoado	Monjolos	Monjolos, Curvelo e Diamantina
MG	Monjolos	Quebra Pé	Povoado	Monjolos	Monjolos, Curvelo e Diamantina
MG	Monjolos	Monjolos	Sede Municipal	Monjolos	Curvelo e Belo Horizonte
MG	Monjolos	Rodeador	Distrito	Monjolos	Monjolos, Diamantina, Curvelo
MG	Gouveia	Alexandre Mascarenhas	Vila	Gouveia	Gouveia
MG	Gouveia	Fazenda Estaboca	Povoado	Vila Alexandre	Gouveia
MG	Gouveia	Mangabeiras	Povoado	Vila Alexandre	Gouveia
MG	Santo Hipólito	Caquende	Povoado	Santo Hipólito	Santo Hipólito e Curvelo
MG	Santo Hipólito	Senhora da Glória	Distrito	Santo Hipólito	Santo Hipólito e Curvelo
MG	Santo Hipólito	Santa Cruz	Povoado	Santo Hipólito	Santo Hipólito
MG	Santo Hipólito	Vale Fundo	Distrito	Monjolos	Monjolos e Vila Alexandre Mascarenhas
MG	Santo Hipólito	Santo Hipólito	Sede Municipal	Santo Hipólito	Curvelo e Augusto de Lima
MG	Augusto de Lima	Mocambo	Povoado	Augusto de Lima	Augusto de Lima
MG	Augusto de Lima	Malhada Alta	Povoado	Augusto de Lima	Augusto de Lima
MG	Augusto de Lima	Alto Mangabeira	Povoado	Augusto de Lima	Augusto de Lima
MG	Augusto de Lima	Poções	Povoado	Augusto de Lima	Augusto de Lima
MG	Augusto de Lima	Sumidouro	Povoado	Augusto de Lima	Augusto de Lima
MG	Augusto de Lima	Cafundó dos currais	Povoado	Augusto de Lima	Augusto de Lima
MG	Augusto de Lima	Cafundó	Povoado	Augusto de Lima	Augusto de Lima
MG	Augusto de Lima	Mangal	Povoado	Augusto de Lima	Augusto de Lima
MG	Augusto de Lima	Santa Bárbara	Vila	Augusto de Lima	Augusto de Lima

UF	Município	Localidade	Tipo	Polos Locais	Polos Regionais
MG	Augusto de Lima	Conceição de Teixeira/Saúde	Povoado	Buenópolis e Paraopebas de Minas	Buenópolis ou Paraopebas de Minas
MG	Buenópolis	Salobo	Povoado	Buenópolis	Buenópolis e Belo Horizonte
MG	Buenópolis	Pé de Serra	Povoado	Curimataí	Buenópolis
MG	Buenópolis	Curimataí	Povoado	Buenópolis	Belo Horizonte e Buenópolis
MG	Buenópolis	Venturino	Povoado	Pé de Serra	Buenópolis
MG	Joaquim Felício	Lagoinha	Povoado	Joaquim Felício	Joaquim Felício e Belo Horizonte
MG	Joaquim Felício	Vaca Brava / Barreirinhos	Povoado	Joaquim Felício	Joaquim Felício
MG	Joaquim Felício	P.A. Final Feliz - Catoni Sede	Projeto de Assentamento	Joaquim Felício	Joaquim Felício
MG	Joaquim Felício	Picadinha	Povoado	Joaquim Felício	Montes Claros e Belo Horizonte
MG	Joaquim Felício	Barreiro Grande/Fazenda Ribeirão	Povoado	Joaquim Felício	Joaquim Felício
MG	Joaquim Felício	Fazenda Bhavnagar	Fazenda	Engenheiro Dolabela	Bocaiúva
MG	Joaquim Felício	P.A. Betinho - Riachinho	Projeto de Assentamento	Engenheiro Dolabela	Bocaiúva
MG	Bocaiúva	P.A. Betinho - Barragem da Caatinga	Projeto de Assentamento	Lagoa Grande e Engenheiro Dolabela	Bocaiúva
MG	Bocaiúva	P.A. Betinho - Lagoa Grande	Projeto de Assentamento	Engenheiro Dolabela	Bocaiúva
MG	Bocaiúva	P.A. Betinho - Angico	Projeto de Assentamento	Engenheiro Dolabela	Bocaiúva e Engenheiro Navarro
MG	Bocaiúva	P.A. Betinho - Poço do Bento	Projeto de Assentamento	Engenheiro Dolabela e Nova Dolabela	Bocaiúva
MG	Bocaiúva	P.A. Betinho - Triunfo	Projeto de Assentamento	Engenheiro Dolabela e Nova Dolabela	Bocaiúva
MG	Bocaiúva	P.A. Betinho - Barragem do Bambu	Projeto de Assentamento	Engenheiro Navarro	Bocaiúva, Montes Claros e Engenheiro Navarro
MG	Bocaiúva	Engenheiro Dolabela	Distrito	Bocaiúva	Bocaiúva e Engenheiro Navarro
MG	Bocaiúva	Nova Dolabela	Bairro	Engenheiro Dolabela e Bocaiúva	Montes Claros

UF	Município	Localidade	Tipo	Polos Locais	Polos Regionais
MG	Bocaiúva	Roça Velha	Povoado	Povoado Campo Limpo e Engenheiro Navarro	Bocaiúva
MG	Bocaiúva	Torquato Leite e Taboa	Povoado	Bocaiúva	Montes Claros
MG	Bocaiúva	Região Fazenda Riachinho: Imbé, Morros, Taboas e Garrotes	Povoado	Bocaiúva	Montes Claros
MG	Bocaiúva	Poções	Povoado	Bocaiúva	Montes Claros
MG	Bocaiúva	Cabeceira de Poções	Povoado	Bocaiúva	Montes Claros
MG	Bocaiúva	Fazenda Bahia	Povoado	Bocaiúva	Montes Claros
MG	Bocaiúva	Vaquejada	Povoado	Bocaiúva	Montes Claros
MG	Bocaiúva	Taboquinha II e Fazenda Córrego Fundo	Povoado	Bocaiúva	Montes Claros
MG	Bocaiúva	Lalau e Morro Alto	Povoado	Bocaiúva	Montes Claros
MG	Bocaiúva	Catarina	Povoado	Bocaiúva	Montes Claros
MG	Bocaiúva	Santa Cruz	Povoado	Povoado Alto Belo e Povoado Camilo Prates	Bocaiúva e Montes Claros
MG	Bocaiúva	P.A. Professor Mazan	Projeto de Assentamento	Bocaiúva	Montes Claros
MG	Bocaiúva	Curral de Vara	Povoado	Bocaiúva	Montes Claros
MG	Bocaiúva	Camilo Prates	Povoado	Bocaiúva	Montes Claros
MG	Bocaiúva	Alto Belo	Povoado	Bocaiúva	Montes Claros
MG	Engenheiro Navarro	Campo Limpo	Povoado	Engenheiro Navarro	Bocaiúva
MG	Engenheiro Navarro	Tirirical	Povoado	Engenheiro Navarro	Bocaiúva
MG	Engenheiro Navarro	São Norberto	Distrito	Engenheiro Navarro	Bocaiúva
MG	Engenheiro Navarro	Limoeiro	Povoado	Engenheiro Navarro	Bocaiúva
MG	Engenheiro Navarro	Engenheiro Navarro	Sede Municipal	-	Bocaiúva
MG	Engenheiro Navarro	P.A. Elói Ferreira	Projeto de Assentamento	Engenheiro Navarro	Bocaiúva
MG	Guaraciama	Rio Félix II	Povoado	Povoado Alto Belo	Bocaiúva e Montes Claros
MG	Guaraciama	Rio Felix I	Povoado	Povoado Alto Belo	Bocaiúva e Montes Claros
MG	Glaucilândia	Tabocal II	Povoado	Glaucilândia	Montes Claros
MG	Glaucilândia	Tabocal I	Povoado	Glaucilândia	Montes Claros

UF	Município	Localidade	Tipo	Polos Locais	Polos Regionais
MG	Juramento	Juramento	Sede Municipal	-	Montes Claros
MG	Juramento	Maquiné	Povoado	Juramento	Montes Claros
MG	Juramento	Campo Grande	Povoado	Juramento	Montes Claros
MG	Juramento	Saracura, Lambari, Prata e Tira Chapéus	Povoado	Juramento	Montes Claros
MG	Montes Claros	Mandacaru	Povoado	Juramento	Montes Claros
MG	Montes Claros	Mimoso	Povoado	Povoados Mandacaru Taquaril	Montes Claros
MG	Montes Claros	Comunidade Rural Hollywood	Povoado	-	Montes Claros
MG	Montes Claros	Me Livre	Povoado	Povoado Fazenda Borá	Montes Claros
MG	Montes Claros	Pau Gonçalves	Povoado	Povoado Fazenda Borá	Montes Claros
MG	Montes Claros	Alphaville	Chacreamento	Povoado Fazenda Borá	Montes Claros
MG	Montes Claros	Fazenda Borá	Povoado	Povoado Taquaril	Montes Claros
MG	Montes Claros	Ponta do Morro	Povoado	Mandaquaril	Montes Claros
MG	Montes Claros	Laranjal	Povoado	Povoado Zé Lima e Povoado Ponta do Morro	Montes Claros
MG	Montes Claros	Barrocãozinho e Estrela Guia	Povoado	Bairro Facela e Campos Elíseos	Montes Claros
MG	Montes Claros	Rio Verde	Povoado	-	Montes Claros
MG	Francisco Sá	P.A. Serafim	Projeto de Assentamento	Povoado Camarinhas	Montes Claros
MG	Francisco Sá	Fazenda Serafim e Aroeira	Povoado	Povoado Camarinhas	Montes Claros
MG	Francisco Sá	Quilombinho e Vaca Brava	Povoado	Francisco Sá	Montes Claros
MG	Francisco Sá	Fazenda São Paulinho	Povoado	Francisco Sá	Montes Claros
MG	Francisco Sá	P.A. Serrador	Povoado	Francisco Sá	Montes Claros
MG	Francisco Sá	Belvedere	Loteamento	Camarinhas e Francisco Sá	Montes Claros
MG	Francisco Sá	Coqueirinho	Povoado	Junco	Francisco Sá
MG	Francisco Sá	Junco	Povoado	Francisco Sá	Francisco Sá
MG	Francisco Sá	Baixa Fria	Povoado	Junco e Francisco Sá	Francisco Sá
MG	Francisco Sá	Barreira do Totó	Povoado	Baixa do Charquinho + Cana Brava + Terra Quebrada	Capitão Enéas
MG	Francisco Sá	Furado Dantas	Povoado	Baixa do Charquinho, Cana Brava e Terra Quebrada	Francisco Sá
MG	Francisco Sá	Córrego do Charquinho	Povoado	Baixa do Charquinho, Cana Brava e Terra Quebrada	Francisco Sá

UF	Município	Localidade	Tipo	Polos Locais	Polos Regionais
MG	Francisco Sá	Riacho dos Carneiros	Povoado	Tabual	Francisco Sá
MG	Francisco Sá	Lagoa Nova/Baixa do Feijão	Povoado	Francisco Sá	Francisco Sá
MG	Francisco Sá	Bengo	Povoado	Junco	Francisco Sá
MG	Francisco Sá	São Geraldo	Povoado	São Geraldo	Francisco Sá
MG	Francisco Sá	Boa Esperança	Povoado	Canabrava + Poções + São Geraldo	Francisco Sá
MG	Francisco Sá	Jácara II	Povoado	Capitão Enéas	Capitão Enéas
MG	Francisco Sá	Boa Sorte	Povoado	Capitão Enéas	Capitão Enéas
MG	Francisco Sá	Matos	Povoado	Junco	Francisco Sá
MG	Francisco Sá	Arrozi	Povoado	Canabrava + Junco	Francisco Sá
MG	Francisco Sá	Traçadal	Povoado	Canabrava + Junco	Francisco Sá
MG	Janaúba	Poços de Santa Cruz	Povoado	Jatobá	Janaúba
MG	Janaúba	Taquaril	Povoado	Jatobá	Janaúba
MG	Janaúba	Jataí	Povoado	Janaúba	Janaúba
MG	Janaúba	Tirafogo	Povoado	Janaúba	Janaúba
MG	Janaúba	Pedra Preta	Povoado	Janaúba	Janaúba
MG	Janaúba	José Faustino	Povoado	Janaúba	Janaúba
MG	Janaúba	Mundo Novo	Povoado	Lagoa Grande	Janaúba
MG	Janaúba	Pajeú II	Povoado	Lagoa Grande	Janaúba
MG	Janaúba	Baixa da Colônia	Povoado	Janaúba	Janaúba
MG	Janaúba	Bem Viver de Vila Nova dos Poções	Comunidade Quilombola	Janaúba	Janaúba
MG	Janaúba	Quem Quem	Povoado	Janaúba	Janaúba
MG	Janaúba	Barroquinha	Povoado	Janaúba	Janaúba
MG	Nova Porteirinha	Gorutuba/Ilha do Getúlio	Povoado	Nova Porteirinha	Nova Porteirinha e Janaúba
MG	Nova Porteirinha	Paraguaçu	Povoado	Janaúba	Janaúba
MG	Porteirinha	Canabrava	Povoado	Bom Jesus	Porteirinha + Janaúba
MG	Porteirinha	Barreiro Dantas	Povoado	Porteirinha	Janaúba
MG	Porteirinha	Mulungu	Povoado	Porteirinha	Janaúba
MG	Porteirinha	Água Branca	Povoado	Porteirinha	Janaúba
MG	Porteirinha	Furada da Roda	Povoado	Porteirinha	Porteirinha
MG	Porteirinha	Baixa do Barreiro	Povoado	Porteirinha	Porteirinha
MG	Porteirinha	Furado Grande	Povoado	Porteirinha	Porteirinha
MG	Porteirinha	Vila Caxingó	Povoado	Porteirinha	Porteirinha
MG	Porteirinha	Lagoinha	Povoado	Porteirinha	Porteirinha

UF	Município	Localidade	Tipo	Polos Locais	Polos Regionais
MG	Catuti	Catuti	Sede Municipal	Catuti e Pai Pedro	Pai Pedro
MG	Pai Pedro	Salinas	Povoado	Pai Pedro	Pai Pedro
MG	Pai Pedro	Miranto	Povoado	Pai Pedro	Pai Pedro
MG	Pai Pedro	Atrás dos Morros	Povoado	Pai Pedro	Pai Pedro e Mato Verde
MG	Mato Verde	Ferraz	Povoado	Barreiro Branco e Catuti	Mato Verde
MG	Mato Verde	Volta do Morro	Povoado	Lagoa da Barriguda, Mato Verde e Pau Branco	Mato Verde
MG	Mato Verde	Barra	Povoado	Lagoa da Barriguda, Mato Verde e Pau Branco	Mato Verde
MG	Mato Verde	Vila Cristino	Povoado	Mato Verde	Mato Verde
MG	Mato Verde	Fazenda da Barra	Povoado	Mato Verde	Mato Verde
MG	Mato Verde	Cristino I	Povoado	Lagoa da Barriguda, Mato Verde e Pau Branco	Mato Verde
MG	Mato Verde	Pedreira	Povoado	Pedreira e Riachinho	Monte Azul
MG	Monte Azul	Barreiro Grande	Povoado	Monte Azul	Monte Azul
MG	Monte Azul	Rio Abaixo	Povoado	Monte Azul	Monte Azul
MG	Monte Azul	Barreiro do Mato	Povoado	Monte Azul	Monte Azul
MG	Monte Azul	Vila Angical	Povoado	Monte Azul	Monte Azul
MG	Monte Azul	Riacho Seco	Povoado	Monte Azul	Monte Azul
MG	Monte Azul	Pajeú de Cima	Povoado	Pajeú e Monte Azul	Monte Azul
MG	Monte Azul	Distrito de Pajeú	Distrito	Pajeú e Monte Azul	Monte Azul
MG	Monte Azul	Bicas	Povoado	Pajeú e Renentão	Monte Azul
MG	Monte Azul	Lagoa Comprida	Povoado	Monte Azul	Monte Azul
MG	Monte Azul	Landinho	Povoado	Monte Azul	Monte Azul
MG	Monte Azul	Ramalhudo	Povoado	Peixeira e Riachinho	Monte Azul
MG	Monte Azul	Riacho Quente	Povoado	Pajeú e Monte Azul	Monte Azul
MG	Monte Azul	Junco	Povoado	Junco e Monte Azul	Monte Azul
MG	Monte Azul	Rebentão	Povoado	Rebentão e Monte Azul	Monte Azul
MG	Monte Azul	Lagoinha	Povoado	Monte Azul	Monte Azul
MG	Monte Azul	Barreiro da Cruz	Povoado	Mamonas	Mamonas e Monte Azul
MG	Monte Azul	Baixão	Povoado	Monte Azul	Monte Azul
MG	Monte Azul	Capoeira Grande	Povoado	Monte Azul	Monte Azul
MG	Monte Azul	Picada	Povoado	Rebentão e Monte Azul	Monte Azul
MG	Monte Azul	Tabuleiro	Povoado	Espinosa	Espinosa
MG	Mamonas	Urubu	Povoado	Mamonas e Espinosa	Espinosa
MG	Mamonas	Mimoso	Povoado	Mamonas e Espinosa	Espinosa

UF	Município	Localidade	Tipo	Polos Locais	Polos Regionais
MG	Espinosa	São Pedro	Povoado	Espinosa e Monte Azul	Espinosa e Monte Azul
MG	Espinosa	Barro Vermelho	Povoado	Espinosa e Monte Azul	Espinosa e Monte Azul
MG	Espinosa	Lagoinha	Povoado	Espinosa e Monte Azul	Espinosa e Monte Azul
MG	Espinosa	Santo Antônio	Povoado	Espinosa e Monte Azul	Espinosa e Monte Azul
MG	Espinosa	Várzea da Pedra	Povoado	Espinosa e Monte Azul	Espinosa e Monte Azul
MG	Espinosa	Canabrava	Povoado	Espinosa e Monte Azul	Espinosa e Monte Azul
MG	Espinosa	Raposa do Rio Verde	Povoado	Espinosa	Espinosa
MG	Espinosa	Lagoa do Morro	Povoado	Espinosa	Espinosa
MG	Espinosa	Lagoa da Tapera	Povoado	Espinosa	Espinosa
MG	Espinosa	Sussuarana	Povoado	Espinosa	Espinosa
MG	Espinosa	Serrinha	Povoado	Espinosa	Espinosa
MG	Espinosa	Lagoa da Romana	Povoado	Espinosa	Espinosa
MG	Espinosa	Poços	Povoado	Espinosa	Espinosa
MG	Espinosa	Barreiro Dantas	Povoado	Espinosa	Espinosa
MG	Espinosa	Paus Pretos	Povoado	Espinosa	Espinosa
MG	Espinosa	Havana	Povoado	Espinosa	Espinosa
MG	Espinosa	Santa Marta	Povoado	Espinosa	Espinosa
MG	Espinosa	Lagoa do Marruás	Povoado	Espinosa	Espinosa
MG	Espinosa	Dourados	Povoado	Monte Azul	Monte Azul
BA	Urandi	Rio Verde	Povoado	Urandi	Urandi
BA	Urandi	Pedra Aguda	Povoado	Urandi	Urandi e Guanambi
BA	Urandi	Caldeirão	Povoado	Urandi	Urandi e Guanambi
BA	Urandi	Canavista	Povoado	Urandi	Urandi e Guanambi
BA	Urandi	Cachoeira	Povoado	Urandi	Urandi
BA	Urandi	Agreste/Fazenda Boa Esperança	Povoado	Tiririca e Urandi	Urandi
BA	Urandi	Tiririca	Povoado	Tiririca e Urandi	Urandi
BA	Urandi	Cubículo	Povoado	Tiririca e Urandi	Urandi
BA	Urandi	Fazenda Entre Morros	Povoado	Urandi	Urandi
BA	Urandi	Poço Bom	Povoado	Urandi	Urandi

UF	Município	Localidade	Tipo	Polos Locais	Polos Regionais
BA	Urandi	Quixabá	Povoado	Urandi	Urandi
BA	Urandi	Fazenda Boa Sorte	Povoado	Urandi	Urandi
BA	Urandi	Riachão	Povoado	Urandi	Urandi e Guanambi
BA	Urandi	Casa Nova	Povoado	Casa Nova e Urandi	Urandi
BA	Urandi	Fazenda Barra do Mulungu	Povoado	Urandi	Urandi
BA	Urandi	Lagoinha	Povoado	Urandi	Urandi
BA	Urandi	Feijão Preto	Povoado	Urandi	Urandi
BA	Urandi	Fazenda Olho D'Água	Povoado	Urandi	Urandi
BA	Urandi	Salinas	Povoado	Salinas e Urandi	Urandi e Guanambi
BA	Urandi	Barra da Varginha	Povoado	Salinas e Urandi	Urandi
BA	Urandi	Fazenda Ladeira Grande	Povoado	Salinas e Urandi	Urandi
BA	Urandi	Fazenda Grama	Povoado	Salinas e Urandi	Urandi
BA	Urandi	Mata Veado	Povoado	Guipará e Pindaí	Pindaí e Urandi
BA	Urandi	Fazenda Lagedinho	Povoado	Pindaí	Pindaí
BA	Urandi	Fazenda Água Verde	Povoado	Pesqueiro I e II e Urandi	Urandi
BA	Urandi	Fazenda Bananeira	Povoado	Salinas e Urandi	Urandi e Guanambi
BA	Pindaí	Fazenda Tataíra	Povoado	Pindaí	Pindaí
BA	Pindaí	Morro do Macaco	Povoado	Pesqueiro I e II e Pindaí	Pindaí
BA	Pindaí	Pesqueiro I e II	Povoado	Pesqueiro I e II e Pindaí	Pindaí
BA	Pindaí	Lagoinha	Povoado	Pindaí	Pindaí
BA	Pindaí	Lagoa do Dominginhos	Povoado	Pindaí	Pindaí
BA	Pindaí	Fazenda Jacu	Povoado	Mulungu e Pindaí	Pindaí
BA	Pindaí	Pau de Colher	Povoado	Mulungu e Pindaí	Pindaí
BA	Pindaí	Paus Pretos	Povoado	Paus Pretos e Pindaí	Pindaí
BA	Pindaí	Lagoa do Curral	Povoado	Serrará e Pindaí	Pindaí
BA	Pindaí	Morrinhos	Povoado	Serrará e Pindaí	Pindaí
BA	Pindaí	Fazenda Caraíbas	Povoado	Serrará e Pindaí	Pindaí
BA	Pindaí	Morro da Barra	Povoado	Morrinhos, Pindaí e Guanambi	Guanambi
BA	Pindaí	Lagoa Dantas	Povoado	Saraima, Pindaí e Guanambi	Guanambi
BA	Pindaí	Distrito Lagoa Velha	Distrito	Guirapá e Pindaí	Pindaí
BA	Pindaí	Olho D'Água	Povoado	Guirapá e Pindaí	Pindaí e Guanambi

UF	Município	Localidade	Tipo	Polos Locais	Polos Regionais
BA	Pindaí	Tanque	Povoado	Pindaí	Pindaí
BA	Pindaí	Lagoa do Arroz	Povoado	Pindaí	Pindaí
BA	Pindaí	Fazenda Morrinhos	Povoado	Pindaí	Pindaí e Guanambi
BA	Pindaí	Salinas	Povoado	Pindaí	Pindaí e Guanambi
BA	Pindaí	Recreio	Povoado	Pindaí	Pindaí e Guanambi
BA	Pindaí	Morro do Pindaí	Povoado	Pindaí	Pindaí e Guanambi
BA	Pindaí	Mato Grosso	Povoado	Tanque e Pindaí	Pindaí
BA	Pindaí	Furado Fundo	Povoado	Pesqueiro I e II e Pindaí	Pindaí
BA	Pindaí	Fazenda Cajueiro	Povoado	Pindaí	Pindaí e Guanambi
BA	Pindaí	Limeira	Povoado	Guirapá e Pindaí	Pindaí e Guanambi
BA	Pindaí	Pedra Ladeira	Povoado	Pindaí	Pindaí e Guanambi
BA	Candiba	Gameleiras	Povoado	Pilões e Candibas	Candibas e Guanambi
BA	Candiba	Pilões	Distrito	Pilões e Candibas	Candibas e Guanambi
BA	Candiba	Fazenda Tanquinho	Povoado	Candiba e Pindaí	Pindaí e Guanambi
BA	Candiba	Fazenda Dourados	Povoado	Candiba e Pindaí	Pindaí e Guanambi
BA	Candiba	Fazenda Morrinhos II	Povoado	Candiba e Pindaí	Pindaí e Guanambi
BA	Candiba	Fazenda Caco	Povoado	Candiba e Pindaí	Pindaí e Guanambi
BA	Candiba	Pinheiros	Povoado	Pilões e Candibas	Candibas
BA	Candiba	Dourado	Povoado	Pilões e Candibas	Candibas e Guanambi
BA	Guanambi	Fazenda Tambori	Povoado	Morrinhos e Guanambi	Guanambi
BA	Guanambi	Curral de Varas	Povoado	Morrinhos e Guanambi	Guanambi
BA	Guanambi	Jurema Barbosa	Povoado	Morrinhos e Guanambi	Guanambi
BA	Guanambi	Lagoa da Pedra de João Cotrim	Povoado	Morrinhos e Guanambi	Guanambi
BA	Guanambi	Buraquinho	Povoado	Morrinhos e Guanambi	Guanambi
BA	Guanambi	Ceraíma	Distrito	Ceraíma e Guanambi	Guanambi
BA	Guanambi	Fazenda Lagoa Suja	Povoado	Morrinhos e Guanambi	Guanambi
BA	Guanambi	Fazenda Lagoa da Pedra	Povoado	Ceraíma e Guanambi	Guanambi
BA	Guanambi	Sítio dos Gatos	Povoado	Ceraíma e Guanambi	Guanambi
BA	Guanambi	Barro Vermelho	Povoado	Morrinhos e Guanambi	Guanambi
BA	Guanambi	Invernada	Povoado	Morrinhos e Guanambi	Guanambi
BA	Guanambi	Rio Grande	Povoado	Morrinhos e Guanambi	Guanambi
BA	Guanambi	Morrinhos	Distrito	Morrinhos e Guanambi	Guanambi
BA	Guanambi	Sítio Novo	Povoado	Morrinhos e Guanambi	Guanambi

UF	Município	Localidade	Tipo	Polos Locais	Polos Regionais
BA	Guanambi	Malhada do Canto	Povoado	Ceraíma e Guanambi	Ceraíma e Guanambi
BA	Guanambi	Fazenda Barra Arrancada	Povoado	Morrinhos e Guanambi	Guanambi
BA	Guanambi	Posto do Pega	Povoado	Ceraíma e Guanambi	Guanambi
BA	Guanambi	Fazenda Morrinhos	Povoado	Pindaí	Pindaí e Guanambi
BA	Caetité	Fazenda Gado Bravo	Povoado	Guanambi	Guanambi
BA	Caetité	Fazenda Vereda do Cercado	Povoado	Caetité	Caetité e Guanambi
BA	Caetité	Pirajá	Povoado	Aroeira, Caetité e Guanabi	Caetité e Guanambi

Fonte: Ecology Brasil, 2017.

2.2.4.3.4 - Estimativa Populacional na AEL

A estimativa populacional da Área de Estudo Local - AEL foi calculada a partir de dados primários, por meio de consulta a população, sempre priorizando os relatos de lideranças comunitárias. Ao todo foram identificadas 261 localidades com um número total aproximado de 24.080 famílias (cerca de 79.464 habitantes, levando-se em consideração que, segundo informação do IBGE, a média de pessoas por família é de 3,3). Os dados referentes às sedes municipais foram calculados da seguinte forma: número de habitantes da área urbana dividido por 3,3, que como já colocado se refere ao número médio de pessoas por família. Não foram encontradas localidades nos municípios de Olhos D' Água e Capitão Enéas.

Importante destacar que os números apresentados em relação ao número de famílias por localidade são estimativas, formuladas a partir das informações levantadas nos núcleos de ocupação identificados.

No trecho da AEL que corresponde ao estado de Minas Gerais encontram-se 180 localidades, nas quais vivem 15.886 famílias. Na Bahia, foram identificadas 81 localidades, com número de famílias estimado em 8.194 (**Quadro 2.2.4.3-6**). Embora, a LT atravessasse 25 municípios do estado de Minas Gerais e somente 5 da Bahia nota-se que 30% das localidades e cerca de 34% da população da AEL encontra-se na parte que compreende este último estado.

Quadro 2.2.4.3-6 - Estimativa de famílias e localidades na AEL por UF

AEL/ UF	Famílias	Localidades
AEL - MG	15.886	180
AEL - BA	8.194	81
Total	24.080	261

Fonte: Ecology Brasil, 2017.

O Trecho 7 possui a maior população (5.193 famílias) das quais 3.750 vivem no distrito Lagoa Velha, em Pindaí, o mais populoso de toda a AEL. Esse trecho destaca-se, também, em relação ao número de localidades (52). Os distritos da AEL tem caráter notadamente rural.

Quadro 2.2.4.3-7 - Estimativa de famílias e localidades na AEL por trecho de ocupação

AEL/ Trecho	Famílias	Localidades
Trecho 1 - Presidente Juscelino, Gouveia, Monjolos, Santo Hipólito, Augusto de Lima e Buenópolis (MG)	3.331	28
Trecho 2 - Joaquim Felício e parte sul de Bocaiúva (MG)	1.230	14
Trecho 3 - Bocaiúva, Engenheiro Navarro, Olhos D'água, Guaraciama, Glaucilândia, Juramento (MG)	3.651	30
Trecho 4 - Montes Claros, Francisco Sá, Capitão Enéas; Janaúba (MG)	3.127	45
Trecho 5 - Nova Porteirinha; Porteirinha; Pai Pedro; Catuti (MG)	1.514	15
Trecho 6 - Mato Verde; Monte Azul; Mamonas; Espinosa (MG)	3.033	48
Trecho 7 - Urandi e Pindaí (BA)	5.193	52
Trecho 8 - Candiba; Guanambi; Caetité (BA)	3.001	29
Total	24.080	261

Fonte: Ecology Brasil, 2017.

Das 261 localidades a grande maioria corresponde a povoados (227). Identificou-se, ainda, 11 distritos – Senhora da Glória e Vale Fundo (Santo Hipólito), Rodeador (Monjolos), São Norberto (Engenheiro Navarro), Engenheiro Dolabela (Bocaiuva), (Porteirinha), Pajeú (Monte Azul), Lagoa Velha (Pindaí), Pilões (Candiba), Ceraíma (Guanambi) e Morrinhos (Guanambi); 5 sedes municipais – Monjolos, Santo Hipólito, Engenheiro Navarro, Juramento e Catuti; 5 Projetos de Assentamentos; 1 bairro; 1 chacreamento, 1 Comunidade Quilombola; 1 loteamento; 2 vilas, além de fazendas.

Os povoados São Geraldo (Francisco Sá), Curimataí (Buenópolis), Vila Cristino (Mato Verde), Pedreira (Mato Verde), Alto Belo (Bocaiuva), Riacho dos Carneiros (Francisco Sá) e Pirajá (Caetité) chamam atenção pelos números expressivos de famílias vivendo em suas áreas. Há 400 em São Geraldo, 350 em Curimataí, 280 em Vila Cristino e Pedreira e 200 em Alto Belo, Riacho dos Carneiros e Pirajá.

Na Comunidade Quilombola Vila Nova dos Poções, em Janaúba, vivem 750 famílias. Na Vila Alexandre Mascarenhas (Gouveia) há 400 famílias.

O **Quadro 2.2.4.3-8** apresenta as informações de estimativa populacional por localidade da AEL, localização georreferenciada de cada uma, distância, quilometragem da LT, lote e a margem em relação à diretriz do traçado.

Quadro 2.2.4.3-8 - Localidades e estimativa de população na Área de Estudo Local (AEL)

UF	Município	Localidade	Tipo	Nº de Famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	Margem LT	E (UTM 23S)	N (UTM 23S)
MG	Presidente Juscelino	Serra do Gonçalves	Povoado	21	326,9	1,4	14	Esquerdo	590714	7939096
MG	Presidente Juscelino	Retiro da Gameleira	Povoado	10	320,4	0,3	14	Esquerdo	589361	7945797
MG	Monjolos	Rodeador	Distrito	600	282,0	2,1	16	Direito	599212	7977758
MG	Monjolos	Monjolos	Sede Municipal	425	284,4	3,3	16	Esquerdo	594486	7974217
MG	Monjolos	Quebra Pé	Distrito	73	292,5	1,3	16	Direito	600426	7967073
MG	Monjolos	Tamburiu/ Fazenda Passageiro	Povoado	38	299,6	4,3	14	Direito	590812	7967636
MG	Gouveia	Mangabeiras	Povoado	10	312,0	1,7	16	Direito	600930	7947152
MG	Gouveia	Fazenda Estaboca	Povoado	3	316,0	3,9	16	Direito	599878	7942017
MG	Gouveia	Alexandre Mascarenhas	Vila	400	322,1	5,7	16	Direito	601290	7939358
MG	Santo Hipólito	Santo Hipólito	Sede Municipal	680	287,9	1,6	14	Esquerdo	582559	7977774
MG	Santo Hipólito	Vale Fundo	Distrito	30	302,3	0,9	16	Direito	601222	7957161
MG	Santo Hipólito	Santa Cruz	Povoado	10	308,3	2,9	16	Esquerdo	597515	7951966
MG	Santo Hipólito	Senhora da Glória	Distrito	96	306,9	0,8	14	Esquerdo	587488	7959263
MG	Santo Hipólito	Caquende	Povoado	72	301,6	0,9	14	Direito	588063	7964672
MG	Augusto de Lima	Conceição de Teixeira/Saúde	Povoado	91	247,7	1,6	16	Direito	598685	8011022
MG	Augusto de Lima	Santa Bárbara	Vila	50	251,6	1,8	16	Direito	598342	8007143
MG	Augusto de Lima	Mangal	Povoado	10	257,1	1,6	16	Esquerdo	594643	8001886
MG	Augusto de Lima	Cafundó	Povoado	15	280,9	3,8	14	Direito	588005	7984696
MG	Augusto de Lima	Cafundó dos Currais	Povoado	33	278,4	3,4	14	Direito	587632	7986865
MG	Augusto de Lima	Sumidouro	Povoado	20	272,8	1,6	14	Direito	586395	7992675
MG	Augusto de Lima	Poções	Povoado	50	271,0	0,8	14	Direito	585977	7994300
MG	Augusto de Lima	Alto Mangabeira	Povoado	4	270,5	3,6	14	Direito	588816	7993947
MG	Augusto de Lima	Malhada Alta	Povoado	35	271,0	1,3	14	Esquerdo	583944	7994977

UF	Município	Localidade	Tipo	Nº de Famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	Margem LT	E (UTM 23S)	N (UTM 23S)
MG	Augusto de Lima	Mocambo	Povoado	30	263,4	4,7	14	Esquerdo	582979	8003225
MG	Buenópolis	Venturino	Povoado	15	227,1	0,8	16	Esquerdo	604275	8030144
MG	Buenópolis	Curimataí	Povoado	350	231,5	6,9	16	Direito	610385	8023777
MG	Buenópolis	Pé de Serra	Povoado	60	222,1	7,4	16	Direito	613484	8032626
MG	Buenópolis	Salobo	Povoado	100	245,1	2,2	16	Esquerdo	595254	8014169
MG	Joaquim Felício	Fazenda Bhavnagar	Fazenda	9	196,0	0,4	14	Direito	601423	8066830
MG	Joaquim Felício	P.A. Betinho - Riachinho	Projeto de Assentamento	70	195,3	1,1	14	Esquerdo	600294	8068297
MG	Joaquim Felício	Barreiro Grande/Fazenda Ribeirão	Povoado	15	207,9	3,3	14	Direito	604176	8055108
MG	Joaquim Felício	Picadinha	Povoado	36	214,1	1,1	14	Esquerdo	597313	8049944
MG	Joaquim Felício	P.A. Final Feliz - Catoni Sede	Projeto de Assentamento	106	216,7	1,9	14	Esquerdo	595511	8047842
MG	Joaquim Felício	Vaca Brava / Barreirinhos	Povoado	16	209,5	4,6	16	Esquerdo	605337	8048003
MG	Joaquim Felício	Lagoinha	Povoado	14	221,8	0,6	14	Esquerdo	594547	8042517
MG	Bocaiúva	P.A. Betinho - Barragem do Bambu	Projeto de Assentamento	68	188,3	0,4	14	Direito	605849	8072862
MG	Bocaiúva	P.A. Betinho - Triunfo	Projeto de Assentamento	46	192,2	0,2	14	Esquerdo	602992	8070007
MG	Bocaiúva	P.A. Betinho - Poço do Bento	Projeto de Assentamento	102	189,9	4,7	16	Esquerdo	609180	8068731
MG	Bocaiúva	Engenheiro Dolabela	Distrito	606	191,8	2,4	14	Direito	605237	8068682
MG	Bocaiúva	P.A. Betinho - Angico	Projeto de Assentamento	80	193,0	3,1	14	Direito	604974	8067283
MG	Bocaiúva	P.A. Betinho - Lagoa Grande	Projeto de Assentamento	42	196,0	0,6	16	Esquerdo	610384	8060180
MG	Bocaiúva	P.A. Betinho - Barragem da Caatinga	Projeto de Assentamento	20	198,8	5,0	16	Direito	616048	8057500
MG	Bocaiúva	P.A. Professor Mazan	Projeto de Assentamento	18	139,8	2,5	16	Esquerdo	628915	8110996
MG	Bocaiúva	Camilo Prates	Povoado	60	135,5	1,1	16	Esquerdo	631858	8115270
MG	Bocaiúva	Curral de Vara	Povoado	30	135,5	1,1	16	Esquerdo	631858	8115270
MG	Bocaiúva	Santa Cruz	Povoado	30	132,7	2,9	14	Direito	627854	8121437
MG	Bocaiúva	Alto Belo	Povoado	200	123,9	5,1	16	Esquerdo	634540	8127300

Coordenador:

Técnico:

UF	Município	Localidade	Tipo	Nº de Famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	Margem LT	E (UTM 23S)	N (UTM 23S)
MG	Bocaiúva	Catarina	Povoado	80	136,8	1,7	14	Esquerdo	621784	8120269
MG	Bocaiúva	Lalau e Morro Alto	Povoado	80	143,3	1,0	14	Esquerdo	618711	8114710
MG	Bocaiúva	Taboquinha II e Fazenda Córrego Fundo	Povoado	10	147,2	0,8	16	Direito	631315	8103348
MG	Bocaiúva	Cabeceira de Poções	Povoado	15	151,1	1,9	16	Direito	631360	8099061
MG	Bocaiúva	Vaquejada	Povoado	100	149,1	4,3	16	Direito	634313	8100643
MG	Bocaiúva	Fazenda Bahia	Povoado	114	149,7	5,9	16	Direito	635573	8099210
MG	Bocaiúva	Poções	Povoado	15	151,2	2,6	16	Esquerdo	627092	8100330
MG	Bocaiúva	Imbé, Morros, Taboas e Garrotes	Povoado	20	158,7	0,2	14	Direito	615984	8099300
MG	Bocaiúva	Torquato Leite e Taboa	Povoado	30	160,0	5,6	14	Direito	621175	8097231
MG	Bocaiúva	Roça Velha	Povoado	40	164,2	4,4	14	Direito	619584	8093508
MG	Bocaiúva	Nova Dolabela	Bairro	150	185,0	1,2	14	Esquerdo	605567	8076543
MG	Engenheiro Navarro	Campo Limpo	Povoado	50	163,8	3,9	14	Direito	619110	8093922
MG	Engenheiro Navarro	São Norberto	Distrito	200	171,8	3,2	14	Direito	617883	8086014
MG	Engenheiro Navarro	Engenheiro Navarro	Sede Municipal	1400	169,7	3,2	14	Esquerdo	611570	8088575
MG	Engenheiro Navarro	Limoeiro	Povoado	10	170,7	1,0	14	Esquerdo	613724	8087395
MG	Engenheiro Navarro	P.A. Elói Ferreira	Projeto de Assentamento	38	167,8	4,2	14	Esquerdo	610788	8090569
MG	Engenheiro Navarro	Tirirical	Povoado	60	176,1	1,1	14	Esquerdo	611223	8083787
MG	Guaraciama	Rio Félix I	Povoado	20	125,8	1,0	16	Direito	638690	8122470
MG	Guaraciama	Rio Félix II	Povoado	10	126,1	1,3	16	Direito	638789	8122081
MG	Glaucilândia	Tabocal I	Povoado	61	114,6	0,4	16	Esquerdo	643955	8132325
MG	Glaucilândia	Tabocal II	Povoado		115,4	1,9	16	Direito	645244	8130151
MG	Juramento	Campo Grande	Povoado	16	106,3	0,8	16	Esquerdo	647910	8139651
MG	Juramento	Maquiné	Povoado	6	106,3	0,8	16	Esquerdo	647910	8139651
MG	Juramento	Saracura, Lambari, Prata e Tira Chapéus	Povoado	100	103,5	0,2	16	Esquerdo	648737	8141947

UF	Município	Localidade	Tipo	Nº de Famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	Margem LT	E (UTM 23S)	N (UTM 23S)
MG	Juramento	Juramento	Sede Municipal	688	107,2	2,6	16	Direito	650415	8137231
MG	Montes Claros	Mandacaru	Povoado	50	112,5	6,0	14	Direito	638306	8140412
MG	Montes Claros	Rio Verde	Povoado	120	95,1	1,0	14	Esquerdo	636879	8158155
MG	Montes Claros	Barrocãozinho e Estrela	Povoado	60	96,2	3,2	14	Esquerdo	634420	8157517
MG	Montes Claros	Fazenda Brejinho e Laranjal	Povoado	50	105,8	0,8	14	Esquerdo	633499	8148153
MG	Montes Claros	Ponta do Morro	Povoado	40	107,8	1,0	14	Esquerdo	632777	8146347
MG	Montes Claros	Fazenda Borá	Povoado	30	111,5	1,3	14	Esquerdo	631334	8142761
MG	Montes Claros	Pau Gonçalo	Povoado	10	111,5	1,3	14	Esquerdo	631334	8142761
MG	Montes Claros	Me Livre	Povoado	40	111,5	1,3	14	Esquerdo	631334	8142761
MG	Montes Claros	Chacreamento Alphaville	Chacreamento	20	111,5	1,3	14	Esquerdo	631334	8142761
MG	Montes Claros	Comunidade Rural Hollywood	Povoado	10	111,3	0,9	14	Direito	633475	8142492
MG	Montes Claros	Mimoso	Povoado	50	111,8	1,6	14	Direito	634146	8141859
MG	Francisco Sá	Belvedere	Loteamento	300	87,4	3,4	14	Direito	643595	8163656
MG	Francisco Sá	P.A. Serrador	Projeto de Assentamento	30	70,0	0,2	16	Esquerdo	655651	8174637
MG	Francisco Sá	Fazenda São Paulinho	Povoado	20	74,4	1,6	16	Esquerdo	653286	8170758
MG	Francisco Sá	Quilombinho e Povoado Vaca Brava	Povoado	14	80,0	0,7	16	Direito	653984	8164760
MG	Francisco Sá	Fazenda Serafim e Fazenda Aroeira	Povoado	10	87,2	1,6	16	Esquerdo	649851	8158427
MG	Francisco Sá	P.A. Serafim	Projeto de Assentamento	20	86,1	5,7	16	Esquerdo	646205	8160575
MG	Francisco Sá	Coqueirinho	Povoado	15	57,3	4,1	16	Esquerdo	655995	8188101
MG	Francisco Sá	Junco	Povoado	15	56,0	4,5	16	Esquerdo	655939	8189338
MG	Francisco Sá	Baixa Fria	Povoado	180	49,8	4,0	16	Esquerdo	658398	8195008
MG	Francisco Sá	Barreira do Totó	Povoado	15	47,1	1,6	16	Esquerdo	661628	8196806

Coordenador:

Técnico:

UF	Município	Localidade	Tipo	Nº de Famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	Margem LT	E (UTM 23S)	N (UTM 23S)
MG	Francisco Sá	Furado Dantas	Povoado	15	45,5	3,9	16	Esquerdo	660127	8199173
MG	Francisco Sá	Córrego do Charquinho	Povoado	15	43,9	1,8	16	Esquerdo	662661	8199880
MG	Francisco Sá	Riacho dos Carneiros	Povoado	15	66,5	0,2	14	Esquerdo	645304	8185009
MG	Francisco Sá	Lagoa Nova/Baixa do Feijão	Povoado	200	60,3	0,2	14	Esquerdo	645691	8191250
MG	Francisco Sá	Bengo	Povoado	Não informado	52,9	0,0	14	Esquerdo	648688	8197787
MG	Francisco Sá	São Geraldo	Povoado	4	24,6	4,7	14	Direito	666511	8218373
MG	Francisco Sá	Boa Esperança	Povoado	400	34,0	0,0	14	Direito	657839	8213798
MG	Francisco Sá	Jacarã II	Povoado	50	40,8	1,0	14	Esquerdo	653987	8208639
MG	Francisco Sá	Boa Sorte	Povoado	4	48,0	1,3	14	Direito	651485	8201533
MG	Francisco Sá	Matos	Povoado	20	55,0	5,6	14	Direito	653843	8193517
MG	Francisco Sá	Arrozi	Povoado	6	57,6	0,4	16	Esquerdo	659292	8186518
MG	Francisco Sá	Traçadal	Povoado	30	57,0	1,8	16	Direito	661565	8186299
MG	Janaúba	Poço de Santa Cruz	Povoado	60	238,3	1,7	15	Direito	686028	8242306
MG	Janaúba	Taquaril	Povoado	120	236,1	1,9	15	Direito	688721	8243591
MG	Janaúba	Jataí	Povoado	19	242,4	0,8	15	Esquerdo	681263	8242467
MG	Janaúba	Tirafogo	Povoado	30	239,3	0,4	14	Direito	674192	8250362
MG	Janaúba	Pedra Preta	Povoado	30	241,2	2,5	14	Direito	676838	8249351
MG	Janaúba	José Faustino	Povoado	32	236,9	0,3	14	Esquerdo	672770	8252353
MG	Janaúba	Mundo Novo	Povoado	20	230,5	0,8	14	Direito	674659	8258723
MG	Janaúba	Pajeú II	Povoado	55	226,1	1,0	14	Direito	675503	8262983
MG	Janaúba	Baixa da Colônia	Povoado	30	248,2	0,2	14	Direito	677334	8242197

UF	Município	Localidade	Tipo	Nº de Famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	Margem LT	E (UTM 23S)	N (UTM 23S)
MG	Janaúba	Vila Nova dos Poções	Comunidade Quilombola	750	215,3	1,0	14	Direito	681738	8269835
MG	Janaúba	Quem Quem	Povoado	50	25,2	0,6	14	Esquerdo	662036	8221374
MG	Janaúba	Barroquinha	Povoado	73	13,7	1,5	16	Esquerdo	673297	8227795
MG	Nova Porteirinha	Gorutuba/Ilha de Getúlio	Povoado	Não informado	214,7	2,3	14	Direito	682679	8268690
MG	Nova Porteirinha	Paraguaçu	Povoado	100	212,6	0,5	14	Direito	684223	8271032
MG	Porteirinha	Canabrava	Povoado	8	226,5	1,2	15	Direito	690282	8253529
MG	Porteirinha	Barreiro Dantas	Povoado	70	210,8	1,6	15	Direito	701858	8262628
MG	Porteirinha	Mulungu	Distrito	100	210,7	1,4	15	Direito	701772	8262867
MG	Porteirinha	Água Branca	Povoado	50	204,5	2,0	15	Direito	706425	8267138
MG	Porteirinha	Furada da Roda	Povoado	12	199,3	0,2	15	Direito	709170	8271949
MG	Porteirinha	Baixa do Barreiro	Povoado	12	200,1	1,0	15	Esquerdo	707793	8272315
MG	Porteirinha	Furado Grande	Povoado	15	186,7	2,2	15	Direito	720169	8279095
MG	Porteirinha	Vila Caxingó	Povoado	15	191,7	2,8	15	Direito	716334	8274452
MG	Porteirinha	Lagoinha	Povoado	100	184,6	0,4	15	Esquerdo	718811	8282311
MG	Catuti	Catuti	Sede Municipal	902	166,8	0,7	14	Direito	717790	8301524
MG	Pai Pedro	Salinas	Povoado	100	183,7	2,3	14	Esquerdo	704768	8290400
MG	Pai Pedro	Miranto	Povoado	15	198,8	2,6	15	Esquerdo	707654	8274355
MG	Pai Pedro	Atrás dos Morros	Povoado	15	181,1	0,1	15	Direito	720121	8285589
MG	Mato Verde	Ferraz	Povoado	8	171,3	0,3	14	Esquerdo	714158	8298675
MG	Mato Verde	Volta do Morro	Povoado	53	175,5	0,8	15	Direito	722412	8290582
MG	Mato Verde	Barra	Povoado	50	162,9	1,1	15	Esquerdo	724041	8302648

Coordenador:

Técnico:

UF	Município	Localidade	Tipo	Nº de Famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	Margem LT	E (UTM 23S)	N (UTM 23S)
MG	Mato Verde	Vila Cristino	Povoado	280	169,6	0,9	15	Direito	724875	8295947
MG	Mato Verde	Fazenda da Barra	Povoado	6	165,3	0,5	15	Direito	725642	8300315
MG	Mato Verde	Cristino I	Povoado	50	171,9	0,8	15	Esquerdo	722357	8294571
MG	Mato Verde	Pedreira	Povoado	280	159,8	0,6	15	Esquerdo	724909	8306075
MG	Monte Azul	Barreiro Grande	Povoado	50	142,5	1,7	14	Esquerdo	722315	8323732
MG	Monte Azul	Rio Abaixo	Povoado	16	140,1	1,9	14	Esquerdo	721908	8326427
MG	Monte Azul	Barreiro do Mato	Povoado	20	136,7	2,3	14	Esquerdo	721420	8329781
MG	Monte Azul	Vila Angical	Povoado	20	140,8	0,3	15	Direito	731973	8323339
MG	Monte Azul	Riacho Seco	Povoado	25	145,4	1,0	15	Esquerdo	729275	8319548
MG	Monte Azul	Pajeú de Cima	Povoado	50	152,9	0,4	15	Direito	727682	8312147
MG	Monte Azul	Pajeú	Distrito	417	156,0	0,6	15	Esquerdo	726157	8309266
MG	Monte Azul	Bicas	Povoado	30	156,0	2,1	14	Direito	724401	8310338
MG	Monte Azul	Lagoa Comprida	Povoado	30	159,2	1,1	14	Esquerdo	720021	8309191
MG	Monte Azul	Landinho	Povoado	50	159,2	4,3	14	Esquerdo	717245	8310885
MG	Monte Azul	Ramalhudo	Povoado	60	163,0	0,4	14	Direito	719444	8305123
MG	Monte Azul	Riacho Quente	Povoado	30	158,8	2,0	15	Direito	727663	8305466
MG	Monte Azul	Junco	Povoado	30	159,2	0,9	15	Direito	726559	8305744
MG	Monte Azul	Rebentão	Povoado	75	153,8	1,2	14	Direito	724757	8312692
MG	Monte Azul	Lagoinha	Povoado	50	150,3	0,5	14	Direito	725688	8316255
MG	Monte Azul	Barreiro da Cruz	Povoado	100	138,1	1,9	14	Esquerdo	721875	8328453
MG	Monte Azul	Baixão	Povoado	50	135,5	0,4	15	Direito	733869	8328209

UF	Município	Localidade	Tipo	Nº de Famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	Margem LT	E (UTM 23S)	N (UTM 23S)
MG	Monte Azul	Capoeira Grande	Povoado	50	132,1	0,3	15	Esquerdo	734671	8331629
MG	Monte Azul	Picada	Povoado	8	155,5	0,1	14	Direito	722888	8311752
MG	Monte Azul	Tabuleiro	Povoado	35	134,8	0,8	15	Esquerdo	733111	8329399
MG	Mamonas	Urubu	Povoado	10	124,3	0,9	14	Esquerdo	726638	8341734
MG	Mamonas	Mimoso	Povoado	70	124,4	0,2	14	Esquerdo	727327	8341467
MG	Espinosa	São Pedro	Povoado	50	130,0	1,3	15	Esquerdo	734674	8333974
MG	Espinosa	Barro Vermelho	Povoado	50	124,6	0,5	15	Direito	738899	8337832
MG	Espinosa	Lagoinha	Povoado	50	123,6	0,4	15	Direito	739338	8338667
MG	Espinosa	Santo Antonio	Povoado	50	118,1	2,1	15	Esquerdo	740468	8344683
MG	Espinosa	Várzea da Pedra	Povoado	60	112,6	1,4	15	Esquerdo	744754	8348466
MG	Espinosa	Canabrava	Povoado	60	110,1	0,4	15	Direito	747781	8349104
MG	Espinosa	Raposa do Rio Verde	Povoado	12	108,5	1,1	15	Esquerdo	747811	8351303
MG	Espinosa	Lagoa do Morro	Povoado	15	109,6	2,7	15	Esquerdo	745838	8351628
MG	Espinosa	Lagoa da Tapera	Povoado	15	105,7	0,0	14	Esquerdo	738288	8355310
MG	Espinosa	Sussuarana	Povoado	180	110,2	2,3	14	Direito	735525	8351041
MG	Espinosa	Serrinha	Povoado	180	109,0	2,1	14	Esquerdo	734368	8355432
MG	Espinosa	Lagoa da Romana	Povoado	13	109,5	1,5	14	Esquerdo	734287	8354653
MG	Espinosa	Poços	Povoado	15	111,2	0,7	14	Esquerdo	733219	8353138
MG	Espinosa	Barreiro Dantas	Povoado	15	113,9	0,6	14	Esquerdo	730905	8351695
MG	Espinosa	Paus Pretos	Povoado	15	116,9	0,4	14	Direito	730345	8348360
MG	Espinosa	Havana	Povoado	10	117,9	0,1	14	Esquerdo	729564	8347503

Coordenador:

Técnico:

UF	Município	Localidade	Tipo	Nº de Famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	Margem LT	E (UTM 23S)	N (UTM 23S)
MG	Espinosa	Santa Marta	Povoado	70	102,4	0,3	14	Direito	741019	8357133
MG	Espinosa	Lagoa do Marruais	Povoado	130	105,8	1,2	14	Direito	738714	8354227
MG	Espinosa	Dourados	Povoado	40	129,1	0,8	14	Direito	726086	8336988
BA	Urandi	Rio Verde	Povoado	12	101,8	0,1	14	Esquerdo	740907	8357911
BA	Urandi	Pedra Aguda	Povoado	30	93,0	0,9	14	Direito	744572	8366339
BA	Urandi	Caldeirão	Povoado	13	90,0	1,3	14	Esquerdo	742010	8368982
BA	Urandi	Canavista	Povoado	4	88,7	0,2	14	Esquerdo	742938	8370477
BA	Urandi	Cachoeira	Povoado	10	88,4	0,9	14	Direito	743968	8370873
BA	Urandi	Agreste/Fazenda Boa Esperança	Povoado	40	86,6	0,3	14	Direito	743074	8372583
BA	Urandi	Tiririca	Povoado	40	85,9	2,2	14	Direito	745070	8373038
BA	Urandi	Cubículo	Povoado	20	84,9	0,3	14	Esquerdo	742668	8374245
BA	Urandi	Fazenda Entre Morros	Povoado	17	80,3	1,3	14	Esquerdo	741468	8378748
BA	Urandi	Poço Bom	Povoado	15	79,0	2,1	14	Direito	744801	8380269
BA	Urandi	Quixabá	Povoado	10	75,2	1,8	15	Esquerdo	751348	8381093
BA	Urandi	Fazenda Boa Sorte	Povoado	30	75,5	0,4	15	Esquerdo	752776	8380835
BA	Urandi	Riachão	Povoado	25	75,0	1,2	15	Esquerdo	751954	8381274
BA	Urandi	Casa Nova	Povoado	3	81,0	1,9	15	Esquerdo	751593	8375107
BA	Urandi	Fazenda Barra do Mulungu	Povoado	35	80,9	0,6	15	Direito	754056	8375448
BA	Urandi	Lagoinha	Povoado	5	86,2	1,7	15	Esquerdo	752814	8369459
BA	Urandi	Feijão Preto	Povoado	5	85,9	0,7	15	Esquerdo	753551	8370223
BA	Urandi	Fazenda Olho D'Água	Povoado	10	95,1	2,4	15	Esquerdo	753114	8363486
BA	Urandi	Salinas	Povoado	104	98,6	0,9	15	Direito	753991	8358768

UF	Município	Localidade	Tipo	Nº de Famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	Margem LT	E (UTM 23S)	N (UTM 23S)
BA	Urandi	Barra da Varginha	Povoado	10	101,8	0,8	15	Esquerdo	751061	8356801
BA	Urandi	Fazenda Ladeira Grande	Povoado	11	101,9	0,3	15	Esquerdo	751449	8356454
BA	Urandi	Fazenda Grama	Povoado	6	104,7	0,5	15	Direito	750979	8353531
BA	Urandi	Mata Veado	Povoado	10	78,1	4,0	15	Esquerdo	749147	8377788
BA	Urandi	Fazenda Lagedinho	Povoado	8	75,8	0,9	14	Esquerdo	741625	8383249
BA	Urandi	Fazenda Agua Verde	Povoado	30	70,6	1,0	15	Esquerdo	752285	8385754
BA	Urandi	Fazenda Bananeira	Povoado	4	97,2	0,5	15	Esquerdo	753599	8360737
BA	Pindaí	Fazenda Tataíra	Povoado	80	67,3	1,6	15	Esquerdo	751584	8388920
BA	Pindaí	Morro do Macaco	Povoado	18	65,1	0,8	15	Esquerdo	752301	8391070
BA	Pindaí	Pesqueiro I e II	Povoado	20	64,2	0,4	15	Esquerdo	752627	8391986
BA	Pindaí	Lagoinha	Povoado	20	61,0	1,5	15	Direito	753986	8395450
BA	Pindaí	Lagoa de Dominginhos	Povoado	50	60,0	0,4	15	Esquerdo	751955	8396154
BA	Pindaí	Fazenda Jacu	Povoado	50	60,4	2,6	15	Esquerdo	749836	8395418
BA	Pindaí	Pau de Colher	Povoado	50	65,9	1,1	14	Esquerdo	740624	8393044
BA	Pindaí	Paus Pretos	Povoado	90	66,2	2,5	14	Esquerdo	739285	8392584
BA	Pindaí	Lagoa do Curral	Povoado	23	67,7	2,2	14	Direito	744129	8391606
BA	Pindaí	Morrinhos	Povoado	50	71,0	1,8	14	Direito	743993	8388173
BA	Pindaí	Fazenda Caraíbas	Povoado	3	71,2	0,3	14	Esquerdo	741990	8387874
BA	Pindaí	Morro da Barra	Povoado	1	38,5	0,2	15	Direito	755843	8416612
BA	Pindaí	Lagoa Dantas	Povoado	6	40,0	0,8	15	Esquerdo	754219	8415698
BA	Pindaí	Lagoa Velha	Distrito	3750	42,2	0,4	15	Direito	754416	8413200

Coordenador:

Técnico:

UF	Município	Localidade	Tipo	Nº de Famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	Margem LT	E (UTM 23S)	N (UTM 23S)
BA	Pindaí	Olho D'água	Povoado	3	46,6	0,7	15	Direito	752763	8409122
BA	Pindaí	Tanque	Povoado	150	48,5	2,2	15	Esquerdo	749459	8407796
BA	Pindaí	Lagoa do Arroz	Povoado	20	51,3	1,2	15	Esquerdo	750546	8404636
BA	Pindaí	Fazenda Morrinhos	Povoado	18	59,1	1,9	14	Direito	743432	8399402
BA	Pindaí	Salinas	Povoado	15	60,0	2,2	14	Esquerdo	739305	8399548
BA	Pindaí	Recreio	Povoado	10	62,2	0,1	14	Esquerdo	741195	8396888
BA	Pindaí	Morro do Pindaí	Povoado	105	57,4	1,0	15	Esquerdo	751215	8398812
BA	Pindaí	Mato Grosso	Povoado	50	52,5	0,3	15	Esquerdo	751642	8403576
BA	Pindaí	Furado Fundo	Povoado	48	62,5	1,6	15	Esquerdo	751158	8393476
BA	Pindaí	Fazenda Cajueiro	Povoado	8	61,4	0,1	14	Direito	741392	8397618
BA	Pindaí	Limeira	Povoado	8	44,7	0,0	15	Esquerdo	752957	8411118
BA	Pindaí	Pedra Ladeira	Povoado	40	54,5	1,7	15	Esquerdo	750556	8401724
BA	Candiba	Gameleiras	Povoado	60	45,1	0,3	14	Esquerdo	742119	8413574
BA	Candiba	Pilões	Distrito	500	49,8	1,8	14	Esquerdo	740822	8409609
BA	Candiba	Fazenda Tanquinho	Povoado	60	55,0	0,3	14	Direito	742492	8403954
BA	Candiba	Fazenda Dourados	Povoado	50	54,5	1,5	14	Esquerdo	740698	8404368
BA	Candiba	Fazenda Morrinhos II	Povoado	5	57,4	1,9	14	Direito	743924	8401036
BA	Candiba	Fazenda Caco	Povoado	80	57,7	0,5	14	Esquerdo	741500	8401420
BA	Candiba	Pinheiros	Povoado	40	44,0	0,8	14	Esquerdo	741350	8414516
BA	Candiba	Dourado	Povoado	50	53,3	0,0	14	Direito	742195	8405624
BA	Guanambi	Fazenda Tambori	Povoado	3	18,8	1,5	14	Direito	753879	8435706

UF	Município	Localidade	Tipo	Nº de Famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	Margem LT	E (UTM 23S)	N (UTM 23S)
BA	Guanambi	Curral de Varas	Povoado	100	21,2	1,9	15	Esquerdo	755507	8432422
BA	Guanambi	Jurema Barbosa	Povoado	40	22,6	2,4	15	Esquerdo	755269	8430998
BA	Guanambi	Lagoa da Pedra de João Cotrim	Povoado	48	22,5	2,4	15	Esquerdo	755283	8431060
BA	Guanambi	Buraquinho	Povoado	40	25,7	0,4	15	Esquerdo	758311	8428428
BA	Guanambi	Ceraíma	Distrito	400	37,4	1,5	14	Direito	746647	8419504
BA	Guanambi	Fazenda Lagoa Suja	Povoado	20	19,6	1,4	14	Direito	753272	8435160
BA	Guanambi	Fazenda Lagoa da Pedra	Povoado	15	20,5	1,3	14	Direito	752656	8434556
BA	Guanambi	Sítio dos Gatos	Povoado	10	22,1	0,5	14	Esquerdo	750208	8434206
BA	Guanambi	Barro Vermelho	Povoado	9	26,9	1,0	15	Esquerdo	758216	8426986
BA	Guanambi	Invernada	Povoado	30	28,6	0,4	15	Direito	759835	8425774
BA	Guanambi	Rio Grande	Povoado	30	29,9	0,9	15	Direito	759965	8424346
BA	Guanambi	Morrinhos	Distrito	1000	30,0	1,9	15	Esquerdo	757288	8424956
BA	Guanambi	Sítio Novo	Povoado	60	34,3	0,9	15	Esquerdo	756628	8420910
BA	Guanambi	Malhada do Canto	Povoado	20	42,3	1,5	14	Esquerdo	740759	8416776
BA	Guanambi	Fazenda Barra Arrancada	Povoado	6	36,3	0,0	15	Esquerdo	756535	8418720
BA	Guanambi	Posto do Pega	Povoado	5	31,0	1,3	14	Esquerdo	747044	8426324
BA	Guanambi	Fazenda Morrinhos	Povoado	20	30,0	1,9	15	Esquerdo	757288	8424956
BA	Caetité	Fazenda Gado Bravo	Povoado	50	13,3	2,1	15	Direito	760526	8440766
BA	Caetité	Fazenda Vereda do Cercado	Povoado	50	16,3	1,2	14	Esquerdo	753429	8439386
BA	Caetité	Pirajá	Povoado	200	10,2	0,0	15	Direito	758003	8443530

Fonte: Ecology Brasil, 2017

Coordenador:

Técnico:

2.2.4.3.5 - Fluxos Migratórios e Deslocamentos na AEL

Quatro fenômenos referentes à fluxos migratórios e deslocamentos regionais/locais foram identificados na Área de Estudo Local:

- Campo-cidade: decorre da maior oferta de serviços e oportunidades de trabalho no centro urbano. Os jovens das áreas rurais, após concluírem os estudos, deslocam-se para as sedes municipais de seus povoados em busca de empregos no setor de serviços e comércio regional.
- Sazonal: geralmente constituído pelo público mais jovem que passa meses trabalhando no corte da cana e colheita da laranja no interior de São Paulo ou no cultivo do café no sul de Minas Gerais e Paraná.
- Pendular: deslocamento diário de trabalhadores rurais para fazendas e/ou centros urbanos; e o deslocamento de estudantes dos povoados e vilas nas áreas rurais para os polos locais e/ou regionais, onde se concentram as escolas.
- Ecoturismo e turismo histórico: fluxo de visitantes nas localidades onde há cachoeiras, por onde passa a Estrada Real e nas áreas que abrigam patrimônios histórico e culturais, gerando população flutuante nos finais de semana e temporadas.

No Trecho 1, nos municípios de Buenópolis, Augusto de Lima, Monjolos, Santo Hipólito, Gouveia, Presidente Juscelino, o deslocamento diário dos estudantes dos povoados situados nas zonas rurais em direção às sedes municipais é uma realidade. Em Buenópolis, onde parte dos povoados rurais localiza-se no sopé da serra do Espinhaço, os Povoados Pé de Serra e Curimataí, polos locais, recebem alunos dos povoados do entorno. Em relação ao deslocamento diário dos trabalhadores, nas sedes municipais de Monjolos e Santo Hipólito, existem moradores que trabalham no centro de Corinto. O deslocamento se dá pela rodovia MG-220, asfaltada e em boas condições de uso. O ecoturismo no Circuito das Águas na Serra do Cabral gera população flutuante aos finais de semana, feriados e férias escolares nos municípios de Buenópolis e Augusto de Lima, incrementando a economia, com a ocupação de hotéis e resorts locais. Já nas localidades Curimataí (Buenópolis), Senhora da Glória (Santo Hipólito) e nos centros de Santo Hipólito e Monjolos, o turismo em torno do rio das Velhas e das cachoeiras da Serra do Espinhaço, casas tombadas, igrejas e a Estrada Real (caminho dos diamantes), também gera uma população flutuante nos períodos do final de semana e veraneio nestes locais.

No Trecho 2, no município de Bocaiúva, uma grande parcela dos estudantes desloca-se diariamente da localidade do PA Betinho para o Distrito de Engenheiro Navarro ou para Nova Dolabela, polos que oferecem todos os segmentos escolares ao público. No PA Betinho parte dos assentados trabalha com diárias nas fazendas tanto de Bocaiúva quanto nas de Joaquim Felício. No que se refere aos assentados do PA Final Feliz, em Joaquim Felício, segundo os relatos, parte dos jovens após concluir o ensino médio, muda para a metrópole de Belo Horizonte em busca de oportunidades de emprego e/ou de formação superior. Na fazenda Bavhnagar os 30 trabalhadores que nela residem e trabalham com carteira assinada mudaram-se do distrito de Engenheiro Dolabela para a fazenda com seus familiares.

Dentre os municípios visitados nos trechos 3 e 4 identificou-se um fluxo migratório em direção aos municípios de Montes Claros e Belo Horizonte. Constatou-se uma tendência de saída dos moradores das localidades visitadas tanto em direção às grandes cidades, quanto aos polos regionais que oferecem melhores ofertas de trabalho. As localidades identificadas nos municípios desses trechos entre Francisco Sá, Montes Claros, Glaucilândia, Engenheiro Navarro, Juramento, Guaraciama e Bocaiúva, carecem de recursos, principalmente hídricos. Os jovens não querem mais trabalhar no campo e buscam em municípios de maior porte novas oportunidades de trabalho. Na maioria dos trechos, a principal atividade produtiva é a pecuária, com criação de gado de corte e leiteiro. Diferentemente da atividade agrícola, esta é uma atividade que absorve pouca mão de obra, o que faz com que o nível de desemprego no campo seja alto nesta região, resultando na saída da população, especialmente a mais jovem.

Nos municípios de Francisco Sá e Janaúba, mais especificamente nas localidades Baixa Fria, Furado Dantas e Córrego do Charquinho essa tendência de emigração se dá notadamente em razão da seca. Barreira do Totó, Riacho dos Carneiros e São Geraldo, em Francisco Sá, são localidades marcadas pela saída de pessoas para Montes Claros em busca de trabalho. Na Comunidade Quilombola de Bem Viver de Vila Nova dos Poções, também, ocorre a saída de jovens que almejam oportunidades de trabalho em cidades maiores.

Em diversas localidades do Trecho 4 houve relatos de trabalhos sazonais em outras regiões e estados, no entanto, em Junco (Francisco Sá) muitas pessoas, sobretudo pais de família, que foram para o interior de São Paulo trabalhar com o corte da cana, acabaram ficando por lá, devido as melhores ofertas de trabalho. A falta de chuva é um ponto sensível no tocante aos movimentos emigratórios em toda a extensão de Francisco Sá a Catuti.

Na maioria das localidades nos trechos 4 e 5, houve o relato de diminuição dos cultivos de alimentos, gerando uma procura por trabalhos nas cidades próximas, tanto em órgãos públicos, quanto em serviços, bem como em trabalhos sazonais, especialmente no Sul de Minas Gerais e interior de São Paulo.

A migração sazonal e focada nas regiões do interior de São Paulo, sul de Minas Gerais e Paraná para o corte da cana e colheita do café e laranja é característica, também, do Trecho 6, marcadamente nas localidades de Ferraz, Volta do Morro, Vila Cristino e Fazenda da Barra, em Mato Verde; Rebentão, Dourados, Baixão, Bicas, Picada, Ramalhudo e Riacho Quente, em Monte Azul. Já em Raposa do Rio Verde, em Espinosa, mesmo com boa parte dos produtores rurais mantendo o sustento com a produção e venda de milho e feijão nas feiras da cidade, o fluxo de pessoas, sobretudo jovens, em direção às cidades é bastante intenso.

O fenômeno da migração sazonal, também, é marcante no Trecho 7, nos municípios de Urandi e Pindaí, especialmente nas localidades de Riachão, Casa Nova, em Urandi, e Furado Fundo, Tanque, Morro do Pindaí, Pedra Ladeira e expressivamente em Mato Grosso, no município de Pindaí, que seguem os mesmos destinos citados anteriormente. No povoado Mato Grosso, a mão de obra jovem masculina quase que em sua totalidade tem a migração sazonal como única alternativa. Em Pedra Aguda (Urandi) jovens buscam emprego na cidade de São Paulo como uma maneira de driblar a seca e, assim, contribuir ou até mesmo sustentar suas famílias. Em Cachoeira e Fazenda Água Verde boa parte dos moradores estão migrando para os núcleos urbanos de Pindaí e Urandi.

No Trecho 8, nos municípios de Candiba e Caetité, também, foram relatados casos de saída de jovens das localidades em busca de trabalho e melhores condições de vida. Já no município de Guanambi, apenas, a localidade de Lagoa Dantas/Lage do Sapato que apresentou o processo migratório de jovens para a cidade. Em Barro Vermelho, apesar de os núcleos familiares tenderem a não usar suas terras como moradia, estes permanecem com as suas propriedades onde cultivam hortaliças que são vendidas nas feiras na cidade.

2.2.4.3.6 - Tendências de Crescimento Populacional

O presente estudo identificou alguns fenômenos que resultam em tendências de crescimento populacional na Área de Estudo Local (AEL), no entanto, apresentaram-se expressivos, também, os movimentos de saída das localidades, que levam a um decréscimo populacional, especialmente nos trechos em que a seca é marcante, portanto, na maior parte da AEL.

- Decréscimo populacional devido à saída de moradores das localidades em direção as áreas urbanas: em busca de melhor qualidade de vida, os jovens tendem a migrar para os centros municipais, polos locais e regionais ou para as grandes capitais, especialmente São Paulo.

Nos trechos 1 e 2 uma parcela dos jovens das áreas rurais se muda para os centros municipais e suas imediações em busca de oportunidades de trabalho no setor de serviços, principalmente o comércio.

Dentre os municípios visitados nos trechos 3 e 4 observou-se pouca tendência de crescimento populacional e econômico. As localidades identificadas nestes trechos têm como principal atividade econômica a pecuária e produção agrícola discreta de milho, feijão e mandioca, além de fruticultura irrigada e plantações de eucalipto. Com exceção da fruticultura e as plantações de eucalipto, esta produção é voltada para o consumo doméstico e venda de excedente para os mercados locais. Nestes trechos observou-se que não houve a chegada de nenhuma grande empresa nos últimos anos. Há destaque apenas para as grandes fazendas de eucalipto das empresas Manas Alens e Vallourec Tubos do Brasil S.A. Contudo, nessas áreas a colheita é feita de forma mecanizada e semimecanizada, absorvendo pouca mão de obra.

Nos trechos 3, 4, 5, 6, 7 e 8 constatou-se uma tendência de saída dos moradores das localidades visitadas tanto em direção às grandes cidades, quanto aos polos regionais que oferecem melhores ofertas de trabalho e de vida longe da seca. No município de Guanambi, Trecho 8, apenas na localidade de Lagoa Dantas/Lage do Sapato apresentou-se a existência de processo migratório de jovens para a cidade.

- Crescimento populacional devido à chegada de novos moradores em busca de uma vida mais tranquila

Tendência relatada no Trecho 6 em Pedreira (Mato Verde), Vila Angical, Pajeú de Cima (Monte Azul) e Tabuleiro (Monte Azul). Em Riacho Seco (Monte Azul) a região tem sido um atrativo para proprietários de sítios que utilizam tais territórios como fonte de lazer.

O mesmo fenômeno é verificado, também, no Trecho 7, mais especificamente, nas localidades de Fazenda Tanque e Paus Pretos, em Pindaí. Em Paus Pretos há imigração significativa de moradores de Guirapá, distrito pertencente também ao município de Pindaí.

No Trecho 8 observa-se o mesmo. Muitos moradores de Guanambi e Candiba tem buscado uma vida mais tranquila em localidades como Pilões (Candiba) e Ceraíma, Curral de Varas, Lagoa da Pedra de João Cotrim em Guanambi. Inclusive, Ceraíma é apontado como uma região com forte potencial para o turismo rural.

- Crescimento populacional devido ao movimento de retorno às origens de pessoas que se aposentaram ou que não vêem mais oportunidade nos centros urbanos de São Paulo e em atividades sazonais.

Essa tendência aparece no Trecho 4, em Taquaril, com um movimento de pessoas que voltam a residir no meio rural, mas que continuam trabalhando na cidade de Janaúba, uma vez que esta fica relativamente próxima e com um bom acesso através da Estrada do Balneário e da rodovia BR-122. A mesma situação foi relatada em Tirafogo e Baixa da Colônia. Ainda, segundo relatos dos moradores, em breve Baixa da Colônia se transformará em um núcleo urbano. Em Barreiro da Cruz (Monte Azul) no Trecho 6; Fazenda Bananeiras (Urandi); Furado Fundo, Lagoa de Dominginhos, Fazenda Jacu, Lagoa do Curral e Fazenda Morrinhos (Pindaí) no Trecho 7; e Pirajá (Caetité) no Trecho 8, ocorre o mesmo fenômeno.

- Crescimento populacional devido à tendência de chegada de pessoas de outras localidades dado o potencial agrícola

Fenômeno característico especialmente do Trecho 4, devido ao ramo da fruticultura, nas localidades de Taquaril, Tirafogo, José Faustino, Baixa da Colônia, em Janaúba. Ocorre, também, em Canabrava, localidade situada no município de Porteirinha no Trecho 5.

No Trecho 6 a localidade de Pajeú (Monte Azul) tornou-se uma área atrativa para produtores de queijo. Já em Lagoa do Marruais e Sussuarana (Espinosa) para produtores de milho, abóbora, maxixe e quiabo, graças à irrigação da Represa Barragem do Estreito. O mesmo acontece em Lagoa Velha (Pindaí), Trecho 7, e Fazenda Lagoa Suja e Morrinhos, em Guanambi, no Trecho 8.

- Crescimento vegetativo e permanência em suas localidades de origem

Fenômeno observado, apenas, no Trecho 7, nas localidades de Agreste/Fazenda Boa Esperança e Salinas, ambas situadas no município de Urandi. Mesmo com o deslocamento de mão de obra para atividades sazonais no interior de São Paulo, sul de Minas Gerais e Paraná, a maioria dos jovens nessas localidades está permanecendo e formando famílias em suas localidades de origem. O principal fator de permanência é a absorção de mão de obra pelas empresas de tecelagem, sendo a principal delas a do Grupo Sudotex, localizada em Urandi.

- Crescimento populacional devido à implantação de empreendimentos

Fenômeno observado no Trecho 5, na localidade de Paraguaçu (Nova Porteirinha) onde houve um crescimento significativo desde a década de 70, do século XX, com a chegada de pessoas que residiam em Gortuba em época anterior à construção da Barragem Bico da Pedra. Atualmente o crescimento

está estagnado e a localidade conta com aproximadamente 100 famílias. Em Barreiro Dantas (Porteirinha), também, foi percebido um crescimento do povoado, assim como em Catuti, que é atravessado pela rodovia Joaquim de Freitas e, também, por ser um polo regional das localidades do entorno.

No Trecho 8, a localidade de Pinheiros, em Candiba, continua em expansão graças à chegada do Programa Luz Para Todos.

2.2.4.3.7 - Considerações Finais

A dinâmica demográfica da Área de Estudo Regional (AER) é típica de região composta por municípios pouco populosos, com população rural considerável e dinâmica demográfica relativamente estável.

As condições de vida da população da AER, em quase todos os municípios analisados, como mostram os índices de desenvolvimento humano, são precárias no tocante ao acesso a renda e educação, embora tenha havido uma melhora considerável nos índices de 2000 para 2010.

Trata-se de municípios que, de modo geral, não exercem qualquer centralidade perante a população dos demais municípios e, portanto, dependem de deslocamento a polos regionais para acesso a bens e serviços, a não ser por Montes Claros e Guanambi.

Em toda a Área de Estudo Local (AEL) o perfil de ocupação é, predominantemente, de pequenos núcleos populacionais com perfil rural, desenvolvendo atividades basicamente voltadas para a produção agropecuária, predominantemente para o consumo das famílias.

Em parte considerável da extensão da AEL a seca é um ponto sensível, impossibilitando a provisão de meios próprios de vida, o que implica em forte dependência de programas de transferência de renda, como Bolsa Família e aposentadoria, ou na saída da população, especialmente a mais jovem, das localidades. As famílias são em sua maioria de baixa renda. Por isso, o fluxo de emigração para as cidades, do entorno e grandes capitais, mostrou-se uma realidade na Área de Estudo Local. Embora existentes, os vetores de tendências de crescimento populacional na AEL não se mostraram expressivos.

No que tange a questão da hierarquia urbana, a lógica de estabelecimento dos polos se dá em função da distância e da oferta de serviços. As localidades mais próximas onde há uma infraestrutura melhor servem de polos locais; uma vez que algo não é ofertado ali, segue-se para o polo regional mais próximo. Montes Claros, ganha destaque por ser mais bem dotado de infraestrutura de serviços, constituindo-se no único município de grande porte das Áreas de Estudo Regional e Local.

ÍNDICE

2.2.4.4 -	Infraestrutura, Serviços Públicos e Vulnerabilidades.....	1/79
2.2.4.4.1 -	Saúde Pública.....	1/79
2.2.4.4.1.1 -	Saúde na Área de Estudo Regional.....	1/79
2.2.4.4.1.1.1 -	Infraestrutura e Serviços de Saúde.....	1/79
2.2.4.4.1.1.2 -	Municípios com Canteiros de obras.....	14/79
2.2.4.4.1.1.3 -	Endemias.....	29/79
2.2.4.4.1.2 -	Saúde na Área de Estudo Local.....	38/79
2.2.4.4.1.2.1 -	Estrutura de Atendimento.....	38/79
2.2.4.4.1.3 -	Considerações Finais.....	79/79

Legendas

Quadro 2.2.4.4.1-1 - Estabelecimentos de saúde segundo o tipo nos municípios da AER – 2017	3/79
Quadro 2.2.4.4.1-2 - Número de leitos de internação segundo sua vinculação ao SUS - 2016	6/79
Quadro 2.2.4.4.1-3 - Número de leitos de internação segundo a especialidade (em%) - 2016.....	7/79
Quadro 2.2.4.4.1-4 - Número de Equipes de Saúde segundo modalidades - 2017	9/79
Quadro 2.2.4.4.1-5 - Número de profissionais de saúde segundo as ocupações de nível superior - 2017	13/79
Quadro 2.2.4.4.1-6 – Ocorrência de Acidentes por Animal Peçonhento (2011 – 2015).....	30/79
Quadro 2.2.4.4.1-7 - Casos confirmados de dengue nos últimos quatro anos disponíveis (2009-2012).....	32/79
Quadro 2.2.4.4.1-8 - Casos confirmados de hepatites virais nos últimos cinco anos disponíveis (2011-2015)	34/79
Quadro 2.2.4.4.1-9 - Casos confirmados de Leishmaniose Tegumentar Americana nos últimos cinco anos disponíveis (2011-2015).....	35/79
Quadro 2.2.4.4.1-10 - Casos confirmados de tuberculose nos últimos cinco anos disponíveis (2011-2016).....	36/79
Quadro 2.2.4.4.1-11 - Casos confirmados de sífilis congênita (2009-2013)	37/79
Figura 2.2.4.4.1-1 - Posto de Saúde de Rodeador (Monjolos)	39/79
Figura 2.2.4.4.1-2 - Centro de Saúde de Monjolos.....	39/79
Figura 2.2.4.4.1-3 - Centro de Saúde de Santo Hipólito	39/79
Figura 2.2.4.4.1-4 - Posto Médico de Cafundó dos Currais (Augusto de Lima).....	39/79
Figura 2.2.4.4.1-5 - Posto de Saúde do distrito de Quebra Pé (Monjolos).....	39/79
Figura 2.2.4.4.1-6 - Unidade Básica de Saúde de Vila Alexandre Mascarenhas (Gouveia)	39/79
Quadro 2.2.4.4.1-12 - Infraestrutura de atendimento de saúde na AEL – Trecho 1	40/79
Figura 2.2.4.4.1-7 - Unidade Básica de Saúde (UBS) do distrito de Engenheiro Dolabela, Bocaiúva	45/79
Figura 2.2.4.4.1-8 - Local onde ocorre o atendimento médico, no Assentamento Riachinho - PA Betinho.....	45/79

Quadro 2.2.4.4.1-13 - Infraestrutura de atendimento de saúde na AEL – Trecho 2.....	46/79
Figura 2.2.4.4.1-9 - Unidades Básicas de Saúde de Juramento (1) e de Alto Belo (2)	47/79
Figura 2.2.4.4.1-10 - Unidade Básica de Saúde (UBS) em São Norberto.....	47/79
Quadro 2.2.4.4.1-14 - Infraestrutura de atendimento de saúde na AEL – Trecho 3.....	48/79
Figura 2.2.4.4.1-11 - Unidade de Saúde da Família em Ponta do Morro /Mandaquaril.....	54/79
Quadro 2.2.4.4.1-15 - Infraestrutura de atendimento de saúde na AEL – Trecho 4.....	55/79
Figura 2.2.4.4.1-12 - Unidade Básica de Saúde de Mulungu – Porteirinha (MG).....	59/79
Quadro 2.2.4.4.1-16 - Infraestrutura de atendimento de saúde na AEL – Trecho 5.....	60/79
Figura 2.2.4.4.1-13 - Unidade Básica de Saúde de Vila Cristino – Mato Verde (MG)	63/79
Figura 2.2.4.4.1-14 - Unidade Básica de Saúde de Pajeú – Monte Azul (MG).....	63/79
Quadro 2.2.4.4.1-17 - Infraestrutura de atendimento de saúde na AEL – Trecho 6.....	64/79
Quadro 2.2.4.4.1-18 - Infraestrutura de atendimento de saúde na AEL – Trecho 7.....	69/79
Figura 2.2.4.4.1-15 - Unidade Básica de Saúde de Pilões – Candiba (BA).....	73/79
Figura 2.2.4.4.1-16 - Unidade Básica de Saúde de Fazenda Caco – Candiba (BA) em construção	73/79
Figura 2.2.4.4.1-17 - Unidade Básica de Saúde de Ceraíma – Guanambi (BA).....	73/79
Quadro 2.2.4.4.1-19 - Infraestrutura de atendimento de saúde na AEL – Trecho 8.....	75/79

2.2.4.4 - Infraestrutura, Serviços Públicos e Vulnerabilidades

2.2.4.4.1 - Saúde Pública

2.2.4.4.1.1 - Saúde na Área de Estudo Regional

Este item tem como objetivo caracterizar a infraestrutura e os serviços de saúde (estabelecimentos, leitos e disponibilidade de recursos humanos), os padrões de saúde da população, a partir da avaliação das principais doenças e a incidência de endemias na Área de Estudo Regional (AER) do empreendimento, visando identificar as interferências sobre o quadro de saúde. Para esta caracterização foram utilizados dados secundários do Ministério da Saúde (DataSUS).

2.2.4.4.1.1.1 - Infraestrutura e Serviços de Saúde

O Quadro 2.2.4.4.1-1 apresenta os estabelecimentos de saúde, segundo o tipo de estabelecimento, organizados por município, visando identificar a distribuição espacial da infraestrutura de saúde. Para a caracterização da suficiência da infraestrutura de saúde, o porte populacional dos municípios é apresentado na última coluna, por cores, conforme segue.

	População até 10 mil habitantes	Pequeno Porte
	População entre 10 a 20 mil habitantes	Pequeno Porte I
	População entre 20 a 50 mil habitantes	Pequeno Porte II
	População entre 50 a 100 mil habitantes	Médio Porte
	População superior a 100 mil habitantes	Grande Porte

Há uma estreita ligação entre o contingente populacional, a quantidade e a diversidade de estabelecimentos de saúde de um determinado município. Normalmente, aqueles com maior população e infraestrutura provem atendimento à sua população e aos moradores das cidades circunvizinhas, sendo, portanto, referências regionais em termos de saúde.

A relação entre a população e a amplitude ou complexidade da rede de atendimento confirma-se ao observar os dados relativos aos municípios na Área de Estudo Regional. Nota-se que o município de Montes Claros, que detém a maior população da AER, também apresenta a mais ampla e complexa rede de estabelecimentos de saúde. Em termos quantitativos são ao todo 649 unidades, o que para efeitos de comparação equivale ao dobro de unidades presentes na parcela baiana da Área de Estudo Regional e à metade (aproximadamente 51%) do total de unidades de toda a AER. Em termos qualitativos, observa-se que o município apresenta 21 dos 27 tipos de estabelecimentos existentes na AER (todos contidos no

Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde (CNES, do Ministério da Saúde). Ainda, coerente com a premissa apresentada anteriormente sobre a relação entre o contingente populacional e a oferta de infraestrutura de saúde, o município com a segunda maior população apresenta a segunda maior e mais diversificada rede, trata-se de Guanambi, onde foram identificados 181 estabelecimentos de 17 tipos. Em terceiro, também coincidindo com a terceira maior população, encontra-se Janaúba, com 96 estabelecimentos de saúde. No entanto, o município de Caetité apresenta maior diversidade de unidades, apesar de população inferior ao total existente em Janaúba.

Em termos mais gerais, observa-se que os municípios de pequeno porte apresentam entre 3 e 10 unidades, já os de pequeno porte I contam com de 10 a 15 unidades, os de pequeno porte II entre 23 e 73 (apresentando um hiato em relação a classe de porte anterior), aqueles considerados de médio porte apresentam 96 (Janaúba) e 181 (Guanambi), já o único de grande porte, Montes Claros, como mencionado, possui 649 unidades.

O tipo de estabelecimento mais comum na AER é o consultório. No entanto, este tipo de unidade apresenta uma expressão relativamente baixa na maioria dos municípios de pequeno porte (incluindo I e II), inexistindo em 17 municípios do conjunto analisado. O destaque deste tipo de unidade é reflexo das diferenças entre os totais de estabelecimento em cada município, principalmente em função da disparidade entre os totais de Montes Claros e o restante dos municípios. O volume de unidades deste município é bem superior, de forma que a distribuição de quantidade de unidades por tipo tende a se aproximar do panorama apresentado por este município especificamente.

Não foram encontrados na AER registros referentes aos seguintes tipos de unidades: centro de parto normal, unidade de atenção em regime residencial, unidade móvel fluvial, centro de apoio a saúde da família, pronto socorro especializado, serviço de atenção domiciliar isolado, unidade de atenção à saúde indígena, unidade mista e telesaúde.

Quadro 2.2.4.4.1-1 - Estabelecimentos de saúde segundo o tipo nos municípios da AER – 2017

Estado	Município	Academia da saúde	Central de regulação	Central de regulação médica das urgências	Centro de atenção hemoterápica e/ou hematológica	Centro de atenção psicossocial - CAPS	Centro de saúde/unidade básica de saúde	Central de regulação de serviços de saúde	Central de notif. Captação e distr. Órgãos estaduais	Clinica especializada/ambulatório especializado	Consultório	Cooperativa	Farmácia	Hospital especializado	Hospital geral	Hospital dia	Laboratório central de saúde pública - LACEN	Laboratório de saúde pública	Policlinica	Oficina ortopédica	Posto de saúde	Pronto atendimento	Pronto socorro geral	Secretaria de saúde	Unidade de serviço de apoio de diagnose e terapia	Unidade de vigilância em saúde	Unidade móvel de nível pre-hosp-urgencia/emergencia	Unidade móvel terrestre	Total	
BA	Caetité	1	1	-	-	1	11	-	-	13	25	-	1	-	2	-	-	-	1	-	1	1	-	2	11	1	1	-	73	
BA	Candiba	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-	6	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	1	-	13	
BA	Guanambi	1	1	1	-	2	20	-	3	46	68	-	-	-	3	-	1	-	-	-	2	1	-	2	25	1	3	1	181	
BA	Pindaí	-	-	-	-	-	5	-	-	-	-	-	2	-	1	-	-	-	-	-	2	-	-	1	2	-	1	-	14	
BA	Urandi	-	-	-	-	-	1	-	-	-	2	1	1	-	1	-	-	-	-	-	-	5	-	-	1	-	-	1	-	13
MG	Augusto de Lima	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	-	-	3	
MG	Bocaiúva	-	-	-	-	2	12	-	-	12	7	-	-	-	1	-	-	-	-	4	-	-	1	-	5	-	1	-	45	
MG	Buenópolis	-	-	-	-	-	4	-	-	2	-	-	1	-	-	-	1	-	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-	10	
MG	Capitão Enéas	1	-	-	-	1	9	-	-	1	1	-	1	-	1	-	-	-	-	-	2	-	-	1	2	-	-	1	21	
MG	Catuti	1	-	-	-	-	3	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	1	-	-	1	-	-	9	
MG	Engenheiro Navarro	-	-	-	-	-	3	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	5	
MG	Espinosa	1	-	-	-	-	5	-	-	4	2	-	2	-	1	-	-	-	-	3	-	-	1	-	2	1	1	-	23	
MG	Francisco Sá	-	-	-	-	1	9	-	-	4	-	-	1	-	1	-	-	-	-	-	1	-	1	-	3	1	1	-	23	
MG	Glaucilândia	1	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	-	-	1	-	-	-	-	-	8	
MG	Gouveia	-	-	-	-	-	5	-	-	-	3	-	-	-	1	-	-	-	-	4	-	-	1	-	1	-	-	-	15	
MG	Guaraciama	1	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	5	
MG	Janaúba	3	-	-	-	3	16	-	-	26	24	-	1	-	2	1	-	-	-	1	-	-	1	-	14	-	3	1	96	
MG	Joaquim Felício	-	-	-	-	-	3	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	6	
MG	Juramento	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	1	-	1	-	-	-	7	
MG	Mamonas	1	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	3	-	-	1	-	-	1	-	-	10	
MG	Mato Verde	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	3	
MG	Monjolos	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	3	-	-	1	-	-	-	-	-	6	
MG	Monte Azul	1	-	-	-	1	10	-	-	1	1	-	-	-	1	-	-	1	-	8	-	-	1	-	2	-	1	-	28	
MG	Montes Claros	-	1	1	1	3	113	1	1	210	246	2	4	1	7	4	-	3	1	-	-	-	2	2	34	3	9	-	649	
MG	Nova Porteirinha	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	-	-	1	-	1	1	-	-	9	
MG	Olhos-d'Água	-	-	-	-	-	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	5	

Coordenador:

Técnico:

Estado	Município	Academia da saúde	Central de regulação	Central de regulação médica das urgências	Centro de atenção hemoterápica e/ou hematológica	Centro de atenção psicossocial - CAPS	Centro de saúde/unidade básica de saúde	Central de regulação de serviços de saúde	Central de notif. Captação e distr. Órgãos estaduais	Clinica especializada/ambulatório especializado	Consultório	Cooperativa	Farmácia	Hospital especializado	Hospital geral	Hospital dia	Laboratório central de saúde pública - LACEN	Laboratório de saúde pública	Policlínica	Oficina ortopédica	Posto de saúde	Pronto atendimento	Pronto socorro geral	Secretaria de saúde	Unidade de serviço de apoio de diagnose e terapia	Unidade de vigilância em saúde	Unidade móvel de nível pre-hosp-urgencia/emergencia	Unidade móvel terrestre	Total	
MG	Pai Pedro	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	2	-	-	1	-	-	1	-	-	-	7
MG	Porteirinha	1	-	-	-	-	15	-	-	8	21	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	-	6	-	1	-	54	
MG	Presidente Juscelino	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	4	
MG	Santo Hipólito	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	-	-	1	-	-	5	
Total		13	3	2	1	14	271	1	4	329	403	3	25	1	24	5	2	4	2	42	13	2	25	10	111	13	24	3	1.350	

Fonte: Ministério da Saúde - Cadastro Nacional dos Estabelecimentos de Saúde do Brasil – CNES. (dados de Junho, 2016)

Para se compor um panorama da situação da estrutura de atendimento dos serviços de saúde da AER é importante considerar, além da quantidade e tipologia dos estabelecimentos de saúde, a oferta de leitos. Nos casos de ocorrências mais graves são justamente os leitos em unidades de saúde que são demandados, de modo que o uso destes leitos por população migrante relacionada com a implantação do empreendimento representa uma pressão maior sobre os serviços de saúde e o uso eventual e rápido de unidades de menor complexidade.

Para mensurar a qualidade da oferta foi utilizado o parâmetro internacional da Organização Mundial da Saúde. Segundo a instituição, a razão mínima entre a população e o número de leitos disponíveis é o coeficiente de três leitos para cada mil habitantes. Para calcular a taxa da oferta nos municípios da AER foram utilizados os dados do DATASUS (quantidade de leitos) e a projeção de população para o ano de 2016 (IBGE, publicado no Diário Oficial da União).

A quantidade de leitos (ligados ou não ao SUS) e as taxas são apresentados no Quadro 2.2.4.4.1-2. Segundo os dados levantados, é importante destacar em primeiro lugar que somente 13 dos 29 municípios da AER tem oferta de leitos. Aqueles que não tem oferta de leitos foram excluídos do referido quadro (todos estão localizados no estado de Minas Gerais).

Montes Claros tem a maior quantidade de leitos da AER, aproximadamente 56% da oferta existente na AER. Considerando somente a parcela da AER no estado de Minas Gerais este percentual corresponde a 73%. Apesar de contar com grande parte dos leitos, a oferta do município está abaixo do coeficiente (0,2 pontos) mínimo da OMS, portanto, não atende de forma satisfatória a população. É importante salientar que o cálculo considera somente a população municipal, não leva em consideração, portanto, que o município desempenha um papel de referência regional, de modo que os leitos existentes, também, suprem a demanda de municípios próximos.

Dentre os municípios estudados o único que atinge o parâmetro mínimo (exatamente 3 leitos por mil habitantes) é Caetité. O município também se destaca por apresentar o terceiro maior número de leitos, mas possui, porém, a quarta maior população. Neste sentido, estima-se que Caetité também supra uma relativa demanda regional, consideravelmente inferior àquela estimada para Montes Claros. Como visto, enquanto Caetité apresenta um total de 73 unidades de saúde, Montes Claros conta com 649.

Excluindo-se os municípios onde não foram identificados registros de leitos, os municípios mais carentes em termos de atendimento a demanda são: Espinosa, Porteirinha, Bocaiuva e Pindaí. Entre estes destaca-se o último, por ser mais sensível, apresentando a menor quantidade de leitos absoluta, sendo portanto, suscetível a sofrer maiores efeitos de aumento na demanda.

A relação oferta e demanda é mais sensível quando se leva em consideração os 13 municípios onde serão instalados canteiros de obra: 7 desses – Presidente Juscelino, Monjolos, Augusto de Lima, Buenópolis, Glaucilândia, Capitão Enéas e Pai Pedro (todos localizados em MG) – não possuem leitos; 5 tem leitos, mas não atendem satisfatoriamente a população local (Bocaiuva, Janaúba, Monte Azul, Urandi e Guanambi) e 1 atinge exatamente o parâmetro mínimo (Caetité).

Em todos os municípios a participação do SUS na oferta de leitos é determinante. Em nenhum dos municípios, onde foram identificados leitos disponíveis, o número de leitos não vinculados ao SUS é inferior aos vinculados. Em cinco do total de 13 municípios com leitos, existem somente leitos ligados ao SUS. São eles: Pindaí e Urandi, na Bahia, e Bocaiuva, Espinosa e Gouveia, em Minas Gerais. Em Francisco Sá e Monte Azul, também em Minas Gerais, quase a totalidade dos leitos são vinculados ao SUS, representando 94 e 95% do total, respectivamente. Por outro lado, Montes Claros apresenta a maior participação de leitos não vinculados ao SUS da AER, estes correspondem a aproximadamente 39% do total de leitos.

Quadro 2.2.4.4.1-2 - Número de leitos de internação segundo sua vinculação ao SUS - 2016

Municípios e AER	Total	Vinculação ao SUS	Não vinculado ao SUS	Leitos por 1.000hab	Atendimento à recomendação da OMS
Caetité – BA	156	134	22	3,0	Atende
Candiba – BA	37	26	11	2,5	Não atende
Guanambi – BA	203	157	46	2,4	Não atende
Pindaí – BA	24	24	-	1,4	Não atende
Urandi – BA	34	34	-	2,0	Não atende
AER – BA	454	375	79	2,4	Não atende
Bocaiuva- MG	64	64	-	1,3	Não atende
Espinosa – MG	30	30	-	0,9	Não atende
Francisco Sá – MG	50	47	3	1,9	Não atende
Gouveia – MG	26	26	-	2,2	Não atende
Janaúba – MG	148	124	24	2,1	Não atende
Monte Azul – MG	39	37	2	1,8	Não atende
Montes Claros – MG	1096	678	418	2,8	Não atende
Porteirinha – MG	46	39	7	1,2	Não atende
AER – MG	1499	1045	454	2,3	Não atende
Total	1953	1420	533	1,6	Não atende

Fonte: Ministério da Saúde - Cadastro Nacional dos Estabelecimentos de Saúde do Brasil – CNES. (dados referentes ao de Março de 2017).

Para tipificar, com maior clareza, a oferta de leitos nos municípios da AER optou-se por apresentar os dados em percentuais, conforme Quadro 2.2.4.4.1-3. Assim, o volume de leitos foi distribuído, segundo o município e a especialidade, sendo representado por percentuais da quantidade total por município.

A partir desta distribuição, observou-se que há uma ocorrência relativa maior de leitos de especialidade clínica, com concentrações relativamente elevadas nos municípios de Urandi e de Gouveia, onde este tipo de leito corresponde a mais de 60% do total de leitos disponíveis. Em outros oito municípios esta especialidade, também, apresenta o maior percentual de leitos, em concentrações relativamente menores. Assim, somente em três municípios os leitos clínicos não correspondem à maior parcela. São eles: Caetité, Francisco Sá e Montes Claros, onde o percentual de leitos cirúrgicos supera o total de clínicos. Verifica-se que mesmo nos municípios onde a maior parcela corresponde ao leitos clínicos, os leitos cirúrgicos aparecem com a segunda maior concentração, a exceção do município de Candiba (no qual os leitos obstétricos assumem esta posição) e Espinosa.

No município de Urandi registrou-se uma situação particular: a exceção da especialidade clínica (que como referido apresenta mais da metade dos leitos), a distribuição dos demais leitos é feita em partes iguais, com cada especialidade apresentando 11,8% do total de leitos ou quatro leitos em termos absolutos.

Quadro 2.2.4.4.1-3 - Número de leitos de internação segundo a especialidade (em%) - 2016

Municípios	Cirúrgicos	Clínicos	Obstétrico	Pediátrico	Outras Especialidades	Hospital/DIA
Caetité- BA	38,5	31,4	23,1	7,1	-	-
Candiba – BA	16,2	35,1	32,4	16,2	-	-
Guanambi – BA	33,5	35,5	20,7	10,3	-	-
Pindaí – BA	25,0	33,3	16,7	25,0	-	-
Urandi – BA	11,8	64,7	11,8	11,8	-	-
AER BA	31,7	36,1	21,6	10,6	-	-
Bocaiúva – MG	28,1	37,5	15,6	18,8	-	-
Espinosa – MG	13,3	40,0	26,7	20,0	-	-
Francisco Sá - MG	40,0	26,0	20,0	14,0	-	-
Gouveia – MG	15,4	61,5	7,7	15,4	-	-
Janaúba – MG	31,8	37,8	12,8	10,1	5,4	2,0
Monte Azul – MG	28,2	43,6	17,9	10,3	-	-
Montes Claros – MG	35,4	34,8	9,2	8,1	11,2	1,3
Porteirinha – MG	19,6	45,7	19,6	15,2	-	-
AER – MG	33,4	36,0	11,1	9,6	8,7	1,1
AER Total	33,0	36,0	13,5	9,8	6,7	0,9

Fonte: Ministério da Saúde - Cadastro Nacional dos Estabelecimentos de Saúde do Brasil – CNES. (dados referentes à Junho de 2016).

Além de aspectos estruturais deve-se se considerar a disponibilidade de profissionais para a atuação nos serviços de saúde. Como primeiro indicador do material humano dedicado à saúde foram observadas as equipes de Saúde da Família atuantes na AER, segundo a quantidade, o tipo e a modalidade.

Os dados levantados no DATASUS, tendo como referência o mês de março de 2017, são apresentados no Quadro 2.2.4.4.1-4. No entanto, antes de proceder às avaliações cabem mencionar as modalidades consideradas. Além da função da equipe descrita na sua designação, o DATASUS opera com a determinação de modalidades. Segundo informações do Ministério da Saúde as modalidades apresentam as seguintes características:

Modalidade I: destinada para municípios com Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) igual ou inferior a 0,7 e população de até 50 mil habitantes nos estados da Amazônia Legal e até 30 mil habitantes nos demais Estados do país.

Modalidade II: abrange todos os municípios que não se enquadram nos critérios da Modalidade 1.

Modalidade III: instituída posteriormente, é similar à Modalidade II, mas com a equipe acrescida de um médico.

Para avaliar o panorama da oferta do serviço na AER foi considerado o parâmetro do Ministério da Saúde. Como aponta a Portaria nº 2.355, de outubro de 2013, tem-se como referência que uma equipe atenda, no máximo, 4.000 pessoas, sendo desejável que se tenha uma equipe para cada 3.000 pessoas.

Observando os dados referentes aos municípios da AER percebe-se que em nenhum dos municípios estudados a oferta ficou abaixo do parâmetro estabelecido. Ainda, em termos de oferta, o município de Santo Hipólito apresenta a melhor situação, com um coeficiente de 3,7 equipes para cada 4.000 pessoas. Destaca-se que a oferta, neste local, chega a quase uma equipe para cada 1.000 pessoas, melhor que o coeficiente considerado ideal. Nos municípios de Mato Verde e de Monjolos tem-se um coeficiente próximo, sendo 3,6 e 3,4, respectivamente. Considerando os valores absolutos, nota-se que as equipes não apresentam grande volume (Monjolos por exemplo possui somente duas equipes), mas mantém uma oferta relativamente boa, em relação seus contingentes populacionais.

Em termos gerais, o tipo de equipe que apresenta maior ocorrência na AER é a Equipe de Saúde da Família com Saúde bucal, que corresponde a mais da metade do quantitativo de equipes da ERA

Quadro 2.2.4.4.1-4 - Número de Equipes de Saúde segundo modalidades - 2017

Município	Equipe Saúde da Família (ESF)	Eq. de Saúde da Família c/ Saúde Bucal - Modalid. 1	Eq. de Saúde da Família c/ Saúde Bucal - Modalid. 2	Eq. de Agentes Comunitários de Saúde	Eq. do Núcleo de Apoio à Saúde da Família (ENASF 1)	Eq. do Núcleo de Apoio à Saúde da Família (ENASF 2)	Eq. Multidisciplinar de Atenção Domiciliar (EMAD)	Eq. Multidisciplinar de Apoio (EMAP)	Eq. Consultórios na Rua Modalidade II	Eq. Consultórios na Rua Modalidade III	Eq. do Núcleo de Apoio à Saúde da Família (ENASF 3)	Total	Equipes por 4.000 hab.
Caetitê – BA	-	9	-	3	1	-	1	1	-	-	-	15	1,3
Candiba – BA	-	3	-	1	-	-	-	-	-	-	-	4	1,5
Guanambi – BA	-	19	-	1	2	-	1	1	-	-	-	24	1,3
Pindaí – BA	-	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	1,7
Urandi – BA	3	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	1,4
AER BA	3	38	0	5	3	0	2	2	0	0	0	53	1,9
Augusto de Lima – MG	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	2,3
Bocaiúva – MG	-	10	3	-	1	-	-	-	-	-	-	14	1,1
Buenópolis – MG	-	4	-	-	-	1	-	-	-	-	-	5	2,5
Cap Enéas - MG	-	2	3	-	1	-	-	-	-	-	-	6	5,2
Catuti – MG	1	-	2	-	-	-	-	-	-	-	1	4	3,3
Engenheiro Navarro – MG	-	3	1	-	-	1	-	-	-	-	-	5	3,1

Coordenador:

Técnico:

Município	Equipe Saúde da Família (ESF)	Eq. de Saúde da Família c/ Saúde Bucal - Modalid. 1	Eq. de Saúde da Família c/ Saúde Bucal - Modalid. 2	Eq. de Agentes Comunitários de Saúde	Eq. do Núcleo de Apoio à Saúde da Família (ENASF 1)	Eq. do Núcleo de Apoio à Saúde da Família (ENASF 2)	Eq. Multidisciplinar de Atenção Domiciliar (EMAD)	Eq. Multidisciplinar de Apoio (EMAP)	Eq. Consultórios na Rua Modalidade II	Eq. Consultórios na Rua Modalidade III	Eq. do Núcleo de Apoio à Saúde da Família (ENASF 3)	Total	Equipes por 4.000 hab.
Espinosa – MG	6	3	-	-	1	-	-	-	-	-	-	10	1,6
Francisco Sá – MG	-	5	4	-	1	-	1	1	-	-	-	12	2,3
Glauilândia – MG	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1,2
Gouveia – MG	-	2	3	-	1	-	-	-	-	-	-	6	2,7
Guaraciama – MG	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	1	3	3,7
Janaúba – MG	-	17	6	-	2	-	-	-	1	-	-	27	2,4
Joaquim Felício – MG	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	2,7
Juramento – MG	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	1	3	3,5
Mamonas – MG	-	2	1	-	-	1	-	-	-	-	-	4	3,3
Mato Verde – MG	1	2	3	-	1	-	-	-	-	-	-	7	3,6
Monjolos – MG	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	2	3,4
Monte Azul – MG	3	-	8	-	1	-	-	-	-	-	-	12	2,9
Montes Claros – MG	38	77	13	1	-	-	4	1	-	1	-	136	2,7
Nova Porteirinha – MG	-	1	3	-	-	1	-	-	-	-	-	5	3,4

Município	Equipe Saúde da Família (ESF)	Eq. de Saúde da Família c/ Saúde Bucal - Modalid. 1	Eq. de Saúde da Família c/ Saúde Bucal - Modalid. 2	Eq. de Agentes Comunitários de Saúde	Eq. do Núcleo de Apoio à Saúde da Família (ENASF 1)	Eq. do Núcleo de Apoio à Saúde da Família (ENASF 2)	Eq. Multidisciplinar de Atenção Domiciliar (EMAD)	Eq. Multidisciplinar de Apoio (EMAP)	Eq. Consultórios na Rua Modalidade II	Eq. Consultórios na Rua Modalidade III	Eq. do Núcleo de Apoio à Saúde da Família (ENASF 3)	Total	Equipes por 4.000 hab.
Olhos-d'Água – MG	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	2	2,1
Pai Pedro – MG	1	-	2	-	-	1	-	-	-	-	-	4	3,3
Porteirinha – MG	4	9	4	-	1	-	-	-	-	-	-	18	2,4
Presidente Juscelino – MG	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	2	2,8
Santo Hipólito – MG	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	3	3,7
AER MG	57	146	59	1	10	5	5	2	1	1	6	295	2
AER Total	60	184	59	6	13	5	7	4	1	1	6	348	2

Fonte: Ministério da Saúde - Cadastro Nacional dos Estabelecimentos de Saúde do Brasil – CNES (dados de referência o mês de Março de 2017).

Dando continuidade à caracterização dos recursos humanos da área de saúde da AER, foram selecionadas as informações relativas ao quantitativo de profissionais de nível superior por município. Os dados do DATASUS correspondem aos profissionais atuantes em março de 2017, por tipo de especialidade, conforme apresentado no Quadro 2.2.4.4.1-5. Para minimizar as distorções resultantes das diferenças entre contingentes populacionais foi inserida a razão da quantidade de profissionais de saúde para cada 1.000 habitantes.

De um modo geral, a oferta de profissionais apresenta uma diversificação, somente uma das categorias indicadas pelo DATASUS, a de médico sanitário, não figura entre os profissionais atuantes na AER. Em termos absolutos, os valores foram influenciados pelo volume de população de Montes Claros. Observa-se que a maior quantidade de profissionais registrados são classificados como Outras Especialidades Médicas. A prevalência desta categoria ocorre porque o município de Montes Claros apresenta um quantitativo de profissionais que corresponde a 85% do total de profissionais contemplados em Outras Especialidades Médicas.

Nota-se que há nos municípios de maiores contingentes populacionais, como Janaúba e Guanambi (além de Montes Claros), não apenas um volume destacado de profissionais, como também maiores diversificações, apresentando profissionais em todas as categorias apresentadas. Esta maior diversificação, também, está presente nos municípios de Caetité, Bocaiuva, Porteirinha e Espinosa. Por outro lado, no município de Glaucilândia, seguido por Juramento e Catuti (todos os três inseridos no grupo de municípios de pequeno porte) as restrições em termos da diversidade de profissionais são mais expressivas.

No que se refere à oferta, mensurada pela razão da quantidade de profissionais por população, os municípios que apresentam maior destaque possuem perfis de tamanho de população bem diferentes. Os municípios com melhores ofertas são Montes Claros e Monjolos. No entanto, os municípios com maiores valores são Janaúba e Guaraciama, que apresentam contingentes populacionais relativamente elevados. Assim, conclui-se que os municípios com melhor oferta são aqueles que apresentam maior porte populacional, a exceção de Monjolos.

Quadro 2.2.4.4.1-5 - Número de profissionais de saúde segundo as ocupações de nível superior - 2017

Município	Assistente Social	Bioquímico/ farmacêutico	Cirurgião Geral	Clínico Geral	Enfermeiro	Fisioterapeuta	Fonoaudiólogo	Gineco Obstetra	Médico de Família	Nutricionista	Odontólogo	Pediatra	Psicólogo	Psiquiatra	Radiologista	Outras especialidades médicas	Outras Ocupações	Total	Profissionais por 1.000 habitantes
Caetitê - BA	2	2	7	30	48	17	3	10	8	2	47	10	8	1	7	44	3	249	5,2
Candiba - BA	-	7	1	4	6	-	-	1	3	-	3	-	-	-	1	-	1	27	2
Guanambi - BA	23	19	38	128	185	52	9	39	19	20	87	29	19	8	25	164	32	896	11,4
Pindaí - BA	-	2	1	8	12	1	-	1	5	-	5	-	-	-	-	-	1	36	2,3
Urandi - BA	-	1	2	8	8	1	-	1	5	-	4	-	1	-	1	1	-	33	2
AER BA	25	31	49	178	259	71	12	52	40	22	146	39	28	9	34	209	37	1241	7,2
Augusto de Lima - MG	-	-	-	-	3	1	1	1	2	1	2	-	1	1	-	-	-	13	2,6
Bocaiúva - MG	4	1	5	22	28	15	2	8	13	4	32	7	6	2	1	16	8	174	3,7
Buenópolis - MG	-	1	1	1	8	3	1	-	5	-	4	-	3	-	-	-	-	27	2,6
Capitão Enéas - MG	1	1	2	8	-	4	1	-	5	1	6	-	3	-	-	-	4	36	3,6
Catuti - MG	1	1	-	1	5	-	-	-	4	1	4	-	1	-	-	-	-	18	3,5
Engenheiro Navarro - MG	-	1	-	1	7	2	1	-	4	1	4	-	1	-	-	-	1	23	3,2
Espinosa - MG	5	3	1	5	19	9	2	4	9	4	7	3	3	1	1	5	3	84	2,7
Francisco Sá - MG	7	4	-	11	26	6	1	3	9	2	18	3	4	1	1	7	4	107	4,3
Glaucilândia - MG	-	1	-	2	3	2	-	-	1	-	2	-	-	-	-	-	-	11	3,7
Gouveia - MG	1	2	2	8	10	3	-	4	5	1	5	1	3	-	-	1	-	46	3,9
Guaraciama - MG	-	-	-	3	4	2	1	1	2	3	6	-	1	-	-	-	-	23	4,9
Janaúba - MG	19	13	17	97	99	33	14	22	31	11	42	16	28	2	29	104	19	596	8,9
Joaquim Felício - MG	1	1	-	1	4	3	-	1	2	1	4	-	1	-	-	-	1	20	4,6
Juramento - MG	-	-	-	-	6	2	1	1	3	-	2	-	1	-	-	-	3	19	4,6
Mamonas - MG	1	2	-	1	6	2	1	-	3	1	3	-	1	-	-	-	-	21	3,3
Mato Verde - MG	1	1	-	1	12	1	1	-	6	1	8	-	-	-	-	-	-	32	4,1
Monjolos - MG	-	1	1	10	7	2	-	1	1	2	1	1	2	1	-	-	2	32	13,6
Monte Azul - MG	2	1	3	7	18	6	1	3	11	2	15	3	2	1	-	6	-	81	3,7
Montes Claros - MG	41	45	479	1560	545	309	109	326	160	44	463	358	##	68	174	2134	105	7084	19,6
Nova Porteirinha - MG	1	1	-	1	6	2	1	-	4	1	5	-	-	-	-	-	-	22	3
Olhos-d'Água - MG	-	1	-	1	5	2	1	1	2	1	2	-	1	-	-	-	-	17	3,2
Pai Pedro - MG	1	1	-	1	5	1	-	-	3	1	2	-	1	-	-	-	1	17	2,9
Porteirinha - MG	3	3	3	14	41	8	4	6	17	4	26	3	9	3	2	10	6	162	4,3
Presidente Juscelino - MG	1	1	-	-	2	1	-	1	2	1	4	1	1	-	-	-	1	16	4,1
Santo Hipólito - MG	1	1	1	-	4	1	-	1	2	1	2	-	1	-	-	-	1	16	4,9
AER MG	91	87	515	1756	870	419	142	383	304	88	667	396	##	79	208	2283	159	8684	12,6
AER Total	115	117	562	1926	1129	486	153	435	339	109	807	435	##	88	242	2492	192	9889	11,5

Fonte: Ministério da Saúde - Cadastro Nacional dos Estabelecimentos de Saúde do Brasil - CNES. (dados referentes à março de 2017)

Coordenador:

Técnico:

Para identificação dos tipos de doenças mais comuns na AER do empreendimento, o Anexo 3 apresenta o número de internações, segundo a causa, no período entre fevereiro de 2016 e fevereiro de 2017. Considerando a influência das diferenças entre os contingentes populacionais, optou-se por trabalhar unicamente com percentual das causas de internação, de modo a se ter um panorama dos tipos de agravos mais comuns nos municípios e que permitisse uma comparação entre eles. Os agravos estão categorizados segundo os capítulos da Classificação Internacional de Doenças (CID) 10.

De uma forma geral, o capítulo da CID 10 indicado como da maior parte das internações é o capítulo XV, designado como Gravidez, parto e puerpério. Isto não representa necessariamente risco a saúde pública, pois este capítulo apresenta 99 agravos, incluindo o parto único espontâneo (normal), assim como complicações do parto e abortos. Em 22 dos 29 municípios este capítulo aparece como maior causa de internação, em outros seis aparece como a segunda maior causa e a terceira maior causa no município de Candiba. Já no município de Pindaí, este capítulo destaca-se, ainda mais, por ser responsável por 36% das internações. Por fim, cabe salientar que no município de Presidente Juscelino, o capítulo divide a primeira posição como causa de internação com o capítulo Doenças do Aparelho Circulatório, que no geral aparece como a segunda maior causa de internação.

No capítulo IX estão relacionadas as doenças do aparelho circulatório, com destaque para doenças hipertensivas e problemas cardíacos. Apesar deste agravo corresponder a segunda maior causa de internação no quadro geral, aparece com pouco destaque nos municípios baianos (figurando entre a 6ª maior causa em dois municípios e a 7ª em um terceiro). Já nos municípios mineiros aparece em primeira posição em cinco municípios, na segunda em outros (8ª posição). Esta diferença pode estar relacionada ao maior controle em outros agravos ou com a dieta alimentar.

2.2.4.4.1.1.2 - Municípios com Canteiros de obras

- Augusto de Lima

A estrutura para atendimento à saúde no município de Augusto de Lima conta, atualmente, com uma (01) Unidade Básica de Saúde (UBS) instalada na sede municipal, que apresenta uma Equipe de Saúde da Família (ESF).

A UBS é a principal referência no atendimento à saúde, não existe hospital na sede do município. Em casos graves e para atendimentos especializados aciona-se o município de Curvelo. Além de participar do Consórcio Intermunicipal de Saúde do Médio Rio das Velhas (CISMEV).

De acordo com o Secretário de Saúde, a estrutura atual não atende satisfatoriamente à demanda, principalmente por haver apenas uma UBS para atender toda a demanda municipal.

O secretário, também, apontou deficiências no atendimento de especialidades médicas e tratamentos de doenças mais graves, como câncer, por exemplo. Mencionou que há também uma carência de agentes comunitários, especialmente, nas áreas rurais.

Para os entrevistados, o município de Augusto de Lima necessitaria ampliar a sua oferta no que se refere aos serviços de atendimento aos casos de média complexidade, como o atendimento hospitalar e, também, aumentar a oferta de serviços na atenção básica, caso ocorra um aumento da demanda, mesmo que temporária.

Entre as vulnerabilidades identificadas em relação à saúde pública, a extensão territorial do município de Augusto de Lima em relação ao tempo de resposta às urgências foi a principal preocupação apontada pelo secretário de saúde. Segundo explicou, é difícil sempre garantir uma resposta positiva em tempo hábil nos casos mais graves, devido à conjunção de fatores como área territorial extensa, insuficiência de recursos humanos e deficiência nos transportes.

Entre as doenças de baixa ocorrência no município, o secretário de Saúde apontou a Leishmaniose Visceral, Hepatites Virais, Coqueluche, Esquistossomose, Hanseníase, Tuberculose e Doença de Chagas. Não há registros relevantes de contaminação por casos exógenos de suspeita de Febre Chikungunya e Febre Amarela. Todavia, houve grande incidência de Dengue no município, embora este índice atualmente encontre-se controlado. Entre as DSTs (Doenças Sexualmente Transmissíveis), o município de Augusto de Lima tem poucos registros de contaminação por HIV e Sífilis. O alcoolismo, a violência doméstica, sexual e/ou outras violências, acidentes com animais peçonhentos e atendimento antirrábico, também, têm registros irrelevantes no município.

A distribuição de medicamentos aparece como um ponto vulnerável, em especial por conta da oscilação da demanda, de acordo com as informações prestadas pelo Secretário de Saúde.

Entre os planos e programas governamentais na área de saúde foram mencionados os seguintes: Planos e Programas Federais: Programa Saúde da Família; Academia ao Ar Livre; Centro de Referência de Assistência Social (CRAS); Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF), que dá suporte às equipes de saúde da família; Brasil Sorridente; Tratamento Fora de Domicílio (TFD) que custeia as despesas de paciente e acompanhante em cidades polo de saúde para tratamentos de maior complexidade. Planos e Programas Estaduais: Plano de Contingência de Dengue, Febre Chikungunya e Febre Amarela.

- Buenópolis

A estrutura para atendimento à saúde no município de Buenópolis conta, atualmente, com 04 (quatro) Postos de Saúde da Família (PSF) com Equipes de Saúde da Família (ESF), todas unidades instaladas na sede municipal.

Os PSFs são as principais referências no atendimento à saúde, porém, não existe hospital municipal, os pacientes são direcionados para o hospital em Curvelo. O município integra o Consócio Intermunicipal de Saúde Médio Rio das Velhas (CISMEV).

De acordo com o Secretário Municipal de Saúde, a estrutura atual não atende satisfatoriamente à demanda, principalmente, levando em conta que não há PSF nas áreas rurais, o que sobrecarrega o sistema. Ainda, segundo o secretário, a estratégia tem sido priorizar os casos mais urgentes em triagens feitas por cada unidade.

O secretário, também, apontou deficiências no atendimento de especialidades médicas e tratamentos de doenças mais graves, como câncer, por exemplo. Com 100% de cobertura da atenção básica, a responsável pela saúde, também, identifica uma carência de agentes comunitários.

Para o Secretário de Saúde, o município de Buenópolis necessitaria ampliar a sua estrutura e a oferta no que se refere aos serviços de atendimento aos casos de média complexidade, como o atendimento hospitalar e, também, aumentar a oferta de serviços na atenção básica, caso ocorra um aumento da demanda, mesmo que temporária.

Entre as vulnerabilidades identificadas em relação à saúde pública, a extensão territorial do município de Buenópolis em relação ao tempo de resposta às urgências foi a principal preocupação apontada pelo Secretário de Saúde. Segundo explicou, é difícil garantir sempre uma resposta positiva em tempo hábil nos casos mais graves, devido à conjunção de fatores como área territorial extensa, insuficiência de recursos humanos e deficiência nos transportes. A solução apontada seria uma revisão da regionalização do atendimento em relação às sedes dos municípios mais próximos, priorizando características como localização, distâncias e tempo de deslocamento do paciente em relação à unidade de saúde apta a recebê-lo com mais rapidez.

Entre as doenças de baixa ocorrência no município, o Secretário de Saúde apontou a Leishmaniose Visceral, Hepatites Virais, Coqueluche, Esquistossomose, Hanseníase e Tuberculose. Ressaltou ainda que a incidência de Doença de Chagas atualmente é baixa, porém, há alguns pacientes com idade avançada portando o vírus. Há, também, registros irrelevantes de contaminação por Dengue e casos

exógenos de suspeita de Febre Chikungunya e Febre Amarela. Entre as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs), o município de Buenópolis tem registros baixos de contaminação por HIV e Sífilis. O alcoolismo tem registro alto, enquanto que a violência doméstica, sexual e/ou outras violências, acidentes com animais peçonhentos e atendimento antirrábico têm registros irrelevantes no município.

A distribuição de medicamentos aparece como um ponto vulnerável, em especial por conta da oscilação da demanda, de acordo com as informações prestadas pelo Secretário de Saúde de Buenópolis.

Entre os planos e programas governamentais na área de saúde foram mencionados os seguintes: Planos e Programas Federais: Programa Saúde da Família; Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU), Academia ao Ar Livre, Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF) que dá suporte às equipes de saúde da família; Farmácia de Minas, Brasil Sorridente, Tratamento Fora de Domicílio (TFD) que custeia as despesas de paciente e acompanhante em cidades polo de saúde para tratamentos de maior complexidade). Planos e Programas Estaduais: Plano de Contingência de Dengue e Febre Chikungunya e Febre Amarela.

- Monjolos

A estrutura para atendimento à saúde no município de Monjolos conta, atualmente, com 04 (quatro) Unidades Básicas de Saúde (UBS) com Equipes de Saúde da Família (ESF). Uma (01) unidade está instalada na sede municipal e as demais distribuídas pelos povoados da área rural. Esta estrutura prevê a distribuição espacial do atendimento por zonas do município, com o objetivo de garantir o acesso igualitário para toda a população.

As UBSs são as principais referências no atendimento à saúde, embora, existam os hospitais municipais de Curvelo e Belo Horizonte, com convênio entre o SUS, município e estado. O município participa, ainda, do Consórcio Intermunicipal de Saúde Médio Rio das Velhas.

De acordo com a Secretária Municipal de Saúde, a estrutura atual atende satisfatoriamente à demanda referente a atenção básica e secundária, porém, há deficiências no atendimento de especialidades médicas e tratamentos de doenças mais graves, como câncer, por exemplo. Com 100% de cobertura da atenção básica, a responsável pela saúde, também, identifica carência de agentes comunitários nas áreas rurais.

Para a secretária, o município de Monjolos necessitaria ampliar a sua oferta no que se refere aos serviços de atendimento aos casos de média complexidade, como o atendimento hospitalar e, também, aumentar a oferta de serviços na atenção básica, caso ocorra um aumento da demanda, mesmo que temporária.

Entre as vulnerabilidades identificadas em relação à saúde pública, a extensão territorial do município de Monjolos em relação ao tempo de resposta às urgências foi a principal preocupação apontada pela Secretária de Saúde. Segundo explicou, é difícil garantir sempre uma resposta positiva em tempo hábil nos casos mais graves, devido à conjunção de fatores como área territorial extensa, insuficiência de recursos humanos e deficiência nos transportes. A solução apontada seria uma revisão da regionalização do atendimento em relação às sedes dos municípios mais próximos, priorizando características como localização, distâncias e tempo de deslocamento do paciente em relação à unidade de saúde apta a recebê-lo com mais rapidez.

Entre as doenças de baixa ocorrência no município, a Secretária de Saúde apontou a Leishmaniose Visceral, Hepatites Virais, Coqueluche, Esquistossomose, Hanseníase, Tuberculose e Doença de Chagas. Há, também, registros relevantes de contaminação por Dengue e casos irrelevantes de Febre Chikungunya e Febre Amarela. Entre as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs), o município de Monjolos tem registros irrelevantes de contaminação por HIV e Sífilis. O alcoolismo, a violência doméstica, sexual e/ou outras violências, acidentes com animais peçonhentos e atendimento antirrábico, também, têm registros irrelevantes no município.

A distribuição de medicamentos aparece como um ponto vulnerável, em especial por conta da oscilação da demanda, de acordo com as informações prestadas pela Secretária de Saúde.

Entre os planos e programas governamentais na área de saúde foram mencionados os seguintes: Planos e Programas Federais: Programa Saúde da Família, Academia ao Ar Livre; Centro de Referência de Assistência Social (CRAS); Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF), que dá suporte às equipes de saúde da família; Farmácia Popular de Minas; Tratamento Fora de Domicílio (TFD) que custeia as despesas de paciente e acompanhante em cidades polo de saúde para tratamentos de maior complexidade. Planos e Programas Estaduais: Plano de Contingência de Dengue e Febre Chikungunya e Febre Amarela.

- Presidente Juscelino

A estrutura para atendimento à saúde no município de Presidente Juscelino conta, atualmente, com 02 (duas) Unidades Básicas de Saúde (UBS) com Equipes de Saúde da Família (ESF). Uma (01) desta unidade está instalada na sede municipal e outro na área rural. Esta estrutura prevê a distribuição espacial do atendimento por zonas do município, com o objetivo de garantir o acesso igualitário para toda a população.

As UBSs são as principais referências no atendimento à saúde, embora, existam os hospitais municipais de Curvelo e Sete Lagoas. Com convênio entre o SUS, município e estado. O município utiliza a Unidade de Pronto Atendimento (UPA) de Curvelo, integralmente construída, equipada e em funcionamento. Presidente Juscelino participa, ainda, do Consórcio Intermunicipal de Saúde Médio Rio das Velhas.

De acordo com o Agente de Endemias, a estrutura atual atende satisfatoriamente à demanda, porém, há deficiências no atendimento de especialidades médicas e tratamentos de doenças mais graves, como câncer, por exemplo.

Para o prefeito, o município de Presidente Juscelino necessitaria ampliar a sua oferta no que se refere aos serviços de atendimento aos casos de média complexidade, como o atendimento hospitalar e, também, aumentar a oferta de serviços na atenção básica, caso ocorra um aumento da demanda, mesmo que temporária.

Entre as vulnerabilidades identificadas em relação à saúde pública, a extensão territorial do município de Presidente Juscelino em relação ao tempo de resposta às urgências foi a principal preocupação apontada pelo prefeito. Segundo explicou, é difícil garantir sempre uma resposta positiva em tempo hábil nos casos mais graves, devido à conjunção de fatores como área territorial extensa, insuficiência de recursos humanos e deficiência nos transportes. A solução apontada seria uma revisão da regionalização do atendimento em relação às sedes dos municípios mais próximos, priorizando características como localização, distâncias e tempo de deslocamento do paciente em relação à unidade de saúde apta a recebê-lo com mais rapidez.

Entre as doenças de baixa ocorrência no município, o Agente de Endemias apontou a Leishmaniose Visceral, Hepatites Virais, Coqueluche, Esquistossomose, Hanseníase, Tuberculose e Doença de Chagas. Há, também, registros irrelevantes de contaminação por Dengue e casos exógenos de suspeita de Febre Chikungunya e Febre Amarela. Entre as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs), o

município de Presidente Juscelino tem registros relevantes de contaminação por HIV e Sífilis. O alcoolismo, a violência doméstica, sexual e/ou outras violências, acidentes com animais peçonhentos e atendimento antirrábico têm registros médios.

A distribuição de medicamentos aparece como um ponto vulnerável, em especial por conta da oscilação da demanda, de acordo com as informações prestadas pelo prefeito de Presidente Juscelino.

Entre os planos e programas governamentais na área de saúde foram mencionados os seguintes: Planos e Programas Federais: Programa Saúde da Família, Academia ao Ar Livre; Centro de Referência de Assistência Social (CRAS); Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF), que dá suporte às equipes de saúde da família; Farmácia Popular de Minas; Tratamento Fora de Domicílio (TFD) que custeia as despesas de paciente e acompanhante em cidades polo de saúde para tratamentos de maior complexidade. Planos e Programas Estaduais: Plano de Contingência de Dengue e Febre Chikungunya e Febre Amarela.

- Bocaiúva

A estrutura para atendimento à saúde no município de Bocaiúva conta, atualmente, com 04 (quatro) Unidades Básicas de Saúde (UBS) com Equipes de Saúde da Família (ESF). As quatro unidades estão instaladas na sede municipal. Há, ainda, 02 (duas) Policlínicas com atendimento odontológico na sede municipal e 13 (treze) Postos de Saúde da Família (PSF), sendo que oito (08) unidades estão distribuídas pelos povoados da área rural e as demais na área urbana. Esta estrutura prevê a distribuição espacial do atendimento por zonas do município, com o objetivo de garantir o acesso igualitário para toda a população.

As UBSs são as principais referências no atendimento à saúde, embora exista o Hospital Regional Doutor Gil Alves, na sede do município. Com convênio entre o SUS, município e estado. O município participa do Consórcio Intermunicipal de Saúde da região Portal Norte.

De acordo com as entrevistadas a estrutura atual não atende satisfatoriamente à demanda, principalmente, levando em conta que os municípios vizinhos direcionam para Bocaiúva parte da necessidade de atendimento, o que sobrecarrega o sistema. Ainda, segundo a agente administrativa, a estratégia tem sido priorizar os casos mais urgentes em triagens feitas por cada unidade.

A superintendente, também, apontou deficiências no atendimento de especialidades médicas e tratamentos de doenças mais graves, como câncer, por exemplo. Com 100% de cobertura da atenção básica, a responsável pela saúde, também, identifica carência de agentes comunitários.

Para as entrevistadas, o município de Bocaiúva necessitaria ampliar a sua oferta no que se refere aos serviços de atendimento aos casos de média complexidade, como o atendimento hospitalar e, também, aumentar a oferta de serviços na atenção básica, caso ocorra um aumento da demanda, mesmo que temporária.

Entre as vulnerabilidades identificadas em relação à saúde pública, a extensão territorial do município de Bocaiúva em relação ao tempo de resposta às urgências foi a principal preocupação apontada. Uma vez que é difícil garantir sempre uma resposta positiva em tempo hábil nos casos mais graves, devido à conjunção de fatores como área territorial extensa, insuficiência de recursos humanos e deficiência nos transportes. A solução apontada seria uma revisão da regionalização do atendimento em relação às sedes dos municípios mais próximos, priorizando características como localização, distâncias e tempo de deslocamento do paciente em relação à unidade de saúde.

Entre as doenças de baixa ocorrência no município, a agente administrativa apontou a Leishmaniose Visceral, Hepatites Virais, Coqueluche, Esquistossomose, Hanseníase, Tuberculose e Doença de Chagas. Há também registros irrelevantes de contaminação por Dengue e casos exógenos de suspeita de Febre Chikungunya e Febre Amarela. Entre as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs), o município de Bocaiúva tem registros medianos de contaminação por HIV e Sífilis. O alcoolismo, a violência doméstica, sexual e/ou outras violências, acidentes com animais peçonhentos e atendimento antirrábico têm registros irrelevantes no município, que registra alta incidência de doenças respiratórias, em decorrência da grande emissão de gases poluentes por uma empresa metalúrgica.

A distribuição de medicamentos aparece como um ponto vulnerável, em especial por conta da oscilação da demanda, de acordo com as informações prestadas pela agente administrativa.

Entre os planos e programas governamentais na área de saúde foram mencionados os seguintes: Planos e Programas Federais: Programa Saúde da Família; Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU); Academia ao Ar Livre; Centro de Atenção Psicossocial (CAPS); Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF), que dá suporte às equipes de saúde da família; Farmácia de Minas; Farmácia Popular de Minas; Tratamento Fora de Domicílio (TFD) que custeia as despesas de paciente e acompanhante em cidades polo de saúde para tratamentos de maior complexidade.

Entre os Planos e Programas Estaduais podem ser citado: Plano de Contingência de Dengue e Febre Chikungunya e Febre Amarela.

- Glaucilândia

A estrutura para atendimento à saúde no município de Glaucilândia conta, atualmente, com 01 (uma) Unidade Básica de Saúde (UBS) com duas (02) Equipes de Saúde da Família (ESF) na zona urbana e 01 (um) Posto de Saúde da Família (PSF) na área rural. Esta estrutura prevê a distribuição espacial do atendimento por zonas do município, com o objetivo de garantir o acesso igualitário para toda a população.

A UBS é a principal referência no atendimento à saúde, embora, exista o hospital municipal de Montes Claros. Com convênio entre o SUS, município e estado. Glaucilândia participa, também, do Consórcio Intermunicipal CISMACHRO.

De acordo com o Vice-prefeito, a estrutura atual atende satisfatoriamente à demanda municipal. Em relação à presença do empreendimento no município é necessário ampliar a estrutura e a oferta de serviços no que se refere aos serviços de atendimento aos casos de média complexidade, como o atendimento hospitalar e, também, aumentar a oferta de serviços na atenção básica, caso ocorra um aumento da demanda, mesmo que temporária.

Entre as doenças de baixa ocorrência no município, o Vice-prefeito apontou a Leishmaniose Visceral, Hepatites Virais, Coqueluche, Esquistossomose, Hanseníase, Tuberculose e Doença de Chagas. Há, também, registros irrelevantes de contaminação por Dengue e casos exógenos de suspeita de Febre Chikungunya, tendo ocorrido uma notificação de Febre Amarela em um animal. Entre as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs), o município de Glaucilândia tem poucos registros de contaminação por HIV e Sífilis. O alcoolismo, a violência doméstica, sexual e/ou outras violências, acidentes com animais peçonhentos e atendimento antirrábico, também, têm registros irrelevantes no município.

A distribuição de medicamentos aparece como um ponto vulnerável, em especial por conta da oscilação da demanda, de acordo com as informações prestadas pelo vice-prefeito de Glaucilândia.

Entre os planos e programas governamentais na área de saúde foram mencionados os seguintes: Planos e Programas Federais: Programa Saúde da Família; Academia ao Ar Livre; Centro de Referência de Assistência Social (CRAS); e Tratamento Fora de Domicílio (TFD) que custeia as despesas de paciente e acompanhante em cidades polo de saúde para tratamentos de maior complexidade). Planos e Programas Estaduais: Plano de Contingência de Dengue e Febre Chikungunya e Febre Amarela.

- Janaúba

A estrutura para atendimento à saúde no município de Janaúba conta, atualmente, com 23 (vinte e três) Unidades Básicas de Saúde (UBS) com Equipes de Saúde da Família (ESF), sendo que 20 (vinte) destas unidades estão instaladas na sede municipal e as demais distribuídas pelos povoados da área rural. Esta estrutura prevê a distribuição espacial do atendimento por zonas do município, com o objetivo de garantir o acesso igualitário para toda a população. Funciona, ainda, 03 (três) policlínicas localizadas na sede municipal.

As UBSs são as principais referências no atendimento à saúde, embora, exista 01 (um) hospital regional na sede do município, com convênio entre o SUS, município e o estado. O município de Janaúba participa, também, do Consórcio Intermunicipal União da Serra Geral, onde é contemplado na área de saúde.

No município não há uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA), integralmente construída e equipada. De acordo com o Vice-prefeito, a estrutura atual não atende satisfatoriamente à demanda, principalmente, levando em conta que os municípios vizinhos direcionam para Janaúba parte da necessidade de atendimento, o que sobrecarrega o sistema.

O Vice-prefeito, também, apontou deficiências no atendimento de especialidades médicas e tratamentos de doenças mais graves, como câncer, por exemplo. Afirmando que o município de Janaúba necessitaria ampliar a sua oferta no que se refere aos serviços de atendimento aos casos de média complexidade, como o atendimento hospitalar e, também, aumentar a oferta de serviços na atenção básica, caso ocorra um aumento da demanda, mesmo que temporária.

Entre as vulnerabilidades identificadas em relação à saúde pública, além de atender grande parte da demanda dos municípios vizinhos, há ainda a grande extensão territorial de Janaúba, o que prejudica o tempo de resposta às urgências médicas. Segundo explicou, é difícil garantir sempre uma resposta positiva em tempo hábil nos casos mais graves, devido à conjunção de fatores como área territorial extensa, insuficiência de recursos humanos e deficiência nos transportes. A solução apontada seria uma ampliação do atendimento em relação às sedes dos municípios mais próximos, priorizando características como localização, distâncias e tempo de deslocamento do paciente em relação à unidade de saúde apta a recebê-lo com mais rapidez.

Entre as doenças de baixa ocorrência no município, o Vice-prefeito apontou a Leishmaniose Visceral, Hepatites Virais, Coqueluche, Esquistossomose, Hanseníase, Tuberculose e Doença de Chagas. Em Janaúba há muitos pacientes com Chagas, porém, todos estão com idade avançada e moram na zona rural. Há, também, poucos registros, porém, controlados de contaminação por Dengue e casos exógenos de suspeita de Febre Chikungunya. Não houve a ocorrência de caso de Febre Amarela no município. Entre as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs), o município de Janaúba tem registros irrelevantes de contaminação por HIV e Sífilis. O alcoolismo, a violência doméstica, sexual e/ou outras violências, acidentes com animais peçonhentos e atendimento antirrábico também têm registros irrelevantes no município, que registra baixa incidência de doenças no trato intestinal por conta do tratamento de água.

A distribuição de medicamentos aparece como um ponto vulnerável, em especial por conta da oscilação da demanda, de acordo com as informações prestadas pelo vice-prefeito de Janaúba.

Entre os planos e programas governamentais na área de saúde foram mencionados os seguintes: Planos e Programas Federais: Programa Saúde da Família, Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU), Academia ao Ar Livre, Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF), que dá suporte às equipes de saúde da família), Brasil Sorridente, Tratamento Fora de Domicílio (TFD), que custeia as despesas de paciente e acompanhante em cidades polo de saúde para tratamentos de maior complexidade. Planos e Programas Estaduais: Plano de Contingência de Dengue, Febre Chikungunya e Febre Amarela; Projeto de Esporte, Lazer e Saúde.

- Monte Azul

O município conta com 11 (onze) Unidades Básicas de Saúde (UBS), sendo 6 em área urbana e 5 em área rural, que cobrem 100% da população. O Hospital Nossa Senhora das Graças é de administração municipal, por intermédio da Fundação Hospitalar Major Domingues Teixeira e oferece atendimento de nível 2. Os casos que requeiram maior atenção e complexidade são encaminhados para Janaúba ou Montes Claros. A Secretaria de Saúde conta com 1 ônibus, 2 ambulâncias e 9 carros à disposição para atender os deslocamentos necessários.

O município é capaz de suportar um aumento na demanda com a atual estrutura, porém, necessita ainda de expansão em sua rede para atender casos de maior complexidade e há o receio de que a chegada de trabalhadores possa incrementar um problema já identificado pelo poder público local, a gravidez na adolescência.

A principal vulnerabilidade apontada é a falta de material humano, a dificuldade em atrair profissionais especializados da saúde para cidades do interior do Brasil, que dificulta o preenchimento de vagas. Também, foi mencionada a falta de mais uma ambulância e uma alta taxa de gravidez entre adolescentes.

Os planos da prefeitura para a área da saúde nos próximos anos são a ampliação das atuais UBSs existentes, construção de duas novas nas comunidades quilombolas de São Sebastião e Socó, próximas a Porteirinha e Pai Pedro, além de iniciar ciclo de palestras nas escolas a partir de maio com o **programa “Saúde na Escola” no intuito de conter a disseminação de DSTs, ainda baixo, e os casos de gravidez na adolescência.** O município possui 3 casos de HIV notificados e espera, também, não precisar lidar com expansão desse número.

- Pai Pedro

O município conta 01 (uma) Unidade Básica de Saúde localizada na área urbana e 02 (dois) Postos de Saúde em áreas rurais. A UBS conta com ambulância, laboratório para exames, odontologia, psicologia e fisiologia, além de um desfibrilador.

Na área de saúde o município enfrenta um pequeno paradoxo em seu atendimento. Devido à diminuta população, os serviços são oferecidos de forma satisfatória à população, porém, devido a isso, atrai moradores de outros municípios. Dessa forma, segundo o secretário entrevistado, o governo estadual foi comunicado que a estrutura de saúde de Pai Pedro hoje atende cerca de 7.500 pessoas, algo em torno de 1.500 pessoas além da população oficial. Essa pressão tem posto no limite a capacidade do município atender os seus próprios habitantes e certamente não comportará a chegada de mais trabalhadores.

A falta de uma UTI e de uma UPA foram apontadas como principais vulnerabilidades do município que, também, enfrenta problemas com DST em alguns casos decorrentes de prostituição infantil.

Não há planos ou programas da área de saúde previstos para implantação por parte da Prefeitura, apenas o cumprimento do Pacto Municipal que estabelece algumas diretrizes para a administração.

- Caetité

A cidade possui, para atenção básica, 01 (uma) Unidade de Pronto Atendimento (UPA), 03 (três) Unidades Básicas de Saúde (UBSs) e 01 (um) Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF), com oferta de atendimento psicológico, fisioterápico e social na área urbana. Na área rural funcionam 08 (oito) UBSs. Funciona um hospital particular na cidade, administrado pela Fundação Hospitalar Senhora Santana, que possui convênio com o SUS e oferece atendimento de nível 2. Casos mais complexos são enviados para Guanambi (40 km – 43 minutos) ou Vitória da Conquista (236 km – 3h). A cidade, também, conta com um Centro de Atenção Psicossocial Álcool Outras Drogas (CAPS-AD) e dois Centros de Referência da Assistência Social (CRAS), desempenhando trabalho itinerante pelas comunidades da área rural, e outro em área urbana, como nova instalação no bairro Ovídio Teixeira.

O município oferece 100% de cobertura aos moradores em atenção básica, porém, certamente a cidade e, principalmente, a área da saúde serão afetadas com a chegada de trabalhadores. A afirmação se deve à experiência da cidade com a construção de usinas eólicas e outros empreendimentos. Foi citada a experiência em relação a implementação de uma usina eólica há mais ou menos 3 anos, motivo pelo qual a cidade recebeu muitos trabalhadores externos, o que se refletiu em um grande aumento no número de gravidez na adolescência, expansão das notificações de DSTs e de quatro casos de HIV. As crianças nascidas nesse **período são conhecidas como “filhos da obra”, pois poucas tiveram o pai registrado.** Casos de jovens que fugiam ou evitavam as aulas para irem aos barracões da obra foram denunciados à prefeitura e à polícia na época, mas evitar os acontecimentos mostrou-se pouco eficaz e hoje a cidade lida com as consequências. Segundo informou o representante do poder público municipal, o impacto não foi maior, pois a Renova contratou muita mão de obra local.

A cidade enfrenta problemas relacionados ao consumo de drogas, gravidez na adolescência e depressão. Na época de chuva os surtos de dengue são comuns e a cidade, também, tem diagnosticado alguns casos de câncer, porém, sem estrutura para tratá-los.

A partir de convênio com governos estadual e federal, a prefeitura tem trabalhado para a instalação de uma Unidade de Assistência de Alta Complexidade (UNACON), para atendimentos oncológicos requeridos no município, ainda, na fase de tratativas.

- Guanambi

O município conta hoje com 19 (dezenove) Programas Saúde da Família (PSFs), sendo 4 em área rural e 15 em área urbana, 01 (uma) Casa da Criança, para atendimento especializado em pediatria, e 02 (dois) Núcleos de Apoio à Saúde da Família (NASFs), que oferecem atendimentos complementares como psicologia, fisiologia e nutricionismo. Funcionam 02 (dois) hospitais no município, um de administração estadual (Hospital Geral do Estado – HGE), com Pronto Socorro 24 horas, maternidade, Unidade de Tratamento Intenso e capaz de realizar cirurgias e, outro, de administração municipal (Hospital Municipal de Guanambi), que conta com policlínica e oferece atendimento eletivo para especialidades. A Central de Regulações, órgão administrado pela prefeitura, organiza os atendimentos que são encaminhados para o hospital municipal. Há, também, uma UPA 24 horas e a central do SAMU na cidade, que possui duas ambulâncias avançadas, equipadas com UTI, um médico e uma enfermeira, uma ambulância básica, com um técnico socorrista e algumas motolâncias, com técnico socorrista para os primeiros socorros. Funciona, também, 01 (um) Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA), para atendimentos de DST e HVI e 02 (dois) CAPS, um especializado em drogas e outro em doenças mentais. O município, também, conta com equipe especializada no combate à leishmaniose humana que atende casos suspeitos e aplica bloqueio em raio de 150 m ao redor da casa, caso seja confirmado um caso.

O município conta com o Hospital Nova Aliança, privado, único habilitado para o procedimento de cateterismo e que, também, oferece Pronto Socorro 24 horas, e o Hospital do Rim, especializado em nefrologia, conveniado com o SUS.

O município cobre 85% de população em atenção básica e 91% em atenção bucal. A presença dos trabalhadores no município afetará o atendimento já sobrecarregado e, tendo em vista as experiências anteriores com a construção de ferrovia e parques eólicos, espera-se um aumento nos casos de DST e gravidez na adolescência.

As principais vulnerabilidades do município apontadas foram a falta de uma UTI infantil, um serviço oncológico que atenda os casos da cidade, hoje encaminhados para Vitória da Conquista e Salvador, neurologia e ortopedia especializada em coluna. Em casos graves, o paciente é estabilizado no município e transferido para Vitória da Conquista, distante 280 km ou 3 horas e meia de viagem, em média.

O município foi bastante afetado, nos últimos anos, pelos casos de zika, chikungunya e dengue. Durante o verão, seis equipes circulam pelo município a fim de combater focos de mosquitos e ajudar no controle epidemiológico.

O município planeja construir, ainda em 2017, mais 05 (cinco) PSF, sendo dois em área rural e três em área urbana com o fim de cobrir 100% da população em atenção básica. A construção de uma Casa da Mulher, para atendimento especializado, também, está no planejamento para o ano corrente.

- Urandi

O município possui 05 (cinco) Programas Saúde da Família (PSFs), sendo 3 em área rural e 2 em área urbana. O Hospital Municipal está parcialmente fechado para reforma, com previsão de retorno para 2018. Somente o Pronto-Socorro encontra-se em funcionamento.

Atualmente, o município atende 100% de sua demanda em atenção básica e encaminha para Guanambi os casos de maior complexidade. A atual estrutura tem capacidade para suportar um aumento na demanda decorrente da presença de trabalhadores da obra, porém, teme-se um aumento nos casos de gravidez na adolescência.

As principais vulnerabilidades na área de saúde foram apontadas para os surtos de zika e dengue ocorridos em 2016, os quais exigiram a utilização de fumacê pela cidade, o que permitiu ao poder municipal conter uma epidemia. DSTs, também, preocupam tendo dois casos notificados de HIV.

O principal plano para a área de saúde é a conclusão da reforma do Hospital Municipal e ampliação do PSF Dorival Dantas, na região urbana, ambas em andamento. Um novo PSF com capacidade de atendimento para complexidades nível 2, também, encontra-se em obras, porém, sem previsão de finalização. O governo federal deu início a construção de uma Academia de Saúde, que já tem 20% de sua obra concluída e espera-se a conclusão total para o fim do ano. Junto a isso, a prefeitura de Urandi, em união com outros vinte e dois poderes municipais, está organizando para agosto um Consórcio de Saúde com apoio do governo do estado que oferecerá atendimento clínico de especialidades.

2.2.4.4.1.1.3 - Endemias

Além das causas de internação para a composição do perfil da saúde na AER, foram considerados os agravos de notificação. Entende-se como agravos de notificação, aqueles cuja notificação é compulsória, uma vez que sua ocorrência seja identificada por profissionais de saúde. A obrigatoriedade de notificação de determinados agravos está relacionada ao potencial de risco à saúde pública de algumas doenças específicas.

Para contribuir na percepção de saúde da AER foram selecionados os dados referentes aos seguintes agravos de notificação: Acidentes por animais peçonhentos; Dengue; Leishmaniose Tegumentar Americana; Hepatite Viral; Tuberculose e Sífilis.

- Acidentes com Animais Peçonhentos

Embora este agravo não seja um tipo de doença contagiosa potencial, a partir de 2010 foi incluído no rol de agravos de notificação, pois apresenta uma ocorrência relevante, principalmente, em populações rurais de baixa renda. Considerando o potencial impacto de afugentamento de fauna, na abertura de acessos para estabelecimento da faixa de servidão, é necessário conhecer o quadro de ocorrência deste agravo na AER, de forma a se avaliar a relevância deste risco. Para tanto foram levantados os casos ocorridos de 2011 a 2015. Em função da diferença dos contingentes populacionais para comparar o risco deste tipo de ocorrência entre os municípios, optou-se por calcular uma taxa de ocorrência de acidentes para cada mil habitantes. Assim, foi dividido o somatório das ocorrências no período (2011 – 2015) pela população dos municípios (em milhares), conforme apresentado no Quadro 2.2.4.4.1-6.

Quadro 2.2.4.4.1-6 – Ocorrência de Acidentes por Animal Peçonhento (2011 – 2015)

Município	2011	2012	2013	2014	2015	Total	Total por Mil Habitantes
Caetitê – BA	289	262	291	229	0	1071	22,54
Candiba – BA	-	-	3	5	2	10	0,76
Guanambi – BA	177	179	155	161	210	882	11,19
Pindaí – BA	10	3	-	3	-	16	1,02
Urandi – BA	145	135	129	99	73	581	35,28
AER -BA	621	579	578	497	285	2560	14,91
Augusto de Lima – MG	-	8	7	8	5	28	5,65
Bocaiúva – MG	-	322	309	374	264	1269	27,20
Buenópolis – MG	-	-	6	7	18	31	3,01
Catuti – MG	-	14	20	17	9	60	11,76
Engenheiro Navarro - MG	-	39	36	49	17	141	19,80
Espinosa - MG	-	61	81	114	82	338	10,86
Francisco Sá - MG	-	23	40	70	35	168	6,74
Glaucilândia - MG	-	-	1	2	5	8	2,70
Gouveia - MG	-	8	11	6	-	25	2,14
Guaraciama - MG	-	19	32	21	14	86	18,23
Janaúba - MG	-	207	231	197	121	756	11,32
Joaquim Felício - MG	-	3	3	5	-	11	2,56
Juramento - MG	-	2	-	4	3	9	2,19
Mamonas - MG	-	25	30	45	8	108	17,09
Mato Verde - MG	-	8	36	29	6	79	10,03
Monjolos - MG	-	4	3	3	1	11	4,66
Monte Azul - MG	-	104	138	105	60	407	18,51
Montes Claros - MG	4	1130	1281	1462	981	4859	13,43
Nova Porteirinha - MG	-	1	1	2	2	6	0,81
Olhos-d'Água - MG	-	13	14	15	19	61	11,58
Pai Pedro - MG	-	18	16	22	13	69	11,63
Porteirinha – MG	-	254	231	236	131	852	22,64
Presidente Juscelino - MG	-	11	12	20	23	66	16,89
Santo Hipólito – MG	-	3	3	4	4	14	4,32
AER MG	4	2277	2542	2817	1821	9462	13,74
AER Total	625	2.856	3.120	3.314	2.106	12.022	14,0

Fonte: Ministério da Saúde/SVS - Sistema de Informação de Agravos de Notificação - Sinan Net, 2017

A partir dos dados apresentados conclui-se que o município onde há o maior risco de acidentes por animais peçonhentos é Urandi. Apesar disto é importante salientar que o município tem apresentado desde 2011 uma queda no número de casos, de modo que o número de ocorrências de 2015 é aproximadamente metade daquelas registradas em 2011. A tendência de redução de casos, também, foi identificada em Bocaiuva, que apresenta a segunda maior taxa de ocorrência para cada mil habitantes, assim como em Porteirinha (terceira maior taxa) que registrou-se uma redução ao longo do período.

Em Caetité (a quarta maior taxa) foi identificada uma situação peculiar: as ocorrências apresentaram de 2011 a 2014 flutuações, mas em 2015 não houve registro de casos. Não foi possível identificar o motivo desta queda brusca na ocorrência de casos, mas foi possível, por outras fontes, identificar que atualmente este tipo de ocorrência, ainda, incide no município, como aponta a notícia a seguir reproduzida:

“Um morador da fazenda Lagoa Celso Pereira, zona rural de Caetité, foi vítima de picada de cobra durante a manhã desta segunda-feira (27). A vítima identificada por José Nilton, teria ido até a um pé de pequi colher alguns frutos, momento em que foi picado por uma cobra cascavel. Segundo informações, após ser picado o homem ficou com a visão turva, mesmo assim conseguiu se deslocar com a sua moto até a residência, que fica a cerca de 7 km do ocorrido. Socorrido, ele foi encaminhado ao Hospital Regional de Guanambi, onde permanece internado. (Mateus Souza/Portal Alô Pilões)”. Fonte: <http://www.macaubenselife.com.br/2017/03/caetite-ba-homem-e-picado-por-cobra.html> (consultado em maio de 2017).

Destaca-se na notícia, além da ocorrência, que casos de acidente por animal peçonhento não são tratados no município de Caetité, sendo necessário o deslocamento para um município polo de saúde.

No que se refere ao agravo de notificação por Acidentes com Animais Peçonhentos, os municípios que exigem maior atenção (com taxas superiores a 18 casos por mil habitantes) em relação a este tipo de ocorrência são: Urandi; Bocaiuva; Porteirinha; Caetité; Engenheiro Navarro; Monte Azul e Guaraciama.

- Dengue

O Quadro 2.2.4.4.1-7 apresenta o número de casos confirmados de dengue nos municípios da AER no período compreendido entre 2009 e 2012, sendo este último o ano mais recente disponível nos dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN). A dengue é uma doença infecciosa e é transmitida pelo mosquito fêmea do gênero *Aedes* e da espécie *aegypti*. O mosquito se reproduz, principalmente, em ambientes com água parada.

Para avaliar o risco em cada um dos municípios, a despeito das diferenças de contingentes populacionais, novamente foram utilizadas as taxas do número de casos sobre cada mil habitantes. Contudo, para a Dengue, o cálculo da taxa teve como referência o ano mais recente, cujos dados estão disponíveis. Assim, a quantidade de casos do ano de 2012 foi dividida pela população dos municípios (em milhares). Destaca-se que os dados para o município de Santo Hipólito não estavam disponíveis para nenhum ano pesquisado.

Segundo os dados, os municípios de Pindaí, Urandi, Guaraciama, Joaquim Felício, Olhos D'Água e Pai Pedro não apresentaram casos em 2012, de modo que a taxa ficou igual a zero. Em outros 12 a taxa mostrou-se, comparativamente, muito baixa, não atingindo 1 caso para mil habitantes. Neste sentido, o ocorrência de Dengue não constitui um risco elevado na maior parte da AER. Considerando este panorama, somente em dois municípios há um risco a ser observado, são eles Guanambi (com uma taxa de 16,7) e Nova Porteirinha, onde a taxa atingiu o mais alto patamar de toda AER, ou seja, 16,9. Este destaque dos dois municípios fica, ainda, mais evidente se considerar que a terceira maior taxa, registrada no município de Augusto de Lima, é aproximadamente $\frac{1}{4}$ da taxa destes municípios, que corresponde a 4,4.

Quadro 2.2.4.4.1-7 - Casos confirmados de dengue nos últimos quatro anos disponíveis (2009-2012)

Município	2009	2010	2011	2012	Total	Nº Casos (2012) por Mil Habitantes
Caetité – BA	55	108	3	35	201	0,74
Candiba – BA	1	18	4	25	48	1,89
Guanambi – BA	367	264	341	1317	2289	16,71
Pindaí – BA	16	17	1	-	34	0,00
Urandi – BA	2	3	2	-	7	0,00
AER -BA	441	410	351	1377	2579	8,02
Augusto de Lima – MG	1	91	187	22	301	4,44
Bocaiúva – MG	11	885	81	30	1007	0,64
Buenópolis – MG	1	353	32	1	387	0,10
Catuti – MG	194	-	12	15	221	2,94
Engenheiro Navarro – MG	21	60	1	2	84	0,28
Espinosa - MG	1	399	33	100	533	3,21
Francisco Sá - MG	27	479	47	12	565	0,48
Glaucilândia - MG	-	-	-	1	1	0,34
Gouveia - MG	2	46	4	1	53	0,09
Guaraciama - MG	-	6	3	-	9	0,00
Janaúba - MG	42	998	52	250	1342	3,74
Joaquim Felício - MG	-	39	1	-	40	0,00

Município	2009	2010	2011	2012	Total	Nº Casos (2012) por Mil Habitantes
Juramento - MG	-	6	41	1	48	0,24
Mamonas - MG	2	4	3	3	12	0,47
Mato Verde - MG	7	63	5	1	76	0,13
Monjolos - MG	-	-	-	1	1	0,42
Monte Azul - MG	3	138	3	90	234	4,09
Montes Claros - MG	403	6825	428	916	8572	2,53
Nova Porteirinha – MG	-	70	8	125	203	16,90
Olhos-d'Água – MG	2	-	-	-	2	0,00
Pai Pedro - MG	-	76	-	-	76	0,00
Porteirinha - MG	34	450	15	24	523	0,64
Presidente Juscelino – MG	7	153	39	2	201	0,51
AER MG	758	11141	995	1597	14491	2,32
AER Total	1199	11551	1346	2974	17070	3,46

Fonte: Ministério da Saúde/SVS - Sistema de Informação de Agravos de Notificação - Sinan Net, 2017

■ Hepatite Viral

O Quadro 2.2.4.4.1-8 apresenta os casos confirmados de hepatites virais nos últimos cinco anos disponíveis (2011-2015). As hepatites virais podem ser causadas por vírus, uso de alguns remédios, álcool e drogas, além de doenças autoimunes, metabólicas e genéticas. As hepatites virais mais comuns no Brasil são do tipo A, B e C. As do tipo D e E são mais comuns na África e na Ásia. As principais causas das hepatites virais são as condições precárias de saneamento básico e água, de higiene pessoal e dos alimentos (vírus A); relações sexuais desprotegidas, compartilhamento de agulhas, lâminas de barbear, alicate de unha (vírus B e C); e por transmissão sanguínea da mãe para o filho durante a gravidez, no parto ou na amamentação (vírus B e C).

De um modo geral a incidência de hepatite, no período estudado, é relativamente baixa. Observa-se que com níveis tão reduzidos não se justifica a realização do cálculo da taxa de ocorrência por mil habitantes. Na AER como um todo, o maior número de casos de hepatites virais concentrou-se no ano de 2011, e a tendência nestes últimos cinco anos foi de queda de registros da doença. Em Montes Claros no período entre 2011 e 2014, registrou-se uma incidência um pouco mais elevada, contudo, em 2015 houve uma queda brusca nas ocorrências. Levando em consideração o contingente deste município, os valores, principalmente o último, são pouco significativos. Em resumo, conclui-se que este agravo representa baixo risco e é pouco relevante no contexto da AER. Observa-se que no banco de dados do SINAN, não há registro para 13 municípios.

Quadro 2.2.4.4.1-8 - Casos confirmados de hepatites virais nos últimos cinco anos disponíveis (2011-2015)

Município	2011	2012	2013	2014	2015	Total
Caetité – BA	2	-	2	1	0	5
Guanambi – BA	7	9	-	1	2	19
AER -BA	9	9	2	2	2	24
Augusto de Lima – MG	2	1	-	-	-	3
Bocaiúva – MG	3	1	-	1	-	5
Buenópolis – MG	-	-	-	-	1	1
Catuti – MG	-	-	-	-	1	1
Engenheiro Navarro - MG	-	-	-	1	-	1
Espinosa - MG	-	1	-	-	-	1
Francisco Sá - MG	-	1	1	-	-	2
Gouveia - MG	1	2	1	1	-	5
Janaúba - MG	4	5	-	4	-	13
Joaquim Felício - MG	-	-	-	1	-	1
Monjolos - MG	-	-	2	-	-	2
Monte Azul - MG	1	-	1	-	-	2
Montes Claros - MG	30	33	33	53	5	154
Presidente Juscelino - MG	1	-	1	-	-	2
AER MG	42	44	39	61	7	193
AER Total	51	53	41	63	9	217

Fonte: Ministério da Saúde/SVS - Sistema de Informação de Agravos de Notificação - SINAN Net, 2017.

- Leishmaniose Tegumentar Americana

O Quadro 2.2.4.4.1-9 apresenta o número de casos registrados por Leishmaniose Tegumentar Americana (LTA). A leishmaniose é uma doença infecciosa e não contagiosa, transmitida por diferentes protozoários do gênero *Leishmania*, que acometem o homem e provocam úlceras na pele e nas mucosas das vias aéreas. Os vetores do protozoário são mosquitos que, dependendo da localidade, são popularmente conhecidos como mosquito palha, tatuquira, birigui, dentre outros. A infecção, portanto, ocorre com a picada do mosquito afetado pelo protozoário. Não há transmissão de pessoa para pessoa. O SUS oferece tratamento gratuito para a doença, que requer medicações específicas e acompanhamento especializado.

Nos dados levantados existem registros para 18 dos 29 municípios da AER. De uma forma geral a incidência do agravo é baixo, de modo que não se justifica calcular sua taxa por cada mil habitantes. O município com maior número de casos no período estudado é Montes Claros, mas mesmo neste a ocorrência do agravo é pouco significativa, dado o contingente populacional. Não há indicativo de redução ou tendência de redução do número de casos, pois dentro do período estudado foram registradas flutuações. Destaca-se que nos municípios de Caetité, Guaraciama e Santo Hipólito houve somente um registro nos cinco anos observados.

Quadro 2.2.4.4.1-9 - Casos confirmados de Leishmaniose Tegumentar Americana nos últimos cinco anos disponíveis (2011-2015)

Município	2011	2012	2013	2014	2015	Total
Caetité – BA	-	-	1	-	-	1
Guanambi – BA	-	2	4	-	3	9
AER -BA	2	2	5	0	3	12
Augusto de Lima – MG	-	1	-	-	1	2
Bocaiúva – MG	8	2	1	1	4	16
Engenheiro Navarro – MG	1	-	-	-	1	2
Espinosa – MG	2	1	-	1	-	4
Francisco Sá – MG	7	1	2	2	6	18
Gouveia – MG	2	1	9	-	3	15
Guaraciama – MG	1	-	-	-	-	1
Janaúba – MG	4	5	3	9	3	24
Joaquim Felício – MG	1	-	1	1	-	3
Juramento – MG	1	-	-	-	1	2
Montes Claros – MG	90	71	50	74	67	352
Nova Porteirinha – MG	1	-	3	-	1	5
Olhos-d'Água – MG	-	-	5	-	-	5
Porteirinha – MG	-	1	1	-	-	2
Presidente Juscelino – MG	1	1	-	1	-	3
Santo Hipólito – MG	1	-	-	-	-	1
AER MG	120	84	75	89	87	455
AER Total	122	86	80	89	90	467

Fonte: Ministério da Saúde/SVS - Sistema de Informação de Agravos de Notificação - Sinan Net, 2017

▪ Tuberculose

O Quadro 2.2.4.4.1-10 apresenta as notificações de casos de tuberculose nos últimos cinco anos (2011-2016). A tuberculose é uma doença infecciosa e transmissível que afeta, principalmente, os pulmões. A doença é transmitida pela bactéria *Mycobacterium tuberculosis* ou Bacilo de Koch por vias aéreas, logo, ao falar, espirrar ou tossir o paciente lança no ar partículas que contém bacilos.

De um modo geral, a tuberculose apresenta baixa incidência na AER, principalmente no último ano pesquisado (2016). Desde 2011 o número de casos já era baixo em relação aos contingentes populacionais, contudo, em 2016, dos 12 municípios que apresentaram alguma ocorrência de tuberculose, 08 tiveram números de casos inferiores a 2015, 02 mantiveram os mesmos valores e em outros 02 ocorreram aumentos. Destaca-se que os municípios onde foram registrados aumentos no número de casos, Mato Verde e Monte Azul, não apresentaram registros em 2015. Outro ponto que merece destaque é a redução no número de casos nos anos finais (2015 para 2016), nos municípios de Guanambi, Bocaiuva, Janaúba, Montes Claros e Porteirinha, esta redução foi intensa ao se comparar com o desempenho registrado nos anos anteriores e teve repercussão na quantidade de casos registradas na AER. No banco de dados do SINAN não constavam registros referentes aos municípios de Candiba, Augusto de Lima, Monjolos, Presidente Juscelino e Santo Hipólito.

Quadro 2.2.4.4.1-10 - Casos confirmados de tuberculose nos últimos cinco anos disponíveis (2011-2016)

Município	2011	2012	2013	2014	2015	2016	Total
Caetité – BA	1	4	6	5	4	4	24
Guanambi – BA	-	10	13	7	11	2	43
Pindaí – BA	-	-	1	2	-	-	3
Urandi – BA	-	-	-	-	2	1	3
AER - BA	1	14	20	14	17	7	73
Bocaiúva – MG	6	5	11	7	7	2	38
Buenópolis – MG	6	1	7	1	5	-	20
Catuti – MG	2	-	-	1	-	-	3
Engenheiro Navarro - MG	-	1	2	1	1	-	5
Espinosa – MG	9	5	4	7	7	3	35
Francisco Sá – MG	2	5	1	4	5	-	17
Glaucilândia – MG	-	-	1	-	-	-	1
Gouveia – MG	-	2	-	-	-	-	2
Guaraciama – MG	-	-	2	2	-	-	4
Janaúba – MG	17	14	22	15	17	5	90
Joaquim Felício – MG	1	8	1	3	2	1	16
Juramento – MG	-	-	-	1	-	-	1

Município	2011	2012	2013	2014	2015	2016	Total
Mamonas – MG	-	-	2	1	-	-	3
Mato Verde – MG	-	-	2	2	-	2	6
Monte Azul – MG	3	3	4	4	-	1	15
Montes Claros – MG	119	111	114	144	144	29	661
Nova Porteirinha – MG	-	2	2	-	1	1	6
Olhos-d'Água – MG	-	-	-	1	-	-	1
Pai Pedro – MG	2	1	-	3	1	-	7
Porteirinha – MG	1	5	6	7	6	1	26
AER MG	168	163	181	204	196	45	957
AER Total	169	177	201	218	213	52	1.030

Fonte: Ministério da Saúde/SVS - Sistema de Informação de Agravos de Notificação - SINAN Net, 2017

▪ Sífilis Congênita

O Quadro 2.2.4.4.1-11 apresenta os municípios que tiveram notificações de casos de sífilis congênita no mais recente período disponível 2009–2013. A sífilis é uma Infecção Sexualmente Transmissível (IST) causada pela bactéria *Treponema pallidum*, e pode ser transmitida por relações sexuais desprotegidas com uma pessoa infectada ou em casos de gravidez onde a mãe infectada transmite para o bebê durante a gestação ou o parto.

Observa-se que dos 29 municípios componentes da AER somente 05 apresentaram registros, destes somente Montes Claros apresentou ocorrência do agravo no último ano pesquisado, tratando-se somente de um caso. Considera-se este valor desprezível, principalmente, ao se levar em conta o contingente populacional deste município.

Quadro 2.2.4.4.1-11 - Casos confirmados de sífilis congênita (2009-2013)

Município	2009	2010	2011	2012	2013	Total
Caetitê – BA	-	-	1	-	-	1
Guanambi – BA	2	1	3	1	-	7
AER -BA	2	1	4	1	-	8
Bocaiúva – MG	1	-	1	-	-	2
Catuti – MG	1	-	-	-	-	1
Janaúba – MG	1	-	-	2	-	3
Montes Claros – MG	1	-	3	7	1	12
AER MG	4	0	4	9	1	18
AER Total	6	1	8	10	1	26

Fonte: Ministério da Saúde/SVS - Sistema de Informação de Agravos de Notificação - Sinan Net, 2017

2.2.4.4.1.2 - Saúde na Área de Estudo Local

Nesse item são apresentados dados referente à saúde na Área de Estudo Local (AEL), caracterizando-se a infraestrutura e os serviços no que tange ao atendimento de saúde da população da AEL e as principais doenças e endemias que ocorrem nesta área. Todas as informações foram levantadas nas entrevistas realizadas com Agentes de Saúde e lideranças comunitárias das localidades visitadas na AEL (Quadro 2.2.4.4.1-12)

2.2.4.4.1.2.1 - Estrutura de Atendimento

Trecho 1 - Presidente Juscelino, Gouveia, Monjolos, Santo Hipólito, Augusto de Lima e Buenópolis (MG)

Funcionam Unidades Básicas de Saúde (UBS) nas sedes municipais de Presidente Juscelino, Augusto de Lima e Buenópolis e no distrito de Senhora da Glória (Santo Hipólito), em Vila Mascarenhas (Gouveia) e em Cafundó dos Currais (Augusto de Lima). Monjolos e Santo Hipólito possuem Centros de Referência em Saúde. De maneira geral, existe cobertura do serviço de saúde realizada pelos agentes comunitários de saúde, que atendem às localidades situadas na zona rural. O distrito de Senhora da Glória e as sedes municipais de Monjolos e Santo Hipólito contam com o Programa Mais Médicos, cooperação entre Cuba e Brasil, para o funcionamento do serviço público municipal de saúde.

Das 28 localidades identificadas no Trecho 1, 09 (nove) recebem visitas dos Agentes de Saúde quinzenalmente (Mocambo, Malhada Alta, Poções, Sumidouro, Cafundó dos currais, Cafundó, Santa Cruz, Estaboca e Quebra Pé), e outras 10 (dez), de Agentes de Saúde acompanhados de médico, mensalmente (Serra do Gonçalo, Retiro da Gameleira, Distrito de Rodeador, Vale Fundo, Caquende, Conceição de Teixeira/Saúde, Vila Santa Bárbara e Pé de Serra).

Exceções foram as localidades de Mangal e Alto Mangabeira, ambas no município de Augusto de Lima; Tamburiu / Fazenda Passageiro, no município de Monjolos; e Mangabeira, no município de Gouveia, onde não há unidades de saúde, tampouco visitas de Agentes de Saúde. Nesses casos, os moradores deslocam-se para as sedes dos municípios em busca de atendimento e serviços de saúde.



Figura 2.2.4.4.1-1 - Posto de Saúde de Rodeador (Monjolos)



Figura 2.2.4.4.1-2 - Centro de Saúde de Monjolos



Figura 2.2.4.4.1-3 - Centro de Saúde de Santo Hipólito



Figura 2.2.4.4.1-4 - Posto Médico de Cafundó dos Currais (Augusto de Lima)



Figura 2.2.4.4.1-5 - Posto de Saúde do distrito de Quebra Pé (Monjolos)



Figura 2.2.4.4.1-6 - Unidade Básica de Saúde de Vila Alexandre Mascarenhas (Gouveia)

Quadro 2.2.4.4.1-12 - Infraestrutura de atendimento de saúde na AEL – Trecho 1

UF	Município	Localidade	Tipo	Nº de famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	E (UTM 23S)	N (UTM 23S)	Saúde
MG	Presidente Juscelino	Serra do Gonçalo	Povoado	21	326,9	1,4	14	590714	7939096	Médico atende junto ao agente de saúde, mas a referência é a sede municipal
MG	Presidente Juscelino	Retiro da Gameleira	Povoado	10	320,4	0,3	14	589361	7945797	Médico atende junto ao agente de saúde, mas a referência é a sede municipal
MG	Monjolos	Rodeador	Distrito	600	282	2,1	16	599212	7977758	Médico atende junto ao agente de saúde, mas a referência é a sede municipal
MG	Monjolos	Monjolos	Sede Municipal	425	284,4	3,3	16	594486	7974217	No Centro de Referência há 9 Agentes de Saúde, dentista, psicóloga, fisioterapeuta, nutricionista, enfermeiro, médica do Programa Médico para Todos (cubana) e bioquímico. Programa Saúde da Família atende 24h.
MG	Monjolos	Quebra Pé	Distrito	73	292,5	1,3	16	600426	7967073	Visitas regulares de Agentes de Saúde. Para atendimento médico, os moradores se deslocam para a sede municipal.
MG	Monjolos	Tamburiu/ Fazenda Passageiro	Povoado	38	299,6	4,3	14	590812	7967636	Não há estrutura ou recursos humanos. Os moradores se deslocam para a sede.

UF	Município	Localidade	Tipo	Nº de famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	E (UTM 23S)	N (UTM 23S)	Saúde
MG	Gouveia	Mangabeira	Povoado	10	312	1,7	16	600930	7947152	Não há estrutura ou recursos humanos. Os moradores se deslocam para a sede.
MG	Gouveia	Fazenda Estaboca	Povoado	3	316	3,9	16	599878	7942017	Visitas regulares de Agentes de Saúde. Para atendimento médico, os moradores se deslocam para a sede municipal ou para a Vila Alexandre
MG	Gouveia	Alexandre Mascarenhas	Vila	400	322,1	5,7	16	601290	7939358	Há 3 Agentes de Saúde, dentista, psicóloga, fisioterapeuta, nutricionista, enfermeiro e bioquímico. Programa Saúde da Família atende 24h.
MG	Santo Hipólito	Santo Hipólito	Sede Municipal	680	287,9	1,6	14	582559	7977774	No Centro de Referência há 9 Agentes de Saúde, dentista, psicóloga, fisioterapeuta, nutricionista, enfermeiro, médica do Programa Médico para Todos (cubana, que atende na área de Senhora da Glória e Vale Fundo) e bioquímico. Programa Saúde da Família atende 24h.
MG	Santo Hipólito	Vale Fundo	Distrito	30	302,3	0,9	16	601222	7957161	Médico atende junto ao agente de saúde, na associação da localidade, mas a referência é a sede municipal
MG	Santo Hipólito	Santa Cruz	Povoado	10	308,3	2,9	16	597515	7951966	Agentes de Saúde atuam na localidade, mas para atendimento médico os moradores se deslocam para a sede do município

UF	Município	Localidade	Tipo	Nº de famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	E (UTM 23S)	N (UTM 23S)	Saúde
MG	Santo Hipólito	Senhora da Glória	Distrito	96	306,9	0,8	14	587488	7959263	Na UBS de Senhora da Glória há 5 Agentes de Saúde, dentista, psicóloga, fisioterapeuta, nutricionista, enfermeiro, médica do Programa Médico para Todos (cubana) e bioquímico. O atendimento é realizado de segunda à quinta-feira.
MG	Santo Hipólito	Caquende	Povoado	72	301,6	0,9	14	588063	7964672	Médico atende junto ao agente de saúde, mas a referência é a sede municipal
MG	Augusto de Lima	Conceição de Teixeira/Saúde	Povoado	91	247,7	1,6	16	598685	8011022	Médico atende junto ao agente de saúde, mas a referência é a sede municipal. Endemia identificada: Dengue e leishmaniose
MG	Augusto de Lima	Santa Bárbara	Vila	50	251,6	1,8	16	598342	8007143	Médico atende junto ao agente de saúde, mas a referência é a sede municipal. Endemia identificada: dengue
MG	Augusto de Lima	Mangal	Povoado	10	257,1	1,6	16	594643	8001886	Não há estrutura ou recursos humanos. Os moradores se deslocam para a sede.
MG	Augusto de Lima	Cafundó	Povoado	15	280,9	3,8	14	588005	7984696	Visitas regulares de Agentes de Saúde. Para atendimento médico, os moradores se deslocam para a sede municipal.
MG	Augusto de Lima	Cafundó dos Currais	Povoado	33	278,4	3,4	14	587632	7986865	UBS. Agentes de Saúde e médico atuam na localidade

UF	Município	Localidade	Tipo	Nº de famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	E (UTM 23S)	N (UTM 23S)	Saúde
MG	Augusto de Lima	Sumidouro	Povoado	20	272,8	1,6	14	586395	7992675	Agentes de Saúde atuam na localidade, mas para atendimento médico os moradores se deslocam para a sede do município
MG	Augusto de Lima	Poções	Povoado	50	271	0,8	14	585977	7994300	Agentes de Saúde atuam na localidade, mas para atendimento médico os moradores se deslocam para a sede do município
MG	Augusto de Lima	Alto Mangabeira	Povoado	4	270,5	3,6	14	588816	7993947	Não há estrutura ou recursos humanos. Os moradores se deslocam para a sede.
MG	Augusto de Lima	Malhada Alta	Povoado	35	271	1,3	14	583944	7994977	Visitas regulares de Agentes de Saúde. Para atendimento médico, os moradores se deslocam para a sede.
MG	Augusto de Lima	Mocambo	Povoado	30	263,4	4,7	14	582979	8003225	Visitas regulares de Agentes de Saúde. Para atendimento médico, os moradores se deslocam para a sede municipal.
MG	Buenópolis	Venturino	Povoado	15	227,1	0,8	16	604275	8030144	Médico atende junto ao agente de saúde, mas a referência é a sede municipal
MG	Buenópolis	Curimataí	Povoado	350	231,5	6,9	16	610385	8023777	Visitas regulares de Agentes de Saúde. Para atendimento médico, os moradores se deslocam para a sede municipal.

Coordenador:

Técnico:

UF	Município	Localidade	Tipo	Nº de famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	E (UTM 23S)	N (UTM 23S)	Saúde
MG	Buenópolis	Pé de Serra	Povoado	60	222,1	7,4	16	613484	8032626	Médico atende junto ao agente de saúde, mas a referência é a sede municipal
MG	Buenópolis	Salobo	Povoado	100	245,1	2,2	16	595254	8014169	Visitas regulares de Agentes de Saúde. Para atendimento médico, os moradores se deslocam para a sede municipal.

Fonte: Ecology Brasil, 2017.

Trecho 2 - Joaquim Felício e parte sul de Bocaiúva (MG)

De maneira geral, existe cobertura de serviço de saúde realizada pelos Agentes de Saúde nas 14 (quatorze) localidades identificadas no Trecho 2 da Área de Estudo Local do empreendimento. Entretanto, há uma relação de dependência com o serviço de saúde de distritos e sedes municipais, tais como o distrito Engenheiro Dolabela, sedes de Joaquim Felício (MG), Bocaiúva (MG), Buenópolis (MG) e Montes Claros (MG), conforme **Quadro 2.2.4.4.1-13**.

Das 14 (quatorze) localidades identificadas no Trecho 2, 07 (sete) apresentam déficit na cobertura ou na estrutura física do serviço de saúde. São elas: Povoado Barreiro Grande/Fazenda Ribeirão, Povoado Picadinha, Povoado Vaca Brava/Barreirinhos no município de Joaquim Felício (MG) e os P.A. Betinho, nas localidades Angico, Barragem do Bambu, Triunfo e Poço do Bento no município de Bocaiúva (MG). Nas demais localidades há atuação de Agentes de Saúde e/ou atendimento médico. Existem Unidades Básicas de Saúde (UBSs) em Engenheiro Dolabela e nas sedes municipais de Bocaiúva e Joaquim Felício.

O P.A Final Feliz - Catoni Sede conta com uma boa cobertura médica, proveniente da oferta em saúde de Joaquim Felício. O distrito de Engenheiro Dolabela possui ampla estrutura e oferta de serviços, em comparação às demais.



Figura 2.2.4.4.1-7 - Unidade Básica de Saúde (UBS) do distrito de Engenheiro Dolabela, Bocaiúva



Figura 2.2.4.4.1-8 - Local onde ocorre o atendimento médico, no Assentamento Riachinho - PA Betinho.

Quadro 2.2.4.4.1-13 - Infraestrutura de atendimento de saúde na AEL – Trecho 2

UF	Município	Localidade	Tipo	Nº de famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	X (UTM 23S)	Y (UTM 23S)	Saúde
MG	Joaquim Felício	Fazenda Bhavnagar	Fazenda	9	196	0,4	14	601423	8066830	A referência em saúde é o município de Engenheiro Dolabela, Bocaiúva, em função da proximidade geográfica, mas o atendimento especializado é na sede municipal de Joaquim Felício.
MG	Joaquim Felício	Barreiro Grande/Fazenda Ribeirão	Povoado	15	207,9	3,3	14	604176	8055108	Não há estrutura ou recursos humanos. Os moradores se deslocam para a sede municipal
MG	Joaquim Felício	Picadinha	Povoado	36	214,1	1,1	14	597313	8049944	Não há estrutura ou recursos humanos. Os moradores se deslocam para a sede municipal
MG	Joaquim Felício	P.A. Final Feliz - Catoni Sede	Projeto de Assentamento	106	216,7	1,9	14	595511	8047842	Visitas regulares de Agentes de Saúde. Para atendimento médico, os moradores se deslocam para a sede municipal
MG	Joaquim Felício	Vaca Brava / Barreirinhos	Povoado	16	209,5	4,6	16	605337	8048003	Visitas regulares de Agentes de Saúde. Para atendimento médico, os moradores se deslocam para a sede municipal
MG	Joaquim Felício	Lagoinha	Povoado	14	221,8	0,6	14	594547	8042517	Visitas regulares de Agentes de Saúde. Para atendimento médico, os moradores se deslocam para a sede municipal
MG	Joaquim Felício	P.A. Betinho - Riachinho	Projeto de Assentamento	70	195,3	1,1	14	600294	8068297	Visitas regulares de Agentes de Saúde. Para atendimento médico, os moradores se deslocam para o distrito de Engenheiro Dolabela
MG	Bocaiúva	P.A. Betinho - Barragem do Bambu	Projeto de Assentamento	68	188,3	0,4	14	605849	8072862	Visitas regulares de Agentes de Saúde. Para atendimento médico, os moradores se deslocam para o distrito de Engenheiro Dolabela
MG	Bocaiúva	P.A. Betinho - Triunfo	Projeto de Assentamento	46	192,2	0,2	14	602992	8070007	Visitas regulares de Agentes de Saúde. Para atendimento médico, os moradores se deslocam para o distrito de Engenheiro Dolabela
MG	Bocaiúva	P.A. Betinho - Poço do Bento	Projeto de Assentamento	102	189,9	4,7	16	609180	8068731	As referências principais para saúde são a localidade de Engenheiro Dolabela e a cidade de Bocaiúva
MG	Bocaiúva	Engenheiro Dolabela	Distrito	606	191,8	2,4	14	605237	8068682	UBS. É referência para as demais localidades do município no serviço de saúde. Compreende 9 Agentes de Saúde, médicos e enfermeiros que atendem a comunidade.
MG	Bocaiúva	P.A. Betinho - Angico	Projeto de Assentamento	80	193	3,1	14	604974	8067283	Escassa atuação de Agentes de Saúde
MG	Bocaiúva	P.A. Betinho - Lagoa Grande	Projeto de Assentamento	42	196	0,6	16	610384	8060180	Atuação de agente de saúde. Para atendimento médico, os moradores se deslocam para o distrito de Engenheiro Dolabela e sede de Bocaiúva
MG	Bocaiúva	P.A. Betinho - Barragem da Caatinga	Projeto de Assentamento	20	198,8	5	16	616048	8057500	Atuação de agente de saúde. Para atendimento médico, os moradores se deslocam para o distrito de Engenheiro Dolabela

Fonte: Ecology Brasil, 2017.

Trecho 3 - **Bocaiúva, Engenheiro Navarro, Olhos D'água, Guaraciama, Glaucilândia, Juramento (MG)**

Nesse trecho, os serviços de saúde disponíveis para as famílias presentes na Área de Estudo Local do empreendimento são distribuídos entre as sedes municipais e os povoados. No entanto, são poucos os povoados que mantêm uma unidade de saúde, embora, haja amplo atendimento de Agentes de Saúde, que visitam regularmente, ao menos mensalmente, as residências dos povoados identificados. No entanto, na maioria dos casos os atendimentos e visitas médicas ocorrem em prédios de associações de moradores, escolas ou igrejas, como é o caso do Povoado Camilo Prates e Povoado Curral de Vara, Povoado Catarina, em Bocaiúva (Quadro 2.2.4.4.1-13).

Das 31 localidades visitadas, funcionam Unidades Básica de Saúde (UBSs) em Alto Belo (Bocaiúva), no distrito São Norberto (Bocaiúva) em Limoeiro e na sede municipal em Engenheiro Navarro, na sede municipal em Juramento. A sede de Engenheiro Navarro possui, ainda, um Centro de Saúde e Programa Saúde da Família (PSF). Juramento possui uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA).

Em relação à estrutura de saúde, na área rural, alguns povoados destacam-se no atendimento à população: Povoado Alto Belo, Povoado Limoeiro, Distrito São Norberto, onde foram identificadas unidades de saúde.



Figura 2.2.4.4.1-9 - Unidades Básicas de Saúde de Juramento (1) e de Alto Belo (2)



Figura 2.2.4.4.1-10 - Unidade Básica de Saúde (UBS) em São Norberto

Quadro 2.2.4.4.1-14 - Infraestrutura de atendimento de saúde na AEL – Trecho 3

UF	Município	Localidade	Tipo	Nº de Famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	E (UTM 23S)	N (UTM 23S)	Saúde
MG	Bocaiúva	P.A. Professor Mazan	Projeto de Assentamento	18	139,8	2,5	16	628915	8110996	Visita mensal de agentes de saúde
MG	Bocaiúva	Camilo Prates	Povoado	60	135,5	1,1	16	631858	8115270	Visitas regulares de agentes de saúde, há atendimento médico mensal na Associação de Moradores de Camilo Prates.
MG	Bocaiúva	Curral de Vara	Povoado	30	135,5	1,1	16	631858	8115270	Visitas regulares de agentes de saúde, há atendimento médico mensal na Associação de Moradores de Camilo Prates.
MG	Bocaiúva	Santa Cruz	Povoado	30	132,7	2,9	14	627854	8121437	UBS Povoado Alto Belo e visitas regulares de agentes de saúde.
MG	Bocaiúva	Alto Belo	Povoado	200	123,9	5,1	16	634540	8127300	Visitas regulares de agentes de saúde, há atendimento médico na Unidade Básica de Saúde local
MG	Bocaiúva	Catarina	Povoado	80	136,8	1,7	14	621784	8120269	Visita mensal de médicos e agentes de saúde

UF	Município	Localidade	Tipo	Nº de Famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	E (UTM 23S)	N (UTM 23S)	Saúde
MG	Bocaiúva	Lalau e Morro Alto	Povoado	80	143,3	1	14	618711	8114710	Visita mensal de agentes de saúde
MG	Bocaiúva	Taboquinha II e Fazenda Córrego Fundo	Povoado	10	147,2	0,8	16	631315	8103348	Visita mensal de agentes de saúde e UBS Bocaiúva
MG	Bocaiúva	Cabeceira de Poções	Povoado	15	151,1	1,9	16	631360	8099061	Visita mensal de agentes de saúde e UBS Bocaiúva
MG	Bocaiúva	Vaquejada	Povoado	100	149,1	4,3	16	634313	8100643	Visita mensal de agentes de saúde e UBS Bocaiúva
MG	Bocaiúva	Fazenda Bahia	Povoado	114	149,7	5,9	16	635573	8099210	Visita mensal de agentes de saúde e UBS Bocaiúva
MG	Bocaiúva	Poções	Povoado	15	151,2	2,6	16	627092	8100330	Visita mensal de agentes de saúde e UBS Bocaiúva
MG	Bocaiúva	Imbé, Morros, Taboas e Garrotes	Povoado	20	158,7	0,2	14	615984	8099300	Visita mensal de agentes de saúde e UBS Bocaiúva
MG	Bocaiúva	Torquato Leite e Taboa	Povoado	30	160	5,6	14	621175	8097231	Visita mensal de agentes de saúde e UBS Bocaiúva
MG	Bocaiúva	Roça Velha	Povoado	40	164,2	4,4	14	619584	8093508	Visita mensal de agentes de saúde e UBS Bocaiúva
MG	Bocaiúva	Nova Dolabela	Bairro	150	185	1,2	14	605567	8076543	Visitas regulares de agentes de saúde.

Coordenador:

Técnico:

UF	Município	Localidade	Tipo	Nº de Famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	E (UTM 23S)	N (UTM 23S)	Saúde
MG	Engenheiro Navarro	Campo Limpo	Povoado	50	163,8	3,9	14	619110	8093922	Visita mensal de agentes de saúde e UBS Bocaiúva
MG	Engenheiro Navarro	São Norberto	Distrito	200	171,8	3,2	14	617883	8086014	Unidade Básica de Saúde local e agentes de saúde
MG	Engenheiro Navarro	Engenheiro Navarro	Sede Municipal	1400	169,7	3,2	14	611570	8088575	UBS, PSF, Centro de Saúde Municipal
MG	Engenheiro Navarro	Limoeiro	Povoado	10	170,7	1	14	613724	8087395	Unidade Básica de Saúde local e agentes de saúde.
MG	Engenheiro Navarro	P.A. Elói Ferreira	Projeto de Assentamento	38	167,8	4,2	14	610788	8090569	Visitas regulares de agentes de saúde
MG	Engenheiro Navarro	Tirirical	Povoado	60	176,1	1,1	14	611223	8083787	Visitas regulares de agentes de saúde
MG	Guaraciama	Rio Félix I	Povoado	20	125,8	1	16	638690	8122470	UBS em Povoado Alto Belo. A referência Regional é a sede de Bocaiúva, visitas regulares de agentes de saúde.
MG	Guaraciama	Rio Félix II	Povoado	10	126,1	1,3	16	638789	8122081	UBS em Povoado Alto Belo. A referência Regional é a sede de Bocaiúva, visitas regulares de agentes de saúde.

UF	Município	Localidade	Tipo	Nº de Famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	E (UTM 23S)	N (UTM 23S)	Saúde
MG	Glaucilândia	Tabocal I	Povoado	61	114,6	0,4	16	643955	8132325	Visita mensal de agente de saúde
MG	Glaucilândia	Tabocal II	Povoado		115,4	1,9	16	645244	8130151	Visita mensal de agente de saúde
MG	Juramento	Campo Grande	Povoado	16	106,3	0,8	16	647910	8139651	UPA na sede, após encaminhamento do agente de saúde, que passa pelos povoados uma vez por mês.
MG	Juramento	Maquiné	Povoado	6	106,3	0,8	16	647910	8139651	UPA na sede, após encaminhamento do agente de saúde, que passa pelos povoados uma vez por mês.
MG	Juramento	Saracura, Lambari, Prata e Tira Chapéus	Povoado	100	103,5	0,2	16	648737	8141947	UPA na sede, após encaminhamento do agente de saúde, que passa pelos povoados uma vez por mês.
MG	Juramento	Juramento	Sede Municipal	688	107,2	2,6	16	650415	8137231	UBS, UPA, referência regional

Fonte: Ecology Brasil, 2017.

Trecho 4 - Montes Claros, Francisco Sá, Capitão Enéas; Janaúba (MG)

Os serviços de saúde disponíveis para as famílias presentes nesse trecho do empreendimento são distribuídos entre as sedes municipais e povoados, sendo que a proximidade destes com Montes Claros, município de grande porte, amplia as possibilidades de atendimento. No entanto, são poucos os povoados que mantêm uma Unidade de Saúde. São Geraldo (Francisco Sá), Baixa da Colônia (Janaúba) e Mandacaru (Montes Claros) são as únicas localidades desse trecho que contam com Unidades Básicas de Saúde (UBSs). Ponta do Morro (Montes Claros), Taquaril e Barroquinha (Janaúba) tem Programa Saúde da Família (PSF), conforme (Quadro 2.2.4.4.1-14).

Em relação à estrutura de saúde, na área rural, alguns povoados destacam-se no atendimento à população: Povoado Mandacaru, Povoado Camarinhas, Povoado Ponta do Morro; Povoado Fazenda Borá; Povoados Taquaril; Baixa do Charquinho onde foram identificadas unidades de saúde.

Baixa da Colônia e São Geraldo (Francisco Sá), Jatobá, Lagoa Grande e Vila Nova dos Poções (Janaúba), servem de referência para seus moradores e para as localidades de seus entornos, como Barreira do Totó, Baixa Fria, Furado Dantas, Córrego do Charquinho e Boa Esperança (Francisco Sá), Poço de Santa Cruz e Mundo Novo (Janaúba).

O município de Janaúba conta com uma infraestrutura mais organizada, dispendo de Unidades de Saúde e hospitais particulares. Portanto, constitui-se como referência para diversas localidades no seu entorno, como Taquaril, Jataí, Tirafofo, Pedra Preta, José Faustino, Pajeú II e Baixa da Colônia.

Francisco Sá, por sua vez, possui uma infraestrutura menor que a de Janaúba, no entanto, dispõe de um hospital municipal, funcionando, da mesma forma, como referência para as localidades de Coqueirinho, Junco, Riacho dos Carneiros, Lagoa Nova/Baixa do Feijão, Matos, Bengo, Arrozi e Traçadal. Quando necessitam de um atendimento médico mais especializado, as pessoas dessas localidades procuram Unidades de Saúde em Montes Claros.

Os moradores das localidades Jacará II, Boa Esperança e Boa Sorte, apesar de pertencerem ao município de Francisco Sá, buscam atendimento médico no Hospital Nossa Senhora da Guia, em Capitão Enéas.

Nesse trecho há amplo atendimento de Agentes de Saúde, que visitam regularmente, ao menos mensalmente, as residências dos povoados identificados. Na maioria dos casos, os atendimentos e visitas médicas ocorrem em prédios de associações de moradores, escolas ou igrejas, como no Povoado Fazenda Borá, em Montes Claros. Em Junco (Francisco Sá), apesar da periodicidade da visita dos Agentes de Saúde ser de uma vez ao mês, foi relatado que essas visitas não acontecem desde o meio do ano de 2016. No

entanto, nas localidades de Fazenda Serafim e Aroeira, P.A Serafim, Baixa Fria, Furado Dantas, Córrego do Charquinho, Coqueirinho, Barreira do Totó, Jacará II, todas em Francisco Sá, não há a visita de Agentes de Saúde, o que faz com que os moradores tenham que buscar outras localidades (Baixa do Charquinho, no caso de Barreira do Totó) ou cidades próximas (Francisco Sá e Capitão Enéas, no caso de Coqueirinho e Jacará II) para serem atendidos.

Grande parte dos atendimentos realizados por intermédio de visitas é efetuado por Agentes de Saúde, com exceção de Poço de Santa Cruz, Jataí, Pajeú II e Barroquinha, em Janaúba, que são cobertos pelo atendimento médico do Programa Saúde da Família.



Figura 2.2.4.4.1-11 - Unidade de Saúde da Família em Ponta do Morro /Mandaquaril

Quadro 2.2.4.4.1-15 - Infraestrutura de atendimento de saúde na AEL – Trecho 4

UF	Município	Localidade	Tipo	Nº de Famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	E (UTM 23S)	N (UTM 23S)	Saúde
MG	Montes Claros	Mandacaru	Povoado	50	112,5	6	14	638306	8140412	UBS
MG	Montes Claros	Rio Verde	Povoado	120	95,1	1	14	636879	8158155	Visitas regulares de agentes de saúde
MG	Montes Claros	Barrocãozinho e Estrela	Povoado	60	96,2	3,2	14	634420	8157517	Visitas regulares de agentes de saúde
MG	Montes Claros	Fazenda Brejinho e Laranjal	Povoado	50	105,8	0,8	14	633499	8148153	Visitas regulares de agentes de saúde. Ponta do Morro é referência
MG	Montes Claros	Ponta do Morro	Povoado	40	107,8	1	14	632777	8146347	Visitas regulares de agentes de saúde. PSF
MG	Montes Claros	Fazenda Borá	Povoado	30	111,5	1,3	14	631334	8142761	Visitas regulares de agentes de saúde. Há atendimento médico agendado.
MG	Montes Claros	Pau Gonçalo	Povoado	10	111,5	1,3	14	631334	8142761	Visitas regulares de agentes de saúde.
MG	Montes Claros	Me Livre	Povoado	40	111,5	1,3	14	631334	8142761	Visitas regulares de agentes de saúde.
MG	Montes Claros	Chacreamento Alphaville	Chacreamento	20	111,5	1,3	14	631334	8142761	Visitas regulares de agentes de saúde.
MG	Montes Claros	Comunidade Rural Hollywood	Povoado	10	111,3	0,9	14	633475	8142492	-
MG	Montes Claros	Mimoso	Povoado	50	111,8	1,6	14	634146	8141859	Visitas regulares de agentes de saúde

Coordenador:

Técnico:

UF	Município	Localidade	Tipo	Nº de Famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	E (UTM 23S)	N (UTM 23S)	Saúde
MG	Francisco Sá	Belvedere	amento	300	87,4	3,4	14	643595	8163656	Visita mensal de agente de saúde e são encaminhados para as unidades de saúde de Francisco Sá
MG	Francisco Sá	P.A. Serrador	Projeto de Assentamento	30	70	0,2	16	655651	8174637	Visita mensal de agente de saúde
MG	Francisco Sá	Fazenda São Paulinho	Povoado	20	74,4	1,6	16	653286	8170758	Visita mensal de agente de saúde e atendimento médico na associação de moradores
MG	Francisco Sá	Quilombinho e Povoado Vaca Brava	Povoado	14	80	0,7	16	653984	8164760	UBS de Francisco Sá
MG	Francisco Sá	Fazenda Serafim e Fazenda Aroeira	Povoado	10	87,2	1,6	16	649851	8158427	No Povoado Camarinhas - Unidade Básica de Saúde e agente de saúde
MG	Francisco Sá	P.A. Serafim	Projeto de Assentamento	20	86,1	5,7	16	646205	8160575	No Povoado Camarinhas - Unidade Básica de Saúde e agente de saúde
MG	Francisco Sá	Coqueirinho	Povoado	15	57,3	4,1	16	655995	8188101	Não há atendimento na localidade, buscam na UBS de Francisco Sá
MG	Francisco Sá	Junco	Povoado	15	56	4,5	16	655939	8189338	Visita mensal de agente de saúde, porém não acontece a cerca de um ano
MG	Francisco Sá	Baixa Fria	Povoado	180	49,8	4	16	658398	8195008	Não há atendimento na localidade, buscam na UBS de Baixa do Charquinho

UF	Município	Localidade	Tipo	Nº de Famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	E (UTM 23S)	N (UTM 23S)	Saúde
MG	Francisco Sá	Barreira do Totó	Povoado	15	47,1	1,6	16	661628	8196806	Não há atendimento na localidade, buscam na UBS de Baixa do Charquinho
MG	Francisco Sá	Furado Dantas	Povoado	15	45,5	3,9	16	660127	8199173	Não há atendimento na localidade, buscam na UBS de Baixa do Charquinho
MG	Francisco Sá	Córrego do Charquinho	Povoado	15	43,9	1,8	16	662661	8199880	Não há atendimento na localidade, buscam na UBS de Baixa do Charquinho
MG	Francisco Sá	Riacho dos Carneiros	Povoado	15	66,5	0,2	14	645304	8185009	Visita quinzenal de agente de saúde
MG	Francisco Sá	Lagoa Nova/Baixa do Feijão	Povoado	200	60,3	0,2	14	645691	8191250	Visita quinzenal de agente de saúde
MG	Francisco Sá	Bengo	Povoado	Não informado	52,9	0	14	648688	8197787	Visita mensal de agente de saúde
MG	Francisco Sá	São Geraldo	Povoado	4	24,6	4,7	14	666511	8218373	UBS e Visita mensal de agente de saúde
MG	Francisco Sá	Boa Esperança	Povoado	400	34	0	14	657839	8213798	Visita mensal de agente de saúde
MG	Francisco Sá	Jacará II	Povoado	50	40,8	1	14	653987	8208639	Não há atendimento na localidade, buscam na UBS de Capitão Enéas
MG	Francisco Sá	Boa Sorte	Povoado	4	48	1,3	14	651485	8201533	Visita mensal de agente de saúde
MG	Francisco Sá	Matos	Povoado	20	55	5,6	14	653843	8193517	Visita mensal de agente de saúde
MG	Francisco Sá	Arrozi	Povoado	6	57,6	0,4	16	659292	8186518	Visita mensal de agente de saúde
MG	Francisco Sá	Traçadal	Povoado	30	57	1,8	16	661565	8186299	Visita mensal de agente de saúde
MG	Janaúba	Poço de Santa Cruz	Povoado	60	238,3	1,7	15	686028	8242306	PSF

Coordenador:

Técnico:

UF	Município	Localidade	Tipo	Nº de Famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	E (UTM 23S)	N (UTM 23S)	Saúde
MG	Janaúba	Taquaril	Povoado	120	236,1	1,9	15	688721	8243591	Não há atendimento na localidade, buscam na UBS de Janaúba
MG	Janaúba	Jataí	Povoado	19	242,4	0,8	15	681263	8242467	Visita mensal de agente de saúde, atendimento médico do Programa Saúde da Família e UBS em Janaúba
MG	Janaúba	Tirafogo	Povoado	30	239,3	0,4	14	674192	8250362	Visita de agente de saúde conforme demanda
MG	Janaúba	Pedra Preta	Povoado	30	241,2	2,5	14	676838	8249351	Visita de agente de saúde
MG	Janaúba	José Faustino	Povoado	32	236,9	0,3	14	672770	8252353	Visita mensal de agente de saúde
MG	Janaúba	Mundo Novo	Povoado	20	230,5	0,8	14	674659	8258723	Visita semanal de agente de saúde
MG	Janaúba	Pajeú II	Povoado	55	226,1	1	14	675503	8262983	Visita mensal de agente de saúde, PSF e UBS em Janaúba
MG	Janaúba	Baixa da Colônia	Povoado	30	248,2	0,2	14	677334	8242197	UBS e Visita mensal de agente de saúde
MG	Janaúba	Vila Nova dos Poções	Comunidade e Quilombola	750	215,3	1	14	681738	8269835	Visita mensal de agente de saúde
MG	Janaúba	Quem Quem	Povoado	50	25,2	0,6	14	662036	8221374	Visita mensal de agente de saúde
MG	Janaúba	Barroquinha	Povoado	73	13,7	1,5	16	673297	8227795	Atendimento médico quinzenal do PSF, UBS em Janaúba

Fonte: Ecology Brasil, 2017

Trecho 5 - Nova Porteirinha; Porteirinha; Pai Pedro; Catuti (MG)

No Trecho 5 o acesso à saúde se dá pela busca de atendimento, principalmente, nas sedes municipais de Porteirinha, Pai Pedro e Catuti, que dispõem de unidades de saúde. Por não contar com unidade de saúde, os moradores da sede municipal de Nova Porteirinha beneficiam-se dos serviços de Janaúba, visto a proximidade entre os dois núcleos urbanos (Quadro 2.2.4.4.1-15).

Localidades como Paraguaçu (Nova Porteirinha), Bom Jesus e Mulungu (Porteirinha) contam com o atendimento médico nas Unidades Básicas de Saúde (UBS), sendo, portanto, referências de atendimento para localidades de seu entorno. A Unidade Básica de Saúde (UBS) em Paraguaçu recebe moradores de Gortuba/Ilha do Getúlio (Nova Porteirinha). Já o posto de Bom Jesus recebe moradores de localidades como Canabrava e o posto de Mulungu recebe moradores de localidades como Barreiro Dantas, Água Branca, Furada da Roda, Baixa do Barreiro, Furado Grande, Vila Caxingó e Lagoinha, todas no município de Porteirinha. Em Paraguaçu, além da Unidade Básica de Saúde (UBS) há atendimento por intermédio de visitas de Agentes de Saúde.

O atendimento prestado pelos Agentes de Saúde nas visitas domiciliares foi relatado na maioria das localidades no presente trecho. Em algumas com frequência mensal, como em Catuti, Miranto (Pai Pedro) e Atrás dos Morros (Pai Pedro) e em outras numa periodicidade semanal, como em Paraguaçu e Barreiro Dantas. No entanto, em localidades como Canabrava, Água Branca, Furada da Roda, Baixa do Barreiro, Furado Grande, Vila Caxingó e Lagoinha não há a visita desses profissionais, por isso seus moradores buscam atendimento em Bom Jesus (caso de Canabrava) e Mulungu (as outras localidades).



Figura 2.2.4.4.1-12 - Unidade Básica de Saúde de Mulungu – Porteirinha (MG)

Quadro 2.2.4.4.1-16 - Infraestrutura de atendimento de saúde na AEL – Trecho 5

UF	Município	Localidade	Tipo	Nº de famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	E (UTM 23S)	N (UTM 23S)	Saúde
MG	Nova Porteirinha	Gorutuba/Ilha de Getúlio	Povoado	Não informado	214,7	2,3	14	682679	8268690	Não há atendimento na localidade, buscam na UBS de Paraguaçu
MG	Nova Porteirinha	Paraguaçu	Povoado	100	212,6	0,5	14	684223	8271032	UBS e visita semanal de Agentes de Saúde
MG	Porteirinha	Canabrava	Povoado	8	226,5	1,2	15	690282	8253529	Não há atendimento na localidade, buscam na UBS de Bom Jesus
MG	Porteirinha	Barreiro Dantas	Povoado	70	210,8	1,6	15	701858	8262628	Visita semanal de Agentes de Saúde
MG	Porteirinha	Mulungu	Distrito	100	210,7	1,4	15	701772	8262867	UBS
MG	Porteirinha	Água Branca	Povoado	50	204,5	2	15	706425	8267138	Não há atendimento na localidade, buscam na UBS de Mulungu
MG	Porteirinha	Furada da Roda	Povoado	12	199,3	0,2	15	709170	8271949	Não há atendimento na localidade, buscam na UBS de Mulungu
MG	Porteirinha	Baixa do Barreiro	Povoado	12	200,1	1	15	707793	8272315	Não há atendimento na localidade, buscam na UBS de Mulungu
MG	Porteirinha	Furado Grande	Povoado	15	186,7	2,2	15	720169	8279095	Não há atendimento na localidade, buscam na UBS de Mulungu
MG	Porteirinha	Vila Caxingó	Povoado	15	191,7	2,8	15	716334	8274452	Não há atendimento na localidade, buscam na UBS de Mulungu

UF	Município	Localidade	Tipo	Nº de famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	E (UTM 23S)	N (UTM 23S)	Saúde
MG	Porteirinha	Lagoinha	Povoado	100	184,6	0,4	15	718811	8282311	Não há atendimento na localidade, buscam na UBS de Mulungu
MG	Catuti	Catuti	Sede Municipal	902	166,8	0,7	14	717790	8301524	Visita mensal de agente de saúde
MG	Pai Pedro	Salinas	Povoado	100	183,7	2,3	14	704768	8290400	Visita mensal de agente de saúde
MG	Pai Pedro	Miranto	Povoado	15	198,8	2,6	15	707654	8274355	Visita mensal de agente de saúde
MG	Pai Pedro	Atrás dos Morros	Povoado	15	181,1	0,1	15	720121	8285589	Visita mensal de agente de saúde

Fonte: Ecology Brasil, 2017.

Trecho 6 - Mato Verde; Monte Azul; Mamonas; Espinosa (MG)

Apenas 4 localidades visitadas nesse trecho possuem unidades de saúde com atendimento médico. Em Vila Angical e Pedreira, nos municípios de Monte Azul e Mato Verde, respectivamente, o atendimento da Unidade Básica de Saúde (UBS) restringe-se, apenas, aos moradores das localidades. Seus moradores são atendidos, também, por Agentes de Saúde uma vez ao mês. Funciona, ainda, uma UBS em Pajeú, em Rebentão (Quadro 2.2.4.4.1-16).

Vila Cristino conta com uma Unidade Básica de Saúde (UBS), mas no momento não há médicos, restando, também, para os seus moradores o deslocamento até a sede municipal de Mato Verde.

No município de Mato Verde, a localidade de Fazenda da Barra dispõe de atendimento médico e com Agentes de Saúde que visitam a população numa média de duas vezes ao mês. Já na comunidade de Ferraz, por não haver Unidade Básica de Saúde (UBS), os agentes encaminham os moradores a Barreiro Branco, localidade, também, situada no município de Mato Verde. O acompanhamento desses profissionais ocorre uma vez ao mês. Já as localidades de Volta do Morro, Barra e Cristino I a situação é um pouco mais carente. Por não haver Unidade Básica de Saúde (UBS) e tampouco a assistência dos Agentes de Saúde, o único recurso é o deslocamento até a sede municipal de Mato Verde.

Pajeú e Rebentão são polos locais no tocante a assistência médica para as localidades identificadas no município de Monte Azul. Para o primeiro, além dos seus moradores, se dirigem moradores de Pajeú de Cima, Bicas, Lagoa Comprida, Landinho, Ramalhudo, Riacho Quente e Junco. Já Rebentão presta atendimento para as localidades de Bicas, Picada, Lagoinha, Barreiro Grande e Rio Abaixo, além dos moradores da própria localidade.

Além da assistência médica, os moradores de Pajeú, também, são contemplados por visitas periódicas realizadas quinzenalmente pelos Agentes de Saúde. Em Rebentão o atendimento via agente de saúde é similar. No entanto, o serviço não é tão eficiente: os médicos realizam seus atendimentos na unidade de saúde apenas de dois em dois meses.



Figura 2.2.4.4.1-13 - Unidade Básica de Saúde de Vila Cristino – Mato Verde (MG)



Figura 2.2.4.4.1-14 - Unidade Básica de Saúde de Pajeú – Monte Azul (MG)

Em virtude da proximidade, as localidades de Barreiro da Cruz e Barreiro do Mato, mesmo situadas em Monte Azul, são beneficiadas pela assistência médica do município de Mamonas, assim como Urubu e Mimoso.

Espinosa apresenta o quadro mais carente no tocante ao serviço médico entre os municípios do Trecho 6. Nenhuma das localidades visitadas dispõe de unidade de saúde. As visitas dos Agentes de Saúde, realizadas mensalmente, foram apontadas apenas nas localidades de Tabuleiro, Dourados, Raposa do Rio Verde, Lagoa do Morro e Lagoa da Tapera. Em São Pedro, Barro Vermelho, Lagoinha, Santo Antônio, Várzea da Pedra, Canabrava, Sussuarana, Serrinha, Lagoa da Romana, Poços, Barreiro Dantas, Paus Pretos, Havana, Santa Marta e Lagoa do Marruais sequer há o acompanhamento dos Agentes de Saúde. Todas as localidades tem como destino a sede municipal de Espinosa para atendimento de saúde.

Quadro 2.2.4.4.1-17 - Infraestrutura de atendimento de saúde na AEL – Trecho 6

UF	Município	Localidade	Tipo	Nº de famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	E (UTM 23S)	N (UTM 23S)	Saúde
MG	Mato Verde	Ferraz	Povoado	8	171,3	0,3	14	714158	8298675	Visita mensal de agentes de saúde e buscam na UBS em Barreiro Branco
MG	Mato Verde	Volta do Morro	Povoado	53	175,5	0,8	15	722412	8290582	Não há atendimento na localidade, buscam na sede municipal de Mato Verde
MG	Mato Verde	Barra	Povoado	50	162,9	1,1	15	724041	8302648	Não há atendimento na localidade, buscam na sede municipal de Mato Verde
MG	Mato Verde	Vila Cristino	Povoado	280	169,6	0,9	15	724875	8295947	UBS, mas não há médico. Buscam atendimento na sede municipal de Mato Verde
MG	Mato Verde	Fazenda da Barra	Povoado	6	165,3	0,5	15	725642	8300315	Visita quinzenal de agentes de saúde
MG	Mato Verde	Cristino I	Povoado	50	171,9	0,8	15	722357	8294571	Não há atendimento na localidade, buscam na sede municipal de Mato Verde
MG	Mato Verde	Pedreira	Povoado	280	159,8	0,6	15	724909	8306075	UBS e visita mensal de agentes de saúde
MG	Monte Azul	Barreiro Grande	Povoado	50	142,5	1,7	14	722315	8323732	Buscam na UBS em Rebentão
MG	Monte Azul	Rio Abaixo	Povoado	16	140,1	1,9	14	721908	8326427	Buscam na UBS em Rebentão
MG	Monte Azul	Barreiro do Mato	Povoado	20	136,7	2,3	14	721420	8329781	Buscam na UBS em Mamonas
MG	Monte Azul	Vila Angical	Povoado	20	140,8	0,3	15	731973	8323339	UBS e visita mensal de agentes de saúde
MG	Monte Azul	Riacho Seco	Povoado	25	145,4	1	15	729275	8319548	Visita mensal de agentes de saúde
MG	Monte Azul	Pajeú de Cima	Povoado	50	152,9	0,4	15	727682	8312147	Não há atendimento na localidade, buscam na UBS em Pajeú
MG	Monte Azul	Pajeú	Distrito	417	156	0,6	15	726157	8309266	UBS e visita quinzenal de agentes de saúde
MG	Monte Azul	Bicas	Povoado	30	156	2,1	14	724401	8310338	Não há atendimento na localidade, buscam na UBS em Pajeú ou Rebentão

UF	Município	Localidade	Tipo	Nº de famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	E (UTM 23S)	N (UTM 23S)	Saúde
MG	Monte Azul	Lagoa Comprida	Povoado	30	159,2	1,1	14	720021	8309191	Não há atendimento na localidade, buscam na UBS em Pajeú
MG	Monte Azul	Landinho	Povoado	50	159,2	4,3	14	717245	8310885	Não há atendimento na localidade, buscam na UBS em Pajeú
MG	Monte Azul	Ramalhudo	Povoado	60	163	0,4	14	719444	8305123	Não há atendimento na localidade, buscam na UBS em Pajeú
MG	Monte Azul	Riacho Quente	Povoado	30	158,8	2	15	727663	8305466	Não há atendimento na localidade, buscam na UBS em Pajeú
MG	Monte Azul	Junco	Povoado	30	159,2	0,9	15	726559	8305744	Não há atendimento na localidade, buscam na UBS em Pajeú
MG	Monte Azul	Rebentão	Povoado	75	153,8	1,2	14	724757	8312692	UBS e visita de agentes de saúde (2 em 2 meses)
MG	Monte Azul	Lagoinha	Povoado	50	150,3	0,5	14	725688	8316255	Não há atendimento na localidade, buscam na UBS em Rebentão
MG	Monte Azul	Barreiro da Cruz	Povoado	100	138,1	1,9	14	721875	8328453	Não há atendimento na localidade, buscam na UBS em Mamonas
MG	Monte Azul	Baixão	Povoado	50	135,5	0,4	15	733869	8328209	Visita mensal de agentes de saúde e UBS em Monte Azul
MG	Monte Azul	Capoeira Grande	Povoado	50	132,1	0,3	15	734671	8331629	Visita mensal de agentes de saúde e buscam na UBS em Monte Azul
MG	Monte Azul	Picada	Povoado	8	155,5	0,1	14	722888	8311752	Não há atendimento na localidade, buscam na UBS em Rebentão
MG	Monte Azul	Tabuleiro	Povoado	35	134,8	0,8	15	733111	8329399	Visita mensal de agentes de saúde e buscam na UBS em Espinosa
MG	Mamonas	Urubu	Povoado	10	124,3	0,9	14	726638	8341734	Não há atendimento na localidade, buscam na UBS em Mamonas

Coordenador:

Técnico:

UF	Município	Localidade	Tipo	Nº de famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	E (UTM 23S)	N (UTM 23S)	Saúde
MG	Mamonas	Mimoso	Povoado	70	124,4	0,2	14	727327	8341467	Não há atendimento na localidade, buscam na UBS em Mamonas
MG	Espinosa	São Pedro	Povoado	50	130	1,3	15	734674	8333974	Não há atendimento na localidade, buscam na UBS em Espinosa
MG	Espinosa	Barro Vermelho	Povoado	50	124,6	0,5	15	738899	8337832	Não há atendimento na localidade, buscam na UBS em Espinosa
MG	Espinosa	Lagoinha	Povoado	50	123,6	0,4	15	739338	8338667	Não há atendimento na localidade, buscam na UBS em Espinosa
MG	Espinosa	Santo Antonio	Povoado	50	118,1	2,1	15	740468	8344683	Não há atendimento na localidade, buscam na UBS em Espinosa
MG	Espinosa	Várzea da Pedra	Povoado	60	112,6	1,4	15	744754	8348466	Não há atendimento na localidade, buscam na UBS em Espinosa
MG	Espinosa	Canabrava	Povoado	60	110,1	0,4	15	747781	8349104	Não há atendimento na localidade, buscam na UBS em Espinosa
MG	Espinosa	Raposa do Rio Verde	Povoado	12	108,5	1,1	15	747811	8351303	Visita mensal de agentes de saúde e buscam na UBS em Espinosa
MG	Espinosa	Lagoa do Morro	Povoado	15	109,6	2,7	15	745838	8351628	Visita mensal de agentes de saúde e buscam na UBS em Espinosa
MG	Espinosa	Lagoa da Tapera	Povoado	15	105,7	0	14	738288	8355310	Visita mensal de agentes de saúde e buscam na UBS em Espinosa
MG	Espinosa	Sussuarana	Povoado	180	110,2	2,3	14	735525	8351041	Não há atendimento na localidade, buscam na UBS em Espinosa
MG	Espinosa	Serrinha	Povoado	180	109	2,1	14	734368	8355432	Não há atendimento na localidade, buscam na UBS em Espinosa
MG	Espinosa	Lagoa da Romana	Povoado	13	109,5	1,5	14	734287	8354653	Não há atendimento na localidade, buscam na UBS em Espinosa

UF	Município	Localidade	Tipo	Nº de famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	E (UTM 23S)	N (UTM 23S)	Saúde
MG	Espinosa	Poços	Povoado	15	111,2	0,7	14	733219	8353138	Não há atendimento na localidade, buscam na UBS em Espinosa
MG	Espinosa	Barreiro Dantas	Povoado	15	113,9	0,6	14	730905	8351695	Não há atendimento na localidade, buscam na UBS em Espinosa
MG	Espinosa	Paus Pretos	Povoado	15	116,9	0,4	14	730345	8348360	Não há atendimento na localidade, buscam na UBS em Espinosa
MG	Espinosa	Havana	Povoado	10	117,9	0,1	14	729564	8347503	Não há atendimento na localidade, buscam na UBS em Espinosa
MG	Espinosa	Santa Marta	Povoado	70	102,4	0,3	14	741019	8357133	Não há atendimento na localidade, buscam na UBS em Espinosa
MG	Espinosa	Lagoa do Marruais	Povoado	130	105,8	1,2	14	738714	8354227	Não há atendimento na localidade, buscam na UBS em Espinosa
MG	Espinosa	Dourados	Povoado	40	129,1	0,8	14	726086	8336988	Visita mensal de agentes de saúde e buscam na UBS em Espinosa

Fonte: Ecology Brasil, 2017

Coordenador:

Técnico:

Trecho 7 - Urandi; Pindaí (BA)

Das 52 localidades que representam o Trecho 7, sob o qual correspondem os municípios de Urandi e Pindaí, apenas 3 possuem Unidades Básicas de Saúde (UBS): Salinas, Paus Pretos e Tanque.

Em Urandi, Salinas é a única localidade que dispõe de atendimento médico. A visita dos Agentes de Saúde costuma ser realizada a cada 15 dias e, até meados do ano de 2015, havia a presença de médicos cubanos. As demais localidades só possuem como alternativa o atendimento na sede municipal. No entanto, há o atendimento – realizado em média uma vez ao mês - dos Agentes de Saúde nos núcleos familiares das localidades, exceto em Casa Nova, Fazenda do Mulungu, Lagoinha, Feijão Preto e Fazenda **Olho D'Água, onde não foi citada a presença de atendimento de Agentes de Saúde.**

Em Pindaí, apenas, as localidades de Tanque e Paus Pretos dispõem de UBS. Tanque recebe parte dos moradores de Lagoa do Arroz e Pedra Ladeira, nas demais localidades de Pindaí, em sua maioria, a única alternativa é o atendimento médico na sede municipal. Em ambas unidades, o atendimento médico ocorre em média duas vezes na semana, além do acompanhamento dos Agentes de Saúde, realizado a cada 15 dias.

No tocante às visitas dos Agentes de Saúde, em Furado Fundo, Lagoa de Dominginhos, Lagoa Velha, Fazenda Tanquinho e Morro do Pindaí, mesmo não havendo Unidades Básicas de Saúde (UBS), o atendimento nas casas é quinzenal. Com exceção de Pedra Ladeira, onde o atendimento ocorre a cada 6 meses, nas demais localidades a visita é realizada ao menos mensalmente. Não houve relatos de localidade onde não ocorresse visita de Agentes de Saúde (Quadro 2.2.4.4.1-17).

Quadro 2.2.4.4.1-18 - Infraestrutura de atendimento de saúde na AEL – Trecho 7

UF	Município	Localidade	Tipo	Nº de famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	E (UTM 23S)	N (UTM 23S)	Saúde
BA	Urandi	Rio Verde	Povoado	12	101,8	0,1	14	740907	8357911	Visita mensal de Agentes de Saúde e buscam na UBS em Urandi
BA	Urandi	Pedra Aguda	Povoado	30	93	0,9	14	744572	8366339	Visita mensal de Agentes de Saúde e buscam na UBS em Urandi
BA	Urandi	Caldeirão	Povoado	13	90	1,3	14	742010	8368982	Visita mensal de Agentes de Saúde e buscam na UBS em Urandi
BA	Urandi	Canavista	Povoado	4	88,7	0,2	14	742938	8370477	Visita mensal de Agentes de Saúde e buscam na UBS em Urandi
BA	Urandi	Cachoeira	Povoado	10	88,4	0,9	14	743968	8370873	Visita mensal de Agentes de Saúde e buscam na UBS em Urandi
BA	Urandi	Agreste/Fazenda Boa Esperança	Povoado	40	86,6	0,3	14	743074	8372583	Visita mensal de Agentes de Saúde e buscam na UBS em Urandi
BA	Urandi	Tiririca	Povoado	40	85,9	2,2	14	745070	8373038	Visita mensal de Agentes de Saúde e buscam na UBS em Urandi
BA	Urandi	Cubículo	Povoado	20	84,9	0,3	14	742668	8374245	Visita mensal de Agentes de Saúde e buscam na UBS em Urandi
BA	Urandi	Fazenda Entre Morros	Povoado	17	80,3	1,3	14	741468	8378748	Visita mensal de Agentes de Saúde e buscam na UBS em Urandi
BA	Urandi	Poço Bom	Povoado	15	79	2,1	14	744801	8380269	Visita mensal de Agentes de Saúde e buscam na UBS em Urandi
BA	Urandi	Quixabá	Povoado	10	75,2	1,8	15	751348	8381093	Visita mensal de Agentes de Saúde e buscam na UBS em Urandi
BA	Urandi	Fazenda Boa Sorte	Povoado	30	75,5	0,4	15	752776	8380835	Visita mensal de Agentes de Saúde e buscam na UBS em Urandi
BA	Urandi	Riachão	Povoado	25	75	1,2	15	751954	8381274	Visita mensal de Agentes de Saúde e buscam na UBS em Urandi
BA	Urandi	Casa Nova	Povoado	3	81	1,9	15	751593	8375107	Visita mensal de Agentes de Saúde e buscam na UBS em Urandi

Coordenador:

Técnico:

UF	Município	Localidade	Tipo	Nº de famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	E (UTM 23S)	N (UTM 23S)	Saúde
BA	Urandi	Fazenda Barra do Mulungu	Povoado	35	80,9	0,6	15	754056	8375448	Visita mensal de Agentes de Saúde e buscam na UBS em Urandi
BA	Urandi	Lagoinha	Povoado	5	86,2	1,7	15	752814	8369459	Visita mensal de Agentes de Saúde e buscam na UBS em Urandi
BA	Urandi	Feijão Preto	Povoado	5	85,9	0,7	15	753551	8370223	Visita mensal de Agentes de Saúde e buscam na UBS em Urandi
BA	Urandi	Fazenda Olho D'Água	Povoado	10	95,1	2,4	15	753114	8363486	Visita mensal de Agentes de Saúde e buscam na UBS em Urandi
BA	Urandi	Salinas	Povoado	104	98,6	0,9	15	753991	8358768	UBS (até 2015 haviam médicos cubanos) e visita quinzenal de Agentes de Saúde
BA	Urandi	Barra da Varginha	Povoado	10	101,8	0,8	15	751061	8356801	Visita mensal de Agentes de Saúde e buscam na UBS em Urandi
BA	Urandi	Fazenda Ladeira Grande	Povoado	11	101,9	0,3	15	751449	8356454	Visita mensal de Agentes de Saúde e buscam na UBS em Urandi
BA	Urandi	Fazenda Grama	Povoado	6	104,7	0,5	15	750979	8353531	Visita mensal de Agentes de Saúde e buscam na UBS em Urandi
BA	Urandi	Mata Veado	Povoado	10	78,1	4	15	749147	8377788	Visita mensal de Agentes de Saúde e buscam na UBS em Urandi
BA	Urandi	Fazenda Lagedinho	Povoado	8	75,8	0,9	14	741625	8383249	Visita mensal de Agentes de Saúde e buscam na UBS em Urandi
BA	Urandi	Fazenda Agua Verde	Povoado	30	70,6	1	15	752285	8385754	Visita mensal de Agentes de Saúde e buscam na UBS em Urandi
BA	Urandi	Fazenda Bananeira	Povoado	4	97,2	0,5	15	753599	8360737	Visita mensal de Agentes de Saúde e buscam na UBS em Urandi
BA	Pindaí	Fazenda Tataira	Povoado	80	67,3	1,6	15	751584	8388920	Visita mensal de Agentes de Saúde e buscam na UBS em Urandi
BA	Pindaí	Morro do Macaco	Povoado	18	65,1	0,8	15	752301	8391070	Visita mensal de Agentes de Saúde e buscam na UBS em Urandi

UF	Município	Localidade	Tipo	Nº de famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	E (UTM 23S)	N (UTM 23S)	Saúde
BA	Pindaí	Pesqueiro I e II	Povoado	20	64,2	0,4	15	752627	8391986	Visita mensal de Agentes de Saúde e buscam na UBS em Urandi
BA	Pindaí	Lagoinha	Povoado	20	61	1,5	15	753986	8395450	Visita mensal de Agentes de Saúde e buscam na UBS em Urandi
BA	Pindaí	Lagoa de Dominginhos	Povoado	50	60	0,4	15	751955	8396154	Visita quinzenal de Agentes de Saúde e buscam na UBS em Pindaí
BA	Pindaí	Fazenda Jacu	Povoado	50	60,4	2,6	15	749836	8395418	Visita mensal de Agentes de Saúde e buscam na UBS em Serrará
BA	Pindaí	Pau de Colher	Povoado	50	65,9	1,1	14	740624	8393044	Visita mensal de Agentes de Saúde e buscam na UBS em Serrará
BA	Pindaí	Paus Pretos	Povoado	90	66,2	2,5	14	739285	8392584	UBS (atendimento 2 vezes na semana) e visita quinzenal de Agentes de Saúde
BA	Pindaí	Lagoa do Curral	Povoado	23	67,7	2,2	14	744129	8391606	Visita mensal de Agentes de Saúde e buscam na UBS em Serrará
BA	Pindaí	Morrinhos	Povoado	50	71	1,8	14	743993	8388173	Visita mensal de agente de saúde, buscam na UBS em Pindaí
BA	Pindaí	Fazenda Caraíbas	Povoado	3	71,2	0,3	14	741990	8387874	Visita mensal de agente de saúde, buscam na UBS em Pindaí
BA	Pindaí	Morro da Barra	Povoado	1	38,5	0,2	15	755843	8416612	Visita mensal de agente de saúde, buscam na UBS em Pindaí
BA	Pindaí	Lagoa Dantas	Povoado	6	40	0,8	15	754219	8415698	Visita mensal de agente de saúde, buscam na UBS em Pindaí
BA	Pindaí	Lagoa Velha	Distrito	3750	42,2	0,4	15	754416	8413200	Visita quinzenal de Agentes de Saúde e buscam na UBS em Guipará
BA	Pindaí	Olho D'água	Povoado	3	46,6	0,7	15	752763	8409122	Visita mensal de agente de saúde, buscam na UBS em Pindaí
BA	Pindaí	Tanque	Povoado	150	48,5	2,2	15	749459	8407796	UBS (atendimento 2 vezes na semana) e visita quinzenal de Agentes de Saúde

Coordenador:

Técnico:

UF	Município	Localidade	Tipo	Nº de famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	E (UTM 23S)	N (UTM 23S)	Saúde
BA	Pindaí	Lagoa do Arroz	Povoado	20	51,3	1,2	15	750546	8404636	Visita mensal de agente de saúde, buscam na UBS em Pindaí
BA	Pindaí	Fazenda Morrinhos	Povoado	18	59,1	1,9	14	743432	8399402	Visita mensal de agente de saúde, buscam na UBS em Pindaí
BA	Pindaí	Salinas	Povoado	15	60	2,2	14	739305	8399548	Visita mensal de agente de saúde, buscam na UBS em Pindaí
BA	Pindaí	Recreio	Povoado	10	62,2	0,1	14	741195	8396888	Visita mensal de agente de saúde, buscam na UBS em Pindaí
BA	Pindaí	Morro do Pindaí	Povoado	105	57,4	1	15	751215	8398812	Visita mensal de agente de saúde, buscam na UBS em Pindaí
BA	Pindaí	Mato Grosso	Povoado	50	52,5	0,3	15	751642	8403576	Visita mensal de agente de saúde, buscam na UBS em Pindaí
BA	Pindaí	Furado Fundo	Povoado	48	62,5	1,6	15	751158	8393476	Visita quinzenal de Agentes de Saúde e buscam na UBS em Cinharó
BA	Pindaí	Fazenda Cajueiro	Povoado	8	61,4	0,1	14	741392	8397618	Visita quinzenal de Agentes de Saúde e buscam na UBS em Cinharó
BA	Pindaí	Limeira	Povoado	8	44,7	0	15	752957	8411118	Visita quinzenal de Agentes de Saúde e buscam na UBS em Cinharó
BA	Pindaí	Pedra Ladeira	Povoado	40	54,5	1,7	15	750556	8401724	Visita semestral de agente de saúde, buscam na UBS em Tanque

Fonte: Ecology Brasil, 2017

T.recho 8 - Candiba; Guanambi; Caetité (BA)

No município de Candiba, a localidade de Pilões, que abriga cerca de 500 famílias em seu território, foi a única localidade onde foi apontada a existência de Unidade Básica de Saúde (UBS). Portanto, atende também as demais localidades identificadas, sobretudo Pinheiros. O atendimento médico nessa localidade é diário, mas parte dos casos é encaminhada para Guanambi. Há, ainda, atendimento dos Agentes de Saúde em todas as localidades identificadas nesse trecho, sendo realizado ao menos uma vez por mês nos domicílios (Quadro 2.2.4.4.1-18).



Figura 2.2.4.4.1-15 - Unidade Básica de Saúde de Pilões – Candiba (BA)

Em Fazenda Caco (Candiba) encontra-se em construção uma Unidade Básica de Saúde (UBS), que futuramente poderá atender, também, aos moradores de Fazenda Tanquinho.



Figura 2.2.4.4.1-16 - Unidade Básica de Saúde de Fazenda Caco – Candiba (BA) em construção



Figura 2.2.4.4.1-17 - Unidade Básica de Saúde de Ceraíma – Guanambi (BA)

Em Guanambi duas localidades são referências locais no atendimento médico das localidades estudadas: Ceraíma e Morrinhos. O primeiro pelo contingente populacional e proximidade com a sede municipal de Guanambi. A localidade, de 400 famílias, dispõe de programas como o Programa de Saúde da Família, acompanhamento de 3 Agentes de Saúde com visitas regulares e mensais e especialistas (como pediatra e dentista) na área de saúde. Morrinhos (Guanambi), cujo território é constituído por cerca de 1000 famílias, de acordo com o relato dos entrevistados, atende, além dos moradores de sua localidade, moradores de Fazenda Tambori, Lagoa da Pedra de João Cotrim, Buraquinho, Fazenda Lagoa Suja, Fazenda Lagoa da Pedra, Sítio dos Gatos, Barro Vermelho, Invernada, Rio Grande, Sítio Novo, Malhada do Canto, Fazenda Barra Arrancada, Posto do Pega, Fazenda Gado Bravo e Fazenda Morrinhos.

Apenas, as localidades de Curral de Varas, Jurema Barbosa e Lagoa da Pedra de João Cotrim buscam atendimento direto na sede de Guanambi. O atendimento nas localidades se dá via visita de Agente de Saúde duas vezes ao mês. Não houve relatos de localidades desassistidas de visita dos Agentes de Saúde. De uma maneira geral, o atendimento é realizado ao menos uma vez ao mês nesta região.

Em Fazenda Vereda do Cercado e Pirajá (Caetité) não há Unidades Básicas de Saúde (UBS). A mais próxima situa-se à 10 minutos e na localidade de Aroeira. A região não é atendida por Agentes de Saúde.

Vale ressaltar a importância que o município de Guanambi tem neste entorno. A cidade é bastante conhecida pelo porte do setor de serviços, com uma expressiva rede de médicos de âmbito privado e público. Guanambi é polo não apenas para os municípios que compõe o presente trecho, mas também para moradores de Urandi e Pindaí.

Quadro 2.2.4.4.1-19 - Infraestrutura de atendimento de saúde na AEL – Trecho 8

UF	Município	Localidade	Tipo	Nº de famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	E (UTM 23S)	N (UTM 23S)	Saúde
BA	Candiba	Gemeleiras	Povoado	60	45,1	0,3	14	742119	8413574	Visita mensal de Agentes de Saúde
BA	Candiba	Pilões	Distrito	500	49,8	1,8	14	740822	8409609	UBS (muitos casos encaminhados para Guanambi)
BA	Candiba	Fazenda Tanquinho	Povoado	60	55	0,3	14	742492	8403954	visita quinzenal de Agentes de Saúde e futuramente poderão buscar na UBS de Fazenda Caco (em construção)
BA	Candiba	Fazenda Dourados	Povoado	50	54,5	1,5	14	740698	8404368	Visita mensal de Agentes de Saúde
BA	Candiba	Fazenda Morrinhos II	Povoado	5	57,4	1,9	14	743924	8401036	Visita mensal de Agentes de Saúde
BA	Candiba	Fazenda Caco	Povoado	80	57,7	0,5	14	741500	8401420	UBS em construção. Visita mensal de Agentes de Saúde
BA	Candiba	Pinheiros	Povoado	40	44	0,8	14	741350	8414516	Visita mensal de Agentes de Saúde
BA	Candiba	Dourado	Povoado	50	53,3	0	14	742195	8405624	Visita mensal de Agentes de Saúde
BA	Guanambi	Fazenda Tambori	Povoado	3	18,8	1,5	14	753879	8435706	Visita mensal de Agentes de Saúde e buscam na UBS em Morrinhos
BA	Guanambi	Curral de Varas	Povoado	100	21,2	1,9	15	755507	8432422	Visita quinzenal de Agentes de Saúde e buscam na UBS em Guanambi
BA	Guanambi	Jurema Barbosa	Povoado	40	22,6	2,4	15	755269	8430998	Visita quinzenal de Agentes de Saúde e buscam na UBS em Guanambi
BA	Guanambi	Lagoa da Pedra de João Cotrim	Povoado	48	22,5	2,4	15	755283	8431060	Visita quinzenal de Agentes de Saúde e buscam na UBS em Guanambi
BA	Guanambi	Buraquinho	Povoado	40	25,7	0,4	15	758311	8428428	Visita mensal de Agentes de Saúde e buscam na UBS em Morrinhos

Coordenador:

Técnico:

UF	Município	Localidade	Tipo	Nº de famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	E (UTM 23S)	N (UTM 23S)	Saúde
BA	Guanambi	Ceraíma	Distrito	400	37,4	1,5	14	746647	8419504	UBS, PSF, visita mensal de Agentes de Saúde, especialidades médicas como pediatra e dentista
BA	Guanambi	Fazenda Lagoa Suja	Povoado	20	19,6	1,4	14	753272	8435160	Visita mensal de Agentes de Saúde e buscam na UBS em Morrinhos
BA	Guanambi	Fazenda Lagoa da Pedra	Povoado	15	20,5	1,3	14	752656	8434556	Visita mensal de Agentes de Saúde e buscam na UBS em Morrinhos
BA	Guanambi	Sítio dos Gatos	Povoado	10	22,1	0,5	14	750208	8434206	Visita mensal de Agentes de Saúde e buscam na UBS em Morrinhos
BA	Guanambi	Barro Vermelho	Povoado	9	26,9	1	15	758216	8426986	Visita mensal de Agentes de Saúde e buscam na UBS em Morrinhos
BA	Guanambi	Invernada	Povoado	30	28,6	0,4	15	759835	8425774	Visita mensal de Agentes de Saúde e buscam na UBS em Morrinhos
BA	Guanambi	Rio Grande	Povoado	30	29,9	0,9	15	759965	8424346	Visita mensal de Agentes de Saúde e buscam na UBS em Morrinhos
BA	Guanambi	Morrinhos	Distrito	1000	30	1,9	15	757288	8424956	UBS e visita mensal de Agentes de Saúde
BA	Guanambi	Sítio Novo	Povoado	60	34,3	0,9	15	756628	8420910	Visita mensal de Agentes de Saúde e buscam na UBS em Morrinhos
BA	Guanambi	Malhada do Canto	Povoado	20	42,3	1,5	14	740759	8416776	Visita mensal de Agentes de Saúde e buscam na UBS em Morrinhos
BA	Guanambi	Fazenda Barra Arrancada	Povoado	6	36,3	0	15	756535	8418720	Visita mensal de Agentes de Saúde e buscam na UBS em Morrinhos
BA	Guanambi	Posto do Pega	Povoado	5	31	1,3	14	747044	8426324	Visita mensal de Agentes de Saúde e buscam na UBS em Morrinhos

UF	Município	Localidade	Tipo	Nº de famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	E (UTM 23S)	N (UTM 23S)	Saúde
BA	Guanambi	Fazenda Morrinhos	Povoado	20	30	1,9	15	757288	8424956	Visita mensal de Agentes de Saúde e buscam na UBS em Morrinhos
BA	Caetité	Fazenda Gado Bravo	Povoado	50	13,3	2,1	15	760526	8440766	Visita mensal de Agentes de Saúde e buscam na UBS em Morrinhos
BA	Caetité	Fazenda Vereda do Cercado	Povoado	50	16,3	1,2	14	753429	8439386	Não há atendimento na localidade, buscam na UBS em Aroeira
BA	Caetité	Pirajá	Povoado	200	10,2	0	15	758003	8443530	Não há atendimento na localidade, buscam na UBS em Aroeira

Fonte: Ecology Brasil, 2017 Principais doenças, endemias e vulnerabilidades na Área de Estudo Local

Nos trechos 1 e 2 relatou-se uma baixa ocorrência de dengue em Vila Alexandre Mascarenhas, Gouveia, e no distrito de Engenheiro Dolabela, em Bocaiuva. Foram citados casos de Zica e dengue em Monjolos, na região de Rodeador.

Nos trechos 3 e 4, conforme informado por Agentes de Saúde Locais, as doenças mais frequentes são hipertensão e diabetes, seguidas por doenças cardíacas. Os relatos dos entrevistados e Agentes de Saúde consultados indicam, em um quadro geral, que as maiores incidências de doenças estão relacionadas à questão da idade e aos hábitos alimentares. No município de Juramento, foram relatados casos de dengue nos povoados Saracura, Lambari, Prata e Tira Chapéus, Campo Grande e Maquiné.

Relatos de hipertensão, diabetes e colesterol alto foram bastante recorrentes ao longo dos trechos 4, 5, 6, 7 e 8, principalmente, entre a população mais idosa. Nesta faixa-etária mencionou-se, também, ocorrências de casos de infarto, osteoporose e reumatismo. Gripe e asma foram, também, muito mencionadas entre crianças e idosos, nos trechos 5, 6, 7 e 8. Casos de câncer de mama, fígado e próstata foram citados entre a população mais velha nas localidades de Barreira do Totó e Riacho dos Carneiros (Francisco Sá), Baixão (Monte Azul), Salinas (Urandi), Paus Pretos e Lagoa do Curral (Pindaí) e Pilões (Candiba).

Somente na comunidade quilombola Vila Nova dos Poções foram apontados casos de desnutrição infantil. Os casos estão sendo tratados por programas de saúde locais. Houve, ainda, relatos de casos de alcoolismo entre os jovens em Barroquinha (Janaúba).

No entanto, houve relatos sobre a existência de casos endêmicos como a febre amarela, dengue e doença de chagas. No caso da febre amarela relatou-se um caso isolado na localidade de Riacho Seco (Monte Azul). A ocorrência de casos de dengue foi mencionada em São Geraldo (Francisco Sá) e Furado Fundo (Pindaí). Já a incidência de doença de chagas foi bastante recorrente, sobretudo, nos municípios de Francisco Sá e Janaúba (Trecho 4), nas localidades de Barreira do Totó, Pajeú II e Barroquinha; em algumas localidades de Mato Verde e Espinosa (trecho 6); e, principalmente, em Urandi e Pindaí, no estado da Bahia (Trecho 7), nas localidades de Agreste, Riachão e Fazenda Bananeira (Urandi) e Furado Fundo, Lagoa de Dominginhos e Paus Pretos (Pindaí). Chama atenção que os casos relatados não seguem um padrão etário: acomete jovens, adultos e idosos.

Em Barreira do Totó (Francisco Sá) e Furado Fundo (Pindaí), também, foram mencionados casos de Leishmaniose, presente em todas as idades. Vulnerabilidades, como a diarreia, decorrente do não tratamento de água e saneamento básico foram bastante citadas nos municípios de Urandi e Pindaí, com especial atenção para as localidades de Tanque e Morro do Pindaí.

Em geral devido à cobertura de visitação de Agentes de Saúde, com frequência e monitoramento das famílias, observa-se na AEL, uma organização familiar mais planejada, com menor proporção de crianças por família e com atenção diferenciada para higiene e saneamento. Desta forma, a proximidade da assistência médica é maior para as famílias rurais, com impactos positivos no planejamento familiar e cuidados de higiene e saneamento, o que se reflete na baixa incidência de doenças e vulnerabilidades ligadas a esses indicadores.

2.2.4.4.1.3 - Considerações Finais

As vulnerabilidades de saúde nas Áreas de Estudo Regional e Local (AER e AEL) podem ser relacionadas à baixa oferta de recursos humanos e de estrutura física de saúde nas sedes e nas localidades, onde as demandas referentes à leitos e atendimentos médicos na maioria das situações não atendem satisfatoriamente a população, sendo necessário o deslocamento para os polos regionais, por vezes bem distantes das localidades. Isso pode ser agravado devido à demanda relacionada à instalação e operação de canteiros de obras.

Montes Claros, único município de grande porte na Área de Estudo, é a referencia em termos de estrutura de atendimento e serviços em saúde de alta complexidade. Janaúba e Guanambi, também, se destacam em relação aos outros, onde a infraestrutura de saúde é incipiente.

Ainda que, na maior parte das localidades percorridas do trecho 1 ao 8, conta com a presença de Agentes de Saúde no acompanhamento e triagem da população afetada, o quadro geral, no que se refere à saúde, é bastante precário. São poucas as localidades que dispõem de unidades de saúde próprias e, apesar de muitas dessas atenderem pacientes de outras localidades, a distância, em muitos casos, pesa bastante.

As vias de acesso das localidades para as sedes municipais (onde há maior oferta de infraestrutura e hospitais) e o precário sistema viário (em várias localidades não há transporte público) também são fatores que dificultam o acesso à rede de saúde. Desse modo, um considerável número de moradores deixa de ser atendido de maneira adequada, ainda que mesmo na maioria dos povoados mais afastados de centros urbanos, haja acompanhamento familiar constante realizado pelos Agentes de Saúde.

Em relação às principais doenças e endemias, houve incidência de casos de dengue, doença de chagas, diarreia em algumas localidades da Área de Estudo Local. No tocante as endemias e doenças chamam atenção os casos de doença de chagas e diarreia em Francisco Sá, Janaúba (Trecho 4), Mato Verde, Espinosa (Trecho 6) e, principalmente, em Urandi e Pindaí, no estado da Bahia (Trecho 7), associado ao precário sistema de saneamento básico; assim como relatos de casos de dengue em Juramento (Trecho 3). Guanambi e Nova Porteirinha chamam atenção pelos casos de ocorrência de dengue na AER, porém, na AEL só foram relatados casos de dengue em Gouveia, Bocaiuva, Francisco Sá, Pindaí e Juramento.

ÍNDICE

2.2.4.4.2 -	Educação	1/31
2.2.4.4.2.1 -	Estabelecimentos de Ensino na Área de Estudo Regional (AER)	1/31
2.2.4.4.2.2 -	Estabelecimentos de Ensino na Área de Estudo Local (AEL).....	8/31
2.2.4.4.2.3 -	Índices de Escolaridade na Área de Estudo Regional	23/31
2.2.4.4.2.4 -	Nível de Escolaridade na Área de Estudo Local (AEL).....	27/31
2.2.4.4.2.5 -	Instituições e Cursos de Educação Ambiental.....	27/31
2.2.4.4.2.6 -	Instituições e Capacitação de Mão de Obra	29/31
2.2.4.4.2.7 -	Considerações Finais.....	30/31

ANEXOS

Anexo 2.2.4.4.2-1 Infraestrutura de Educação na Área de Estudo Local

Legendas

Quadro 2.2.4.4.2-1 – Estabelecimentos com Ensino Infantil por Esfera Administrativa (2014).....	2/31
Quadro 2.2.4.4.2-2 – Estabelecimentos com Ensino Fundamental por Esfera Administrativa (2014)	3/31
Quadro 2.2.4.4.2-3 – Estabelecimentos com Ensino Médio por Esfera Administrativa (2014).....	5/31
Quadro 2.2.4.4.2-4 – Estabelecimentos com Ensino Profissionalizante por Esfera Administrativa (2014)	6/31
Quadro 2.2.4.4.2-5 – Estabelecimentos com Ensino Superior e Cursos (2012).....	8/31
Figura 2.2.4.4.2-1 - Ônibus de Transporte Escolar, Monjolos(MG).....	10/31
Figura 2.2.4.4.2-2 - Escola Municipal em Cafundó dos Currais, Augusto de Lima (MG).....	10/31
Figura 2.2.4.4.2-3 - Transporte Escolar em Catoni Sede, PA Final Feliz - Joaquim Felício (MG).....	11/31
Figura 2.2.4.4.2-4 - Alunos do fundamental I, no Assentamento Lagoa Grande - PA Betinho (Bocaiúva) (MG).	11/31
Figura 2.2.4.4.2-5 - Escola Municipal – Povoado Tabocal I (MG).....	12/31
Figura 2.2.4.4.2-6 - Escola Municipal – Povoado Camilo Prates(MG).....	12/31
Figura 2.2.4.4.2-7 - Escola Municipal – Povoado Santa Cruz (MG).....	13/31
Figura 2.2.4.4.2-8 - Escola Municipal em Nova Dolabela (MG).	13/31
Figura 2.2.4.4.2-9 - Escola em Barroquinha – Janaúba (MG).....	14/31
Figura 2.2.4.4.2-10 - Escola em Barroquinha – Janaúba (MG).....	14/31
Figura 2.2.4.4.2-11 - Escola em Junco – Francisco Sá (MG) ao lado de centro comunitário e Igreja.....	15/31
Figura 2.2.4.4.2-12 - E. E. Rui Barbosa em Paraguaçu – Nova Porteirinha (MG).	16/31
Figura 2.2.4.4.2-13 - Ônibus escolar em Paraguaçu – Nova Porteirinha (MG).....	16/31

Figura 2.2.4.4.2-14 - E. M. Antônio Santos de Ensino Fundamental e Médio – Mulungu – Porteirinha (MG).....	16/31
Figura 2.2.4.4.2-15 - E. E. José Barbosa Sousa em Catuti (MG).....	17/31
Figura 2.2.4.4.2-16 - E. M. Prefeito Christiano Barbosa de Souza – Vila Cristino – Mato Verde (MG).....	17/31
Figura 2.2.4.4.2-17 - Escola em Pajeú – Monte Azul (MG).....	18/31
Figura 2.2.4.4.2-18 - Escola Municipal José Olímpio Fernandes – Rebentão – Monte Azul (MG).....	18/31
Figura 2.2.4.4.2-19 - Escola Estadual Barreiro do Mato – Monte Azul (MG).....	19/31
Figura 2.2.4.4.2-20 - Escola em Raposa do Rio Verde - Espinosa (MG).....	19/31
Figura 2.2.4.4.2-21 - Escola Municipal em Salinas - Urandi (BA).....	20/31
Figura 2.2.4.4.2-22 - Escola em Pilões – Candiba (BA).....	21/31
Figura 2.2.4.4.2-23 - Grupo Escolar Colônia Agrícola de Ceraíma – Guanambi (BA).....	22/31
Figura 2.2.4.4.2-24 - Instituto Federal Baiano – Ceraíma – Guanambi (BA).....	23/31
Figura 2.2.4.4.2-25 - E. M. Colônia Agrícola de Ceraíma – Guanambi (BA).....	23/31
Quadro 2.2.4.4.2-6 - População residente segundo o nível de instrução.....	25/31
Figura 2.2.4.4.2-26 - Taxa de alfabetização da população de cinco anos ou mais (2010).....	26/31
Quadro 2.2.4.4.2-7 - Instituições e Atividades de Educação Ambiental.....	28/31
Quadro 2.2.4.4.2-8 - Instituições de Ensino Superior na Área de Estudo Regional.....	29/31

2.2.4.4.2 - Educação

Este item apresenta a estrutura educacional disponível e níveis educacional nos municípios da AER e localidades da AEL, elaborado com base nos dados obtidos em fontes oficiais, como do Ministério da Educação e o IBGE. Em relação à análise desses aspectos na AEL, a análise tomou como base os dados coletados por meio das campanhas de campo, a partir da realização de entrevistas com a população local.

Além desses aspectos, o item também aborda informações quanto à presença de instituições e atividades ligadas à educação ambiental, bem como a identificação de instituições e cursos de capacitação de mão de obra desenvolvidos nas áreas de estudo.

2.2.4.4.2.1 - Estabelecimentos de Ensino na Área de Estudo Regional (AER)

Ensino Infantil

As informações relativas à quantidade de estabelecimentos de ensino do nível infantil foram levantadas junto ao banco de dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) e apresentadas no **Quadro 2.2.4.4.2-1**, sendo o ano de referência das informações 2014. Segundo as informações a quantidade de estabelecimentos segue em proporção ao contingente populacional. Destaca-se que há primazia da oferta do serviço pela rede de ensino municipal, posto que nenhum dos municípios apresenta unidades de responsabilidade estadual ou federal e os estabelecimentos da iniciativa privada inexistem em grande parte dos municípios, sendo pouco expressivos em termos quantitativos naqueles onde se fazem presentes. A exceção é o município de Montes Claros, onde se encontra a maior proporção de estabelecimentos privados em relação ao total de unidades, mas mesmo assim mantém-se bem abaixo da quantidade de estabelecimentos municipais.

O destaque da gestão municipal neste nível de ensino possui estreita relação com a distribuição de responsabilidades na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996), onde afirma-se que:

“Art. 11º. Os Municípios incumbir-se-ão de:

(...) V - oferecer a educação infantil em creches e pré-escolas, e, com prioridade, o ensino fundamental, permitida a atuação em outros níveis de ensino somente quando estiverem atendidas plenamente as necessidades de sua área de competência (...).”

Quadro 2.2.4.4.2-1 – Estabelecimentos com Ensino Infantil por Esfera Administrativa (2014)

Municípios	Esfera Administrativa		
	Municipal	Privada	Total
Caetité – BA	33	8	41
Candiba - BA	5	1	6
Guanambi - BA	20	10	30
Pindaí – BA	12	2	14
Urandi – BA	15		15
AER - BA	85	21	106
Augusto de Lima - MG	1		1
Bocaiúva - MG	12	8	20
Buenópolis - MG	6	1	7
Catuti - MG	4		4
Engenheiro Navarro - MG	3	1	4
Espinosa - MG	22	1	23
Francisco Sá - MG	17	2	19
Glaucilândia - MG	4		4
Gouveia - MG	2		2
Guaraciama - MG	6		6
Janaúba - MG	27	5	32
Joaquim Felício - MG	2		2
Juramento - MG	1		1
Mamonas - MG	2		2
Mata Verde - MG	6		6
Monjolos - MG	4		4
Monte Azul - MG	14	2	16
Montes Claros - MG	69	47	116
Nova Porteirinha - MG	7		7
Olhos-d'Água - MG	10	1	11
Pai Pedro - MG	5		5
Porteirinha - MG	22	5	27
Presidente Juscelino - MG	5		5
Santo Hipólito - MG	3	1	4
AER - MG	254	74	328
AER	339	95	434

Fonte: INEP, 2017

Ensino Fundamental

Os dados relativos à quantidade de estabelecimentos de ensino fundamental foram obtidos junto ao banco de dados do INEP, onde as informações mais recentes datam de 2014. O conjunto de dados é apresentado no **Quadro 2.2.4.4.2-2**.

A maior parte dos estabelecimentos de ensino na AER são públicos (estadual ou municipal), de modo que a contribuição privada para o número total de unidades é pouco expressiva. Nos municípios mineiros, especificamente, a ocorrência de instituições privadas é menor do que instituições estaduais e bem menor do que a ocorrência de unidades de administração municipal. Em 16 dos 24 municípios localizados em Minas Gerais não existem escolas de ensino fundamental que são de administração privada. Já nos municípios baianos há um aumento da participação do setor privado e na maior parte dos municípios o número de instituições é superior ao oferecido pelo Governo do Estado, contudo, mantem-se abaixo do total ofertado pelo poder público municipal.

Nesse contexto, observa-se que há predominância do setor público municipal na oferta deste serviço. Esta característica está diretamente relacionada à legislação citada, que coloca a oferta de unidades de ensino fundamental (assim como infantil) como atribuição prioritária dos municípios.

Quadro 2.2.4.4.2-2 – Estabelecimentos com Ensino Fundamental por Esfera Administrativa (2014)

Municípios	Esfera Administrativa			
	Estadual	Municipal	Privada	Total
Caetité – BA	4	41	8	53
Candiba - BA	1	6	1	8
Guanambi - BA	4	27	10	41
Pindaí – BA	1	16	2	19
Urandi – BA	-	16	-	16
AER -BA	10	106	21	137
Augusto de Lima - MG	1	1	-	2
Bocaiúva - MG	11	18	4	33
Buenópolis - MG	1	5	1	7
Catuti - MG	2	7	-	9
Engenheiro Navarro - MG	1	3	-	4
Espinosa - MG	10	32	1	43
Francisco Sá - MG	8	29	3	40
Glaucilândia - MG	2	4	-	6

Municípios	Esfera Administrativa			
	Estadual	Municipal	Privada	Total
Gouveia - MG	4	5	-	9
Guaraciama - MG	1	6	-	7
Janaúba - MG	16	14	4	34
Joaquim Felício - MG	-	1	-	1
Juramento - MG	1	2	-	3
Mamonas - MG	1	8	-	9
Mata Verde - MG	2	5	-	7
Monjolos - MG	1	2	-	3
Monte Azul - MG	8	10	2	20
Montes Claros - MG	52	49	47	148
Nova Porteirinha - MG	3	4	-	7
Olhos-d'Água - MG	1	9	-	10
Pai Pedro - MG	1	6	-	7
Porteirinha - MG	11	35	2	48
Presidente Juscelino - MG	1	4	-	5
Santo Hipólito - MG	2	4	-	6
AER - MG	141	263	64	468
AER	151	369	85	605

Fonte: INEP, 2017

Ensino Médio

Enquanto o ensino fundamental e infantil são atribuições prioritárias do poder público municipal, o ensino médio é atribuição dos estados. Esta característica fica evidente na AER, pois como pode ser observado no **Quadro 2.2.4.4.2-3**, não foram identificadas, nos dados do INEP referentes à 2014, instituições municipais que ofertassem o ensino médio. Por outro lado, o governo estadual é preponderante na oferta deste serviço. Em termos gerais os estabelecimentos estaduais de ensino médio correspondem a aproximadamente 81% de todos os estabelecimentos que oferecem este nível. Em toda AER existem somente duas instituições públicas de ensino médio que não são do governo dos respectivos estados. São eles o Instituto Federal Baiano (Campus Guanambi) e o Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (Campus Montes Claros).

Quadro 2.2.4.4.2-3 – Estabelecimentos com Ensino Médio por Esfera Administrativa (2014)

Municípios	Esfera Administrativa			
	Federal	Estadual	Privada	Total
Caetitê – BA	-	4	1	5
Candiba – BA	-	1	-	1
Guanambi – BA	1	6	4	11
Pindaí – BA	-	1	-	1
Urandi – BA	-	1	-	1
AER - BA	1	13	5	19
Augusto de Lima – MG	-	1	-	1
Bocaiúva – MG	-	7	4	11
Buenópolis – MG	-	1	-	1
Catuti – MG	-	2	-	2
Engenheiro Navarro - MG	-	1	-	1
Espinosa – MG	-	3	1	4
Francisco Sá – MG	-	4	1	5
Glaucilândia – MG	-	2	-	2
Gouveia – MG	-	2	-	2
Guaraciama – MG	-	1	-	1
Janaúba – MG	-	9	3	12
Joaquim Felício – MG	-	1	-	1
Juramento – MG	-	1	-	1
Mamonas – MG	-	1	-	1
Mata Verde – MG	-	1	-	1
Monjolos – MG	-	1	-	1
Monte Azul – MG	-	3	1	4
Montes Claros – MG	1	41	8	50
Nova Porteirinha – MG	-	3	-	3
Olhos-d'Água – MG	-	1	-	1
Pai Pedro – MG	-	1	-	1
Porteirinha – MG	-	6	1	7
Presidente Juscelino – MG	-	1	-	1
Santo Hipólito – MG	-	2	-	2
AER – MG	1	96	19	116
AER	2	109	24	135

Fonte: INEP, 2017

Ensino Profissionalizante

Em relação ao ensino profissionalizante também foram utilizados dados do INEP relativos à 2014 apresentados no **Quadro 2.2.4.4.2-4**. De todos os municípios da AER somente 14 apresentam instituições que oferecem ensino profissionalizante. Em termos gerais a maior parte destas instituições (24) é gerida pelos respectivos governos estaduais, uma parcela reduzida é da iniciativa privada (14) e a menor parte do governo federal. Somente duas unidades que correspondem aos institutos federais já citados.

Proporcional ao contingente populacional, o município que conta com maior número de instituições é Montes Claros, com um total de 16 unidades. Sendo, também o, único município, onde o número de instituições particulares supera aquele de unidades estaduais.

Quadro 2.2.4.4.2-4 – Estabelecimentos com Ensino Profissionalizante por Esfera Administrativa (2014)

Municípios	Esfera Administrativa			
	Federal	Estadual	Privada	Total
Caetité – BA	-	1	1	2
Guanambi – BA	1	1	-	2
AER -BA	1	2	1	4
Bocaiúva – MG	-	3	3	6
Catuti – MG	-	1	-	1
Engenheiro Navarro - MG	-	1	-	1
Espinosa – MG	-	2	-	2
Francisco Sá - MG	-	1	-	1
Glaucilândia - MG	-	1	-	1
Gouveia – MG	-	1	-	1
Janaúba – MG	-	2	1	3
Juramento - MG	-	1	-	1
Monte Azul - MG	-	2	-	2
Montes Claros - MG	1	6	9	16
Porteirinha - MG	-	1	-	1
AER – MG	1	22	13	36
AER	2	24	14	40

Fonte INEP 2017

Ensino Superior

Para identificar a presença de estabelecimentos de ensino superior na AER foram utilizados os dados do INEP, mais especificamente do Censo da Educação Superior. Contudo, estavam disponíveis informações somente para o ano de referência de 2012, portanto foram feitas pesquisa adicionais. As informações foram reunidas e apresentadas no **Quadro 2.2.4.4.2-5**.

Segundo os dados do INEP, somente 8 dos 29 municípios da AER apresentam instituições de ensino superior. No entanto, os dados indicam que os municípios de Caetité e de Espinosa, embora, não tenham estabelecimentos de ensino superior oferecem cursos de nível superior, sendo 10 no primeiro município e 2 no segundo. Uma pesquisa adicional na internet revelou que, atualmente, Caetité conta com um campus avançado da Universidade Estadual da Bahia (UNEB) e dois centros de ensino a distância ligados à instituições privadas. Em Espinosa, os levantamentos indicaram que há um campus avançado da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES) e um centro de ensino a distância da Universidade do Norte do Paraná (UNOPAR), uma instituição privada.

No município de Guanambi foi identificada a existência somente de um estabelecimento, que oferece 23 cursos. Esta unidade corresponde ao Instituto Federal Baiano, Campus Guanambi, do Governo Federal.

No que se refere aos municípios mineiros, em Bocaiuva foi indicada somente uma instituição de caráter privado, a Universidade Presidente Antonio Carlos (UNIPAC) – unidade Bocaiuva. Em Janaúba, foi identificada uma unidade privada que oferecia cinco cursos, além, de um campus avançado da Universidade Federal do Vale do Jequitinhonha e Mucuri e um campus avançado da UNIMONTES.

No município de Mato Verde aparece a indicação de uma instituição privada, a Faculdade Verde Norte (FAVENORTE). No entanto, há neste município, também, um centro de educação a distância ligado a UNOPAR. Em Montes Claros concentram-se a maioria dos estabelecimentos de ensino superior da AER, correspondendo a 74% do total. Neste local, também, há a maior diversidade de instituições, segundo o INEP (2012), tem-se uma instituição federal, uma estadual e 14 privadas. Observa-se que a instituição federal corresponde ao Instituto Federal do Norte de Minas (unidade Montes Claros) e a estadual a UNIMONTES, já citada anteriormente. No município de Nova Porteirinha é indicada a existência de um estabelecimento particular, que segundo pesquisa adicional deve tratar-se da Faculdade Vale do Gorutuba. Por fim, em Porteirinha o INEP indica

apenas um estabelecimento, de administração privada. No entanto, as pesquisas adicionais apontam a presença de uma unidade do Instituto Federal do Norte de Minas e duas instituições privadas, a Faculdade Santa Rita de Cássia e a Universidade Presidente Antônio Carlos (UNIPAC).

Quadro 2.2.4.4.2-5 – Estabelecimentos com Ensino Superior e Cursos (2012)

Municípios	Estabelecimentos de Ensino	Cursos
Caetité – BA	1	10
Guanambi – BA	2	23
AER -BA	3	33
Bocaiúva – MG	1	3
Espinosa – MG	1	2
Janaúba – MG	2	5
Mato Verde – MG	2	4
Montes Claros - MG	16	117
Nova Porteirinha - MG	1	6
Porteirinha – MG	3	1
AER – MG	26	138
AER	29	171

Fonte: INEP, 2017

2.2.4.4.2.2 - Estabelecimentos de Ensino na Área de Estudo Local (AEL)

A Educação é sensivelmente carente na Área de Estudo Local (AEL) da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino. De um modo geral, poucos núcleos populacionais possuem suas próprias escolas, tendo como única alternativa o deslocamento para localidades vizinhas ou sedes municipais.

Em praticamente todos os povoados as sedes municipais aparecem como referência em educação, inclusive, via de regra, ofertando de forma exclusiva o Ensino Médio. Os alunos que necessitam deslocar-se de suas localidades para estudar fazem seus trajetos, com raras exceções, via ônibus oferecido pela prefeitura, sendo o transporte escolar praticamente universal.

Nas localidades rurais onde há escolas, em sua maioria, oferta-se até o Ensino Fundamental I (até o 5º ano). O acesso à escolarização nos níveis de educação Infantil, Fundamental II (até o 9º ano) e

Ensino Médio é garantido nos povoados, distritos de maior porte ou sedes que servem de polos às localidades.

O acesso ao ensino superior se dá, ainda, com pouca frequência em todos os trechos na Área de Estudo Local. Todas as informações descritas abaixo se encontram compiladas no **Anexo 2.2.4.4.2-1**.

Trecho 1 - Presidente Juscelino, Gouveia, Monjolos, Santo Hipólito, Augusto de Lima e Buenópolis (MG)

Os povoados de Serra do Gonçalves e Retiro da Gameleira, situados no município de Presidente Juscelino, não possuem escola em seus territórios. Os estudantes deslocam-se de segunda a sexta-feira para a sede do município, por meio de transporte escolar.

No município de Monjolos, o povoado Quebra Pé possui escola de nível pré-escolar (creche), no distrito Rodeador, que oferece estudo até o Ensino Fundamental II, e na sede municipal de Monjolos há a oferta de Ensino Médio. Os estudantes do povoado Tamburiu/Fazenda Passageiro deslocam-se diariamente para a sede do município para estudar, através de transporte escolar, posto que não há escola na localidade.

No município de Gouveia, a Vila Alexandre Mascarenhas possui unidades educacionais da esfera estadual e municipal, e há oferta de serviços de educação em todos os níveis. A Vila é referência para moradores das localidades rurais do entorno, como Mangabeira e Estaboca.

O distrito de Senhora da Glória, no município de Santo Hipólito, possui equipamentos escolares que ofertam serviços de educação nos níveis Pré-escolar, Fundamental e Médio. A localidade atende os povoados rurais do entorno, como Caquende.

Existe uma especificidade para as localidades do município de Santo Hipólito Vale Fundo e Santa Cruz: em ambos povoados, os estudantes deslocam-se através de transporte escolar para frequentar escolas na sede municipal de Monjolos, e não na sede municipal de Santo Hipólito. Isto ocorre em função da logística, já que há uma vicinal sem asfaltamento que liga Vale Fundo e Santa Cruz à sede de Monjolos. No distrito de Vale Fundo, há 1 (uma) escola de nível Fundamental I. Os estudantes deslocam-se para a sede de Monjolos para cursar o Ensino Médio. Vale destacar que duas crianças da Fazenda Taboado, localizada em Vale fundo, se deslocam para a sede do

município de Santo Hipólito no carro da Unidade Básica de Saúde (UBS), para cursar a educação infantil. São as únicas que estudam em Santo Hipólito, e não em Monjolos.

Os alunos da localidade Santa Cruz estudam na sede de Monjolos. Apenas 3 (três) estudantes cursam o Ensino Fundamental na escola do povoado, que dispõe de apenas uma turma.



Figura 2.2.4.4.2-1 - Ônibus de Transporte Escolar, Monjolos(MG).



Figura 2.2.4.4.2-2 - Escola Municipal em Cafundó dos Currais, Augusto de Lima (MG).

Em Augusto de Lima, apenas 2 (duas) localidades, Conceição de Teixeira/Saúde e Cafundó dos Currais, dispõem de escola no nível fundamental para os estudantes locais. Os estudantes do Povoado Cafundó utilizam a escola de Cafundó dos Currais. Para cursar o Ensino Médio, os alunos destas 3 (três) localidades deslocam-se, através de transporte escolar, para a sede municipal de Augusto de Lima.

Na Vila Santa Bárbara, também em Augusto de Lima, a escola local encontra-se fechada, em função da redução do número de jovens e estudantes. Tanto os alunos de Santa Bárbara quanto de outras 5 (cinco) localidades (Mangal, Sumidouro, Poções, Malhada Alta e Mocambo) deslocam-se de segunda à sexta-feira para a sede municipal de Augusto de Lima para cursar os níveis Fundamental e Médio. Vale destacar que no povoado Alto Mangabeira, não há escola, tampouco transporte escolar. Nas 4 casas habitadas não há estudantes.

O distrito de Curimataí, em Buenópolis, possui 1 (uma) Escola Municipal que oferece ensino de nível Fundamental I e II para os estudantes da localidade e de povoados do entorno, como Pé de Serra. Por sua vez, Pé de Serra possui escola de nível Fundamental I e, por este motivo, os demais segmentos escolares são cursados em Curimataí e/ou na sede municipal de Buenópolis. Os estudantes que moram em Venturino, na primeira fase escolar dirigem-se para Pé de Serra e,

depois, para a sede de Buenópolis. Salobo possui uma Escola Fundamental I, e para concluir o Fundamental II e o Ensino Médio, os estudantes deslocam-se para escolas de Buenópolis, via transporte escolar.

Trecho 2 - Joaquim Felício e parte sul de Bocaiúva (MG)

As sedes municipais de Bocaiúva, Joaquim Felício e o distrito de Engenheiro Dolabela são dotados de escolas públicas, com segmentos que vão do Ensino Infantil ao Médio. São, portanto, as referências para quem vive nos Projetos de Assentamento e nos povoados e encontram-se em idade escolar. Há transporte escolar disponibilizado pelas prefeituras que levam os estudantes dos povoados rurais às respectivas escolas. A oferta de transporte escolar viabiliza o acesso de jovens e crianças à vida escolar, assim como garante o recebimento do benefício Bolsa Família para uma parcela significativa de assentados e moradores da zona rural.

As 7 (sete) localidades do município de Joaquim Felício não dispõem de infraestrutura de ensino e utilizam os equipamentos escolares da sede municipal. Tendo em vista esse cenário, os moradores de P.A. Betinho – Riachinho; Catoni Sede (PA Final Feliz), Barreiro Grande/Fazenda Ribeirão, Vaca Brava/Barreirinhos, Picadinha, Lagoinha dispõem de transporte escolar para o deslocamento dos estudantes até a sede municipal. Na Fazenda Bhavnagar devido ao fato do ônibus não entrar na área da fazenda, os estudantes embarcam no transporte escolar na BR-135 (portaria da fazenda).



Figura 2.2.4.4.2-3 - Transporte Escolar em Catoni Sede, PA Final Feliz - Joaquim Felício (MG).



Figura 2.2.4.4.2-4 - Alunos do fundamental I, no Assentamento Lagoa Grande - PA Betinho (Bocaiúva) (MG).

Das 7 (sete) localidades do assentamento PA Betinho visitadas (Barragem do Bambu, Triunfo, Poço do Bento, Angico, Lagoa Grande, Barragem da Caatinga e Riachinho), apenas Lagoa Grande possui escola de nível Fundamental I, que atende a 12 (doze) alunos moradores do local e da Barragem da

Caatinga. Os demais estudantes deslocam-se, predominantemente, para o distrito de Engenheiro Dolabela, e alguns cursam o Ensino Fundamental na sede municipal de Bocaiúva. Os estudantes do PA Betinho - Triunfo dirigem-se ao Bairro Nova Dolabela para estudar.

O acesso ao ensino superior não foi um ponto levantado pelos moradores do trecho 2, exceto na localidade de Lagoinha. Os moradores interessados em cursar graduação, normalmente, recorrem às instituições de ensino de Belo Horizonte.

Trecho 3 - Bocaiúva, Engenheiro Navarro, Olhos D'água, Guaraciama, Glaucilândia, Juramento (MG)

No trecho 3 o Ensino Fundamental é oferecido localmente por escolas municipais identificadas: em Glaucilândia, no povoado Tabocal I; em Bocaiúva, nos povoados Alto Belo, Catarina e Bairro Nova Dolabela; e em Engenheiro Navarro, no Distrito São Norberto. Em Camilo Prates (Bocaiúva) há uma escola de nível Fundamental que vai até o primeiro ciclo e que, também, atende aos estudantes de Curral de Vara.

A oferta de educação nos povoados se estrutura de diferentes maneiras. A maioria das localidades na zona rural possui escola de Ensino Fundamental de Primeiro Ciclo, com oferta de ensino até o 5º ano. O acesso à escolarização nos níveis de educação Infantil e Fundamental Segundo Ciclo é obtido em povoados ou distritos de maior porte que polarizam estas localidades. Em Bocaiúva, no PA Professor Mazan há um projeto de implantação de Ensino de Jovens e Adultos (EJA). Em Juramento há oferta de cursos técnicos de Ensino Médio via Centro Educacional Técnico (CETEC).



Figura 2.2.4.4.2-5 - Escola Municipal – Povoado Tabocal I (MG).



Figura 2.2.4.4.2-6 - Escola Municipal – Povoado Camilo Prates(MG).



Figura 2.2.4.4.2-7 - Escola Municipal – Povoado Santa Cruz (MG).



Figura 2.2.4.4.2-8 - Escola Municipal em Nova Dolabela (MG).

Trecho 4 - Montes Claros, Francisco Sá, Capitão Enéas; Janaúba (MG)

Em Montes Claros as referências locais para as localidades identificadas no que diz respeito à educação são os povoados Zé Lima e Taquaril. Estas Escolas são municipais e oferecem Ensino Fundamental de Primeiro Ciclo. No povoado Mandacaru há escola de Ensino Fundamental completo. Para completar os estudos é necessário deslocar-se para as escolas da sede municipal.

Nos municípios de Francisco Sá, Capitão Enéas e Janaúba, apenas, 10 localidades possuem instituições de ensino de nível fundamental e/ou médio. Em Francisco Sá, há escolas municipais que oferecem Ensino Fundamental de Primeiro Ciclo nas seguintes localidades: Camarinhas, Fazenda São Paulinho, Coqueiro, Coqueirinho e Junco. Já Boa Esperança (Francisco Sá), Poço de Santa Cruz e a comunidade quilombola de Vila Nova dos Poções em Janaúba, contam com escolas que oferecem até o nono ano do Ensino Fundamental (Fundamental II). Por sua vez, apenas São Geraldo (Francisco Sá) disponibiliza Ensino Básico completo para seus alunos, até o terceiro ano do Ensino Médio. Duas localidades contam, ainda, com creches municipais e pré-escola: Junco e São Geraldo.

Não há escola nas localidades Baixa Fria, Barreira do Totó, Furado Dantas e Córrego do Charquinho (Francisco Sá). Os estudantes deslocam se para estudar nos polos locais de Terra Quebrada (Francisco Sá), Lagoa Grande (Janaúba) e Jatobá (em Janaúba) – todos localizados fora da AEL- através de transporte escolar. Terra Quebrada recebe alunos de Baixa Fria, Barreira do Totó, Furado Dantas e Córrego do Charquinho, localidades de Francisco Sá. Já Lagoa Grande recebe alunos de Mundo Novo e Pajeú II (Janaúba). Jatobá, por sua vez, recepciona os discentes de Poço de Santa Cruz (após concluírem o ensino fundamental), Taquaril e Jataí.

Jataí assume uma característica peculiar no tocante ao pertencimento. Apesar de estar geograficamente mais próxima das escolas da sede municipal de Janaúba, os moradores estudam até o Ensino Fundamental em escola municipal situada na localidade rural Jatobá, posto que o ensino nessa escola é mais voltado para questões do campo. Há na localidade uma preocupação com a permanência no campo e, segundo relatos, o estudo nessa escola permite que se evite as influências da cidade na vida das crianças.

Em Riacho dos Carneiros, Bengo, Matos, Jácara II e Boa Sorte (Francisco Sá), e Tirafogo, Pedra Preta, José Fautino e Baixa da Colônia (Janaúba) não há instituições de ensino nas localidades, tampouco nas proximidades. Logo, os alunos tem que se deslocarem até os núcleos urbanos mais próximos, que contam com infraestrutura mais organizada e, conseqüentemente, com acesso ao ensino completo, como as sedes municipais de Francisco Sá, Capitão Enéas e Janaúba.

Em localidades como Junco, Coqueirinho e Baixa Fria, em Francisco Sá, e Mundo Novo, Pajeú II, Vila Nova dos Poções e Barroquinha em Janaúba, há a oferta de educação, apenas, até o ensino fundamental, implicando na necessidade de deslocamento até as sedes municipais.



Figura 2.2.4.4.2-9 - Escola em Barroquinha – Janaúba (MG).



Figura 2.2.4.4.2-10 - Escola em Barroquinha – Janaúba (MG).

O deslocamento até as escolas, através do transporte escolar oferecido pela prefeitura, é uma realidade em boa parte das localidades. No entanto, foram relatados problemas com o transporte em Coqueirinho e na Comunidade Quilombola Bem Viver de Vila Nova dos Poções. Nessa última, a comunidade conseguiu resolver o problema a partir da mobilização dos pais dos alunos, que, em parceria com a prefeitura, pagam o combustível e o motorista para que o ônibus possa circular sem maiores dificuldades.

O acesso ao ensino superior foi pouco relatado entre as localidades visitadas. Para ingresso em faculdade, os moradores têm que se deslocar para os polos de Janaúba ou Montes Claros. Dentre as instituições de ensino, vale ressaltar a Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), onde há um campus em construção situado em Janaúba/MG (coordenadas UTM 681354E /8244887N). De acordo com o site, a universidade oferecerá os cursos de bacharelado em Engenharia Física, Engenharia de Materiais, Engenharia de Minas, Engenharia Metalúrgica e Química Industrial. No momento, apenas o curso de Ciência e Tecnologia está em funcionamento no campus provisório, situado em uma escola na sede municipal de Janaúba.



Figura 2.2.4.4.2-11 - Escola em Junco – Francisco Sá (MG) ao lado de centro comunitário e Igreja.

Trecho 5 - Nova Porteirinha; Porteirinha; Pai Pedro; Catuti (MG)

Apenas, 7 (sete) localidades dispõem de instituições de ensino de nível Fundamental nesse trecho: Gorutuba/Ilha do Getúlio e Paraguaçu em Nova Porteirinha, e Mulungu, Vila Caxingó e Lagoinha em Porteirinha. Por isso, recebem, além de seus alunos, estudantes de localidades vizinhas como Canabrava, Barreiro Dantas, Água Branca, Furada da Roda, Baixa do Barreiro, Furado Grande, Vila Caxingó, Lagoinha, todas em Porteirinha. Mulungu e Paraguaçu contam, também com escola de nível de Ensino Médio. Além de oferecer Ensino Fundamental e Médio, Mulungu conta, também, com uma creche municipal, assim como na sede de Catuti.



Figura 2.2.4.4.2-12 - E. E. Rui Barbosa em Paraguaçu – Nova Porteirinha (MG).



Figura 2.2.4.4.2-13 - Ônibus escolar em Paraguaçu – Nova Porteirinha (MG)



Figura 2.2.4.4.2-14 - E. M. Antônio Santos de Ensino Fundamental e Médio – Mulungu – Porteirinha (MG).

No caso de Salinas, Miranto e Atrás dos Morros, os estudantes deslocam-se para escolas da sede municipal de Pai Pedro, via transporte escolar. Catuti, Pai Pedro, Porteirinha e Nova Porteirinha, são outros destinos utilizados por esse público que deseja estudar até o Ensino Médio.

Assim como nos outros casos, nesse o acesso ao ensino superior ocorre, ainda, com pouca frequência, sendo que o polo de Porteirinha é referência para aqueles que buscam esse nível de formação.



Figura 2.2.4.4.2-15 - E. E. José Barbosa Sousa em Catuti (MG).

Trecho 6 - Mato Verde; Monte Azul; Mamonas; Espinosa (MG)

Em Mato Verde só há uma escola, situada em Vila Cristino, que oferece tanto o Ensino Fundamental quanto o Médio. Em Fazenda da Barra e Cristino I, onde não existem escolas, o destino para quem estuda é a sede municipal de Mato Verde. Em Ferraz, por exemplo, os jovens deslocam-se até o município de Catuti, via transporte escolar disponibilizado pela prefeitura de Mato Verde, onde cursam tanto o ensino Fundamental quanto o Médio. Já em Volta do Morro e Barra, além da oferta na sede municipal, os alunos também têm a opção de estudar na Escola Núcleo, situada na localidade de Pau Branco (distante apenas 3 km de Volta do Morro e fora da AEL), onde há Ensino Fundamental e Médio.



Figura 2.2.4.4.2-16 - E. M. Prefeito Christiano Barbosa de Souza – Vila Cristino – Mato Verde (MG)

Em Monte Azul, no que se refere à cobertura educacional, apresenta uma melhor distribuição das unidades. Das localidades que dispõem de escolas, Pajeú é a única que oferece Ensino Fundamental e Médio, absorvendo estudantes, também, de Pajeú de Cima, Bicas, Lagoa Comprida, Landinho, Riacho Quente, Rebentão e Junco.



Figura 2.2.4.4.2-17 - Escola em Pajeú – Monte Azul (MG).

Pedreira (Mato Verde) e Rebentão (Monte Azul) são localidades que dispõem de escolas até o Ensino Fundamental. Moradores de Bicas beneficiam-se não apenas das instituições de ensino em Pajeú, mas também da oferta em Rebentão, assim como Picada, Lagoinha, Barreiro Grande e Rio Abaixo. Ramalhudo, direciona essa demanda discente para Pedreira e Riachinho (essa última também recebe alunos do Ensino Médio de Pedreira).



Figura 2.2.4.4.2-18 - Escola Municipal José Olímpio Fernandes – Rebentão – Monte Azul (MG).

Barreiro da Cruz, Barreiro do Mato e Baixão são localidades que oferecem acesso ao estudo, apenas, até o primeiro ciclo do Ensino Fundamental. Passado o primeiro ciclo eles migram para escolas situadas na sede de Monte Azul até concluírem o Ensino Médio. Pela proximidade, os estudantes de Barreiro da Cruz continuam os estudos na sede municipal de Mamonas, assim como as localidades de Urubu e Mimoso.



Figura 2.2.4.4.2-19 - Escola Estadual Barreiro do Mato – Monte Azul (MG).



Figura 2.2.4.4.2-20 - Escola em Raposa do Rio Verde - Espinosa (MG).

Para os estudantes de Vila Angical e Riacho Seco a sede municipal de Monte Azul o único destino dos alunos. De acordo com os relatos, Monte Azul, também, é uma segunda opção para os moradores de Bicas, Lagoa Comprida, Landinho, Riacho Quente e Junco, assim como para Pajeú de Cima, Picada e Rebentão.

No passado havia escola em Dourados (Espinosa), mas hoje os alunos têm na sede municipal de Mamonas a oferta de ensino. Já em Tabuleiro, como a maioria das demais localidades, todos os alunos são encaminhados para a sede municipal de Espinosa.

Em Espinosa, apenas Sussuarana dispõe de instituição educacional até o Ensino Médio, recebendo, também, alunos de Serrinha, Lagoa da Romana, Poços, Barreiro Dantas, Paus Pretos, Havana e Santa Marta. Já Raposa do Rio Verde tem escola até o Ensino Fundamental, recebendo alunos de Lagoa do Morro e Lagoa da Tapera, fazendo com que os alunos dessas localidades desloquem-se até Espinosa para acessar o Ensino Médio. Por sua vez, Lagoa do Marruais só dispõe de creche e pré-escola, tendo a sede municipal como destino para estudos dos níveis Fundamental e Médio.

Não houve relatos de pessoas que estejam cursando o ensino universitário neste trecho.

Trecho 7 - Urandi; Pindaí (BA)

No trecho 7, a maioria das localidades visitadas em Urandi não possuem suas próprias escolas. Poucas oferecem o Ensino Fundamental e para cursar o Ensino Médio (exceto para a localidade de Fazenda Água Verde onde os alunos de todos os segmentos são encaminhados para Pindaí) a única alternativa são as escolas na sede municipal de Urandi.

Em Casa Nova há uma unidade escolar, mas que oferece ensino apenas para o primeiro ciclo do Ensino Fundamental, restando a sede municipal de Urandi para a continuidade dos estudos. Já em Salinas há escola de Ensino Fundamental, que atende também alunos de Fazenda Bananeira, Barra da Varginha, Fazenda Ladeira Grande, Fazenda Grama, Mata Veado e Fazenda Lagedinho.



Figura 2.2.4.4.2-21 - Escola Municipal em Salinas - Urandi (BA).

Tiririca e Pesqueiro I e II são localidades que recebem alunos de fora. O primeiro atende alunos de Fazenda Boa Esperança, Cachoeira e Riachão. Já o segundo, situado no município de Pindaí, atende a localidade de Fazenda Água Verde. No entanto, Tiririca dispõe de turmas até o 5º ano do Ensino Fundamental, tendo como destino a sede municipal de Urandi para complementação dos estudos.

O mesmo panorama repete-se em Pindaí. Apenas as localidades de Paus Pretos, Pesqueiro I e II e Tanque possuem unidades escolares. As duas primeiras ofertam estudo até o Ensino Fundamental, sendo que a primeira atende apenas os alunos de sua própria localidade e a segunda, que também oferece ensino até o Fundamental, recebe também alunos de Furado Fundo, Morro do Macaco,

Fazenda Tataíra, Fazenda Cajueiro e Limeira. Tanque dispõe somente do ensino até o primeiro ciclo do Ensino Fundamental, acolhendo alunos de Mato Grosso e Pedra Ladeira.

Nas localidades de Lagoa de Dominginhos, Lagoa do Curral, Morrinhos, Fazenda Caraíbas e Morro da Barra o único destino para quem estuda é a sede municipal de Pindaí. Os estudantes de Fazenda Jacu estudam até o 5º ano do Ensino Fundamental em Fazenda Barra do Mulungu (Urandi) e até o 9º ano do mesmo segmento na localidade de Poço Preto. Já em Lagoa Dantas o destino para quem está no Ensino Fundamental é Saraíma (Pindaí) e no Ensino Médio Guanambi. Aliás, o município de Guanambi é rota no Ensino Médio para outras localidades como Fazenda Morrinhos e Morro do Pindaí, assim como Guirapá (Pindaí) para as localidades de Lagoa Velha e Olho D'Água.

Para as demais localidades, salvo as anteriormente citadas, Pindaí é o principal destino para cursar o Ensino Médio.

Em relação ao ensino superior, apenas em Salinas (Urandi) foi relatada a presença de pessoas que estejam realizando algum curso universitário, tendo como principal destino o município de Guanambi.

Trecho 8 - Candiba; Guanambi; Caetité (BA)

No trecho 8, representado pelos municípios de Candiba, Guanambi e Caetité, nota-se que nas localidades percorridas em Candiba apenas no distrito de Pilões há uma unidade educacional de Ensino Fundamental. A localidade atende também alunos de Pinheiros, Gameleiras e Dourado.



Figura 2.2.4.4.2-22 - Escola em Pilões – Candiba (BA).

Fazenda Tanquinho, Fazenda Dourados, Fazenda Morrinhos e Fazenda Caco não possuem escolas, por isso, todos os estudantes, independente do segmento, têm que estudar na sede municipal.

Em todas as localidades em estudo a sede municipal de Candiba é o único recurso pra cursar o Ensino Médio.

Em Guanambi a estrutura de distribuição de escolas em âmbito rural é um tanto diferente. A localidade de Morrinhos é referência para o Ensino Fundamental, exceto apenas Ceraíma onde também há escola do mesmo nível de ensino. Este município dispõe também de um instituto educacional voltado para questões agrícolas, o Grupo Escola Agrícola que contempla tanto o Ensino Fundamental quanto o Médio, assim como de uma unidade do Instituto Federal Baiano. Tal infraestrutura possibilita que apenas uma pequena parte dos alunos dirija-se para Guanambi para completar seus estudos.



Figura 2.2.4.4.2-23 - Grupo Escolar Colônia Agrícola de Ceraíma – Guanambi (BA).



Figura 2.2.4.4.2-24 - Instituto Federal Baiano – Ceraíma – Guanambi (BA)



Figura 2.2.4.4.2-25 - E. M. Colônia Agrícola de Ceraíma – Guanambi (BA)

Em Guanambi para continuação dos estudos de nível Médio, a sede municipal é a única alternativa para os estudantes das localidades visitadas. A cidade também oferece estabelecimentos educacionais para cursar o nível superior, sendo referência para os municípios de Urandi, Pindaí, Candiba e Caetité.

Em Caetité identificou-se uma escola que fica situada na localidade de Aroeira. No entanto, esta oferece apenas o Ensino Fundamental, restando como única alternativa a sede municipal de Caetité ou de Guanambi para a conclusão do Ensino Médio.

2.2.4.4.2.3 - Índices de Escolaridade na Área de Estudo Regional

Para levantar os índices de escolaridade da população da AER foram utilizados os dados do IBGE referentes ao Censo 2010 (**Quadro 2.2.4.4.2-6**) relativos a população que possui 10 anos ou mais de idade. Considerando os diferentes contingentes populacionais dos municípios que compõem a AER, optou-se por apresentar a distribuição da população por níveis de instrução em relação aos percentuais da população de cada município. Desta forma é possível comparar os perfis municipais, sem as distorções resultantes dos diferentes quantitativos populacionais. No entanto, para se ter uma dimensão do contingente representado pelos percentuais manteve-se uma coluna com a população de 10 anos de idade ou mais de cada município (segundo o censo 2010) em números absolutos.

Em todos os municípios da AER a maior parte da população está inserida na categoria que representa o mais baixo nível de instrução que é aquela que inclui “sem instrução” e “fundamental incompleto”. No município de Montes Claros, que apresenta a maior população da AER, encontra-se o percentual mais baixo de população nesta categoria, em comparação aos demais municípios. A parcela dos habitantes (de 10 anos ou mais) de Montes Claros corresponde a 41% da desta faixa da população na AER. Nos demais municípios os percentuais encontrados ultrapassam a metade da população de 10 anos ou mais de idade. Destaca-se que em Olhos D’Água, Catuti, Joaquim Felício, Pindaí, Presidente Juscelino, Candiba, Mamonas e Urandi estes percentuais ultrapassam 70%, chegando a 73,44% neste último.

Apesar dessa situação, chama a atenção que o segundo nível mais baixo de instrução não tenha a segunda maior parcela da população. Embora, o percentual de população na categoria fundamental completo e médio incompleto e o percentual na categoria médio completo e superior incompleto sejam relativamente próximos em todos os municípios, a exceção de Montes Claros, a segunda categoria é superior a primeira em 19 dos 29 municípios observados, ou seja, nestes há uma parcela maior da população com o ensino médio completo que com apenas o fundamental completo. Interpreta-se que uma vez concluído o ensino fundamental os estudantes tenham uma tendência maior a continuar os estudos e concluir o ensino médio. Mas isto não reverte na continuidade até o nível superior, como indicam os baixos percentuais de população neste nível. Em Montes Claros, como mencionando, registrou-se a maior diferença entre os níveis. Neste município a categoria do ensino médio completo atingiu 31,7%, maior percentual entre todos os municípios. O segundo maior percentual foi em Glaucilândia, ficando cerca de 8 pontos percentuais abaixo, com 23,1%.

Em Montes Claros, também, se registrou o mais alto percentual de pessoas (com 10 anos ou mais) com nível superior completo. No município este valor alcançou quase 10% da população, sendo consideravelmente superior aos percentuais dos municípios de Janaúba, Buenópolis e Monjolos, que mais se aproximam do apresentado em Montes Claros. Destaca-se que este último apresenta o maior número de estabelecimentos de ensino superior e de cursos de toda a AER. No entanto, cabe salientar que os municípios de Monjolos e Buenópolis, embora figurem entre os que apresentam maior parcela de população de 10 anos ou mais com nível superior completo não possuem, segundo o INEP, estabelecimentos de ensino superior.

Quadro 2.2.4.4.2-6 - População residente segundo o nível de instrução.

Estado	Município	População Total	Sem instrução e fundamental incompleto (%)	Fundamental completo e médio incompleto (%)	Médio completo e superior incompleto (%)	Superior Completo (%)	Não determinado (%)
BAHIA	Caetité	40351	68,05	11,72	16,71	3,16	0,36
	Candiba	11327	72,75	10,59	14,66	1,92	0,09
	Guanambi	67262	58,55	14,94	21,88	4,46	0,16
	Pindaí	13366	72,03	10,95	13,86	2,23	0,94
	Urandi	13995	73,44	11,60	11,99	1,69	1,29
	AE -BA	146301	64,93	13,03	18,22	3,43	0,39
MINAS GERAIS	Augusto de Lima	4168	64,59	16,72	16,82	1,87	0,00
	Bocaiúva	39151	54,72	17,29	22,68	4,99	0,32
	Buenópolis	8886	62,51	13,20	18,73	5,22	0,34
	Catuti	4277	71,17	12,74	12,70	3,32	0,07
	Engenheiro Navarro	6038	62,11	19,91	15,85	2,09	0,03
	Espinosa	26373	66,02	16,10	15,60	1,88	0,42
	Francisco Sá	20952	65,64	14,92	16,06	2,85	0,53
	Glaucilândia	2528	60,17	14,60	23,10	2,14	0,00
	Gouveia	10134	60,71	18,18	16,21	4,68	0,23
	Guaraciama	4018	57,44	17,65	22,05	2,84	0,00
	Janaúba	56134	56,32	16,56	20,95	5,94	0,23
	Joaquim Felício	3682	71,40	11,60	13,77	3,07	0,16
	Juramento	3507	58,51	19,19	19,79	2,14	0,37
	Mamonas	5557	73,06	13,10	12,58	1,26	0,00
	Mato Verde	10973	64,05	15,26	16,35	4,19	0,15
	Monjolos	1990	65,23	13,07	16,63	5,08	0,00
	Monte Azul	19259	64,25	15,21	15,83	4,11	0,60
	Montes Claros	308936	41,19	17,32	31,70	9,58	0,20
	Nova Porteirinha	6195	66,57	14,75	16,00	1,86	0,82
	Olhos-d'Água	4309	70,23	15,46	10,07	2,07	2,18
Pai Pedro	4947	69,88	15,46	11,02	3,42	0,22	
Porteirinha	32243	63,96	16,08	16,05	3,55	0,36	

Coordenador:

Técnico:

Estado	Município	População Total	Sem instrução e fundamental incompleto (%)	Fundamental completo e médio incompleto (%)	Médio completo e superior incompleto (%)	Superior Completo (%)	Não determinado (%)
MINAS GERAIS	Presidente Juscelino	3362	72,67	12,61	12,05	2,08	0,57
	Santo Hipólito	2764	69,10	14,69	12,84	3,08	0,29
	AE – MG	590383	51,07	16,69	25,07	6,90	0,27
AER TOTAL		736684	53,82	15,96	23,71	6,21	0,30

Fonte: IBGE – Censo Demográfico, 2010

A **Figura 2.2.4.4.2-26** apresenta a taxa de alfabetização da população de 5 anos ou mais dos municípios da AER expressa em gráfico de barras. A taxa de alfabetização compreende a proporção entre a população alfabetizada e a população total do município que tenha idade igual ou superior a 5 anos. Os dados apresentados foram obtidos no censo de 2010, do IBGE.

Observa-se que os municípios de Montes Claros e Gouveia apresentam as taxas mais elevadas, ficando acima de 90% da população com 5 anos ou mais de idade alfabetizada. Destaca-se que os valores registrados nestes municípios são praticamente equiparados. Grande parte dos municípios (ao todo 17) está situada na faixa de 80% (variando entre 80 e 87%). Por outro lado, 10 municípios encontram-se na faixa de 70%, sendo o valor mais baixo encontrado em Pai Pedro, com 71,9%.

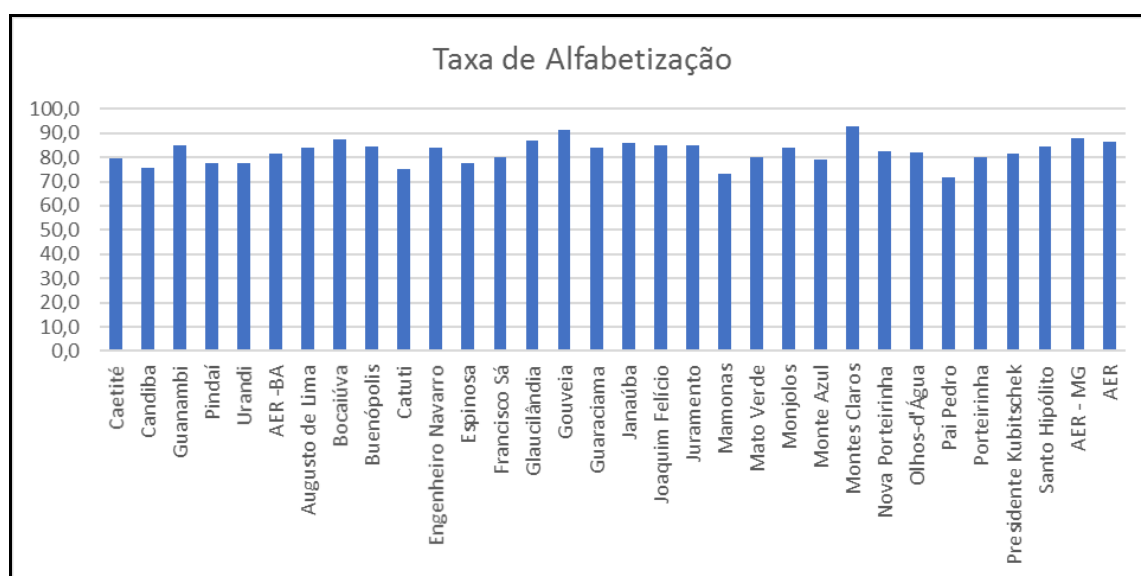


Figura 2.2.4.4.2-26 - Taxa de alfabetização da população de cinco anos ou mais (2010).

2.2.4.4.2.4 - Nível de Escolaridade na Área de Estudo Local (AEL)

O nível escolar médio escolar da população da Área de Estudo Local (AEL) é o fundamental. Na maioria das localidades o analfabetismo está presente apenas entre os idosos. No entanto, foram identificadas localidades onde o nível educacional é extremamente baixo, como em Lagoa de Dominginhos (Pindaí), cuja maioria dos habitantes é analfabeta; Baixa Fria (Francisco Sá) e José Faustino (Janaúba), onde a maioria não completou o ensino fundamental.

A oferta de escolas com educação Infantil e ensino fundamental para as localidades da região e o acesso ao ensino médio, por meio do deslocamento às escolas pelo transporte escolar tem permitido a boa parte das localidades de todos os trechos a conclusão dos estudos, sobretudo, entre a população mais jovem. Com a ampla oferta de transporte escolar, o percentual de conclusão do Ensino Fundamental e Médio tende a aumentar progressivamente na AEL caso a política de educação se mantenha ou se amplie nos próximos anos. Segundo relato dos moradores, no trecho 2, os jovens do PA Betinho e do PA Final Feliz, em sua maioria, estão concluindo o ensino médio, o que poderá modificar a escolaridade média dos assentados nas próximas gerações.

Há de se ressaltar que, no entanto, foram poucos os relatos de famílias com algum membro com Ensino Superior completo. Nota-se que a oferta de instituições de ensino superior em Guanambi, Montes Claros e Porteirinha são para uma ínfima parcela dos núcleos familiares situados na AEL, sendo uma realidade muito mais próxima de jovens e adultos que vivem nas sedes municipais.

Um quadro com os dados relativos à infraestrutura de educação das localidades da AEL é apresentada no **Anexo 2.2.4.4.2-1**.

2.2.4.4.2.5 - Instituições e Cursos de Educação Ambiental

Durante as campanhas de campo foram levantadas informações concernentes às instituições ligadas a atividades de educação ambiental, além de atividades e cursos desenvolvidos. Este levantamento se deu principalmente em entrevistas com representantes de órgãos públicos dos municípios da área de estudo.

De modo geral foi verificado que há poucas instituições ligadas à área ambiental nos municípios ora contemplados, as principais destas sendo instituições públicas como secretarias municipais de meio ambiente.

Quanto às atividades e cursos de educação ambiental, foi possível identificar atividades esparsas e incipientes, sobretudo, desenvolvidas em escolas por meio de projetos das secretarias de meio ambiente e/ou educação locais. As atividades mais comuns são a Semana do Meio Ambiente, que ocorre no mês de junho, quando são proferidas palestras sobre temas pertinentes. Também foram verificadas ações pontuais de instituições privadas, como algumas poucas Organizações Não Governamentais (ONGs) e empresas particulares, como a PCH Serra das Agulhas, que desenvolve ações de educação ambiental no município de Monjolos (**Quadro 2.2.4.4.2-7**).

Quadro 2.2.4.4.2-7 - Instituições e Atividades de Educação Ambiental

UF	Município	Instituições	Atividades de EA
MG	Bocaiúva	Secretaria Municipal de Meio Ambiente; Conselho Municipal de Meio Ambiente (CMMA); ONG Planeta Sustentável	-
MG	Buenópolis	Secretaria Municipal Turismo, Cultura, Lazer, Esporte e Meio Ambiente; Instituto Estadual de Florestas (IEF); Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMbio)	-
MG	Eng. Navarro	Secretaria Municipal de Agricultura e Meio Ambiente	-
MG	Francisco Sá	Secretaria Municipal de Agricultura e Meio Ambiente	-
MG	Glaukilândia	Secretaria Municipal de Meio Ambiente; EMATER; Conselho Municipal de Desenvolvimento Ambiental (CODEMA);	Reflorestamento de áreas desmatadas e nascentes
MG	Guaraciama	Secretaria Municipal de Meio Ambiente; Conselho Municipal de Desenvolvimento Ambiental; e Secretaria Municipal de Educação	Semana do Meio Ambiente (Junho)
MG	Janaúba	Secretaria Municipal de Meio Ambiente; Secretaria Municipal de Agronegócio; Coordenadoria Regional de Janaúba; Polícia Florestal; Conselho Municipal de Desenvolvimento Ambiental (CODEMA); Instituto Estadual de Florestas (IEF); Associação das Lavadeiras; e as ONGs Curuatuba e Amigos do Rio Gorutuba.	Semana do Meio Ambiente (Junho)
MG	Joaquim Felício	Secretaria Municipal de Meio Ambiente; IEF; CODEMA; Empresa Vallourec & Mannesmann	Reflorestamento de áreas degradadas
MG	Juramento	Secretaria Municipal de Agricultura e Meio Ambiente; IEF; EMATER; CODEMA	Projeto de Cercamento de Nascentes; Semana do Meio Ambiente
MG	Monjolos	Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Turismo; Instituto Caminho da Serra; Fundação Estadual do Meio Ambiente	Atividades implementadas pela PCH Serra das Agulhas
MG	Montes Claros	Secretaria Municipal de Meio Ambiente; CODEMA	Aulas de Horta, reciclagem; Semana do Meio Ambiente (Junho)
MG	Olhos D'água	Conselho Municipal de Meio Ambiente; Secretaria Municipal de Agricultura; Secretaria Municipal de Educação	Semana do Meio Ambiente; Plantio de Mudas

UF	Município	Instituições	Atividades de EA
MG	Pres. Juscelino	Secretaria Municipal de Agricultura, Meio Ambiente e Turismo; Secretaria Municipal de Educação; Comitê de Bacias Hidrográficas de Minas	-
MG	Sto Hipólito	Secretaria Municipal de Meio Ambiente; Secretaria Municipal de Educação; EMATER	Semana do Meio Ambiente (Junho)
MG	Nova Porteirinha	EMATER; Epamig; Embrapa	-
MG	Porteirinha	EMATER; Embrapa	-
MG	Pai Pedro	EMATER; Secretaria de agricultura e meio ambiente	Semana do Meio Ambiente; Semana de Convivência no semiárido
MG	Catuti	EMATER; IEF	-
MG	Mato Verde	EMATER r; Secretaria de agricultura e meio ambiente; IMA	-
MG	Mamonas	EMATER; Secretaria de agricultura e meio ambiente	-
MG	Espinosa	EMATER	-
MG	Urandi	Secretaria de meio ambiente; Secretaria de educação	-
BA	Pindaí	Secretaria de Meio Ambiente; Ecoeng Consultoria	-
BA	Candiba	Secretaria de Educação	-
BA	Guanambi	UNEB; IFBA	Projeto + Educação
BA	Caetité	UNEB	Projeto "Olhos d'água"

Fonte: Ecology Brasil, 2017

2.2.4.4.2.6 - Instituições e Capacitação de Mão de Obra

Como visto anteriormente, a estrutura educacional disponível nos municípios da Área de Estudo Regional (AER) é limitada, sendo limitado o acesso da população local à instituições de ensino técnico e superior.

Nesse sentido, foi verificada a existência de tais instituições em apenas 14 dos municípios da AER. A maioria destas é de competência estadual, ainda que existam algumas privadas e, ainda menos, da esfera federal. Montes Claros é o município que dispõe de melhor estrutura, com 16 instituições ligadas a temática.

Quanto às instituições de ensino superior, como observado anteriormente, apenas 09 municípios dispõem destas. Há unidades da Universidade Estadual da Bahia em Caetité e do Instituto Federal Baiano em Guanambi como mostra o **Quadro 2.2.4.4.2-8**.

Quadro 2.2.4.4.2-8 - Instituições de Ensino Superior na Área de Estudo Regional

Coordenador:

Técnico:

Caetitê – BA	Campus Avançado da Universidade Estadual da Bahia (UNEB)
Guanambi – BA	Instituto Federal Baiano
	Faculdade Guanambi
Bocaiúva – MG	Universidade Presidente Antonio Carlos (UNIPAC)
Espinosa – MG	Campus Avançado da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)
	Centro de Ensino a Distância da Universidade do Norte do Paraná (UNOPAR)
Janaúba – MG	Universidade Federal do Vale do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM)
	Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)
Mato Verde – MG	Faculdade Verde Norte (FAVENORTE)
	Centro de Ensino a Distância da Universidade do Norte do Paraná (UNOPAR)
Montes Claros - MG	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais
	Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)
	Faculdade de Ciência e Tecnologia de Montes Claros
	Faculdade de Ciências Exatas e Tecnológicas Santo Agostinho (FACET)
	Faculdade de Ciências Gerenciais e Empreendedorismo - FACIGE
	Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas Santo Agostinho
	Faculdade de Computação de Montes Claros
	Faculdade de Direito Santo Agostinho
	Faculdade de Saúde e Desenvolvimento Humano Santo Agostinho
	Faculdade de Saúde Ibituruna
	Faculdade Presidente Antônio Carlos de Montes Claros
	Faculdade Prisma
	Faculdades Integradas do Norte de Minas (FUNORTE)
	Faculdades Integradas Pitágoras
Instituto de Ciências da Saúde	
Instituto Superior de Educação Ibituruna	
Nova Porteirinha - MG	Faculdade Vale do Gorutuba
Porteirinha – MG	Instituto Federal do Norte de Minas
	Faculdade Santa Rita de Cássia
	Universidade Presidente Antônio Carlos (UNIPAC)

2.2.4.4.2.7 - Considerações Finais

Ao longo do presente item foi verificada que a estrutura educacional das áreas de estudo é relativamente incipiente, concentrada em níveis de ensino infantil e fundamental, sobretudo de competência pública. O acesso a educação técnica, profissionalizante e superior é bastante

reduzida de modo geral na área de estudo, a não ser em municípios como Montes Claros/MG e Guanambi/BA. Identificou-se a existência de 40 instituições de Ensino Profissionalizante da Área de Estudo Regional. Caso o empreendedor opte por estabelecer ações de capacitação de mão de obra para absorção local, será necessário empreender ações de identificação de possíveis parceiros, especialmente em municípios que sediarão canteiros de obras. Os níveis de escolaridade são também baixos, revelando região com população majoritariamente composta por indivíduos que têm, no máximo, educação de nível fundamental e médio, mostrando que a disponibilidade de mão de obra para o empreendimento restringe-se as funções não especializadas.

A educação ambiental é pouco trabalhada nas áreas de estudo, a não ser por iniciativas específicas de algumas escolas e secretarias de educação e/ou meio ambiente, sobretudo relacionadas à palestras na semana de meio ambiente e reciclagem de resíduos.

Anexo 2.2.4.4.2-1 – Infraestrutura de Educação na Área de Estudo Local

Quadro 1 - Infraestrutura de Educação na Área de Estudo Local

UF	Município	Localidade	Nº de famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	Infraestrutura de Educação	Ensino Fund.	Ensino Médio	Localidade de referência		Transporte escolar
										Fund.	Médio	
MG	Presidente Juscelino	Retiro da Gameleira	10	320,4	0,3	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Sede Presidente Juscelino	Sede Presidente Juscelino	Sim
MG	Presidente Juscelino	Serra do Gonçalves	21	326,9	1,4	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Sede Presidente Juscelino	Sede Presidente Juscelino	Sim
MG	Monjolos	Tamburiu / Fazenda Passageiro	38	299,6	4,3	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Sede Monjolos	Sede Monjolos	Sim
MG	Monjolos	Quebra Pé	73	292,5	1,3	Lote 16	O local possui pré-escola. Para cursar os demais níveis escolares os estudantes se deslocam para Rodeador e para a sede municipal de Monjolos, através de transporte escolar.	Não	Não	Rodeador	Sede Monjolos	Sim
MG	Monjolos	Sede municipal de Monjolos	425	284,4	3,3	Lote 16	No local existe uma escola que oferece ensino fundamental e ensino médio, e na localidade próxima de Mangabeiras possui escola de ensino fundamental I. Os alunos que precisam se deslocar para outras localidades contam com o serviço de transporte escolar.	Sim	Sim	Mangabeiras	Monjolos	Sim

UF	Município	Localidade	Nº de famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	Infraestrutura de Educação	Ensino Fund.	Ensino Médio	Localidade de referência		Transporte escolar
										Fund.	Médio	
MG	Monjolos	Distrito Rodeador	600	282	2,1	Lote 16	O local possui escola até o ensino fundamental II. Para cursar o Ensino Médio, os estudantes se deslocam para a sede municipal de Monjolos, através de transporte escolar.	Sim	Não	Rodeador	Sede Monjolos	Sim
MG	Gouveia	Vila Alexandre Mascarenhas	400	322,1	5,7	Lote 16	Possui escola Estadual e Municipal em todos os níveis. Referência em educação para moradores das localidades rurais do entorno.	Sim	Sim	Vila alexandre mascarenhas	Vila alexandre mascarenhas	Sim
MG	Gouveia	Fazenda Estaboca	3	316	3,9	Lote 16	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município ou para a Vila Alexandre Mascarenhas	Não	Não	Sede de Gouveia e/ou Vila Alexandre Mascarenhas	Sede de Gouveia e/ou Vila Alexandre Mascarenhas	Sim
MG	Gouveia	Mangabeiras	10	312	1,7	Lote 16	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município ou para a Vila Alexandre Mascarenhas	Não	Não	Sede de Gouveia e/ou Vila Alexandre Mascarenhas	Sede de Gouveia e/ou Vila Alexandre Mascarenhas	Sim
MG	Santo Hipólito	Caquende	72	301,6	0,9	Lote 14	A escola utilizada pelos estudantes é em Senhora da Glória. O deslocamento é realizado por transporte escolar.	Não	Não	Senhora da Glória	Senhora da Glória	Sim

UF	Município	Localidade	Nº de famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	Infraestrutura de Educação	Ensino Fund.	Ensino Médio	Localidade de referência		Transporte escolar
										Fund.	Médio	
MG	Santo Hipólito	Distrito Senhora da Glória	96	306,9	0,8	Lote 14	A localidade possui escola de ensino médio, fundamental I e II e creche, atende a Caquende, Lameirão, Serra. O deslocamento é realizado por transporte escolar.	Sim	Sim	Senhora da Glória	Senhora da Glória	Sim
MG	Santo Hipólito	Santa Cruz	10	308,3	2,9	Lote 16	As crianças estudam no distrito de Monjolos e 03 jovens estudam na Escola do povoado que dispõe de uma turma de nível fundamental.	Não	Não	Distrito de Monjolos		Sim
MG	Santo Hipólito	Vale Fundo	30	302,3	0,9	Lote 16	Escola de ensino fundamental I, depois se deslocam para a sede de Monjolos, via transporte escolar.	Sim	Não	Sede de Monjolos	Sede de Monjolos	Sim
MG	Santo Hipólito	Sede municipal de Santo Hipólito	680	287,9	1,6	Lote 14	Possui escola Estadual em todos os níveis. Referência em educação para moradores das localidades rurais do entorno.	Sim	Sim	Santo hipólito	Santo hipólito	Sim
MG	Augusto de Lima	Mocambo	30	263,4	4,7	Lote 14	No local não possui escola, tendo que haver o deslocamento dos estudantes até a sede de Augusto de Lima através de transporte escolar.	Não	Não	Sede de Augusto de Lima	Sede de Augusto de Lima	Sim
MG	Augusto de Lima	Malhada Alta	35	271	1,3	Lote 14	No local não possui escola, tendo que haver o deslocamento dos estudantes até a sede de Augusto de Lima através de transporte escolar.	Não	Não	Sede de Augusto de Lima	Sede de Augusto de Lima	Sim

UF	Município	Localidade	Nº de famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	Infraestrutura de Educação	Ensino Fund.	Ensino Médio	Localidade de referência		Transporte escolar
										Fund.	Médio	
MG	Augusto de Lima	Alto Mangabeira	4	270,5	3,6	Lote 14	No local não possui escola, tampouco transporte escolar. Nas 4 casas habitadas não há estudantes.	Não	Não	-	-	-
MG	Augusto de Lima	Poções	50	271	0,8	Lote 14	No local não possui escola, tendo que haver o deslocamento dos estudantes até a sede de Augusto de Lima através de transporte escolar.	Não	Não	Sede de Augusto de Lima	Sede de Augusto de Lima	Sim
MG	Augusto de Lima	Sumidouro	20	272,8	1,6	Lote 14	No local não possui escola, tendo que haver o deslocamento dos estudantes até a sede de Augusto de Lima através de transporte escolar.	Não	Não	Sede de Augusto de Lima	Sede de Augusto de Lima	Sim
MG	Augusto de Lima	Cafundó dos Currais	33	278,4	3,4	Lote 14	Possui escola municipal e oferta ensino no nível fundamental	Sim	Não	Cafundó dos Currais	Sede de Augusto de Lima	Sim
MG	Augusto de Lima	Cafundó	15	280,9	3,8	Lote 14	Estudantes frequentam escola municipal de Cafundó dos Currais, e depois na sede de Augusto de Lima. O deslocamento é realizado por transporte escolar.	Não	Não	Cafundó dos Currais	Sede de Augusto de Lima	Sim
MG	Augusto de Lima	Mangal	10	257,1	1,6	Lote 16	Não possui escolas, a referência é a sede de Augusto de Lima. O deslocamento é realizado por transporte escolar.	Não	Não	Sede de Augusto de Lima	Sede de Augusto de Lima	Sim

UF	Município	Localidade	Nº de famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	Infraestrutura de Educação	Ensino Fund.	Ensino Médio	Localidade de referência		Transporte escolar
										Fund.	Médio	
MG	Augusto de Lima	Vila Santa Bárbara	50	251,6	1,8	Lote 16	A escola encontra-se fechada. Os estudantes têm de se deslocar para a sede municipal de Augusto de Lima, através de transporte escolar	Não	Não	Sede de Augusto de Lima	Sede de Augusto de Lima	Sim
MG	Augusto de Lima	Conceição de Teixeira/Saúde	91	247,7	1,6	Lote 16	Os jovens recorrem à Buenópolis ou Paraopebas de Minas para concluir o EM, pois a localidade possui apenas uma escola fundamental. O deslocamento é realizado por transporte escolar.	Sim	Não	Conceição de Teixeira	Sede de Buenópolis ou Paraopebas de Minas	Sim
MG	Buenópolis	Salobo	100	245,1	2,2	Lote 16	Possui uma Escola Fundamental I, e para concluir o Fundamental II e o Ensino Médio, os estudantes deslocam-se para escolas em Buenópolis, via transporte escolar.	Sim	Não	Sede de Buenópolis	Sede de Buenópolis	Sim
MG	Buenópolis	Pé de Serra	60	222,1	7,4	Lote 16	Possui uma Escola Fundamental I, e para concluir o Fundamental II e o Ensino Médio, os estudantes deslocam-se para escolas em Curimataí e Buenópolis, via transporte escolar.	Sim	Não	Curimataí e sede de Buenópolis	Curimataí e sede de Buenópolis	Sim
MG	Buenópolis	Curimataí	350	231,5	6,9	Lote 16	Possui uma Escola Municipal	Não	Não	Curimataí	Sede de Buenópolis	Sim
MG	Buenópolis	Venturino	15	227,1	0,8	Lote 16	Os estudantes vão para escola de Pé de Serra ou Buenópolis, através do transporte escolar.	Não	Não	Pé de Serra ou sede de Buenópolis	Sede de Buenópolis	Sim

UF	Município	Localidade	Nº de famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	Infraestrutura de Educação	Ensino Fund.	Ensino Médio	Localidade de referência		Transporte escolar
										Fund.	Médio	
MG	Joaquim Felício	Fazenda Bhavnagar	30	196	0,4	Lote 14	Não possui escola, seguem para Joaquim Felício, via transporte escolar que os busca na portaria da fazenda, na BR 135	Não	Não	Sede de Joaquim Felício	Sede de Joaquim Felício	-
MG	Joaquim Felício	Barreiro Grande/Fazenda Ribeirão	15	207,9	3,3	Lote 14	Não possui escola, seguem para Joaquim Felício, via transporte escolar que os busca no Povoado Barreiro Grande.	Não	Não	Sede de Joaquim Felício	Sede de Joaquim Felício	Sim
MG	Joaquim Felício	Picadinha	36	214,1	1,1	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam estudar em Joaquim Felício, através de transporte escolar.	Não	Não	Sede de Joaquim Felício	Sede de Joaquim Felício	Sim
MG	Joaquim Felício	P.A. Final Feliz - Catoni Sede	106	216,7	1,9	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam estudar em Joaquim Felício, através de transporte escolar. A escola da localidade está em construção.	Não	Não	Sede de Joaquim Felício	Sede de Joaquim Felício	Sim
MG	Joaquim Felício	Vaca Brava / Barreirinhos	16	209,5	4,6	Lote 16	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam estudar em Joaquim Felício, através de transporte escolar.	Não	Não	Sede de Joaquim Felício	Sede de Joaquim Felício	Sim
MG	Joaquim Felício	Lagoinha	14	221,8	0,6	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam estudar em Joaquim Felício, através de transporte escolar. Ensino Superior vão para Belo Horizonte	Não	Não	Sede de Joaquim Felício	Sede de Joaquim Felício	Sim

UF	Município	Localidade	Nº de famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	Infraestrutura de Educação	Ensino Fund.	Ensino Médio	Localidade de referência		Transporte escolar
										Fund.	Médio	
MG	Joaquim Felício	P.A. Betinho - Riachinho	70	195,3	1,1	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes frequentam escola no distrito de Engenheiro Dolabela, via transporte escolar	Não	Não	Distrito Engenheiro Dolabela	Distrito Engenheiro Dolabela	Sim
MG	Bocaiúva	P.A. Betinho - Barragem do Bambu	68	188,3	0,4	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes frequentam escola no distrito de Engenheiro Dolabela e alguns frequentam ensino médio na sede municipal de Bocaiúva, via transporte escolar	Não	Não	Distrito Engenheiro Dolabela e sede de Bocaiúva	Distrito Engenheiro Dolabela e sede de Bocaiúva	Sim
MG	Bocaiúva	P.A. Betinho - Triunfo	46	192,2	0,2	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes frequentam escola no distrito de Engenheiro Dolabela e alguns no assentamento Nova Dolabela, via transporte escolar	Não	Não	Nova Dolabela e distrito Engenheiro Dolabela	Nova Dolabela e distrito Engenheiro Dolabela	Sim
MG	Bocaiúva	P.A. Betinho - Poço do Bento	102	189,9	4,7	Lote 16	Não há escola na localidade. Os estudantes frequentam escola no distrito de Engenheiro Dolabela e alguns frequentam ensino médio na sede municipal de Bocaiúva, via transporte escolar	Não	Não	Distrito de Engenheiro Dolabela e a sede de Bocaiúva	Distrito de Engenheiro Dolabela e a sede de Bocaiúva	Sim
MG	Bocaiúva	P.A. Betinho - Angico	80	193	3,1	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes frequentam escola no distrito de Engenheiro Dolabela, via transporte escolar	Não	Não	Distrito de Engenheiro Dolabela	Distrito de Engenheiro Dolabela	Sim

UF	Município	Localidade	Nº de famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	Infraestrutura de Educação	Ensino Fund.	Ensino Médio	Localidade de referência		Transporte escolar
										Fund.	Médio	
MG	Bocaiúva	P.A. Betinho - Lagoa Grande	42	196	0,6	Lote 16	No local há uma educação infantil, do 1 ao 5 ano. Para cursar séries acima, os assentados deslocam-se para Bocaiúva e Engenheiro Dolabela através de transporte escolar.	Não	Não	Distrito de Engenheiro Dolabela e a sede de Bocaiúva	Distrito de Engenheiro Dolabela e a sede de Bocaiúva	Sim
MG	Bocaiúva	P.A. Betinho - Barragem da Caatinga	20	198,8	5	Lote 16	Não há escola na localidade. Algumas crianças frequentam escola em Lagoa Grande e as demais no distrito de Engenheiro Dolabela, via transporte escolar	Não	Não	Povoado de Lagoa Grande e distrito de Engenheiro Dolabela	Povoado de Lagoa Grande e distrito de Engenheiro Dolabela	Sim
MG	Bocaiúva	Engenheiro Dolabela	606	191,8	2,4	Lote 14	O distrito disponibiliza educação infantil, ensino fundamental e ensino médio. É a referência para as localidades do PA Betinho. O ônibus escolar desloca estudantes de diferentes localidades para o distrito.	Sim	Sim	Distrito Engenheiro Dolabela	Distrito Engenheiro Dolabela	Sim
MG	Bocaiúva	Bairro Nova Dolabela	150	185	1,2	Lote 14	Escola Municipal de Ensino Fundamental	Sim	Não	Bairro nova dolabela	Sede de bocaiuva	Sim
MG	Bocaiúva	Roça Velha	38	164,2	4,4	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Sede de Bocaiuva	Sede de Bocaiuva	Sim
MG	Bocaiúva	Torquato Leite e Taboa	50	160	5,6	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Sede de Bocaiuva	Sede de Bocaiuva	Sim

UF	Município	Localidade	Nº de famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	Infraestrutura de Educação	Ensino Fund.	Ensino Médio	Localidade de referência		Transporte escolar
										Fund.	Médio	
MG	Bocaiúva	Região Fazenda Riachinho: Imbé, Morros, Taboas e Garrotes	30	158,7	0,2	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Sede de Bocaiuva	Sede de Bocaiuva	Sim
MG	Bocaiúva	Poções	20	151,2	2,6	Lote 16	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Sede de Bocaiuva	Sede de Bocaiuva	Sim
MG	Bocaiúva	Cabeceira de Poções	15	151,1	1,9	Lote 16	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Sede de Bocaiuva	Sede de Bocaiuva	Sim
MG	Bocaiúva	Fazenda Bahia	15	149,7	5,9	Lote 16	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Sede de Bocaiuva	Sede de Bocaiuva	Sim
MG	Bocaiúva	Vaquejada	114	149,1	4,3	Lote 16	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Sede de Bocaiuva	Sede de Bocaiuva	Sim
MG	Bocaiúva	Taboquinha II e Fazenda Córrego Fundo	100	147,2	0,8	Lote 16	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Sede de Bocaiuva	Sede de Bocaiuva	Sim
MG	Bocaiúva	Lalau e Morro Alto	10	143,3	1	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Sede de Bocaiuva	Sede de Bocaiuva	Sim

UF	Município	Localidade	Nº de famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	Infraestrutura de Educação	Ensino Fund.	Ensino Médio	Localidade de referência		Transporte escolar
										Fund.	Médio	
MG	Bocaiúva	Catarina	80	136,8	1,7	Lote 14	Escola Municipal de Ensino Fundamental, do primeiro e segundo ciclos	Sim	Não	Catarina	Sede de Bocaiuva	Sim
MG	Bocaiúva	Santa Cruz	80	132,7	2,9	Lote 14	Há uma Escola Municipal de Ensino Fundamental no povoado, no entanto, encontra-se parada. As crianças estudam em Bocaiúva e no Povoado Camilo Prates.	Não	Não	Sede de Bocaiuva e Camilo Prates	Sede de Bocaiuva	Sim
MG	Bocaiúva	P.A. Professor Mazan	30	139,8	2,5	Lote 16	Há uma Escola Municipal mas encontra-se fechada por falta d'água. Há uma professora no local e projeto de implantação e EJA – Ensino de Jovens e Adultos. Vão estudar em Bocaiúva	Não	Não	Sede de Bocaiuva	Sede de Bocaiuva	Sim
MG	Bocaiúva	Curral de Vara	18	135,5	1,1	Lote 16	Escola Municipal, de primeiro ciclo em Camilo Prates	Não	Não	Sede de Bocaiuva e Camilo Prates	Sede de Bocaiuva	Sim
MG	Bocaiúva	Camilo Prates	30	135,5	1,1	Lote 16	Escola Municipal, de primeiro ciclo.	Sim	Não	Sede de Bocaiuva e Camilo Prates	Sede de Bocaiuva	Sim
MG	Bocaiúva	Alto Belo	20	123,9	5,1	Lote 16	No Povoado foi identificado uma Escola Municipal, de primeiro e segundo ciclos e uma creche.	Sim	Não	Alto belo	Sede de bocaiuva	Sim

UF	Município	Localidade	Nº de famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	Infraestrutura de Educação	Ensino Fund.	Ensino Médio	Localidade de referência		Transporte escolar
										Fund.	Médio	
MG	Engenheiro Navarro	Campo Limpo	40	163,8	3,9	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Sede de Bocaiuva	Sede de Bocaiuva	Sim
MG	Engenheiro Navarro	Tirirical	150	176,1	1,1	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Sede de Engenheiro Navarro	Sede de Engenheiro Navarro	Sim
MG	Engenheiro Navarro	Distrito São Norberto	60	171,8	3,2	Lote 14	Escola Municipal de Ensino Fundamental	Sim	Não	Distrito são norberto	Sede de engenheiro navarro	Sim
MG	Engenheiro Navarro	Limoeiro	200	170,7	1	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Sede de Engenheiro Navarro	Sede de Engenheiro Navarro	Sim
MG	Engenheiro Navarro	Sede Municipal de Engenheiro Navarro	10	169,7	3,2	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Sede de Engenheiro Navarro	Sede de Engenheiro Navarro	-
MG	Engenheiro Navarro	P.A. Elói Ferreira	1.400	167,8	4,2	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede de Bocaiúva, através de transporte escolar	Não	Não	Sede de Engenheiro Navarro	Sede de Engenheiro Navarro	Sim
MG	Guaraciama	Rio Félix II	60	126,1	1,3	Lote 16	Há uma Escola Municipal de Ensino Fundamental no povoado, no entanto, encontra-se parada. As crianças estudam em Bocaiúva e no Povoado Camilo Prates.	Não	Não			Sim

UF	Município	Localidade	Nº de famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	Infraestrutura de Educação	Ensino Fund.	Ensino Médio	Localidade de referência		Transporte escolar
										Fund.	Médio	
MG	Guaraciama	Rio Felix I	10	125,8	1	Lote 16	Há uma Escola Municipal de Ensino Fundamental no povoado, no entanto, encontra-se parada. As crianças estudam em Bocaiúva e no Povoado Camilo Prates.	Não	Não			Sim
MG	Glaucilândia	Tabocal II	200	115,4	1,9	Lote 16	No Povoado Tabocal I foi identificada uma Escola Municipal de primeiro ciclo. Alguns alunos estudam no Povoado Laranjal.	Não	Não	Tabocal I, Laranjal e sede de Glaucilândia	Sede de Glaucilândia	Sim
MG	Glaucilândia	Tabocal I		114,6	0,4	Lote 16	No Povoado Tabocal I foi identificada uma Escola Municipal de primeiro ciclo. Alguns alunos estudam no Povoado Laranjal.	Sim	Não	Tabocal I, Laranjal e sede de Glaucilândia	Sede de Glaucilândia	Sim
MG	Juramento	Sede Municipal de Juramento	1.400	107,2	2,6	Lote 16	Escola Municipal e Estadual, além de escola técnica – CETEC	Sim	Sim	Sede de Juramento	Sede de Juramento	-
MG	Juramento	Maquiné	6	106,3	0,8	Lote 16	Escola Municipal Juramento	Não	Não	Sede de Juramento	Sede de Juramento	Sim
MG	Juramento	Campo Grande	6	106,3	0,8	Lote 16	Escola Municipal Juramento	Não	Não	Sede de Juramento	Sede de Juramento	Sim
MG	Juramento	Saracura, Lambari, Prata e Tira Chapéus	16	103,5	0,2	Lote 16	Escola Municipal Juramento	Não	Não	Sede de Juramento	Sede de Juramento	Sim
MG	Montes Claros	Mandacaru	100	112,5	6	Lote 14	Escola Municipal de Ensino Fundamental, de primeiro e segundo ciclos	Sim	Não	Mandacaru	Sede de Juramento	Sim

UF	Município	Localidade	Nº de famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	Infraestrutura de Educação	Ensino Fund.	Ensino Médio	Localidade de referência		Transporte escolar
										Fund.	Médio	
MG	Montes Claros	Mimoso	50	111,8	1,6	Lote 14	Há Escola Municipal de Ensino Fundamental, de primeiro e segundo ciclos. Povoados Taquaril e Mandacaru, no município de Juramento.	Sim	Não	Mimoso, Taquaril, Mandacaru Sede de Montes Claros	Sede de Montes Claros	Sim
MG	Montes Claros	Comunidade Rural Hollywood	10	111,3	0,9	Lote 14	-	-	-	-	-	-
MG	Montes Claros	Me Livre	40	111,5	1,3	Lote 14	Escola Municipal no Povoado Taquaril	Não	Não	Taquaril e Sede de Montes Claros	Sede de Montes Claros	Sim
MG	Montes Claros	Pau Gonçalves	10	111,5	1,3	Lote 14	Escola Municipal no Povoado Taquaril	Não	Não	Taquaril e Sede de Montes Claros	Sede de Montes Claros	Sim
MG	Montes Claros	Chacreamento Alphaville	20	111,5	1,3	Lote 14	Escola Municipal no Povoado Taquaril	Não	Não	Taquaril e Sede de Montes Claros	Sede de Montes Claros	Sim
MG	Montes Claros	Fazenda Borá	30	111,5	1,3	Lote 14	Escola Municipal no Povoado Taquaril	Não	Não	Taquaril e Sede de Montes Claros	Sede de Montes Claros	Sim
MG	Montes Claros	Ponta do Morro	40	107,8	1	Lote 14	Cursam Ensino Fundamental, primeiro e segundo ciclo, no Povoado Zé Lima e concluem na sede municipal.	Não	Não	Zé Lima e Sede de Montes Claros	Sede de Montes Claros	Sim

UF	Município	Localidade	Nº de famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	Infraestrutura de Educação	Ensino Fund.	Ensino Médio	Localidade de referência		Transporte escolar
										Fund.	Médio	
MG	Montes Claros	Fazenda Brejinho e Laranjal	50	105,8	0,8	Lote 14	Cursam Ensino Fundamental, primeiro e segundo ciclo, no Povoado Zé Lima e concluem na sede municipal.	Não	Não	Zé Lima e Sede de Montes Claros	Sede de Montes Claros	Sim
MG	Montes Claros	Barrocozinho e Estrela Guia	60	96,2	3,2	Lote 14	Cursam Ensino Fundamental, primeiro e segundo ciclo, no Povoado Zé Lima e concluem na sede municipal.	Não	Não	Zé Lima e Sede de Montes Claros	Sede de Montes Claros	Sim
MG	Montes Claros	Rio Verde	120	95,1	1	Lote 14	Cursam Ensino Fundamental, primeiro e segundo ciclo, no Povoado Zé Lima e concluem na sede municipal.	Não	Não	Zé Lima e Sede de Montes Claros	Sede de Montes Claros	Sim
MG	Francisco Sá	Fazenda Serafim e Aroeira	10	87,2	1,6	Lote 16	Povoado Camarinhas que possui escola municipal de ensino fundamental	Não	Não	Camarinhas e Sede de Montes Claros	Sede de Francisco Sá	Sim
MG	Francisco Sá	P.A. Serafim	20	86,1	5,7	Lote 16	Povoado Camarinhas que possui escola municipal de ensino fundamental	Não	Não	Camarinhas e Sede de Montes Claros	Sede de Francisco Sá	Sim
MG	Francisco Sá	Quilombinho e Vaca Brava	14	80	0,7	Lote 16	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Sede de Francisco Sá	Sede de Francisco Sá	Sim
MG	Francisco Sá	Fazenda São Paulinho	20	74,4	1,6	Lote 16	Há Escola Municipal de Ensino Fundamental. A conclusão dos estudos é realizada na sede de Francisco Sá	Sim	Não	Sede de Francisco Sá	Sede de Francisco Sá	Sim

UF	Município	Localidade	Nº de famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	Infraestrutura de Educação	Ensino Fund.	Ensino Médio	Localidade de referência		Transporte escolar
										Fund.	Médio	
MG	Francisco Sá	P.A. Serrador	30	70	0,2	Lote 16	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Sede de Francisco Sá	Sede de Francisco Sá	Sim
MG	Francisco Sá	Loteamento Belvedere	300	87,4	3,4	Lote 14	Escola Municipal de Ensino Fundamental, no Povoado Camarinhas e concluem os estudos na sede municipal de Francisco Sá	Não	Não	Camarinhas e Sede de Montes Claros	Sede de Francisco Sá	Sim
MG	Francisco Sá	Coqueirinho	15	57,3	4,1	Lote 16	Possui Escola de Ensino Fundamental até o quinto ano	Sim	Não	Coqueirinho, Junco e Francisco Sá	Francisco Sá	Sim
MG	Francisco Sá	Junco	180	56	4,5	Lote 16	Possui Escola de Ensino Fundamental até o quinto ano e creche	Sim	Não	Junco e Janaúba	Janaúba	Sim
MG	Francisco Sá	Baixa Fria	15	49,8	4	Lote 16	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam estudar em Terra Quebrada e em Janaúba, através de transporte escolar	Não	Não	Canabrava e Terra Quebrada	Janaúba	Sim
MG	Francisco Sá	Barreira do Totó	15	47,1	1,6	Lote 16	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam estudar em Terra Quebrada e em Janaúba, através de transporte escolar	Não	Não	Canabrava e Terra Quebrada	Janaúba	Sim

UF	Município	Localidade	Nº de famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	Infraestrutura de Educação	Ensino Fund.	Ensino Médio	Localidade de referência		Transporte escolar
										Fund.	Médio	
MG	Francisco Sá	Furado Dantas	15	45,5	3,9	Lote 16	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam estudar em Terra Quebrada e em Janaúba, através de transporte escolar	Não	Não	Canabrava e Terra Quebrada	Janaúba	Sim
MG	Francisco Sá	Córrego do Charquinho	15	43,9	1,8	Lote 16	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam estudar em Terra Quebrada e em Janaúba, através de transporte escolar	Não	Não	Canabrava e Terra Quebrada	Janaúba	Sim
MG	Francisco Sá	Riacho dos Carneiros	200	66,5	0,2	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Francisco sá	Francisco sá	Sim
MG	Francisco Sá	Lagoa Nova/Baixa do Feijão	não informado	60,3	0,2	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Francisco sá	Francisco sá	Sim
MG	Francisco Sá	Bengo	4	52,9	0	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Francisco sá	Francisco sá	Sim
MG	Francisco Sá	São Geraldo	400	24,6	4,7	Lote 14	Há ensino básico completo para seus alunos, até o terceiro ano do Ensino Médio e e creche	Sim	Sim	São geraldo	São geraldo	Sim
MG	Francisco Sá	Boa Esperança	50	34	0	Lote 14	Possui Escola de Ensino Fundamental até o nono ano	Sim	Não	Boa esperança	São geraldo e canabrava	Sim

UF	Município	Localidade	Nº de famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	Infraestrutura de Educação	Ensino Fund.	Ensino Médio	Localidade de referência		Transporte escolar
										Fund.	Médio	
MG	Francisco Sá	Jácara II	4	40,8	1	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Capitão enéas	Capitão enéas	Sim
MG	Francisco Sá	Boa Sorte	20	48	1,3	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Capitão enéas	Capitão enéas	Sim
MG	Francisco Sá	Matos	6	55	5,6	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Francisco Sá	Francisco Sá	Sim
MG	Francisco Sá	Arrozi	30	57,6	0,4	Lote 16	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Junco e para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Junco	Francisco Sá	Sim
MG	Francisco Sá	Traçadal	50	57	1,8	Lote 16	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Junco e para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Junco	Francisco Sá	Sim
MG	Janaúba	Poço de Santa Cruz	60	238,3	1,7	Lote 15	Possui Escola de Ensino Fundamental até o nono ano, depois seguem para concluir o Ensino Médio em Jatobá.	Sim	Não	Poço de Santa Cruz	Jatobá e Janaúba	Sim
MG	Janaúba	Taquaril	120	236,1	1,9	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam estudar em Jatobá, através de transporte escolar	Não	Não	Jatobá	Jatobá	Sim

UF	Município	Localidade	Nº de famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	Infraestrutura de Educação	Ensino Fund.	Ensino Médio	Localidade de referência		Transporte escolar
										Fund.	Médio	
MG	Janaúba	Jataí	19	242,4	0,8	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam estudar em Jatobá, através de transporte escolar	Não	Não	Jatobá	Jatobá	Sim
MG	Janaúba	Tirafogo	30	239,3	0,4	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Janaúba	Janaúba	Sim
MG	Janaúba	Pedra Preta	30	241,2	2,5	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Janaúba	Janaúba	Sim
MG	Janaúba	José Faustino	32	236,9	0,3	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Janaúba	Janaúba	Sim
MG	Janaúba	Mundo Novo	20	230,5	0,8	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam estudar em Lagoa Grande e em Janaúba, através de transporte escolar	Não	Não	Lagoa grande	Janaúba	Sim
MG	Janaúba	Pajeú II	55	226,1	1	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam estudar em Lagoa Grande e em Janaúba, através de transporte escolar	Não	Não	Lagoa grande	Janaúba	Sim

UF	Município	Localidade	Nº de famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	Infraestrutura de Educação	Ensino Fund.	Ensino Médio	Localidade de referência		Transporte escolar
										Fund.	Médio	
MG	Janaúba	Baixa da Colônia	30	248,2	0,2	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Janaúba	Janaúba	Sim
MG	Janaúba	Comunidade Quilombola Vila Nova dos Poções	750	215,3	1	Lote 14	Possui Escola de Ensino Fundamental até o nono ano	Sim	Não	Vila Nova dos Poções	Janaúba	Sim
MG	Janaúba	Quem Quem	50	25,2	0,6	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam estudar em São Geraldo, através de transporte escolar	Não	Não	São Geraldo	São Geraldo	Sim
MG	Janaúba	Barroquinha	73	13,7	1,5	Lote 16	Possui Escola de Ensino Fundamental até o nono ano	Sim	Não	Barroquinha	Janaúba	Sim
MG	Nova Porteirinha	Gorutuba/Ilha do Getúlio	não informado	214,7	2,3	Lote 14	Há oferta de ensino fundamental, para cursar o ensino médio segue-se para Paraguaçu e Nova Porteirinha	Sim	Não	Gorutuba/Ilha do Getúlio	Paraguaçu e Nova Porteirinha	Sim
MG	Nova Porteirinha	Paraguaçu	100	212,6	0,5	Lote 14	Há oferta de ensino fundamental e médio, mas esse último não atende a todos, além de creche	Sim	Sim	Paraguaçu	Paraguaçu e Nova Porteirinha	Sim
MG	Porteirinha	Canabrava	8	226,5	1,2	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Bom Jesus e Janaúba, através de transporte escolar	Não	Não	Bom Jesus	Janaúba	Sim
MG	Porteirinha	Barreiro Dantas	70	210,8	1,6	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Bom Jesus, Mulungu, Porteirinha e Janaúba, através de transporte escolar	Não	Não	Bom Jesus e Mulungu	Porteirinha e Janaúba	Sim

UF	Município	Localidade	Nº de famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	Infraestrutura de Educação	Ensino Fund.	Ensino Médio	Localidade de referência		Transporte escolar
										Fund.	Médio	
MG	Porteirinha	Distrito Mulungu	100	210,7	1,4	Lote 15	Há oferta de ensino fundamental e médio, além de creche	Sim	Sim	Mulungu	Mulungu e Porteirinha	Sim
MG	Porteirinha	Água Branca	50	204,5	2	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Mulungu e Porteirinha, através de transporte escolar	Não	Não	Mulungu	Mulungu e Porteirinha	Sim
MG	Porteirinha	Furada da Roda	12	199,3	0,2	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Mulungu e Porteirinha, através de transporte escolar	Não	Não	Mulungu	Mulungu e Porteirinha	Sim
MG	Porteirinha	Baixa do Barreiro	12	200,1	1	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Mulungu e Porteirinha, através de transporte escolar	Não	Não	Mulungu	Mulungu e Porteirinha	Sim
MG	Porteirinha	Furado Grande	15	186,7	2,2	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Mulungu e Porteirinha, através de transporte escolar	Não	Não	Mulungu	Mulungu e Porteirinha	Sim
MG	Porteirinha	Vila Caxingó	15	191,7	2,8	Lote 15	Há oferta de ensino fundamental, para cursar o ensino médio segue-se para Mulungu e Nova Porteirinha	Sim	Não	Vila Caxingó	Mulungu e Porteirinha	Sim
MG	Porteirinha	Lagoinha	100	184,6	0,4	Lote 15	Há oferta de ensino fundamental, para cursar o ensino médio segue-se para Mulungu e Nova Porteirinha	Sim	Não	Lagoinha	Mulungu e Porteirinha	Sim
MG	Catuti	Sede municipal de Catuti	902	166,8	0,7	Lote 14	Há oferta de ensino fundamental e médio	Sim	Sim	Catuti	Catuti	-

UF	Município	Localidade	Nº de famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	Infraestrutura de Educação	Ensino Fund.	Ensino Médio	Localidade de referência		Transporte escolar
										Fund.	Médio	
MG	Pai Pedro	Salinas	100	183,7	2,3	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Pai Pedro	Pai Pedro	Sim
MG	Pai Pedro	Miranto	15	198,8	2,6	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Pai Pedro	Pai Pedro	Sim
MG	Pai Pedro	Atrás dos Morros	15	181,1	0,1	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Pai Pedro	Pai Pedro	Sim
MG	Mato Verde	Ferraz	8	171,3	0,3	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Catuti, através de transporte escolar	Não	Não	Catuti	Catuti	Sim
MG	Mato Verde	Volta do Morro	53	175,5	0,8	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município ou para Pau Branco, através de transporte escolar	Não	Não	Mato Verde e Pau Branco	Mato Verde e Pau Branco	Sim
MG	Mato Verde	Barra	50	162,9	1,1	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município ou para Pau Branco, através de transporte escolar	Não	Não	Mato Verde e Pau Branco	Mato Verde de Pau Branco	Sim
MG	Mato Verde	Vila Cristino	280	169,6	0,9	Lote 15	Escola de Ensino Fundamental e Médio	Sim	Sim	Via Cristino	Via Cristino	Sim

UF	Município	Localidade	Nº de famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	Infraestrutura de Educação	Ensino Fund.	Ensino Médio	Localidade de referência		Transporte escolar
										Fund.	Médio	
MG	Mato Verde	Fazenda da Barra	6	165,3	0,5	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Monte Azul	Monte Azul	Sim
MG	Mato Verde	Cristino I	50	171,9	0,8	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Mato Verde	Mato Verde	Sim
MG	Mato Verde	Pedreira	280	159,8	0,6	Lote 15	Escola de Ensino Fundamental	Sim	Não	Pedreira	Monte Azul	Sim
MG	Monte Azul	Barreiro Grande	50	142,5	1,7	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município e para Rebentão, através de transporte escolar	Não	Não	Rebentão	Monte Azul	Sim
MG	Monte Azul	Rio Abaixo	16	140,1	1,9	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Rebentão e sede municipal através de transporte escolar	Não	Não	Rebentão	Monte Azul	Sim
MG	Monte Azul	Barreiro do Mato	20	136,7	2,3	Lote 14	Escola de Ensino Fundamental até o quinto ano	Sim	Não	Barreiro do Mato e Monte Azul	Monte Azul	Sim
MG	Monte Azul	Vila Angical	20	140,8	0,3	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede municipal através de transporte escolar	Não	Não	Monte Azul	Monte Azul	Sim

UF	Município	Localidade	Nº de famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	Infraestrutura de Educação	Ensino Fund.	Ensino Médio	Localidade de referência		Transporte escolar
										Fund.	Médio	
MG	Monte Azul	Riacho Seco	25	145,4	1	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede municipal através de transporte escolar	Não	Não	Monte Azul	Monte Azul	Sim
MG	Monte Azul	Pajeú de Cima	50	152,9	0,4	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município e para Pajeú, através de transporte escolar	Não	Não	Pajeú e Monte Azul	Pajeú e Monte Azul	Sim
MG	Monte Azul	Distrito de Pajeú	417	156	0,6	Lote 15	Escola de Ensino Fundamental e Médio	Sim	Sim	Pajeú	Pajeú	Sim
MG	Monte Azul	Bicas	30	156	2,1	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, Pajeú, Rebentão, através de transporte escolar	Não	Não	Pajeú e Rebentão	Pajeú, Rebentão e Monte Azul	Sim
MG	Monte Azul	Lagoa Comprida	30	159,2	1,1	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município e para Pajeú, através de transporte escolar	Não	Não	Pajeú, Monte Azul	Pajeú e Monte Azul	Sim
MG	Monte Azul	Landinho	50	159,2	4,3	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município e para Pajeú, através de transporte escolar	Não	Não	Pajeú, Monte Azul	Pajeú e Monte Azul	Sim
MG	Monte Azul	Ramalhudo	60	163	0,4	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Pedreira e Riachinho através de transporte escolar	Não	Não	Pedreira e Riachinho	Pedreira e Riachinho	Sim

UF	Município	Localidade	Nº de famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	Infraestrutura de Educação	Ensino Fund.	Ensino Médio	Localidade de referência		Transporte escolar
										Fund.	Médio	
MG	Monte Azul	Riacho Quente	30	158,8	2	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam Pajeú e para a sede municipal, através de transporte escolar	Não	Não	Pajeú e Monte Azul	Pajeú e Monte Azul	Sim
MG	Monte Azul	Junco	30	159,2	0,9	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município e Pajeú, através de transporte escolar	Não	Não	Pajeú e Monte Azul	Pajeú e Monte Azul	Sim
MG	Monte Azul	Rebentão	75	153,8	1,2	Lote 14	Escola de Ensino Fundamental	Sim	Não	Rebentão	Monte Azul	Sim
MG	Monte Azul	Lagoinha	50	150,3	0,5	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Rebentão e sede municipal, através de transporte escolar	Não	Não	Rebentão e Monte Azul	Monte Azul	Sim
MG	Monte Azul	Barreiro da Cruz	100	138,1	1,9	Lote 14	Escola de Ensino Fundamental até o quinto ano	Sim	Não	Barreiro da Cruz e Mamonas	Mamonas	Sim
MG	Monte Azul	Baixão	50	135,5	0,4	Lote 15	Escola de Ensino Fundamental até o quinto ano	Sim	Não	Baixão e Monte Azul	Monte Azul	Sim
MG	Monte Azul	Capoeira Grande	50	132,1	0,3	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede municipal através de transporte escolar	Não	Não	Monte Azul	Monte Azul	Sim
MG	Monte Azul	Picada	8	155,5	0,1	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município , Pajeú, Rebentão através de transporte escolar	Não	Não	Pajeú, Rebentão e Monte Azul	Pajeú, Rebentão e Monte Azul	Sim

UF	Município	Localidade	Nº de famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	Infraestrutura de Educação	Ensino Fund.	Ensino Médio	Localidade de referência		Transporte escolar
										Fund.	Médio	
MG	Monte Azul	Tabuleiro	35	134,8	0,8	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município através de transporte escolar	Não	Não	Espinosa	Espinosa	Sim
MG	Mamonas	Urubu	10	124,3	0,9	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Mamonas, através de transporte escolar	Não	Não	Mamonas	Mamonas	Sim
MG	Mamonas	Mimoso	70	124,4	0,2	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Mamonas, através de transporte escolar	Não	Não	Mamonas	Mamonas	Sim
MG	Espinosa	São Pedro	50	130	1,3	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Espinosa através de transporte escolar	Não	Não	Espinosa	Espinosa	Sim
MG	Espinosa	Barro Vermelho	50	124,6	0,5	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Espinosa através de transporte escolar	Não	Não	Espinosa	Espinosa	Sim
MG	Espinosa	Lagoinha	50	123,6	0,4	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Espinosa através de transporte escolar	Não	Não	Espinosa	Espinosa	Sim
MG	Espinosa	Santo Antônio	50	118,1	2,1	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Espinosa através de transporte escolar	Não	Não	Espinosa	Espinosa	Sim

UF	Município	Localidade	Nº de famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	Infraestrutura de Educação	Ensino Fund.	Ensino Médio	Localidade de referência		Transporte escolar
										Fund.	Médio	
MG	Espinosa	Várzea da Pedra	60	112,6	1,4	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Espinosa através de transporte escolar	Não	Não	Espinosa	Espinosa	Sim
MG	Espinosa	Canabrava	60	110,1	0,4	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Espinosa através de transporte escolar	Não	Não	Espinosa	Espinosa	Sim
MG	Espinosa	Raposa do Rio Verde	12	108,5	1,1	Lote 15	Escola de Ensino Fundamental	Sim	Não	Raposa do Rio Verde	Espinosa	Sim
MG	Espinosa	Lagoa do Morro	15	109,6	2,7	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Raposa do Rio Verde, através de transporte escolar	Não	Não	Raposa do Rio Verde	Espinosa	Sim
MG	Espinosa	Lagoa da Tapera	15	105,7	0	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Raposa do Rio Verde, através de transporte escolar	Não	Não	Raposa do Rio Verde	Espinosa	Sim
MG	Espinosa	Sussuarana	180	110,2	2,3	Lote 14	Escola de Ensino Fundamental e Médio	Sim	Sim	Sussuarana	Sussuarana	Sim
MG	Espinosa	Serrinha	180	109	2,1	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Sussuarana, através de transporte escolar	Não	Não	Sussuarana	Sussuarana	Sim
MG	Espinosa	Lagoa da Romana	13	109,5	1,5	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Sussuarana, através de transporte escolar	Não	Não	Sussuarana	Sussuarana	Sim

UF	Município	Localidade	Nº de famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	Infraestrutura de Educação	Ensino Fund.	Ensino Médio	Localidade de referência		Transporte escolar
										Fund.	Médio	
MG	Espinosa	Poços	15	111,2	0,7	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Sussuarana, através de transporte escolar	Não	Não	Sussuarana	Sussuarana	Sim
MG	Espinosa	Barreiro Dantas	15	113,9	0,6	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Sussuarana, através de transporte escolar	Não	Não	Sussuarana	Sussuarana	Sim
MG	Espinosa	Paus Pretos	15	116,9	0,4	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Sussuarana, através de transporte escolar	Não	Não	Sussuarana	Sussuarana	Sim
MG	Espinosa	Havana	10	117,9	0,1	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Sussuarana, através de transporte escolar	Não	Não	Sussuarana	Sussuarana	Sim
MG	Espinosa	Santa Marta	70	102,4	0,3	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Sussuarana, através de transporte escolar	Não	Não	Sussuarana	Sussuarana	Sim
MG	Espinosa	Lagoa do Marruais	130	105,8	1,2	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município através de transporte escolar	Não	Não	Espinosa	Espinosa	Sim
MG	Espinosa	Dourados	40	129,1	0,8	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município através de transporte escolar	Não	Não	Mamonas	Mamonas	Sim

UF	Município	Localidade	Nº de famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	Infraestrutura de Educação	Ensino Fund.	Ensino Médio	Localidade de referência		Transporte escolar
										Fund.	Médio	
BA	Urandi	Rio Verde	12	101,8	0,1	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Urandi	Urandi	Sim
BA	Urandi	Pedra Aguda	30	93	0,9	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Urandi	Urandi	Sim
BA	Urandi	Caldeirão	13	90	1,3	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Urandi	Urandi	Sim
BA	Urandi	Canavista	4	88,7	0,2	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Urandi	Urandi	Sim
BA	Urandi	Cachoeira	10	88,4	0,9	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Tiririca e para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Tiririca e Urandi	Urandi	Sim
BA	Urandi	Agreste/Fazenda Boa Esperança	40	86,6	0,3	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Tiririca e para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Tiririca e Urandi	Urandi	Sim
BA	Urandi	Tiririca	40	85,9	2,2	Lote 14	Há escola que oferta o Ensino Fundamental até o quinto ano	Sim	Não	Tiririca e Urandi	Urandi	Sim

UF	Município	Localidade	Nº de famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	Infraestrutura de Educação	Ensino Fund.	Ensino Médio	Localidade de referência		Transporte escolar
										Fund.	Médio	
BA	Urandi	Cubículo	20	84,9	0,3	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Urandi	Urandi	Sim
BA	Urandi	Fazenda Entre Morros	17	80,3	1,3	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Urandi	Urandi	Sim
BA	Urandi	Poço Bom	15	79	2,1	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Urandi	Urandi	Sim
BA	Urandi	Quixabá	10	75,2	1,8	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Urandi	Urandi	Sim
BA	Urandi	Fazenda Boa Sorte	30	75,5	0,4	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Urandi	Urandi	Sim
BA	Urandi	Riachão	25	75	1,2	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Tiririca e Urandi	Urandi	Sim
BA	Urandi	Casa Nova	3	81	1,9	Lote 15	Escola até o quinto ano do Ensino Fundamental, para completar os estudos sequem para a sede municipal.	Sim	Não	Casa Nova e Urandi	Urandi	Sim

UF	Município	Localidade	Nº de famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	Infraestrutura de Educação	Ensino Fund.	Ensino Médio	Localidade de referência		Transporte escolar
										Fund.	Médio	
BA	Urandi	Fazenda Barra do Mulungu	35	80,9	0,6	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Urandi	Urandi	Sim
BA	Urandi	Lagoinha	5	86,2	1,7	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Urandi	Urandi	Sim
BA	Urandi	Feijão Preto	5	85,9	0,7	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Urandi	Urandi	Sim
BA	Urandi	Fazenda Olho D'Água	10	95,1	2,4	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Urandi	Urandi	Sim
BA	Urandi	Salinas	104	98,6	0,9	Lote 15	Há escola que oferta o Ensino Fundamental.	Sim	Não	Salinas	Urandi	Sim
BA	Urandi	Barra da Varginha	10	101,8	0,8	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Salinas e para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Salinas	Urandi	Sim
BA	Urandi	Fazenda Ladeira Grande	11	101,9	0,3	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Salinas e para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Salinas	Urandi	Sim

UF	Município	Localidade	Nº de famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	Infraestrutura de Educação	Ensino Fund.	Ensino Médio	Localidade de referência		Transporte escolar
										Fund.	Médio	
BA	Urandi	Fazenda Grama	6	104,7	0,5	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Salinas e para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Salinas	Urandi	Sim
BA	Urandi	Mata Veado	10	78,1	4	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Salinas e para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Salinas	Urandi	Sim
BA	Urandi	Fazenda Lagedinho	8	75,8	0,9	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Salinas e para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Salinas	Urandi	Sim
BA	Urandi	Fazenda Água Verde	30	70,6	1	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Pindaí, através de transporte escolar	Não	Não	Pesqueiro I e II (Pindaí)	Pindaí	Sim
BA	Urandi	Fazenda Bananeira	4	97,2	0,5	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Salinas e para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Salinas	Urandi	Sim
BA	Pindaí	Fazenda Tataíra	80	67,3	1,6	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Pindaí, através de transporte escolar	Não	Não	Pesqueiro I e II	Pindaí	Sim

UF	Município	Localidade	Nº de famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	Infraestrutura de Educação	Ensino Fund.	Ensino Médio	Localidade de referência		Transporte escolar
										Fund.	Médio	
BA	Pindaí	Morro do Macaco	18	65,1	0,8	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Pindaí, através de transporte escolar	Não	Não	Pesqueiro I e II	Pindaí	Sim
BA	Pindaí	Pesqueiro I e II	20	64,2	0,4	Lote 15	Há escola que oferta o Ensino Fundamental.	Sim	Não	Pesqueiro I e II	Pindaí	Sim
BA	Pindaí	Lagoinha	20	61	1,5	Lote 15		Não	Não	Pindaí	Pindaí	Sim
BA	Pindaí	Lagoa do Dominginhos	50	60	0,4	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Pindaí	Pindaí	Sim
BA	Pindaí	Fazenda Jacu	50	60,4	2,6	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Fazenda Barra do Mulungu, Poço Preto e Pindaí. através de transporte escolar	Não	Não	Fazenda Barra do Mulungu (Urandi) e Poço Preto.	Pindaí	Sim
BA	Pindaí	Pau de Colher	50	65,9	1,1	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Poço Preto e Pindaí. através de transporte escolar	Não	Não	Fazenda Barra do Mulungu (Urandi) e Poço Preto.	Pindaí	Sim
BA	Pindaí	Paus Pretos	90	66,2	2,5	Lote 14	Há escola que oferta o Ensino Fundamental.	Sim	Não	Paus Pretos	Pindaí	Sim
BA	Pindaí	Lagoa do Curral	23	67,7	2,2	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Pindaí	Pindaí	Sim

UF	Município	Localidade	Nº de famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	Infraestrutura de Educação	Ensino Fund.	Ensino Médio	Localidade de referência		Transporte escolar
										Fund.	Médio	
BA	Pindaí	Morrinhos	50	71	1,8	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Pindaí	Pindaí	Sim
BA	Pindaí	Fazenda Caraíbas	3	71,2	0,3	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Pindaí	Pindaí	Sim
BA	Pindaí	Morro da Barra	1	38,5	0,2	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Pindaí	Pindaí	Sim
BA	Pindaí	Lagoa Dantas	6	40	0,8	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a Saraíma e Guanambi, através de transporte escolar	Não	Não	Saraíma (Pindaí)	Guanambi	Sim
BA	Pindaí	Distrito Lagoa Velha	3750	42,2	0,4	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Pindaí	Guirapá (Pindaí)	Sim
BA	Pindaí	Olho D'Água	3	46,6	0,7	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Pindaí	Guirapá (Pindaí)	Sim
BA	Pindaí	Tanque	150	48,5	2,2	Lote 15	Há escola que oferta o Ensino Fundamental até o quinto ano	Sim	Não	Pindaí	Pindaí	Sim
BA	Pindaí	Lagoa do Arroz	20	51,3	1,2	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Pindaí	Pindaí	Sim

UF	Município	Localidade	Nº de famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	Infraestrutura de Educação	Ensino Fund.	Ensino Médio	Localidade de referência		Transporte escolar
										Fund.	Médio	
BA	Pindaí	Fazenda Morrinhos	18	59,1	1,9	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município e para Guanambi, através de transporte escolar	Não	Não	Pindaí	Guanambi	Sim
BA	Pindaí	Salinas	15	60	2,2	Lote 14	Há escola que oferta o Ensino Fundamental.	Sim	Não	Salinas	Pindaí	Sim
BA	Pindaí	Recreio	10	62,2	0,1	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Pindaí	Pindaí	Sim
BA	Pindaí	Morro do Pindaí	105	57,4	1	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município e para Guanambi, através de transporte escolar	Não	Não	Pindaí	Guanambi	Sim
BA	Pindaí	Mato Grosso	50	52,5	0,3	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Tanque e para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Tanque e Pindaí	Pindaí	Sim
BA	Pindaí	Furado Fundo	48	62,5	1,6	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Pindaí, através de transporte escolar	Não	Não	Pesqueiro I e II	Pindaí	Sim
BA	Pindaí	Fazenda Cajueiro	8	61,4	0,1	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Pindaí, através de transporte escolar	Não	Não	Pesqueiro I e II	Pindaí	Sim

UF	Município	Localidade	Nº de famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	Infraestrutura de Educação	Ensino Fund.	Ensino Médio	Localidade de referência		Transporte escolar
										Fund.	Médio	
BA	Pindaí	Limeira	8	44,7	0	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Pindaí, através de transporte escolar	Não	Não	Pesqueiro I e II	Pindaí	Sim
BA	Pindaí	Pedra Ladeira	40	54,5	1,7	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Tanque e para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Tanque e Pindaí	Pindaí	Sim
BA	Candiba	Gameleiras	60	45,1	0,3	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Pilões e para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Pilões	Candiba	Sim
BA	Candiba	Distrito Pilões	500	49,8	1,8	Lote 14	Há escola que oferta o Ensino Fundamental.	Sim	Não	Pilões	Candiba	Sim
BA	Candiba	Fazenda Tanquinho	60	55	0,3	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Candiba	Candiba	Sim
BA	Candiba	Fazenda Dourados	50	54,5	1,5	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Candiba	Candiba	Sim
BA	Candiba	Fazenda Morrinhos II	5	57,4	1,9	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Candiba	Candiba	Sim

UF	Município	Localidade	Nº de famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	Infraestrutura de Educação	Ensino Fund.	Ensino Médio	Localidade de referência		Transporte escolar
										Fund.	Médio	
BA	Candiba	Fazenda Caco	80	57,7	0,5	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Candiba	Candiba	Sim
BA	Candiba	Pinheiros	40	44	0,8	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Pilões e para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Pilões	Candiba	Sim
BA	Candiba	Dourado	50	53,3	0	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Pilões e para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Pilões	Candiba	Sim
BA	Guanambi	Fazenda Tambori	3	18,8	1,5	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Morrinhos e para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Morrinhos	Guanambi	Sim
BA	Guanambi	Curral de Varas	100	21,2	1,9	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Morrinhos e para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Morrinhos	Guanambi	Sim
BA	Guanambi	Jurema Barbosa	40	22,6	2,4	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Morrinhos e para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Morrinhos	Guanambi	Sim

UF	Município	Localidade	Nº de famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	Infraestrutura de Educação	Ensino Fund.	Ensino Médio	Localidade de referência		Transporte escolar
										Fund.	Médio	
BA	Guanambi	Lagoa da Pedra de João Cotrim	48	22,5	2,4	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Morrinhos e para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Morrinhos	Guanambi	Sim
BA	Guanambi	Buraquinho	40	25,7	0,4	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Morrinhos e para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Morrinhos	Guanambi	Sim
BA	Guanambi	Distrito Ceraíma	400	37,4	1,5	Lote 14	Há escola que oferta o Ensino Fundamental, Grupo Escola Agrícola , Instituto Federal Baiano	Não	Não	Ceraíma	Ceraíma e Guanambi	Sim
BA	Guanambi	Fazenda Lagoa Suja	20	19,6	1,4	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Morrinhos e para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Morrinhos	Guanambi	Sim
BA	Guanambi	Fazenda Lagoa da Pedra	15	20,5	1,3	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Morrinhos e para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Morrinhos	Guanambi	Sim
BA	Guanambi	Sítio dos Gatos	10	22,1	0,5	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Morrinhos e para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Morrinhos	Guanambi	Sim

UF	Município	Localidade	Nº de famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	Infraestrutura de Educação	Ensino Fund.	Ensino Médio	Localidade de referência		Transporte escolar
										Fund.	Médio	
BA	Guanambi	Barro Vermelho	9	26,9	1	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Morrinhos e para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Morrinhos	Guanambi	Sim
BA	Guanambi	Invernada	30	28,6	0,4	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Morrinhos e para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Morrinhos	Guanambi	Sim
BA	Guanambi	Rio Grande	30	29,9	0,9	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Morrinhos e para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Morrinhos	Guanambi	Sim
BA	Guanambi	Distrito Morrinhos	1000	30	1,9	Lote 15	Há escola que oferta o Ensino Fundamental.	Sim	Não	Morrinhos	Guanambi	Sim
BA	Guanambi	Sítio Novo	60	34,3	0,9	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Morrinhos e para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Morrinhos	Guanambi	Sim
BA	Guanambi	Malhada do Canto	20	42,3	1,5	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Morrinhos e para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Morrinhos	Guanambi	Sim

UF	Município	Localidade	Nº de famílias	KM da LT	Distância da LT (km)	Lote	Infraestrutura de Educação	Ensino Fund.	Ensino Médio	Localidade de referência		Transporte escolar
										Fund.	Médio	
BA	Guanambi	Fazenda Barra Arrancada	6	36,3	0	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Morrinhos e para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Morrinhos	Guanambi	Sim
BA	Guanambi	Posto do Pega	5	31	1,3	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Morrinhos e para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Morrinhos	Guanambi	Sim
BA	Guanambi	Fazenda Morrinhos	20	30	1,9	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Morrinhos e para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Morrinhos	Guanambi	Sim
BA	Caetité	Fazenda Gado Bravo	50	13,3	2,1	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Morrinhos e para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Morrinhos	Guanambi	Sim
BA	Caetité	Fazenda Vereda do Cercado	50	16,3	1,2	Lote 14	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Aroeira e para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Aroeira	Caetité e Guanambi	Sim
BA	Caetité	Pirajá	200	10,2	0	Lote 15	Não há escola na localidade. Os estudantes se deslocam para Aroeira e para a sede do município, através de transporte escolar	Não	Não	Aroeira	Caetité e Guanambi	Sim

ÍNDICE

2.2.4.4.3 -	Transporte	1/37
2.2.4.4.3.1 -	Rodovias nos Municípios com Canteiros de Obras.....	1/37
2.2.4.4.3.2 -	Ferrovias	4/37
2.2.4.4.3.3 -	Aeródromos	5/37
2.2.4.4.3.4 -	Condições de Transporte na Área de Estudo Local.....	6/37
2.2.4.4.3.5 -	Considerações Finais.....	37/37

Legendas

Quadro 2.2.4.4.3-1 – Aeródromos Públicos (2014)	5/37
Quadro 2.2.4.4.3-2 – Aeródromos Privados (2014)	5/37
Figura 2.2.4.4.3-1 - Vicinal para Assentamento Barragem do Bambu - PA Betinho, Bocaiúva (MG).....	7/37
Figura 2.2.4.4.3-2 - Vicinal Barragem da Caatinga - PA Betinho, Bocaiúva (PA).....	7/37
Figura 2.2.4.4.3-3 - Vicinal de grande porte em Francisco Sá (MG).....	8/37
Figura 2.2.4.4.3-4 - Mula, meio de transporte animal	8/37
Figura 2.2.4.4.3-5 - Ônibus Escolar – Povoado Paraguaçu – Nova Porteirinha (MG)	8/37
Figura 2.2.4.4.3-6 - Motos - Povoado Riacho Seco- Monte Azul (MG).....	8/37
Figura 2.2.4.4.3-7 - Ônibus Particular – Povoado Agreste – Urandi (BA)	8/37
Figura 2.2.4.4.3-8 - Carro particular – Povoado Furado Dantas – Francisco Sá (MG).....	8/37
Quadro 2.2.4.4.3-3 - Meios de Transporte na Área de Estudo Local.....	9/37
Quadro 2.2.4.4.3-4 - Vias de Acesso às localidades da Área de Estudo Local	19/37
Quadro 2.2.4.4.3-5 - Vias de acesso interceptadas pela LT – Lote 14	28/37
Quadro 2.2.4.4.3-6 - Vias de Acesso interceptadas pela LT – Lote 15.....	33/37
Quadro 2.2.4.4.3-7 - Vias de Acesso interceptadas pela LT – Lote 16.....	36/37

2.2.4.4.3 - Transporte

Neste item são abordadas informações acerca da estrutura viária dos municípios elegíveis para sediar canteiros de obras. Tal análise torna-se relevante na medida em que a circulação de veículos, máquinas e pessoal nas estradas e rodovias que são usadas pela população local é um ponto sensível para o empreendimento. Este cenário tem potencial para gerar impactos como a ocorrência de acidentes nas vias, degradação das estradas, aumento de incidência de doenças respiratórias, dentre outros.

2.2.4.4.3.1 - Rodovias nos Municípios com Canteiros de Obras

Estado de Minas Gerais

- BR – 135 (municípios de Augusto Lima, Buenópolis e Bocaiúva)

A rodovia federal BR – 135 constitui-se em um dos principais eixos de integração da AER, no estado de Minas Gerais, incluindo a capital do estado, o polo regional representado por Montes Claros e a região Nordeste do país.

Esta rodovia atravessa o município de Buenópolis de Norte a Sul, promovendo a ligação com os municípios mais ao norte do estado e as regiões mais ao Sul, incluindo a capital. Em Augusto de Lima, último município da AER atravessado por esta rodovia, mostra-se importante ao integrar o município a outros de seu estado.

Em Bocaiúva a BR-135 atravessa o município no sentido Norte – Sul, e garante acesso a região Nordestes, por um lado, e a Belo Horizonte, de outro.

- MG - 220 (município de Monjolos)

A rodovia estadual MG – 220, atravessa o município de Monjolo e permite acesso a BR – 135 à Oeste e a Leste à Diamantina.

- BR -259 (município de Presidente Juscelino)

O percurso do traçado da rodovia no município de Presidente Juscelino permite o acesso a Curvelo, em uma direção, e ao Leste Mineiro e o estado do Espírito Santo em outra.

- BR – 451 (município de Bocaiúva)

A rodovia federal BR – 451 deveria interligar as regiões Norte e Leste de Minas, mas apresenta vários trechos não concluídos, de forma que tem somente uma importância regional ligando Bocaiuva até Olhos D'Água e Itamarambadiba (fora da AER).

- MG – 308 (município de Glaucilândia)

A rodovia estadual MG – 308 no município de Glaucilândia possibilita a ligação com Montes Claros, contudo, não passa na sede municipal. O acesso à MG – 308 é realizado por uma estrada vicinal de aproximadamente 5 km.

- BR – 122 (municípios de Capitão Enéas, Janaúba e Monte Azul)

No município de Capitão Enéas, ainda, no trecho do município de Francisco Sá existe um entroncamento entre a BR -122 e a BR – 251, a partir do qual se pode seguir sentido norte para a sede de Capitão Enéas e, mais adiante, acessar a sede de Janaúba pela mesma rodovia.

Em Janaúba, da parte nordeste da sede do município a rodovia BR – 122 segue em uma diagonal sudoeste até sair na porção sul do território municipal. Observa-se que, como nos municípios, as principais funções desta via são servir de acesso ao Norte mineiro e ao estado da Bahia, e ao município de Montes Claros, na direção sul.

Em Monte Azul a única rodovia identificada foi a BR – 122, responsável pela ligação do município ao estado da Bahia, ao Norte, e o município de Montes Claros ao Sul. Não foram identificadas outras rodovias federais ou estaduais.

- MG – 401 (município de Janaúba)

A rodovia estadual MG – 401 acessa o município de Janaúba, em sua porção noroeste e segue até à sede municipal, servindo como acesso à região Noroeste do estado, passando pelo município de Verdelândia, podendo alcançar o entroncamento com a BR – 135, às margens do rio São Francisco.

Dentre os municípios que elegíveis para abrigar canteiro de obras, em Pai Pedro, no estado de Minas Gerais, não foram identificadas rodovias estaduais ou federais. Segundo informações do DNIT há uma rodovia de ligação estadual que se conecta a BR – 122, no município de Porteirinha, mas o registro da mesma não consta dos dados do DER MG.

Estado da Bahia

- BR – 030 / BR-122 (municípios de Caetité, Guanambi e Urundi)

As rodovias federais BR – 030/ BR-122, sentido Leste Oeste, serve de ligação ao litoral. Na sede de Caetité a BR – 122 acessa a variante Norte em direção à capital do estado e a 030 segue em direção Leste. Destaca-se que esta confluência tem intersecção com o corredor da LT prevista. No seu trecho entre a sede municipal de Guanambi e Caetité esta via é conhecida como Estrada Caetité. Observa-se que a BR – 122 é uma rodovia longitudinal que atravessa grande parte dos municípios da AER. Os pontos extremos desta via são os municípios de Chorozinho, no Ceará (fora da AER) e o entroncamento com a BR – 251, na proximidade do município de Montes Claros (mais especificamente em Francisco Sá), no interior da AER.

No município de Guanambi, a rodovia BR - 030 segue no sentido Oeste Leste. Destaca-se que a Leste da sede municipal esta via passa a coincidir com o traçado da BR – 122. A Oeste da sede é conhecida como Estrada Palmas de Monte Alto, promovendo neste trecho a ligação com o interior do estado, já a Leste permite o acesso à capital. A BR – 122, além da confluência a Leste da sede municipal de Guanambi, esta via promove a ligação com o Sul e o estado de Minas Gerais.

No município de Urundi, a BR – 122 atravessa o município no sentido Norte – Sul, passando pelo sua sede. Ao Norte a rodovia liga o município a Pindaí e serve de acesso para a capital do estado, e ao Sul com a fronteira com o estado de Minas Gerais.

- BR – 430 (municípios de Caetité)

A rodovia federal BR – 430, no município de Caetité, parte da BR- 122, em trecho a oeste da sede, e segue na direção Noroeste, com destino ao interior do estado.

- BA – 156 (município de Caetité)

A rodovia estadual BA – 156, no município de Caetité, permite a ligação da sede municipal com o sul do estado, bem como o estado de Minas Gerais.

- BA – 937 (município de Caetité)

A rodovia estadual BA – 937, no município de Caetité, parte da confluência entre a BR- 030 e a BR - 122, na direção noroeste, até entroncamento com outra rodovia estadual, a BA – 573, seguindo para Riacho de Santana.

- BA – 938 (município de Guanambi)

A rodovia estadual BA – 938, no município de Guanambi, segue a partir da BR – 122, em trecho ao sul da sede municipal, no sentido Sudeste até a barragem de Ceraíma e o Instituto Federal Baiano – Campus Guanambi.

- BA – 537 (município de Guanambi)

A rodovia estadual BA – 573, sai da BR – 030, na altura da sede municipal de Guanambi e segue em direção Norte, para o município de Matina.

- BA – 612 (município de Guanambi)

A rodovia estadual BA – 612, tem origem na BR – 030, a Oeste da sede municipal de Guanambi, e segue em direção sul, para o município de Candiba.

- BA – 263 (município de Urundi)

A rodovia BA – 263, no sentido Oeste – Leste, atravessa o município de Urundi e passa pela sede municipal, onde se encontra um cruzamento com a BR – 122.

2.2.4.4.3.2 - Ferrovias

- EF-354 - Ferrovia Transcontinental

A ferrovia EF-354 está prevista para ligar o Porto do Açú no Rio de Janeiro à localidade de Boqueirão da Esperança do Acre. Uma vez concluída, terá a denominação de Ferrovia Transcontinental. Atualmente, encontra-se concluído somente o Estudo de Viabilidade Técnica e Ambiental para o trecho que atravessa os estados de Goiás e Mato Grosso. Uma vez construída em sua totalidade a ferrovia passará pelo município de Presidente Juscelino, na AER.

- EF-116 - Ferrovia Centro Atlântica

A EF- 116 – Ferrovia Centro Atlântica, gerida pela companhia de mesmo nome, faz parte do complexo da ferrovia transnordestina. Atualmente em operação, a ferrovia realiza somente o transporte de cargas, mais especificamente derivados de petróleo, cimento, calcário, farelo de soja, soja e trigo. NA AER ela passa pelos municípios de Urundi, Espinosa, Mamonas, Monte Azul, Catuti, Pai Pedro, Porteirinha, Nova Porteirinha (esse não conta com estação), Janaúba, Francisco Sá, Glaucilândia, Bocaiúva, Engenheiro Navarro, Joaquim Felício e Augusto Lima.

2.2.4.4.3.3 - Aeródromos

▪ Aeródromos Públicos

Segundo os dados da ANAC (**Figura 2.2.4.4.3-1**) foram identificados somente 04 (quatro) aeródromos públicos na AER. Observa-se que as unidades estão situadas nos quatro municípios mais populosos. Observa-se que como esta categoria de aeródromo é fruto de investimento público para uso em geral, em consonância com as políticas públicas com foco na construção de tais unidades em locais de maior adensamento populacional, como forma de atender um público maior.

Quadro 2.2.4.4.3-1 – Aeródromos Públicos (2014)

ICAO	Aeródromo	Município
SNIE	Caetité	Caetité – BA
SNGI	Guanambi	Guanambi – BA
SNAP	Janaúba	Janaúba – MG
SBMK	Mário Ribeiro	Montes Claros – MG

Fonte: Anac. 2014

▪ Aeródromos Privados

Em relação aos aeródromos privados (**Quadro 2.2.4.4.3-2**) também foram identificadas somente 04 (quatro) unidades. Contudo, somente dois destes são em municípios que se destacam em termos populacionais (Janaúba e Montes Claros), o que indica que não há necessariamente uma relação entre o contingente populacional e a ocorrência de aeródromos privados.

Quadro 2.2.4.4.3-2 – Aeródromos Privados (2014)

Município	ICAO	Aeródromo
Janaúba – MG	SNJT	Fazenda Caraíbas
Montes Claros - MG	SIVN	Fazenda Sansara
Bocaiúva – MG	SNFZ	Fazenda Villa Terezinha
Engenheiro Navarro – MG	SJHW	Professor Maurício Joppert

Fonte: Anac. 2014

2.2.4.4.3.4 - Condições de Transporte na Área de Estudo Local

A oferta de transporte é um grande problema para os povoados de todas os trechos inseridas na Área de Estudo Local (AEL). Considerando que o empreendimento atravessa, em sua maioria, áreas e localidades rurais, o transporte passa a ser definidor do acesso à serviços e comércio, interferindo em saúde, educação e organização social.

Apesar de existirem estradas asfaltadas em paralelo a todo o traçado da LT 500 kV Igaporã III – Presidente Juscelino, a maioria das localidades desenvolve-se ao longo das estradas vicinais, onde nem sempre existe oferta de transporte público e linhas regulares de transporte coletivo. As vicinais que ligam as vias principais a localidades mais distantes e fazendas, como identificado em campo, podem ser de maior porte e boa condição de circulação ou de difícil utilização.

Nas vias mais largas existe tráfego de ônibus coletivo de passageiros e de ônibus de transporte escolar. Vale destacar que a grande maioria dos Povoados e Assentamentos é atendida com transporte escolar pelas prefeituras, via Programa Caminhos da Escola, política do governo federal, ou por programas das próprias prefeituras. Alto Mangabeira, no município de Augusto de Lima, não dispõe de transporte escolar, já que nas 4 casas habitadas dessa localidade não há estudantes.

As localidades identificadas nas margens das rodovias contam com transporte coletivo intermunicipal.

No Trecho 2, que compreende Joaquim Felício e Bocaiúva, as localidades Barragem do Bambu, Triunfo e Poço do Bento, que compõem o PA Betinho, situam-se próximas à rodovia BR - 135 (distam cerca de 5 km, em média). Por este motivo, a utilização da BR por meios próprios é uma realidade. Além disto, o ônibus escolar trafega pelas vicinais sem asfaltamento de Engenheiro Dolabela até as localidades citadas. Os assentados, também, dispõem de ônibus coletivo de transporte de passageiros que trafega pela BR - 135 e interliga as cidades de Engenheiro Navarro, Bocaiúva e Montes Claros, pelo valor de 15 (quinze) reais. Esta linha de ônibus intermunicipal, da empresa Transnorte, faz parada na rodoviária do distrito de Engenheiro Dolabela. Já as localidades Angico, Lagoa Grande e Barragem do Bambu, por se situarem distantes da margem da BR - 135, necessitam deslocar-se por meios próprios até o distrito de Engenheiro Dolabela para acesso à serviços e para viajar para os polos regionais. Em Joaquim Felício, os assentados do PA Final Feliz - Catoni Sede, os trabalhadores da Fazenda Bhavnagar e os moradores dos povoados Picadinha e Lagoinha situam-se na margem da Rodovia BR - 135. O acesso à sede municipal de Joaquim Felício ocorre tanto por meios próprios, quanto pelo ônibus coletivo de transporte de passageiros, que

circula de segunda à sexta-feira, pelo valor de 7 (sete) reais. Já os moradores de Vaca Brava/Barreirinhos, localidade que se situa em uma porção interiorana e distante da BR - 135, precisam deslocar-se para Joaquim Felício e demais polos regionais por meios próprios.

Em todos os trechos, o transporte é realizado por recursos próprios, na maioria das vezes, em que se destacam os animais, como cavalos e mulas, motos, bicicletas e carros ou ainda carona com vizinhos para percursos locais e regionais. Como exemplo da localidade de Pajeú II (Janaúba), em que há a utilização de charretes. O uso de transporte com a utilização de animal não foi relatado nas localidades visitadas entre os trechos 5 e 8 (de Nova Porteirinha a Caetité).

Houve relatos de uso de transporte alternativos como taxi, moto taxi ou vans particulares nas localidades de Mundo Novo (Janaúba), Canabrava (Janaúba), Catuti, Pajeú (Monte Azul), Rebentão (Monte Azul), Lagoinha (Monte Azul), Lagoa dos Marruás (Espinosa), Salinas (Urandi), Paus Pretos (Pindaí), Fazenda Jacu (Pindaí), Pau de Colher (Pindaí), Lagoa Dantas (Pindaí), Furado Fundo (Pindaí), Pilões (Candiba), Fazenda Tambori (Guanambi), Curral de Varas (Guanambi), Jurema Barbosa (Guanambi), Ceraíma (Guanambi), Barro Vermelho (Guanambi), Morrinhos (Guanambi) e Pirajá (Caetité). Apesar de ser uma prática proibida, na localidade de Tirafogo (Janaúba) foi relatado o uso do transporte escolar de forma alternativa, como caronas a outras pessoas que não os alunos.



Figura 2.2.4.4.3-1 - Vicinal para Assentamento Barragem do Bambu - PA Betinho, Bocaiúva (MG).



Figura 2.2.4.4.3-2 - Vicinal Barragem da Caatinga - PA Betinho, Bocaiúva (PA).



Figura 2.2.4.4.3-3 - Vicinal de grande porte em Francisco Sá (MG)



Figura 2.2.4.4.3-4 - Mula, meio de transporte animal



Figura 2.2.4.4.3-5 - Ônibus Escolar – Povoado Paraguaçu – Nova Porteirinha (MG)



Figura 2.2.4.4.3-6 - Motos - Povoado Riacho Seco-Monte Azul (MG)



Figura 2.2.4.4.3-7 - Ônibus Particular – Povoado Agreste – Urandi (BA)



Figura 2.2.4.4.3-8 - Carro particular – Povoado Furado Dantas – Francisco Sá (MG)

Quadro 2.2.4.4.3-3 - Meios de Transporte na Área de Estudo Local

UF	Município	Localidade	Tipo	Meios de Transporte
MG	Presidente Juscelino	Retiro da Gameleira	Povoado	Ônibus, meios próprios e transporte escolar
MG	Presidente Juscelino	Serra do Gonçalo	Povoado	
MG	Monjolos	Tamburiu / Fazenda Passageiro	Povoado	
MG	Monjolos	Quebra Pé	Distrito	
MG	Monjolos	Monjolos	Sede Municipal	
MG	Monjolos	Rodeador	Povoado	
MG	Gouveia	Alexandre Mascarenhas	Vila/UBS	
MG	Gouveia	Estaboca	Fazenda	Meios próprios e transporte escolar
MG	Gouveia	Mangabeiras	Povoado	Ônibus, meios próprios e transporte escolar
MG	Santo Hipólito	Caquende	Povoado	Meios próprios e transporte escolar
MG	Santo Hipólito	Senhora da Glória	Distrito/UBS	Meios próprios e transporte escolar
MG	Santo Hipólito	Santa Cruz	Povoado	
MG	Santo Hipólito	Vale Fundo	Distrito	Ônibus, meios próprios e transporte escolar
MG	Santo Hipólito	Santo Hipólito	Sede Municipal	
MG	Augusto de Lima	Mocambo	Povoado	
MG	Augusto de Lima	Malhada Alta	Povoado	Meios próprios e transporte escolar
MG	Augusto de Lima	Alto Mangabeira	Povoado	Ônibus, meios próprios e transporte escolar
MG	Augusto de Lima	Poções	Povoado	Meios próprios
MG	Augusto de Lima	Sumidouro	Povoado	Ônibus, meios próprios e transporte escolar
MG	Augusto de Lima	Cafundó dos currais	Povoado	
MG	Augusto de Lima	Cafundó	Povoado	
MG	Augusto de Lima	Mangal	Povoado	
MG	Augusto de Lima	Vila Santa Bárbara	Povoado	Ônibus, meios próprios e transporte escolar
MG	Augusto de Lima	Conceição de Texeira/Saúde	Povoado	
MG	Buenópolis	Salobo	Povoado	
MG	Buenópolis	Pé de Serra	Povoado	
MG	Buenópolis	Curimataí	Povoado	
MG	Buenópolis	Venturino	Povoado	
MG	Joaquim Felício	Lagoinha	Povoado	
MG	Joaquim Felício	Vaca Brava / Barreirinhos	Povoado	ônibus escolar e meios próprios

Coordenador:

Técnico:

UF	Município	Localidade	Tipo	Meios de Transporte
MG	Joaquim Felício	P.A. Final Feliz - Catoni Sede	Projeto de Assentamento	Ônibus, meios próprios e transporte escolar
MG	Joaquim Felício	Picadinha	Povoado	
MG	Joaquim Felício	Barreiro Grande/Fazenda Ribeirão	Povoado	Meios próprios e transporte escolar
MG	Joaquim Felício	Fazenda Bhavnagar	Fazenda	Ônibus e meios próprios
MG	Joaquim Felício	P.A. Betinho - Riachinho	Projeto de Assentamento	Meios próprios e transporte escolar
MG	Bocaiúva	P.A. Betinho - Barragem da Caatinga	Projeto de Assentamento	
MG	Bocaiúva	P.A. Betinho - Lagoa Grande	Projeto de Assentamento	
MG	Bocaiúva	P.A. Betinho - Angico	Projeto de Assentamento	
MG	Bocaiúva	P.A. Betinho - Poço do Bento	Projeto de Assentamento	Ônibus, meios próprios e transporte escolar
MG	Bocaiúva	P.A. Betinho - Triunfo	Projeto de Assentamento	
MG	Bocaiúva	P.A. Betinho - Barragem do Bambu	Projeto de Assentamento	
MG	Bocaiúva	Distrito Engenheiro Dolabela	Distrito/UBS	
MG	Bocaiúva	Bairro Nova Dolabela	Bairro	
MG	Bocaiúva	Roça Velha	Povoado	Meios próprios e transporte escolar
MG	Bocaiúva	Torquato Leite e Taboa	Povoado	Ônibus, meios próprios e transporte escolar
MG	Bocaiúva	Região Fazenda Riachinho: Imbé, Morros, Taboas e Garrotes	Povoado	
MG	Bocaiúva	Poções	Povoado	Meios próprios e transporte escolar
MG	Bocaiúva	Cabeceira de Poções	Povoado	
MG	Bocaiúva	Fazenda Bahia	Povoado	
MG	Bocaiúva	Vaquejada	Povoado	
MG	Bocaiúva	Taboquinha II e Fazenda Córrego Fundo	Povoado	
MG	Bocaiúva	Lalau e Morro Alto	Povoado	Ônibus, meios próprios e transporte escolar
MG	Bocaiúva	Catarina	Povoado	
MG	Bocaiúva	Santa Cruz	Povoado	
MG	Bocaiúva	P.A. Professor Mazan	Projeto de Assentamento	Meios próprios e transporte escolar

UF	Município	Localidade	Tipo	Meios de Transporte
MG	Bocaiúva	Curral de Vara	Povoado	Ônibus, meios próprios e transporte escolar
MG	Bocaiúva	Camilo Prates	Povoado	
MG	Bocaiúva	Alto Belo	Povoado	
MG	Engenheiro Navarro	Campo Limpo	Povoado	Meios próprios e transporte escolar
MG	Engenheiro Navarro	Tirirical	Povoado	Ônibus, meios próprios e transporte escolar
MG	Engenheiro Navarro	Distrito São Norberto	Distrito	
MG	Engenheiro Navarro	Limoeiro	Povoado	
MG	Engenheiro Navarro	Sede Municipal	Sede Municipal	
MG	Engenheiro Navarro	P.A. Elói Ferreira	Projeto de Assentamento	
MG	Guaraciama	Rio Félix II	Povoado	Ônibus, meios próprios e transporte escolar
MG	Guaraciama	Rio Felix I	Povoado	
MG	Glaucilândia	Tabocal II	Povoado	
MG	Glaucilândia	Tabocal I	Povoado	
MG	Juramento	Sede Municipal	Sede Municipal	
MG	Juramento	Maquiné	Povoado	
MG	Juramento	Campo Grande	Povoado	
MG	Juramento	Saracura, Lambari, Prata e Tira Chapéus	Povoado	
MG	Montes Claros	Mandacaru	Povoado	Meios próprios e transporte escolar
MG	Montes Claros	Mimoso	Povoado	
MG	Montes Claros	Comunidade Rural Hollywood	Povoado	
MG	Montes Claros	Me Livre	Povoado	
MG	Montes Claros	Pau Gonçalo	Povoado	
MG	Montes Claros	Chacreamento Alphaville	Chacreamento	
MG	Montes Claros	Fazenda Borá	Povoado	
MG	Montes Claros	Ponta do Morro	Povoado	
MG	Montes Claros	Laranjal	Povoado	
MG	Montes Claros	Barrocãozinho e Estrela Guia	Povoado	
MG	Montes Claros	Rio Verde	Povoado	Meios próprios e transporte escolar

UF	Município	Localidade	Tipo	Meios de Transporte
MG	Francisco Sá	Fazenda Serafim e Aroeira	Povoado	Ônibus, meios próprios e transporte escolar
MG	Francisco Sá	P.A. Serafim	Projeto de Assentamento	Meios próprios e transporte escolar
MG	Francisco Sá	Quilombinho e Vaca Brava	Povoado	Ônibus, meios próprios e transporte escolar
MG	Francisco Sá	Fazenda São Paulinho	Povoado	
MG	Francisco Sá	Projeto de Assentamento Serrador	Projeto de Assentamento	
MG	Francisco Sá	Loteamento Belvedere	Loteamento	Meios próprios + transporte escolar
MG	Francisco Sá	Coqueirinho	Povoado	Ônibus e meios próprios
MG	Francisco Sá	Junco	Povoado	Ônibus (2x por dia) e meios próprios
MG	Francisco Sá	Baixa Fria	Povoado	
MG	Francisco Sá	Barreira do Totó	Povoado	Ônibus (2x por dia) e transporte escolar
MG	Francisco Sá	Furado Dantas	Povoado	
MG	Francisco Sá	Córrego do Charquinho	Povoado	
MG	Francisco Sá	Riacho dos Carneiros	Povoado	Meios próprios e transporte escolar
MG	Francisco Sá	Lagoa Nova/Baixa do Feijão	Povoado	
MG	Francisco Sá	Bengo	Povoado	Meios próprios
MG	Francisco Sá	São Geraldo	Povoado	Ônibus
MG	Francisco Sá	Boa Esperança	Povoado	Ônibus e meios próprios
MG	Francisco Sá	Jacarã II	Povoado	
MG	Francisco Sá	Boa Sorte	Povoado	Meios próprios
MG	Francisco Sá	Matos	Povoado	Meios próprios
MG	Francisco Sá	Arrozi	Povoado	Ônibus e meios próprios
MG	Francisco Sá	Traçadal	Povoado	
MG	Janaúba	Poço de Santa Cruz	Povoado	Meios próprios
MG	Janaúba	Taquaril	Povoado	Transporte escolar
MG	Janaúba	Jataí	Povoado	Meios próprios e transporte escolar
MG	Janaúba	Tirafogo	Povoado	Transporte escolar (também dá carona para não alunos)
MG	Janaúba	Pedra Preta	Povoado	Transporte escolar
MG	Janaúba	José Faustino	Povoado	Meios próprios e transporte escolar

UF	Município	Localidade	Tipo	Meios de Transporte
MG	Janaúba	Mundo Novo	Povoado	Transporte escolar e moto taxi
MG	Janaúba	Pajeú II	Povoado	Ônibus (2x por dia, 5x na semana) e meios próprios
MG	Janaúba	Baixa da Colônia	Povoado	
MG	Janaúba	Bem Viver de Vila Nova dos Poções	Comunidade Quilombola	Ônibus (3x por dia) e transporte escolar
MG	Janaúba	Quem Quem	Povoado	Ônibus
MG	Janaúba	Barroquinha	Povoado	Ônibus (1x na semana)
MG	Nova Porteirinha	Gorutuba/Ilha de Getúlio	Povoado	Ônibus (3x por dia)
MG	Nova Porteirinha	Paraguaçu	Povoado	Ônibus
MG	Porteirinha	Canabrava	Povoado	Meios próprios e taxi
MG	Porteirinha	Barreiro Dantas	Povoado	Ônibus e transporte escolar
MG	Porteirinha	Mulungu	Distrito	
MG	Porteirinha	Água Branca	Povoado	
MG	Porteirinha	Furada da Roda	Povoado	
MG	Porteirinha	Baixa do Barreiro	Povoado	
MG	Porteirinha	Furado Grande	Povoado	
MG	Porteirinha	Vila Caxingó	Povoado	
MG	Porteirinha	Lagoinha	Povoado	
MG	Catuti	Catuti	Sede Municipal	Meios próprios, transporte escolar e taxi
MG	Pai Pedro	Salinas	Povoado	Transporte escolar
MG	Pai Pedro	Miranto	Povoado	
MG	Pai Pedro	Atrás dos Morros	Povoado	
MG	Mato Verde	Ferraz	Povoado	Ônibus (1x por dia) e transporte escolar
MG	Mato Verde	Volta do Morro	Povoado	Ônibus (1x na semana) de Pai Pedro
MG	Mato Verde	Barra	Povoado	Ônibus
MG	Mato Verde	Vila Cristino	Povoado	Meios próprios
MG	Mato Verde	Fazenda da Barra	Povoado	Meios próprios e transporte escolar
MG	Mato Verde	Cristino I	Povoado	
MG	Mato Verde	Pedreira	Povoado	Ônibus (4x na semana) e transporte escolar
MG	Monte Azul	Vila Angical	Povoado	Meios próprios e

Coordenador:

Técnico:

UF	Município	Localidade	Tipo	Meios de Transporte
MG	Monte Azul	Riacho Seco	Povoado	transporte escolar
MG	Monte Azul	Pajeú de Cima	Povoado	Ônibus passa na MG122 (3x na semana) e transporte escolar
MG	Monte Azul	Pajeú	Distrito	Ônibus (3x na semana) para Monte Azul, meios próprios, van particular (2x na semana) e taxi.
MG	Monte Azul	Bicas	Povoado	Meios próprios e transporte escolar
MG	Monte Azul	Lagoa Comprida	Povoado	
MG	Monte Azul	Landinho	Povoado	
MG	Monte Azul	Ramalhudo	Povoado	
MG	Monte Azul	Riacho Quente	Povoado	Ônibus (3x na semana) e transporte escolar
MG	Monte Azul	Junco	Povoado	
MG	Monte Azul	Rebentão	Povoado	Meios próprios e ônibus particular
MG	Monte Azul	Lagoinha	Povoado	
MG	Monte Azul	Barreiro Grande	Povoado	Meios próprios
MG	Monte Azul	Rio Abaixo	Povoado	
MG	Monte Azul	Barreiro da Cruz	Povoado	
MG	Monte Azul	Barreiro do Mato	Povoado	
MG	Monte Azul	Baixão	Povoado	Meios próprios e transporte escolar
MG	Monte Azul	Capoeira Grande	Povoado	
MG	Monte Azul	Picada	Povoado	
MG	Monte Azul	Tabuleiro	Povoado	
MG	Mamonas	Urubu	Povoado	Ônibus e transporte escolar
MG	Mamonas	Mimoso	Povoado	
MG	Espinosa	São Pedro	Povoado	
MG	Espinosa	Barro Vermelho	Povoado	
MG	Espinosa	Lagoinha	Povoado	
MG	Espinosa	Santo Antônio	Povoado	
MG	Espinosa	Várzea da Pedra	Povoado	
MG	Espinosa	Canabrava	Povoado	

UF	Município	Localidade	Tipo	Meios de Transporte
MG	Espinosa	Raposa do Rio Verde	Povoado	Meios próprios e transporte escolar
MG	Espinosa	Lagoa do Morro	Povoado	
MG	Espinosa	Lagoa da Tapera	Povoado	
MG	Espinosa	Sussuarana	Povoado	
MG	Espinosa	Serrinha	Povoado	
MG	Espinosa	Lagoa da Romana	Povoado	
MG	Espinosa	Poços	Povoado	
MG	Espinosa	Barreiro Dantas	Povoado	
MG	Espinosa	Paus Pretos	Povoado	
MG	Espinosa	Havana	Povoado	
MG	Espinosa	Santa Marta	Povoado	
MG	Espinosa	Lagoa do Marruás	Povoado	Meios próprios, transporte escolar e moto taxi
MG	Espinosa	Dourados	Povoado	Meios próprios e transporte escolar
BA	Urandi	Rio Verde	Povoado	Meios próprios e van escolar particular
BA	Urandi	Pedra Aguda	Povoado	
BA	Urandi	Caldeirão	Povoado	
BA	Urandi	Canavista	Povoado	
BA	Urandi	Cachoeira	Povoado	
BA	Urandi	Agreste/Fazenda Boa Esperança	Povoado	Meios próprios e transporte escolar
BA	Urandi	Tiririca	Povoado	
BA	Urandi	Cubículo	Povoado	
BA	Urandi	Fazenda Entre Morros	Povoado	
BA	Urandi	Poço Bom	Povoado	
BA	Urandi	Quixabá	Povoado	
BA	Urandi	Fazenda Boa Sorte	Povoado	
BA	Urandi	Riachão	Povoado	

UF	Município	Localidade	Tipo	Meios de Transporte
BA	Urandi	Casa Nova	Povoado	Meios próprios e transporte escolar
BA	Urandi	Fazenda Barra do Mulungu	Povoado	
BA	Urandi	Lagoinha	Povoado	
BA	Urandi	Feijão Preto	Povoado	
BA	Urandi	Fazenda Olho D'Água	Povoado	
BA	Urandi	Salinas	Povoado	Meios próprios, transporte escolar e ônibus particular
BA	Urandi	Barra da Varginha	Povoado	Meios próprios e transporte escolar
BA	Urandi	Fazenda Ladeira Grande	Povoado	
BA	Urandi	Fazenda Grama	Povoado	
BA	Urandi	Mata Veado	Povoado	
BA	Urandi	Fazenda Lagedinho	Povoado	
BA	Urandi	Fazenda Água Verde	Povoado	Meios próprios
BA	Urandi	Fazenda Bananeira	Povoado	Meios próprios e transporte escolar
BA	Pindaí	Fazenda Tataíra	Povoado	
BA	Pindaí	Morro do Macaco	Povoado	
BA	Pindaí	Pesqueiro I e II	Povoado	
BA	Pindaí	Lagoinha	Povoado	
BA	Pindaí	Lagoa de Dominginhos	Povoado	
BA	Pindaí	Fazenda Jacu	Povoado	Meios próprios, transporte escolar e particular de Paus Pretos
BA	Pindaí	Pau de Colher	Povoado	
BA	Pindaí	Paus Pretos	Povoado	Meios próprios, transporte escolar e transporte particular (2ª para Guanambi e Sábado para feiras em Pindaí)
BA	Pindaí	Lagoa do Curral	Povoado	Meios próprios e transporte escolar
BA	Pindaí	Morrinhos	Povoado	
BA	Pindaí	Fazenda Caraíbas	Povoado	
BA	Pindaí	Morro da Barra	Povoado	
BA	Pindaí	Lagoa Dantas	Povoado	Meios próprios, transporte escolar e van particular
BA	Pindaí	Lagoa Velha	Distrito	Meios próprios e transporte escolar
BA	Pindaí	Olho D'Água	Povoado	

UF	Município	Localidade	Tipo	Meios de Transporte
BA	Pindaí	Tanque	Povoado	Meios próprios
BA	Pindaí	Lagoa do Arroz	Povoado	
BA	Pindaí	Fazenda Morrinhos	Povoado	
BA	Pindaí	Salinas	Povoado	
BA	Pindaí	Recreio	Povoado	
BA	Pindaí	Morro do Pindaí	Povoado	Meios próprios e transporte escolar
BA	Pindaí	Mato Grosso	Povoado	Meios próprios
BA	Pindaí	Furado Fundo	Povoado	Meios próprios, transporte escolar e taxi
BA	Pindaí	Fazenda Cajueiro	Povoado	Meios próprios e transporte escolar
BA	Pindaí	Limeira	Povoado	
BA	Pindaí	Pedra Ladeira	Povoado	
BA	Candiba	Gameleiras	Povoado	
BA	Candiba	Pilões	Distrito	Ônibus (1x na semana) para a feira de Candiba, meios próprios, transporte escolar e taxi
BA	Candiba	Fazenda Tanquinho	Povoado	Meios próprios e transporte escolar
BA	Candiba	Fazenda Dourados	Povoado	
BA	Candiba	Fazenda Morrinhos II	Povoado	
BA	Candiba	Fazenda Caco	Povoado	
BA	Candiba	Pinheiros	Povoado	Ônibus (1x na semana) para a feira de Candiba e meios próprios
BA	Candiba	Dourado	Povoado	Meios próprios e transporte escolar
BA	Guanambi	Fazenda Tambori	Povoado	Meios próprios e van particular (2x na semana) para Guanambi
BA	Guanambi	Curral de Varas	Povoado	Meios próprios, van particular e transporte escolar
BA	Guanambi	Jurema Barbosa	Povoado	
BA	Guanambi	Lagoa da Pedra de João Cotrim	Povoado	Meios próprios e transporte escolar
BA	Guanambi	Buraquinho	Povoado	

UF	Município	Localidade		Tipo	Meios de Transporte
BA	Guanambi	Ceraíma		Distrito	Meios próprios, transporte escolar e van particular
BA	Guanambi	Fazenda Lagoa Suja		Povoado	Meios próprios e transporte escolar
BA	Guanambi	Fazenda Lagoa da Pedra		Povoado	
BA	Guanambi	Sítio dos Gatos		Povoado	
BA	Guanambi	Barro Vermelho		Povoado	Meios próprios e van particular
BA	Guanambi	Invernada		Povoado	Meios próprios
BA	Guanambi	Rio Grande		Povoado	
BA	Guanambi	Morrinhos		Distrito	Meios próprios e van particular
BA	Guanambi	Sítio Novo	Povoado	Meios próprios e transporte escolar	
BA	Guanambi	Malhada do Canto	Povoado		
BA	Guanambi	Fazenda Barra Arrancada	Povoado		
BA	Guanambi	Posto do Pega	Povoado		
BA	Guanambi	Fazenda Morrinhos	Povoado		
BA	Caetité	Fazenda Gado Bravo	Povoado		
BA	Caetité	Fazenda Vereda do Cercado	Povoado		
BA	Caetité	Pirajá	Povoado		Meios próprios e transporte particular (3x na semana)

Fonte: Ecology Brasil, 2017.

As rodovias na AEL do empreendimento são: BR-259; BR-135; BR-251; BR-451; BR-122; BR-030, sendo que a BR-135 e BR-122 e MG-220; MG-308; MG-401; BA-263; BA-938; BA-936 e BA-937. Esses são os principais eixos de circulação na escala regional, pois interligam localidades identificadas aos polos locais e regionais. As principais vias de acesso e movimentação da população na Área de Estudo Local são apresentadas no **Quadro 2.2.4.4.3-4**.

As sedes municipais e as localidades PA Final Feliz - Catoni Sede, Picadinha (Joaquim Felício), Catarina, PA Professor Mazan, Alto Belo (Bocaiuva); Tabocal I e II (Glaucilândia), Comunidade Rural Hollywood (Montes Claros), PA Serrador, Loteamento Belvedere (Francisco Sá), Poço de Santa Cruz, Jataí, Tirafogo, Mundo Novo (Janaúba), Pajeú (Monte Azul), Sussuarana, Santa Marta, Dourados (Espinosa), Canavista, Mata Veado (Urandi) e Morrinhos (Guanambi) são as únicas cujos acessos se dão exclusivamente por rodovias ou estradas municipais. Ou seja, em 235 das 261 localidades identificadas na AEL a via de acesso se dá por meio de vicinal, estradas de caráter secundário e na maioria das vezes sem asfaltamento.

Quadro 2.2.4.4.3-4 - Vias de Acesso às localidades da Área de Estudo Local

UF	Município	Localidade	Tipo	Vias de acesso
MG	Presidente Juscelino	Retiro da Gameleira	Povoado	Vicinal e BR 259
MG	Presidente Juscelino	Serra do Gonçalves	Povoado	
MG	Monjolos	Tamburiu / Fazenda Passageiro	Povoado	Vicinal
MG	Monjolos	Quebra Pé	Distrito	
MG	Monjolos	Monjolos	Sede Municipal	MG 220 e BR 135
MG	Monjolos	Rodeador	Povoado	Vicinal*, MG 220 e BR 135
MG	Gouveia	Alexandre Mascarenhas	Vila/UBS	Vicinal e BR 259
MG	Gouveia	Estaboca	Fazenda	Vicinal
MG	Gouveia	Mangabeiras	Povoado	
MG	Santo Hipólito	Caquende	Povoado	
MG	Santo Hipólito	Senhora da Glória	Distrito/UBS	
MG	Santo Hipólito	Santa Cruz	Povoado	
MG	Santo Hipólito	Vale Fundo	Distrito	Vicinal movimentada *
MG	Santo Hipólito	Santo Hipólito	Sede Municipal	MG 220 e BR 135
MG	Augusto de Lima	Mocambo	Povoado	Vicinal e BR 135
MG	Augusto de Lima	Malhada Alta	Povoado	Vicinal
MG	Augusto de Lima	Alto Mangabeira	Povoado	
MG	Augusto de Lima	Poções	Povoado	
MG	Augusto de Lima	Sumidouro	Povoado	
MG	Augusto de Lima	Cafundó dos currais	Povoado	
MG	Augusto de Lima	Cafundó	Povoado	
MG	Augusto de Lima	Mangal	Povoado	
MG	Augusto de Lima	Vila Santa Bárbara	Povoado	Vicinal asfaltada* e BR 135
MG	Augusto de Lima	Conceição de Teixeira/Saúde	Povoado	Vicinal
MG	Buenópolis	Salobo	Povoado	
MG	Buenópolis	Pé de Serra	Povoado	
MG	Buenópolis	Curimataí	Povoado	
MG	Buenópolis	Venturino	Povoado	
MG	Joaquim Felício	Lagoinha	Povoado	Vicinal e BR 135
MG	Joaquim Felício	Vaca Brava / Barreirinhos	Povoado	Vicinal

UF	Município	Localidade	Tipo	Vias de acesso
MG	Joaquim Felício	P.A. Final Feliz - Catoni Sede	Projeto de Assentamento	BR 135
MG	Joaquim Felício	Picadinha	Povoado	
MG	Joaquim Felício	Barreiro Grande/Fazenda Ribeirão	Povoado	Vicinal e BR 135
MG	Joaquim Felício	Fazenda Bhavnagar	Fazenda	
MG	Joaquim Felício	P.A. Betinho - Riachinho	Projeto de Assentamento	
MG	Bocaiúva	P.A. Betinho - Barragem da Caatinga	Projeto de Assentamento	Vicinal
MG	Bocaiúva	P.A. Betinho - Lagoa Grande	Projeto de Assentamento	
MG	Bocaiúva	P.A. Betinho - Angico	Projeto de Assentamento	
MG	Bocaiúva	P.A. Betinho - Poço do Bento	Projeto de Assentamento	Vicinal e BR 135
MG	Bocaiúva	P.A. Betinho - Triunfo	Projeto de Assentamento	
MG	Bocaiúva	P.A. Betinho - Barragem do Bambu	Projeto de Assentamento	
MG	Bocaiúva	Distrito Engenheiro Dolabela	Distrito/UBS	
MG	Bocaiúva	Bairro Nova Dolabela	Bairro	BR-135 + Vicinal
MG	Bocaiúva	Roça Velha	Povoado	
MG	Bocaiúva	Torquato Leite e Taboa	Povoado	
MG	Bocaiúva	Região Fazenda Riachinho: Imbé, Morros, Taboas e Garrotes	Povoado	
MG	Bocaiúva	Poções	Povoado	
MG	Bocaiúva	Cabeceira de Poções	Povoado	BR-451 + Vicinal
MG	Bocaiúva	Fazenda Bahia	Povoado	
MG	Bocaiúva	Vaquejada	Povoado	
MG	Bocaiúva	Taboquinha II e Fazenda Córrego Fundo	Povoado	BR-135 + Vicinal
MG	Bocaiúva	Lalau e Morro Alto	Povoado	
MG	Bocaiúva	Catarina	Povoado	BR-135
MG	Bocaiúva	Santa Cruz	Povoado	Vicinal
MG	Bocaiúva	P.A. Professor Mazan	Projeto de Assentamento	Estrada Municipal para Alto Belo

UF	Município	Localidade	Tipo	Vias de acesso
MG	Bocaiúva	Curral de Vara	Povoado	Vicinal
MG	Bocaiúva	Camilo Prates	Povoado	
MG	Bocaiúva	Alto Belo	Povoado	Estrada Municipal para Alto Belo
MG	Engenheiro Navarro	Campo Limpo	Povoado	BR-135 + Vicinal
MG	Engenheiro Navarro	Tirirical	Povoado	
MG	Engenheiro Navarro	Distrito São Norberto	Distrito	
MG	Engenheiro Navarro	Limoeiro	Povoado	
MG	Engenheiro Navarro	Sede Municipal	Sede Municipal	BR-135
MG	Engenheiro Navarro	P.A. Elói Ferreira	Projeto de Assentamento	Antiga MG-208 + Vicinal
MG	Guaraciama	Rio Félix II	Povoado	Vicinal
MG	Guaraciama	Rio Felix I	Povoado	
MG	Glaucilândia	Tabocal II	Povoado	Rodovia Municipal Glaucilândia – Rio de Pedra
MG	Glaucilândia	Tabocal I	Povoado	
MG	Juramento	Sede Municipal	Sede Municipal	MG-308
MG	Juramento	Maquiné	Povoado	MG-308 + Vicinal
MG	Juramento	Campo Grande	Povoado	
MG	Juramento	Saracura, Lambari, Prata e Tira Chapéus	Povoado	
MG	Montes Claros	Mandacaru	Povoado	
MG	Montes Claros	Mimoso	Povoado	
MG	Montes Claros	Comunidade Rural Hollywood	Povoado	MG-308

UF	Município	Localidade	Tipo	Vias de acesso
MG	Montes Claros	Me Livre	Povoado	MG-308 + Vicinal
MG	Montes Claros	Pau Gonçalo	Povoado	
MG	Montes Claros	Chacreamento Alphaville,	Chacreamento	
MG	Montes Claros	Fazenda Borá	Povoado	
MG	Montes Claros	Ponta do Morro	Povoado	
MG	Montes Claros	Laranjal	Povoado	
MG	Montes Claros	Barrocãozinho e Estrela Guia	Povoado	BR-122 + Vicinal
MG	Montes Claros	Rio Verde	Povoado	
MG	Francisco Sá	Fazenda Serafim e Fazenda Aroeira	Povoado	BR-251 + Vicinal
MG	Francisco Sá	PA Serafim	Projeto de Assentamento	
MG	Francisco Sá	Quilombinho e Vaca Brava	Povoado	
MG	Francisco Sá	Fazenda São Paulinho	Povoado	
MG	Francisco Sá	PA Serrador	Projeto de Assentamento	BR-251
MG	Francisco Sá	Loteamento Belvedere	Loteamento	
MG	Francisco Sá	Coqueirinho	Povoado	Vicinas
MG	Francisco Sá	Junco	Povoado	
MG	Francisco Sá	Baixa Fria	Povoado	
MG	Francisco Sá	Barreira do Totó	Povoado	
MG	Francisco Sá	Furado Dantas	Povoado	
MG	Francisco Sá	Córrego do Charquinho	Povoado	
MG	Francisco Sá	Riacho dos Carneiros	Povoado	BR-122 e vicinas
MG	Francisco Sá	Lagoa Nova/Baixa do Feijão	Povoado	
MG	Francisco Sá	Bengo	Povoado	Vicinas
MG	Francisco Sá	São Geraldo	Povoado	BR-122 e vicinas
MG	Francisco Sá	Boa Esperança	Povoado	BR-122
MG	Francisco Sá	Jacarã II	Povoado	
MG	Francisco Sá	Boa Sorte	Povoado	BR-122 e vicinas
MG	Francisco Sá	Matos	Povoado	Vicinas
MG	Francisco Sá	Arrozi	Povoado	
MG	Francisco Sá	Traçadal	Povoado	
MG	Janaúba	Poço de Santa Cruz	Povoado	Estrada do Balneário e BR-122
MG	Janaúba	Taquaril	Povoado	

UF	Município	Localidade	Tipo	Vias de acesso
MG	Janaúba	Jataí	Povoado	BR-122, Estrada do Jataí e Estrada do Balneário
MG	Janaúba	Tirafogo	Povoado	Estrada Salviana Caldas e MG-401
MG	Janaúba	Pedra Preta	Povoado	Vicinas e MG-401
MG	Janaúba	José Faustino	Povoado	
MG	Janaúba	Mundo Novo	Povoado	MG-401
MG	Janaúba	Pajeú II	Povoado	Vicinas e MG-401
MG	Janaúba	Baixa da Colônia	Povoado	Vicinas e BR-122
MG	Janaúba	Vila Nova dos Poções (Quilombo)	Povoado	Vicinas e MG-401
MG	Janaúba	Quem Quem	Povoado	Vicinas e BR-122
MG	Janaúba	Barroquinha	Povoado	
MG	Nova Porteirinha	Gorutuba/Ilha de Getúlio	Povoado	Vicinas
MG	Nova Porteirinha	Paraguaçu	Povoado	
MG	Porteirinha	Canabrava	Povoado	
MG	Porteirinha	Barreiro Dantas	Povoado	Vicinas e BR-122
MG	Porteirinha	Mulungu	Distrito	
MG	Porteirinha	Água Branca	Povoado	
MG	Porteirinha	Furada da Roda	Povoado	Vicinas, Rodovia Bertolino Batista de Oliveira e BR-122
MG	Porteirinha	Baixa do Barreiro	Povoado	
MG	Porteirinha	Furado Grande	Povoado	Vicinas e BR-122
MG	Porteirinha	Vila Caxingó	Povoado	
MG	Porteirinha	Lagoinha	Povoado	
MG	Catuti	Catuti	Sede Municipal	Vicinas
MG	Pai Pedro	Salinas	Povoado	
MG	Pai Pedro	Miranto	Povoado	Vicinas e Rodovia Bertolino Batista de Oliveira
MG	Pai Pedro	Atrás dos Morros	Povoado	Vicinas e BR-122
MG	Mato Verde	Ferraz	Povoado	Vicinas
MG	Mato Verde	Volta do Morro	Povoado	Vicinas e BR-122
MG	Mato Verde	Barra	Povoado	

UF	Município	Localidade	Tipo	Vias de acesso
MG	Mato Verde	Vila Cristino	Povoado	Vicinais
MG	Mato Verde	Fazenda da Barra	Povoado	
MG	Mato Verde	Cristino I	Povoado	
MG	Mato Verde	Pedreira	Povoado	
MG	Monte Azul	Vila Angical	Povoado	Vicinais e BR-122
MG	Monte Azul	Riacho Seco	Povoado	
MG	Monte Azul	Pajeú de Cima	Povoado	
MG	Monte Azul	Pajeú	Distrito	BR-122
MG	Monte Azul	Bicas	Povoado	Vicinais e BR-122
MG	Monte Azul	Lagoa Comprida	Povoado	
MG	Monte Azul	Landinho	Povoado	Vicinais e Estrada que liga Monte Azul a Gamaleiras
MG	Monte Azul	Ramalhudo	Povoado	Vicinais e BR-122
MG	Monte Azul	Riacho Quente	Povoado	
MG	Monte Azul	Junco	Povoado	
MG	Monte Azul	Rebentão	Povoado	Vicinais
MG	Monte Azul	Lagoinha	Povoado	
MG	Monte Azul	Barreiro Grande	Povoado	
MG	Monte Azul	Rio Abaixo	Povoado	
MG	Monte Azul	Barreiro da Cruz	Povoado	
MG	Monte Azul	Barreiro do Mato	Povoado	
MG	Monte Azul	Baixão	Povoado	
MG	Monte Azul	Capoeira Grande	Povoado	
MG	Monte Azul	Picada	Povoado	
MG	Monte Azul	Tabuleiro	Povoado	
MG	Mamonas	Urubu	Povoado	Vicinais e BR-122
MG	Mamonas	Mimoso	Povoado	
MG	Espinosa	São Pedro	Povoado	Vicinais
MG	Espinosa	Barro Vermelho	Povoado	Vicinais e Estrada Pará Mingu
MG	Espinosa	Lagoinha	Povoado	Vicinais
MG	Espinosa	Santo Antônio	Povoado	
MG	Espinosa	Várzea da Pedra	Povoado	
MG	Espinosa	Canabrava	Povoado	
MG	Espinosa	Raposa do Rio Verde	Povoado	
MG	Espinosa	Lagoa do Morro	Povoado	

UF	Município	Localidade	Tipo	Vias de acesso
MG	Espinosa	Lagoa da Tapera	Povoado	Vicinas e BR-122
MG	Espinosa	Sussuarana	Povoado	BR-122
MG	Espinosa	Serrinha	Povoado	Vicinas, Estrada Pará O. Estreito e BR-122
MG	Espinosa	Lagoa da Romana	Povoado	Vicinas e Estrada Pará O. Estreito
MG	Espinosa	Poços	Povoado	
MG	Espinosa	Barreiro Dantas	Povoado	Vicinas e BR-122
MG	Espinosa	Paus Pretos	Povoado	Vicinas
MG	Espinosa	Havana	Povoado	Vicinas e BR-122
MG	Espinosa	Santa Marta	Povoado	BR-122
MG	Espinosa	Lagoa do Marruais	Povoado	Vicinas e BR-122
MG	Espinosa	Dourados	Povoado	BR-122
BA	Urandi	Rio Verde	Povoado	Vicinas e BR-122
BA	Urandi	Pedra Aguda	Povoado	Vicinas
BA	Urandi	Caldeirão	Povoado	Vicinas e BA-263
BA	Urandi	Canavista	Povoado	BA-263
BA	Urandi	Cachoeira	Povoado	Vicinas e BA-263
BA	Urandi	Agreste/ Fazenda Boa Esperança	Povoado	
BA	Urandi	Tiririca	Povoado	
BA	Urandi	Cubículo	Povoado	
BA	Urandi	Fazenda Entre Morros	Povoado	Vicinas
BA	Urandi	Poço Bom	Povoado	
BA	Urandi	Quixabá	Povoado	Vicinas e BR-122
BA	Urandi	Fazenda Boa Sorte	Povoado	
BA	Urandi	Riachão	Povoado	
BA	Urandi	Casa Nova	Povoado	
BA	Urandi	Fazenda Barra do Mulungu	Povoado	
BA	Urandi	Lagoinha	Povoado	
BA	Urandi	Feijão Preto	Povoado	
BA	Urandi	Fazenda Olho D'Água	Povoado	
BA	Urandi	Salinas	Povoado	Vicinas
BA	Urandi	Barra da Varginha	Povoado	
BA	Urandi	Fazenda Ladeira Grande	Povoado	
BA	Urandi	Fazenda Grama	Povoado	

UF	Município	Localidade	Tipo	Vias de acesso
BA	Urandi	Mata Veado	Povoado	BR-122
BA	Urandi	Fazenda Lagedinho	Povoado	Vicinais e BR-122
BA	Urandi	Fazenda Água Verde	Povoado	
BA	Urandi	Fazenda Bananeira	Povoado	Vicinais
BA	Pindaí	Fazenda Tataíra	Povoado	
BA	Pindaí	Morro do Macaco	Povoado	
BA	Pindaí	Pesqueiro I e II	Povoado	
BA	Pindaí	Lagoinha	Povoado	
BA	Pindaí	Lagoa de Dominginhos	Povoado	Vicinais e BR-122
BA	Pindaí	Fazenda Jacu	Povoado	
BA	Pindaí	Pau de Colher	Povoado	Vicinais
BA	Pindaí	Paus Pretos	Povoado	
BA	Pindaí	Lagoa do Curral	Povoado	Vicinais e BR-122
BA	Pindaí	Morrinhos	Povoado	
BA	Pindaí	Fazenda Caraíbas	Povoado	
BA	Pindaí	Morro da Barra	Povoado	
BA	Pindaí	Lagoa Dantas	Povoado	Vicinais e BA-938
BA	Pindaí	Lagoa Velha	Distrito	Vicinais
BA	Pindaí	Olho D'Água	Povoado	Vicinais e Estrada para Guanambi
BA	Pindaí	Tanque	Povoado	
BA	Pindaí	Lagoa do Arroz	Povoado	
BA	Pindaí	Fazenda Morrinhos	Povoado	Vicinais
BA	Pindaí	Salinas	Povoado	Vicinais e BR-122
BA	Pindaí	Recreio	Povoado	
BA	Pindaí	Morro do Pindaí	Povoado	
BA	Pindaí	Mato Grosso	Povoado	
BA	Pindaí	Furado Fundo	Povoado	Vicinais
BA	Pindaí	Fazenda Cajueiro	Povoado	
BA	Pindaí	Limeira	Povoado	
BA	Pindaí	Pedra Ladeira	Povoado	
BA	Pindaí	Fazenda Tanquinho	Povoado	
BA	Candiba	Gameleiras	Povoado	Vicinais, BR-122 e BA-612
BA	Candiba	Pilões	Distrito	
BA	Candiba	Fazenda Tanquinho	Povoado	Vicinais e BR-122
BA	Candiba	Fazenda Dourados	Povoado	
BA	Candiba	Fazenda Morrinhos II	Povoado	
BA	Candiba	Fazenda Caco	Povoado	

UF	Município	Localidade	Tipo	Vias de acesso
BA	Candiba	Pinheiros	Povoado	Vicinas
BA	Candiba	Dourado	Povoado	Vicinas e BR-122
BA	Guanambi	Fazenda Tambori	Povoado	Vicinas, BR-030 e BA-936
BA	Guanambi	Curral de Varas	Povoado	Vicinas e BA-936
BA	Guanambi	Jurema Barbosa	Povoado	
BA	Guanambi	Lagoa da Pedra de João Cotrim	Povoado	
BA	Guanambi	Buraquinho	Povoado	
BA	Guanambi	Ceraíma	Distrito	Vicinas, BR-122 e BA-938
BA	Guanambi	Fazenda Lagoa Suja	Povoado	Vicinas, BR-030 e BA-936
BA	Guanambi	Fazenda Lagoa da Pedra	Povoado	
BA	Guanambi	Sítio dos Gatos	Povoado	
BA	Guanambi	Barro Vermelho	Povoado	Vicinas e BA-936
BA	Guanambi	Invernada	Povoado	
BA	Guanambi	Rio Grande	Povoado	
BA	Guanambi	Morrinhos	Distrito	BA-936
BA	Guanambi	Sítio Novo	Povoado	Vicinas
BA	Guanambi	Malhada do Canto	Povoado	Vicinas e BR-122
BA	Guanambi	Fazenda Barra Arrancada	Povoado	Vicinas
BA	Guanambi	Posto do Pega	Povoado	Vicinas, BR-122, BR-030 e BA-938
BA	Guanambi	Fazenda Morrinhos	Povoado	Vicinas e BR-122
BA	Caetité	Fazenda Gado Bravo	Povoado	
BA	Caetité	Fazenda Vereda do Cercado	Povoado	Vicinas e BR-030
BA	Caetité	Pirajá	Povoado	Vicinas, BA-937 e BR-122

Fonte: Ecology Brasil, 2017.

Nos **Quadro 2.2.4.4.3-5**, **Quadro 2.2.4.4.3-6** e **Quadro 2.2.4.4.3-7** a seguir apresentados estão listadas as vias de acesso que serão interceptadas pelo empreendimento nos respectivos trechos e circuitos (Lotes). Tais vias terão tráfego e circulação interrompidos ou afetados em alguns momentos da obra devido ao processo de instalação da LT. Há vicinas que serão interceptadas em mais de um ponto, sendo, portanto, locais de maior sensibilidade no que tange às questões do tráfego e da circulação, como nos exemplos a seguir: a vicinal que liga os povoados Conceição de

Teixeira (Augusto de Lima) e Salobo (Buenópolis) à BR-315, será interceptada pela LT tanto no Lote 14 (coordenadas 591576/8014638) quanto no Lote 16 (coordenadas 596911/8009808); no trecho entre Santa Cruz e Vale Fundo (Santo Hipólito) a LT cruza a vicinal 3 (três) vezes (coordenadas 600354/7955531; 600352/7954757 e 600255/7952995); entre Monjolos e Vale Fundo (Santo Hipólito) a LT cruza a vicinal 2 (duas) vezes (coordenadas 597724/7971752 e 596625/7978320).

Outro impacto importante previsto ocorrerá nas localidades às margens dessas rodovias a serem interceptadas com a instalação de canteiros de obras nos municípios de Presidente Juscelino, Monjolos, Augusto de Lima, Buenópolis, Bocaiuva, Glaucilândia, Capitão Enéas, Janaúba, Pai Pedro, Monte Azul, Urandi, Guanambi e Caetité, principalmente, por conta da grande circulação de veículos, equipamentos e maquinário de grande porte. O risco se deve ao fato de que nos povoados rurais há muitas crianças circulando, além de pequenas criações de animais que muitas vezes ficam soltas (a perda acarreta em prejuízo para os moradores, visto que é um dos pilares da economia de subsistência).

Quadro 2.2.4.4.3-5 - Vias de acesso interceptadas pela LT – Lote 14

UF	Município	Km da LT	Coord. E	Coord. N	Tipo
MG	Presidente Juscelino	331,1	594697	7937357	Rodovia - BR 259
MG	Presidente Juscelino	320,2	589637	7946040	Vicinal
MG	Santo Hipólito	309,5	584561	7956316	Vicinal
MG	Santo Hipólito	305,6	588342	7960601	Vicinal
MG	Santo Hipólito	287,1	583456	7978496	Rodovia - MG 220
MG	Santo Hipólito	286,7	584086	7978902	Rodovia - MG 220
MG	Augusto de Lima	272,4	584781	7993207	Vicinal
MG	Augusto de Lima	272,1	584898	7993485	Vicinal
MG	Augusto de Lima	263,6	587433	8001621	Vicinal
MG	Buenópolis	249,9	591576	8014638	Vicinal
MG	Janaúba	249,6	677256	8240206	Rodovia BR-122
MG	Janaúba	249,4	677786	8240994	Rodovia BR-122
MG	Janaúba	248,5	677379	8241752	Vicinal
MG	Janaúba	247,3	676699	8242728	Vicinal
MG	Janaúba	241,0	674467	8248611	Vicinal
MG	Janaúba	240,0	674224	8249737	Vicinal
MG	Janaúba	239,1	671581	8249633	Vicinal
MG	Buenópolis	237,5	593050	8026881	Vicinal
MG	Janaúba	237,0	673059	8252261	Vicinal
MG	Janaúba	235,3	673138	8254030	Vicinal

UF	Município	Km da LT	Coord. E	Coord. N	Tipo
MG	Janaúba	232,2	673710	8250340	Vicinal
MG	Janaúba	232,2	673710	8257089	MG-401
MG	Janaúba	227,7	675443	8261442	Vicinal
MG	Janaúba	226,5	674983	8262651	Vicinal
MG	Joaquim Felício	225,7	594666	8038566	Rodovia - BR 135
MG	Joaquim Felício	222,6	595117	8041604	Vicinal
MG	Janaúba	221,0	680205	8265183	Rodovia
MG	Joaquim Felício	219,4	596615	8044361	Rodovia - BR 135
MG	Joaquim Felício	218,7	596576	8045137	Vicinal
MG	Joaquim Felício	218,4	596339	8045614	Rodovia - BR 135
MG	Janaúba	214,8	681992	8270862	Rodovia
MG	Nova Porteirinha	212,6	684223	8271032	Vicinal
MG	Joaquim Felício	212,4	598904	8051047	Vicinal
MG	Joaquim Felício	209,3	600260	8053829	Vicinal
MG	Joaquim Felício	206,7	600772	8056187	Vicinal
MG	Porteirinha	204,1	691504	8275570	Vicinal
MG	Joaquim Felício	201,5	600518	8061420	Rodovia - BR 135
MG	Porteirinha	201,3	693838	8277100	Vicinal
MG	Joaquim Felício	197,7	600398	8065231	Vicinal
MG	Joaquim Felício	196,3	601191	8066568	Rodovia - BR 135
MG	Pai Pedro	196,1	698142	8279890	Vicinal
MG	Joaquim Felício	195,3	601079	8067579	Vicinal
MG	Bocaiúva	192,1	603173	8070002	Vicinal
MG	Bocaiúva	190,7	604090	8071103	Rodovia - BR 135
MG	Bocaiúva	188,1	605905	8073062	Vicinal
MG	Bocaiúva	187,4	605474	8073977	Vicinal
MG	Bocaiúva	186,3	606354	8074777	Vicinal
MG	Bocaiúva	185,3	606689	8075798	Vicinal
MG	Engenheiro Navarro	177,1	611574	8082077	Vicinal
MG	Engenheiro Navarro	176,8	611342	8082725	Vicinal
MG	Pai Pedro	175,0	713358	8294671	Vicinal
MG	Engenheiro Navarro	172,8	614247	8085407	Vicinal
MG	Mato Verde	170,8	714725	8298941	Vicinal
MG	Catuti	169,5	715541	8299929	Vicinal
MG	Engenheiro Navarro	169,4	614916	8088632	Vicinal

UF	Município	Km da LT	Coord. E	Coord. N	Tipo
MG	Engenheiro Navarro	169,4	614704	8088709	Rodovia - BR 135
MG	Engenheiro Navarro	169,3	614730	8088720	Rodovia - BR 135
MG	Engenheiro Navarro	169,3	614776	8088771	Rodovia - BR 135
MG	Catuti	167,1	717036	8301766	Vicinal
MG	Monte Azul	160,9	720170	8307253	Vicinal
MG	Monte Azul	160,8	720146	8307264	Vicinal
MG	Monte Azul	159,9	720594	8308046	Vicinal
MG	Monte Azul	159,4	720761	8308546	Vicinal
MG	Monte Azul	156,7	721802	8310867	Vicinal
MG	Monte Azul	155,5	722888	8311752	Vicinal
MG	Monte Azul	154,0	723598	8313165	Vicinal
MG	Monte Azul	151,9	724648	8314900	Estrada Pará Jaíba
MG	Bocaiúva	144,0	619058	8113637	Vicinal
MG	Monte Azul	143,3	724102	8323262	Vicinal
MG	Monte Azul	143,3	724087	8323299	Vicinal
MG	Monte Azul	142,4	723934	8324136	Vicinal
MG	Bocaiúva	138,1	622459	8118366	Rodovia - BR 135
MG	Monte Azul	136,7	722397	8329768	Vicinal
MG	Monte Azul	134,9	721284	8332339	Vicinal
MG	Monte Azul	132,4	724477	8334015	Vicinal
MG	Mamonas	130,0	725111	8336286	Vicinal
MG	Mamonas	129,5	725231	8336844	Vicinal
MG	Mamonas	128,4	725694	8337887	Vicinal
MG	Bocaiúva	125,6	629188	8128858	Vicinal
MG	Mamonas	124,4	727474	8341397	Vicinal
MG	Mamonas	123,0	727934	8342686	Vicinal
MG	Mamonas	122,1	728218	8343516	Vicinal
MG	Mamonas	118,7	729373	8346740	Vicinal
MG	Espinosa	117,9	729564	8347503	Vicinal
MG	Espinosa	116,7	729961	8348347	Vicinal
MG	Espinosa	115,3	730601	8349885	Vicinal
MG	Espinosa	114,0	731060	8351135	Vicinal
MG	Espinosa	112,5	732367	8351871	Vicinal
MG	Montes Claros	111,2	632643	8142757	Vicinal
MG	Espinosa	110,2	735525	8351041	Vicinal
MG	Montes Claros	110,0	633000	8143899	Rodovia MG-308

UF	Município	Km da LT	Coord. E	Coord. N	Tipo
MG	Espinosa	109,6	734879	8353319	Vicinal
MG	Espinosa	108,6	735758	8353833	Vicinal
MG	Espinosa	108,6	735791	8353784	Vicinal
MG	Espinosa	105,7	738288	8355310	Vicinal
MG	Espinosa	102,5	740678	8357262	Vicinal
BA	Urandi	101,8	740907	8357911	Vicinal
BA	Urandi	94,1	743622	8365088	Vicinal
MG	Francisco Sá	93,9	637842	8159130	Rodovia BR -122
MG	Francisco Sá	91,1	638933	8161727	Vicinal
BA	Urandi	90,8	743383	8368357	Vicinal
BA	Urandi	88,8	743167	8370309	Rodovia BA-263
BA	Urandi	88,7	743111	8370438	Vicinal
BA	Urandi	87,0	744654	8372420	Vicinal
BA	Urandi	86,5	742813	8372622	Vicinal
BA	Urandi	85,9	745067	8373060	Vicinal
BA	Urandi	84,1	743014	8375041	Vicinal
BA	Urandi	83,5	743066	8375583	Vicinal
BA	Urandi	83,1	743003	8375963	Vicinal
BA	Urandi	79,0	743468	8380185	Vicinal
BA	Urandi	76,0	742583	8383060	Vicinal
BA	Pindaí	74,7	742462	8384418	Vicinal
BA	Pindaí	71,2	741990	8387874	Vicinal
BA	Pindaí	71,1	742209	8387937	Vicinal
BA	Pindaí	67,7	744129	8391606	Vicinal
BA	Pindaí	65,6	741751	8393476	Vicinal
BA	Pindaí	65,3	742565	8393820	Vicinal
BA	Pindaí	61,6	741274	8397400	Vicinal
BA	Pindaí	61,0	741232	8398022	Vicinal
BA	Pindaí	60,7	741188	8398296	Vicinal
MG	Francisco Sá	60,4	645874	8191109	Vicinal
MG	Francisco Sá	60,3	645691	8191250	Rodovia BR-451
MG	Francisco Sá	59,8	642050	8192127	Vicinal
BA	Pindaí	58,2	741868	8400716	Vicinal
BA	Pindaí	56,7	742248	8402148	Vicinal
BA	Pindaí	56,2	742232	8402712	Vicinal
BA	Pindaí	55,4	742201	8403470	Vicinal
BA	Pindaí	55,0	742206	8403932	Vicinal

UF	Município	Km da LT	Coord. E	Coord. N	Tipo
BA	Candiba	53,3	742195	8405624	Vicinal
BA	Candiba	51,6	742176	8407292	Rodovia BR-122
BA	Candiba	50,4	742375	8408416	Vicinal
BA	Candiba	49,7	742601	8409172	Vicinal
BA	Candiba	48,2	743017	8410564	Vicinal
BA	Candiba	45,2	742404	8413536	Vicinal
BA	Candiba	44,1	742230	8414548	Vicinal
BA	Guanambi	40,9	742856	8417498	Vicinal
BA	Guanambi	35,4	746113	8421776	Rodovia BA-938
BA	Guanambi	35,4	746060	8421830	Rodovia BA-938
BA	Guanambi	31,6	747979	8425092	Vicinal
BA	Guanambi	30,7	747670	8426340	Vicinal
BA	Guanambi	29,4	749032	8426972	Vicinal
BA	Guanambi	23,3	750411	8432964	Rodovia BR-030
BA	Guanambi	22,1	750602	8434126	Vicinal
BA	Guanambi	22,1	750602	8434126	Vicinal
BA	Guanambi	19,8	752085	8435898	Vicinal
BA	Guanambi	18,7	752822	8436782	Vicinal
BA	Caetité	15,9	754566	8438922	Vicinal
BA	Caetité	14,7	755325	8439802	Vicinal
BA	Caetité	10,0	757356	8444010	Vicinal
BA	Caetité	9,1	757670	8444882	Vicinal
BA	Caetité	6,8	756904	8447088	Vicinal

Fonte: Ecology Brasil, 2017.

Quadro 2.2.4.4.3-6 - Vias de Acesso interceptadas pela LT – Lote 15

UF	Município	Km da LT	Coord. X	Coord. Y	Tipo
MG	Janaúba	252,4	679704	8238827	Vicinal
MG	Janaúba	242,8	681316	8241545	Estrada do Jataí
MG	Janaúba	238,8	684760	8243510	Estrada do balneário
MG	Janaúba	233,4	688225	8247213	Vicinal
MG	Janaúba	231,4	688104	8249165	Vicinal
MG	Porteirinha	225,4	689474	8254919	Vicinal
MG	Nova Porteirinha	224,1	688573	8258156	Vicinal
MG	Porteirinha	210,6	702795	8261608	Vicinal
MG	Porteirinha	198,9	709426	8272283	Rua Bertolino Batista de Oliveira
MG	Porteirinha	191,7	716334	8274452	Vicinal
MG	Porteirinha	184,6	719305	8282389	Vicinal
MG	Porteirinha	183,7	719551	8283016	Vicinal
MG	Pai Pedro	182,9	718674	8284089	Vicinal
MG	Pai Pedro	182,5	719709	8284255	Vicinal
MG	Porteirinha	181,1	718619	8280867	Vicinal
MG	Pai Pedro	181,1	720121	8285589	Vicinal
MG	Pai Pedro	180,5	720160	8286163	Vicinal
MG	Pai Pedro	177,6	720855	8288952	Vicinal
MG	Mato Verde	174,7	721941	8291690	Vicinal
MG	Mato Verde	172,6	722813	8293636	Vicinal
MG	Mato Verde	170,3	723798	8295692	Vicinal
MG	Mato Verde	168,6	724529	8297174	Vicinal
MG	Mato Verde	168,1	724615	8297732	Rodovia Joaquim de Freitas Neves
MG	Mato Verde	167,6	724980	8298120	Vicinal
MG	Mato Verde	167,2	724943	8298603	Vicinal
MG	Mato Verde	165,2	725693	8300466	Estrada da Barra
MG	Monte Azul	159,2	726559	8305744	Vicinal
MG	Monte Azul	157,4	726672	8307771	Vicinal
MG	Monte Azul	155,9	726773	8309300	Vicinal
MG	Monte Azul	145,2	730222	8319263	Vicinal
MG	Monte Azul	141,4	728526	8323919	Vicinal
MG	Monte Azul	141,4	728522	8323944	Vicinal
MG	Monte Azul	140,9	731625	8323338	Vicinal
MG	Monte Azul	139,9	731950	8324318	Vicinal

Coordenador:

Técnico:

UF	Município	Km da LT	Coord. X	Coord. Y	Tipo
MG	Monte Azul	136,5	733069	8327536	Vicinal
MG	Monte Azul	133,6	734358	8330102	Vicinal
MG	Monte Azul	132,9	734645	8330780	Vicinal
MG	Espinosa	129,2	735054	8334709	Vicinal
MG	Espinosa	128,1	734292	8336280	Vicinal
MG	Espinosa	124,4	738611	8338274	Vicinal
MG	Espinosa	120,6	740705	8341447	Vicinal
MG	Espinosa	119,3	741670	8342312	Vicinal
MG	Espinosa	118,1	742099	8343436	Vicinal
MG	Espinosa	115,4	743541	8345811	Vicinal
MG	Espinosa	114,4	744375	8346470	Vicinal
MG	Espinosa	114,0	744544	8346745	Vicinal
MG	Espinosa	113,5	744845	8347153	Vicinal
MG	Espinosa	110,7	746698	8349335	Vicinal
MG	Espinosa	108,5	748108	8351065	Vicinal
BA	Urandi	105,8	749730	8352989	Vicinal
BA	Urandi	105,1	750173	8353539	Vicinal
BA	Urandi	102,2	751614	8356085	Vicinal
BA	Urandi	100,1	752486	8357938	Vicinal
BA	Urandi	96,9	753951	8360804	Vicinal
BA	Urandi	91,5	756253	8365616	Vicinal
BA	Urandi	90,6	756120	8366540	Vicinal
BA	Urandi	90,5	752502	8366223	Vicinal
BA	Urandi	90,0	756078	8367063	Vicinal
BA	Urandi	89,8	755946	8367266	Vicinal
BA	Urandi	89,5	756060	8367613	Rodovia BA-263
BA	Urandi	89,2	756335	8368150	Vicinal
BA	Urandi	88,8	755638	8368089	Vicinal
BA	Urandi	87,1	752580	8368266	Rodovia BR-122
BA	Urandi	86,2	752373	8369125	Rodovia BR-122
BA	Urandi	86,0	753619	8370235	Vicinal
BA	Urandi	81,0	753932	8375369	Vicinal
BA	Urandi	80,9	753655	8375450	Vicinal
BA	Urandi	76,8	752753	8379500	Vicinal
BA	Urandi	76,7	752856	8379592	Vicinal
BA	Urandi	75,3	752570	8381005	Vicinal

UF	Município	Km da LT	Coord. X	Coord. Y	Tipo
BA	Urundi	71,4	751952	8384959	Vicinal
BA	Pindaí	69,7	751825	8386588	Vicinal
BA	Pindaí	67,7	751847	8388630	Vicinal
BA	Pindaí	66,8	751905	8389466	Vicinal
BA	Pindaí	65,2	752018	8390894	Vicinal
BA	Pindaí	63,4	751999	8392724	Vicinal
BA	Pindaí	62,0	752074	8394170	Vicinal
BA	Pindaí	60,0	752089	8396198	Vicinal
BA	Pindaí	57,0	750632	8399200	Vicinal
BA	Pindaí	56,4	752302	8399790	Vicinal
BA	Pindaí	48,4	755707	8406348	Vicinal
BA	Pindaí	47,9	751685	8408182	Vicinal
BA	Pindaí	46,7	752136	8409332	Vicinal
BA	Pindaí	44,1	753163	8411760	Vicinal
BA	Pindaí	42,0	753994	8413604	Vicinal
BA	Pindaí	39,7	754922	8415710	Vicinal
BA	Pindaí	38,1	755709	8417194	Vicinal
BA	Guanambi	35,4	756116	8419892	Vicinal
BA	Guanambi	33,5	756610	8421928	Vicinal
BA	Guanambi	32,5	757007	8422746	Vicinal
BA	Guanambi	30,9	757547	8423958	Vicinal
BA	Guanambi	29,8	759411	8424570	Vicinal
BA	Guanambi	27,6	758600	8426418	Vicinal
BA	Guanambi	26,2	758549	8427910	Vicinal
BA	Guanambi	25,7	758311	8428428	Vicinal
BA	Guanambi	25,2	758191	8428868	Vicinal
BA	Guanambi	22,7	757113	8431220	Vicinal
BA	Guanambi	20,9	757274	8433144	Vicinal
BA	Caetité	16,3	757951	8437604	Rodovia BR-122
BA	Caetité	8,8	757758	8444944	Vicinal

Fonte: Ecology Brasil, 2017.

Quadro 2.2.4.4.3-7 - Vias de Acesso interceptadas pela LT – Lote 16

UF	Município	Km da LT	Coord. X	Coord. Y	Tipo
MG	Presidente Juscelino	323,3	595879	7937667	Rodovia - BR 259
MG	Gouveia	311,1	599700	7948477	Vicinal
MG	Monjolos	306,5	600255	7952995	Vicinal
MG	Santo Hipólito	304,7	600352	7954757	Vicinal
MG	Santo Hipólito	303,9	600354	7955531	Vicinal
MG	Monjolos	288,4	598162	7970886	Vicinal
MG	Monjolos	287,4	597724	7971752	Vicinal
MG	Monjolos	280,7	596625	7978320	Vicinal
MG	Monjolos	274,3	596434	7984682	Vicinal
MG	Augusto de Lima	273,6	596037	7985406	Vicinal
MG	Augusto de Lima	263,1	596294	7995875	Vicinal
MG	Augusto de Lima	260,8	596325	7998240	Vicinal
MG	Augusto de Lima	258,9	596119	8000134	Vicinal
MG	Augusto de Lima	254,2	596339	8004823	Vicinal
MG	Augusto de Lima	252,8	596279	8006262	Vicinal
MG	Augusto de Lima	252,8	596315	8006268	Vicinal
MG	Augusto de Lima	249,2	596911	8009808	Vicinal
MG	Buenópolis	229,3	605125	8027516	Vicinal
MG	Buenópolis	227,1	604887	8029959	Vicinal
MG	Buenópolis	220,2	607904	8036219	Vicinal
MG	Buenópolis	219,5	607401	8037093	Vicinal
MG	Bocaiúva	197,0	611425	8059200	Vicinal
MG	Bocaiúva	196,1	610524	8060095	Vicinal
MG	Bocaiúva	186,9	614693	8067844	Vicinal
MG	Bocaiúva	176,1	621560	8076187	Vicinal
MG	Olhos-D'água	162,0	626800	8089135	Vicinal
MG	Bocaiúva	150,9	629655	8099853	Vicinal
MG	Bocaiúva	146,9	630412	8103740	Rodovia - BR 451
MG	Bocaiúva	124,9	637610	8124313	Vicinal
MG	Glaucilândia	115,2	644005	8131572	Vicinal
MG	Juramento	106,9	648254	8138749	Vicinal
MG	Juramento	105,8	649027	8139563	Rodovia - MG 308
MG	Juramento	104,8	649241	8140685	Vicinal
MG	Juramento	104,3	648971	8141138	Vicinal
MG	Francisco Sá	88,6	651003	8156622	Vicinal
MG	Francisco Sá	80,2	653321	8164720	Vicinal

UF	Município	Km da LT	Coord. X	Coord. Y	Tipo
MG	Francisco Sá	74,9	653998	8170013	Vicinal
MG	Francisco Sá	72,2	654071	8172792	Vicinal
MG	Francisco Sá	71,1	654489	8173813	
MG	Francisco Sá	66,3	655107	8178611	Vicinal
MG	Francisco Sá	65,0	655313	8180125	Vicinal
MG	Francisco Sá	60,4	655999	8184765	Vicinal
MG	Francisco Sá	57,8	656191	8187540	Vicinal
MG	Francisco Sá	56,1	656412	8189055	Vicinal
MG	Francisco Sá	52,0	657633	8192989	Vicinal
MG	Francisco Sá	49,0	659060	8195770	Vicinal
MG	Francisco Sá	48,4	656314	8197521	Vicinal
MG	Francisco Sá	47,2	661628	8196806	Vicinal
MG	Francisco Sá	46,1	660999	8198208	Vicinal
MG	Francisco Sá	37,6	665757	8205602	Vicinal
MG	Francisco Sá	31,8	669537	8210210	Vicinal
MG	Francisco Sá	26,6	672603	8214788	Vicinal
MG	Francisco Sá	23,6	671103	8218211	Vicinal
MG	Janaúba	21,7	672084	8219846	Vicinal
MG	Janaúba	20,0	672643	8221472	Vicinal

Fonte: Ecology Brasil, 2017.

2.2.4.4.3.5 - Considerações Finais

Conforme observado ao longo do presente item, o empreendimento atravessa majoritariamente áreas rurais onde a dinâmica de circulação da população é alicerçada em estradas vicinais que conectam localidades, assentamentos e distritos uns aos outros e às respectivas sedes municipais.

Tais vias são fundamentais para o acesso da população local à serviços, comércio, infraestrutura e trabalho. Como visto, é comum a circulação de transportes escolares coletivos nestas estradas, impondo alto nível de atenção necessário ao processo construtivo da LT.

ÍNDICE

2.2.4.4.4 -	Segurança Pública.....	1/13
2.2.4.4.4.1 -	Infraestrutura e Serviços de Segurança	1/13
2.2.4.4.4.1.1 -	Ocorrência de Crimes.....	3/13
2.2.4.4.4.1.2 -	Municípios com Canteiros de Obras.....	5/13
2.2.4.4.4.2 -	Considerações Finais.....	13/13

Legendas

Quadro 2.2.4.4.4-1– Estrutura de Segurança Pública nos Municípios.....	2/13
Quadro 2.2.4.4.4-2 – Ocorrência de Crimes nos Municípios da AER, na Bahia (2015).....	3/13
Quadro 2.2.4.4.4-3 – Ocorrência de Crimes nos Municípios da AER, em Minas Gerais (2015).....	4/13

2.2.4.4.4 - Segurança Pública

O presente item aborda a infraestrutura e serviços de segurança pública nos municípios da Área de Estudo Regional (AER), contemplando uma análise específica dos municípios elegíveis para sediar canteiros de obras.

Os dados foram coletados tanto em bases de dados oficiais, como de secretarias de segurança pública e sítios eletrônicos de polícias militares, além de questionários aplicados a representantes de órgãos públicos municipais.

2.2.4.4.4.1 - Infraestrutura e Serviços de Segurança

Conforme já mencionado, para compor um panorama da estrutura de segurança pública presente na AER foram levantados dados disponibilizados nos sítios eletrônicos das polícias militares e civis dos estados de Minas Gerais e da Bahia. Contudo, não estava disponível na página da polícia civil baiana a informação relativa a quantidade de delegacias de polícia nos municípios estudados. Desta forma a informação foi classificada como “s/inf”, em relação aos municípios baianos, sendo informado somente os dados referentes à parcela mineira da AER, como se verifica no **Quadro 2.2.4.4.4-1**.

Em primeiro lugar, observa-se que a estrutura de segurança pública acompanha a concentração da população, somente nos municípios mais populosos registra-se a presença de batalhões de polícia. Assim, entende-se que para qualquer eventualidade que exija o deslocamento ou o reforço no policiamento em situação emergencial, o tempo de resposta irá depender da distância entre os municípios sem essa infraestrutura e aqueles mais populosos, de modo que os municípios de menor aparato de segurança apresentam uma sensibilidade proporcional à sua distância dos centros urbanos mais populosos.

Em relação às delegacias (ERA/MG) nota-se que nem todos os municípios contam com este tipo de estrutura, de forma que eventualidades e ocorrências relacionadas ou não com impactos decorrentes do empreendimento podem ter um efeito negativo ainda maior, uma vez que a parte queixosa pode vir a ter dificuldades em relatar a ocorrência.

Quadro 2.2.4.4-1– Estrutura de Segurança Pública nos Municípios.

Municípios	Batalhão	Companhia	Pelotão	Grupamento	Delegacia
Caetité – BA	-	-	1	-	s/inf(*)
Candiba – BA	-	-	1	-	s/inf(*)
Guanambi – BA	1	-	-	-	s/inf(*)
Pindaí – BA	-	-	1	-	s/inf(*)
Urandi – BA	-	-	1	-	s/inf(*)
AER- BA	1	-	4	-	-
Augusto de Lima – MG	-	-	-	1	-
Bocaiúva – MG	-	1	-	-	1
Buenópolis – MG	-	-	1	-	1
Capitão Enéas - MG	-	-	-	1	-
Catuti – MG	-	-	-	1	-
Engenheiro Navarro – MG	-	-	-	1	-
Espinosa – MG	-	1	-	-	1
Francisco Sá – MG	-	1	-	-	1
Glaucilândia – MG	-	-	-	1	-
Gouveia – MG	-	-	1	-	1
Guaraciama – MG	-	-	-	1	-
Janaúba – MG	1	1	-	-	2
Joaquim Felício – MG	-	-	-	1	-
Juramento – MG	-	-	-	1	-
Mamonas – MG	-	-	-	1	-
Mato Verde – MG	-	-	-	1	1
Monjolos – MG	-	-	-	1	-
Monte Azul – MG	-	-	1	-	1
Montes Claros – MG	2	8	-	-	7
Nova Porteirinha – MG	-	-	-	1	-
Olhos-d'Água – MG	-	-	-	1	-
Pai Pedro – MG	-	-	-	1	-
Porteirinha – MG	--	1	-	-	1
Presidente Juscelino - MG	-	-	-	1	-
Santo Hipólito – MG	-	-	-	1	-
AER – MG	3	13	3	15	17
AER	4	13	7	15	17

Fonte: Polícia Militar do Estado de Minas Gerais, Polícia Militar do Estado da Bahia, Polícia Civil do Estado de Minas Gerais (maio 2017)
*Informação Não Disponível

2.2.4.4.1.1 - Ocorrência de Crimes

Para compor o perfil da ocorrência de crimes nos municípios da AER foram utilizados dados das Secretarias Estaduais responsáveis pela segurança pública de ambos os estados. No entanto, apesar de terem sido levantados dados referentes ao mesmo período (2015), as categorias utilizadas são diferentes, o que torna necessária a abordagem em separado. Enquanto no **Quadro 2.2.4.4.2** são apresentados os dados referentes à parcela baiana da AER, no **Quadro 2.2.4.4.3** encontram-se os dados relativos à parcela mineira.

Para reduzir a influência dos contingentes populacionais na análise, adotou-se um método comum em estudo de violência e criminalidade. Ao invés de se trabalhar com os valores absolutos das ocorrências, foram utilizadas as taxas de ocorrência para 100.000 habitantes (N° de Ocorrências X 100.000/Contingente Populacional).

Segundo as informações, o crime de maior ocorrência relativa é o furto de veículo. Em Caetité este crime apresenta a mais alta taxa de todo na AER, seguido por Guanambi, a segunda mais alta. Por outro lado, nos municípios de Urandi e Candiba o crime de maior ocorrência refere-se ao roubo de veículos. O ocorrência de estupro encontra-se presente em todos os municípios, com um expressão um pouco menor em Caetité. Em termos de risco para homicídio destacam-se Pindaí e Guanambi.

Quadro 2.2.4.4.2 – Ocorrência de Crimes nos Municípios da AER, na Bahia (2015).

Crimes	Municípios					
	Caetité-BA	Candiba-BA	Guanambi-BA	Pindaí-BA	Urandi-BA	ERA- BA
Homicídio Doloso	16,8	-	20,3	19,2	6,1	16,3
Lesão Corporal Seguida de Morte	-	-	2,5	-	-	1,2
Roubo com Resultado Morte - (Latrocínio)	-	-	-	-	6,1	0,6
Tentativa de Homicídio	6,3	-	27,9	25,6	-	16,9
Estupro	12,6	22,7	19,0	19,2	18,2	17,5
Roubo de Veículo	33,7	30,3	27,9	32,0	36,4	30,9
Furto de Veículo	94,7	15,1	77,4	64,0	24,3	71,1
Uso/Porte Substância Entorpecente (Usuários)	12,6	-	69,8	-	-	35,5

Fonte: Secretaria Estadual de Segurança Pública do Estado da Bahia (maio 2017).

Para os municípios da AER inseridos no estado de Minas Gerais, os dados foram levantados junto à Secretaria Estadual de Defesa Social de Minas Gerais, também referentes ao ano de 2015 e estão apresentados no **Quadro 2.2.4.4.4-3** Em termos metodológicos foi adotada a taxa de ocorrências por 100.000 habitantes.

Destaca-se que as categorias de *crimes violentos contra o patrimônio* e *crimes violentos* apresentam taxas superiores, em alguns casos muito superiores, aquelas observadas nos municípios baianos e em relação a taxa de homicídios. Isto ocorre, principalmente, porque tais categorias reúnem vários tipos de ocorrências criminais.

Se a ocorrência de crimes é um indicador de problemas, dificuldade ou sensibilidade no que diz respeito à segurança pública, então destacam-se os municípios de Nova Porteirinha e Janaúba, principalmente o primeiro. Considerando somente os municípios mineiros, Nova Porteirinha apresenta a segunda maior taxa de homicídios e as maiores taxas de crimes violentos contra o patrimônio e de crimes violentos. Entende-se que este destaque tenha relação com o fato de que Nova Porteirinha e Janaúba tenham suas sedes municipais conurbadas. Acabam por compartilhar o mesmo ambiente socioeconômico, mas com perfis populacionais bem diferentes. Assim, Nova Porteirinha acaba por ter o volume de criminalidade de um centro urbano, como Janaúba (que já tem um nível de ocorrências relativamente elevado, mesmo para um polo urbano, já que supera a taxa apresentada em Montes Claros), mas uma população menor que influencia na redução da taxa.

Comparando aos municípios baianos, existem oito municípios onde a taxa de homicídios é superior a maior taxa encontrada na parcela baiana da AER.

Quadro 2.2.4.4.4-3 – Ocorrência de Crimes nos Municípios da AER, em Minas Gerais (2015).

Municípios	Homicídio	Crime Violento contra Patrimônio	Crime Violentos
Augusto de Lima - MG	-	181,5	302,4
Bocaiúva – MG	19,3	130,7	126,5
Buenópolis – MG	19,4	223,5	330,4
Capitão Enéas - MG	6,63	-	112,7
Catuti – MG	39,2	58,8	137,2
Engenheiro Navarro - MG	-	154,5	210,6
Espinosa – MG	6,4	298,9	343,9
Francisco Sá – MG	8,0	104,4	144,5
Glaucilândia – MG	-	33,8	67,5
Gouveia – MG	25,7	34,2	119,9
Guaraciama – MG	21,2	84,8	148,4

Municípios	Homicídio	Crime Violento contra Patrimônio	Crime Violentos
Janaúba – MG	56,9	732,0	875,7
Joaquim Felício – MG	46,5	139,4	185,8
Juramento - MG	-	97,3	170,2
Mamonas - MG	15,8	253,1	284,8
Mata Verde - MG	25,4	114,3	190,5
Monjolos - MG	-	42,4	84,7
Monte Azul - MG	13,6	145,5	195,5
Montes Claros - MG	12,7	843,6	910,4
Nova Porteirinha - MG	54,1	1054,3	1189,5
Olhos-d'Água - MG	19,0	189,9	246,8
Pai Pedro - MG	16,9	118,0	134,8
Porteirinha - MG	29,2	281,7	348,2
Presidente Juscelino - MG	-	102,4	153,5
Santo Hipólito - MG	-	30,9	154,4
AER MG	18,9	588,3	656,4

Fonte: Secretaria Estadual de Defesa Social. (maio 2017).

2.2.4.4.4.1.2 - Municípios com Canteiros de Obras

- Augusto de Lima - MG

A estrutura de segurança pública no município de Augusto de Lima conta atualmente com um destacamento do Batalhão da Polícia Militar e com a Comarca de Polícia Civil do município de Buenópolis. O que representa um contingente de 07 (sete) policiais militares e um (01) policial civil. Há uma coordenação entre os municípios da região com o objetivo de minimizar as deficiências de segurança pública, apoiada pelo município de Buenópolis, que contribui com estrutura e contingente policial, caso seja necessário.

Augusto de Lima aciona o município de Curvelo, pois não dispõe de destacamento de Corpo de Bombeiros Em relação à Defesa Civil, o município aciona Montes Claros.

Entre as principais vulnerabilidades detectadas estão a precariedade do próprio serviço de segurança pública, em função da escassez de profissionais e o aumento do número de furtos nas zonas rurais.

Com relação aos planos ou programas na área de segurança pública implementado pelo poder público no município, um vereador municipal destacou o projeto de ampliação da guarda municipal, que foi aprovado recentemente pela câmara de vereadores e o Programa Educacional de Resistência às Drogas (PROERD). O PROERD é desenvolvido nas escolas públicas e particulares, por um policial militar treinado, com a adoção de metodologia especialmente voltada para crianças e adolescentes. O objetivo é transmitir uma mensagem de valorização à vida, e da importância de manter-se longe das drogas e da violência.

- Buenópolis - MG

A estrutura de segurança pública no município de Buenópolis conta atualmente com uma Delegacia da Polícia Militar e uma Delegacia de Polícia Civil. O que representa um contingente de 08 (oito) policiais militares e 04 (quatro) policiais civis. Há uma coordenação entre os municípios da região com o objetivo de minimizar as deficiências de segurança pública, apoiada pelo município de Curvelo, que contribui com estrutura e contingente policial, caso seja necessário.

O município aciona Curvelo quando necessita dos serviços do Corpo de Bombeiros. Em relação à Defesa Civil, há no município apenas um conselho, com atuação ativa.

Entre as principais vulnerabilidades detectadas estão a precariedade do próprio serviço de segurança pública em função da escassez de profissionais, especialmente, no que se refere aos serviços da Delegacia de Polícia Civil, pois esta encontra-se sem delegado.

A falta de estrutura de trabalho, de armamento e viaturas, também, é apontada como ponto vulnerável, quando as principais ocorrências estão relacionadas ao furto nas áreas rurais.

Com relação aos planos ou programas na área de segurança pública implementado pelo poder público no município, os representantes do poder público municipal, destacaram a Patrulha Rural e o Programa Educacional de Resistência às Drogas (PROERD).

- Monjolos – MG

A estrutura de segurança pública no município de Monjolos conta atualmente com uma Delegacia da Polícia Militar. O que representa um contingente de 06 (seis) policiais militares. Há uma coordenação entre os municípios da região com o objetivo de minimizar as deficiências de

segurança pública, apoiada pelo município de Curvelo, que contribui com estrutura e contingente policial, caso seja necessário.

Em relação aos serviços do Corpo de Bombeiros, Monjolos aciona o município de Diamantina. Em relação à Defesa Civil, há no município um prédio, porém não há funcionários contratados.

Entre as principais vulnerabilidades detectadas estão a precariedade do próprio serviço de segurança pública em função da escassez de profissionais. A falta de estrutura de trabalho, de armamento e viaturas, também, é apontada como ponto vulnerável, quando as principais ocorrências estão relacionadas a pequenos furtos e ao uso de drogas.

Com relação aos planos ou programas na área de segurança pública implementado pelo poder público, o tesoureiro municipal destacou o convênio do município com a Polícia Militar (PM), onde são desenvolvidas palestras nas escolas e manutenção da frota de carros.

- Presidente Juscelino – MG

A estrutura de segurança pública no município de Presidente Juscelino conta atualmente com um quartel da Polícia Militar e uma Delegacia de Polícia Civil. O que representa um contingente de 07 (sete) policiais militares e 02 (dois) policiais civis. Há uma coordenação entre os municípios da região com o objetivo de minimizar as deficiências de segurança pública, apoiada pelo município de Curvelo, que contribui com estrutura e contingente policial caso seja necessário.

Em relação aos serviços prestados pelo Corpo de Bombeiros, Presidente Juscelino aciona o município de Curvelo. O prefeito destacou, ainda, que a Defesa Civil e o Conselho Municipal de Meio Ambiente (CODEMA) estão em processo de criação e serão implementados no primeiro semestre de 2017.

Entre as principais vulnerabilidades detectadas estão a precariedade do próprio serviço de segurança pública em função da escassez de profissionais. A falta de estrutura de trabalho, de armamento e viaturas, também, é apontada como ponto vulnerável, quando as principais ocorrências estão relacionadas aos furtos nas áreas rurais.

Com relação aos planos ou programas na área de segurança pública implementado pelo poder público no município, o senhor prefeito destacou a Patrulha Rural – voltado para assegurar as áreas rurais e o Programa Educacional de Resistência às Drogas (PROERD).

- Bocaiúva - MG

A estrutura de segurança pública no município de Bocaiúva conta atualmente com um quartel da Polícia Militar e uma Delegacia de Polícia Civil. O que representa um contingente de 20 (vinte) policiais militares e 05 (cinco) policiais civis, além de 01 (um) presídio de pequeno porte e a Guarda Florestal, com 05 (cinco) homens. Há uma coordenação entre os municípios da região com o objetivo de minimizar as deficiências de segurança pública, apoiada pelo município de Montes Claros, que contribui com estrutura e contingente policial caso seja necessário.

O município não possui uma Brigada de Incêndio e quando necessário aciona Montes Claros. Em relação à Defesa Civil, o município conta com esta estrutura, com atuação ativa.

Entre as principais vulnerabilidades detectadas estão a precariedade do próprio serviço de segurança pública em função da escassez de profissionais. Segundo a agente administrativa, há a ocorrência de pequenos e médios furtos e o aumento do tráfico de drogas.

Com relação aos planos ou programas na área de segurança pública implementado pelo poder público no município, o secretário de Administração destacou a Patrulha Rural e o Programa Educacional de Resistência às Drogas (PROERD).

- Glaucilândia – MG

A estrutura de segurança pública no município de Glaucilândia conta atualmente com um destacamento do Batalhão da Polícia Militar. O que representa um contingente de 06 (seis) a 08 (oito) policiais militares. Há uma coordenação entre os municípios da região com o objetivo de minimizar as deficiências de segurança pública, apoiada pelo município de Montes Claros, que contribui com estrutura e contingente policial, caso seja necessário.

Em relação ao Corpo de Bombeiros e à Defesa Civil, Glaucilândia aciona o município de Montes Claros.

Entre as principais vulnerabilidades detectadas estão a precariedade do próprio serviço de segurança pública em função da escassez de profissionais e de frota. Segundo o Secretário Municipal de Finanças, Glaucilândia é um município pacato com baixos índices de furtos, homicídio e de usuários de drogas.

Com relação aos planos ou programas na área de segurança pública implementado pelo poder público no município, o secretário de Finanças destacou a Patrulha Rural e o Programa Educacional de Resistência às Drogas (PROERD).

- Capitão Enéas – MG

O município de Capitão Enéas, também selecionado para sediar um canteiro de obras, ainda que não tenha seu território interceptado pelo traçado do empreendimento, conta com um Conselho Comunitário de Segurança Pública.

Integrante da Décima primeira região da Polícia Militar de Minas Gerais, sediada no município de Montes Claros, Capitão Enéas dispões de um grupamento militar, embora esteja vinculado ao 50º Batalhão sediado também em Montes Claros.

Não foi possível levantar informações quanto ao efetivo policial no município, recomendando-se que uma análise detida seja empreendida por ocasião da implementação dos programas ambientais do processo de licenciamento do empreendimento.

- Janaúba – MG

A estrutura de segurança pública no município de Janaúba conta atualmente com o 51º Batalhão da Polícia Militar, uma Regional Polícia Civil e uma Delegacia da Polícia Federal. O que representa um contingente de 500 (quinhentos) policiais militares e 20 (vinte) policiais federais.

Há, ainda, 01 (um) Pelotão da Polícia Florestal, com 27 homens (vinte e sete) e 01 (um) Pelotão da Polícia Rodoviária com 25 (vinte e cinco) homens. Existe uma coordenação entre os municípios da região com o objetivo de minimizar as deficiências de segurança pública, além da presença de uma COMARCA onde a população é contemplada pelos serviços do Fórum, da Defensoria Pública e pelo Ministério Público.

O município conta ainda com 01 (um) Pelotão do Corpo de Bombeiro, que dispõe de 27 (vinte e sete) funcionários. Em relação à Defesa Civil, há no município, apenas, uma coordenadoria, com boa atuação.

Entre as principais vulnerabilidades detectadas destacam-se furtos nas áreas urbanas, sobretudo, nas rurais. Segundo o vice-prefeito de Janaúba, a Promotoria Pública Municipal está dando início ao projeto de ampliação da guarda municipal.

A falta de estrutura de trabalho, de armamento e viaturas, também, é apontada como ponto vulnerável, uma vez que Janaúba é responsável pela segurança de mais quatorze municípios.

Com relação aos planos ou programas na área de segurança pública implementado pelo poder público no município, o vice-prefeito destacou o Programa Educacional de Resistência às Drogas (PROERD); a Patrulha Rural; o Sistema de Reeducação de Detentos e a construção de um Centro de Internação do Menor Infrator.

- Monte Azul – MG

O município conta com um destacamento da Polícia Militar, vinculado ao 51º Batalhão de Janaúba, com a atuação de 13 (treze) policiais que se revezam. O corpo de bombeiros que atende a cidade está sediado em Janaúba.

Não há Guarda Municipal na cidade e a Defesa Civil funciona apenas, como um Conselho que reúne poder público e sociedade civil. Em momento de crise funcionários de outras repartições e voluntários são convocados por ato do poder executivo. Há uma Delegacia Civil no município que conta um detetive e um escrivão. O delegado de Espinosa atende a região.

A principal vulnerabilidade na estrutura de segurança do município encontra-se no pequeno número de policiais e viaturas disponíveis para cobrir toda região. Apesar das vulnerabilidades apontadas, os entrevistados não consideram que a presença dos trabalhadores possa incrementar a violência na cidade sendo pouco sensível a ela.

Para melhorar a segurança do município, a prefeitura tem se esforçando no diálogo com o Estado, a fim de aumentar a oferta de pessoal na cidade, em contrapartida, tem oferecido apoio à Polícia Militar no que tange à manutenção das instalações policiais.

- Pai Pedro – MG

A cidade conta com um destacamento policial no qual se revezam 04 (quatro) policiais, normalmente um sargento e três soldados. O 51º Batalhão de Janaúba atende casos mais graves assim como os Bombeiros. A Defesa Civil no município é composta por funcionários alocados em outras funções somente atuam sob demanda e se organizam entre um coordenador, um auxiliar e um fiscal de campo. O único caso que exige intervenção da Defesa Civil no município é quando da ocorrência de secas prolongadas. Não há Guarda Municipal.

As principais vulnerabilidades apontadas foram a falta de viatura adequada para a patrulha, os poucos policiais cumprindo plantão, tendo em vista o território policiado e as condições inadequadas das instalações do alojamento, onde o destacamento está sediado.

A chegada dos trabalhadores será sensível para a cidade pelo adensamento do convívio social na pequena área urbana implicando em brigas, prostituição (talvez infantil) e aumento do consumo de álcool e drogas. A cidade já experimentou, entre os anos de 2009 e 2011, uma situação similar quando a estrada que a conecta com a BR122 foi asfaltada. Na ocasião, diversos trabalhadores da obra se mudaram para o município a fim de facilitar o deslocamento para o local da obra e provocou, além dos problemas citados, também, a inflação dos valores de aluguéis.

O principal plano e objetivo do município para a área de segurança é a aquisição de um veículo para os policiais lotados na cidade.

- Caetité – BA

O município conta com a 94ª Companhia Independente da Polícia Militar da Bahia, instalada em 2015, e responsável pelo policiamento de oito cidades da região. O Corpo de Bombeiros que atende emergências na cidade está sediado em Vitória da Conquista. Existe uma Guarda Municipal responsável apenas pelo trânsito.

A Defesa Civil está organizada com um coordenador, uma secretária, um setor técnico e outro operativo. Quando necessária a atuação, tais cargos são preenchidos por determinação do prefeito com a alocação de funcionários municipais, além da convocação de voluntários. A principal vulnerabilidade apontada foram os muitos casos de furtos que ocorrem no município e sua vinculação à migração interna de jovens.

Além das questões já apontadas devido à experiência com empresas de energia eólica acredita-se que a chegada de trabalhadores para as obras possa aumentar o consumo de drogas e os casos de prostituição, inclusive infantil. Não foi informado nenhum plano ou programa previsto para a área de segurança pública.

- Guanambi - BA

A cidade é sede do 17º Batalhão de Polícia Militar do Interior. Não há bombeiros nem Guarda Municipal no município, porém, para ambos, existe projetos na câmara para a criação e

regularização dos serviços. A prefeitura tenta homologar junto à ANAC a abertura do aeroporto existente na cidade para voos locais, o que demanda a estruturação de um Corpo de Bombeiros no município.

A Defesa Civil está organizada por intermédio da Coordenadoria Municipal de Defesa Civil (COMDEC), que conta com um diretor, duas coordenadorias, um conselho municipal, setor técnico e setor operativo. Nos casos de emergência, como o ocorrido neste ano devido à estiagem, o município também pode alocar funcionários de outros departamentos e convocar voluntários por portaria municipal.

O tráfico de drogas tem exigido do município grande atenção para a área de segurança, devido aos conflitos decorrentes deste mercado ilegal. Casos de assalto, também, são recorrentes, inclusive mais complexos como ataques a bancos e carros-fortes.

Espera-se que a chegada dos trabalhadores provoque um aumento no consumo e nos conflitos decorrentes do mercado ilegal de drogas, além de um aumento no consumo do álcool e possíveis atritos sociais.

O único plano municipal para a área de segurança é a instalação da Guarda Municipal que aguarda aprovação da Câmara.

- Urandi - BA

O município conta somente com dois policiais em turnos de 24 horas que se revezam vinculados ao 17º Batalhão de Guanambi.

Não há bombeiros no município, atendido, em caso de emergência pelo 7º Grupamento de Bombeiro Militar de Vitória da Conquista.

Não há Guarda Municipal, somente guardas patrimoniais que cuidam das escolas, garagens e praças, 24h por dia.

Há uma Coordenadoria de Defesa Civil no município que tem seu coordenador nomeado pelo prefeito e trabalha em conjunto com a Defesa Civil estadual quando necessário.

O pequeno efetivo policial foi apontado como a maior vulnerabilidade na área de segurança e tem permitido casos de assaltos de alta complexidade, como o praticado à agência do Banco do Brasil, no mês de março de 2017 e o que vitimou a Caixa Econômica Federal em 2016.

Provavelmente, a presença de trabalhadores afetará a segurança local, tendo como base o Projeto Estreito, coordenado pela Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (Codevasf), que em 2005 iniciou a construção de um canal de irrigação entre Urandi-BA e Espinosa-MG e afetou a segurança do município com a chegada de centenas de trabalhadores. Foram registrados aumento de furtos, consumo de drogas e brigas, além de prostituição infantil.

A prefeitura tem discutido a instituição de uma Guarda Municipal, porém, o projeto ainda é incipiente.

2.2.4.4.2 - Considerações Finais

A precariedade do serviço e da infraestrutura de segurança pública é notória na Área de Estudo, inclusive nos municípios com previsão de receber canteiros de obras. Nem todos os municípios da Área de Estudo possuem infraestrutura de segurança pública, como batalhões e delegacias de polícia, o que dificulta o pronto atendimento em casos de situações emergenciais. Os municípios de Nova Porteirinha e Janaúba, principalmente o primeiro destacam-se em termos de ocorrência de crimes, indicador central de problemas, dificuldade ou sensibilidade no que diz respeito à segurança pública.

ÍNDICE

2.2.4.4.5 -	Comunicação e Informação	1/24
2.2.4.4.5.1 -	Veículos de Rádio e Teledifusão	1/24
2.2.4.4.5.2 -	Acesso à Internet	2/24
2.2.4.4.5.3 -	Tipo de Acesso	3/24
2.2.4.4.5.4 -	Volume de Acesso	4/24
2.2.4.4.5.5 -	Comunicação e Informação na Área de Estudo Local.....	5/24
2.2.4.4.5.6 -	Considerações Finais	24/24

ANEXOS

Anexo 2.2.4.4.5-1 Lista de Municípios com Estações de Rádio e TV

Legendas

Quadro 2.2.4.4.5-1 - Canais de Comunicação e Informação na AER	2/25
Figura 2.2.4.4.5-1 – Tipos de Acesso a Internet por Município em (%) (2016).....	4/25
Figura 2.2.4.4.5-2 – Média Acessos a Internet Mês/1.000 hab. (2016).....	5/25
Quadro 2.2.4.4.5-2 - Principais Meios de Comunicação na Área de Estudo Local	7/25

2.2.4.4.5 - Comunicação e Informação

2.2.4.4.5.1 - Veículos de Rádio e Teledifusão

Para levantar os principais meios de comunicação presentes nos municípios da AER foram observados os registros de estações de rádio e teledifusão da ANATEL. Um quantitativo destes registros é apresentado no **Quadro 2.2.4.4.5-1**.

Destaca-se que nos dados da ANATEL não foram encontrados registros relativos aos municípios de Guaraciama, Capitão Enéas e Olhos D'Água, o que não quer dizer efetivamente que não tenham estações de rádio e TV. Todos os municípios baianos da AER contam com estações de televisão, contudo ao se observar o **Anexo 2.2.4.4.5-1**. Percebe-se que em muitos casos, como também ocorrem em municípios mineiros, os registros estão sob o mesmo nome. De todos os municípios estudados somente seis não apresentam estação de teledifusão, são eles: Santo Hipólito, Pai Pedro, Nova Porteirinha (lembrando que é conurbada com Janaúba), Monjolos, Glaucilândia e Mamonas. Para efeitos de contatos e comunicação deve-se considerar que estes municípios captam os sinais de teledifusão (além das emissoras regionais e nacionais) locais de estações em municípios vizinhos, também inseridos na AER.

Uma presença comum no cotidiano de cidades menores são as rádios FM locais, sendo importantes veículos para a difusão de informações de interesse local. Entre os municípios estudados somente dois não apresentam estações de rádio FM, são eles: Urandi e Presidente Juscelino, apesar de ambos contarem com estação de teledifusão.

De um modo geral nota-se que existem muito mais emissoras de sinal de TV do que rádio, o número de estação de televisão é aproximadamente três vezes superior ao de rádios FM. O quantitativo de emissoras de rádio AM é muito restrito, além disso operam em poucos municípios, do total existente na AER somente oito apresentam este tipo de veículo.

Quadro 2.2.4.4.5-1 - Canais de Comunicação e Informação na AER

Municípios	Tipos de Difusão			
	AM	FM	TV	Total
Caetitê – BA	1	2	14	17
Candiba – BA	-	1	2	3
Guanambi – BA	2	4	15	21
Pindaí – BA	-	1	2	3
Urandi – BA	-	-	8	8
AER – BA	3	8	41	52
Augusto de Lima – MG	-	2	2	4
Bocaiúva – MG	2	4	10	16
Buenópolis – MG	-	1	1	2
Catuti – MG	-	1	1	2
Engenheiro Navarro – MG	-	1	1	2
Espinosa – MG	1	1	10	12
Francisco Sá – MG	-	1	5	6
Glaucilândia – MG	-	1	-	1
Gouveia – MG	-	2	6	8
Janaúba – MG	2	3	13	18
Joaquim Felício – MG	-	1	2	3
Juramento – MG	-	1	1	2
Mamonas – MG	-	1	-	1
Mato Verde – MG	-	1	5	6
Monjolos – MG	-	1	-	1
Monte Azul – MG	1	1	10	12
Montes Claros – MG	3	11	28	42
Nova Porteirinha – MG	-	4	-	4
Pai Pedro – MG	-	1	-	-
Porteirinha – MG	1	2	11	14
Presidente Juscelino – MG	-	-	1	1
Santo Hipólito – MG	-	1	-	1
AER MG	10	42	107	158
Total Geral	13	50	148	210

Fonte – Anatel, 2016.

2.2.4.4.5.2 - Acesso à Internet

Em termos de comunicação a rede mundial de computadores (internet) tem exercido um papel de grande importância, existindo determinados públicos que podem ser atingidos preferencialmente por este veículo

e tornam-se replicadores e difusores da mensagem original. Para compor um panorama do acesso à internet nos municípios da AER foram propostos dois indicadores. Em primeiro a consideração do meio de acesso e em segundo o volume de acessos.

2.2.4.4.5.3 - Tipo de Acesso

Os dados com relação ao tipo de acesso foram obtidos junto a ANATEL e são relativos ao ano de 2016. Observa-se que não foi possível contabilizar o número de acesso da rede de telefonia móvel, uma vez que os dados são discriminados por código de área (DDD) e não por município. Assim, foram considerados três tipos de acesso:

- Assinantes de Televisão por Assinatura – Neste caso as operadoras de televisão por assinatura incluem os serviços de acesso à internet.
- Sistema de Comunicação Multimídia – Segundo a resolução da ANATEL nº614 de Maio de 2013, Anexo I, o Sistema de Comunicação Multimídia (SCM) pode ser definido como:

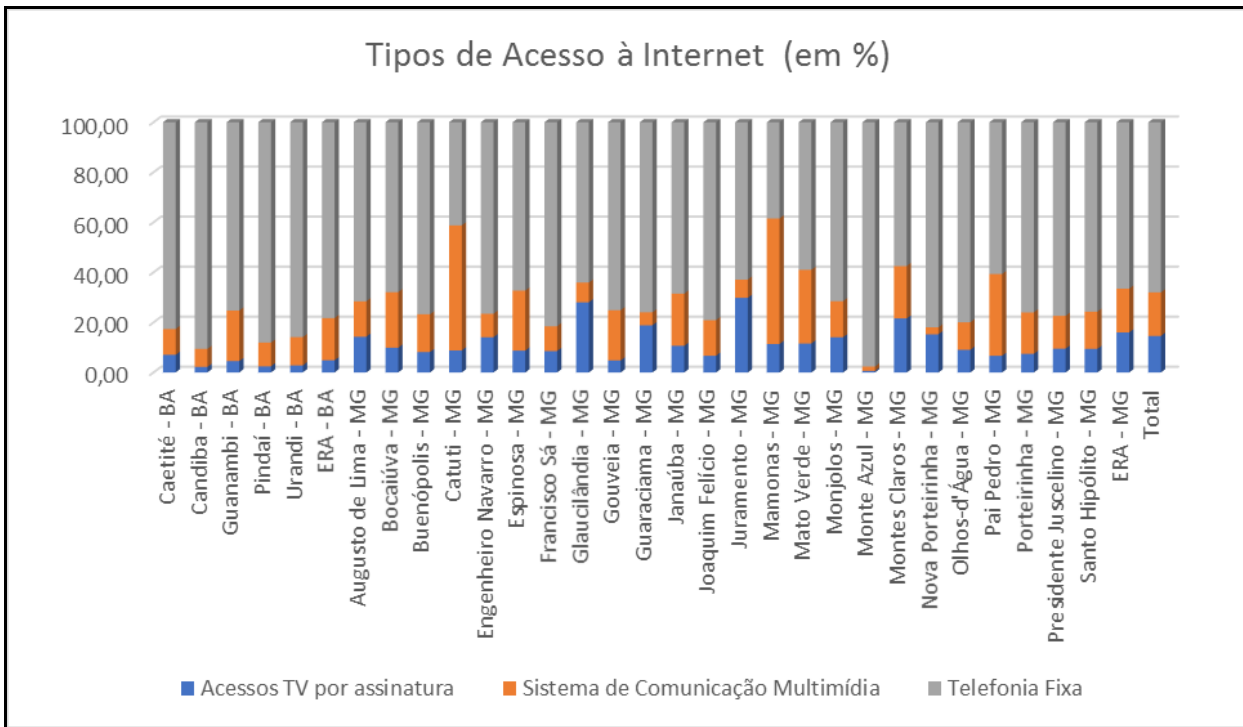
"Art. 3º O SCM é um serviço fixo de telecomunicações de interesse coletivo, prestado em âmbito nacional e internacional, no regime privado, que possibilita a oferta de capacidade de transmissão, emissão e recepção de informações multimídia, permitindo inclusive o provimento de conexão à internet, utilizando quaisquer meios, a Assinantes dentro de uma Área de Prestação de Serviço."

Popularmente conhecido também como "internet via rádio", veículo muito comum em cidades de porte pequeno e médio.

- Telefonia Fixa - O acesso é feito através de uma linha de telefone fixa.

Este dado permite enxergar o alcance da rede de internet entre a população de cada município. A **Figura 2.2.4.4.5-1** apresenta um gráfico com as às informações.

De um modo geral, destaca-se a predominância do acesso à internet por telefonia fixa, sendo o meio mais difundido em quase todos os municípios, com destaque para Monte Azul, onde representa quase a totalidade de acessos. Somente em Catuti e Mamonas, a internet por telefonia fixa não foi responsável pela maior parte dos acessos, em ambos municípios o meio mais utilizado foi o sistema multimídia. No geral o acesso via televisão por assinatura é pouco expressivo, encontrando algum destaque em Glaucilândia, Guaraciama, Juramento e Montes Claros.

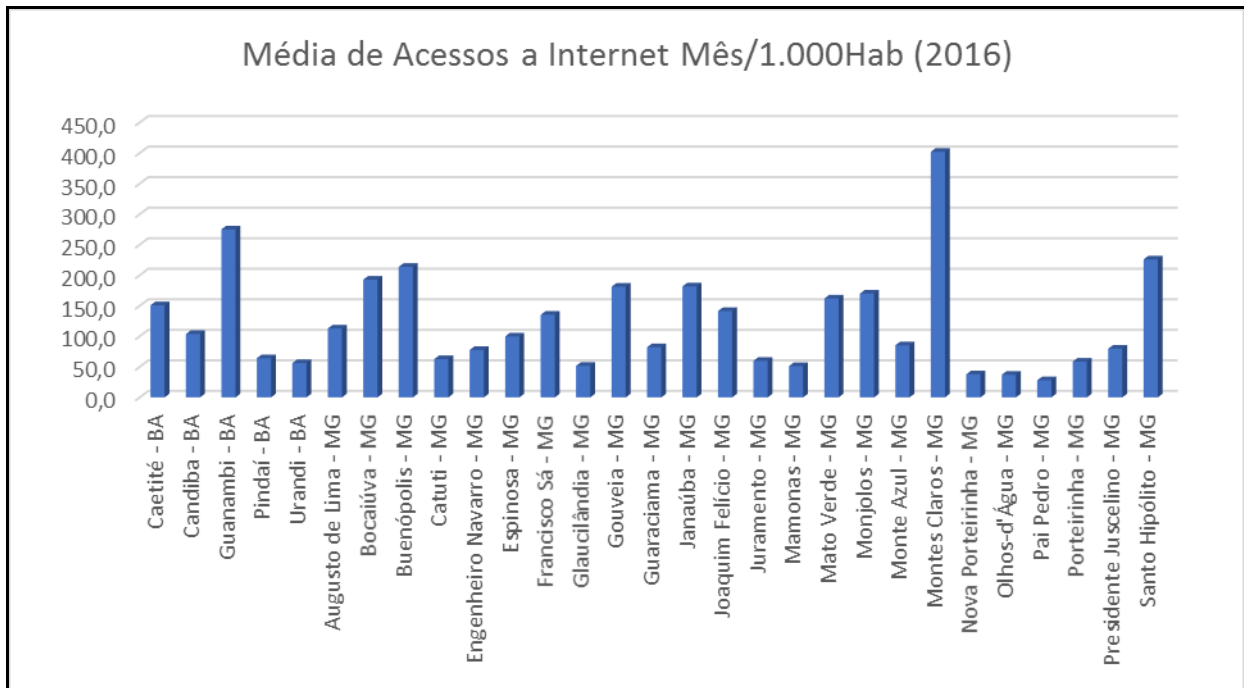


Fonte: ANATEL (Maio 2017)

Figura 2.2.4.4.5-1 – Tipos de Acesso a Internet por Município em (%) (2016).

2.2.4.4.5.4 - Volume de Acesso

Para se compor o panorama do volume de acessos à internet nos municípios da AER, foram utilizados dados do quantitativos de acessos no ano de 2016, levantados junto a ANATEL (apresentados na **Figura 2.2.4.4.5-2**). Considerando as diferenças populacionais entre os municípios optou-se por trabalhar com taxas de acesso (média mensal) por 1.000 habitantes. Mesmo com os valores dos contingentes balizados pelo uso das taxas, os municípios mais populosos, Montes Claros e Guanambi apresentam a maior quantidade relativa de acessos. No entanto, o volume tem maior relação com estrutura que população, pois Janaúba que tem a terceira maior população da AER, tem o 6º maior volume médio de acessos (por 1000 hab.). Os municípios de Buenópolis e Santo Hipólito também se destacam em volume de acessos, por outro lado, os municípios de Olhos D'Água e Pai Pedro apresentaram as menores taxas de acesso, neste último a taxa encontrada é cerca de 10 vezes menor que aquela observada em Guanambi.



Fonte: Anatel (Maio. 2017)

Figura 2.2.4.4.5-2 – Média Acessos a Internet Mês/1.000 hab. (2016).

2.2.4.4.5.5 - Comunicação e Informação na Área de Estudo Local

No que se refere às redes de comunicação e informação na Área de Estudo Local (AEL), observou-se que, praticamente a totalidade dos povoados conta com o uso do celular como veículo fundamental de comunicação. Porém, o alcance dos sinais das operadoras de celular é limitado ao entorno dos centros urbanos, já nas cidades de menor porte o sinal e a quantidade de operadoras são insuficientes. Algumas residências rurais contam com antenas para a captação de sinal dos celulares, sendo limitado o uso de internet. O acesso à banda larga fixa é desigual no território em questão e o rádio é o meio de comunicação com grande capilaridade, com veiculação de conteúdos locais. Quanto à telefonia celular a Vivo é a operadora que possui maior cobertura entre as localidades da AEL, porém na Bahia a TIM também tem cobertura expressiva, embora em Urandi o sinal desta operadora seja considerado ruim. Em alguns povoados são instalados orelhões públicos que, segundo relatos, possuem funcionalidade inconstante.

Além disso, a televisão, com o uso de antenas parabólicas e de empresas como a SKY, também apresentou-se como um item comum em todas as residências, sendo o principal meio de informação nos povoados na área rural. Nos pouquíssimos lares onde há o uso da antena de TV normal o sinal é de baixa

qualidade. Com a migração da transmissão via sinal analógico para digital, algumas localidades têm sentido a queda da qualidade, tanto na transmissão quanto na oferta de canais, que tem se limitado cada vez mais. Esse processo é mais latente principalmente nas seguintes localidades: Tabuleiro (Monte Azul); Lagoa do Morro, Lagoa da Tapera, Sussuarana, Serrinha, Lagoa da Romana, Poços, Barreiro Dantas, Paus Pretos, Havana, Santa Marta (Espinosa), Rio Verde, Pedra Aguda, Caldeirão, Canavista, Riachão, Fazenda Água Verde, Paus Pretos (Urandi), Lagoa Dantas, Lagoa Velha, Olho D'Água, Tanque, Lagoa do Arroz, Salinas, Recreio e Mato Grosso (Pindaí). As antenas com transmissão digital por satélite, como Oi TV, Claro TV e Sky ainda são pouco expressivas. No entanto, é um fenômeno em expansão em alguns municípios, como Bocaiuva, Engenheiro Navarro, Francisco Sá, Janaúba e Candiba.

Percebe-se que o rádio permanece sendo o veículo de comunicação de maior alcance na AEL, sobretudo no que tange a informação local. É também o que oferece o melhor sinal, visto que em praticamente todas as localidades o sinal é satisfatório. Em muitas localidades o uso do rádio se estende para as estações AM e FM de centros urbanos maiores como Montes Claros, Janaúba e Guanambi. Segundo moradores, as rádios mais ouvidas são as rádios das capitais ou das grandes cidades, sem indicações de referências como centrais nos povoados. Nas zonas rurais muitas vezes, são mais difundidas as frequências de rádios dos municípios vizinhos, de acordo com o alcance do sinal e à posição geográfica do povoado em relação à sede municipal.

Sobre o sinal de internet, na maioria das localidades os moradores têm como provedora a operadora de telefonia, não havendo internet em computadores. Exceções são o P.A. Final Feliz – Catoni, no qual há internet wi-fi na sede da Associação de produtores rurais, as localidades do município de Porteirinha, Rebentão, Lagoinha, Barreiro Grande, Rio Abaixo, Barreiro da Cruz e Barreiro do Mato (Monte Azul), Agreste / Fazenda Boa Esperança, Tiririca, Cubículo, Fazenda Entre Morros, Poço Bom, Quixabá, Fazenda Boa Sorte, Riachão, Salinas, Barra da Varginha, Fazenda Ladeira Grande, Fazenda Grama, Mata Veado, Fazenda Lagedinho, Fazenda Água Verde, Fazenda Bananeira (Urandi), Fazenda Tataíra, Morro do Macaco, Pesqueiro I e II, Lagoinha, Fazenda Jacu, Pau de Colher, Paus Pretos, Lagoa do Curral, Morrinhos, Fazenda Caraíbas, Morro da Barra, Lagoa Dantas, Lagoa Velha, Olho D'Água, Tanque, Lagoa do Arroz, Salinas, Recreio (Pindaí), todas as localidades de Guanambi e de Candiba, e Fazenda Gado Bravo em Caetité onde há provedoras locais de internet. Em Raposa do Rio Verde, Lagoa do Morro e Lagoa da Tapera em Espinosa só há acesso a internet nas escolas.

Quadro 2.2.4.4.5-2 - Principais Meios de Comunicação na Área de Estudo Local¹

UF	Município	Localidade	Tipo	TV	Telefonia	Internet	Rádio
MG	Presidente Juscelino	Serra do Gonçalo	Povoado	Antena Parabólica e Antena rural da Vivo	Vivo	Não	Rádio Centrominas (Curvelo) 94,3 FM
MG	Presidente Juscelino	Retiro da Gameleira	Povoado	Antena Parabólica e Antena rural da Vivo	Vivo	Não	Rádio Centrominas (Curvelo) 94,3 FM
MG	Monjolos	Rodeador	Distrito	Oi TV	Vivo	Sim	Rádio Portal (Corinto) 90,1 FM
MG	Monjolos	Quebra Pé	Povoado	Oi TV e Antena Parabólica	Vivo	Sim	Rádio Centrominas (Curvelo) 94,3 FM
MG	Monjolos	Tamburiu e Passageiro	Povoado	-	Vivo	Não	Rádio Centrominas (Curvelo) 94,3 FM
MG	Monjolos	Monjolos	Sede municipal	Oi TV	Vivo	Sim	Rádio Portal (Corinto) 90,1 FM
MG	Gouveia	Estaboca*	Povoado	-	-	-	-
MG	Gouveia	Alexandre Mascarenhas	Vila	Oi TV e SKY TV	Vivo	Sim	Rádio Centrominas (Curvelo) 94,3 FM
MG	Gouveia	Mangabeiras*	Povoado	-	-	-	-
MG	Santo Hipólito	Santo Hipólito	Sede municipal	Oi TV	Vivo	Sim	Rádio Portal (Corinto) 90,1 FM
MG	Santo Hipólito	Vale Fundo	Distrito	Antena Parabólica e SKY TV	Vivo	Não	Rádio Centrominas (Curvelo) 94,3 FM
MG	Santo Hipólito	Santa Cruz	Povoado	Antena Parabólica e SKY TV	-	Não	Rádio Centrominas (Curvelo) 94,3 FM
MG	Santo Hipólito	Senhora da Glória	Distrito	-	Vivo	Sim	Rádio Centrominas (Curvelo) 94,3 FM

¹ Nas localidades marcadas com o * não foi possível coletar informações sobre meios de comunicação.

Coordenador:

Técnico:

UF	Município	Localidade	Tipo	TV	Telefonia	Internet	Rádio
MG	Santo Hipólito	Caquende*	Povoado	-	-	-	-
MG	Augusto de Lima	Conceição de Teixeira/Saúde	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Não	Rádio Portal (Corinto) 90,1 FM
MG	Augusto de Lima	Santa Bárbara	Vila	Antena Parabólica e SKY TV	Vivo e TIM	Sim	Rádio Portal (Corinto) 90,1 FM
MG	Augusto de Lima	Mangal	Povoado	Antena Parabólica e SKY TV	Vivo e TIM	Sim	Rádio Portal (Corinto) 90,1 FM
MG	Augusto de Lima	Cafundó	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Não	Rádio Portal (Corinto) 90,1 FM
MG	Augusto de Lima	Cafundó dos currais	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Não	Rádio Portal (Corinto) 90,1 FM
MG	Augusto de Lima	Sumidouro	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Não	Rádio Portal (Corinto) 90,1 FM
MG	Augusto de Lima	Poções	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Não	Rádio Portal (Corinto) 90,1 FM
MG	Augusto de Lima	Alto Mangabeira	Povoado	Antena Parabólica	Vivo e Oi	Não	-
MG	Augusto de Lima	Malhada Alta	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Não	Rádio Portal (Corinto) 90,1 FM
MG	Augusto de Lima	Mocambo	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Não	Rádio Portal (Corinto) 90,1 FM
MG	Buenópolis	Curimataí	Povoado	Antena Parabólica e SKY TV	Vivo	Sim	-
MG	Buenópolis	Pé de Serra	Povoado	Antena Parabólica e SKY TV	-	Não	-
MG	Buenópolis	Salobo	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Não	-

UF	Município	Localidade	Tipo	TV	Telefonia	Internet	Rádio
MG	Buenópolis	Venturino	Povoado	SKY TV	Vivo	Não	-
MG	Joaquim Felício	Fazenda Bhavnagar*	Fazenda	-	-	Não	-
MG	Joaquim Felício	Barreiro Grande/Fazenda Ribeirão	Povoado	SKY TV	Vivo	Não	Rádio Estação Gerais (Bocaiúva) 101,5 FM
MG	Joaquim Felício	Picadinha	Povoado	Antena Parabólica, Antena rural da Vivo e SKY TV	Vivo	Não	-
MG	Joaquim Felício	P.A. Final Feliz - Catoni Sede	Projeto de Assentamento	Antena Parabólica e Antena rural	Vivo	Sim	-
MG	Joaquim Felício	Vaca Brava / Barreirinhos*	Povoado	-	-	-	-
MG	Joaquim Felício	Lagoinha	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Não	Rádio Estação Gerais (Bocaiúva) 101,5 FM
MG	Joaquim Felício	P.A. Betinho - Riachinho	Projeto de Assentamento	-	Vivo	Não	Rádio Estação Gerais (Bocaiúva) 101,5 FM
MG	Bocaiúva	P.A. Betinho - Barragem do Bambu	Projeto de Assentamento	Antena Parabólica e Claro TV	Vivo	Sim	-
MG	Bocaiúva	P.A. Betinho - Triunfo	Projeto de Assentamento	Antena Parabólica	Vivo	-	Rádio Estação Gerais (Bocaiúva) 101,5 FM
MG	Bocaiúva	P.A. Betinho - Poço do Bento	Projeto de Assentamento	Antena Parabólica e Oi TV	Vivo	Sim	Rádio Estação Gerais (Bocaiúva) 101,5 FM
MG	Bocaiúva	Engenheiro Dolabela	Distrito	Antena Parabólica, SKY TV e Oi TV	Vivo e Claro	Não	Rádio Estação Gerais (Bocaiúva) 101,5 FM
MG	Bocaiúva	P.A. Betinho - Angico	Projeto de Assentamento	Antena Parabólica	Vivo	Não	Rádio Estação Gerais (Bocaiúva) 101,5 FM

Coordenador:

Técnico:

UF	Município	Localidade	Tipo	TV	Telefonia	Internet	Rádio
MG	Bocaiúva	P.A. Betinho - Lagoa Grande	Projeto de Assentamento	-	Vivo	Não	Rádio Estação Gerais (Bocaiúva) 101,5 FM
MG	Bocaiúva	P.A. Betinho - Barragem da Caatinga	Projeto de Assentamento	-	Vivo	Não	Rádio Estação Gerais (Bocaiúva) 101,5 FM
MG	Bocaiúva	Bairro Nova Dolabela	Bairro	Antena Parabólica e SKY TV	Vivo, Claro	Sim	Rádio de Bocaiúva – 1140 AM
MG	Bocaiúva	Roça Velha	Povoado	Antena Parabólica	Claro	Não	Rádio de Bocaiúva – 1140 AM
MG	Bocaiúva	Torquato Leite e Taboa	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Não	Rádio de Bocaiúva – 1140 AM
MG	Bocaiúva	Região Fazenda Riachinho: Imbé, Morros, Taboas e Garrotes	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Não	Rádio de Bocaiúva – 1140 AM
MG	Bocaiúva	Poções	Povoado	Antena Parabólica e SKY TV	Vivo, Claro	Não	Rádio de Bocaiúva – 1140 AM
MG	Bocaiúva	Cabeceira de Poções	Povoado	Antena Parabólica e SKY TV	Vivo, Claro	Não	Rádio de Bocaiúva – 1140 AM
MG	Bocaiúva	Fazenda Bahia	Povoado	Antena Parabólica e SKY TV	Vivo, Claro	Não	Rádio de Bocaiúva – 1140 AM
MG	Bocaiúva	Vaquejada	Povoado	Antena Parabólica e SKY TV	Vivo, Claro	Não	Rádio de Bocaiúva – 1140 AM
MG	Bocaiúva	Taboquinha II e Fazenda Córrego Fundo	Povoado	Antena Parabólica e SKY TV	Vivo, Claro	Não	Rádio de Bocaiúva – 1140 AM
MG	Bocaiúva	Lalau e Morro Alto	Povoado	Antena Parabólica e SKY TV	Vivo	Não	Rádio de Bocaiúva – 1140 AM
MG	Bocaiúva	Catarina	Povoado	Antena Parabólica e SKY TV	Vivo	Não	Rádio de Bocaiúva – 1140 AM
MG	Bocaiúva	Santa Cruz	Povoado	Antena Parabólica e SKY TV	Vivo	Sim	Rádio de Bocaiúva – 1140 AM

UF	Município	Localidade	Tipo	TV	Telefonia	Internet	Rádio
MG	Bocaiúva	P.A. Professor Mazan	Projeto de Assentamento	Antena Parabólica e SKY TV	Vivo	Não	Rádio de Bocaiúva – 1140 AM
MG	Bocaiúva	Curral de Vara	Povoado	Antena Parabólica e SKY TV	Vivo	Sim	Rádio de Bocaiúva – 1140 AM
MG	Bocaiúva	Camilo Prates	Povoado	Antena Parabólica e SKY TV	Vivo	Sim	Rádio de Bocaiúva – 1140 AM
MG	Bocaiúva	Alto Belo	Povoado	Antena Parabólica e Oi TV	Vivo	Não	Rádio de Bocaiúva – 1140 AM
MG	Engenheiro Navarro	Campo Limpo	Povoado	Antena Parabólica	Claro	Não	Rádio de Bocaiúva – 1140 AM
MG	Engenheiro Navarro	Tirirical	Povoado	Antena Parabólica e SKY TV	Vivo	Não	Rádio de Bocaiúva – 1140 AM
MG	Engenheiro Navarro	Distrito São Norberto	Distrito	Antena Parabólica e SKY TV	Vivo	Não	Rádio de Bocaiúva – 1140 AM
MG	Engenheiro Navarro	Limoeiro	Povoado	Antena Parabólica e SKY TV	Vivo	Não	Rádio de Bocaiúva – 1140 AM
MG	Engenheiro Navarro	Engenheiro Navarro	Sede municipal	Antena Parabólica e SKY TV	Vivo, Claro, Oi	Sim	Rádio de Bocaiúva – 1140 AM e a Rádio Comunitária de Engenheiro Navarro - 102,1
MG	Engenheiro Navarro	P.A. Elói Ferreira	Projeto de Assentamento	Antena Parabólica e SKY TV	Vivo	Não	Rádio de Bocaiúva – 1140 AM e a Rádio Comunitária de Engenheiro Navarro - 102,1
MG	Guaraciama	Rio Félix II	Povoado	Antena Parabólica e SKY TV	Vivo	Sim	Rádio de Bocaiúva – 1140 AM
MG	Guaraciama	Rio Felix I	Povoado	Antena Parabólica e SKY TV	Vivo	Sim	Rádio de Bocaiúva – 1140 AM
MG	Glauvilândia	Tabocal II	Povoado	Antena Parabólica e SKY TV	Vivo	Não	104,9 FM, de Glauvilândia e a Rádio de Montes Claros– 98 FM

Coordenador:

Técnico:

UF	Município	Localidade	Tipo	TV	Telefonia	Internet	Rádio
MG	Glaucilândia	Tabocal I	Povoado	Antena Parabólica e SKY TV	Vivo	Não	104,9 FM, de Glaucilândia e a Rádio de Montes Claros – 98 FM
MG	Juramento	Sede Municipal	Povoado	Antena Parabólica e SKY TV	Vivo, Claro, Oi	Não	Rádio Montes Claros – 98 FM
MG	Juramento	Maquiné	Povoado	Antena Parabólica e SKY TV	Vivo	Não	Rádio Montes Claros – 98 FM
MG	Juramento	Campo Grande	Povoado	Antena Parabólica e SKY TV	Vivo	Não	Rádio Montes Claros – 98 FM
MG	Juramento	Saracura, Lambari, Prata e Tira Chapéus	Povoado	Antena Parabólica e SKY TV	Vivo, Oi	Não	Rádio Montes Claros – 98 FM
MG	Montes Claros	Mandacaru	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Não	Rádio Montes Claros – 98 FM
MG	Montes Claros	Mimoso	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Não	Rádio Montes Claros – 98 FM
MG	Montes Claros	Comunidade Rural Hollywood	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Não	Rádio Montes Claros – 98 FM
MG	Montes Claros	Me Livre	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Não	Rádio Montes Claros – 98 FM
MG	Montes Claros	Pau Gonçalves	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Não	Rádio Montes Claros – 98 FM
MG	Montes Claros	Chacreamento Alphaville	Chacreamento	Antena Parabólica	Vivo	Não	Rádio Montes Claros – 98 FM
MG	Montes Claros	Fazenda Borá	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Não	Rádio Montes Claros – 98 FM
MG	Montes Claros	Ponta do Morro	Povoado	Antena Parabólica e SKY TV	Vivo	Não	Rádio Montes Claros – 98 FM

UF	Município	Localidade	Tipo	TV	Telefonia	Internet	Rádio
MG	Montes Claros	Laranjal	Povoado	Antena Parabólica e SKY TV	Vivo	Não	Rádio Montes Claros – 98 FM
MG	Montes Claros	Barrocãozinho e Estrela Guia	Povoado	Antena Parabólica e SKY TV	Vivo, Claro	Não	Rádio Montes Claros – 98 FM
MG	Montes Claros	Rio Verde	Povoado	Antena Parabólica	Tim, antena rural	Não	Rádio Montes Claros – 98 FM
MG	Francisco Sá	Fazenda Serafim e Fazenda Aroeira	Povoado	Antena Parabólica	Vivo, antena rural	Não	Rádio Montes Claros – 98 FM
MG	Francisco Sá	P.A. Serafim	Projeto de Assentamento	Antena Parabólica	Tim	Não	Rádio Montes Claros – 98 FM
MG	Francisco Sá	Quilombinho e Vaca Brava	Povoado	Antena Parabólica	Claro, Oi	Não	Rádio Montes Claros – 98 FM
MG	Francisco Sá	Fazenda São Paulinho	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Não	Rádio Montes Claros – 98 FM
MG	Francisco Sá	P.A. Serrador	Projeto de Assentamento	Antena Parabólica	Tim, Claro	Não	Montes Claros – 98 FM e de Janaúba – 103,9 FM.
MG	Francisco Sá	Loteamento Belvedere	Loteamento	Antena Parabólica e SKY TV	Vivo, Claro, Tim	Sim	Rádio Montes Claros – 98 FM
MG	Francisco Sá	Coqueirinho	Povoado	Antena Parabólica	Vivo, Tim e Claro	Sim	87,7 FM (Francisco Sá)
MG	Francisco Sá	Junco	Povoado	Oi TV	Vivo	Não	98 FM (Montes Claros) e 103,9 FM (Janaúba)
MG	Francisco Sá	Baixa Fria	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Não	98 FM (Montes Claros)
MG	Francisco Sá	Barreira do Totó	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Não	98 FM (Montes Claros)

Coordenador:

Técnico:

UF	Município	Localidade	Tipo	TV	Telefonia	Internet	Rádio
MG	Francisco Sá	Furado Dantas	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Não	98 FM (Montes Claros)
MG	Francisco Sá	Córrego do Charquinho	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Não	98 FM (Montes Claros)
MG	Francisco Sá	Riacho dos Carneiros	Povoado	OI TV	Vivo e Claro	Sim	93 FM (Montes Claros)
MG	Francisco Sá	Lagoa Nova/Baixa do Feijão	Povoado	OI TV	Vivo e Claro	Sim	93 FM (Montes Claros)
MG	Francisco Sá	Bengo	Povoado	Antena Parabólica e Antena de TV comum	Vivo	Sim	FM Francisco Sá
MG	Francisco Sá	São Geraldo	Povoado	Antena Parabólica e Sky TV	Claro	Sim	103,9 FM (Janaúba)
MG	Francisco Sá	Boa Esperança	Povoado	Antena Parabólica e Antena de TV comum	Vivo e Claro	Sim	FM Francisco Sá
MG	Francisco Sá	Jácara II	Povoado	Antena Parabólica	Vivo e Claro	Sim	103,3 FM (Francisco Sá)
MG	Francisco Sá	Boa Sorte	Povoado	Antena Parabólica e Antena de TV comum	Vivo	Sim	FM Francisco Sá
MG	Francisco Sá	Matos	Povoado	Antena Parabólica e Antena de TV comum	Vivo	Sim	FM Francisco Sá
MG	Francisco Sá	Arrozi	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Sim	FM Janaúba
MG	Francisco Sá	Traçadal	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Sim	FM Janaúba
MG	Janaúba	Poço de Santa Cruz	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Não	FM Janaúba
MG	Janaúba	Taquaril	Povoado	Sky TV	Tim	Sim	93 FM e 103 FM (Janaúba)
MG	Janaúba	Jataí	Povoado	Antena Parabólica / Antena de TV comum	Claro, Tim e Vivo	Sim	FM Janaúba e Rádio Urumubana

UF	Município	Localidade	Tipo	TV	Telefonia	Internet	Rádio
MG	Janaúba	Tirafogo	Povoado	Antena de TV comum ou Sky TV	Vivo e Tim	Sim	Rádio Agurutubana FM
MG	Janaúba	Pedra Preta	Povoado	Antena de TV comum ou Sky TV	Vivo e Tim	Sim	Rádio Agurutubana FM
MG	Janaúba	José Faustino	Povoado	Antena Parabólica	Vivo e Tim	Não	94 FM (Janaúba), 93 FM e Rádio Agurutubana FM
MG	Janaúba	Mundo Novo	Povoado	Antena de TV comum	Tim	Não	103 FM (Janaúba)
MG	Janaúba	Pajeú II	Povoado	Antena Parabólica	Vivo e Tim	Não	91 FM (Janaúba), 103,9 FM (Janaúba) e Rádio Agurutubana FM
MG	Janaúba	Baixa da Colônia	Povoado	Antena de TV comum	Vivo, Tim e Claro	Sim	FM Janaúba
MG	Janaúba	Vila Nova dos Poções	Comunidade Quilombola	Antena de TV comum, Vivo TV e Sky TV	Tim e Vivo	Sim	FM Janaúba
MG	Janaúba	Quem Quem	Povoado	Antena Parabólica e Sky TV	Claro	Sim	103,9 FM (Janaúba)
MG	Janaúba	Barroquinha	Povoado	Antena Parabólica	Vivo e Claro	Sim	103,9 FM (Janaúba)
MG	Nova Porteirinha	Gorutuba/Ilha do Getúlio	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Sim	Torre FM
MG	Nova Porteirinha	Paraguaçu	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Sim	Torre FM
MG	Porteirinha	Canabrava	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Não	FM Porteirinha e FM Janaúba
MG	Porteirinha	Barreiro Dantas	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Sim	93 FM
MG	Porteirinha	Mulungu	Distrito	Antena Parabólica	Vivo	Sim	FM Porteirinha
MG	Porteirinha	Água Branca	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Sim	FM Porteirinha
MG	Porteirinha	Furada da Roda	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Sim	FM Porteirinha

Coordenador:

Técnico:

UF	Município	Localidade	Tipo	TV	Telefonia	Internet	Rádio
MG	Porteirinha	Baixa do Barreiro	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Sim	FM Porteirinha
MG	Porteirinha	Furado Grande	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Sim	FM Porteirinha
MG	Porteirinha	Vila Caxingó	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Sim	FM Porteirinha
MG	Porteirinha	Lagoinha	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Sim	FM Porteirinha
MG	Catuti	Catuti	Sede municipal	Antena de TV comum	Vivo	Sim	FM Monte Azul, FM Porteirinha e FM Janaúba
MG	Pai Pedro	Salinas	Povoado	Antena de TV comum	Vivo	Sim	FM Monte Azul, FM Porteirinha e FM Janaúba
MG	Pai Pedro	Miranto	Povoado	Antena de TV comum	Vivo	Sim	FM Monte Azul, FM Porteirinha e FM Janaúba
MG	Pai Pedro	Atrás dos Morros	Povoado	Antena de TV comum	Vivo	Sim	FM Monte Azul, FM Porteirinha e FM Janaúba
MG	Mato Verde	Ferraz	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Não	Rádio local de Mato Verde
MG	Mato Verde	Volta do Morro	Povoado	Antena Parabólica	Vivo e Tim	Sim	Rádio Local de Mato Verde, Porteirinha e Janaúba
MG	Mato Verde	Barra	Povoado	Antena Parabólica	Vivo e Tim	Sim	Rádio Local de Mato Verde, Porteirinha e Janaúba
MG	Mato Verde	Vila Cristino	Povoado	OI TV	Vivo	Sim	Rádio Local de Mato Verde
MG	Mato Verde	Fazenda da Barra	Povoado	Antena Parabólica	Vivo e Tim	Sim	Rádio Local de Mato Verde
MG	Mato Verde	Cristino I	Povoado	Antena Parabólica	Vivo e Tim	Sim	Rádio Local de Mato Verde
MG	Mato Verde	Pedreira	Povoado	Antena Parabólica e Sky	Vivo e Tim	Sim	FM 92 (Janaúba)
MG	Monte Azul	Vila Angical	Povoado	Antena de TV comum	Vivo e Tim	Sim	Não há o costume
MG	Monte Azul	Riacho Seco	Povoado	Antena Parabólica	Vivo e Tim	Sim	Onda Norte de Janaúba
MG	Monte Azul	Pajeú de Cima	Povoado	Antena Parabólica	Vivo e Tim	Sim	Rádios de Monte Azul, Mamonas, Janaúba e Porteirinha

UF	Município	Localidade	Tipo	TV	Telefonia	Internet	Rádio
MG	Monte Azul	Pajeú	Distrito	Antena Parabólica	Vivo	Sim	FM 98.1 (Monte Azul)
MG	Monte Azul	Bicas	Povoado	Antena Parabólica	Vivo e Tim	Não	FM 93 e FM 105
MG	Monte Azul	Lagoa Comprida	Povoado	Antena Parabólica	Vivo e Tim	Não	FM 93 e FM 105
MG	Monte Azul	Landinho	Povoado	Antena Parabólica	Vivo e Tim	Não	FM 93 e FM 105
MG	Monte Azul	Ramalhudo	Povoado	Antena Parabólica e Antena Comum	Vivo	Sem sinal	Monte Azul e Janaúba
MG	Monte Azul	Riacho Quente	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Sem sinal	98FM (Mato Verde), Rádios de Janaúba, Porteirinha e Monte Azul
MG	Monte Azul	Junco	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Sem sinal	98FM (Mato Verde), Rádios de Janaúba, Porteirinha e Monte Azul
MG	Monte Azul	Rebentão	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Sim	FM Janaúba, FM Porteirinha
MG	Monte Azul	Lagoinha	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Sim	FM Janaúba, FM Porteirinha
MG	Monte Azul	Barreiro Grande	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Sim	FM Janaúba, FM Porteirinha
MG	Monte Azul	Rio Abaixo	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Sim	FM Janaúba, FM Porteirinha
MG	Monte Azul	Barreiro da Cruz	Povoado	Antena Parabólica	Tim	Sim	Rádio Mamonas
MG	Monte Azul	Barreiro do Mato	Povoado	Antena Parabólica	Tim	Sim	Rádio Mamonas
MG	Monte Azul	Baixão	Povoado	Antena Normal	Tim	Sim	Rádios de Mamonas, Porteirinha e Espinosa
MG	Monte Azul	Capoeira Grande	Povoado	Antena Normal	Tim	Sim	Rádios de Mamonas, Porteirinha e Espinosa
MG	Monte Azul	Picada	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Sim	Rádio local de Porteirinha
MG	Espinosa	Tabuleiro	Povoado	Antena Parabólica	Sem sinal	Sem sinal	Sem sinal
MG	Mamonas	Urubu	Povoado	Antena Parabólica	Vivo e Tim	Sim	Rádios de Manonas, Porteirinha, Espinosa e Janaúba

Coordenador:

Técnico:

UF	Município	Localidade	Tipo	TV	Telefonia	Internet	Rádio
MG	Mamonas	Mimoso	Povoado	Antena Parabólica	Vivo e Tim	Sim	Rádios de Manonas, Porteirinha, Espinosa e Janaúba
MG	Espinosa	São Pedro	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Sim	FM 104.9 (Espinosa)
MG	Espinosa	Lago	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Sim	FM 104.9 (Espinosa)
MG	Espinosa	Barro Vermelho	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Sim	FM 104.9 (Espinosa)
MG	Espinosa	Lagoinha	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Sim	FM 104.9 (Espinosa)
MG	Espinosa	Santo Antônio	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Sim	FM 104.9 (Espinosa)
MG	Espinosa	Várzea da Pedra	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Sim	FM 104.9 (Espinosa)
MG	Espinosa	Canabrava	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Sim	FM 104.9 (Espinosa)
MG	Espinosa	Raposa do Rio Verde	Povoado	Antena Parabólica	Tim	Só há acesso nas escolas	Radio Espinosa
MG	Espinosa	Lagoa do Morro	Povoado	Antena Parabólica	Tim	Só há acesso nas escolas	Radio Espinosa
MG	Espinosa	Lagoa da Tapera	Povoado	Antena Parabólica	Tim	Só há acesso nas escolas	Radio Espinosa
MG	Espinosa	Sussuarana	Povoado	Antena Parabólica	Tim	Sim	FM 104.9 (Espinosa)
MG	Espinosa	Serrinha	Povoado	Antena Parabólica	Tim	Sim	FM 104.9 (Espinosa)
MG	Espinosa	Lagoa da Romana	Povoado	Antena Parabólica	Tim	Sim	FM 104.9 (Espinosa)
MG	Espinosa	Poços	Povoado	Antena Parabólica	Tim	Sim	FM 104.9 (Espinosa)
MG	Espinosa	Barreiro Dantas	Povoado	Antena Parabólica	Tim	Sim	FM 104.9 (Espinosa)
MG	Espinosa	Paus Pretos	Povoado	Antena Parabólica	Tim	Sim	FM 104.9 (Espinosa)
MG	Espinosa	Havana	Povoado	Antena Parabólica	Tim	Sim	FM 104.9 (Espinosa)
MG	Espinosa	Santa Marta	Povoado	Antena Parabólica	Tim	Sim	FM 104.9 (Espinosa)
MG	Espinosa	Lagoa do Marruais	Povoado	Antena Parabólica	Tim	Sim	Rádios de Espinosa

UF	Município	Localidade	Tipo	TV	Telefonia	Internet	Rádio
MG	Espinosa	Dourados	Povoado	Antena Parabólica	Tim	Sem sinal	104Fm (Mamonas)
BA	Urandi	Rio Verde	Povoado	Antena Parabólica	Tim	Sim	Rádios em Urandi, Guanambi e Espinosa
BA	Urandi	Pedra Aguda	Povoado	Antena Parabólica	Tim	Sim	Rádios em Urandi, Guanambi e Espinosa
BA	Urandi	Caldeirão	Povoado	Antena Parabólica	Tim	Sim	Rádios em Urandi, Guanambi e Espinosa
BA	Urandi	Canavista	Povoado	Antena Parabólica	Tim	Sim	Rádios em Urandi, Guanambi e Espinosa
BA	Urandi	Cachoeira	Povoado	Antena Parabólica	Tim	Sem sinal	Rádios de Urandi e Espinosa
BA	Urandi	Agreste / Fazenda Boa Esperança	Povoado	Antena Parabólica	Tim	Sim	107FM Urandi
BA	Urandi	Tiririca	Povoado	Antena Parabólica	Tim	Sim	107FM Urandi
BA	Urandi	Cubículo	Povoado	Antena Parabólica	Tim	Sim	107FM Urandi
BA	Urandi	Fazenda Entre Morros	Povoado	Antena Parabólica	Tim	Sim	107FM Urandi
BA	Urandi	Poço Bom	Povoado	Antena Parabólica	Tim	Sim	107FM Urandi
BA	Urandi	Quixabá	Povoado	Antena Parabólica	Tim	Sim	107FM Urandi
BA	Urandi	Fazenda Boa Sorte	Povoado	Antena Parabólica	Tim	Sim	107FM Urandi
BA	Urandi	Riachão	Povoado	Antena Parabólica	Sem sinal	Sem sinal	FM Espinosa
BA	Urandi	Casa Nova	Povoado	Antena Parabólica	Tim	Sim	FM Espinosa
BA	Urandi	Fazenda Barra do Mulungu	Povoado	Antena Parabólica	Tim	Sim	FM Espinosa
BA	Urandi	Lagoinha	Povoado	Antena Parabólica	Tim	Sim	FM Espinosa
BA	Urandi	Feijão Preto	Povoado	Antena Parabólica	Tim	Sim	FM Espinosa

Coordenador:

Técnico:

UF	Município	Localidade	Tipo	TV	Telefonia	Internet	Rádio
BA	Urandi	Fazenda Olho D'Água	Povoado	Antena Parabólica	Tim	Sim	FM Espinosa
BA	Urandi	Salinas	Povoado	Antena Parabólica	Tim	Sim	Rádios de Urandi
BA	Urandi	Barra da Varginha	Povoado	Antena Parabólica	Tim	Sim	Rádios de Urandi
BA	Urandi	Fazenda Ladeira Grande	Povoado	Antena Parabólica	Tim	Sim	Rádios de Urandi
BA	Urandi	Fazenda Grama	Povoado	Antena Parabólica	Tim	Sim	Rádios de Urandi
BA	Urandi	Mata Veado	Povoado	Antena Parabólica	Tim	Sim	Rádios de Urandi
BA	Urandi	Fazenda Lagedinho	Povoado	Antena Parabólica	Tim	Sim	Rádios de Urandi
BA	Urandi	Fazenda Água Verde	Povoado	Antena Parabólica	Tim	Sim	Rádjo Cultura (Guanambi)
BA	Urandi	Fazenda Bananeira	Povoado	Antena Parabólica	Tim	Sim	Rádios AM e FM de Montes Claros e Janaúba
BA	Pindaí	Fazenda Tataíra	Povoado	Antena Parabólica	Tim	Sim	Rádios de Urandi e Pindaí
BA	Pindaí	Morro do Macaco	Povoado	Antena Parabólica	Tim	Sim	Rádios de Urandi e Pindaí
BA	Pindaí	Pesqueiro I e II	Povoado	Antena Parabólica	Tim	Sim	Rádios de Urandi e Pindaí
BA	Pindaí	Lagoinha	Povoado	Antena Parabólica	Tim	Sim	Rádios de Urandi e Pindaí
BA	Pindaí	Lagoa do Dominginhos	Povoado	Antena Parabólica	Claro	Sem sinal	Rádios de Urandi
BA	Pindaí	Fazenda Jacu	Povoado	Oi TV	Tim	Sim	106FM (Guanambi)
BA	Pindaí	Pau de Colher	Povoado	Antena Parabólica	Tim	Sim	106FM (Guanambi)
BA	Pindaí	Paus Pretos	Povoado	Antena Parabólica	Tim (Vivo pega com sinal da Tim)	Sim	Cultura (Guanambi)
BA	Pindaí	Lagoa do Curral	Povoado	Antena Parabólica	Tim	Sim	106FM (Guanambi)
BA	Pindaí	Morrinhos	Povoado	Antena Parabólica	Tim	Sim	106FM (Guanambi)

UF	Município	Localidade	Tipo	TV	Telefonia	Internet	Rádio
BA	Pindaí	Fazenda Caraíbas	Povoado	Antena Parabólica	Tim	Sim	106FM (Guanambi)
BA	Pindaí	Morro da Barra	Povoado	Antena Parabólica	Tim	Sim	106FM (Guanambi)
BA	Pindaí	Lagoa Dantas	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Sim	Cultura (Guanambi), Alvorada (Guanambi)
BA	Pindaí	Lagoa Velha	Povoado	Antena Parabólica	Vivo e Claro	Sim	Cultura (Guanambi)
BA	Pindaí	Olho D'Água	Distrito	Antena Parabólica	Vivo e Claro	Sim	Cultura (Guanambi)
BA	Pindaí	Tanque	Povoado	Antena Parabólica	Claro	Sim	Guanambi AM
BA	Pindaí	Lagoa do Arroz	Povoado	Antena Parabólica	Claro	Sim	Guanambi AM
BA	Pindaí	Fazenda Morrinhos	Povoado	Antena Parabólica	Tim, Vivo e Claro	Sim	Cultura (Guanambi)
BA	Pindaí	Salinas	Povoado	Antena Parabólica	Tim	Sim	Cultura (Guanambi)
BA	Pindaí	Recreio	Povoado	Antena Parabólica	Tim	Sim	Cultura (Guanambi)
BA	Pindaí	Morro do Pindaí	Povoado	Antena Parabólica	Claro, Vivo e Tim	Sim	Cultura (Guanambi), Alvorada (Guanambi), Rádio Pirata (AM e FM de Pindaí)
BA	Pindaí	Mato Grosso	Povoado	Sky / Antena Parabólica	Tim	Sim	Cultura (Guanambi)
BA	Pindaí	Furado Fundo	Povoado	Antena Parabólica	Tim	Sem sinal	Cultura (Guanambi), Alvorada (Guanambi)
BA	Pindaí	Fazenda Cajueiro	Povoado	Antena Parabólica	Tim	Sem sinal	Cultura (Guanambi), Alvorada (Guanambi)
BA	Pindaí	Limeira	Povoado	Antena Parabólica	Tim	Sem sinal	Cultura (Guanambi), Alvorada (Guanambi)
BA	Pindaí	Pedra Ladeira	Povoado	Antena Parabólica	Claro	Sem sinal	Cultura (Guanambi), Alvorada (Guanambi)

UF	Município	Localidade	Tipo	TV	Telefonia	Internet	Rádio
BA	Candiba	Gameleiras	Povoado	Antena Parabólica	Claro	Sim	104FM (Candiba), 96 FM e 104 FM (Guanambi)
BA	Candiba	Pilões	Distrito	Antena Parabólica	Claro	Sim	104FM (Candiba), 96 FM e 104 FM (Guanambi)
BA	Candiba	Fazenda Tanquinho	Povoado	Claro TV, Oi TV e Antena Parabólica	Claro	Sim	Cultura (Guanambi)
BA	Candiba	Fazenda Dourados	Povoado	Claro TV, Oi TV e Antena Parabólica	Claro	Sim	Cultura (Guanambi)
BA	Candiba	Fazenda Morrinhos II	Povoado	Claro TV, Oi TV e Antena Parabólica	Claro	Sim	Cultura (Guanambi)
BA	Candiba	Fazenda Caco	Povoado	Claro TV, Oi TV e Antena Parabólica	Claro	Sim	Cultura (Guanambi)
BA	Candiba	Pinheiros	Povoado	Antena Parabólica	Claro	Sim	Rádios de Candiba e Cultura (Guanambi)
BA	Candiba	Dourado	Povoado	Antena Parabólica	Claro	Sim	Rádios de Candiba e Cultura (Guanambi)
BA	Guanambi	Fazenda Tambori	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Sem sinal	Cultura (Guanambi)
BA	Guanambi	Curral de Varas	Povoado	Antena Parabólica	Vivo e Tim	Sim	Cultura AM (Guanambi)
BA	Guanambi	Jurema Barbosa	Povoado	Antena Parabólica	Vivo e Tim	Sim	Cultura AM (Guanambi)
BA	Guanambi	Lagoa da Pedra de João Cotrim	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Sim	Rádio Cultura (Guanambi) e 96FM (Guanambi)
BA	Guanambi	Buraquinho	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Sim	Rádio Cultura (Guanambi) e 96FM (Guanambi)
BA	Guanambi	Ceraíma	Distrito	Antena Parabólica	Vivo	Sim	Rádio Cultura (Guanambi), 96FM e 104 FM (Guanambi)
BA	Guanambi	Fazenda Lagoa Suja	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Sim	Cultura (Guanambi)

UF	Município	Localidade	Tipo	TV	Telefonia	Internet	Rádio
BA	Guanambi	Fazenda Lagoa da Pedra	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Sim	Cultura (Guanambi)
BA	Guanambi	Sítio dos Gatos	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Sim	Cultura (Guanambi)
BA	Guanambi	Barro Vermelho	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Sim	96FM (Guanambi)
BA	Guanambi	Invernada	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Sim	96FM (Guanambi)
BA	Guanambi	Rio Grande	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Sim	96FM (Guanambi)
BA	Guanambi	Morrinhos	Distrito	Antena Parabólica	Vivo	Sim	Rádio Cultura (Guanambi), 96FM e 106FM (Guanambi)
BA	Guanambi	Sítio Novo	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Sim	Rádio Cultura (Guanambi), 96FM e 106FM (Guanambi)
BA	Guanambi	Malhada do Canto	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Sim	Rádio Cultura (Guanambi), 96FM e 106FM (Guanambi)
BA	Guanambi	Fazenda Barra Arrancada	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Sim	Rádio Cultura (Guanambi), 96FM e 106FM (Guanambi)
BA	Guanambi	Posto do Pega	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Sim	Rádio Cultura (Guanambi), 96FM e 106FM (Guanambi)
BA	Guanambi	Fazenda Morrinhos	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Sim	Rádio Cultura (Guanambi), 96FM e 106FM (Guanambi)
BA	Caetité	Fazenda Gado Bravo	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Sim	Rádio Cultura (Guanambi), 96FM e 106FM (Guanambi)
BA	Caetité	Fazenda Vereda do Cercado	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Sim	Cultura (Guanambi) e 96 FM
BA	Caetité	Pirajá	Povoado	Antena Parabólica	Vivo	Sim	Cultura (Guanambi) e 96 FM

2.2.4.4.5.6 - Considerações Finais

Conforme exposto pode-se concluir que, tendo em vista os canais de comunicação e informação as rádios FM locais são os principais veículos para a difusão de informações de interesse local nos municípios em estudo. Além disso, é expressivo o uso de antenas parabólicas de televisão, item comum nas residências da Área de Estudo Local como meio de informação na área rural.

O serviço de celular é o principal meio de comunicação utilizado pelos moradores da Área de Estudo Local. O uso da internet é feito principalmente por meio de telefonia fixa, mas ainda é pouco expressivo, embora encontre-se em processo de expansão.

Anexo 2.2.4.4.5-1 - Lista de Municípios com Estações de Rádio e TV

UF	Município	Função	Tipo	Nome
BA	Caetité	Comercial	TV	TELEVISAO BAHIA S.A.
BA	Caetité	Comercial	TV	INSTITUTO DE RADIODIFUSAO EDUCATIVA DA BAHIA IRDEB
BA	Caetité	Comercial	TV	TV ARATU S/A
BA	Caetité	Comercial	TV	TELEVISAO INDEPENDENTE DE SAO JOSE DO RIO PRETO LTDA
BA	Caetité	Comercial	TV	TV ARATU S/A
BA	Caetité	Comercial	TV	TV ARATU S/A
BA	Caetité	Comercial	TV	TV ARATU S/A
BA	Caetité	Comercial	TV	TV ARATU S/A
BA	Caetité	Comercial	TV	TELEVISAO INDEPENDENTE DE SAO JOSE DO RIO PRETO LTDA
BA	Caetité	Comercial	TV	INSTITUTO DE RADIODIFUSAO EDUCATIVA DA BAHIA IRDEB
BA	Caetité	Comercial	TV	TV ARATU S/A
BA	Caetité	Comercial	TV	TELEVISAO BAHIA S.A.
BA	Caetité	Comercial	TV	SF SERVICOS DE COMUNICACOES LTDA - ME
BA	Caetité	Comercial	TV	TV MIDIA PUBLICIDADE COMERCIAL LTDA.
BA	Caetité	Educativo	FM	sem Identificação
BA	Caetité	Comercial	FM	sem Identificação
BA	Caetité	Comercial	AM	FUNDACAO CULTURAL E EDUCACIONAL SANTANA DE CAETITE
BA	Candiba	Comercial	TV	PREFEITURA MUNICIPAL DE CANDIRA
BA	Candiba	Comercial	TV	INSTITUTO DE RADIODIFUSAO EDUCATIVA DA BAHIA IRDEB
BA	Candiba	Comercial	FM	sem Identificação
BA	Guanambi	Comercial	TV	TELEVISAO ITAPOAN SOCIEDADE ANONIMA
BA	Guanambi	Comercial	TV	TELEVISAO BAHIA S.A.
BA	Guanambi	Comercial	TV	TV ARATU S/A
BA	Guanambi	Comercial	TV	INSTITUTO DE RADIODIFUSAO EDUCATIVA DA BAHIA IRDEB
BA	Guanambi	Comercial	TV	TELEVISAO ITAPOAN SOCIEDADE ANONIMA
BA	Guanambi	Comercial	TV	INSTITUTO DE RADIODIFUSAO EDUCATIVA DA BAHIA IRDEB
BA	Guanambi	Comercial	TV	TV ARATU S/A
BA	Guanambi	Comercial	TV	TELEVISAO BAHIA S.A.
BA	Guanambi	Comercial	TV	sem Identificação
BA	Guanambi	Comercial	TV	sem Identificação
BA	Guanambi	Comercial	TV	FUNDACAO BRASIL ECOAR
BA	Guanambi	Comercial	TV	NOSSO LAR SERVIÇOS DE RADIODIFUSÃO LTDA-ME
BA	Guanambi	Comercial	TV	RADIO E TELEVISAO BANDEIRANTES DA BAHIA LTDA
BA	Guanambi	Comercial	TV	TELEVISAO CIDADE MODELO LTDA
BA	Guanambi	Comercial	TV	TV MIDIA PUBLICIDADE COMERCIAL LTDA.
BA	Guanambi	Comercial	FM	RADIO GUANAMBI FM ESTEREO LTDA
BA	Guanambi	Educativo	FM	FUNDACAO RADIO EDUCATIVA FAMILIAS UNIDAS
BA	Guanambi	Comercial	FM	RADIO ALVORADA LTDA
BA	Guanambi	Comercial	FM	RADIO CULTURA DE GUANAMBI LTDA
BA	Guanambi	Comercial	AM	RADIO ALVORADA LTDA
BA	Guanambi	Comercial	AM	RADIO CULTURA DE GUANAMBI LTDA
BA	Pindaí	Comercial	TV	TELEVISAO BAHIA S.A.
BA	Pindaí	Comercial	TV	TELEVISAO BAHIA S.A.
BA	Pindaí	Comercial	FM	sem Identificação
BA	Urandi	Comercial	TV	PREFEITURA MUNICIPAL DE URANDI
BA	Urandi	Comercial	TV	PREFEITURA MUNICIPAL DE URANDI
BA	Urandi	Comercial	TV	PREFEITURA MUNICIPAL DE URANDI
BA	Urandi	Comercial	TV	TELEVISAO BAHIA S.A.
BA	Urandi	Comercial	TV	PREFEITURA MUNICIPAL DE URANDI
BA	Urandi	Comercial	TV	PREFEITURA MUNICIPAL DE URANDI
BA	Urandi	Comercial	TV	PREFEITURA MUNICIPAL DE URANDI
BA	Urandi	Comercial	TV	TELEVISAO BAHIA S.A.
MG	Augusto de Lima	Comercial	TV	INTERVISAO EMISSORAS DE RADIO E TELEVISAO LTDA
MG	Augusto de Lima	Comercial	FM	sem Identificação
MG	Augusto de Lima	Comercial	TV	INTERVISAO EMISSORAS DE RADIO E TELEVISAO LTDA
MG	Augusto de Lima	Comercial	FM	sem Identificação
MG	Bocaiúva	Comercial	TV	FUND SETORIAL DE RADIODIFUSAO EDUC DE SONS E IMAGENS
MG	Bocaiúva	Comercial	TV	TELEVISAO SOCIEDADE LIMITADA
MG	Bocaiúva	Comercial	TV	SOCIEDADE RADIO E TELEVISAO ALTEROSA LTDA
MG	Bocaiúva	Comercial	TV	MUNICIPIO DE BOCAIUVA
MG	Bocaiúva	Comercial	TV	sem Identificação
MG	Bocaiúva	Comercial	TV	RADIO E TELEVISAO OM LTDA
MG	Bocaiúva	Comercial	TV	FUNDACAO JOAO PAULO II
MG	Bocaiúva	Comercial	TV	SOCIEDADE RADIO E TELEVISAO ALTEROSA LTDA
MG	Bocaiúva	Comercial	TV	TELEVISAO SOCIEDADE LIMITADA
MG	Bocaiúva	Educativo	FM	sem Identificação
MG	Bocaiúva	Comercial	FM	sem Identificação
MG	Bocaiúva	Comercial	FM	SISTEMA DE COMUNICACAO AZALEIA LTDA
MG	Bocaiúva	Comercial	FM	RADIO CLUBE DE BOCAIUVA LTDA

MG	Bocaiúva	Comercial	AM	RADIO CLUBE DE BOCAIUVA LTDA
MG	Bocaiúva	Comercial	AM	sem Identificação
MG	Bocaiúva		TV	sem Identificação
MG	Buenópolis	Comercial	TV	MUNICIPIO DE BUENOPOLIS
MG	Buenópolis	Comercial	FM	sem Identificação
MG	Catuti	Comercial	TV	INTERVISAO EMISSORAS DE RADIO E TELEVISAO LTDA
MG	Catuti	Comercial	FM	sem Identificação
MG	Engenheiro Navarro	Comercial	TV	MUNICIPIO DE ENGENHEIRO NAVARRO
MG	Engenheiro Navarro	Comercial	FM	RADIO E TV DESAN TELECOMUNICACOES LTDA
MG	Espinosa	Comercial	TV	PREFEITURA MUNICIPAL DE ESPINOSA
MG	Espinosa	Comercial	TV	PREFEITURA MUNICIPAL DE ESPINOSA
MG	Espinosa	Comercial	TV	sem Identificação
MG	Espinosa	Comercial	TV	sem Identificação
MG	Espinosa	Comercial	TV	sem Identificação
MG	Espinosa	Comercial	TV	SOCIEDADE RADIO E TELEVISAO ALTEROSA LTDA
MG	Espinosa	Comercial	TV	sem Identificação
MG	Espinosa	Comercial	TV	sem Identificação
MG	Espinosa	Comercial	TV	sem Identificação
MG	Espinosa	Comercial	TV	SOCIEDADE RADIO E TELEVISAO ALTEROSA LTDA
MG	Espinosa	Comercial	FM	sem Identificação
MG	Espinosa	Comercial	AM	FUNDACAO PADRE MARTIN KIRSCHT
MG	Francisco Sá	Comercial	TV	PREFEITURA MUNICIPAL DE FRANCISCO SA
MG	Francisco Sá	Comercial	TV	sem Identificação
MG	Francisco Sá	Comercial	TV	FUNDACAO JOAO PAULO II
MG	Francisco Sá	Comercial	TV	TELEVISAO SOCIEDADE LIMITADA
MG	Francisco Sá	Comercial	TV	ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MINAS GERAIS
MG	Francisco Sá	Comercial	FM	ALO FM - SOCIEDADE LTDA
MG	Glauclândia	Comercial	FM	TELEVISAO OURO VERDE LTDA
MG	Gouveia	Comercial	TV	PREFEITURA MUNICIPAL DE GOUVEIA
MG	Gouveia	Comercial	TV	PREFEITURA MUNICIPAL DE MONTES CLAROS
MG	Gouveia	Comercial	TV	PREFEITURA MUNICIPAL DE GOUVEIA
MG	Gouveia	Comercial	TV	FUNDACAO JOAO PAULO II
MG	Gouveia	Comercial	TV	PREFEITURA MUNICIPAL DE GOUVEIA
MG	Gouveia	Comercial	TV	TELEVISAO SOCIEDADE LIMITADA
MG	Gouveia	Educativo	FM	sem Identificação
MG	Gouveia	Comercial	FM	RADIO E TV DESAN TELECOMUNICACOES LTDA
MG	Janaúba	Educativo	TV	FUNDACAO EDUCATIVA E CULTURAL EDILSON BRANDAO GUIMARAES
MG	Janaúba	Comercial	TV	INTERVISAO EMISSORAS DE RADIO E TELEVISAO LTDA
MG	Janaúba	Comercial	TV	PREFEITURA MUNICIPAL DE JANAUBA
MG	Janaúba	Comercial	TV	RADIO E TELEVISAO BANDEIRANTES DE MINAS GERAIS LTDA
MG	Janaúba	Comercial	TV	sem Identificação
MG	Janaúba	Comercial	TV	sem Identificação
MG	Janaúba	Comercial	TV	sem Identificação
MG	Janaúba	Comercial	TV	SOCIEDADE RADIO E TELEVISAO ALTEROSA LTDA
MG	Janaúba	Comercial	TV	INTERVISAO EMISSORAS DE RADIO E TELEVISAO LTDA
MG	Janaúba	Comercial	TV	sem Identificação
MG	Janaúba	Comercial	TV	RADIO E TELEVISAO BANDEIRANTES DE MINAS GERAIS LTDA
MG	Janaúba	Comercial	TV	SOCIEDADE RADIO E TELEVISAO ALTEROSA LTDA
MG	Janaúba	Comercial	FM	RADIO TORRE FM LTDA
MG	Janaúba	Comercial	FM	SOCIEDADE JANAUBENSE DE RADIODIFUSAO LTDA
MG	Janaúba	Comercial	FM	sem Identificação
MG	Janaúba	Comercial	AM	RADIO SOCIEDADE GORUTUBANA LIMITDA
MG	Janaúba	Comercial	AM	sem Identificação
MG	Joaquim Felício	Comercial	TV	PREFEITURA MUNICIPAL DE MONTES CLAROS
MG	Joaquim Felício	Comercial	TV	ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MINAS GERAIS
MG	Joaquim Felício	Comercial	FM	sem Identificação
MG	Juramento	Comercial	TV	MUNICIPIO DE JURAMENTO
MG	Juramento	Comercial	FM	sem Identificação
MG	Mamonas	Comercial	FM	sem Identificação
MG	Mato Verde	Comercial	TV	FUNDACAO JOAO PAULO II
MG	Mato Verde	Comercial	TV	MUNICIPIO DE MATO VERDE
MG	Mato Verde	Comercial	TV	MUNICIPIO DE MATO VERDE
MG	Mato Verde	Comercial	TV	ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MINAS GERAIS
MG	Mato Verde	Comercial	TV	TELEVISAO SOCIEDADE LIMITADA
MG	Mato Verde	Comercial	FM	DIAS & NOVATO COMUNICACOES LTDA
MG	Monjolos	Comercial	FM	sem Identificação
MG	Monte Azul	Comercial	TV	PREFEITURA MUNICIPAL DE MONTE AZUL
MG	Monte Azul	Comercial	TV	sem Identificação
MG	Monte Azul	Comercial	TV	PREFEITURA MUNICIPAL DE MONTE AZUL

MG	Monte Azul	Comercial	TV	INTERVISAO EMISSORAS DE RADIO E TELEVISAO LTDA
MG	Monte Azul	Comercial	TV	sem Identificação
MG	Monte Azul	Comercial	TV	sem Identificação
MG	Monte Azul	Comercial	TV	RADIO E TELEVISAO OM LTDA
MG	Monte Azul	Comercial	TV	sem Identificação
MG	Monte Azul	Comercial	TV	sem Identificação
MG	Monte Azul	Comercial	TV	INTERVISAO EMISSORAS DE RADIO E TELEVISAO LTDA
MG	Monte Azul	Comercial	FM	RBC - REDE BRASILEIRA DE COMUNICAÇÃO LTDA.
MG	Monte Azul	Comercial	AM	sem Identificação
MG	Montes Claros	Comercial	TV	INTERVISAO EMISSORAS DE RADIO E TELEVISAO LTDA
MG	Montes Claros	Comercial	TV	ASSOCIACAO CULTURAL ALCOBACA
MG	Montes Claros	Comercial	TV	RADIO E TELEVISAO BANDEIRANTES DE MINAS GERAIS LTDA
MG	Montes Claros	Comercial	TV	SOCIEDADE RADIO E TELEVISAO ALTEROSA LTDA
MG	Montes Claros	Comercial	TV	TELEVISAO CIDADE MODELO LTDA
MG	Montes Claros	Comercial	TV	RADIO E TELEVISAO RECORD S.A
MG	Montes Claros	Comercial	TV	FUNDACAO JOAO PAULO II
MG	Montes Claros	Comercial	TV	TELEVISAO INDEPENDENTE DE SAO JOSE DO RIO PRETO LTDA
MG	Montes Claros	Comercial	TV	RADIO E TELEVISAO RECORD S.A
MG	Montes Claros	Comercial	TV	RADIO E TELEVISAO BANDEIRANTES DE MINAS GERAIS LTDA
MG	Montes Claros	Comercial	TV	ASSOCIACAO CULTURAL ALCOBACA
MG	Montes Claros	Comercial	TV	TELEVISAO CIDADE MODELO LTDA
MG	Montes Claros	Comercial	TV	FUNDACAO JOAO PAULO II
MG	Montes Claros	Comercial	TV	SOCIEDADE RADIO E TELEVISAO ALTEROSA LTDA
MG	Montes Claros	Comercial	TV	INTERVISAO EMISSORAS DE RADIO E TELEVISAO LTDA
MG	Montes Claros	Comercial	TV	TELEVISAO INDEPENDENTE DE SAO JOSE DO RIO PRETO LTDA
MG	Montes Claros	Comercial	TV	sem Identificação
MG	Montes Claros	Comercial	TV	CAMARA DOS DEPUTADOS
MG	Montes Claros	Comercial	TV	sem Identificação
MG	Montes Claros	Comercial	TV	sem Identificação
MG	Montes Claros	Comercial	TV	FUNDACAO NOSSA SENHORA APARECIDA
MG	Montes Claros	Comercial	TV	FUNDACAO DE FATIMA
MG	Montes Claros	Comercial	TV	TV NEWS - CANAL BRASILEIRO DE COMUNICACAO LTDA
MG	Montes Claros	Comercial	TV	FUNDACAO SEculo VINTE E UM
MG	Montes Claros	Comercial	TV	SF SERVICOS DE COMUNICACOES LTDA - ME
MG	Montes Claros	Comercial	TV	RADIO E TELEVISAO OM LTDA
MG	Montes Claros	Comercial	TV	sem Identificação
MG	Montes Claros	Comercial	TV	sem Identificação
MG	Montes Claros	Comercial	FM	sem Identificação
MG	Montes Claros	Comercial	FM	RADIO SAO FRANCISCO LTDA
MG	Montes Claros	Comercial	FM	RADIO EDUCADORA DE MONTES CLAROS LTDA
MG	Montes Claros	Comercial	FM	RADIO MONTES CLAROS LTDA
MG	Montes Claros	Comercial	FM	SISTEMA RADIO NORTE LTDA
MG	Montes Claros	Educativo	FM	FUND. DE APOIO AO DESENV. DO ENSINO SUP. DO NORTE DE MINAS
MG	Montes Claros	Educativo	FM	sem Identificação
MG	Montes Claros	Educativo	FM	UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
MG	Montes Claros	Educativo	FM	CAMARA DOS DEPUTADOS
MG	Montes Claros	Comercial	FM	sem Identificação
MG	Montes Claros	Comercial	FM	RADIO EDUCADORA DE MONTES CLAROS LTDA
MG	Montes Claros	Comercial	AM	FUNDACAO JOSE DE PAIVA NETTO
MG	Montes Claros	Comercial	AM	RADIO EDUCADORA DE MONTES CLAROS LTDA
MG	Montes Claros	Comercial	AM	RADIO TERRA DE MONTES CLAROS LTDA
MG	Nova Porteirinha	Comercial	FM	SERRA GERAL SISTEMA DE COMUNICACAO LTDA.
MG	Nova Porteirinha	Comercial	FM	RADIO EDUCADORA FM DE PORTEIRINHA LTDA
MG	Pai Pedro	Comercial	FM	sem Identificação
MG	Porteirinha	Comercial	TV	SOCIEDADE RADIO E TELEVISAO ALTEROSA LTDA
MG	Porteirinha	Comercial	TV	PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTEIRINHA
MG	Porteirinha	Comercial	TV	INTERVISAO EMISSORAS DE RADIO E TELEVISAO LTDA
MG	Porteirinha	Comercial	TV	sem Identificação
MG	Porteirinha	Comercial	TV	sem Identificação
MG	Porteirinha	Comercial	TV	sem Identificação
MG	Porteirinha	Comercial	TV	sem Identificação
MG	Porteirinha	Comercial	TV	sem Identificação
MG	Porteirinha	Comercial	TV	sem Identificação
MG	Porteirinha	Comercial	TV	INTERVISAO EMISSORAS DE RADIO E TELEVISAO LTDA
MG	Porteirinha	Comercial	TV	SOCIEDADE RADIO E TELEVISAO ALTEROSA LTDA
MG	Nova Porteirinha	Comercial	FM	SERRA GERAL SISTEMA DE COMUNICACAO LTDA.
MG	Porteirinha	Comercial	FM	RADIO SOCIEDADE INDEPENDENTE PORTEIRINHA LTDA
MG	Nova Porteirinha	Comercial	FM	RADIO EDUCADORA FM DE PORTEIRINHA LTDA
MG	Porteirinha	Educativo	FM	sem Identificação
MG	Porteirinha	Comercial	AM	RADIO EDUCADORA DE PORTEIRINHA LTDA
MG	Presidente Juscelino	Comercial	TV	PREFEITURA MUNICIPAL DE PRESIDENTE JUSCELINO
MG	Santo Hipólito	Comercial	FM	sem Identificação

ÍNDICE

2.2.4.4.6 -	Organização Social	1/25
2.2.4.4.6.1 -	Organização Social na Área de Estudo Regional (AER).....	1/25
2.2.4.4.6.2 -	Organização Social na Área de Estudo Local (AEL)	5/25
2.2.4.4.6.3 -	Considerações Finais.....	25/25

Legendas

Figura 2.2.4.4.6-1 - Convocação de reunião de associação de moradores de Quilombinho – Francisco Sá (MG)	9/25
Figura 2.2.4.4.6-2 - Sede da Associação Grupo Vaca Brava– Francisco Sá (MG).....	9/25
Figura 2.2.4.4.6-3 - Associação Comunitária do Rio Félix II - Guaraciama.....	9/25
Figura 2.2.4.4.6-4 - Placa do Projeto de Abastecimento de Água da Associação Comunitária do Povoado Lalau.....	9/25
Figura 2.2.4.4.6-5. Cisternas instaladas pelo Programa Água Para Todos em Junco (Francisco Sá/MG).....	10/25
Figura 2.2.4.4.6-6. Placa da Associação Urandiense de Proteção Ambiental e Cultural (UPAC)	13/25
Figura 2.2.4.4.6-7. Associação Comunitária dos Pequenos Produtores Rurais de Casa Nova, Boa Esperança e Vizinhança.....	13/25
Figura 2.2.4.4.6-8. Associação Comunitária dos Produtores Rurais da localidade Morro do Pindaí (Pindaí-BA).....	13/25
Figura 2.2.4.4.6-9. Associação Comunitária dos Produtores Rurais do Povoado de Curral de Varas (Guanambi-BA).....	14/25
Figura 2.2.4.4.6-10. Sede da Associação da Lagoa da Pedra de João Cotrim (Guanambi-BA).....	14/25
Quadro 2.2.4.4.6-1 - Grupos de Interesse e Entidades Representativas na Área de Estudo Local (AEL).....	16/25

2.2.4.4.6 - Organização Social

Este item contempla a análise da organização social existente nos municípios da Área de Estudo do empreendimento, de modo a identificar os grupos sociais organizados que podem interagir com a LT, participando de seu processo de licenciamento ambiental. Os dados relativos à Área de Estudo Regional (AER) foram levantados por meio de entrevistas com representantes do poder público de cada município; já as informações relacionadas a Área de Estudo Local (AEL) foram coletadas em entrevistas com moradores e lideranças comunitárias.

2.2.4.4.6.1 - Organização Social na Área de Estudo Regional (AER)

- Augusto de Lima, Buenópolis, Francisco Sá, Glaucilândia, Gouveia, Guaraciama

As informações referentes a esses municípios foram agrupadas tendo em vista serem semelhantes para o conjunto, conforme informado pelos representantes públicos locais entrevistados. Os principais grupos de interesse e entidades representativas que atuam nestes municípios são: Sindicato dos Professores – com atuação mais voltada para as conquistas salariais e condições de trabalho da categoria; Associações de Artesãos (ABAN) – voltadas para as práticas e divulgação do artesanato local; Sindicatos dos Trabalhadores Rurais – com atuação voltada para melhorar as condições de trabalho no campo.

- Bocaiúva

Em Bocaiúva as entidades presentes são semelhantes às observadas nos municípios anteriores: Sindicato dos Professores do Município – com atuação mais voltada para as conquistas salariais e condições de trabalho da categoria; Associação dos Artesãos – voltada para as práticas e divulgação do artesanato local; Associação dos Produtores de Mel; Associação dos Metalúrgicos; Associação dos Comerciantes; Sindicato do Trabalhador Rural com atuação voltada para melhores condições de vida no campo.

- Engenheiro Navarro

Na área socioambiental vários grupos de interesse e entidades representativas atuam no município de Engenheiro Navarro. Entre eles: Sindicato dos Professores do Município – com atuação mais voltada para as conquistas salariais e condições de trabalho da categoria; Associação dos Artesãos (ABAN) – voltada para as práticas e divulgação do artesanato local; Movimento Sem Terra (MST) – focado na reforma agrária, atualmente o grupo assentado em Engenheiro Navarro reivindica acesso a itens básicos como água e energia elétrica; Sindicato dos Servidores Públicos de Belo Horizonte; e a Associação dos Produtores Rurais.

- Janaúba

No município de Janaúba vários grupos de interesse e entidades representativas atuam, como: Sindicato dos Professores do Município – com atuação mais voltada para as conquistas salariais e condições de trabalho da categoria; Associação dos Artesãos, voltada para as práticas e divulgação do artesanato local; Associação das Lavadeiras, com ações na área de sustentabilidade; Sindicato dos Trabalhadores Rurais e a Liga dos Camponeses Pobres do Norte de Minas – voltados para a segurança territorial e por melhores condições de vida no campo.

- Joaquim Felício

Na área socioambiental vários grupos de interesse e entidades representativas atuam no município de Joaquim Felício. Entre eles: Sindicato dos Professores do Município – com atuação mais voltada para as conquistas salariais e condições de trabalho da categoria; Associação dos Artesãos (ABAN) – voltada para as práticas e divulgação do artesanato local; Sindicato do Trabalhador Rural; Associação Comunitária Joaquim Felício, Colônia Agrícola Matarazzo; Associação Comunitária dos Moradores da Fazenda Barreirinha e Vaca Brava.

- Juramento e Monjolos

Em Juramento e Monjolos, também, foram identificadas as seguintes entidades: Sindicato dos Professores – com atuação mais voltada para as conquistas salariais e condições de trabalho da categoria; Associação dos Jovens Agricultores; Associação dos Produtores de Leite; Associação dos Trabalhadores Rurais e Sindicatos dos Trabalhadores Rurais, com atuação voltada para melhorar a qualidade de vida do trabalhador rural.

- Montes Claros

No município de Montes Claros atuam: Sindicato dos Contabilistas do Norte de Minas; Associação de Promoção e Ação Social; Sociedade Educacional Mendonça e Silva; Sindicato dos Professores do Município; Associação dos Artesãos do Norte de Minas – voltada para as práticas e divulgação do artesanato local; Grupo Agroecológico; Sindicato do Trabalhador Rural; Associação Orgânica; Associação dos Trabalhadores Rurais, com atuação mais voltada para as conquistas salariais e condições de trabalho da categoria.

- Olhos D'água e Presidente Juscelino

Na área socioambiental vários grupos de interesse e entidades representativas atuam nos municípios de Olhos D'água e Presidente Juscelino. Entre eles: Sindicato dos Professores – com

atuação mais voltada para as conquistas salariais e condições de trabalho da categoria; Associação dos Artesãos (ABAN) – voltada para as práticas e divulgação do artesanato local; Movimento Sem Terra (MST) – focado na reforma agrária; Associação dos Catadores de Recicláveis, Associação dos Apicultores e a Associação dos Produtores Rurais.

- Santo Hipólito

O representante público entrevistado destacou, apenas, o recém-criado Sindicato dos Trabalhadores Rurais – com atuação mais voltada para as conquistas e condições de trabalho no campo.

- Nova Porteirinha

No município foi mencionada a atuação da Associação de produtores rurais, sindicatos de servidores municipais e de professores.

- Poerteirinha

O Sindicato dos Trabalhadores Rurais atua no município fornecendo cercas, tanques e pequenos apoios aos trabalhadores rurais. A Associação Comercial (ACIPORT), também atua no município para apoio aos comerciantes. O grupo Umbuzeiros desenvolve trabalho cultural com cantiga de roda em escolas e praças.

- Pai Pedro

A Associação dos Quilombolas do Quilombo Gorutuba representa os interesses dos quilombolas, o Sindicato de Trabalhadores Rurais, o Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas Gerais com atuação na difusão de saberes relacionados à agricultura familiar, e a Cáritas, vinculada à Igreja Católica, que tem promovido o aprendizado de saberes agrícolas e incentivado às práticas tradicionais.

- Catuti

Os principais grupos de interesse e movimentos sociais atuantes no município de Catuti são: a Associação Comercial dos Quilombolas da região Maravalha (pertencente ao Quilombo Gorutuba), o Sindicato dos Trabalhadores Rurais e o Sindicato dos Servidores Municipais.

- **Mato Verde**

Os principais grupos de interesse atuantes no município são o Sindicato dos Trabalhadores rurais, que organiza os trabalhadores do campo e promove eventos, e as associações de moradores das comunidades rurais que dialogam com o poder público.

- **Monte Azul**

Os grupos de interesse mais atuantes são o Sindicato de trabalhadores rurais, Sindicato de produtores rurais, Associação Comercial do Socó e algumas associações de moradores.

- **Mamonas**

O único grupo com alguma atuação no município é o Sindicato dos Servidores Municipais, que representam os interesses da categoria.

- **Espinosa**

Os principais grupos de interesse do município são o Sindicato de Professores, o dos Servidores Municipais e as associações comunitárias. A Associação de Artesãos que promove a Feira Cultural também tem atuação destacada.

- **Urandi**

Os principais grupos de interesse atuando no município são a Associação Urandinense de Proteção Ambiental (AUPAC), associação comunitária que reúne cerca de 10 povoados, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, o Sindicato dos Servidores Públicos e a Cooperativa de Catadores que prestam serviço à prefeitura.

- **Pindaí**

Os sindicatos dos trabalhadores rurais, dos professores, dos servidores municipais, as associações de moradores em diversos distritos e o Grupo Asa Branca, principal grupo de cavalgada do município que congrega outros menores, são os grupos de interesse de maior atuação no município.

- **Candiba**

Os grupos de interesse no município são o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, o Sindicato dos Servidores e trinta e quatro associações comerciais de bairros e distritos.

- Guanambi

Os principais grupos de interesse e movimentos sociais da cidade são os sindicatos de trabalhadores rurais, dos professores municipais, dos servidores públicos, a Associação de Produtores Rurais (Recivida), ligada à Igreja Católica e que desenvolve trabalho de reciclagem, e os grupos de cavalgada.

- Caetité

O principal movimento social na cidade denomina-se Movimento de Mulheres Camponesas e desempenha importante papel na interlocução entre as diferentes comunidades rurais do município. Esse movimento possui sede no bairro do centro, onde também funciona uma loja que vende as mercadorias produzidas nas comunidades. Além disso, montam barracas em todas as quermesses para a venda destes produtos e, também, organizam todo ano a Feira Cultural, na qual grupos da região apresentam manifestações artísticas, montam barracas e comercializam seus produtos. Há bastante aceitação e apoio ao trabalho do Movimento por parte da população de Caetité.

Atuam, também, sindicatos de trabalhadores rurais, produtores rurais, servidores públicos e professores além de associações de bairro, que organizam eventos e mantem diálogos com o poder municipal para melhorias locais.

2.2.4.4.6.2 - Organização Social na Área de Estudo Local (AEL)

Associações e Cooperativas

Em toda a Área de Estudo Local (AEL) predominam as Associações Comunitárias ou de Moradores como forma de organização social e representação dos moradores da área rural, inclusive nos Projetos de Assentamentos. Nas associações de moradores da Área de Estudo Local do empreendimento, observou-se além das habituais reuniões, a celebração de missas, atendimento médico mensal e agendado. Em muitos casos, a sede das associações é a escola municipal local, que os moradores chamam de “grupo escolar” – local que agrega educação, reuniões comunitárias e infraestrutura de saúde. É comum os moradores de determinado povoado fazerem parte de Associação de outro povoado, como por exemplo, em Francisco Sá, onde os moradores do Povoado Aroeira, que fazem parte da Associação do Povoado Quilombinho, e em Montes Claros, nos povoados Laranjal e Ponta do Morro, onde atuam duas associações: Associação Riacho do

Fogo e Associação Cruzinha de Laranjal. Cooperativas só foram citadas em Augusto de Lima (Cooperativa de Produtores Rurais) e Francisco Sá (Cooperativa Beija Flor).

De modo geral, nos povoados onde as residências são abastecidas por poços artesianos, os mesmos são geridos pela associação de moradores local, sendo que cada família paga uma taxa para a associação efetuar a gestão da água e do plantio. Em Salobo, Curimataí e Pé de Serra, localidades situadas em Buenópolis, as associações além de gerirem os tanques de resfriamento de leite, são responsáveis pela gestão da água canalizada por gravidade, responsabilizando-se por sua distribuição. Em Santa Cruz e Caquende (Santo Hipólito), Mangal, Cafundó, Cafundó dos Currais, Poções, Malhada Alta, Mocambo, Vila Santa Bárbara (Augusto de Lima) e PA Betinho (Bocaiúva) as associações locais, também, distribuem a água do poço artesiano para os moradores. De acordo com os relatos, em Malhada Alta e Mocambo paga-se uma taxa mensal de R\$15,00, que garante o uso de 10.000 litros por família.

Em Presidente Juscelino, nas localidades de Serra do Gonçalo e Retiro da Gameleira, as respectivas associações tratam da questão da saúde e do atendimento dos agentes de saúde e médicos. A gestão do poço artesiano é responsabilidade da prefeitura de Presidente Juscelino.

Em Monjolos, na sede municipal, foi reportado o papel da Associação dos Produtores Rurais no beneficiamento do leite e venda para a empresa Itambé. Nas localidades situadas em Buenópolis e Augusto de Lima as Associações, também, desempenha papel notório na gestão dos tanques de resfriamento de leite que as localidades produzem para vender para a empresa Itambé Laticínios.

Vale destacar que, em Rodeador (Monjolos) e Vila Mascarenhas (Gouveia) não há associação comunitária de moradores ou de produtores rurais, o mesmo acontecendo nas localidades Fazenda Estabocas e Mangabeiras, ambas localidades situadas em Gouveia, onde não foi identificada a presença de associativismo local.

Na Vila Santa Bárbara, Augusto de Lima, a Associação de Moradores tem cunho privado, pois a família proprietária do Resort Águas de Santa Bárbara, também, proprietária da antiga Fábrica de Tecidos Santa Bárbara, é a dona da maior parte das casas da localidade. A Associação de Moradores é presidida pela família, com foco no apoio ao esporte para jovens. No que diz respeito à produção leiteira, segundo relatos, a Cooperativa de Produtores Rurais organiza a produção local e atende à empresa Itambé Laticínios.

Nas localidades do PA Betinho atuam 8 associações: Associação de Produtores Rurais Barragem Bambu; Associação de Produtores Rurais Taboquinha; Associação Comunitária Rural de Triunfo; Associação de Produtores Rurais Riachinho; Associação de Produtores Rurais Lagoa Grande; Associação de Produtores Rurais Angico; Associação de Produtores Rurais Reta Grande e Associação Produtores de Rurais Poço Bento. Os assentados da localidade Barragem da Caatinga estão associados à Associação Produtores Rurais de Lagoa Grande. Vale destacar que, os assentados da Barragem da Caatinga não têm associação local, encontrando-se filiados à Associação de Produtores Rurais de Lagoa Grande, pois, de acordo com a entrevista realizada na localidade Barragem da Caatinga, o INCRA não reconheceu a associação desta localidade. Uma característica comum a estas associações é que todas se responsabilizam pela gestão do poço artesiano que abastece suas respectivas comunidades. Segundo relatos, o PA Betinho possui 72 poços artesanais, sendo que destes 8 (oito) estão sob a gestão das 8 (oito) associações identificadas. Existe conflito entre moradores da Barragem da Caatinga e o INCRA pelo reconhecimento e titularização das famílias que moram na localidade. Das 20 famílias, apenas 6 (seis) possuem contrato de assentados. O projeto de assentamento foi implantado em uma área já ocupada por ex-trabalhadores da ex-empresa Malvina, contando com infraestrutura na área do PA, dentre elas a existência de barramentos. A localidade Barragem da Caatinga possui esse nome, justamente, por estar no entorno do barramento do Rio Jequitaiá, construído pela Usina Malvina na década de 1970. Esse é outro foco de conflito no assentamento. Por situar-se no entorno do Parque Nacional das Sempre Vivas (PARNA Sempre Vivas) há por parte dos representantes do Parque ações de contenção do desmatamento no entorno do parque, canalização de água, caça dentre outras práticas realizadas pelos moradores da Barragem da Caatinga.

Nas terras de Angico, segundo relato, das 8 associações do PA Betinho apenas 3 não possuem dívidas: Angico, Riachinho e Barragem do Bambu. Um dos programas aos quais à associação de Angico foi contemplado foi o Minha Casa Minha Vida Entidades, via INCRA, que viabilizou a construção e/ou reforma de casas no assentamento.

A Associação Comunitária Rural de Catoni Sede efetua a gestão do tanque resfriador de leite que beneficia o produto destinado à empresa Itambé laticínios. A associação recebeu crédito de apoio para compra de arame e carroça no ano de 2016. Em 2013, o PRONAF destinou recursos para obras da associação comunitária. A Associação Comunitária Rural de Catoni Sede faz a gestão de 1 (um) poço artesiano que abastece 30 famílias.

A Fazenda Bhavnagar pertence ao grupo Agropastoril dos Poções e Participações LTDA., junto à Fazenda Poções, latifúndio de gado nelore e guzerá, associado à Associação Brasileira de Gir Leiteiro (ABCGIL) e à Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ). A ABCGIL possui 370 associados, com propriedades espalhadas por todo o território nacional. Sua sede própria está localizada dentro do Parque Fernando Costa em Uberaba/MG. Já a ABCZ tem mais de 20 mil associados, e mais de 20 escritórios regionais em todo o Brasil. Sua sede própria, também, está localizada no Parque Fernando Costa em Uberaba/MG.

A Associação Comunitária Rural de Lagoinha, município de Joaquim Felício, é formada por 14 famílias de irmãos. A localidade formou-se a partir de herança da terra dos pais. Cada um dos 14 irmãos possui o próprio lote. As 16 famílias da localidade Vaca Brava são representadas pela Associação Comunitária Rural de Barreirinho. A distribuição da água do poço artesiano fica sob a gestão da entidade. A localidade Barreiro Grande, região da Fazenda Ribeirão, é representada pela Associação de Produtores Rurais de Barreiro Grande. A associação faz a gestão do poço artesiano, e organiza a produção do leite beneficiado para a Itambé Laticínios.

No Povoado Mimoso, em Montes Claros, a principal pauta da Associação de Moradores é o destino do lixo.

No PA Serrador em Francisco Sá, também, a associação de moradores atua na gestão e distribuição da água e assessoria sobre as aposentadorias rurais. A associação organiza manifestações na sede municipal pelos direitos dos assentados. No mesmo município, no Assentamento Serafim, vinculado ao Instituto de Terras do Estado de Minas Gerais (ITER-MG), a Associação de Moradores e Produtores Rurais busca a individualização da dívida coletiva da terra para que os assentados possam buscar benefícios individualmente, tais como o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf).

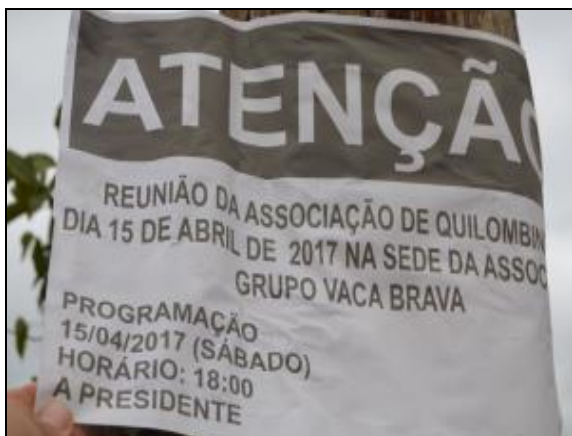


Figura 2.2.4.4.6-1 - Convocação de reunião de associação de moradores de Quilombinho – Francisco Sá (MG)



Figura 2.2.4.4.6-2 - Sede da Associação Grupo Vaca Brava– Francisco Sá (MG)



Figura 2.2.4.4.6-3 - Associação Comunitária do Rio Félix II - Guaraciama



Figura 2.2.4.4.6-4 - Placa do Projeto de Abastecimento de Água da Associação Comunitária do Povoado Lalau

De uma maneira geral, as associações existentes nos municípios de Janaúba, Porteirinha, Nova Porteirinha, Catuti, Pai Pedro, Mato Verde, Monte Azul, Mamonas e Espinosa não têm atuação muito expressiva, desempenhando um papel na resolução de assuntos internos dos moradores das localidades. No entanto, dentre as associações informadas pelos moradores, algumas se destacaram por ser mais atuantes, tanto por iniciativas que beneficiam as comunidades, quanto de um maior envolvimento dos moradores na participação das reuniões. Localidades como Barreira do Totó (Francisco Sá), Poço de Santa Cruz, Jataí, Mundo Novo, Vila Nova dos Poções e Barroquinha (todas em Janaúba), Bicas, Barreiro da Cruz, Picada e Baixão (todas em Monte Azul), bem como Sussurana (Espinosa) apresentaram associações mais atuantes.

Em Barreira do Totó, a Associação de Pequenos Produtores de Baixa do Charquinho e a Cooperativa Coopernorte atuam no recolhimento do leite do gado dos associados/cooperativados para a venda em Montes Claros, além disso, a associação tem um programa de captação de água por poço artesiano comunitário. Já a Associação Bem Para Todos em Poço de Santa Cruz, encontra-se em formação e se mobiliza em relação às questões da água, na iniciativa de projetos de irrigação e de captação da água da barragem de Gorutuba, e na mobilização de questões envolvendo a falta de energia na localidade. Por sua vez a Associação Quilombola Bem Viver de Vila Nova Poções obteve recursos para merenda escolar, veículos para utilização na área de saúde, além de ter viabilizado máquinas para a criação de cursos de corte e costura e arrendamento de tratores para os pequenos proprietários rurais. A Associação Quilombola possui, também, um grupo de cultura que tem na dança sua forma principal de expressão.

A Associação de Pequenos Produtores de Barroquinha mobiliza-se para realizar reformas de casas, além de captar água da barragem (próxima da localidade) e controlar o recebimento de água potável através de caminhões pipa, já que, desde o início das secas, a localidade sofre com a falta de chuvas, inutilizando as cisternas instaladas na região pelo Programa Água Para Todos¹. Da mesma forma, na localidade de Bicas, em Monte Azul, a Associação de Pequenos Produtores Rurais de Bicas realiza controle em relação à administração da água potável, visto que também sofre com a falta de chuvas.



Figura 2.2.4.4.6-5. Cisternas instaladas pelo Programa Água Para Todos em Junco (Francisco Sá/MG)

¹ Executado pela Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (Codevasf), o programa visou beneficiar famílias rurais do norte de Minas Gerais através da instalação de cisternas para captação de água da chuva. Fonte: <http://www.codevasf.gov.br/noticias/2015/cisternas-do-programa-agua-para-todos-beneficiam-comunidades-rurais-do-norte-de-minas/> Acessado em 04/06/2017.

Além da questão da água, também são pautas mobilizadoras o melhoramento das condições de vida e infraestrutura dos moradores. Na localidade de Barreiro da Cruz (Mamonas), além da medida em relação à água, via Associação de Pequenos Produtores Rurais de Mamonas, esta viabilizou a execução de melhorias das estradas vicinais.

Poucas são as associações que conseguem alguma ação relacionada ao auxílio na lavoura. Em Monte Azul, a localidade de Picada, por meio da Associação de Pequenos Produtores Rurais de Rebentão empresta o trator, de propriedade da associação, para a manutenção da lavoura. Já em Baixão e Sussurana, a Associação de Pequenos Produtores Rurais de Baixão e a Associação Comunitária de Sussuarana realizam assessoria para acesso ao crédito rural junto a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais (EMATER-MG).

De um modo geral as associações são também pouco atuantes entre os municípios de Urandi e Pindaí. No entanto, destaca-se o trabalho de algumas, como a Associação de Pequenos Produtores de Agreste e a Associação de Pequenos Produtores Rurais (ADECLEZ), em Agreste e Salinas, em Urandi, respectivamente, que emprestam tratores para os núcleos familiares para manutenção de suas lavouras.

Em Riachão (Urandi) a Associação Boa Sorte, Joaquim de Souza e Olho D'Água da Jurema, conseguiu cisternas, poços artesianos, além de prestar assessoria para recebimento de aposentadoria rural aos seus associados. A doação de cisternas pelo Programa Água Para Todos e a assessoria referente à aposentadoria rural, também, é uma das principais ações da Associação de Pequenos Produtores Rurais de Estrela Dourada, que representa a localidade de Fazenda Jacu, situada em Pindaí. Em Morro do Pindaí, a Associação dos Pequenos Produtores Rurais de Morro do Pindaí, conseguiu a construção de 4 (quatro) poços artesianos (3 comunitários e 1 individual), além de energia elétrica para 55 (cinquenta e cinco) casas, há 3 anos, por intermédio do Programa Luz Para Todos. Já em Lagoa Dantas/Lage do Sapato a Associação Fazenda Laje do Sapato, Lagoa Dantas, Estreito e Lagoa Nova conseguiu realizar melhorias nas estradas vicinais que levam à sua localidade.

Lagoa Velha (representada pela Associação de Pequenos Produtores Rurais de Morro), Tanque (Associação Comunitária de Tanque) e Mato Grosso (Associação de Pequenos Produtores Rurais de Mato Grosso) são localidades que, por meio de suas associações, conseguem algum auxílio aos seus associados para empréstimo de trator para uso na lavoura. A Associação de Pequenos Produtores Rurais de Mato Grosso (que atende também a localidade de Pedra Ladeira) conseguiu

pelo Projeto Cooperativa de Assistência Técnica e Educacional para o Desenvolvimento da Agricultura Familiar (COOTRAF)² assistência técnica para os seus produtores rurais associados, que passaram a fazer cursos que auxiliam no plantio de hortaliças e na produção de adubos para a plantação.

Os trabalhos das associações são bem pontuais nos municípios que representam as localidades nos municípios de Candiba, Guanambi e Caetité, por ser uma região próspera comparada com as anteriores, com base na pecuária de gado leiteiro.

Em Candiba foi indicada a Associação dos Pequenos Produtores Rurais de Candiba pelos moradores da localidade de Pinheiros, que se destaca pelo empenho para a chegada de energia elétrica para muitas casas via Programa Luz Para Todos, além do empréstimo do trator para os núcleos familiares que não vivem do gado leiteiro e que conseguem manter suas lavouras.

Em Pilões foi citado o auxílio da Associação dos Pequenos Produtores Rurais de Pilões para o acesso ao crédito rural junto à EMATER-BA, cujo objetivo é fortalecer, ainda, mais o potencial leiteiro da região.

Já a Associação Rural de Morrinhos e Região assessora os pequenos produtores rurais em empréstimos para o financiamento de suas plantações, via EMATER-BA. Esse auxílio é fundamental, uma vez que Morrinhos desenvolve, ainda que em pequena escala, atividades de fruticultura, como o cultivo do tomate e hortifrúti granjeiros, que são comercializados em Guanambi por meio de atravessador.

Lagoa da Pedra de João Cotrim, Fazenda Tambori, Ceraíma e Barro Vermelho tem a agricultura como atividade representativa. Deste modo, os núcleos familiares, sobretudo, os de Ceraíma e de Barro Vermelho contam com o auxílio, respectivamente, da Cooperativa dos Colonos e da Associação de Produtores Rurais de Barro Vermelho para o estabelecimento de suas lavouras, por meio de empréstimo de tratores. Já em Lagoa da Pedra de João Cotrim, a Associação de Pequenos Produtores Rurais de Lagoa da Pedra de João Cotrim conseguiu a construção de poços artesianos e encanamento d'água para todos os núcleos familiares, além de assessorar os mais velhos no encaminhamento de suas aposentadorias rurais.

² Fonte: http://cootraf.com.br/?page_id=19 Acessado em 05/06/2017.

Não foi citada entre os entrevistados, mas observada pela equipe de campo, a existência da Associação Urandiense de Proteção Ambiental e Cultural (AUPAC)³, com atuação na defesa dos direitos humanos (como a preservação dos rios e lagoas e bens culturais de Urandi).



Figura 2.2.4.4.6-6. Placa da Associação Urandiense de Proteção Ambiental e Cultural (UPAC)



Figura 2.2.4.4.6-7. Associação Comunitária dos Pequenos Produtores Rurais de Casa Nova, Boa Esperança e Vizinhança.



Figura 2.2.4.4.6-8. Associação Comunitária dos Produtores Rurais da localidade Morro do Pindaí (Pindaí-BA)

³ Fonte: http://www.econodata.com.br/lista_empresas/BAHIA/URANDI/A/13937256000171-ASSOCIACAO-URANDIENSE-DE-PROTECAO-AMBIENTAL-E-CULTURAL-AUPAC
Acessado em 06/06/2017.



Figura 2.2.4.4.6-9. Associação Comunitária dos Produtores Rurais do Povoado de Curral de Varas (Guanambi-BA).

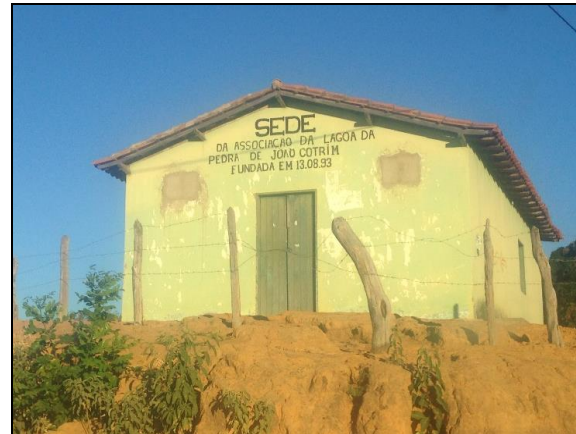


Figura 2.2.4.4.6-10. Sede da Associação da Lagoa da Pedra de João Cotrim (Guanambi-BA).

Sindicatos e Movimentos Sociais

Os Sindicatos de Produtores Rurais são pouco presentes nos municípios na AEL, sendo referenciados somente em Engenheiro Navarro, Juramento, Janaúba e Catuti, Na ótica dos entrevistados a sua atuação é incipiente.

Vale destacar que, a implantação do PA Betinho em 1998, no âmbito da Política de Reforma Agrária do governo federal de Fernando Henrique Cardoso, ocorreu desvinculada do maior movimento social por reforma agrária do Brasil, o Movimento dos Sem Terra. Nesse caso, o PA foi criado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA/MG), em parceria com a Comissão Operacional de Reforma Agrária (CORA), na Administração do Governador Eduardo Azeredo.

O PA tem apoio da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Minas Gerais (Fetaemg), Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Bocaiúva, Instituto de Terras de Minas Gerais (ITER) e da Fundação Rural Mineira (Ruralminas). Antes de a Associação de Produtores Rurais Barragem Bambu constituir-se em uma associação, atuava na categoria de cooperativa de produtores rurais. A Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), no início do ano 2000, ofereceu curso de cooperativismo, mas este modelo mostrou-se inadequado por falta de crédito para as lavouras de milho e mandioca, e para a criação de gado leiteiro. O INCRA após implementar o PA

Betinho ficou cerca de 6 (seis) anos sem apoiar os assentados e, recentemente, retomou às visitas ao PA. No primeiro semestre do ano de 2017, o INCRA deu início ao georreferenciamento de imóveis rurais e ao Cadastro Ambiental Rural (CAR). Segundo o relato, a prefeitura de Bocaiúva tem convênio com a EMATER, mas o órgão não presta a assistência devida aos produtores.

Nas terras do Assentamento Triunfo, o presidente da Associação Comunitária Rural relatou que apesar das associações do PA Betinho serem ligadas ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Bocaiúva, a entidade não é atuante e, tampouco, trabalha em prol de melhorias de condições dos assentados.

Empresas Públicas

A Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), tem atuação nos povoados rurais dos municípios de Presidente Juscelino, Gouveia, e Juramento, oferecendo mudas de feijão e milho e assessoria técnica aos produtores rurais.

Quadro 2.2.4.4.6-1 - Grupos de Interesse e Entidades Representativas na Área de Estudo Local (AEL)

UF	Município	Associações e Cooperativas	Sindicatos e Movimentos Sociais	ONGS e Fundações	Empresas públicas
MG	Presidente Juscelino	Associação Comunitária do Retiro da Gameleira; Associação Comunitária de Serra do Gonçalo	-	-	EMATER
MG	Monjolos	Associação Comunitária de Tamburí e região; Associação Comunitária Rural de Quebra Pé; Associação dos Produtores Rurais de Monjolos	-	-	-
MG	Gouveia	-	-	-	EMATER
MG	Santo Hipólito	Associação Comunitária Rural de Caquende; Associação dos moradores de Senhora da Glória e região; Associação Comunitária Rural de Santa Cruz (Inativa); Associação Comunitária Rural de Valo Fundo; Associação de Produtores Rurais de Santo Hipólito	-	-	-

UF	Município	Associações e Cooperativas	Sindicatos e Movimentos Sociais	ONGS e Fundações	Empresas públicas
MG	Augusto de Lima	Associação comunitária Rural de Mocambo; Associação comunitária Rural de Malhada Alta; Associação Comunitária Rural Alto Mangabeira; Associação Comunitária Rural de Poções; Associação Comunitária Rural de Sumidouro; Associação Comunitária Rural de Cafundó dos Currais; Associação Comunitária Rural de Cafundó dos Currais; Associação de Produtores Rurais de Mangal; Associação de moradores da Vila Santa Bárbara; Associação Comunitária de Conceição de Teixeira; Associação Comunitária de Salobo; Associação Comunitária de Pé de Serra; Associação Produtores Rurais de Curimataí; Associação Produtores Rurais de Venturino; Cooperativa de Produtores Rurais	-	-	-
MG	Joaquim Felício	Associação Comunitária Rural de Lagoinha; Associação comunitária rural de Barreirinho; Associação dos Produtores Rurais do Assentamento PA Final Feliz e Associação Comunitária Rural de Catoni Novo; Associação Comunitária Rural de Barreiro Grande; Associação Brasileira de Gir Leiteiro (ABCGIL) e Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ); Associação dos Produtores Rurais de Riachinho	-	-	-

UF	Município	Associações e Cooperativas	Sindicatos e Movimentos Sociais	ONGS e Fundações	Empresas públicas
MG	Bocaiúva	Associação dos Produtores Rurais de Barragem da Caatinga; Associação Comunitária Rural do Triunfo; Associação Produtores Rurais Barragem do Bambu; Associação Produtores Rurais de Lagoa Grande; Associação Produtores Rurais de Angico; Associação de Produtores Rurais de Posto do Bento; Associação de moradores de Engenheiro Dolabela; Associação de Moradores do Bairro Nova Dolabela; Associação de Moradores de Roça Velha; Associação de Moradores de Torquato Leite e Taboa; Associação de moradores do Imbé; Associação de Moradores de Poções; Associação de Moradores de Cabeceira de Poções; Associação de Moradores de Fazenda Bahia; Associação de Moradores de Vaquejada; Associação de Moradores de Taboquinha II e Fazenda Córrego Fundo; Associação Comunitária do Povoado Lalau; Associação de Moradores de Catarina; Associação de Moradores de Santa Cruz; Associação de Moradores e Associação de Produtores Rurais do Projeto de Assentamento Professor Mazan; Associação de Moradores de Curral de Vara; Associação de Moradores do Povoado Camilo Prates; Associação de Moradores de Alto Belo	Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Minas Gerais (Fetaemg), Sindicato dos trabalhadores rurais de Bocaiúva; UFMG (curso de cooperativismo); Movimento de Trabalhadores Sem Terra e Pastoral da Terra	Articulação do Semiárido Brasileiro – ASA; Banco de Sementes, Cooperativa no Rio Grande do Sul Instituto de Terras de Minas Gerais (ITER/MG) e Fundação Rural Mineira (Ruralminas)	-

UF	Município	Associações e Cooperativas	Sindicatos e Movimentos Sociais	ONGS e Fundações	Empresas públicas
MG	Engenheiro Navarro	Associação de Moradores de Campo Limpo; Associação de Moradores de Tirirical; Associação de Moradores de São Norberto; Associação de Moradores de Limoeiro; Associação de Moradores de Engenheiro Navarro e Associação de Produtores Rurais; Associações das Agrovilas Jacu, Mandacaru e Sede	Sindicato de Trabalhadores Rurais; Movimento de Trabalhadores Sem Terra e Pastoral da Terra	-	-
MG	Guaraciama	Associação Comunitária do Rio Félix II; Associação Comunitária do Rio Félix I	-	-	-
MG	Glaukilândia	Associação de Moradores do Tabocal	-	-	-
MG	Juramento	Associação de Moradores e Produtores Rurais; Associação de Moradores do Povoado Maquiné; Associação de Moradores do Povoado Campo Grande; Associação de Moradores de Saracura, Lambari, Prata e Tira Chapéus	Sindicato de Trabalhadores Rurais	Articulação do Semiárido Brasileiro - ASA	EMATER
MG	Montes Claros	Associação de Moradores do Povoado Mandacaru; Associação de Moradores de Mimoso; Associação de Moradores de Me Livre; Associação de Moradores de Pau Gonçalo; Associação de Moradores do Chacreamento Alphaville; Associação de Moradores de Fazenda Borá; Associação Riacho do Fogo e Associação Cruzinha de Laranjal; Associação de Moradores de Barrocozinho e Estrela Guia; Associação de Moradores de Rio Verde	-	Articulação do Semiárido Brasileiro - ASA	-

Coordenador:

Técnico:

UF	Município	Associações e Cooperativas	Sindicatos e Movimentos Sociais	ONGS e Fundações	Empresas públicas
MG	Francisco Sá	Associação de Moradores do Povoado Quilombinho; Associação de Moradores e Produtores Rurais do Assentamento Serafim; Associação de Moradores de Quilombinho e Associação Grupo Vaca Brava; Associação de Moradores do Povoado Fazenda São Paulinho; Associação de Moradores do Loteamento Belvedere; Associação de Moradores de Coqueirinho; Associação de Moradores de Junco; Associação de Pequenos Produtores de Baixa do Charquinho; Coopernorte; Associação de Pequenos Produtores Rurais de São Domingo; Cooperativa dos Produtores Rurais de Francisco Sá; Associação de Moradores de São Geraldo; Associação do Traçadal; Associação de Moradores de Bengo; Associação de Moradores de Boa Sorte; Associação de Moradores de Boa Esperança; Cooperativa Beija Flor		Articulação do Semiárido Brasileiro - ASA	-
MG	Janaúba	Associação de Pequenos Produtores Rurais de Poção; Associação Bem Para Todos; Associação dos Produtores Rurais de Jataí; Associação de Moradores de Mundo Novo; Associação de Pequenos Produtores Rurais de Pageú II; Associação de Pequenos Produtores de Baixa da Colônia; Associação dos Moradores de Vila Nova dos Poções; Associação Bemviver – remanescente quilombola de Vila Nova dos Poções; Associação de Pequenos Produtores de Barroquinha;	Sindicado dos Pequenos Produtores Rurais de Janaúba	-	-

UF	Município	Associações e Cooperativas	Sindicatos e Movimentos Sociais	ONGS e Fundações	Empresas públicas
MG	Nova Porteirinha	Cooperativa de Pequenos Produtores de Paraguaçu.	-	-	-
MG	Porteirinha	Associação Canabrava; Associação de Pequenos Produtores Rurais de Mulungu; Associação de Moradores de Mulungu; Associação de Pequenos Produtores Rurais de Barreiro Dantas.	-	-	-
MG	Catuti	Associação de Moradores de Catuti.	Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Catuti.	-	-
MG	Pai Pedro	-	-	-	-
MG	Mato Verde	Associação do Conselho dos Pequenos Produtores Rurais de Ferraz; Associação de Moradores de Volta do Morro; Associação dos Pequenos Produtores Rurais de Vila Cristino; Associação de Pequenos Produtores Rurais de Riacho Quente (representa os moradores de Faz. Da Barra);	-	-	-
MG	Monte Azul	Associação de Pequenos Produtores Rurais de Riacho Seco; Associação de Pequenos Produtores Rurais de Pajeú de Cima (atende também a localidade de Riacho Quente); Associação de Pequenos Produtores Rurais de Bicas; Associação de Pequenos Produtores Rurais de Rebentão (atendem também a localidade de Picada); Associação de Pequenos Produtores Rurais de Pedreira (atende também a localidade de Ramalhudo); Associação de Pequenos Produtores Rurais de Baixão.	-	-	-

Coordenador:

Técnico:

UF	Município	Associações e Cooperativas	Sindicatos e Movimentos Sociais	ONGS e Fundações	Empresas públicas
MG	Mamonas	Associação de Pequenos Produtores Rurais de Mamonas (atende também a localidade de Barreiro da Cruz);	-	-	-
MG	Espinosa	Associação de Pequenos Produtores Rurais de Dourados; Associação de Pequenos Produtores Rurais de Raposa do Rio Verde; Associação de Pequenos Produtores Rurais de Lagoa do Marruais; Associação Comunitária de Sussuarana.	-	-	-
BA	Urandi	Associação de Pequenos Produtores Rurais de Pedra Aguda; Associação de Pequenos Produtores de Agreste; Associação Boa Sorte, Joaquim de Souza e Olho D'Água da Jurema (atente a localidade de Riachão); Associação Vale de Cova de Mandioca e Associação Casa Nova (atendem a localidade de Casa Nova); Associação de Pequenos Produtores Rurais ADECLEZ (atende a localidade de Salinas); Associação de Pequenos Produtores Rurais de Barreirinha e Associação de Pequenos Produtores Rurais de Pindaí (atendem a localidade de Fazenda Água Verde); Associação Urandiense de Proteção Ambiental e Cultural.	-	-	-

UF	Município	Associações e Cooperativas	Sindicatos e Movimentos Sociais	ONGS e Fundações	Empresas públicas
BA	Pindaí	Associação de Pequenos Produtores Rurais de Furado Fundo; Associação de Pequenos Produtores Rurais de Lagoinha (atende a localidade de Lagoa de Dominginhos); Associação de Pequenos Produtores Rurais de Estrela Dourada (atende a localidade de Fazenda Jacu); Associação dos Trabalhadores Rurais de Paus Pretos; Associação Fazenda Lage do Sapato, Lagoa Dantas, Estreito e Lagoa Nova (atende a localidade de Lagoa Dantas); Associação de Pequenos Produtores Rurais de Morro (atende a localidade de Lagoa Velha); Associação Comunitária de Tanque; Associação de Pequenos Produtores Rurais de Morrinhos; Associação dos Pequenos Produtores Rurais de Morro do Pindaí; Associação de Pequenos Produtores Rurais de Mato Grosso (atende também a localidade de Pedra Ladeira)	-	-	-
BA	Candiba	Associação dos Pequenos Produtores Rurais de Candiba (atende a localidade de Pinheiros); Associação de Pequenos Produtores Rurais de Pilões; Associação de Pequenos Produtores Rurais de Tanquinho	-	-	-

UF	Município	Associações e Cooperativas	Sindicatos e Movimentos Sociais	ONGS e Fundações	Empresas públicas
BA	Guanambi	Associação de Moradores de Curral de Varas; Associação de Pequenos Produtores Rurais de Lagoa da Pedra de João Cotrim; Associação de Moradores de Ceraíma e Cooperativa dos Colonos (atende a localidade de Ceraíma); Associação Fazenda Barreiro do Martins (atende a localidade de Fazenda Lagoa Suja); Associação de Produtores Rurais de Barro Vermelho; Associação Rural de Morrinhos e Região.	-	-	-
BA	Caetité	Associação de Pequenos Produtores Rurais de Aroeira (atende a localidade de Pirajá)	-	-	-

2.2.4.4.6.3 - Considerações Finais

Como visto ao longo do presente item, informações levantadas junto a representantes de órgãos públicos e lideranças comunitárias das localidades identificadas nos municípios da área de estudo, demonstram que a organização social é relativamente incipiente. Os principais grupos e entidades identificadas são Associações de Produtores e Moradores, normalmente atuando em prol da melhoria das condições de trabalho no campo, garantia de acesso a programas governamentais, organização produtiva e temas de interesse comunitário, principalmente no que se refere à gestão da água, sua captação e distribuição nos povoados e assentamentos.